JIM DODGE

O ENIGMA DA PEDRA



the canons 11

JIM DODGE

O ENIGMA DA PEDRA

Uma obra alquímica
com interesse financeiro

Tradução
Mauro Pinheiro

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

Título do original em inglês
Stone Junction

© Jim Dodge, 1990

Reservam-se os direitos desta edição à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua da Glória, 344/4º andar
Rio de Janeiro, RJ — República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Gerência editorial: MARIA AMÉLIA MELLO
Editoria: KÁTIA THOMAS
Capa: ELZEVIR COMUNICAÇÃO GRÁFICA E EDITORA LTDA.
Revisão de originais: CLÁUDIO ESTRELLA
Produção e diagramação: ANTONIO HERRANZ
Revisão de provas: RENATO R. CARVALHO / FÁTIMA FADEL / LUÍS MACHADO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Dodge, Jim
D669e O enigma da pedra: uma obra alquímica com interesse financeiro / Jim Dodge; tradução Mauro Pinheiro. — Rio de janeiro: José Olympio, 1995.

Tradução de: Stone Junction
ISBN 85-03-00563-8

1. Ficção norte-americana. I. Pinheiro, Mauro. II. Título.

95-0871 CDD: 813
CDU: 820 (73)-3

Para o meu irmão, BOB,
de quem a coragem e o humor
são uma constante inspiração,
mesmo que ele apanhe peixe
como apanha no baralho.

Meus agradecimentos às seguintes pessoas
por sua ajuda, estímulo e paciência:

Victoria Stockley (primeiramente, antes de tudo e mais ainda),
Patricia Sinclair, Leonard Charles, Lynn Millman,
Richard Cortez Day, Jeremiah Gorsline, Gary Snyder,
Freeman House, Jacoba, Jack Hitt, Melanie Jackson,
Robert Funt, Jack Gilbert, T.J. Mullen, Jenny Berry,
Morris Graves, Gary Fisketjon e Anne Rumsey (sintonia e som).

SOBRE O AUTOR

Jim Dodge é o autor de Fup,
Not fade away*, e três livrinhos*
de poesia. Ele vive no
norte da Califórnia.

O ENIGMA DA PEDRA

Este livro é um trabalho de ficção
Acredite que seja de outro modo
se quiser correr o risco

AR

Unam est vas.

MARIA PROPHETISSA

DANIEL PEARSE nasceu numa madrugada chuvosa de 15 de março de 1966. Ele não recebeu dois sobrenomes porque a sua mãe, Annalee Faro Pearse, já estava exausta de tanto procurar o primeiro e o ultimo nomes — especialmente o último. Tanto quanto ela conseguia lembrar, o pai de Daniel podia ter sido um entre sete homens. Annalee decidiu-se por Daniel porque o som lhe parecia forte, e ela sabia que ele ia precisar ser forte.

Quando Daniel nasceu, Annalee tinha 16 anos de idade e estava internada na Casa para Moças Greenfield, uma instituição de custódia de Iowa administrada pelas irmãs da Virgem Sagrada. Ela foi colocada lá por ordem judicial, devido a uma tentativa de roubo de uma barra de trinta gramas de prata do mostruário de uma joalheria. Ela disse para o policial que a prendeu que ela era uma órfã da lua e, para o juiz, que não reconhecia autoridade naquela corte para tomar decisões sobre a sua vida. Ela recusou-se a cooperar não fornecendo nada mais do que o seu nome como sendo Annalee Faro Pearse. O juiz determinou em sua sentença que ela ficaria em Greenfield até completar 18 anos.

No seu segundo mês em Greenfield, Annalee confidenciou a uma de suas colegas de quarto a suspeita de que estava grávida. No dia seguinte, ela foi chamada diante da irmã Bernadette, uma mulher pequena e severa de cinquenta anos com um escritório tão meticulosamente reservado quanto o seu coração, porém menos melancólico.

— Sente-se — disse irmã Bernadette. Era uma ordem, não um convite.

Annalee sentou na cadeira de madeira com o encosto reto que estava em frente da mesa.

Irmã Bernadette fixou os olhos no rosto de Annalee durante meio minuto e depois desviou-os para a barriga dela. Um músculo contraiu-se na bochecha flácida da irmã.

— Pelo que eu entendi, você está grávida — disse ela tranquilamente.

Annalee mexeu-se sobre a superfície dura da cadeira.

— Acho que sim.

— Você foi estuprada — afirmou irmã Bernadette quase sussurrando. — A criança vai ser oferecida para adoção.

Annalee agitou a cabeça.

— Eu não fui estuprada. Eu transei com um homem que eu amava. Eu gostei. E quero o bebê.

— E *quem* é este pai *dedicado*?

— Eu não sei.

— Você não sabe. — Irmã Bernadette piscou lentamente os olhos e fechou suas mãos sobre a mesa. — Isso é porque você nunca soube o seu nome, ou porque os nomes são tantos que você não consegue lembrar?

Annalee hesitou um momento e, então, disse com firmeza:

— Ambos.

— Então — irmã Bernadette inclinou laconicamente a cabeça — você tanto é uma prostituta como uma ladra.

Com os olhos azuis brilhando, Annalee levantou-se.

— Sente, sua prostituta — berrou a irmã Bernadette, batendo com a mão aberta sobre a superfície da mesa e pondo-se rapidamente de pé. — Eu disse *sente*!

Annalee, com quase 1,80m e uns sessenta quilos, quebrou o queixo da irmã Bernadette com o seu primeiro soco, um cruzado de direita com toda sua força dentro dele.

Annalee passou três meses sozinha no que as meninas chamavam de “os blocos” — uma fila de pequenos abrigos feitos de blocos de concreto cinza que haviam sido usados como defumadores, no tempo em que Greenfield era uma fazenda de criação de porcos. Fora as fendas de ventilação no alto, ao longo da linha do teto, o quarto de Annalee não tinha janela alguma. Tampouco, com apenas uma cama de lona afundada no meio e um banheiro propenso a entupimentos, era seu aposento particularmente bem montado. Ela recebia duas refeições por dia, invariavelmente sopa rala, pão mofado e uma maçã murcha. Uma vez por semana podia tomar um banho de chuveiro e uma vez por mês se consultar com o médico de Greenfield, um clínico aposentado com senilidade avançada cujas principais técnicas de diagnóstico eram obtidas vendo as pacientes saltitando nuas no seu consultório.

Pela primeira vez na sua vida, Annalee iniciou um programa de exercício diário, no qual não incluía saltitar nua para o médico decrépito. O exercício ajudava a queimar o ranço do confinamento e atendia a alguma vaga intuição materna de que precisaria estar forte para o parto.

O programa de Annalee ocupava cerca de duas horas por dia. O resto do tempo, ela sonhava acordada, longos devaneios espiralados. Uma semana

depois, ela sentiu o bebê mexer dentro dela pela primeira vez, e toda a sua atenção começou a articular-se lentamente para o seu interior. Usando uma colher que vinha com as refeições, trabalhando nos poucos minutos disponíveis para comer antes que a bandeja fosse retirada, ela gravou o que tinha aprendido sobre o muro do bloco de concreto: “A vida continua.”

Quando voltou para o seu dormitório, ela foi recebida como uma heroína. Irmã Bernadette ainda estava tendo que se alimentar com um canudo e havia rumores sobre a sua transferência. Annalee não se importava realmente com o destino da irmã Bernadette. Ela estava preocupada com o seu e com o do seu bebê. A nova madre superiora, irmã Christine, que as meninas diziam ser ‘legal’, disse-lhe que irmã Bernadette tinha decidido não acusá-la por agressão.

— Por que não? — perguntou Annalee.

Surpresa com o tom agressivo de Annalee, irmã Christine sentou mais ereta diante da mesa.

— Talvez irmã Bernadette tenha achado alguma compaixão dentro do seu coração.

— Só se você conseguir achar alguma dentro de uma semente de mostarda. E se tiver alguma, não é muito.

Irmã Christine disse suavemente:

— Entristece-me ouvir você dizer isso. Eu entreguei a minha vida para Jesus Cristo porque acredito na Sua divindade e na Sua sabedoria. No centro dos dois, no âmago do coração, está o poder do perdão.

Annalee inclinou-se para a frente, consciente de seu ventre intumescido. E com a mesma suavidade ela disse:

— Irmã, eu devotei a metade da minha vida à sobrevivência porque eu achei a vida malvada. O perdão é um desperdício do espírito, porque não há nada a se perdoar. Acredito na sabedoria de *o que é isso* e no poder do *agora mesmo.* Eu estou grávida. Eu pretendo ficar com o bebê. É a minha vida e o único poder real que eu tenho é me responsabilizar por ela. Se você me negar esse poder, nós entramos em guerra, com um pouco de sorte, nas primeiras páginas dos jornais e no noticiário das seis horas. “Vagabunda Grávida Processa Presídio Católico.” “Mocinha órfã, por causa de assassinato/suicídio dos pais, reza todas as noites em lágrimas: Por favor, Deus, não os deixe levar meu bebê, ele é tudo o que me restou.” Lamento, irmã, mas é assim que vai ser.

Os olhos brilhando com as lágrimas, irmã Christine curvou-se sobre a mesa e delicadamente apertou os ombros de Annalee.

— Oh, queria que todas as outras fossem como você. Existem tantas que devem buscar Deus; somente algumas Deus deve encontrar. Eu farei o que puder, mas além de Greenfield, minha influência é mínima. E eu ainda acho que você deveria pensar na adoção, porque não terá meios para sustentar o bebê, quando sair daqui... se por algum milagre for permitido que você o guarde aqui... sem profissão, sem lar, sem família. Se você acha que a vida tem sido ruim até agora, experimente com uma criança. Você vai acabar como uma garçonete de trinta anos com hemorroidas e um terceiro marido, tão deprimida que as drogas não ajudarão mais, e uma criança que a odeia terrivelmente.

— Como você pode saber? — perguntou Annalee rispidamente.

— Porque eu já vi isso muitas vezes e não consigo sequer sentir mais o coração partido... não, pelo menos, até eu encontrar alguém como você, tão forte, tão autêntica.

Annalee cobriu as mãos da irmã Christine com as suas.

— Eu lhe prometo uma coisa: Você não corta a minha onda, eu não parto o seu coração.

No início do seu ultimo trimestre, Annalee irradiava uma tranquilidade vigorosa e vivaz. Suas colegas de dormitório tinham respeito por ela. Suas atitudes e gestos tornaram-se mais delicados. Elas lhe garantiram travesseiros suplementares e quanta comida ela desejasse. Perguntavam-lhe excitadas como é que ela se sentia. Annalee disse que era como se estivesse se tornando uma outra pessoa e que era a coisa mais fantástica que podia imaginar.

O parto não teve complicações. Dezenove horas mais tarde, depois que a enfermeira trouxera Daniel para sua terceira amamentação, Annalee pulou fora da cama, vestiu-se rapidamente e deixou o hospital com o bebê em seus braços.

Estava chuviscando lá fora, fazia frio mas não chegava a congelar. Annalee virou para a esquerda e começou a descer a rua, procurando chaves nas ignições. A garoa ficou mais espessa. Ela protegeu melhor a criança dentro do cobertor.

— Muito bem, garoto — comentou —, aqui vamos nós.

Deixando a estrada embalar o bebê contra o seu peito, Annalee cantava com Smiling Jack Ebbetts, o Caminhoneiro Cantador, à medida que eles avançavam pela I-80 Oeste dentro da cabine ajustável do seu Kenworth 1949. Annalee tinha roubado um carro a cinco quarteirões do hospital mas, como era muito arriscado ficar com ele muito tempo, ela o dispensou perto da Interestadual e esticou o seu polegar. Em menos de um minuto, Smiling Jack parou no acostamento e, antes que o motor do Ford roubado esfriasse, eles já estavam a mais de oitenta quilômetros dali.

Smiling Jack Ebbetts não fazia frete. Ele levava a vida cantando em paradas de caminhões e bares através do país, fazendo o seu número quando bem queria, ou quando as finanças o exigiam. Ele morava dentro de um trailer comprido que era rebocado pelo Kenworth. O trailer tinha uma pequena cozinha, uma confortável sala de estar, um chuveiro apertado no banheiro e dois quartinhos de dormir na traseira. O conjunto, explicava Smiling Jack, representava uma conciliação entre seu coração caseiro e a sua alma vagabunda.

Com o bom humor que seu nome sugeria, Smiling Jack se aproximava dos quarenta anos. Ele tinha um broche desbotado da IWW[1] na aba do seu chapéu Stetson e um par de dados rolando na fivela do cinto. Annalee gostou dele imediatamente. Quando ele perguntou o que ela estava fazendo na estrada com um bebê tão pequeno — "parece que ele acabou de nascer" —, Annalee lhe contou a sua história. Ele disparou dois longos uivos na buzina de ar comprimido quando ela contou pela segunda vez sobre o queixo partido da irmã Bernadette.

— Bom, *tudo bem*! — disse ele com exultante admiração quando ela terminou. — Pra mim, você agiu da maneira certa. — Ele esticou o seu braço e deu-lhe uns tapinhas no ombro. — Você vai se sair bem. Você tem coração, tem cabeça e espírito para manter um colado no outro. — Ele voltou a sua atenção para a estrada. — Tem alguma ideia para onde você e esse colega recém-nascido aí estão indo?

— Califórnia, eu acho. Quero um pouco de calor.

— Conhece gente lá?

— Não.

— Tem dinheiro?

— Não.

— Eu também estou um pouquinho duro, atualmente — observou Smiling Jack — mas quando nós chegarmos em Lincoln, quero comprar para

o Danielzinho aí algumas roupinhas de aniversário. Camisas, jeans, essas coisas. E algumas fraldas.

— É gentileza sua — comentou Annalee —, mas, por favor, não gaste o que não tem condição.

Smiling Jack sorriu.

— Se eu não gastar, como é que vou saber se tenho condição?

Smiling Jack lhe ensinou algumas das músicas do seu repertório sem fim e eles treinaram juntos enquanto cruzavam o Wyoming, descendo através de Evans e Salt Lake City. Eles exercitaram as harmonias dentro da grande máquina a diesel que os carregava pelos charcos salgados na direção de Nevada, Daniel, adormecido entre eles sobre o banco, ou *berço.*

Annalee e Smiling Jack cantaram juntos por três noites num bar, em Winnemucca, e depois um final de semana num pequeno clube em Reno. Smiling Jack dava a Annalee 40% do cachê e pagava todas as despesas. Quando eles atravessaram o Donner Pass e caíram na Califórnia, Annalee tinha um berço de vime usado, um velho carrinho de criança com problemas nos suportes das rodas e US$75 no bolso do seu jeans do Exército de Salvação.

Naquela tarde, eles deram uma parada a leste de Sacramento, Annalee lavando fraldas na lavanderia, enquanto Smiling Jack trocava o óleo do caminhão. De volta à estrada, Smiling Jack disse:

— Eu estava pensando agora pouco, todo esticado debaixo da carroceria, vendo o óleo pingar dentro da lata, que eu talvez tenha uma proposta a fazer para você e para o menino. Sabe, eu tenho uma fazenda meio caída, lá no meio dos infernos, para lá de Spring Ridge, que fica a cerca de duzentos e cinquenta quilômetros, em linha reta, ao norte de Frisco, uns três quilômetros da costa. Foi meu tio que ganhou num jogo de cartas lá pela década de mil novecentos e trinta... quatro duques contra uma trinca de ases. Nenhuma maravilha fatal mas, como disse tio David, bom o bastante para levar tudo. Tio David a deixou em testamento para mim quando ele empacotou, cinco anos atrás. Tem uns cem hectares, uma grande e *veia* cabana feita de sequoia, ar puro e uma boa água da fonte. O vizinho mais próximo fica a dez quilômetros seguindo por uma estrada enlameada, isso vai acabar com a sua vida social, mas talvez seja o lugar ideal para se abrigar por uns tempos até que o vento se acalme, se você entende o que eu quero dizer. Não consigo aturar a fazenda porque ela está sempre no mesmo lugar e os impostos saem direto do meu bolso, então, se estiver interessada, eu estou a fim de fazer

negócio. O aluguel seria os impostos mais os cuidados com o lugar; pode ficar quanto tempo quiser. Os impostos fazem duzentos e noventa e sete dólares por ano, e já estão pagos até janeiro próximo. Se quiser fazer uma tentativa, a vida no campo é ótima para as crianças. E se ainda estiver lá na próxima vez que eu passar, talvez tenha um trabalho para você arrumar um dinheirinho. Até lá, você fica por sua própria conta. O que acha?

— Obrigada.

Smiling Jack começou a rir.

— Com os diabos, você merece isso, amorzinho. Não precisa agradecer.

O Kenworth de Smiling Jack era grande demais para a estrada estreita e esburacada, então eles tiveram que caminhar os últimos quilômetros até a fazenda, revezando-se com Daniel no braço. Os quatro duques do baralho estavam pregados sobre a porta, as cartas tão desbotadas que pareciam brancas. A cabana estava enfeitada com teias de aranhas e infestada de excrementos de ratos selvagens, porém nada que uma vassoura e um escovão não pudessem resolver. O telhado de madeira estava abaulado sob o peso de um galho grosso que uma tempestade havia arrancado de uma macieira próxima, mas o teto em si estava seguro por três vigas de carvalho seco. Smiling Jack mostrou-lhe onde ficava armazenado o querosene e como encher e preparar os lampiões, ensinou como usar o fogão à lenha e a geladeira de propano, retirou umas roupas de cama de dentro de um velho baú de marinheiro e, de um modo geral, deixou-lhe a par de tudo. Lá fora, na varanda dos fundos, sob os raios quentes do sol, eles dividiram um almoço feito de pão e queijo que tinham comprado na noite anterior, em San Francisco. Após o almoço, Smiling Jack acenou se despedindo e seguiu para a estrada na direção do seu caminhão.

Daniel começou a chorar. Annalee desabotoou a blusa e lhe ofereceu o peito. Daniel empurrou-o e chorou ainda mais forte. Annalee tinha 16 anos; Daniel apenas duas semanas. Era 1º de abril, dia da mentira. Ela estava em algum lugar da Califórnia, numa cabana cheia de corrente de ar e um teto bambo construída por algum pastor em 1911, sem nada para comer senão um pouco de pão, queijo e algumas latas enferrujadas de carne de porco e feijão dentro do armário. Tinha US$67 no bolso. “Você tem razão”, comentou ela de repente para Daniel que berrava, e começou a chorar também. Aí então ela começou a trabalhar.

Assim que a cabana ficou vedada e impecável, a água ligada, dez dias depois, Annalee foi de carona para San Francisco com Daniel em seus

braços. Foram necessárias três caronas e 12 horas. Eles passaram a noite numa cama quebrada na rua Haight, onde uma mulher de vinte e poucos anos, que dizia chamar-se Isis Parker, lhe ofereceu um baseado e lhe deixou usar o American Express Card do seu pai.

Na manhã seguinte, Annalee deu uma olhada na seção de empregos do *Chronicle* procurando uma babá, deu alguns telefonemas, decidiu-se por uma mulher que tinha a voz suave, tomou o ônibus e foi levar Daniel, depois voltou para o centro da cidade para abusar do cartão de crédito do pai de Isis. Ela comprou para Daniel um saco cheio de roupas. Para si mesma, escolheu um elegante conjunto em *tweed* combinando com a bolsa e os sapatos, três pares de meia e uma blusa cinza de seda.

Naquela tarde, um corretor saindo de Bullock & Jones foi abordado por uma moça bonita e alta — uma menina, na verdade — vestindo um conjunto impecável. A moça estava visivelmente perturbada.

— P-por favor — gaguejou ela —, minha... minha bolsa acabou de ser roubada e... — ela balbuciou, enrubescendo, e então continuou corajosamente: — Eu preciso comprar alguns absorventes íntimos.

E pronto. Cem dólares numa tarde. Ela geralmente trabalhava no bairro financeiro, tomando cuidado para escolher homens bem vestidos nos seus cinquenta anos, porque esses tendiam a encobrir o embaraço que sentiam com generosidade. Alguns se recusavam, normalmente se afastando sem dizer nada. Um desmaiou. Ela nunca tentou fazer isso com outra mulher. Elas eram espertas demais.

No geral, era o calote perfeito, tão certo que mesmo suas falhas mais nítidas revelavam-se seus maiores sucessos. Numa tarde seca e fria de outubro, ela se aproximou de um homem alto e charmoso com os cabelos meio grisalhos, no momento em que saía do Clift Hotel. Ele ouviu com atenção os seus apuros, puxou a carteira imediatamente e lhe deu uma nota de cem dólares. Annalee nunca tinha visto uma daquelas antes. Ela contou duas vezes os zeros.

— Eu vou trazer o troco — conseguiu ela dizer, achando que de algum modo o faria.

— Tolice. — O homem sorriu. — Você fica com o que sobrar depois do O.B.... que eu imagino deve custar cem dólares. É um golpe excelente. O talento anda raro nesses dias, merece incentivo. Além disso, acabei de ganhar oito mil num jogo de pôquer e gosto de ver o dinheiro se movimentando.

— Bom, é isso aí, caubói. — Annalee riu. Ela ainda estava rindo quando foi buscar Daniel.

Normalmente, ela trabalhava na cidade uma vez por mês. No início, só trabalhava na parte da tarde, mas depois que Daniel parou de mamar, ela o deixava com uma babá por dois ou três dias enquanto se mandava para a rua Montgomery e passava as tardes e noites com jovens artistas e revolucionários na Haight, fumando maconha e bebendo vinho. Sentia-se atraída por poetas e saxofonistas, porém dificilmente se restringia à companhia deles. Nunca levou nenhum deles para casa.

Annalee e Daniel passavam o resto do mês na fazenda. Ela havia comprado uma espingarda calibre 22 com seus rendimentos e, ocasionalmente, matava um cervo ou um porco selvagem, congelando o que conseguia abarrotar dentro do pequeno compartimento do refrigerador, secando e guardando em conserva o restante. Havia um grande jardim e uma dúzia de galinhas e patos. O velho pomar ainda produzia e, ali perto, o Cray Creek oferecia trutas durante o ano todo, com salmão e trutas arco-íris que chegavam com o outono. Ela trabalhava arduamente, mas eles viviam bem, comprando as poucas coisas que a terra não fornecia.

Antes de ir dormir, Annalee passava o seu tempo lendo livros de biblioteca que seus amigos poetas haviam recomendado ou tocando o velho violão que tinha encontrado embaixo da cama, inventando músicas para divertir Daniel. *Música*, na verdade, foi a primeira palavra que ele aprendeu. Mas ele já falava suficientemente bem para entrar correndo em casa excitadamente e anunciar: “Mãe, tem alguém chegando”, quando Smiling Jack finalmente voltou, três anos depois.

Annalee e Jack se saudaram com gritos e abraços na varanda da frente. Smiling Jack não tinha mudado quase nada — um pouco mais acinzentados os cabelos, as rugas em volta dos olhos quando sorria talvez mais acentuadas. Mas Annalee tinha mudado imensuravelmente: nos seus 19 anos, ela parecia forte, séria e selvagem. Seus movimentos davam uma sensação de naturalidade e graça, e seus olhos olhavam diretamente para quem estive falando. Smiling Jack estava impressionado. Ele a levantou com seus braços e declarou:

— Nossa senhora mãe de Deus, menina, mas você tá parecendo é mais ou menos 947% melhor do que a última vez que eu te vi. Você deve estar gostando dessa vida no campo.

Annalee riu, arremessando seus cabelos para trás. Ela disse para Daniel, que estava em pé ao lado da porta:

— Este é Smiling Jack Ebbetts, o homem que nos deixa ficar aqui.

— Oi — disse Daniel.

— É um prazer, Daniel — Smiling Jack estendeu a mão, que Daniel olhou com um pouco de hesitação antes de apertar. — Duvido que você se lembre deste macaco *veio*, porque não tinha nem um mês de vida quando eu apanhei você e sua mamãe no acostamento gelado da Interestadual oitenta, logo saindo de Des Moines e carreguei vocês até aqui para tomar conta do Quatro Duques, mas eu com certeza me lembro de você e do nosso baita passeio bonito até o litoral.

— Eu não me lembro de você — replicou Daniel.

— Não tem muita gente que lembra muita coisa do tempo em que era bebê.

— Pode crer — disse Annalee —, mas quando a maioria das pessoas diz que vai voltar dentro de alguns meses, não se atrasa três anos.

— Tinha que ter certeza que você estava levando a sério fazer alguma coisa por aqui.

Annalee cruzou os braços sobre os seios.

— Nós ainda estamos aqui.

— Bom — Smiling Jack moveu-se displicentemente —, eu estava só brincando... nunca tive dúvida. O que aconteceu foi que acabei me envolvendo com todo tipo de problema com a família lá na Flórida e, no meu caminho de volta para cá, eu descobri um jogo estupendo de três cartas, em Waco. Perdi o meu caminhão sete vezes.

Annalee acenou com a cabeça.

— E quantas vezes você o ganhou de volta?

— Oito ou nove — Jack abriu um grande sorriso —, e mais dinheiro pra caramba.

— Bom, entra aí — disse Annalee, fazendo um gesto em direção à porta. — Vou ajudar você a contá-lo.

Quando eles terminaram o almoço, Smiling Jack abordou Annalee com outra proposta.

— Eu e alguns amigos temos a intenção de usar este lugar como uma casa de segurança e...

— O que é uma casa de segurança? — Annalee o interrompeu.

— É só um nome simpático para um esconderijo, eu acho. Um lugar seguro.

— Fugindo da polícia?

— Geralmente — Jack concordou. — Mas nem sempre. Algumas vezes só para descansar.

— E a proposta?

— Quero que você tome conta disso. Cuide das pessoas.

— Você tem oito ou nove caminhões, de verdade? — cortou Daniel, puxando a manga da camisa de Smiling Jack.

— Não, parceiro, só um. Um Kenworth mil novecentos e quarenta e nove a diesel.

— Eu gostaria de dar uma volta.

— Tá combinado, mas você vai ter que esperar um pouquinho. Agora, eu e a sua mãe estamos resolvendo alguns negócios.

— Tudo bem — disse Daniel. E ele foi andando até lá fora.

Smiling Jack virou-se para Annalee.

— Você vai ganhar mil dólares, mais aluguel grátis, o lugar sendo usado ou não, e, na maior parte do tempo, ele não será usado.

— Com que tipo de gente eu vou ter que lidar?

— O que há de melhor — prometeu ele.

— O que acontece se alguém achar essas pessoas que estão sendo procuradas? Não quero que Daniel corra risco nenhum.

— Isso eu não posso garantir. Tudo o que posso dizer é que eles só virão aqui quando tudo estiver calmo. Será apenas algo como o momento decisivo. Uma parada passageira enquanto o golpe final está sendo armado.

— E o que devo saber sobre essa gente?

Smiling Jack encolheu os ombros.

— O que quer que eles te contem.

— E, “cuidar deles”, o que isso quer dizer realmente?

— Compras, cozinha, ficar com eles, se estiver a fim.

— Na maioria homens?

— Eu não sei.

— E há crianças?

— É possível. Eu não sei realmente.

— Não posso fazer isso por muito tempo. Daqui a alguns anos, Daniel deve começar a ir à escola.

Smiling Jack parou de sorrir.

— Você não vai mandar esse moleque para a escola, vai? Ele não vai aprender nada lá, a não ser como se virar com outras crianças em condições completamente absurdas. Ali mesmo, depois daquela porta, está a melhor educação do mundo. Mas, porra, faça o que você achar melhor... não me dê ouvidos. Eu sou um babaca reacionário neste assunto. Na minha maneira de ver as coisas, criança nenhuma pode aprender um mundo abstrato até chegar aos dez anos de idade. Evitaria que suas mentes ficassem tão impregnadas.

— Vou pensar sobre a escola, mas não posso prometer ficar muito tempo. Farei isso por mil dólares, dois anos, com certeza... mas, depois disso estamos livres para ir embora.

O sorriso de Smiling Jack voltou aos seus lábios.

— Ou livres para ficarem. Podemos tratar dos detalhes mais tarde. Eu só precisava saber se você estava interessada. Não imaginava que você estivesse, mas eu trouxe um carregamento de madeira para construir um pequeno quarto de hóspedes ali mais embaixo do morro. Três aqui fica um pouquinho apertado.

— O que você teria feito se eu tivesse recusado?

— Deixaria você ficar aqui e acharia um outro lugar.

— E o que faz você pensar que eu não trairia essa gente, num só instante, por dois mil dólares?

— Se eu achasse que você os entregaria por *dois milhões*, eu não estaria aqui conversando com você.

— Jack, se seus amigos criminosos tiverem a metade do encanto que você tem, eu lhe devolvo mil por mês e me dou por satisfeita.

— *Fora da lei* — disse Smiling Jack. — Não são criminosos: são *fora da lei.* Meu amigo Volta diz que há uma grande diferença. O fora da lei só faz alguma coisa errada quando ele acha que é certo; criminosos só se acham certos quando fazem alguma coisa errada.

Naquela noite, depois que Jack foi dormir no caminhão, Daniel perguntou a Annalee:

— Ainda podemos morar aqui?

— Claro, o tempo que quisermos. Mas nós vamos receber algumas visitas, de vez em quando, amigos de Jack que farão uma parada por aqui.

— Ele disse que eles estariam se escondendo.

— Quer dizer, *descansando*, até a hora de continuarem seus caminhos.

— Por que eles estão se escondendo?

— Porque são fora da lei.

— Nós somos fora da lei?

Annalee refletiu alguns segundos.

— Acho que *eu* sou. Quanto a você, isso é algo que vai decidir quando chegar a hora.

— E quando a hora vai chegar?

Annalee colocou seu braço bronzeado sobre os ombros frágeis de Daniel e o apertou contra o colo.

— Você é um bom menino, Daniel, mas tem que me dar um tempo com todas essas perguntas que mal posso responder para mim mesma, muito menos para você. Tem um monte de coisas que você deve entender sozinho. Isso é uma parte da diversão de se estar vivo.

— E qual é a outra parte?

— Ver as coisas de um outro modo.

— E é tão divertido quanto um passeio no caminhão do Smiling Jack?

— Eh! — disse Annalee, abraçando-o mais forte. — Diversão é diversão.

Quatro meses após ser concluída, a cabana para hóspedes ainda não tinha sido usada. Annalee, conforme prometido, recebia mil dólares no começo de cada mês, depositados numa conta do Orr Associates Trust Fund, em Nashville. Ela sacava o dinheiro em San Francisco e sempre ficava por lá alguns dias para se divertir. Esses abandonos de posto eram permitidos, Smiling Jack tinha-lhe garantido, desde que ela deixasse uma hora e um número de telefone onde pudesse ser achada. Smiling Jack tinha lhe deixado um “número de localização” para chamar, quando ela planejasse sair fora, e um código de confirmação para os seus telefonemas.

Annalee usava um telefone da cozinha de um bar aberto 24 horas, em Grant, pagando aos cozinheiros vinte dólares por mês pelo serviço. Aconteceu de ela estar ali, comendo roscas e discutindo cerimônias de chá japonês com Japhy Ryder, um jovem poeta cheio de charme, quando Louie pôs a cabeça para fora da cozinha e lhe chamou para atender o telefone.

— Alô — respondeu Annalee.

— Senhora Ethelred?

Ela reconheceu a voz de Smiling Jack. O seu nome de casada era o início do código de confirmação.

— Sim, aqui é a senhora Ethelred. E Daniel.

— Onde você comprou as fraldas?

— Em Lincoln.

— Demorei muito para ligar para você?

— Trinta e dois meses.

— Na verdade, isso foi bem rápido para mim. Mas espero que você consiga voltar para casa muito mais rápido do que isso. Tem um pato na lagoa. Lamento agir assim na primeira vez, mas as coisas se complicaram em algum lugar e tivemos que fazer uma mudança radical. O seu amigo pode estar esperando lá, ou já ter ido embora.

Agora, Annalee tinha um carro. Um Ford com a carroceria aberta, um devorador de combustível, ano 1950. Ela foi imediatamente apanhar Daniel na casa de uma babá e voltou para o Quatro Duques, sacolejando os últimos quilômetros dentro da cabine. A casa estava escura quando eles chegaram.

— Por que você não para aí mesmo e relaxa? — A voz feminina era suave mas carregava em si a inconfundível autoridade de uma pessoa segurando uma arma.

Annalee e Daniel pararam.

— Quem são vocês — perguntou a voz. Annalee conseguiu perceber a silhueta de uma mulher contra o muro. Ela estava realmente segurando uma arma, uma espécie de espingarda com o cano serrado.

— Annalee Pearse, e meu filho, Daniel. — Ela podia sentir Daniel lhe apertando a perna.

— Está tudo bem então, garota — disse a mulher, com certa energia na voz. — Não tinha a intenção de fazer você se cagar de medo, mas é que eu tive um dia escroto e uma noite difícil, para mim você podia ser tanto um ladrão quanto a lei. Acende um lampião aí para a gente poder se ver direito.

Annalee acendeu dois lampiões que estavam no alto da lareira. À medida que a luz clareava, a mulher abaixou a arma com o cano serrado.

— Meu nome é Dolly Varden. — Ela parecia anemicamente pálida na luz, porém seus olhos azuis claros, sua voz, seu corpo pequeno e vigoroso apagavam qualquer impressão de fragilidade. Ela estava usando uma camisa cinza de algodão e tênis imundos.

— Disseram-me que você poderia estar aqui, Dolly — contou Annalee —, mas mesmo assim eu fiquei assustada.

— A culpa não é sua — resmungou Dolly. Ela olhou para baixo e viu Daniel, ainda agarrado à perna da mãe. — E o seu nome é Daniel, certo?

Daniel fez que sim com a cabeça rapidamente.

— Eu assustei você também?

Daniel respondeu com outro aceno de cabeça, agora mais rápido ainda.

Dolly Varden agachou-se na frente dele e sorriu.

— Eu tenho que admitir que quando vocês dois estavam chegando, tomei um susto tão grande que quase caí dura e encomendei a alma.

Daniel escondeu a sua cabeça atrás de Annalee, que o alcançou com o braço e o levantou no colo.

Dolly levantou-se.

— Bom, agora que todos nós já tomamos um bom susto, quero que vocês se preparem para mais um. — Ela virou então de costas. A metade inferior da sua camisa estava encharcada de sangue. — Você sabe alguma coisa de primeiros socorros, querida? — perguntou ela, virando a cabeça.

— Na verdade, não — respondeu Annalee, arrepiando-se levemente diante do que via.

Daniel sentiu o arrepio e virou-se para olhá-la de frente.

— É sangue — disse, como se a estivesse tranquilizando.

— E então, não fiquem aí pasmados, vocês dois. Ferva água e rasgue uns panos. Acho que não é muito grave, mas ainda não dei uma boa olhada para ver como aqueles filhos da mãe me acertaram a bunda. Porra, como a minha bunda tem sofrido! Homens, motocicletas, chutes em geral, e agora chumbo grosso. Aqueles guardas filhos da puta não usam pedra de sal como faziam os fazendeiros, quando eu era apenas uma moleca sardenta atacando uma plantação de abóboras.

Annalee colocou Daniel no chão e entrou para acender o fogão. Dolly ficou de costas para Daniel e levantou a camisa até a cabeça. Daniel arregalou os olhos. As costas e as coxas de Dolly estavam cobertas de tatuagens, sua calcinha rasgada e ensopada de sangue.

— Mamãe tem um — disse Daniel.

— Um o quê?

— Um desenho de tatuagem, um pequenininho.

Annalee, que estava acompanhando a conversa do fogão, acrescentou:

— Eu que fiz sozinha. Não ficou muito bom.

— Você devia estar na maior fossa para fazer isso sozinha.

— É, eu estava — confessou Annalee.

— O que que é? O nome de um amante, uma flor, um animal?

— Uma cruz.

— Não adivinharia nunca — comentou Dolly. Ela parecia ligeiramente desapontada.

— Não, não... não é religioso. É uma cruz retorcida. Eles tentaram me humilhar.

— A mim também, querida — disse Dolly com simpatia. — E agora eles acertaram um tiro na minha bunda. Como é que está essa água aí?

— Já vem.

— Isso dói? — perguntou Daniel.

Dolly virou-se para ele, seus grandes seios balançando quando ela se movia.

— Pouco, nada terrível. É uma dorzinha constante.

— Eu machuquei minha perna com o machado, uma vez. Não com a ponta afiada, com a outra ponta. Doeu demais.

— Aposto que doeu.

— Eu chorei muito.

— Eu também choraria.

— Você não está chorando agora.

— Bom, provavelmente eu vou começar daqui a alguns minutos — observou Dolly.

— Você tem que chorar — disse Daniel solenemente. — Ajuda a passar.

Quando a água ficou pronta, Dolly retirou sua calcinha, sentindo dores, e deitou com o rosto para a cama. Havia um rasgo estreito atravessando sua nádega esquerda.

Examinando o ferimento, Annalee avaliou:

— Não parece muito grave. Mas acho que você perdeu uma tatuagem.

— Minha cereja — gemeu Dolly.

Annalee deu uma risadinha.

— Você tá brincando.

— Era a minha primeira e a minha favorita. Fazia-me sentir jovem e maliciosa, sabe como é?

As nádegas de Dolly se contraíram quando Annalee tocou no ferimento com uma toalha limpa e úmida. Daniel assistia a tudo, fascinado.

— Onde é que você arrumou isso? — disse Annalee, tentando distraí-la.

— Pulando por cima do muro — respondeu Dolly com a voz tensa. — Mas não foi um guarda da torre... foi um daqueles canas safados do pátio.

— Não, eu estou falando da tatuagem.

— Ah. Foi feita quando eu tinha mais ou menos a sua idade. Em Oklahoma.

— Foi onde você cresceu?

— Foi. Perto de Carver, embaixo, na parte sudoeste. Na década de mil novecentos e trinta, aquilo ainda era uma região de fora da lei. Nunca me esqueço, no meu primeiro dia de aula, o professor nos disse: "Se vocês vierem correndo me contar sobre alguém que fez besteira, eu vou lhe dar uns apertões porque ele agiu errado, mas vocês vão ganhar umas palmadas até eu não conseguir mais levantar o braço, porque se tem uma coisa que eu não suporto é um delator." Era o tipo de lugar... — ela teve um sobressalto e parou de falar quando Annalee aplicou novamente a toalha.

— Bom, você ainda tem o caule e duas folhas verdes — observou Annalee, casualmente, enquanto enxugava o sangue.

— Tinha uma amiga minha, Doris Kincaid, que dizia que não tinha problema se eles pegassem sua cereja, contanto que eles não pegassem o caroço.

— O que você fazia lá em Carver?

— Roubava bancos, principalmente. Eu rodei com a primeira gangue de motocicleta do país, os Bandoleiros Escarlates. Pode crer, a gente tinha classe. Éramos como uma família. As coisas não eram como são agora. Os motoqueiros de hoje em dia não têm coração. Tomam drogas e batem nos fracos, andam imundos e agem como estúpidos... a maioria tem problemas. Vê como eles tratam as mulheres deles! Não se trata *ninguém* desse jeito se você tiver um pingo de classe.

— O que que é escarlate? — perguntou Daniel.

— Um vermelho brilhante — respondeu Annalee.

Dolly levantou a cabeça e olhou para Daniel.

— Nós usávamos uns cachecóis escarlates enormes — explicou ela. — Ficava bonito.

— Vocês matavam gente?

Annalee interrompeu a pergunta de Daniel, comentando:

— Vou cobrir isso com unguento antibiótico... é tudo que temos... e depois coloco uma gaze por cima. O que você acha?

— A médica é você.

— Vocês matavam gente? — repetiu Daniel, impacientemente.

— Pô, Daniel! — retrucou Annalee. — Não nos perturba durante a cirurgia.

— É uma pergunta bem justa — observou Dolly, parecendo mais resignada do que irritada. — Nós éramos assaltantes de bancos, Daniel, não assassinos. Nós tínhamos revólveres, mas nunca os carregávamos. Nós tivemos que ferir algumas pessoas, mas não gostávamos de fazer isso... era uma questão de honra entre nós nunca machucar ninguém se pudéssemos evitar. Nunca carregar as armas foi uma ideia do meu namorado.

— Onde está o seu namorado agora?

— Está morto. Se arrebentou com sua moto numa estrada coberta de gelo.

Daniel não disse nada.

Annalee cortou duas tiras de fita adesiva e prendeu a gaze.

— Aí está — disse ela para Dolly. — Eu não tenho um diploma de medicina, mas diria que você vai se recuperar.

— Também acho — concordou Dolly, sua voz abafada contra o travesseiro.

— Deixa eu ver se consigo arranjar uma calcinha para ajudar a segurar o curativo. — Annalee deu um tapinha na nádega intacta de Dolly e levantou, dirigindo-se para o quarto.

Daniel aproximou-se mais da cama e colocou sua mãozinha nas costas de Dolly, fazendo uma massagem carinhosa.

Dolly levantou a cabeça e virou para ele com um sorriso, seu olhos cintilando sob as lágrimas.

— Nossa, você é especial — disse ela, silenciosamente começando a chorar.

Quando se sentaram para o café da manhã no dia seguinte, um pequeno avião azul sobrevoou rasante a casa.

— É para nós — afirmou Dolly. — Ele vai jogar alguma coisa na próxima passagem.

Annalee foi para fora, Daniel correndo à sua frente. Eles ficaram observando com as mãos protegendo os olhos contra a luz do sol ainda baixo, enquanto o avião se inclinava lateralmente para a esquerda e voltava, lançando uma pequena lata prateada, que saltou pela estrada e foi rolando até parar atrás de uma carroceria.

— Grande lançamento! — vibrou Daniel.

Annalee apanhou a lata e lhe deu.

— Você pode levar isso para Dolly.

Eles leram a mensagem juntos à mesa da cozinha:

— R1M1142400. Praia. Ande. SeV.

— Espero que você entenda isso — disse Annalee —, porque eu não tenho a menor ideia.

— Rodovia 1, Marcador 114, às 24 horas — traduziu Dolly. — Isso é meia-noite. Encontro na praia. Ande. SeV significa sem veículo. A que distância fica isso daqui?

— Três quilômetros talvez... uma hora no máximo. Tem uma velha trilha para cavalos. Mas isso é só até a rodovia. Eu não conheço o marcador da rodovia.

— Aposto que o 114 fica perto da trilha. Acho que posso sair por volta das dez da noite. Você tem uma lanterna extra?

— Eu irei com você — afirmou Annalee. — Nós vamos sempre lá atrás de peixe e madrepérola.

Dolly deu uma olhada para Daniel.

— Eu carrego ele. Num desses baby-bags, uma espécie de mochila.

— É divertido — disse Daniel.

— Não faz sentido, realmente. E se alguém me pegar no último instante...

Daniel disse ansiosamente:

— Eu não contarei para ninguém! Nunca, nunca, nunca.

Afagando os cabelos do menino, Dolly sorriu.

— Eu não estava preocupada com isso. Você tem tanto caráter que nunca faria isso. Mas não quero que façam você de refém.

— O que é refém?

— Quando eles trocam você por mim.

— Eu não trocaria — falou Daniel, categoricamente.

— Eu sim — disse Dolly para ele. — É por isso que você e a sua mamãe vão ficar aqui.

Dolly saiu alguns minutos antes das dez horas. Annalee e Daniel a acompanharam pelo pomar até a trilha. Annalee lhe deu um embrulho amassado contendo um sanduíche, o que restava de gaze, além de pilhas e lâmpada sobressalentes para a lanterna. Dolly levantou Daniel nos seus

braços e lhe deu um forte abraço, girando com ele antes de colocá-lo no chão. Ela e Annalee abraçaram-se rapidamente.

— Obrigada pela ajuda e hospitalidade — agradeceu Dolly. — Vocês são pessoas de verdade, os dois. — Ela respirou profundamente o ar da noite límpida de outubro. — Pô — suspirou ela —, é tão *bom* ser livre.

— Continue assim — disse Annalee.

De mãos dadas, Daniel e Annalee observaram Dolly, mancando ligeiramente, tomar o caminho do litoral.

Pouco depois do quinto aniversário de Daniel, Annalee sentou-se com ele e resumiu as possíveis vantagens e desvantagens de ir para a escola com o maior cuidado que podia. Ela deixou a escolha para Daniel. Ele só precisou de um momento.

— Não — disse ele. — Escola deve ser uma merda.

Entretanto, embora Daniel não fosse escolarizado, ele não deixava de ser educado. Annalee — uma aluna excelente antes da morte dos seus pais — já tinha lhe ensinado a ler na época que ele se decidiu contra o aprendizado institucional. Em suas viagens de reabastecimento até a cidade, eles passavam a metade do tempo na biblioteca, onde Daniel selecionava seu material de leitura até a próxima vez — e ele sempre exigia que Annalee determinasse quando exatamente isso aconteceria. Suas escolhas de leitura eram ecléticas, porém ele tinha um interesse permanente pelas estrelas e pelos animais. Quando tinha nove anos, ele encomendou um pôster colorido da Nebulosa de Órion. Ficou entusiasmado com ele durante dias, dissertando para Annalee sobre a natureza e os mistérios do vórtice fervilhante de gás e poeira. Annalee nunca o tinha visto tão fascinado. Ela disse:

— Aposto que eu sei por que você gosta tanto da Nebulosa de Órion.

— Aposta o quê? — perguntou Daniel. Ela só fazia apostas assim quando queria saber o que ele estava pensando. Ele gostava dessas disputas.

— As louças do jantar.

— Tudo bem — concordou Daniel. — Por que eu gosto dela?

— Porque é linda.

— Não.

— Bem... por que então?

— Eu gosto dela — disse Daniel — porque é o máximo que eu posso imaginar.

Annalee resistiu.

— É exatamente o que eu quis dizer com lindo.

— Errado — declarou Daniel. — Você tem que lavar a louça do café da manhã também, por ter tentado trapacear.

Como a maioria dos professores, Annalee aprendia com seu aluno. A cada véspera de Ano-Novo, eles escolhiam um assunto para estudarem juntos. Outro ano eram as rochas. Um ano, aves de rapina. O ano dedicado à meteorologia foi o mais divertido. Cada noite, eles colocavam suas previsões de tempo para o dia seguinte seladas dentro de um pote e as abriam após o jantar do dia seguinte, como se fossem bolinhos da sorte. Eles traçavam suas previsões relativas e os dados climáticos do dia num gráfico de papel na parede que, no solstício de inverno, já tinha se tornado um mural. Na véspera do Ano-Novo, poucos minutos antes da meia-noite, eles enrolavam solenemente o mural, amarravam-no com um laço azul celeste e o guardavam como um precioso pergaminho dentro de um estojo de vara de pescar.

A matéria mais difícil para ambos tinham sido as plantas. Eles trabalharam com afinco, mas o assunto era simplesmente vasto demais. A mesa de trabalho na sala estava geralmente coberta com ramagens miúdas de espécimes e pilhas de sâmaras botânicas manuseadas. Flores silvestres e árvores não eram muito difíceis, mas os fungos eram penosos e o relvado se revelou impossível.

Paradoxalmente, sem nunca frequentar a escola, Daniel obtinha uma saudável diversidade de professores. Não eram todos os hóspedes da casa de segurança que se interessavam pela educação de Daniel, porém a maioria achava sua ânsia e aptidão irresistíveis.

Ele estudou caligrafia com Annie Crashaw, uma falsificadora de considerável renome. Sandra XY, uma bruxa revolucionária, instruiu-o nas delicadas artes da subversão e sabotagem, enfatizando a importância de se analisar o sistema inteiro na busca de pontos de vulnerabilidade, não apenas vendo as partes, mas como elas estão conectadas. A delicadeza da arte de Sandra XY vinha do seu compromisso com os meios não violentos, uma convicção um tanto ou quanto perdida em Daniel. Seus únicos exemplos de violência tinham sido proporcionados pela natureza e ele não se sentia nem atraído, nem repelido. Violência era um fato da vida. Quando ele insistia naquele ponto, Sandra XY dizia:

— Tudo bem, desde que você coma o que você matar.

Ele recebeu lições detalhadas de engenharia estrutural de Bobby ‘Boom-Boom’ Funtman, que tinha desenvolvido o seu conhecimento sobre o assunto como um complemento necessário à sua paixão por precisão e eficácia nas explosões. Boom-Boom sabia do que estava falando, era do conhecimento geral que ele podia causar mais dano com uma única banana de dinamite do que um esquadrão de B-52.

— Não é o tamanho da carga — reiterava Boom-Boom constantemente —, é a localização.

Um jovem poeta chamado Andy Hawkins, um fugitivo do serviço militar, fez ecoar as lições de Boom-Boom quando ele apresentou Daniel à poesia japonesa, particularmente a efêmera densidade do haicai. Os estudos de verso oriental de Daniel eram frequentemente frustrados pela ausência do professor, que estava na cama com a sua mãe. Ela havia seduzido o jovem Andy uns três minutos depois de ele entrar pela porta. Ela nunca tinha dormido com um hóspede antes. Quando Annalee disse “Boa-noite, gatinho, eu vou para a casa de hóspedes dormir com o Andy”, Daniel ficou chocado, enciumado, assustado, desolado, confuso e totalmente encantado pela pura alegria da sua mãe.

O professor favorito de Daniel, entre os quarenta e tantos hóspedes, era Johnny Seven Moons. Johnny Seven Moons era a ideia mais próxima que Daniel fazia de um pai. Ele era também o único que voltava às vezes só para uma visita social, embora alguns dos mais incorrigíveis infratores tivessem voltado a negócios, a contínua variação térmica.

Johnny Seven Moons era um velho índio Pomo que acreditava fervorosamente que um dos mais elevados prazeres espirituais disponíveis para o ser humano era explodir represas. No início de março, um pouco antes de Daniel completar sete anos, ele foi dar comida às galinhas e encontrou Johnny Seven Moons sentado confortavelmente na varanda, reservado, como se ele tivesse sido materializado com o nascer do sol. Para ambos, foi amor à primeira vista.

A velha asserção de que os grandes professores não possuem temas era certamente o caso de Johnny Seven Moons. Uma outra afirmação pedagógica —“Os grandes professores não ensinam” — também podia ser aplicada. Johnny apenas fazia coisas com Daniel — faziam arcos e flechas, preparavam armadilha para peixes, pintavam a casa de hóspedes, colhiam cogumelos, limpavam e cozinhavam — apanhando o que o dia oferecia e o que a crescente curiosidade de Daniel sugeria. Como Annalee, Johnny tratava

Daniel mais como um companheiro do que como um encargo. Johnny, para a decepção inicial de Daniel, não transmitia muito saber indígena. Como ele explicava para Daniel, não conhecia muito, pois frequentara uma escola de missionários. Seu período no Exército tinha lhe dado um treinamento avançado em demolição. Depois de ser dispensado, ele passou um tempo na prisão por aplicar seu treinamento militar em obstáculos criados pelos homens para o fluxo natural, tais como represas, canais de irrigação e aquedutos.

— Mas não se preocupe — disse ele para Daniel —, eu conheço uns lances indígenas. Está vendo, eu tenho uma mente de índio, mas não todos os pequenos detalhes.

Se fizesse sol, Daniel e Seven Moons faziam alguma coisa lá fora. Os dias chuvosos eram dedicados a uma maratona de jogos de xadrez, praticados com um pequeno conjunto de peças que Seven Moons tinha esculpido em chifre de alce. As peças brancas eram feitas à semelhança de caubóis, as peças marrons-avermelhadas como índios. Entretanto, de acordo com Seven Moons, quando se jogava xadrez de índio, as peças escuras sempre se moviam primeiro, e só os índios podiam jogar com as peças escuras — embora, no caso de Daniel, ele fizesse uma magnânima exceção. Ele jogava com perspicácia e sem perdão, explorando qualquer distração de Daniel, e vibrando de alegria quando isso acontecia.

A lição mais memorável para ambos, Daniel e Annalee, ocorreu numa tarde quente de maio. Todos os três estavam limpando a despensa, item número nove na lista de tarefas da primavera de Annalee, quando o céu escureceu repentinamente com uma massa de nuvens. Em poucos minutos começou a chover. Johnny foi até a porta aberta, respirou profundamente e começou a arrancar a roupa. Daniel e Annalee trocaram olhares ansiosos.

— Vai nadar? — brincou Daniel.

— Não — disse Johnny, desvencilhando-se de suas calças e as jogando para o lado. — Vou dar um passeio na chuva quente da primavera. Venham comigo se quiserem. Andar pelado sob a chuva quente da primavera é um dos mais elevados prazeres espirituais existentes para criaturas humanas.

Annalee já estava se esgueirando para fora do seu jeans, mas Daniel tinha uma pergunta.

— É um prazer mais elevado do que explodir represas?

Johnny fechou os seus olhos e os reabriu quase imediatamente.

— Essa foi forte, mas acho que devem ser a mesma coisa. Veja só, se eu não explodisse as represas e mantivesse os rios onde eles devem ficar, em muito pouco tempo não haveria mais chuva quente da primavera para se passear pelado.

Era magnífico. De mãos dadas, Daniel no meio, eles andaram nus pela parte plana e subiram até o outeiro repleto de carvalhos onde, delirantemente encharcados, eles cantaram *Old man river* para o céu que clareava. O sol ardeu alguns minutos depois. Quando eles caminharam de volta para casa através do espectro de névoa que surgia da relva molhada, a não ser pelos pés e pelos cabelos, eles já estavam secos.

Annalee e Daniel relembravam aquele passeio frequentemente com Johnny, mas nunca conversavam sobre o que os tinha feito realmente agir assim. Annalee tinha ficado tão excitada com a chuva na sua pele que pensou que ia gozar e desabar sobre a grama úmida. Ela sentiu-se constrangida. Era difícil desviar a atenção do seu corpo para observá-los, muito embora eles parecessem estar ocupados com seus próprios êxtases.

Daniel se recordava de um momento, quando eles começaram a subir o outeiro, e ele olhou para a sua mãe, tão linda, sua pele brilhando com a chuva, e então tinha olhado para Johnny, forte, sábio e corajoso, sentindo suas mãos grandes na sua e a chuva respingando nos ombros, sentindo por apenas um instante que o mundo era perfeito.

Todos os dois se lembravam, embora nunca o mencionassem, o que Johnny tinha dito quando eles atingiram o alto do outeiro. Ele havia inclinado a cabeça para trás e dito num murmúrio:

— Oh, explodir represas é uma *tremenda* responsabilidade, uma *importante* responsabilidade, uma *séria* responsabilidade... — E então ele riu feito um idiota, o som ecoando ao longe através do campo e depois sendo abafado pela chuva. Ele apertou a mão de Daniel e sorriu para Annalee. — Só em momentos como este é que fico feliz em saber que vamos todos morrer.

Johnny ficou sete meses naquela primeira vez e os visitou, por uma semana ou duas, mais ou menos quatro vezes no ano seguinte. Quando se passaram oito meses depois da sua ultima visita, Daniel começou a se preocupar.

Quando Smiling Jack apareceu um mês mais tarde para o Natal, Daniel perguntou se Johnny estava preso novamente. Smiling Jack não sabia, mas prometeu que verificaria o paradeiro dele assim que fosse possível. Ele preveniu Daniel de que podia levar um certo tempo, já que Johnny vagava do

seu jeito — sem telefone, sem endereço. Como a indolência colossal de Smiling Jack era o resultado de um temperamento similar, Daniel não esperava uma resposta muito rápida. Uma semana após a partida de Jack, havia uma carta na caixa postal quando eles foram à cidade se reabastecer. Smiling Jack dizia que Johnny estava perto de Gaulala cuidando da sua mãe, que tinha estado muito doente mas estava ficando melhor, embora provavelmente ele devesse ficar lá até o outono. Sem razão alguma, Daniel estava convencido de que nunca mais veria Johnny outra vez. Quando Annalee, preocupada com seu repentino e incomum abatimento, finalmente o persuadiu a revelar sua convicção secreta, ela sugeriu que ele fosse visitar o amigo na primavera.

Annalee ficou feliz em ajudar Daniel a preparar a visita, que ela esperava fosse durar até o fim do verão. Se fosse possível, ela pediria a Smiling Jack três meses de férias. Ela precisava de algum tempo livre. Manter a casa de segurança, embora fosse sempre agradável, tinha se tornado cada vez mais entediante. Daniel, com sua doce fome de informação e atividade, era gratificante, mas era também exaustivo, e o aparecimento aleatório de hóspedes tornava ainda mais difícil para ela encontrar e manter um ritmo físico próprio, um ininterrupto sentido de si mesma. Annalee estava particularmente incomodada pela recente investida de desejo sexual por seu filho. Ela não tinha certeza se o desejo era simplesmente um enfoque conveniente pelo intensificado erotismo que havia começado com as caminhadas sob a chuva, ou se era algo específico entre eles, ou entre todas as mães e filhos na idade de Daniel, oscilando naquela pré-pubescente indefinição entre menino e homem. Não ajudava muito o fato de ele ser alto, magro, ter olhos azuis e um espírito refinado. Ultimamente, quando via o corpo nu de Daniel, ficava perturbada e confusa. Não que ela pudesse vir a agir sob impulso do desejo. Então não era o medo de sucumbir à tentação que a incomodava tanto, mas a confusão de ter que lidar com isso. E era por essa razão que estava tão ansiosa para mandar Daniel passar o verão com Johnny e que deixou uma mensagem para Smiling Jack no telefone de localização para que ele entrasse em contato com ela o mais rápido possível.

Ela não devia ter se incomodado. Quando ela e Daniel voltaram de San Francisco naquela noite, Smiling Jack sorria para eles sentado à mesa da cozinha no momento em que eles entraram. Com ele estava um novo hóspede, o primeiro que Jack tinha trazido pessoalmente, um homem atraente com uns trinta e poucos anos chamado Shamus Malloy. E tudo mudou.

Shamus Malloy era um contrabandista profissional, um metalúrgico alquímico, um ladrão revolucionário e — nossa senhora — um poeta com realizações nada modestas. Com um pouquinho mais do que 1,80m, ele era ligeiramente mais alto do que Annalee e, com 36 anos, dez anos mais velho. Ele tinha os cabelos desalinhados da cor de arenito, vogais amplamente pronunciadas e um *r* levemente enrolado. O que fazia da sua presença algo incomum era a luva negra que usava na mão esquerda.

Annalee estava enamorada.

Daniel ficou impressionado, e algo intimidado, pela qualidade magnética de Shamus, mas não o bastante para fazer calar a sua curiosidade em relação à luva negra. Annalee tinha sempre dito para ele que "se você quer saber alguma coisa, não tenha medo de perguntar", porém Daniel sabia, pelo jeito que ela se comportava — que era patético —, que ela ficaria chateada se ele questionasse Shamus sobre a luva. Ele tinha que ser esperto. Então esperou até que Smiling Jack fosse embora e Annalee, que com certeza estava sacudindo seus cabelos demasiadamente, estivesse na cozinha preparando chá, que ela nunca bebia. Aí, casualmente, inquiriu Shamus:

— Quantos falcões você costuma caçar?

Imediatamente, ele lamentou o que fez. Shamus o fixou com aqueles olhos azuis descomprometidos e diretos. A chaleira começou com aquele lamuriante assobio na cozinha até atingir um guincho estridente, antes que Annalee a retirasse do fogão.

No meio daquele silêncio repentino, Shamus disse:

— Daniel, sobre o que nós estamos falando? — O tom da sua voz era agradável, porém trazia tanto irritação quanto desafio.

Daniel pôde perceber que a sua mãe os ouvia.

— Falcões — disse ele. — A mamãe e eu levamos um ano todo estudando as aves de rapina. Raptores, é assim que se chama essa classe de pássaros. Raptores. Não é uma palavra surpreendente? Como rapto.

Não funcionou.

— É verdade... uma palavra incrível. Vem direto do latim *raptore*, significando um batedor, derivado da raiz *rapere*[2], que é também a origem de estupro e rapto, duas diferentes espécies de captura, já que em uma o conteúdo é arrebatado pelo prazer e, na outra, é violado e aviltado. Mas, conta para mim, Daniel, o que tem a ver essa exploração etimológica germânica com a quantidade de falcões que eu caço?

Annalee veio da cozinha com o chá. As xícaras estavam sobre os pires. Ele se sentiu encabulado.

— Bom — começou, experimentando um toque de desnorteada inocência —, isso é uma luva de falcoeiro, não é?

— Não, Daniel, não é — sua voz soava fria e nivelada como a superfície de um lago congelado. — Eu uso isso porque a minha mão está deformada, marcada por uma queimadura.

— Como foi que isso aconteceu?

— Acidentalmente eu derramei um recipiente com prata derretida.

— Você usa sempre uma luva?

— Uso. Senão isso acaba atraindo uma atenção mórbida, ou a repulsa e uma piedade que eu acho muito mais hedionda do que a minha mão.

— Você a retira quando...

— Daniel! — exclamou Annalee. — Já chega. Você começou perguntando cheio de tato e acabou sendo grosseiro.

Ele lançou mão da sua inocência desnorteada mais uma vez, recorrendo a Shamus com desalento e um ranço de arrependimento.

— Eu fui grosseiro?

— Foi — respondeu Shamus, e depois acrescentou: — mas considero que isso foi devido mais a uma astuciosa curiosidade do que a uma falta de reflexão.

— Daniel quer saber de tudo — explicou Annalee, naquele seu tom de voz. Daniel percebeu aliviado, afetuoso e clemente.

— Desculpa-me — disse Daniel para Shamus. — Johnny disse-me que é difícil saber quando é hora de dizer o que se pensa.

Shamus sorriu com seus olhos brilhando sob os efeitos da luz do lampião.

— Seu pedido de desculpa, cortês e elegante, é calorosamente aceito. — E ele se inclinou para a frente, abrindo a palma de sua mão enluvada diante de Daniel. — Quero que você entenda uma coisa, Daniel. A minha mão está terrivelmente desfigurada. A luva negra é misteriosa. Eu preferi inspirar mistério do que horror aos olhos do espectador, ao seu coração e à sua alma. É a minha escolha. Se você não a respeitar, você não é um amigo.

— Mas, talvez, fosse melhor só dar uma olhada do que ficar imaginando com o que isso se parece.

— Talvez sim. Eu com certeza não concordo, pela escolha que fiz.

— Tudo bem — disse Daniel, não deixando a menor dúvida de que ele pensava assim.

Eles ficaram acordados até tarde naquela primeira noite, ouvindo extasiados Shamus falar sobre metais preciosos, como e onde eles eram extraídos, o processo de refinamento, suas cores, suas texturas, propriedades, maleabilidade e ponto de fusão, a importância que tinham em refinamentos e aplicações paralelas à conscientização humana, suas irredutíveis e essenciais purezas — literalmente elementar. Tanto Daniel quanto Annalee sentiram-se arrebatados por sua paixão e eloquência, que parecia vibrar entre a reverência e a obsessão.

Depois que Shamus foi para a casa de hóspedes, Daniel disse para Annalee, enquanto ela escovava seus dentes:

— Você gosta dele, não é?

Annalee bochechou e cuspiu.

— Gosto — disse ela. — Sinto-me terrivelmente atraída.

— É o que eu pensei.

— E o que te fez pensar assim?

— A luva negra.

Annalee riu.

— Mais provavelmente os olhos azuis.

— É, mas a luva negra também.

— Boa-pinta, esperto, inteligente, emocionalmente vivo, cercado por uma aura de mistério e perigo... é, ele me atrai.

Daniel ficou pensando por alguns instantes.

— Bom, não começa a ficar muito estranha, senão ele deixa de gostar de você.

— Uau, dá para ver?

— Para mim dá — revelou Daniel —, mas eu sei realmente como você é.

Repentinamente séria, Annalee declarou:

— Eu gostaria de saber como realmente sou. Isso é uma coisa que eu preciso realmente saber, me deu muita vontade de descobrir isso esse ano que passou. Eu preciso de alguém misterioso, perigoso, moreno e bonito. Você entende o que eu estou me enrolando para dizer?

— Não tenho certeza. Mas isso não importa, a escolha é sua.

Annalee o abraçou.

— Daniel — jurou ela solenemente —, você é uma alegria para a minha alma.

No fim da tarde do dia seguinte, depois de contar a Daniel que Shamus a tinha convidado para ir na casa de hóspedes para lhe explicar as propriedades

alquímicas da prata e do ouro e que ela achava que ia ficar fora até tarde, Annalee saiu dando passos de valsa porta afora. Daniel estava preparando um pouco de mingau de aveia quando ela voltou flutuando na manhã seguinte.

— Oh, não! — exclamou ela, levando o punho até a testa. — Que mãe negligente, o filho morrendo de fome enquanto ela se diverte a noite toda.

— Caramba — disse Daniel —, você parece estar feliz. Deve realmente ter se divertido.

— Nós nos divertimos. Construímos um castelo e depois o incendiamos.

— Isso quer dizer que vocês fizeram amor?

— Com certeza e de verdade. Carinhosamente e selvagemente. Doce e escaldante. Olho no olho, respirando um dentro do outro.

Daniel concordou com a cabeça, sem exatamente saber o que ela queria dizer, mas sentindo que ela estava feliz. Quando ela fez uma pausa, ele disse rapidamente:

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro — afirmou Annalee, mas foi uma permissão que mexeu com os seus nervos.

— Ele tirou a luva?

— Não.

Daniel mexeu com a cabeça, pensativamente.

— Eu achava que não. Posso perguntar outra coisa que pode parecer grosseira?

— Manda — disse Annalee, mais nervosa agora do que resignada.

— Você *pediu* a ele para retirar a luva?

— Não.

— Você gosta um bocado dele, não?

— Mais a cada dia — Annalee abriu um sorriso.

Mais a cada noite também. Ela e Shamus começaram a sair assim que as louças do jantar tinham sido lavadas e não voltavam para a cabana antes do meio da manhã. Daniel não ligava para o horário em consideração a ela — ele estava honestamente satisfeito em vê-la tão feliz. Embora ainda se sentisse um tanto confuso com Shamus e sua luva preta, sem sequer ter certeza se o seu respeito era baseado na admiração ou no medo, ele gostava de Shamus, e ainda mais quando Annalee transpirava aquela alegria que ele nunca tinha suspeitado. Annalee, no entanto, preocupava-se com Daniel, achando que ele se sentia desprezado e, depois da quinta noite de loucura sexual, ela sugeriu a Shamus que eles deviam passar uma noite com Daniel.

— É melhor nós fazermos isso — retrucou Shamus, aninhando-se entre seus ombros —, ou então eu não sobreviverei o que deveria ser um período de descanso contemplativo.

Na noite seguinte, depois do jantar, Shamus juntou-se a eles e seus estudos, temporariamente deixados de lado, sobre o tópico do ano, que era, imprecisamente, história e cultura americana — ou "como eram as coisas antigamente" como o colocava Daniel. O texto atual, apenas começado, era *As aventuras de Huckleberry Finn.* Eles se alternavam lendo em voz alta, interrompendo ao fim de cada cena para perguntar algo ou tecer comentários. Shamus chegou mesmo a fazer anotações numa caderneta vermelha que ele mantinha dentro da sua pasta. Sua pasta, assim como a luva negra, estava sempre por perto.

Quando Shamus chegou ao fim da sua parte na leitura, ele pensou alto que, assim que a aula acabasse, ele tentaria se ocupar um pouco de suas anotações.

— Boa ideia — concordou Annalee. — Estou com fome. Que tal algumas pipocas, rapaziada?

— Duas porções — disse Daniel. — Eu derreto a manteiga.

— Vamos nessa — comentou Annalee, dando um apertão na coxa de Shamus ao se levantar do sofá.

— Primeiro eu tenho que mijar — disse Daniel.

— Vá — observou Annalee. — Nunca resista a um chamado da natureza. Deixa os órgãos tensos.

— Sábia mulher, a sua mãe — declarou Shamus para Daniel, mas olhando para Annalee.

Daniel voltou quase que imediatamente.

— Ei, estou ouvindo um helicóptero chegando.

— Porra! — exclamou Shamus. Ele enfiou sua caderneta dentro da pasta e retirou, como que numa troca mágica, uma automática Colt nove milímetros. — Vamos nessa — disse ele, calmamente. — Rápido, senão estamos mortos.

Daniel agarrou o seu casaco pendurado na parede. Apressando-se para vesti-lo, uma manga esbarrou no lampião de querosene, derrubando-o da mesa. O lampião se espatifou, instantaneamente explodindo em chamas.

— Agora! — comandou Shamus, se lançando em direção à porta. Annalee agarrou Daniel e eles dispararam em direção ao campo, Shamus logo atrás deles, o helicóptero fazendo um ruído mais alto, à medida que se

aproximava. Eles se precipitaram morro abaixo, seguindo por uma ravina estreita, a água rasa, mas entorpecidamente gelada. Eles podiam ouvir o helicóptero dando voltas por cima, as cortantes pancadas mecânicas como a batida cardíaca frenética de um gafanhoto. Annalee à frente, Daniel entre ela e Shamus, eles desceram o morro na direção de South Fork, forçando um atalho através das samambaias, groselheiras e rebentos de sequoias.

Eles descansaram um pouco ao lado de um córrego. Shamus questionou ofegante:

— Litoral?

Annalee confirmou, e cada um dos dois pegou uma das mãos de Daniel e eles seguiram pelo córrego, a água rasa correndo ligeira, as pedras escorregadias. Em instantes estavam subindo, arfantes, a íngreme vertente oriental de Seaview Ridge. Daniel sentia-se como se estivesse queimando e congelando ao mesmo tempo. Desatento, sem fôlego, caindo e levantando novamente, ele continuava escalando em direção ao topo.

Quando atingiram o alto, exaustos, apoiaram-se contra o tronco de um velho loureiro e respiraram com dificuldade. Do outro lado do desfiladeiro, as chamas da cabana empalideciam as estrelas. Na extremidade das chamas, eles conseguiam divisar seis ou sete carros, e luzes vermelhas piscando. Com um soluço sufocado, Annalee começou a chorar. Shamus pôs seu braço em volta dela e aproximou-a de si.

— Está bem assim. Deixe as cinzas para eles. Você nunca ia poder voltar, de qualquer maneira.

Annalee tentou lhe acertar um tapa, todo seu medo, raiva e dor naquele gesto. Ela estava muito próxima e Shamus, sentindo seu movimento quando ela levantou a mão para trás, defendeu-se com o seu antebraço. Com o pulso dela seguro na sua mão por alguns instantes, ele o trouxe até o peito, deixando o rosto de Annalee bem à sua frente.

— Desculpe-me, Annalee. Muito embora seja a verdade, foi uma observação estúpida e impensada. Eu esqueci que aquilo era a sua vida. Tentarei nunca mais deixar que isso aconteça. A sua vida... e a de Daniel... importam para mim.

Annalee suspirou rancorosa e então enxugou o seu rosto.

— Eu tenho um tempo para chorar?

— Sobrevivência diz que não; amor diz para sempre.

— Mãe — perguntou Daniel —, você acha que a gente ainda pode amar depois de morto?

Annalee não tinha certeza se era uma pergunta inocente ou não.

— Eu não sei.

— Precisamos ir para o bar, café ou motel mais perto daqui — observou Shamus. — Sem sermos vistos.

— Cinco quilômetros para o sul — disse Annalee. — Cinco penosos quilômetros.

Shamus perguntou a Daniel:

— Você ainda tem cinco quilômetros sobrando?

— Acho que sim.

— Vamos sumir daqui então — afirmou Shamus.

Eles seguiram pelas dunas por mais de um quilômetro, depois tomaram a direção da parte baixa do morro até enxergarem o brilho ocasional de faróis na rodovia. Caminhando paralelamente à estrada por mais um quilômetro, protegendo-se com as árvores, eles desceram então abruptamente na direção do estacionamento do Shell Cove Inn. Shamus fez uma ligação direta num Impala 59 e eles zarparam para San Francisco, o aquecedor no máximo.

Shamus parou num posto de gasolina em Santa Rosa e fez uma chamada telefônica, depois conduziu-os para o sul até uma área cheia de escombros na periferia de São Rafael. Lá ele os apresentou a José e Maria Concepción. Maria colocou-os dentro de uma velha caminhonete Chevy, enquanto José levava o Impala para dentro de um depósito de ferro-velho onde ele poderia ser facilmente desmontado. Maria os levou através de Golden Gate até o seu apartamento em Mission District, trocou as roupas molhadas deles por roupões de toalha de um hotel onde ela trabalhava como arrumadeira de meio expediente e os alimentou com um menudo[3] apimentado.

Quando acordaram, na manhã seguinte, José estava lá com uma mala cheia de roupas para cada um deles. Depois de se vestirem, ele os transportou até uma pista de pouso perto de Sacramento e os entregou a um piloto que os levou para Salt Lake City dentro do seu velho e sofrido Beechcraft, distraindo Daniel com histórias de combates aéreos da Segunda Guerra Mundial sobre as nuvens da França.

Um homem magro com feições aquilinas estava esperando por eles numa pista de pouso próxima de Salt Lake City com novas carteiras de motorista para Shamus e Annalee (agora James e Maybelline Wyatt), cartões de crédito com os mesmos nomes, quatro mil dólares em espécie e um Buick 71 registrado no nome da senhora Wyatt. Ele lhes disse que se dirigissem para Dubuque, em Iowa, e de lá telefonar para o número que estava lhes fornecendo. E foi somente quando os três estavam sozinhos dentro do Buick seguindo para o leste que finalmente puderam se recompor. Shamus tentou explicar o que ele achava que estava acontecendo.

Três semanas antes, após 18 meses de meticuloso planejamento, Shamus tinha tentado roubar Urânio-235 de uma refinaria no Tennessee. Quando Shamus se esgueirava através do buraco que ele tinha feito na cerca anticiclone, um guarda que não deveria estar ali ordenou que ele parasse, mas Shamus o acertou com a lanterna na hora que ele atirava com a sua arma. O disparo não atingiu ninguém mas pôs a segurança em estado de alarme. Um holofote descobriu-o no chão. Ele chutou para longe a arma do guarda e sacou a sua própria quando eles começaram a atirar. Ele tentou atingir o holofote mas errou e, imediatamente, percebeu que não teria chances num tiroteio, então rolou para o lado esquerdo na hora em que uma rajada de rifle automático levantou poeira atrás dele. Ele rolou novamente, levantou e saiu correndo. Escondendo-se na nuvem de poeira, correu a toda velocidade para o edifício mais perto.

Ele teve dois momentos de sorte seguidos. O primeiro foi uma bala que raspou seu lábio inferior, tão perto que fez uma bolha de água, mas não chegou a romper a pele. O segundo foi um velho enrugado seguindo na direção do estacionamento, alheio à luz persecutória do holofote e aos estampidos dos disparos, tão distraído no meio daquilo que quando Shamus encostou o tambor do revólver na nuca do velho e disse “Entre no carro e caia fora”, ele virou-se e disse, aturdido, “Catapora?”

Ter encontrado um refém, mesmo sendo um surdo, não era o fim da sorte de Shamus, já que o velho que o conduzia através do portão principal com um revólver na cabeça era Gerhard von Trakl, o Pai da Fissão, o mais graduado cientista nuclear da América. Shamus pretendia guardar von Trakl só até eles conseguirem um carro para a fuga, o primeiro dos três meios de escapada que ele tinha preparado.

Porém, para a surpresa total de Shamus, von Trakl implorou para seguir com ele. Ele contou para Shamus que era um prisioneiro virtual do governo dos Estados Unidos e não estava mais interessado no trabalho que eles queriam que fizesse. Ele desejava explorar o outro lado da equação, a conversão de energia em massa e, essencialmente, a obliteração dá distinção. Ele confidenciou a Shamus que tinha cometido um erro científico fundamental na sua carreira — considerado o universo como uma máquina e não como um pensamento.

Apesar de estar encantado por descobrir que o mais brilhante físico do país era no fundo um camarada alquimista, ele sabia que os patrões de von Trakl não parariam de procurá-lo até tê-lo de volta. Mas von Trakl recusou-se a ser libertado, e por motivos que Shamus respeitou.

Shamus chegou a um meio-termo. Ele levou von Trakl no primeiro carro, mas dois quilômetros depois de trocar para o segundo carro, ele parou no acostamento e forçou von Trakl a sair do carro para a estrada vazia e erma. Ele prometeu a von Trakl que deixaria o carro um quilômetro acima na estrada, desejou-lhe boa sorte em sua nova pesquisa e agradeceu pela companhia, então arrancou cantando pneu quando von Trakl começou a responder.

Um quilômetro mais à frente ele trocou o carro pela motocicleta suja que tinha entocado no dia anterior. Ele disparou com a moto imunda morro acima. Lá no alto, desligou o motor e deslizou pela longa ladeira até Coon Creek Valley. A motocicleta foi abandonada num denso campo de nogueiras e coberta com um encerado que ele tinha retirado de uma Gimmy que tinha ficado escondida lá no início da semana. Mas, quando alcançou a porta da caminhonete, uma voz lacônica atrás dele disse:

— Não é da minha conta, não, amigo, mas se a minha antena não estiver *totalmente* fodida, vai ter uma barreira na estrada no final do vale antes de você conseguir chegar no primeiro bar de Dixie. Minha sugestão é que você venha com o *veio* Silas Goldean aqui, já que eu e a maioria dos *homi* da lei dessa área crescemos juntos e se *damo* bem, e eles *sabe* que aprecio vir até o

reservatório a essas hora da noite molhar o anzol atrás de uns *bagre*. Tem um bom lugar para você se esconder também.

E foi assim que Shamus atravessou a barreira da estrada, curvado dentro de um compartimento exíguo debaixo do banco traseiro do empoeirado sedã Packard de Silas, enquanto este tagarelava com o adjunto do xerife sobre uma caçada de perus no início do mês seguinte para levantar dinheiro para a sociedade Grange do lugar. Um primo em segundo grau de Silas estava esperando no reservatório, dentro de um bote engraçado, para transportá-lo até um outro primo, que o trancou dentro de um trailer e dirigiu a noite toda até uma pista de aviação ao sul de Nashville. Um voo cruzando o país, pontuado com o que pareciam ser vinte paradas de reabastecimento de combustível, levou-o finalmente até Cummins Flat, três quilômetros abaixo do Quatro Duques, onde Smiling Jack o tinha apanhado.

Embora Shamus achasse difícil acreditar, Gerhard von Trakl tinha evidentemente conseguido escapar sozinho, um fato que agradava Shamus imensamente, ainda que lhe causasse um sofrimento pessoal. Infelizmente, os federais concluíram que o velho maluco ainda estava raptado e decidiram partir em perseguição — ou, pelo menos, tanto quanto pudessem, sem atrair uma indevida atenção da mídia. Eles pareciam não querer alarme, na verdade, já que não tinha havido qualquer insinuação nos jornais ou na televisão de que o mais importante físico nuclear do país tinha sido sequestrado dentro da maior instalação da nação para produção de materiais físseis — um compreensível silêncio, visto que tal informação não inspiraria confiança nos cidadãos, nem faria progredir qualquer carreira política.

— Porém — disse Shamus, alcançando com a história aquele momento —, alguém não ficou calado. Alguém deve ter dito para eles onde me encontrar, porque eles conseguiram. Quando acendem as chamas, alguém se queima, e aí tudo começa a queimar, vindo abaixo, à medida que se consome. Vocês não imaginam o quanto eu lamento por suas perdas — suas posses, a casa, o trabalho e a emoção que vocês colocaram nisso tudo.

— Essa não é a primeira vez — tranquilizou-o Annalee. — Foi assim que nós chegamos até o Quatro Duques, muito embora Daniel talvez não consiga se lembrar. — Ela estava dirigindo e assim tinha que lhe dar olhadas rápidas sobre os ombros. — Não que você *devesse* saber isso.

Mas Daniel, que estava escutando tudo atentamente no banco traseiro, não queria conversar sobre o que ele não se lembrava.

— Quantas pessoas sabiam que você estava lá conosco?

Shamus respondeu sem hesitar, obviamente por já ter pensado nisso antes.

— Você, sua mãe, Smiling Jack e o piloto, um jovem negro chamado Everly Cleveland, conhecido por Bro. Esses são os que eu sei com certeza, havia provavelmente outros.

— O piloto traiu você — disse Daniel.

— Disse isso com muita certeza — reparou Shamus. — Suas provas?

— Mamãe e eu não o faríamos, nem Smiling Jack. Além disso, o piloto voou mais de três mil quilômetros com um monte de escalas, então o avião tinha que ser notado. Está vendo, seria interessante verificar as pequenas pistas de pouso.

— É — suspirou Shamus —, isto é o mais provável, mas quem sabe? Se foi o piloto, entretanto, eu espero que ele tenha me entregado friamente. Foi direto para um telefone público e me dedurou.

— Por quê? — indagou Daniel, intrigado.

Shamus, que tinha se virado para encarar Daniel, lançou um olhar além dele para o vidro traseiro, observando as faixas brancas até o horizonte. Daniel não achava que Shamus ia responder, mas ele repentinamente voltou a se concentrar, seus olhos fitando os de Daniel, enquanto respondia:

— Porque se ele não me entregou friamente, eles acabaram com ele, e isso põe o seu sangue nas minhas mãos.

Na mão e na luva, pensou Daniel. Ele não disse isso porque alguma coisa na voz e nos olhos de Shamus o assustava, algo febril e doentio, algo que recendia a corrupção, algo que se alimentava da sua própria autoaversão e do seu sofrimento, e queria afastar-se da culpa íntima de Shamus. Ele introduziu sua pergunta com uma vaga segurança.

— Mas você também tem amigos. Além da mamãe e de mim, quero dizer. Alguém está ajudando você, *nos* ajudando, na verdade. Quem é?

Shamus olhou para Annalee e depois novamente para Daniel.

— Você é esperto, Daniel. O que um dos meus professores chamava de “uma boa percepção do que está acontecendo por dentro do que está acontecendo por fora”.

Daniel encolheu os ombros com o elogio.

— É bastante óbvio que alguém está nos permitindo voar de um lugar para o outro, nos dando carro e dinheiro. E instruções.

— AMO — disse Shamus.

Daniel não entendeu.

— Você quer dizer a munição para as armas?

— Não, embora o jogo de palavras seja sugestivo. *Amo* como em latim: *Eu amo.* — Shamus alcançou desajeitadamente no banco da frente o pescoço de Annalee com a sua mão direita e tocou-o com delicadeza.

Annalee queria estacionar e segurá-lo nos seus braços, deixando-o tocá-la daquele jeito onde ele quisesse, o calor da ponta dos seus dedos na parte inferior do pescoço, o toque do couro macio na coxa, na barriga, no bico dos seios, na garganta.

Ela ouvia distraidamente enquanto ele prosseguia.

— AMO é a acrossemia para Aliança de Marginais e Ocultistas... ou, como querem alguns membros, Alquimistas, Marginais e Ocultistas, o que eles afirmam ser o nome original. Outra facção, pequena mas sonora, insiste que AMO sempre quis dizer Artistas, Mitólogos e Ordenanças. Como você pode perceber, existe uma constante e duradoura contenda sobre a origem e desenvolvimento da AMO, uma situação motivada pelo fato de que a Aliança não mantém um histórico de si mesma... todos os registros devem ser do conhecimento de todos. Já que a AMO proíbe praticamente qualquer referência direta aos seus princípios e atividades, a descrição pública... livros e músicas sendo os mais disponíveis... é extremamente oblíqua, oculta em imagens e pelo arco das metáforas.

“Mas seja qual for a verdadeira origem do seu nome, a AMO é uma sociedade secreta... embora mais no sentido de um segredo revelado, na verdade. Basicamente, a AMO é uma aliança histórica dos criminosos, desajustados, anarquistas, xamãs, místicos terrenos, ciganos, mágicos, cientistas loucos, sonhadores e outras almas marginais à sociedade. Eu suponho que era originalmente organizada para resistir à perniciosa influência do monoteísmo, especialmente o cristianismo, que atacava a alquimia como entidade pagã e a levou à clandestinidade. Pelo que eu pude entender (eu não sou um erudito no assunto), a AMO sobreviveu como uma aliança internacional *extremamente* independente formada por autodenominados marginais da moral e espíritos selvagens. E embora a aliança seja tão livre, ela é nebulosa, o centro é impenetrável.

— O que você quer dizer? — perguntou Daniel.

— Em cada país ou região, existe um conselho de sete membros chamado Estrela. Os membros do conselho podem servir durante quarenta anos ou demitir-se a qualquer momento. Os membros da Estrela indicam sucessores potenciais, que devem ser aprovados pelos outros membros do conselho. Eu

nunca soube exatamente qual é a função da Estrela, além de administração e projetos especiais. Cada membro da Estrela tem uma pequena equipe para assessorá-la... e eu digo *ela* porque, quatro em sete membros da Estrela, por tradição, devem ser mulheres.

— Isso é inteligente — concordou Annalee, olhando para Shamus o tempo suficiente para arrancar um sorriso.

— Podem *mais* de quatro serem mulheres? — quis saber Daniel.

— Sim... mas não menos. Isso faz sentido?

— Parece — disse Daniel, não por falta de convicção, mais por estar elaborando um julgamento.

Sem tirar os olhos da estrada, Annalee disse:

— Tenho a impressão que nós estávamos cuidando da casa para a AMO, certo? É para ela que nós temos estado trabalhando?

— Smiling Jack é um auxiliar de campo de Volta, um dos membros da Estrela; assim sendo, acho que é uma suposição segura. Mas eles não gostam da expressão *trabalhando para.* Eles preferem pensar nisso como um alinhamento natural de mútuo interesse e, logo, uma extensão da aliança.

— Então, merda! — explodiu Annalee. — Por que não nos disseram? Ou nos chamaram para fazer parte?

Shamus ergueu a mão, fingindo se defender.

— Não me pergunte por que eles agem assim. A única política que eu conheço a respeito de recrutamento é que não se deve aproximar das pessoas até que elas estejam prontas, e aí lhes dizer a verdade. Eu suponho que, no seu caso, haveria algumas questões legais quanto a Daniel, já que você pode ser condenada por conspiração se a sua associação à aliança fosse provada. E isso é um problema mais sério. E, também, os membros devem doar cinco por cento dos seus rendimentos líquidos para a causa. E aí, talvez eles não quisessem depender do bolso de uma mulher solteira. Além disso, você viveu bastante tempo nas ruas para entender a sabedoria de não saber mais do que precisa.

Antes que Annalee pudesse dizer qualquer coisa, Daniel inclinou-se ostensivamente para a frente e disse:

— Você fica dizendo *eles.* Você é um membro?

— Eu era — disse Shamus. — Eu saí.

— Mas eles ainda estão ajudando você.

Shamus deu um suspiro.

— É complicado. Eu comecei como um contrabandista. Cigarros e relógios no início, depois drogas, depois ouro. Ouro foi a primeira coisa com que eu mexi que mexeu *comigo.* A primeira barra que eu vi era como o sol nascendo no meu sangue. Eu estava trabalhando fora da Flórida naquela época, jovem ainda, ambicioso, cheio de imaginação, com talento para transportar seguramente um contrabando do ponto A para o ponto B. Eu era de confiança, discreto, e estava ganhando bastante dinheiro. E, diferente da maioria dos contrabandistas, eu nunca esbanjava com drogas, barcos de corrida e mulheres pretensiosas. Eu me divertia, mas com menos extravagância que meus rendimentos me permitiam, porque não importa que você seja uma boa pessoa, a sorte pode te faltar.

"Eu cheguei ao ponto de ter tanto dinheiro e tanta dúvida quanto a minha sorte começar a me deixar na mão, então comecei a pensar em sair fora do negócio quando Red Lubbuck veio me visitar. Red era o agente principal da costa do Golfo, percebi imediatamente que ele queria falar de negócios. Fiquei surpreso quando, em vez disso, ele me contou sobre a AMO. Era, como o Red mesmo, bem direto: eu poderia aproveitar as vantagens da aliança em troca das obrigações anuais, 5% do meu rendimento líquido, pagos com a minha palavra de honra... sem cobradores, sem auditores, sem perguntas. As vantagens da aliança, segundo Red... ele entrou em detalhes, mas eu vou apenas mencioná-las... eram assistência técnica e jurídica; uma rede de pessoas confiável e especializada; a utilização de várias instalações, desde esconderijos até oficinas, acesso aos serviços de informação, que Red alegava, com razão, serem excepcionais; e a possibilidade de usar o conhecimento coletivo e oportunidades educativas para expandir o talento próprio de cada um.

"Red foi persuasivo sem fazer pressão, mas eu sempre tinha trabalhado independentemente e andava pensando em me aposentar, de qualquer maneira, então não fazia sentido me juntar a uma organização de desconhecidos com vagas promessas de oportunidades incomuns e força coletiva. Eu disse para Red que estava lisonjeado, mas a minha resposta amigável era 'não, obrigado'.

"Meu modo de falar irlandês de Boston não consegue adaptar o sotaque *cracker* de Red, mas posso citar sua réplica de memória. Com os diabos, filho, a gente não está interessado em seus contrabandos. Isso é só uma ocupação, capaz de fazer água a qualquer momento. O que gostaríamos que você fizesse é estudar metais preciosos com Jacob Hind, de quem

provavelmente você nunca ouviu falar, sendo jovem e inconsciente, mas nós achamos que ele é um professor bom dos diabos, um *mestre* dedicado... já esqueceu mais coisas sobre metais preciosos do que você jamais poderá aprender um dia. Mas Jacob está chegando aos noventa. Você seria o seu último aluno.

"Aquilo me atraiu. Como mencionei, eu estava ficando cada vez mais seduzido por metais preciosos e nervoso quanto ao contrabando. Contrabando, no fim das contas, é um trabalho e, não importa o risco ou a recompensa, um trabalho acaba ficando chato. Então me juntei à AMO e três meses mais tarde estava numa ilha em Puget Sound, eu, o solitário e perplexo aluno de Jacob Hind.

— Era como uma escola regular? — quis saber Daniel.

— Não como as de hoje, não. Talvez, um antiquado mestre aprendiz.

Daniel cutucou o ombro de Annalee.

— Nós estávamos lendo exatamente sobre isso mês passado, hein mãe?

— Claro que sim — disse Annalee. — Mas deixe Shamus terminar a sua história.

— Jacob Hind era um bom professor? — perguntou Daniel para Shamus. Annalee não tinha certeza se a pergunta tinha a intenção de desafiá-la, ou apenas estimular Shamus para que ele continuasse.

— Um *bom* professor? — repetiu Shamus, pensativamente. — É uma *boa* pergunta, apesar de não poder respondê-la. No começo, eu pensei que ele era completamente pirado, um velho caduco meio inglês, meio holandês e inteiramente louco, que perdia o controle da sua bexiga quando ficava excitado, o que acontecia frequentemente. A metade do tempo ele balbuciava em latim e, quando falava em inglês, era quase totalmente por metáforas. "A pedra mais preciosa é o rio em chamas." "Aquele que tiver uma asa de homem e uma asa de mulher também é o útero da matéria." Em latim devia ser tudo através de metáforas também. Enfim, eu tinha dificuldades para acompanhar suas lições.

"Seja como for, ele tinha um enorme laboratório metalúrgico e uma biblioteca ainda melhor... embora, novamente, a metade dela em latim ou grego. Eu estava apenas começando a entender os seus métodos, e com eles o sentido da sua substância, quando ele morreu de repente com um ataque cardíaco.

Shamus fez uma pausa e respirou profundamente.

— Foi assim que eu queimei a minha mão. Quando o coração de Jacob parou, ele tentou se agarrar à mesa do laboratório. Nós estávamos no meio de um exercício envolvendo a transformação da prata, e quando sua mão falhou ao buscar apoio, ele atingiu o cadinho contendo a prata fundida, derramando na minha mão. Naquele instante de choque, antes que a dor me consumisse, Jacob me agarrou pelos ombros, com tanto poder que parecia não fazer esforço, e me puxou até ele num impetuoso abraço, um estremecimento lhe percorreu quando tomou ar para sussurrar no meu ouvido: “Faça com que eles voltem para noventa e dois.”

Annalee perguntou:

— O que ele quis dizer com “voltar para noventa e dois”? — Daniel ficou contente por ela ter perguntado.

— Eu não tenho certeza do que ele queria dizer — comentou Shamus. — Na Tabela Periódica dos Elementos, noventa e dois é o urânio, um metal precioso, o último elemento natural... último por ser o mais pesado em termos de peso atômico... antes dos quinze criados pelo homem. Se eu o conheci direito no breve período em que estivemos juntos, desprezava os elementos feitos pelos homens porque eram perigosos, corruptores, confusos e desnecessários.

— Mas como é que você poderia fazê-los voltar para noventa e dois? — perguntou Annalee.

— Eu gostaria de saber. Penso nisso todos os dias.

— Agora eu estou entendendo — disse Daniel.

— O quê?

— Por que você os abandonou, e por que eles continuam a te ajudar: Eles te devem isso por terem queimado a sua mão.

— Eu *não* os abandonei. Na verdade, quando me recuperei, tomei conta do laboratório de Jacob e continuei meus estudos. Não só a AMO aprovou isso, como também me forneceu um professor de latim. Em seis meses de endemoninhados estudos eu conseguia ler a maioria dos velhos textos. Fora das conexões emergentes, eu fiquei fascinado pelos elementos radiativos e, não é de se estranhar, o urânio particularmente. Esse mesmo noventa e dois, ponto de retorno de Jacob, o final da linha natural, antes dos mutantes criados pelo homem de aceleradores lineares e reatores nucleares. Eu tinha amostras de urânio, é claro, mas era o urânio-235, o isótopo físsil, que me interessava. Mas, como o 235 é usado em bombas atômicas, é o governo que tem ele todo. E, mesmo que nada mais nos meus estudos estivesse claro, era

irresistivelmente óbvio que não se pode compreender o poder e o processo dos elementos sem comunhão direta.

"De qualquer maneira, eu resolvi roubar algum U-235 e pedi ajuda à AMO. Eles mandaram um membro da Estrela me visitar, um homem chamado Volta, que não apenas recusou o meu pedido como também tentou me persuadir a não o tentar sozinho. Ele disse que era simpático à ideia, mas... em suas palavras... 'Fascínios pessoais não eram razões suficientes para comprometer a AMO numa série de ações em que o sucesso seria mais perigoso do que o fracasso'. Que era o modo elegante de Volta dizer que o roubo de material nuclear aumentaria tanto a tensão que seria capaz de pôr em risco outros projetos e muitas pessoas.

"Fiquei pau da vida, então eu disse algo assim: 'Já que eu vou roubar urânio por minhas próprias e egoístas razões, a única coisa honrada a fazer é sair da AMO.' E ele disse: 'Como quiser. Não que isso faça muita diferença... a vigilância ainda assim será severa e implacável. E não que o seu gesto honrado seja sem sentido; a honra nunca o é. Seja como for, aja de acordo com a sua vontade.'

"Foi o que fiz.

Shamus sorriu pesarosamente.

— E deu a maior merda, a perseguição aumentou e aqui estamos nós. — O sorriso havia desaparecido.

Annalee estendeu a sua mão direita e apertou a coxa dele.

— Existem lugares piores para se estar.

— E o que vai acontecer agora? — indagou Daniel. Annalee queria poder estrangulá-lo. A hora não custaria a chegar.

— Quem sabe? — respondeu Shamus a Daniel. — Eles vão provavelmente nos separar em Dubuque e me tirar do país.

— Supondo que não estivéssemos a fim de nos separar? — observou Annalee.

Shamus virou-se para ela e disse suavemente:

— Mas nós estamos. Até agora eu consegui queimar você, desenraizar e fazê-la fugir. Gostaria de continuar com vocês, mas isso seria um prazer que não mereço e um risco que não quero correr agora.

Annalee começou a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Ela estendeu a mão e mexeu no rádio, procurando por algum rock'n roll para tocar a todo volume. Seu cérebro dizia-lhe que separar-se era o mais sensato a fazer, mas seu coração lembrava-lhe que não era obrigada a gostar da ideia.

Transcrição:
Denis Joyner, Rádio Móvel AMO

Uuuuuaaaauuuu! Você me achou sem estar me procurando, o *veio* DJ em pessssoa, O Barão do Suco, chegando até vocês ao vivo do jeito que posso na SUUUUPER rádio móvel, onde você encontra é onde você consegue, mas não olhe para o dial, gatinha, porque não vai nos achar. Nós somos OTD, OD e oh, Pela Mãe do Guarda, é possível que isso seja real? Mas é — ha-ha — é mesmo: O Homem Azul no seu Furgão Prateado vem para semear os seus sonhos e alimentar o seu filhinho travesso.

O que estamos falando aqui é ALTA Kultura. Muito alta! Imensamente, até se perder de vista! Os lances magníficos do espírito para dentro do vácuo! Saltos de transmissão que batucam diretamente no seu cérebro! Lançamento de sexo astral em estado sólido! É isso aí, você entendeu! Bem-vindos ao Klube de Kultura Caminhante da Nuvem.

Agora, só entre você, eu e os muros da caverna, crianças, essa noite nós temos um show incrível. Se você não decolar, é porque deve estar acorrentado no chão.

Você acha que é onda minha? Bem, irmãos e irmãs, vejam só. Nós vamos ouvir Karl Marxxx com o seu disco Número Um, 'Renda Excedente Não distribuída e O Que Significa Isso para Trabalhadores Duros Como Eu e Você', apresentando Peter Kropotkin no piano e Leon Trotski no violino. Temos Jean-Paul Sartre em suas séries Ensaios na Fita, nesse caso ele negligenciou na pesquisa sobre ansiedade pós industrial chamada 'Estímulo Incipiente e Sentimentos de Perdição'. Você está sacando, até agora? Quer mais? Bem, então escreva isso aí: tomadas externas de uma entrevista rara com Walt Disney onde ele discursa minuciosamente entre cachimbos de ópio sobre eletromitologia e fetiche de funileiro (ei, caras, vocês não se lembram de ter desejado que o pequeno e *veio* Funileiro fosse mais ou menos um metro e meio mais alto?).

E por que parar aqui? Com os infernos, por que parar? Nós também teremos *ao vivo,* aqui e agora mesmo, *todo* o Coral Sacrário Mórmon apresentando a versão imunda de *Staggerlee.* Pode me foder se não o fizermos! Mais — *perdão,* mamãe — as recentemente descobertas partituras para violinos de Bach executadas pelos exibicionistas da cidade da Taverna, com o maestro Demerol Jones. E, se isso não deixar você guinchando, pule para a nossa programação regular — como Carl Jung e a astrologia, Hot-Line

do consumidor com Átila, o Huno, resenhas literárias supermaldosas de Corliss Lime, e eu, O Barão do Suco, na bateria.

Então fica por aí que eu fico dentro do seu ouvido.

Quando chegaram a Dubuque no final daquele dia, eles pararam num posto Conoco. Shamus fez uma ligação do telefone público. Foi uma conversa curta e ele voltou pensativo para o carro.

Annalee estudou a sua expressão.

— Então, para onde?

— O *Cidade de Baton Rouge.*

— Louisiana? — disse Daniel no banco de trás. — Isso não faz sentido.

Shamus sorriu.

— O *Cidade de Baton Rouge* é um barco, um velho e fiel vapor com rodas do Mississippi atracado logo na saída da cidade.

— É claro — concordou Annalee, distraidamente — o rio Mississippi. E descendo o grandioso Mississippi até o golfo, em Nova Orleans. De lá, eu imagino, para Cuba de submarino.

Shamus desgrenhou os seus cabelos.

— O espírito é esse. De Cuba para o Brasil de planador. À noite. Sem lua.

— Apenas a luz das estrelas sobre as águas e o ímpeto dos ventos.

— Você entendeu tudo — observou Shamus.

Annalee deu partida no carro.

— Primeiro vamos achar esse barco no rio.

— Eles nunca nos encontrariam na selva — disse Daniel, com excitada convicção.

Annalee perguntou a Shamus:

— Hora da verdade... você sabe aonde estamos indo ou só está de brincadeira com a gente?

— Tome a última saída antes da ponte, depois siga para o norte ao longo do rio. Elmo Cutter, um dos homens de campo de Volta, vai nos encontrar lá. Além de nosso destino imediato, o *Cidade de Baton Rouge*, não tenho a menor ideia para onde estamos indo. Mas tenho certeza de que Elmo terá algumas sugestões.

Elmo Cutter era baixo, moreno e atarracado. Um charuto preto e grosso — que ele nunca acendia — oscilava sob a aba encardida de um boné dos

Chicago Cubs. Ele os cumprimentou no cais com um sortimento de ríspidos monossílabos, e então levou-os para bordo.

O *Cidade de Baton Rouge* era o último desse tipo. Um barco de rio movido a vapor com roda na popa de linhas majestosas e suaves. Antes da virada do século ele tinha transportado uma clientela de homens de negócios, jogadores e mulheres de alto nível e, ainda agora, embora despojado e abandonado em 1950, ainda possuía a aura dos feltros verdes, conversa suave, uma valsa flutuando na salão de baile. Podia-se sentir a fragrância do uísque ácido do pântano, presunto do campo e magnólias frescas nos cabelos das garçonetes, podia-se quase ouvir o tilintar das fichas quando as apostas eram coletadas na sala de jogos. Porém, nem mesmo a mais fulgente imaginação conseguia esconder o seu estado atual de desgaste e vaga decadência.

Elmo os levou até a sala de jantar. Certa vez, duzentas pessoas tinham se sentado ali naquelas mesas compridas, repletas de frango frito, presunto, purê de batata, salada de repolho, biscoitos frescos, milhos cobertos de manteiga, codornas assadas, verduras, molho e espessas fatias de torta de abóbora. Agora tinha apenas uma mesa surrada de cartas e quatro cadeiras dobráveis.

Elmo foi direto ao ponto.

— Vocês se separam aqui.

Annalee teve um sobressalto.

— Shamus, você vai embora esta noite. Não está tudo preparado, mas falta pouco. — Ele se virou para Annalee: — Você e o menino têm uma escolha. Como provavelmente já sabem, vocês estavam cuidando da casa para a AMO... digamos para seus afiliados. Algumas das pessoas que estiveram com vocês sequer eram membros da AMO... Dolly, por exemplo, nós a deixamos ir para lá só porque queríamos que ela ficasse solta. Agora ela juntou-se a nós. E estamos convidando vocês, se quiserem.

Annalee, tão direta quanto Elmo, quis saber:

— Por que não fomos chamados antes? Ou, pelo menos, informados?

Elmo encolheu os ombros.

— Entenda-me, senhorita Pearse. Eu não estava lá. Mas imagino que provavelmente não havia motivo, visto que você já era uma espécie de aliada, só que extraoficial. Nós não insistimos nas formalidades.

— O que acontece se não quisermos nos juntar a vocês? Talvez nós saibamos demais.

Elmo fez um ruído situado entre um ronco e um risinho.

— Não, madame, vocês não sabem demais. Isso causa algum inconveniente, porém nada mais do que isso. A AMO é como o mercúrio. É por isso que temos sobrevivido há séculos. Então, se você não quer que juntemos nossas forças, pegue o carro, os quatro mil e o nosso carinhoso adeus. E nós ajudaremos vocês caso venham a tomar um tombo sério... mas isso não é promessa, apenas nossa provável vontade.

— E se nós nos juntarmos a vocês?

— Trabalho interessante quando houver disponível, um bom pagamento, oportunidades de expansão e as vantagens partilhadas da aliança.

— Vocês têm escola? — indagou Daniel com tanta intensidade que fez com que Annalee e Shamus olhassem para ele. Ele sequer percebeu, sua atenção estava concentrada em Elmo.

— Sem escolas — respondeu-lhe Elmo. — Mas temos professores que te ajudarão se você levar os estudos a sério. E nós temos também uma rede de médicos... alguns deles bastante primitivos pelos padrões da AMO, mas isso não quer dizer que a medicina não funciona. Assim, eu acho que se poderia dizer que existem algumas vantagens de saúde e de educação. Jurídica também, pense nisso... alguns advogados eficientes. E isso é meu papo de vendedor. Não pretendo influenciar ninguém, mas é melhor nós começarmos a nos mexer.

— O que você acha, Shamus? — perguntou Annalee. Sentindo que podia ter desconsiderado Daniel, ela acrescentou: — Eu e Daniel apreciaríamos sua opinião porque somos nós dois que temos que decidir.

— Eu contei para vocês a minha história — comentou Shamus. — Eles são bons amigos e adversários justos.

— Nós devíamos nos juntar a eles — sugeriu Daniel. — É prático. E, algum dia, eu precisarei de um professor.

Annalee fechou os olhos e os abriu de novo quase imediatamente.

— Pode nos alistar — disse ela para Elmo.

— Está feito — concordou ele. — E agora, se vocês pudessem sair do barco, tenho algumas coisas para discutir com o senhor Malloy. Tenho certeza de que vocês entendem que a ignorância, frequentemente, é a melhor proteção.

— Mas isso, na verdade, é conhecimento, não é? — observou Daniel.

— A diferença é a mesma — resmungou Elmo, e então acrescentou como uma reflexão tardia: — Nossos professores vão te adorar.

Aturdido pelo comentário de Elmo, Daniel virou-se e seguiu sua mãe até o convés principal.

Depois que eles foram embora, Elmo disse para Shamus:

— De trem para Detroit esta noite, em seguida um ônibus de turismo para cruzar a fronteira e conservação no gelo em Montreal. Nós temos um caso quente de perseguição implacável. Aquele cientista estrambótico que você pegou ainda não apareceu. O carro que você deixou para ele nunca saiu do lugar. Ele pode estar morto como uma pedra dentro de uma vala, ou passeando por aí, conversando com as rochas, pelo que nós sabemos, e nós nos orgulhamos de poder saber de coisas como essa.

— Isso é o bastante — afirmou Shamus.

— Se eles o achassem, morto ou vivo, as coisas se acalmariam consideravelmente.

— Eu entendo. Eu o soltei exatamente como eu disse.

Elmo mastigou o seu charuto.

— Nenhuma ideia de para onde ele pode ter sido levado?

— Para o alto. Perdido nos seus pensamentos.

— É — Elmo cuspiu um pedaço de fumo. — Tudo bem, nós temos uma porra de um OVNI nas mãos. Calculo que ele seja um cadete do espaço.

Shamus dobrou as suas mãos sobre a mesa de cartas, mão nua sobre mão enluvada.

— E como nós ficamos?

— Volta gostaria de algumas considerações sobre o tempo e dinheiro que vão ser necessários para continuar ajudando você.

— Eu tenho dinheiro. Vou pagar de volta a vocês com satisfação, com juros, assim que eu conseguir pôr a mão nele.

— Essa seria a coisa certa a se fazer, mas sem pressa. O que Volta gostaria mesmo é de sua cooperação. Ele disse para pensar nisso como um par de anos de respeitável custódia protetora. Para mim, o que isso quer dizer é que ele quer a sua palavra de que vai ficar calmo por uns tempos. Senão, nós soltamos você lá mesmo — com um carro e duas milhas, o mesmo que oferecemos à garota.

— Você lhe ofereceu quatro — corrigiu-o Shamus.

— Ela tem uma criança.

— Tem razão — disse Shamus. — Acho que os amigos não saem barato.

— Não... especialmente quando você põe eles numa furada.

— Se eu não tivesse certeza de que aquele guarda lá fora fumando um baseado foi um acidente, um contratempo aleatório, eu iria acreditar que Volta tinha encontrado um jeito de se certificar de que eu não tirasse nada dali.

— Eu não saberia dizer. Parece que você se saiu bem fodendo a porra toda sozinho. É com isso que nós temos que lidar.

— Ponha-me no trem então, em algum outro lugar mais na frente eu tentarei consertar isso.

— Uma outra coisa — acrescentou Elmo, apontando com o toco do seu charuto. — A luva tem que desaparecer.

— Ela não sai. Que tal fundi-la?

— Qualquer coisa serve.

Shamus ergueu sua mão coberta com a luva.

— Podíamos cortar fora o braço na altura do cotovelo.

— Qualquer coisa serve — repetiu Elmo.

— Falando em furadas — atalhou Shamus —, alguma ideia de quem delatou a fazenda?

— Sim.

— O piloto?

— Acertou. Eles deixaram você escapar por pouco no aeroporto de Nashville. Eles conseguiram o prefixo do avião e alguém viu a conexão em Denver. Levaram alguns poucos dias, mas finalmente seguraram o piloto em Portland. Arrancaram tudo dele.

— Lamento por isso — disse Shamus.

— Não tanto quanto ele. Ele adorava voar, mas gostava de andar também.

Shamus deu uma pancada com sua mão enluvada sobre a mesa.

— Puta que o pariu, me torturando não vai mudar nada. Se vocês não gostavam do meu modo de ver as coisas, por que me recrutaram? Por que me mandaram a Jacob Hind? Por que me estimularam para estudar radiatividade?

— Ei — disse Elmo abrindo os braços —, porra, por que é que estamos ajudando você? Hein? Eu digo por quê: porque todos nós cometemos enganos.

— Tentar roubar aquele urânio *não foi* um engano. Apenas saiu errado.

— Shamus, você está falando com o homem errado... eu pareço com uma equipe de debates? Meu trabalho é esclarecer as coisas. Você vai para Montreal, terá todo o tempo para separar o cocô da mosca da pimenta em pó. Neste instante, nós vamos nos mexer. E rápido.

— Tudo bem — Shamus se levantou. — Vamos nessa.

Eles encontraram Annalee e Daniel admirando a roda de propulsão feita de madeira.

— Pronto? — disse Annalee. Shamus não parecia contente.

— É, pronto — confirmou Elmo.

— Para onde agora?

— Você e Daniel aqui mesmo.

— Em Dubuque?

— Aqui — disse Elmo, apontando para o convés. — Queremos que vocês restaurem o *Baton Rouge*, como ele era em seu passado glorioso. Toda a parte de dique seco já foi feita, só falta o acabamento. Use as quatro milhas para começar. Quando acabar, telefone para Dave Jaspars e mencione a conta da Restauração Histórica... o nome dele está no catálogo. Ele é o seu contato aqui. Qualquer emergência, avise a ele.

— Uau! — exclamou Annalee. — Como você quer que ele fique? Merda, *como* se faz isso? Nós temos colocado pregos e cortado madeira, mas numa construção como a de uma fazenda... nós não temos prática nisso. E quanto às cores e essas coisas? Quero dizer...

Elmo a interrompeu.

— Escuta, você dá um jeito. Não queremos palermas na AMO.

— Nós podemos morar no barco? — Daniel estava enfeitiçado com a perspectiva.

— Eu acho que seria melhor, mas vocês não são obrigados. Quanto a nós, temos muito chão pela frente.

Annalee e Shamus trocaram um beijo emocionado de adeus.

— O ouro não enferruja — sussurrou ele no seu ouvido. — Vou vê-la novamente.

— Promessas, promessas — murmurou Annalee, depois abraçou-o com força enquanto lutava contra as lágrimas.

Shamus apertou a mão de Daniel, acompanhou Elmo até a rampa de embarque e os dois subiram para o cais. Annalee os observou até desaparecerem depois da plataforma. Quando ela finalmente se virou para olhar Daniel, ele estava debruçado no corrimão atrás dela, observando as águas cinzentas do Mississippi deslizarem. Ela se aproximou dele e colocou o braço em volta dos seus ombros.

— Bom — suspirou ela —, o que você acha?

Ainda fitando o rio, Daniel declarou:

— É exatamente como Mark Twain o descreveu. Lindo e feio, ao mesmo tempo.

Annalee e Daniel levaram quase dois anos e US$52 mil para concluir o *Cidade de Baton Rouge.* Para Daniel, o tempo passou rápido. Quando ele não estava lixando a escada de nogueira, ou pintando uns dos quarenta camarotes, seu nariz estava enterrado em qualquer livro que conseguia encontrar sobre embarcações hidrográficas — especialmente sua construção, designação e história. As velhas e carcomidas fotos do *Natchez,* do *Grand Republic,* do *Robert E. Lee* e do *Mary Powell* lhe sensibilizavam com sua força e graça. Ele leu sobre as grandes corridas, naufrágios desastrosos e outras lendas do rio; os bravos capitães, os jogadores trapaceiros, os marinheiros ardilosos e bêbados. No início da noite, verificando se as linhas de pesca no final do cais tinham pegado algum bagre, ele imaginou o apito e os sinos de navios fantasmas atravessando a bruma. Cada pedacinho de conhecimento, cada sentimento, trazia um respeito mais profundo e apaixonado pelo seu trabalho diário a bordo do *Cidade de Baton Rouge.*

Entretanto, para Annalee, o tempo passava lenta e indolentemente como o próprio Mississippi. A sensação de realização que animava Daniel não mexia da mesma forma com ela. O trabalho era interessante, desafiador e recompensador, mas não a excitava — não do mesmo modo que tinha sentido no Quatro Duques, não como o toque da luva de Shamus na parte inferior das suas costas.

Ela telefonava para Dave Jaspars sempre que eles precisavam de dinheiro para material ou ferramenta. A primeira vez que ela ligou, ele disse-lhe que havia uma conta no First National Bank com o seu nome de Maybelline Wyatt. Ela era agora a filha viúva de J.C. Allsop, um magnata da cana-de-açúcar de Louisiana e proprietário original do *Cidade de Baton Rouge,* suas instalações e vinte hectares da propriedade ribeirinha ali em volta — tudo isso ela tinha herdado devido à sua morte prematura num bordel de Nova Orleans. Numa voz bem feminina, Dave Jaspars explicou que o barco seria usado como um centro de comunicação e, ocasionalmente, para encontros mais importantes. Para a profunda decepção de Daniel, no entanto, a máquina

a vapor não seria substituída, nem qualquer outro meio de locomoção instalado. O *Cidade de Baton Rouge* permaneceria fundeado.

O trabalho prosseguia sem que nunca houvesse rodeios quanto a despesas ou estilo. Toda chamada requerendo dinheiro era respondida com um depósito imediato na sua conta, e nenhuma questão envolvendo gosto e método era levantada. Eles nunca encontraram Dave Jaspars. Ninguém da AMO veio inspecionar o trabalho deles. Os únicos visitantes eram uns malucos do rio (a quem Daniel sempre convidava para jantar e saqueava seus conhecimentos) e os trabalhadores que eles contratavam para tarefas especiais. Daniel, que apreciava o calor da madeira e candelabros com lamparinas originais, ficou decepcionado com as linhas de força e os geradores de resistência dentro da sala de máquinas.

Annalee esperava que eles terminassem tudo antes do 12º aniversário de Daniel, porém eles mal tinham começado a pintar a sala de jantar quando março chegou. Annalee tinha lhe dado o seu presente mais importante de aniversário — um excelente telescópio — naquela manhã; assim que eles terminaram o jantar de aniversário, levaram o telescópio para o convés superior e observaram as constelações do inverno. A noite fria e açoitada pelo vento logo fez com que eles voltassem para dentro da sala de jantar do capitão, que eles utilizavam como quarto. Daniel aguardou na ponta da mesa enquanto Annalee desceu até a cozinha e reapareceu logo em seguida com o bolo de aniversário, 12 velinhas brilhando, e o colocou à sua frente cantando feliz aniversário. Os olhos de Daniel cintilavam à luz das velas.

— Não esquece de fazer um pedido antes de assoprar — lembrou-lhe Annalee.

Daniel pensou um segundo, respirou fundo e assoprou todas as velas, menos a que estava no meio. Annalee imediatamente estendeu a mão e a apagou com as pontas dos dedos.

— Acho que não vou conseguir o que pedi — desconfiou Daniel. Frequentemente, Annalee pressentia um tom de autopiedade na voz dele. Ela não sabia como reagir àquela repentina mudança de humor. — Você sabe o que eu pedi? — disse Daniel, prosseguindo antes que ela pudesse responder. — Pedi para conhecer quem foi o meu pai.

Ela entendeu a relação com o dia de seu aniversário, mas ainda estava desorientada. Ela sentou no outro lado da mesa, sentindo-se subitamente velha e inútil.

— Eu já te falei antes, Daniel... eu não sei. Eu era jovem, maluca, perdida. Eu dormia com qualquer um que pudesse me aquecer durante a noite. Pode ter sido tanta gente. Gostaria de poder te dizer.

— Diga para mim — gritou Daniel. — Diga! Você *tem* que saber!

— Eu não sei, Daniel. Honestamente, não sei.

— Mentirosa! — explodiu ele na sua cadeira. — *Diga-me!* — Ele ergueu o braço direito e deu uma pancada com o punho em cima do bolo.

Annalee lhe deu um tapa tão forte que a mão ficou dormente. Daniel cambaleou, tentando se segurar numa cadeira. Ele levou a mão besuntada de creme até o rosto, piscando rapidamente por causa das lágrimas.

— Porra, seu merdinha — berrou Annalee —, isso *dói.* Você acha que não dói em mim também?

Chorando, Daniel assentiu, mecanicamente.

— De onde vem isso? Por que você está fazendo isso?

Daniel continuou assentindo.

— Fale comigo, Daniel. Você não pode fazer isso comigo e ir se esconder. O que que há?

Daniel soluçava.

— Eu só queria ter uma coisa. Uma coisa que eu não consigo imaginar.

Annalee entendia agora o que ele queria. Ela sentou, sentindo-se repentinamente calma.

— A primeira vez que eu vi o seu pai — começou ela — eu estava escondida num balneário em Anchor Bay, cerca de uns oitenta quilômetros do Quatro Duques, seguindo o litoral. Havia uma seca terrível que já durava dois anos; praticamente todo mundo estava em busca de água. Eu acordei numa madrugada de verão e olhei pela janela. Uma neblina espessa flutuava lá fora, leitosa na primeira luz do dia. Eu vi um homem lá no pasto, um homem alto e de barba usando um chapéu alto e uma capa que o vento agitava. Ele tentava achar água com uma forquilha que segurava na frente. Eu prestei atenção nele enquanto trabalhava no campo. Eu fui andando até o pasto e parei na sua frente. Ele esticou a capa no chão. Sem dizer nada, nós fizemos amor. Quando acabamos, ele cobriu meus ombros com a capa. Antes de ir embora, ele apontou para o campo e disse. “Tem uma fonte profunda perto do centro, mas não é necessário cavar. Logo vai chover.” E na manhã seguinte, acordei com uma chuva suave e gostosa.

Daniel assentia solenemente.

— Seu pai — disse Annalee — era um capitão de um barco do rio. O seu barco chamava-se *Delta Queen.* Eu era uma garçonete, uma jovem *cajun*[4] de um afluente do rio. Lembro como eram fortes os seus braços girando o timão. Você foi concebido no chão da casa do leme, o timão mexia-se suavemente e o barco corria livre. Em seguida houve um tremor de terra. Eu não o sentia na água, de início, mas dava para ouvir as pessoas gritando nas margens e para ver o alto das árvores tombarem ao luar. O rio parecia simplesmente rolar sobre todas as coisas e se podia ouvir as vigas do barco estalarem como se fossem tiros de revólver e os vidros se estilhaçando no salão. Eu estava a caminho da sala do timão com uma garrafa de conhaque e fui arremessada para baixo da escada. As pessoas berravam e pulavam para fora do barco. De repente, o seu pai estava lá, levantando-me nos seus braços e me carregando até o convés. Havia um pequeno bote atado à proa. Ele o cortou com a sua faca e me colocou lá dentro. Me beijou, disse que me amava e então o desceu até a água. Depois voltou para ajudar os outros. À medida que me afastava, ainda segurando a garrafa de conhaque na mão, eu o vi correndo para dentro do salão, um pouquinho antes de tudo explodir em chamas.

Daniel fechou os olhos, distraidamente tocando a bochecha onde Annalee o tinha esbofeteado.

— Seu pai era um bandido — continuou ela. — Eu servia coquetéis num bar horrível de Chicago. Já tínhamos fechado e eu e o barman estávamos lavando os últimos copos quando ele apareceu saindo do banheiro com uma pistola na mão. Ele amarrou o barman e o trancou dentro da despensa e esvaziou a caixa registradora, depois jogou uma moeda para baixo do balcão na minha direção, onde ele havia dito para que eu ficasse sem me mexer. “Ponha uma música na máquina”, disse ele. Perguntei o que ele queria ouvir. “Qualquer coisa que consiga animar você um pouco”, ele riu. Era a risada mais doce e mais solta que jamais tinha ouvido. Eu acabei dirigindo o carro em que ele fugia até o seu apartamento. Não. Espera. Estou mentindo para você.

Daniel lhe deu uma olhada penetrante.

— Nós não fomos para a casa dele. Fizemos amor ali mesmo, em cima do longo balcão de mogno.

— *Mãe!* — Daniel ficou corado. — Nossa.

— Você quer conhecer o seu pai e eu não sei quem ele é. Então eu vou lhe contar tudo que mexeu comigo nos homens que conheci, o que eu admirei, gostei, sonhei e desejei. E quando eu terminar, você ainda não terá

um pai, ainda não saberá quem é o seu pai, mas você vai ter uma ideia muito melhor de quem *eu* sou, e que você é meu filho, e que eu te amo.

"Seu pai era um alpinista que desapareceu lá no topo. Eu o encontrei num bar em Katmandu pouco antes de ele começar a escalada. Eu lembro...

O bolo amassado entre eles intacto, Annalee continuou por quase duas horas, todo homem de carne e osso ou de sonho que ela conseguia lembrar ou inventar, heróis, poetas, fora da lei, loucos. Daniel ouvia atentamente e, quando ela acabou, ele fez algo que encheu os seus olhos de lágrimas: partiu um pedaço do bolo desfigurado e ofereceu para ela.

Para surpresa de ambos, eles terminaram o barco no dia 1º de abril. O trabalho que unham feito, eles concordavam, tinha sido excelente. A rainha lastimável teve sua magnificência restaurada — dos tapetes belgas até os candelabros, ela agora possuía uma austera elegância e uma luxuosa dignidade.

Annalee telefonou para Dave Jaspars naquela noite e disse-lhe que o trabalho estava concluído.

— Fantástico! — Ele parecia sinceramente satisfeito. — Tirem umas férias por algumas semanas, ou então fiquem por aí mesmo e aproveitem os frutos do labor. Elmo deve passar por aqui lá pelo final do mês e ele dirá para vocês o que fazer em seguida.

— Imagino que você tenha uma ideia do que possa ser — incitou-o Annalee. Dave Jaspars adorava fofocas e estava sempre deixando dicas de que ele sabia muito mais do que podia contar.

— Bom... — começou ele, meio evasivo. — Você sabe, eu não devia te contar isso... mas você vai para Indianápolis viver num convento com as irmãs do Sagrado Coração e Daniel vai para o Paraguai estudar medicina alucinógena com um xamã Yatati.

Annalee ficou atordoada. Ela podia ouvir a si mesma produzindo um estranho som agudo e nasal, mas até soltar para fora um "Não!", ela não tinha percebido que estava tentando falar.

— Primeiro de abril! — Dave Jaspars ganiu de alegria. — Peguei você!

— Seu panaca miserável — disse Annalee, friamente. — Ainda bem que eu não sei com o que você se parece, senão eu ia caçar e mostrar pra você o que é loucura de verdade.

— Pelo amor de Deus, senhorita Wyatt — disse ele —, não imaginava que você pensasse isso de mim. Você não sabe que primeiro de abril é a única data religiosa que nós celebramos?

— Não — afirmou Annalee, sorrindo —, mas parece que é.

Quando Elmo Cutter entrou no salão principal, ele retirou o charuto da boca e assobiou suavemente.

— Caramba.

Daniel achou que era o momento certo para forçar sua ideia no sentido de uma restauração completa.

— Ficaria realmente lindo no rio, mas para isso precisaria consertar o motor, ou talvez colocar um novo.

— Não, Daniel, isso não vai acontecer. Ele vai funcionar como um centro de comunicações fixo. Chamaria muita atenção dentro d'água.

Exasperado, Daniel abriu os braços apontando para o salão.

— Então para que se incomodar fazendo isso? *Tudo* isso? Por que então não fazer algo barato, prático, funcional?

— Porque não seria a coisa certa a se fazer — observou Elmo. Sua voz era capaz de partir um osso.

— Fazer pela *metade* é fazer certo.

— Nesse caso é. Pô, meu filho, não temos como bancar para fazer tudo isso, e uma casa de força duplicaria o orçamento e o inutilizaria para o que nós temos em mente.

Daniel resmungou.

— Isso faz o nosso trabalho parecer sem sentido.

Elmo deixou cair a sua mão carnuda no ombro de Daniel.

— Agora, *isso* é com você mesmo, ter ou não ter sentido. Pra mim, vocês fizeram um puta de um bom trabalho, e antes que você comece a me morder o traseiro como um buldogue por causa desse motor e me faça sentir malvado, deixa eu agradecer, está bem? Agora pode continuar me mordendo, se quiser, ou podemos sentar juntos nessa bela mesa e conversar. — Ele levantou a mão do ombro de Daniel e tocou na superfície polida da mesa. — Que tipo de madeira é essa, afinal?

— Nogueira — disse Daniel.

Elmo a acariciou com seus dedos grossos.

— Isso está simplesmente uma beleza.

Annalee disse:

— Bem longe daquela sarnenta mesa de cartas, não é?

— Muito longe. — Ele olhou Daniel. — Vocês fizeram maravilhas.

— Não sei se faz diferença — respondeu Annalee —, mas eu concordo com Daniel.

— Faz diferença, mas não muda nada.

Annalee se sentou.

— Então vamos conversar sobre outra coisa, como por exemplo, como estava isso antes, como está agora e aonde nós vamos a seguir?

— Isso depende de vocês — comentou Elmo, sentando no lado oposto a ela. — No mês que vem esse barco aqui vai receber um equipamento de rádio. Haverá uma tripulação constante de uma dúzia de pessoas e, ocasionalmente, a casa cheia. Vocês são bem-vindos se quiserem ficar e aprender um pouco de engenharia de comunicação, que é uma boa coisa a se saber nesses dias, ou então tem uma vaga na nossa escola de idiomas em Waco, se quiser aprender espanhol enquanto garante que nossas fronteiras continuem abertas para certos bens e certas pessoas. Há um barco coletivo de pesca de salmão em Washington que tem sempre lugares sobrando, e esse tem até um motor, pelo menos, na maior parte do tempo, e uma tripulação que deve ter sido pirata cem anos atrás. Ou, se quiserem aprender as belas artes da impressão e fotografia, tem uma gráfica pronta para iniciar a produção...

— Gráfica? — interrompeu Daniel.

— Documentos, licenças, esse tipo de coisa.

— Falsificações — disse Daniel.

Elmo encolheu os ombros.

— Bem, nós temos muitos selos oficiais; simplesmente não temos tantas autorizações para usá-los.

— Onde fica a gráfica? — perguntou Annalee.

— Berkeley. Na Califórnia.

— Berkeley, Califórnia — repetiu Annalee com sonhadora alegria. — Credenciais de identidade, certificados de conclusão. Perfeito. Ficamos com isso. — Ela virou-se para Daniel. — Suponho que esteja bem para você.

— Eu gostaria de morar numa cidade — disse Daniel.

— Por quanto tempo? — perguntou ela a Elmo.

— Até vocês cansarem ou aquilo pegar fogo... gráficas têm tendência a isso. Mas, quanto melhor for o papel, menor o calor.

Annalee consentiu.

— Quando?

— Agora mesmo, se quiserem. Vai levar ainda um mês antes que todos os equipamentos e materiais sejam entregues, mas a casa está pronta.

— Ela não precisa de motor, precisa? — indagou Daniel, mas estava sorrindo.

Elmo devolveu-lhe o sorriso.

— Você sabe como chamamos um buldogue que sabe a hora de soltar a presa?

Daniel balançou a cabeça.

— Esperto.

— Sabe como chamamos um barco sem motor? — perguntou Daniel.

Elmo deu um suspiro.

— Deixa eu ver. Pateta?

— Não. Chamamos de centro de comunicações.

— Sabe, eu vou começar a carregar uma colher comigo.

Daniel não entendeu.

Elmo explicou então:

— Com toda a merda que eu tenho que engolir nesse trabalho, até que poderia usar uma.

Annalee disse:

— Já que estamos mesmo fazendo perguntas, e já que vocês confiam em nós o suficiente para pôr uma gráfica nas nossas mãos, há uma coisa que eu quero saber. Por onde anda Shamus Malloy atualmente?

— Em alto-mar com uma pequena tripulação de caçadores de tesouro. Aquele cientista pirado ainda não apareceu.

— Que tipo de tesouro? — perguntou Daniel.

— Prata e ouro.

Annalee sorriu.

— Aposto que ele está feliz.

— É o que esperamos — observou Elmo.

A casa em Berkeley ficava na rua McKinley, não muito longe da escola. Quando o caminhão de mudanças da companhia Helmsbro (‘Se a gente não pode, você se fode’, proclamava seu lema bem típico de Berkeley) entregou uns móveis ostentosos um mês mais tarde, Annalee e Daniel acharam resmas de certidões de nascimento em branco, carteiras de motorista de todos os estados, dispensas de corporação, passaportes e numerosos selos oficiais de vários governos estaduais e agências nacionais. A pequena câmara escura no banheiro do segundo andar tinha sido concluída antes de eles chegarem, a Multilith e a mesa de prensa, ladeadas por uma bateria de máquinas de escrever, estavam instaladas no quarto adjacente. Após a simpática tutela de Jason Wisk, o corretor imobiliário, eles podiam criar a documentação de uma nova identidade em meio dia. Visto que Annalee gostava de trabalhar dentro da câmara e com gravação em alto-relevo, enquanto Daniel estava particularmente atraído pela impressão, o trabalho foi dividido em áreas de interesse natural. Jason coordenava as encomendas de trabalho, que eram regulares o bastante para mantê-los ocupados mas não para sobrecarregá-los. Nenhum freguês ia até a casa; se fossem necessárias fotografias, ou Annalee trabalhava a partir de negativos em outro lugar, ou fazia as fotos ela mesma no escritório imobiliário de Jason.

Já que Daniel tinha frequentes atritos por não estar na escola, raramente ele saía de casa antes das três nos dias de semana. Normalmente, ele fazia impressões até o meio-dia e lia após o almoço por pelo menos duas horas, antes de sair para explorar a vida nas ruas de Berkeley.

Em comum acordo, as noites pertenciam à Annalee. Ela sentia-se particularmente atraída pelo Get-Down Club do Dr. Jamm, lá em Shattuck. Rapidamente fez amizade com os músicos e artistas que viviam por lá. Logo virou a cantora e instrumentista de um grupo perpetuamente fragmentado conhecido como os Random Canyon Raiders, em cujo repertório havia música tradicional, embora desconhecida, sucessos, assim como espontâneas e estridentes polêmicas sociopolíticas e pornográficas. Os Random Canyon Raiders se dedicavam às altas horas e às artes rasteiras, e Annalee redescobriu a vida social. Ela começava a se soltar.

Porém algumas trajetórias são imunes à mudança: um ano depois, no início de maio, procurando um livro de poemas recomendado por um de seus amigos do Random Canyon, ela viu Shamus Malloy em pé na seção de

química na Biblioteca Pública de Berkeley. Seus cabelos estavam pretos, a barba bem-feita e, a julgar pela manga dobrada do casaco, ele tinha perdido o braço esquerdo. Mas tinha tanta certeza de que era Shamus que se aproximou casualmente e puxou a manga vazia.

Shamus fechou o livro que estava examinando e o devolveu à estante sem dar por sua presença.

— Eu tenho amado você e sentido a sua falta a cada minuto nesses últimos dois anos — sussurrou ele, olhando para os livros — e estou com medo de olhar para você, medo de que não seja você, talvez seja uma alucinação desesperada, um sonho ardente.

— Fica mal eu te abraçar aqui? — perguntou Annalee com a mão aberta contra as suas costas.

— Provavelmente, não — sorriu Shamus —; mas, por favor, por favor, abrace-me de qualquer maneira. — Quando ele se virou para olhá-la havia lágrimas nos seus olhos. Ela sentiu o seu braço esquerdo sob o casaco quando se abraçaram.

— O que estamos fazendo aqui dentro num dia incrível de primavera como este? — murmurou Annalee. — Vamos dar uma volta, se isso for permitido.

— Tudo é permitido — disse Shamus —, basta tomarmos cuidado. — Ele olhou dentro dos seus olhos quando disse isso, depois lançou o olhar por cima dos ombros. — Primeiro as damas.

Eles andaram dois quarteirões até o Swensen’s Burger Palace, pediram café e foram sentar-se na parte de trás.

— E aí — disse Annalee —, como vão as coisas? A única notícia que tive era que você estava em algum lugar caçando tesouros.

— É verdade. Eu estava entocado em alto-mar. Estivemos mergulhando em busca de navios naufragados na costa da Colômbia. Muito trabalho, mas com certeza cheio de momentos geniais. Deve ser uma das mais maravilhosas sensações do universo ficar em pé no convés com uma barra de ouro, ainda pingando água do mar, na mão. Não é tão incrível quanto abraçar você, é claro, mas a gente pega o que encontra disponível.

— Continua falando desse jeito — observou Annalee. — Daniel estava me perguntando outro dia por que eu gostava tanto de poetas como você; eu disse que era porque vocês sabem falar tão bem.

— E como está Daniel?

— Está com treze anos, já chegando aos trinta e fazendo a maior força para cortar o cordão umbilical.

— Isso não deve ser coisa difícil... você não é do tipo que gosta de sufocar os outros.

— Como você pode saber se nunca me deu uma chance?

— Se não tiver nenhum outro homem na sua vida neste momento, talvez eu lhe dê uma.

— Só o Daniel, e ainda não está bem claro se ele é um homem jovem ou um velho menino. Mas, e quanto a você? Está em condições de sair para brincar agora? — Ela passou a ponta do dedo preguiçosamente sobre a borda da caneca de café.

— Meu acordo com Volta é que seria um bom menino por dois anos. *Cooperativo* foi o termo. Imagino que você não saiba que Gerhard von Trakl voltou para o trabalho semana passada resmungando coisas sobre centros sequenciais e as danças inextricáveis das partículas e das ondas. Ele alegou que tinha estado no deserto pensando nessas coisas. Provavelmente é verdade, de acordo com as informações da AMO... vestido em farrapos com os cabelos e a barba crescidos. Não há informação sobre o interrogatório, mas evidentemente ele contou o que aconteceu, que eu o deixei na estrada e sumi noite adentro. É difícil acreditar que eles tenham encoberto a sua ausência por tanto tempo, mas o velhote não tem família e a palavra oficial era que ele estava em missão especial.

— Então agora você está legal?

— Bom, não totalmente. Eles ainda estão me procurando, mas sem tanta urgência.

Com um discreto sorriso e um aborrecimento explícito, Annalee disse:

— Então você está pronto para tentar o urânio novamente?

— Não — disse Shamus. — Plutônio, a rainha negra e decadente em pessoa. E dessa vez para resgate: o desmantelamento de *todas* as instalações nucleares do país. Sem falar no embaraço político por ter sido roubado, a admissão de vulnerabilidade. — Ele curvou-se sobre a mesa. — Armas nucleares são uma loucura. Tem que se acabar com isso. O conhecimento e as tecnologias estão sempre lá, antes da nossa capacidade de entender as consequências. Aceleradores lineares, reatores regeneradores... o que eles fazem além de apressar todas as coisas para além da compreensão enquanto acumulam materiais mortíferos de espécies e em quantidades nunca pretendidas pela natureza? É uma doença de ganância e poder, como

acumular ouro, e todo esse poder nas mãos de tão poucos definha o coração. Nós temos que parar, parar e pensar com firmeza sobre as consequências de se possuir tanta energia e o que isso pode desencadear. Eu disse que o resgate seria o desmantelamento de todas as instalações nucleares, mas não é realmente assim. O resgate é o tempo. Tempo para considerar, avaliar e julgar. O tempo é o coração da tragédia. Li novamente Sófocles no barco: 'Tudo entendido tarde demais'. Leva tempo até se entender alguma coisa, e orgulho, ignorância e medo só facilitam a queda. O tempo está se esgotando. Já é quase tarde demais. O que me dizem minhas entranhas é: Temos que comprar o tempo. E a única moeda na qual consigo pensar é o plutônio.

— O ouro não enferruja — lembrou-o Annalee — mas o plutônio deteriora.

— Exatamente. E é uma deterioração mortífera. O plutônio é feito pelo homem, a primeira criação transurânio. É a verdadeira noiva de Frankenstein: mágica, fascinante, poderosa... porém sem alma. Não precisamos dela. Acho que foi isso que Jacob Hind quis dizer com seu último suspiro: "Volte para noventa e dois." Se você roubar o fogo, você será queimado.

— Mas não é isso que *você* quer fazer?

— É, mas com uma crucial diferença. Vou roubá-lo *dos* homens e *devolvê-lo* aos deuses, ou, como última exigência, abandonemos nosso poder de fogo literal até que sejamos sábios o suficiente para não o usarmos.

Annalee sorriu docemente.

— Eu adoraria discutir as implicações filosóficas do poder de fogo com você quando nós acabarmos de transar.

Por alguns instantes ela achou que tinha cometido um engano, um sacrilégio feminino não levando a sério os homens e seus poderes, questionando suas paixões heroicas, porém o brilho colérico em seus olhos desapareceu imediatamente e ela sentiu a mão enluvada sobre a sua coxa debaixo da mesa.

— Senti a sua falta também — disse ele. — Eu tenho um lugar em Richmond, suponho que a gráfica deve estar movimentada.

— Estava imaginando por que eu tive a impressão de que o nosso encontro na biblioteca não foi mera coincidência. Como você soube onde me encontrar?

— Eu tenho as minhas fontes. E a AMO, convenientemente, está cheia de almas românticas que gostam de ver os jovens juntos, mesmo quando não é muito bom para a segurança.

— Aposto que não foi Elmo.

— Elmo não me diria, mesmo que eu tivesse uma flecha nas costas.

Quando eles levantaram para ir embora, Annalee perguntou:

— Você acha que a AMO vai tentar impedi-lo?

— Acho que eles vão fazer o que consideram ser o certo, assim como eu. Mas, primeiro, eles vão ter de descobrir o que é que eu vou fazer, o que eu duvido, mas não é impossível. A AMO tem talento para obter informações de alta qualidade. É a verdadeira força deles.

— Minha também — observou Annalee, enlaçando a sua cintura com o braço e enfiando o polegar por trás do cinto. — Cara a cara, corpo a corpo, boca a boca.

Annalee só voltou para a rua McKinley tarde da noite. Daniel e Jason estavam na mesa da cozinha jogando xadrez.

— Oi, mãe — cumprimentou-a Daniel, mas a sua atenção permaneceu no tabuleiro.

— Eu costumava jogar muito bem xadrez — disse Jason —, mas Daniel está me mostrando a realidade.

Daniel moveu uma torre para trás da sua rainha.

Jason assistiu ao movimento com um ar melancólico.

— Mais três movimentos e só um ato divino poderia me salvar. Eu me entrego. — Com uma formalidade elaborada, ele fez tombar o seu rei, acenando a cabeça para Daniel. — Você joga bem.

Annalee, em pé atrás de Daniel, passou sua mão pelos longos cabelos castanhos e disse a Jason:

— Quando eu jogo com ele, ele me dá uma vantagem de uma torre, dois peões e três *oversies.* E ainda me dá uma surra, como num cachorro estúpido.

— *Oversies* —, repetiu Daniel com aversão. — Ela diz que esse é o regulamento para as garotas. Existem mesmo regras diferentes para as garotas?

— Pelo menos é o que elas alegam — suspirou Jason.

— Elas foram escritas?

Annalee gentilmente empurrou a cabeça de Daniel em direção ao tabuleiro, respondendo:

— Nunca. Esta é a primeira regra.

Jason riu. Ele era um cara brilhante, doce, cheio de consideração, boa-pinta e modesto sem, no entanto, ser bicha. Ele tratava Daniel como uma pessoa verdadeira, não uma criança. Annalee gostava dele, tinha se sentido atraída por ele no início, mas o fato de ele ter um casamento sólido e três filhos em casa fez com que as coisas tomassem outro rumo. Mas era atípico que ele ficasse até tão tarde fora de casa, então ela disse:

— Será que Millie finalmente pôs você para fora ou nós temos uma encomenda urgente no quadro de avisos?

Jason limpou a garganta.

— Nada disso. Millie e as crianças estão visitando seus pais em Santa Monica, daí que tenho permissão para ficar na rua até escurecer e, afora os papéis de viagem do senhor Elwood, o quadro está vazio, e esses não têm pressa. Eu só passei para tomar algumas lições de humildade nas mãos de Daniel e transmitir algumas informações que podem ou não te interessar... já que não fazem sentido para mim, eu não deveria saber. A mensagem é que o cientista errante reapareceu e você pode aguardar uma visita do seu velho amigo chamado Malloy. Eu tenho um número de telefone para você chamar se quiser maiores informações. Ou se tiver alguma. — Ele lhe entregou um papel dobrado que estava no bolso do casaco. — *Foi pescar* é o código de acesso.

Daniel virou os olhos.

— Que coisa piegas.

— Mas discreta — acrescentou Annalee. Ela colocou o número de telefone dentro da sua bolsa sem olhá-lo.

Assim que a porta fechou atrás de Jason, Daniel virou-se para Annalee e disse:

— Eu aposto cem noites de lavagem de louças contra aquele velho pedaço de aipo na geladeira como você esteve com Shamus hoje.

— Você não devia se aproveitar da sua mãe quando ela se encontra numa situação frágil. Sem apostas, seu moleque. Mas devo dizer que você é muito perspicaz, ou eu sou realmente transparente.

— Ora, foi fácil para eu saber porque você tem a mesma expressão naquela manhã depois da primeira vez que passou a noite com ele.

— Que tipo de expressão? Resplandecente? Arrebatada? Estúpida?

— É. Só que eu diria que é mais tipo cintilante e feliz e um pouquinho preocupada. Não, preocupada, não... triste.

— Acho que isso envolve tudo — disse Annalee.

Shamus tinha pedido a ela especificamente que não contasse para Daniel sobre o roubo de plutônio que ele estava tramando, mas ele não conhecia Daniel como ela o conhecia. Ela concordou em não dizer. Mas confiava em Daniel mais do que poderia jamais confiar em Shamus. A poderosa combinação entre o regulamento das garotas e o regulamento das mães proporcionava uma exceção. Ela contou tudo para Daniel, exceto o alvo. Quando ela terminou, ele veio com seu habitual caminhão de perguntas. A primeira delas apertou o seu coração.

— Você acha que ele vai se dar bem?

— Arrggh — gemeu Annalee. — O único problema com vocês, homens, é que vocês são machos! Que diferença faz se ele se der bem? Se não conseguir, ele morre ou vai para a prisão por um bilhão de anos, e se conseguir, vai ser caçado até debaixo da terra. Não faz porra de *diferença* nenhuma, não dá para você ver? Quando eu estou com Shamus, há algo entre nós de que eu preciso. Não é Shamus e não sou eu; é o que somos juntos. Uma conexão. Um circuito. E se não estamos juntos não existe conexão e o circuito está rompido e a seiva não flui. E se ele roubar o plutônio ou não nós não estaremos juntos.

— Você está apaixonada?

— Gostaria de ter a oportunidade de descobrir.

Daniel pensou por um momento.

— Talvez seja melhor você ligar para aquele número que Jason trouxe e conseguir maiores informações.

— Não posso. Seria traição. Eles tentariam pará-lo.

— Não, eu quis dizer conseguir informações sobre o amor. Você não precisa mencionar o plutônio.

— Daniel, eu *teria* que fazê-lo. Além disso, eu tenho mais informações sobre o amor do que preciso.

— Bem, talvez você possa fazer Shamus desistir disso.

— Talvez eu pudesse fazer um pássaro desistir do céu.

Daniel começou a guardar as peças de xadrez.

— Eu não vejo nenhum bom final.

— Nem eu.

— O que você vai fazer?

— Aproveitar enquanto eu posso e chorar quando estiver acabado.

Daniel olhou-a de um modo confuso, mas não disse nada. Ele fechou o tabuleiro de xadrez e o colocou dentro da caixa.

— Pensei num bom final.

— Me diz.

— Se o Shamus roubar o plutônio e colocá-lo bem perto de todas as usinas nucleares, talvez ele seja um herói. Pode ser que lhe deem uma medalha em vez de o colocarem na prisão, e vocês poderiam se casar.

— Você quer apostar cem noites de louças nisso?

— Não.

— Que tal uma noite contra mil para mim?

— Claro. Eu vou sempre apostar que *alguma coisa* pode acontecer. Adoro tiros de longa distância.

— Ah é? Bom, eu amo *você.* — Ela pôs o braço em volta do seu ombro e o apertou na sua direção. — Obrigada pelo apoio moral. — Ela deu uma breve risada. — Apoio *moral.* Como você pode dar apoio *moral* a uma mãe solteira e falsificadora que tem a sua cabeça e o seu coração numa espécie de poeta louco que planeja um roubo de plutônio? Meu Deus, Daniel, não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

Daniel apertou-a levemente nos seus braços mas não disse nada.

Annalee e Shamus viam-se uma vez por semana, durante o primeiro mês, trocando mensagens para terem certeza de que não estavam sendo seguidos. Quando a situação pareceu mais segura, começaram a se encontrar mais frequentemente, mas sempre no apartamento dele em Richmond. Às vezes Daniel ia com ela, mas nessas ocasiões eles encontravam Shamus em outro local preestabelecido e iam ao cinema ou a um parque de diversões, ou dar um passeio subindo o litoral na velha Toyota de Annalee. Daniel não os acompanhava com frequência. Ele sentia que perturbava uma espécie de corrente que existia entre os dois. Shamus parecia também estar se esforçando ao máximo para impressioná-lo. E o incomodava que Shamus nunca mencionasse que estava planejando roubar algum plutônio.

Já fazia quase um ano e meio que Shamus e Annalee se amavam novamente, quando ele perguntou se ela o ajudaria no roubo.

Annalee sentou-se sobre a cama, a brisa de um outubro atipicamente quente entrava pela janela encarpelando seus cabelos.

— Fazendo o quê?

— Prefiro não dizer até que tudo esteja arranjado. É para sua proteção, você entende. Na verdade, serei o único a saber que você está envolvida. A tarefa em si é segura e simples, mas requer alguém em quem eu confie absolutamente.

Annalee disse de modo suave:

— Eu não quero que você faça isso, você sabe. O que não quer dizer que eu não vá ajudá-lo com tudo o que puder.

— Querida, vou experimentar para ver se você me ajuda ou não. E continuarei te amando quer eu tenha sucesso ou não. Mas não posso amá-la se formos transformados pela bomba nuclear em esquecimento. Existem coisas mais importantes do que nós.

— Bem, então vá fazer amor com elas. — Annalee jogou seus cabelos para trás. — Vá fazer amor com o mundo.

Shamus tocou os seus ombros nus com sua mão coberta pela luva negra, depois deslizou-a gentilmente espinha abaixo.

— É o que estou fazendo — disse ele.

Tremendo, Annalee se deitou ao seu lado e colocou a mão no peito dele.

— Eu ajudarei você.

O Natal se aproximava, e Shamus foi ficando cada vez mais mal-humorado e preocupado. Ele explicou para Annalee que estava pensando em roubar o plutônio na noite de Natal, mas que algo estava errado no plano. Algumas das pessoas de que ele precisava não estariam disponíveis antes do fim de janeiro. Foi a primeira vez que ela ouviu sobre o envolvimento de outras pessoas. Ela sabia muito bem que não devia perguntar quem eram e quantos estavam incluídos, mas ficou inquieta ao saber da existência de cúmplices — quantos mais souberem, maior o risco. Shamus lhe garantiu que eles não se conheciam e, com duas exceções, nunca se encontrariam — e os dois que se encontrariam ficariam juntos por menos de dez minutos, e isso seria após o trabalho. Ele ainda não queria dizer para Annalee qual seria o seu papel no golpe. Quando ela argumentou que gostaria de estar preparada, ele prometeu que ela saberia com bastante antecedência.

Como presente de Natal, Shamus deu para Daniel um cópia emoldurada da Tabela Periódica dos Elementos, da qual ele tinha cuidadosamente amputado o que chamava de “abominações transuranianas”. Para Annalee ele

deu um colar de correntes de ouro, cada elo delicado intricadamente ligado ao seguinte de um modo diferente. Quando ela o examinou mais tarde diante do espelho do quarto, assustou-se com a terrível compreensão de que ela era tudo que ele tinha na realidade. Ela sentiu um furioso impulso de arrancar o colar e fazê-lo em pedaços, mas em vez disso lançou-se sobre a cama e chorou. Desejava que aquilo acontecesse e logo estivesse acabado, fim — muito embora ela ainda não conseguisse ver um bom final. Porém o presente que ela e Daniel deram para Shamus ao menos mantinha a fé em uma feliz conclusão. Quando ele abriu o embrulho, achou 17 identidades diferentes para escolher. Ele riu do diploma de Harvard atestando seu doutorado em química. Foi a única vez que ele riu durante aquele dia.

Janeiro foi pior. Ele falava obsessivamente sobre plutônio, citando sua conexão mitológica com o submundo, que na verdade esse nome vinha de Pluto, deus da morte, e que o planeta que levava o seu nome estava ausente dos antigos mapas astrológicos — porque, ele especulava, estava destinado a permanecer desconhecido, conhecimento proibido, o limite perigoso. Também não escapava à sua observação que o sistema político americano, apesar da fachada democrática, era claramente uma plutocracia, um governo por opulência, fossem indivíduos ricos ou monopólios corporativos. Os sinais, ele repetia insistentemente, deixavam surpreendentemente óbvio que a consciência humana estava se movendo em direção a um apocalipse plutônico, um reino das trevas. A única esperança de parar com isso era um salto para a sabedoria, e a sabedoria leva tempo. Ele sequestraria a morte e exigiria o tempo como resgate.

Annalee se perguntava o quanto mais ela conseguiria aguentar, quando bateu à porta do seu apartamento na noite de 3 de fevereiro. Ela havia decidido que se ele mencionasse o plutônio ou a mitologia grega, ou outra qualquer noção associativa, se levantaria e iria embora. Em vez disso, ela encontrou uma garrafa de Mumm’s no gelo, taças arrumadas sobre a mesa à luz de velas e um Shamus feliz e descontraído.

— Está pronto para a noite do dia 15 — ele a cumprimentou. — O Laboratório Livermore. Quero que você coloque um dispositivo diversivo... uma pequena bomba... numa passagem na área industrial. Ela se encontra entre dois depósitos e não deve ter ninguém por perto... não há sequer um vigia. Depois que a tiver colocado, quero que ligue para mim de um telefone público. Eu lhe darei o número e os locais exatos na parte da manhã. Até lá

não falemos mais, não pensemos mais e não nos preocupemos mais com isso. Só você e eu no aqui e agora, todas as noites até lá.

— Sirva o champanhe — disse Annalee.

Annalee só voltou para casa no início da tarde do dia seguinte. Ela percebia pelo jeito de Daniel a olhar que ele sabia que alguma coisa estava acontecendo. Ela consultava cada uma de suas confusas emoções enquanto trabalhava na câmara escura, debatendo-se sobre se devia ou não lhe contar sem conseguir chegar a uma decisão. Após o jantar, ele disse sem preâmbulo:

— Você não devia ter me falado sobre o roubo de plutônio. Já que o fez, pode muito bem me contar o resto.

E assim ela fez e lamentou imediatamente.

— Eu quero ir com você — disse ele. — Eu quero ajudar.

— Não, de jeito algum, terminantemente e definitivamente *não.* Não, você não pode ir, e ponto final. Você não vai ficar andando de carro com uma bomba dentro.

— E você vai. Você disse que Shamus tinha falado que era seguro.

— Não vou deixar você se arriscar. Não. Ponto final.

— Eu também não vou deixar você se arriscar. Suponha que apareça alguém e veja você, entre o momento em que sair do carro para ir até a passagem e quando estiver voltando? Você precisa de alguém dentro do carro, um sentinela, para avisar se um policial ou outra pessoa aparecer... este é o ponto de maior vulnerabilidade. Além disso, sou um ótimo disfarce... se pararem você, quem suspeitaria de uma bomba com uma criança no carro?

— Exatamente. Nenhuma mãe no planeta seria tão estúpida. Incluindo eu.

— As mães argelinas levavam suas crianças quando iam colocar bombas.

— Ah é? Como você sabe disso?

— Leio livros.

— Não. *Não.* Esqueça.

— Eu quero pedir a Shamus.

— Porra, Daniel, você *não pode* pedir a Shamus: Você não deveria *saber* de nada, lembra?

— Mas eu sei.

— O que isso quer dizer? — disse Annalee com um tom gelado na voz. — Que você me trairia por causa de um despeito infantil?

— Não. Isso quer dizer que eu estou envolvido, porém não posso tomar parte na responsabilidade. Isso é uma traição também. Mãe, a gente divide tantas coisas... não tudo, mas um bocado. Eu estou a fim de dividir o risco de colocar a bomba porque eu divido o risco de saber sobre isso. Você tem que parar de se sentir responsável por mim. Já estou com quatorze anos. Preciso ser responsável por mim mesmo.

— Não gosto disso — respondeu Annalee, balançando a cabeça. — Não parece direito.

— Além do mais, você precisa de um sentinela e de apoio moral. E o disfarce. E eu preciso fazê-lo. Deixa eu ir.

Annalee abaixou a cabeça sobre a mesa. Quando a levantou ela disse com extenuada resignação:

— Tudo bem. Você pode ir. Não porque é o meu filho... isso desafia os meus instintos maternos... mas porque você é *você.*

Na noite seguinte, com Shamus, ela disse que tinha certeza de que Daniel sabia que alguma coisa estava acontecendo.

— *Merda* — explodiu Shamus, pulando da cama e andando nu pelo quarto.

Melindrada pela sua reação, Annalee não disse nada.

— Está bem — disse Shamus mais sob controle —, o que ele sabe, ou pensa que sabe? E como?

— *Como?* Puxa vida, Shamus, ele é um pedaço do meu coração! Ele pode sentir através de mim, é assim que ele sabe. E isso é provavelmente *o que* ele sabe... nada específico, apenas alguma coisa no ar, uma tensão, uma aresta.

— Ele *disse* algo específico?

— Já umas duas vezes ele me perguntou se estava tudo bem. Ontem ele me perguntou se estava acontecendo alguma coisa que ele devesse saber.

— O que você disse para ele?

— Disse que estávamos atravessando um período tenso na nossa relação.

— Você acha que ele falou com mais alguém?

— Isso nunca aconteceu.

Shamus deu alguns passos, depois voltou e se sentou na beira da cama.

— Daniel é brilhante, tem coração, é leal, mas é uma criança. Eu não conheço as crianças. Você conhece e, em particular, ele. Alguma sugestão sobre como cuidar disso? Ou foi para isso que você o criou?

— Se você está absolutamente certo de que a bomba pode ser transportada seguramente, eu acho que ele deveria vir comigo.

Shamus a encarou.

— Annalee, se aquela bomba não fosse segura, *você* não a estaria transportando. Você entende isso?

— Entendo. E sei que eu posso confiar em Daniel tanto quanto eu posso confiar em você.

— Ótimo. Você resolve com ele. Mas não lhe diga absolutamente nada sobre *quando* e *onde* vai acontecer até que estejam a caminho dentro do carro. E não conte sobre o que está envolvido. Apenas que vamos precisar da ajuda dele.

— Shamus, ele tem sido um fora da lei toda a sua vida. Ele falsifica documentos todos os dias. Ele sabe como são as coisas. Quando o roubo chegar aos jornais, você acha que ele não vai saber quem fez, o que aconteceu? E vai ficar magoado e puto da vida por não terem confiado nele... especialmente quando ele pode vir a sofrer as consequências? Você não acha que vai haver uma grande perseguição?

— Claro que não. Mas não esqueça, o plutônio é a nossa proteção. É por isso que eu tenho que tirá-lo de lá. Porque sem o plutônio não há equilíbrio. Eles são covardes, Annalee, mas não são estúpidos. Eles não vão atirar se souberem que podemos atirar de volta. E eles terão o mundo todo observando, porque vou fazer de modo que isso esteja em todas as primeiras páginas e em todos os aparelhos de televisão do mundo, e a primeira exigência é que todos os envolvidos sejam anistiados.

— E se disserem que é um blefe? Se não quiserem negociar?

— Eu perco. Eu me entregarei junto com o plutônio com a condição de que todos os demais envolvidos, que eu enganei ou forcei para que fizessem suas partes ínfimas, inocentes e desconectadas, tenham suas anistias garantidas. Mas, mesmo que chegue a isso, será um sucesso, pois terei apontado um espelho para a loucura deles, rasgado suas máscaras.

— E eles o prenderão para o resto da vida como um exemplo, talvez até o executem e nunca mais verei você novamente.

— Annalee — declarou Shamus —, isso está além de nós. Está gritando para ser feito.

— Eu vou gritar também — afirmou Annalee.

Shamus a envolveu com seus braços e a apertou, embalando-a enquanto ela dizia:

— Você acha que eu não vou?

Quando Annalee saiu para o apartamento de Shamus na noite do dia 14, ela abraçou Daniel e disse:

— Vou trazer uma bomba para você no café da manhã.

— Você está nervosa? — perguntou Daniel.

— Quase caindo aos pedaços. E você?

— Estou. Mas excitado também.

— Certo. Boa razão para você ir cedo para a cama e dormir bastante, de modo que amanhã esteja descansado e atento, porque vamos precisar estar na nossa melhor forma. E lembre-se de trancar as portas.

Eu o farei.

Ele não o fez.

Daniel estava na cama sem roupa quando se lembrou da porta de trás. Ele a tinha trancado mais cedo, mas então, como decidiu juntar todo o equipamento e deixá-lo pronto para o dia seguinte, fora até a garagem apanhar a tenda e não conseguia lembrar de tê-la trancado novamente. Ele estava tentando alcançar a lanterna quando uma voz feminina surgiu na porta.

— Eu o procurarei nas trevas.

Cuidadosamente, Daniel apanhou a calça ao lado da cama e dela retirou o seu canivete, abriu-o e o escondeu sob o cobertor. Quando ele colocou a calça de volta no chão, algumas moedas tilintaram dentro do bolso.

— Eu busco você no escuro pelo tilintar da prata e pelo som da sua respiração. Ele podia ouvir a sua mão apalpando a parede e então a luz do teto foi acesa. A mulher em pé ao lado da porta era jovem, bonita e, como Daniel rapidamente concluiu pelos seus olhos, muito drogada.

Ela o observava atentamente.

— Ah! Achei você. — Ela sorriu para ele. — Mas quem eu achei?

— Meu nome é Daniel — disse ele, surpreso demais para ficar calado.

Ela soltou um risinho afetado:

— Então aqui deve ser a toca do leão. — Ela entrou no quarto.

— Não, não é. É o meu quarto. Quem é você?

Mas ela estava olhando para o pôster da Nebulosa de Órion na parede sobre a cama.

— O que é isso?

— A Nebulosa de Órion. É o que se chama de nebulosa escura, porque ela não contém nenhuma estrela brilhante. As nebulosas escuras bloqueiam a luz das estrelas além delas, de modo que daqui elas parecem uns remendos escuros no céu. São como enormes nuvens de poeira interestelar. Alguns astrônomos acham que elas algum dia entrarão em colapso e formarão novas estrelas.

Ela olhou atentamente para o pôster por meio minuto.

— É lindo — exclamou ela, antes de se pôr a chorar.

— Às vezes eu penso do mesmo modo — declarou Daniel.

Ainda fungando, ela se sentou na beira da cama e, com a cabeça inclinada estranhamente, olhou para ele. Embora fosse uma noite fria, vestia somente uma blusa fina, jeans e sandálias.

— Nebula, *nebulae*; nebula, *nebulae* — entoou ela. — Você é muito jovem para ser um cientista, não é?

— Você é muito jovem para ser uma arrombadora?

— Ei — disse ela rispidamente. — Eu não sou uma arrombadora.

— Então por que você está aqui na nossa casa, tarde da noite, sem ter batido na porta?

— Eu perdi a festa — contou ela. — Quando você perde a festa, você tem que achar outra coisa. Tem que procurar uma porta aberta.

— Você tomou alguma coisa na festa?

Ela fungou, balançando a cabeça.

— Eu não sei.

— Qual é o seu nome?

— Esta noite é Brigitte Bardot. Como aquela antiga atriz francesa.

— Você é uma atriz?

Ela o examinou atentamente.

— Eu não sou nada.

— Você precisa de ajuda?

— Não — afirmou ela, começando a rir de repente —, está tranquilo.

Daniel começou a dizer alguma coisa mas ela estendeu o braço e colocou o dedo nos lábios dele.

— Chega de perguntas por enquanto. — Ela apertou mais forte o seu dedo. — Tudo bem?

Daniel apenas concordou.

Ela rastejou o seu dedo sobre o queixo e desceu até o pescoço dele, depois até o peito, no limite do cobertor que o cobria.

— O que você está fazendo? — perguntou Daniel, constrangido.

— Algo de que você nunca vai esquecer. — Ela empurrou o cobertor vagarosamente para baixo. Quando viu o canivete, ela o apanhou e colocou a lâmina para dentro. Curvando-se, ela o mordeu levemente um pouco abaixo das costelas e levantou novamente o cobertor. Quando ela levou o seu pau até a boca, Daniel sentiu um tremor e fechou os olhos.

A sua boca era insuportavelmente quente, infinitamente lenta. Quando Daniel atravessou a Nebulosa de Órion, ele descobriu que há coisas além da imaginação que existem mesmo assim.

Ela saiu uma hora mais tarde, deixando a porta trancada.

Quando Annalee voltou para casa no final da tarde, Daniel estava esperando para abrir a porta. Eles olharam um para o outro e perguntaram ao mesmo tempo: “Tudo bem com você?” E então riram.

— Parece que você não dormiu muito — disse Annalee para ele.

— E você parece inquieta e exausta — replicou Daniel.

— Você esteve agitado também, passeando por aí com uma bomba. — Notando o equipamento de acampamento empilhado no chão da sala, Annalee apontou e disse:

— O que é isso? Vamos acampar nas montanhas?

— Isso é o nosso disfarce. Vamos acampar em Yosemite.

— Tem uma pequena falha, não tem? Como o fato de estarmos em fevereiro, por exemplo.

Daniel mexeu nas coisas e fez surgir dois pares de botas de neve.

— Vamos acampar na *neve.* Aluguei isso hoje de manhã na loja REI. Lá fora, no estacionamento, um homem baixinho e barbudo me perguntou para onde eu estava indo...

Annalee ouvia distraidamente a elaborada história de disfarce que Daniel havia maquinado para o caso de eles serem interceptados na estrada com uma bomba dentro do carro. Mesmo assim, o homem de barba tinha lhe dado um embrulho para entregar à sua irmã em Livermore, uma espécie de tratamento ilegal contra o câncer vindo do México. A história tinha sido bem concebida, mas não faria diferença nenhuma se eles fossem interceptados no caminho, o que ela tinha certeza que Daniel entendia. Quando compreendeu a questão, ela sacudiu a cabeça.

— Daniel, valeu, mas você não pode me proteger de jeito nenhum se nós formos apanhados.

— Eu sou menor. Não iria para a cadeia.

— Você é um amor. E eu iria para a cadeia por contribuir para a sua delinquência, além da posse de dispositivo explosivo.

— Podíamos tentar.

Annalee não estava a fim de argumentar.

— Claro — concordou —, mas vamos torcer para que não seja necessário.

Daniel apontou para o teto.

— Mais uma coisa. Os papéis lá em cima. Eu coloquei os formulários novos e os selos num lugar seguro, mas se acontecer alguma coisa e eles revistarem aqui, vão achar.

— É, bom, a AMO simplesmente vai ter que engolir isso.

— Eu estava pensando que nós poderíamos deixar essas coisas incriminadoras na casa de Jason. Diga a ele que resolvemos ir acampar e não queremos isso por aqui.

— Mas nós já viajamos outras vezes e deixamos tudo escondido. Ele vai perceber que há algo estranho. E também nós não temos tempo.

Daniel considerou o assunto por um instante e depois deu com os ombros.

— Você sabe para onde estamos indo?

— Avenida Las Postas, em Livermore. Uma passagem entre uma oficina mecânica que fechou recentemente e um depósito vazio.

— Eu não posso cobrir as duas extremidades de uma passagem.

— Não precisa... é um beco sem saída, na forma de um T. Só para entregas e coleta do lixo.

— A bomba parece com o quê?

— Um cubo de metal preto lacrado, trinta centímetros de cada lado. Está dentro de um saco de papel de supermercado.

— Que tipo de bomba?

— Não perguntei.

— Quero dizer, ela tem um relógio? Fusível? Controle remoto?

— Eu não sei. E não me importo também. Que diferença faz?

— Só queria saber se ela estava armada.

— Não. Eu tenho que fazer isso na passagem. Tem um botão para eu apertar. Uma luz vermelha deve acender. Quer ela acenda ou não, nós

partimos imediatamente e ligamos para um número de um telefone público um quilômetro longe dali.

— Provavelmente um relógio. — Daniel murmurou para si mesmo.

— Certo. Acho que é. Shamus disse que ela tinha um relógio do Mickey Mouse lá dentro. E que o cara que a montou é um gênio no assunto.

— Como está Shamus?

— Foi-se. Não está lá. Não é à toa que está elétrico, a danada da bomba ficou a noite toda sob a cama, pode acreditar numa coisa dessa?

— Posso — disse Daniel, evasivamente. — Que tal o nosso tempo?

— Muito, não o suficiente e se esgotando. — Ela sentiu as lágrimas minando seus olhos e se dirigiu para o banheiro.

Daniel segurou sua mão quando ela passou e a reteve com os braços esticados.

— Tem certeza de que você está bem? Temos que nos concentrar.

— Se eu me concentrar ainda mais eu desapareço. — Ela respirou profundamente para se compor, curvando-se quando soltou o ar. — Isso tudo é uma burrice, impossível e sem sentido.

— Temos uma saída — acrescentou Daniel, gentilmente. — Ligue para o número que Shamus deu e diga a ele que o carro enguiçou. Posso jogar um pouco de açúcar dentro do tanque.

Annalee o abraçou, impetuosamente.

— Eu sei, eu sei. — Ela enterrou o rosto no seu ombro e apertou-o novamente. Depois de um momento, afastou-se e lhe deu um frágil sorriso. — Eu estou muito bem. Deu uma tremedeira por um instante, mas eu vou conseguir.

— Então vamos nessa — Daniel sorriu de volta. — Você vai ficar legal. Você sempre está.

Caía uma leve chuva quando eles saíram de Berkeley. Como Shamus tinha planejado, Daniel e Annalee pegaram um engarrafamento na hora de mais trânsito na 580 cortando o Castro Valley. Já estava quase escuro quando eles deixaram o Dublin Canyon. Annalee deu uma olhada no relógio quando eles viram a saída para Las Postas.

— Estamos indo bem? — perguntou Daniel. Eles quase não tinham se falado desde que saíram, mas era um silêncio consistente e confortável.

— Estamos indo bem — disse Annalee.

Quando passaram por um posto Texaco ela apontou para fora da janela embaçada pela chuva e falou para ele:

— Esta é a cabine de telefone que nós queremos, então estamos perto agora. Procure o quatro mil e oitocentos.

Quando Daniel localizou o número um pouco depois, ela virou à direita e deu a volta no quarteirão. Havia poucos carros nas ruas molhadas, e muito menos pedestres.

— Essa chuva é uma dádiva — observou Daniel. — Fica difícil ver pelo vidro, faz as pessoas se concentrarem na estrada.

Annalee disse distraidamente:

— Pequenas dádivas.

Ela parou na frente da passagem. Quando tocou a chave na ignição, sua mão ficou paralisada. Ela deu um risinho estúpido:

— Socorro! Eu desligo o carro ou deixo funcionando?

— Desliga — disse Daniel. — Os faróis também. E puxa para cima o capuz do seu casaco.

— Obrigada. — Ela sorriu para ele enquanto deixava o carro morrer. Depois deu uma olhada pelo vidro traseiro e outra para a rua à frente.

— Parece tudo bem — observou Daniel.

— Bom — disse ela, apanhando o saco de papel no banco de trás —, aqui estamos.

— Eu darei duas breves buzinadas se pintar algo parecido com um problema.

Annalee abriu a porta e saltou, fazendo uma pausa para lhe dizer:

— Você é especial, Daniel. — Ela fechou a porta com a perna, acomodou o saco nas mãos e seguiu rapidamente pela passagem.

Daniel mal podia enxergá-la através do vidro embaçado, então ele o abaixou até a metade. Percebeu o brilho de faróis no vidro traseiro e virou-se a tempo de ver um carro passar zunindo. A chuva começou a cair mais forte. Ele olhou para a passagem no momento em que Annalee desapareceu pela esquina à esquerda. Nenhuma alma de pedestre pelas ruas. Ele estava justamente virando para checar a passagem quando ouviu o berro de Annalee: “Daniel! Fuja!”, e a bomba explodiu, jogando o carro uns sete metros para o lado e acertando o lado direito do seu rosto com um fragmento de metal. Ele saiu cambaleando do carro, inclinou-se e desabou sobre a calçada molhada. Sacudindo a cabeça, levantou apoiando-se nas mãos e nos joelhos, rastejando em direção à passagem, mas caiu novamente. Ficou ali deitado, sangue e

chuva nos seus olhos. Quando tentou piscá-los para ver mais nitidamente, eles permaneceram fechados.

Lá longe, ele viu um pequeno ponto de luz. Começou a deslizar em direção a ele, inutilmente tentando reunir suas forças. À medida que se arrastava, a luz lentamente ficava maior, cintilando tão brilhante que o cegava. Daniel estava caindo dentro do sol. Quando se sentiu totalmente consumido, se deu conta de que a luz estava sendo refletida de um espelho. Mesmo tentando proteger seus olhos com as mãos, pareciam não querer se mover.

Estavam lhe colocando dentro de uma ambulância quando o seu coração parou. Os dois enfermeiros fixaram o reanimador elétrico no seu peito, cada choque fazendo espirrar um jorro de sangue da fronte de Daniel, salpicando seus uniformes brancos. O coração de Daniel vibrou brevemente, enfraqueceu e, então, debilmente recomeçou a bater.

Daniel estava em estado de coma quando Annalee foi enterrada cinco dias depois. Somente alguns amigos estupefatos dos Random Canyon Raiders presenciaram o breve funeral. Eles foram fotografados de dentro de um carro sem placa quando saíram do cemitério.

Naquela noite, chorando, Shamus cavou bastante a terra ainda solta da sepultura. Lá ele enterrou a sua luva negra com uma grande pepita de ouro, que cintilou sob o luar antes de ser recoberta pela terra.

Jessal Voltrano era um prodígio do ar. Com 14 anos, os críticos o aclamaram como um mestre das artes aéreas, e talvez o melhor trapezista que jamais se viu. Durante cinco anos ele fascinou plateias de Paris a Budapeste. Recusava-se a se apresentar ou treinar com uma rede de segurança. Conforme explicou a um repórter “redes desviam a concentração”.

Porém, duas semanas antes de completar vinte anos, fazendo um solo em Praga, a vaga concentração essencial para a cronometragem apurada faltou-lhe por um instante. Ele nunca esqueceria aquele momento disperso quando viu a si mesmo soltar-se no rodopio de mergulho do salto mortal, nunca esqueceria como a barra roçou suavemente nas pontas dos seus dedos enquanto continuava a cair.

Um dos palhaços foi o primeiro a chegar até ele. Jessal ainda estava consciente.

— Eu consigo sentir o meu esqueleto — sussurrou ele com espanto. — Consigo *sentir*.

Sem dúvida. Exceto pelas mãos, ele tinha quebrado quase todos os ossos do corpo. Durante a sua extenuante convalescência, Chester Kane, um médico residente americano, apresentou-lhe às mágicas de prestidigitador. Jessal praticou os truques com a mesma diligência que tinha dedicado ao trapézio, absorvendo as nuanças de cada modo de segurar, embaralhar, deslizar e virar. Sua terapia tornou-se uma paixão, e quando ele deixou o hospital nove meses depois, estava ensinando truques ao doutor Kane.

Jessal voltou aos trapézios, mas já não era o mesmo. Sua graça brilhante estava perdida para sempre por causa dos nervos danificados e dos ossos nodosos. Saiu do circo e nunca olhou para trás.

Depois de mudar seu nome para O Grande Volta, ele viajou pela Europa, África e Indonésia, andando de dia, dormindo onde a noite o achava, fazendo suas apresentações de mágica em qualquer lugar onde juntasse gente para vê-lo, vivendo das moedas que lhe atiravam dentro do chapéu. Quando aparecia uma oportunidade, ele observava o trabalho de outros mágicos, consultava-se com eles, aprendia e ensinava; em toda cidade esquadrinhava a biblioteca em busca de textos úteis. Ao final de quatro anos devotados, era um perfeito praticante de mágica prestidigitadora. Entretanto, começou a sentir uma crescente insatisfação, como se sua arte e seu conhecimento tivessem virado uma armadilha.

Uma tarde, em Atenas, se apresentando diante de uma multidão de pensionistas e garotos de rua, Volta errou um simples truque de cartas, virando uma rainha de copas no lugar de um ás. Quando a audiência vaiou a sua mancada, Volta percebeu que sua mágica era oca, uma mágica de distração e tapeação mecânica, uma manipulação das aparências que nunca poderia produzir o efeito que ele visava. Atirou o baralho bem alto no ar, rindo com a multidão enquanto as cartas caíam flutuando. Ele se lembraria daquele momento como a sua primeira grande escapada.

A segunda ocorreria um mês depois, no solstício de verão de 1955. Ele estava navegando para a América num cargueiro grego, vendo a lua surgir de cima do convés superior, quando um tanque de combustível vazando explodiu arremessando-o para o mar. Ficar observando a lua aparecer salvou sua vida, pois outro tanque detonou minutos mais tarde, engolfando o navio em chamas e gritos. Volta viu um bote salva-vidas caindo na água e nadou até ele.

O outro único sobrevivente que Volta encontrou estava terrivelmente queimado. Depois de cuidar dele o melhor que pôde, usando o insuficiente estojo de primeiros socorros, Volta o escorou na proa. Ele verificou as provisões do bote: uma semana de ração enlatada, vinte litros de água, bússola, revólver pirotécnico e um espelho sinalizador de metal. Traçou um curso em direção leste e começou a remar.

Quando o homem queimado morreu, cinco dias depois, chamando delirantemente pela mãe enquanto Volta o segurava em seus braços, quase não teve forças para lançá-lo ao mar. Um dia depois, estava exausto demais para remar. Entre o sol inclemente e a lua gelada, ele deixou o bote à deriva.

A comida foi a primeira a acabar. Na noite seguinte, a garganta ainda ardendo com o último gole de água, Volta disparou os três sinais pirotécnicos em rápida sequência, ensanguentando o mar. Ele jogou para o lado a bússola, o estojo de primeiros socorros e depois o revólver. Mas quando apanhou o espelho de sinalização, viu uma imagem refletida. Não era ele. O rosto estava inchado e descascado. Em seu exausto delírio, ele pensou que para ver a sua cara real teria que pôr seu pensamento dentro da imagem do espelho, olhar para si mesmo através dos seus olhos queimados. Com seu último átomo de concentração, ele se lançou dentro do espelho, entregando-se. Quando abriu os olhos, não havia ninguém dentro do bote. Olhou para o espelho. Estava vazio. Quando começou a cair, ele pôde ouvir, ao longe, um terrível grito arrancado dos seus pulmões. Logo que retornou ao seu corpo, Volta jogou o espelho no mar. Ele estava ainda acompanhando seu brilho de luz quando ouviu uma mulher cantando. Ele escutou e abriu os olhos.

Seu nome era Ravana Dremier, a filha de 26 anos de um contrabandista francês e de uma feiticeira jamaicana. Por consenso geral, Ravana era a mais talentosa curandeira na AMO. Ela explicou para Volta que eles o tinham achado inconsciente dentro do bote quatro dias antes. Eles estavam a bordo do *Pinga del Ray*, um dos poucos barcos da AMO na frota do Caribe. Quando ele lhe perguntou se ela tinha estado cantando, ela disse:

— Só se foi a sua música.

Em seus quatro anos de viagem como aliados e amantes, Ravana o introduziu profundamente nas artes mágicas. A mãe de Ravana tinha, como Volta, “entrado dentro do espelho”, uma prática, segundo Ravana, que ela havia abandonado quase imediatamente, avisando que era uma mágica solitária, um poder sensacional que não valia o risco. Ela tinha dito à Ravana: “Entrar dentro do espelho requer uma combinação singular de talento e

circunstância. Mas entrar dentro do espelho é simples, se comparado a escapar dele. Para escapar, você tem que nadar o rio de pedras ou voar até o sol."

— Sim — disse Volta. Perto da morte no oceano, ele havia encontrado a sua mágica... a arte de escapar.

Tendo tornado-se um membro da AMO antes que o *Pinga del Ray* alcançasse o Haiti — Ravana sabia apreciar o talento e os meios de persuasão —, Volta aproveitou-se dos recursos da Aliança, particularmente da BCE, a Biblioteca de Coleções Esparsas, uma vasta rede descentralizada de bibliotecas pessoais. Com um telefonema e o código de acesso, um livro era enviado no dia seguinte. Melhor ainda, Volta descobriu, era buscar o livro pessoalmente, porque os bibliotecários tinham a erudição de seus acervos, repositórios de informações destiladas. Quando eles não sabiam a resposta, sabiam o melhor lugar para procurá-la. Eles poupavam o tempo de Volta mantendo o seu foco preciso. Ele entrava com a paixão e a disciplina. Menos de dois anos depois, apresentou sua primeira escapada mágica.

Embora todas as 17 escapadas de Volta sejam renomadas, e cada uma culminava naquele momento de dramática admiração no âmago da mágica, sua escapada final é uma lenda nas artes. Ela foi apresentada em St. Louis, numa balsa rebocada até o centro do rio Mississippi. Vestido apenas com uma malha, Volta foi amarrado numa camisa de força e encadeado por uma grossa corrente. Os assistentes auxiliaram-no colocando-o dentro de um esguio cubo de aço, cada lado perfurado com séries de furos de cerca de três centímetros. Quando a placa de fechamento foi aparafusada, um guindaste suspendeu o cubo brilhante para o lado e o jogou dentro do rio. As pessoas aglomeraram-se sobre as amuradas. Quinze minutos depois, quando os rumores ansiosos diluíram-se num entorpecido silêncio, Volta, trajando um smoking, os cabelos secos, surgiu do seu camarote improvisado.

— Desculpem pelo atraso — disse ele, ajeitando a rosa na lapela —, mas eu queria vestir algo mais confortável.

A multidão ficou maluca.

E Volta também.

Quando todas as explicações, menos o impossível, foram eliminadas, o segredo de todas as escapadas de Volta era simples: ele desmaterializava o seu corpo; desintegrava; desaparecia no ar. O cubo de aço estava vazio antes de tocar na superfície do rio. Porém, como a mãe de Ravana tinha avisado, a cada desaparecimento, o retorno ficava mais difícil. Ele quase não tinha

conseguido voltar na última vez, simplesmente havia fugido. Com uma certeza interior que tanto lhe aterrorizava quanto o impelia, Volta sabia que se entrasse novamente dentro de um espelho, não retornaria. No dia seguinte ele anunciou que estava se aposentando.

No entanto, embora tivesse voltado para o seu corpo, seu espírito tinha ficado submerso — ele era fisicamente intacto, mas não totalmente coeso; inerte às sensações; emocionalmente oco. Não conseguia encontrar uma essência material suficientemente poderosa para silenciar o canto da sereia além do espelho, sua promessa de arrebatado esquecimento, cessação derradeira. Ele não conseguia achar aquela essência de ligação nos olhos brilhantes de Ravana, não conseguia senti-la no vento ou percebê-la no vislumbre de um salmão subindo a correnteza sob o luar, não conseguia tocá-la nas pétalas ou na pele. Ravana usou seus poderes para dar apoio, mas não conseguiu alcançá-lo. À medida que seu desespero se transformava em depressão, Volta se deu conta que não podia mais amá-la como ela precisava e merecia; para honrar Ravana, ele teve que partir.

A AMO providenciou para ele uma nova identidade, um pequeno apartamento em Nova York e um trabalho de *sensori*, a designação da Aliança para investigadores independentes que identificavam e avaliavam informações úteis. A única informação que Volta queria era um jeito de arrancar o seu espírito do espelho. Ele a achou num museu de Nova York que expunha a coleção de pedras preciosas de Treyton. Ele a viu no centro brilhante e na densa realidade irredutível do Diamante da Fé, o quarto maior do mundo. Precisava tocá-lo, segurá-lo, sentir a sua claridade. Ele arrebentou o vidro do mostruário com o antebraço e estava levantando delicadamente o diamante na concha formada pelas suas mãos quando um guarda acertou-o com o cassetete pelas costas.

Liberado do hospital três dias depois, Volta foi levado diretamente para a prisão e autuado por roubo. Um sargento atarracado com cara de pugilista e a pele rosa de uma criança retirou as suas algemas em frente da cela aberta, deu-lhe um soco nos rins e o jogou para dentro. Volta agarrou-se à pia manchada de ferrugem para não cair. Quando olhou para cima, viu-se no espelho de aço preso em cima da pia e instantaneamente desviou-se da avidez rutilante dos olhos do espelho. Ele usava uma toalha para manter o espelho coberto.

Volta estava sonhando com anéis sensualmente encadeados de diamantes quando foi subitamente acordado por um longo e arrepiante berro:

“Nãaaaoooo!” No momento em que dois guardas arrastavam o novo prisioneiro passando pela cela de Volta, ele viu de relance um garoto magro e cheio de espinhas, com menos de 18 anos, arremessar a cabeça para trás como um coiote e uivar novamente “Nãaaaooooo”, um grito ao mesmo tempo de negação e de apelo.

Por uma hora, depois de ter sido trancafiado e os guardas irem embora, o garoto continuou berrando, com intervalos de dez segundos, aquele mesmo e angustiado Nãaaoooo! sem dar a mínima para os xingamentos dos outros prisioneiros que o mandavam se calar.

A porta de metal duplo no final do pavilhão das celas abriu com um estrondo e o sargento com cara de pugilista, sua pele rosa enrubescia com a raiva, arrastou-se pelo corredor, batendo levemente com o cassetete contra sua coxa gorducha. O pavilhão das celas ficou instantaneamente em silêncio; então o garoto, como se entendesse o que aquele silêncio queria dizer, gritou:

— Nãaaooooo!

À medida que destrancava a cela do garoto, o sargento dizia com a voz densa:

— Sabe qual é o seu problema, filho? Você precisa de alguma coisa para tapar essa boca de boceta que você tem aí. Fica aqui ajoelhado para mim.

— Nãaoo — gemeu o garoto, mas seu grito havia perdido aquela obsessiva negação. Ele estava implorando.

Volta berrou:

— *Nãaaooooooo!*

— Ele ouviu os dois golpes rápidos de cassetete e o grito agudo do garoto virando uma lamúria.

O sargento arfou:

— Eu disse ajoelhado, seu babaca.

Quando Volta ouviu o garoto se calar, ele rasgou a toalha de rosto que cobria o espelho. Se ele sumisse e reaparecesse rapidamente na cela do garoto, poderia conseguir parar com aquilo — mas só se conseguisse reaparecer. Os olhos olhando os seus — selvagens, convidativos — o instigando a tentar. Volta olhou através deles dentro do espelho. “Não”, disse ele. E ficou ali parado se observando chorar até que o soluço engasgado do garoto e a inconstante e ligeira respiração ofegante do sargento cessassem.

Em pé, encarando a si mesmo enquanto o sargento, sussurrando, arrogante, deixou o garoto deitado no chão da cela, vomitando.

Em pé, olhando para o seu próprio rosto, desfigurado e mortal, suas lágrimas, a saliva no queixo. Em pé, ouvindo através do longo e desolado silêncio repentinamente interrompido por três breves ruídos: o som de guincho das molas quando o garoto saltou da cama de cima; uma palpitação estrangulada quando o laço do cinto apertou; o suave e úmido estalo do osso do pescoço se quebrando.

Volta fechou seus olhos, inclinou-se para trás e, extraindo cada fragmento de força do seu nervo, sua carne e seus ossos, berrou "*Nãaooooooooo!*" E quando olhou para o espelho novamente, viu um grande diamante esférico — perfeito, radiante, verdadeiro. Ele estava procurando a luz no centro do diamante quando o sargento urrou:

— Quem foi esse filho da puta?

Volta virou-se do espelho e andou lentamente até as barras da porta da cela. Ele podia ouvir o fraco e rítmico som do cassetete batendo na perna do sargento.

Com a voz declinando num frio murmúrio, o sargento avisou.

— Pela última vez, bando de bostas: Quem foi que gritou?

— Eu — disse Volta.

— Bom, então prepare-se, babaca, você é o próximo.

— Não. Você é o próximo — prometeu Volta. — O menino acabou de se enforcar.

— Ótimo — falou o sargento. — Serve para selecionar os fracos. — Ele gritou de lado para os outros guardas: — Tragam um esfregão: — depois virou-se para Volta. — *Um único pio* e você vai morrer tentando escapar.

— Você não entende — explicou Volta começando a rir —, eu já escapei.

— É, claro, eu tô vendo, seu veado maluco.

Volta encheu-se de fôlego para explicar:

— As aparências são enganadoras — e então rendeu-se à cômica beleza da sua última escapada, encontrar a liberdade na prisão. Ele queria dividir esse prazer com o diamante no espelho, mas o diamante tinha desaparecido.

Horas mais tarde, Volta foi liberado com fiança paga pela AMO. A Aliança também providenciou advogados de uma das 'firmas' da organização — afetuosamente conhecida como Sachs, Pilledge e Berne[5] — e a acusação foi facilmente rejeitada pela determinação expressa da corte estipulando que Volta recebesse tratamento para a sua saúde mental. Seu psiquiatra era o doutor Isaac Langmann, um membro da Estrela da AMO, que concordou com

o seu paciente que o melhor método de tratamento seria um treinamento avançado nas artes de Raven.

Pouco depois de Volta ter concluído o seu treinamento, o doutor Langmann ofereceu a Volta um trabalho como seu representante de campo na costa do Pacífico.

Volta adorou o trabalho. Visto que um representante de campo funciona como um nervo para a Estrela — mediador, mensageiro, general de campo, agente intermediário e solucionador itinerante de impasses —, cada dia trazia novas pessoas, novos lugares e problemas. As pessoas com quem ele trabalhava ficaram impressionadas com sua capacidade de compreensão e o equilíbrio de suas decisões. Quando Isaac Langmann aposentou-se da Estrela em 1963, nomeou Volta para substituí-lo. Preenchendo as suas principais funções, a integração adequada de talento e tarefa, por unanimidade, a Estrela aprovou Volta na primeira eleição. Na época da explosão em Livermore, Volta já tinha servido com distinção por 17 anos.

Volta estava em pé ao lado da cama quando Daniel, depois de nove semanas em coma, abriu os olhos. Daniel olhou vagarosamente o quarto de hospital e, então, indiretamente enfocou seu olhar em cima de Volta.

Volta inclinou levemente a cabeça.

— Bem-vindo de volta, Daniel.

Daniel tremeu ao tentar falar. Volta aguardou. Quando Daniel tentou e fracassou novamente, Volta disse suavemente:

— Sua mãe está morta.

Daniel levantou as mãos como se fosse cobrir o rosto, mas elas caíram debilmente sobre o peito. Ele fechou os olhos com força, mas não conseguiu reter as lágrimas.

— Eu partilho da sua dor — declarou Volta. — Reconheço a pobreza de uma condolência para tal perda, mas eu a ofereço assim mesmo.

Daniel gemeu, arqueando-se sobre o leito como se tentasse sentar.

Volta disse:

— Eu sei que estou me atrevendo na intimidade do seu sofrimento e, claramente, violei a sua privacidade, mas receio que tenha que fazê-lo.

Assentindo distraidamente, Daniel levou suas mãos até o rosto, as pontas dos dedos apertando com força sobre os olhos fechados.

— Meu nome é Volta. Você já encontrou dois dos amigos em quem mais confio, Smiling Jack e Elmo Cutter. Eu sirvo à AMO como membro da

Estrela, o conselho de facilitação da Aliança. Estou aqui para oferecer-lhe meus profundos pesares e, se quiser, ajuda irrestrita.

"A sua situação é complicada Daniel. Você foi ferido na explosão; um metal de prata do ponteiro do relógio perfurou a sua têmpora, viajou para cima até aproximadamente um ângulo de quarenta graus através do limite do hemisfério direito do seu cérebro e ficou alojado contra o seu crânio. Embora o eletroencefalograma e outros testes indiquem funções cerebrais 'normais' — o que quer que seja isso —, você ficou em coma durante nove semanas. Pode ter havido sequelas que os testes não revelaram, mas, afora o coma, os sinais são excelentes.

"Oficialmente, você está sob guarda policial, sem visitas permitidas, mas já que os guardas foram retirados mês passado, as restrições são meramente formais. Quando eles descobrirem que você recuperou a consciência, provavelmente irão prendê-lo. Se acontecer, pode ter certeza de que vai ser interrogado por gente que sabe fazer isso. Meu conselho é que você diga que não se lembra de nada até pelo menos um mês antes da explosão; amnésia condicional é clinicamente compatível com trauma. Assim como lembrança seletiva. Seria melhor que você não tivesse a menor ideia de que a sua mãe estava colocando uma bomba. Tudo que ela disse é que estava fazendo uma entrega para um amigo — melhor ainda, um desconhecido.

Daniel reabriu os olhos, olhou para o teto por um instante e então outra vez para Volta. Ele umedeceu os lábios.

— Como você soube? A bomba? Que ela já não estava lá?

Pacientemente, Volta explicou:

— Eu sei porque Shamus ligou para mim e me contou tudo. Ele estava extremamente atormentado. E culpa a si mesmo.

— Eles estavam apaixonados! — soluçou Daniel. Ele mexeu com a cabeça, desamparadamente. — Oh, mãe, mãe, mãe.

— É — disse Volta —, eu sei que eles estavam apaixonados. Eu sei que dói.

Daniel vociferou:

— Diga-me quem a matou!

— Ninguém — afirmou Volta com calma —; tudo indica que foi uma bomba defeituosa.

— *Ninguém?* Então por que as suas últimas palavras foram "Daniel! Fuja!"?

Volta olhou para ele, atentamente.

— Ela chamou por você?

— Ela *gritou* — soluçou Daniel.

— E depois?

Daniel encolheu os ombros tentando se recompor.

— A bomba explodiu antes que eu pudesse me virar para olhar. Como se o seu berro tivesse feito disparar a bomba. Rápido assim.

Volta considerou a informação.

— Ela estava me *avisando* — disse Daniel.

— Com certeza. Mas sobre o quê? Você percebeu alguém ou algum movimento imediatamente antes de ela gritar?

— Não. E eu estava olhando.

Tanto para si quanto para Daniel, Volta murmurou:

— Ela pode ter sentido que alguma coisa estava errada com a bomba.

Daniel não respondeu.

Volta perguntou:

— Ela armou a bomba antes de entrar na passagem?

— Não.

— Ela teve tempo de fazer isso antes da detonação?

— Deve ter tido. Ela estourou.

— A calçada estava úmida. Talvez ela tenha escorregado e a deixado cair. Ouviu a conexão estalando.

— Eu não sei — disse Daniel, debilmente. — Eu não sei. Ela gritou e a bomba explodiu.

— Se quiser, nós veremos isso. Vai levar tempo, não tenha dúvida, mas talvez, se você soubesse quem fabricou a bomba.

— Não sei — replicou Daniel. — Mas Shamus deve saber... pergunte a ele.

— Eu gostaria. Entretanto, tenho tentado achá-lo faz mais de um mês para discutir essa situação, mas parece que ele desapareceu. Alguma ideia de onde ele pode estar?

— Não. Mas eu quero saber tudo o que você descobrir sobre a minha mãe. Quero saber o que deu errado.

— Naturalmente. Manterei você bem informado... quanto a isso você tem a minha palavra. O que nos leva a outro assunto que temos que discutir. Por exemplo, o seu futuro, e como nós poderemos ajudá-lo.

— Ajudar-me a fazer o quê?

— Primeiro, a escapar das inúmeras acusações que serão feitas a você. Eles têm apenas suspeitas de que a bomba estava ligada a um roubo de plutônio, portanto, seja cuidadoso com o que vai dizer.

— Eles fizeram alguma ligação entre ela e Shamus?

Volta abaixou a cabeça e então virou e olhou nos olhos de Daniel.

— Sua mãe não deixou nenhuma impressão digital, Daniel. Tudo que sabem vem dos papéis. Eles pensam que ela era a senhora Wyatt. Nós apagamos a conexão com o *Baton Rouge,* a conta bancária e os títulos de propriedade, e seria ótimo se você esquecesse Dubuque completamente. — Volta continuou falando para distrair a imaginação de Daniel daquilo que a explosão deve ter feito com a sua mãe. — De qualquer maneira, a partir do recibo do aluguel das botas de neve no seu bolso... a carteira de motorista feita em casa que você levava tinha um nome frio mas o endereço era o certo... a casa na rua McKinley foi averiguada antes que pudéssemos protegê-la, assim sendo você também vai ter que encarar acusações de falsificação e de posse ilegal. Seria aconselhável arrumar um excelente advogado, e nós ficaríamos contentes em providenciar um gratuitamente, se assim você quiser.

— Eu agradeceria isso — observou Daniel.

— Você tem quatorze anos, assim você será julgado como menor... na verdade, se tudo sair certo, isso acabará sendo uma audiência e não um julgamento. Ajudaria as coisas saírem certas se a sua amnésia fosse refratária. Siga as instruções do advogado. Tentaremos fazer com que todas as acusações sejam rejeitadas e que você seja posto sob custódia com a sua tia.

— Eu não tenho tia.

Volta empinou a cabeça.

— Tia Matilda e tio Owen. A fazenda dos Wyatt lá na região de Mendocino.

— Tudo bem — concordou Daniel.

Volta cruzou os braços:

— Agora, o seu futuro. Muitas pessoas têm falado muito bem de você, pessoas cujas opiniões eu dou valor... Smiling Jack é um; Dolly Varden, Johnny Seven Moons, Elmo e outros. Eles acham que você tem qualidades especiais que deveriam ser desenvolvidas e refinadas. A AMO tem alguns professores excepcionalmente talentosos que poderiam transformar seu potencial em habilidade.

— Posso aceitar a ajuda legal e não os professores?

— Não é necessária nenhuma negociação. São ofertas incondicionais de assistência. Avalie as coisas como achar melhor.

— Quero um advogado. Quanto ao resto, eu preciso pensar.

Volta disse:

— Vou entrar em contato com um advogado assim que sair, daqui a pouco. Mas primeiro quero que você saiba que facilitei a recuperação de consciência usando algumas técnicas simples, embora ocultas, que me foram ensinadas por uma mulher chamada Ravana Dremier. Basicamente, eu me liguei à sua mente através dos poderes da empatia, e então lembrei-lhe a sua vida. Garanto que não implantei ideias ou sugestões; simplesmente concentrei sua atenção. Estou lhe dizendo isso porque você pode se lembrar da minha voz chamando-o... se não agora, talvez no futuro, particularmente na forma de sonho e delírio. Foi sua a decisão de retornar. Lamento pela Annalee, Daniel. Fique curado bem rápido.

Volta estava ao lado da porta quando Daniel falou:

— Obrigado.

Volta se virou e disse:

— Tudo bem. Não há de quê — e fechou a porta depois de sair.

TERRA

A terra, ávida por criar, sempre produz
alguma coisa; você achará que está
vendo pássaros, feras ou répteis no espelho.

PHILALETHES

Transcrição:
Chamada de Rádio entre Volta e Wild Bill Weber

VOLTA: Bill, aqui é Volta. Preciso de uma decisão em relação a Daniel.
WILD B.: Você tem *certeza* de que ele nunca foi a uma escola?
VOLTA: Tanta certeza quanto tinha da última vez que discutimos sobre isso.
WILD B.: Bem, quanto a dano *orgânico* ao cérebro. Apareceu algum?
VOLTA: Eles fizeram todos os testes que existem. Não há evidência de debilitação.
WILD B.: Então por que ele ficou em coma durante nove semanas?
VOLTA: É o que o *Corpus Hermeticum* chama de "ocultando-se no limiar".
WILD B.: Ainda sacudindo a poeira daqueles livros, hein?
VOLTA: Ainda curioso.
WILD B.: E cada vez mais, eu aposto. Pessoalmente, estou mais com os ocidentais.
VOLTA: Se você continuar pegando no meu pé, eu deixarei que seja revelado que, quando nos encontramos pela primeira vez, você ainda era um padre jesuíta — *e* um jovem erudito em latim com certeza sensacional.
WILD B.: Mais uma prova de que esses livros só trazem problemas.
VOLTA: Isso é o mesmo que culpar as suas pernas por levarem-no até o prostíbulo.
WILD B.: (rindo) "O silêncio é de ouro."
VOLTA: Verdade. E a decisão é essencial. Por isso que preciso da sua sobre Daniel. E sei que você tem algum trabalho pessoal planejado, que está cansado de lecionar, que está velho e mal-humorado, que perdeu a eficácia, mas talvez Daniel seja o aluno que você tem procurado.
WILD B.: Não sabia que eu estava procurando. Mas tudo bem, você já esteve com ele. O que sentiu?
VOLTA: Ele tem uma mente fértil, e, para alguém tão jovem, não completamente à custas da argúcia. Ele vai direto ao ponto, mas é impulsivo, é claro — novamente a juventude —, embora notavelmente calmo. Ele passou por umas coisas bem horríveis e conseguiu se segurar, e eu acho...
WILD B.: (interrompendo) *Sentiu.* O que você *sentiu* em relação a ele?

VOLTA: (após uma longa pausa) Poderosamente atraído; poderosamente repelido.
WILD B.: Sei, e foi isso que chamou a sua atenção.
VOLTA: Em considerações posteriores, você pode ser a pior escolha imaginável.
WILD B.: Você está apelando para o meu orgulho ou perversidade, agora?
VOLTA: Não sabia que você fazia uma distinção.
WILD B.: (rindo) Pronto. Eu fico com ele. Porém, não mais do que dezoito meses, e eu tenho que ir em paz para o deserto. Além disso, você me deve um sério favor.
VOLTA: O que é agora? Mais ou menos trezentos e sete?
WILD B.: Pelo menos.
VOLTA: Na Fazenda Wyatt? Em duas semanas?
WILD B.: Estarei lá.

DANIEL foi levado preso uma hora depois de recuperar oficialmente a consciência. Alexander Kreef, um advogado especializado em leis de delinquência, chegou alguns minutos depois com um punhado de mandados e injunções. Ele veio acompanhado pelo médico de Daniel, furioso por seu paciente ter sido incomodado sem sua aprovação.

O melancólico tenente que tentava interrogar Daniel não pareceu impressionado.

— Desculpem essa merda toda. — Ele inclinou a cabeça para o doutor Tobin e então virou-se para Alexander Kreef e disse com asquerosa satisfação: — O garoto não está sendo mantido sob custódia, ainda... apenas vai ser.

Alexander Kreef sorriu amavelmente.

— Fui contratado pelos senhor e senhora Wyatt, os seus tios, e estou agindo como advogado do processo. — Ele entregou uma pilha de quatro quilos de papel para o tenente, que deu uma olhada e jogou tudo no chão.

Alexander Kreef continuou sorrindo.

— Se você fizer mais uma pergunta ao meu cliente, vai ficar tão fodido que terá que cagar pelos ouvidos. Não, pensando melhor, vai, pergunta, consegue-se mais rejeições com os erros de procedimento do que com álibi irrefutável.

— Não fode. — O tenente lançou um olhar cortante para Alexander Kreef, depois para Daniel, mas guardou o seu microgravador.

— Ah-ah — repreendeu-o Alexander, fazendo sinal para o gravador. — Inadmissível sem devida consulta.

— Ora essa, não, é verdade? Não que isso tenha importância, consultor... mas parece que ele não se lembra de porra nenhuma. Quero dizer, é terrível lembrar de alguma coisa tão serena quanto uma explosão que varreu a sua mamãe para a memória, toda em pedacinhos.

— Seu sacana — disse Alexander, mas foi emudecido pelo berro violento do doutor Tobin.

— Pelo amor de Deus, tenente! Esse jovem sofreu um trauma cerebral profundo, esteve em coma por nove semanas, e você espera que responda às suas perguntas? Já passou pela sua débil cabeça que o menino possa estar sofrendo de alguma forma de amnésia comum em ferimentos graves na cabeça: total, parcial ou condicional?

— Eu não sou médico — afirmou Alexander —, mas é provável que seja total nesse caso.

— É. Aposto que sim. Provavelmente não vai sequer lembrar que ele era o pretenso filho da senhora Wyatt, ou onde o seu pretenso pai deve estar. Claro, com aquela fábrica de papel que eles estavam operando deve ser difícil lembrar das identidades corretas. É, deve ser foda lembrar alguma coisa. — O tenente olhou para Daniel. — Não é verdade isso, garoto?

— Não me lembro de você — declarou Daniel antes de fechar os olhos.

A audiência de Daniel ocorreu no dia 7 de dezembro. As acusações mais sérias foram abandonadas em troca de seu *nolo contendere* atenuante para enquadramento de crimes menores. Ele foi colocado sob tutela da sua tia e do seu tio até que completasse 17 anos, quando então, não havendo outras prisões, os registros seriam cancelados. Ainda sobraram algumas formalidades, mas Alexander Kreef as transformou em enfeite de Natal e, no dia 21 de dezembro, Daniel foi liberado. Ele saiu naquela tarde com Matilda e Owen Wyatt indo para uma fazenda de gado nas colinas litorâneas, aproximadamente uns oitenta quilômetros ao norte do Quatro Duques.

Os Wyatt deviam ter seus cinquenta anos, um casal feliz e bem disposto que vivia prazerosamente na fazenda. Os Wyatt possuíam setecentos hectares, porém sempre tiveram menos gado do que a capacidade permitia.

Embora tivesse sido uma luta no início, a administração deles era agora considerada um modelo de inteligência ecológica.

Seguindo para o norte com os Wyatt, Daniel sentia-se hesitante e vagamente entorpecido, embora eles fossem boa companhia. Ele ficou sabendo que eles conheciam Volta havia 15 anos, desde o tempo em que foram afligidos por sérios problemas de roubo de gado e ele os tinha ajudado.

— Então vocês estão retribuindo um favor? — inquiriu Daniel, curioso de saber como eles tinham se envolvido.

— Nada disso — Owen disse para ele —, nós somos membros da Aliança.

Daniel achou que aquilo era difícil de acreditar.

— Então o gado é só uma fachada?

— Daniel — explicou Tilly —, você não tem que estar numa situação ilegal para ser um fora da lei.

— Mas vocês ficaram em pé no tribunal e disseram que eu era um parente. Perjúrio é ilegal.

— Os tiras não conseguiram provar o contrário — argumentou Tilly —; então como você sabe que não é um parente? Dos dois lados, nós temos grandes famílias, e ambos dividimos o mesmo lema: Uma Mão Lava a Outra. Além disso, ficamos cansados de ser tão *certinhos.*

Quando eles entraram na fazenda logo após ter escurecido, Owen apontou para a sua esquerda.

— Você vai ficar naquela cabana lá embaixo, depois do estábulo. Está vendo? A luz está acesa.

— Estou vendo duas luzes — disse Daniel.

— A cabana pequena é do Wild Bill, o seu professor... ele chegou poucos dias atrás. Eu e Tilly vamos aquecer a casa e colocar a boia na mesa enquanto você desce lá para falar com ele.

— Se você quiser — acrescentou Tilly.

— Você está vendo quem é que comanda essa expedição — resmungou Owen, mas estava claro que ele não saberia dizer de outro modo.

Ninguém respondeu quando Daniel bateu à porta. Ele bateu com mais força e, ainda sem resposta, ele abriu e disse:

— Oi?

Quando uma voz estridente retrucou — “O quê?” — ele entrou. Wild Bill Weber estava sentado nu e com as pernas cruzadas no chão, batendo com um bastão de borracha vagarosa e metodicamente entre os olhos.

— Prazer em conhecê-lo, Daniel — disse Wild Bill, continuando com os golpes rítmicos de bastão. — Eu sou Bill Weber. Nós vamos trabalhar juntos.

— Você é o meu professor? — perguntou Daniel, não tanto incrédulo, mas nervosamente perplexo.

Wild Bill atirou o bastão na cabeça de Daniel.

Abaixando-se, Daniel ouviu o bastão passar zunindo no seu ouvido e acertar a parede com um surdo ruído, o cabo de madeira fazendo barulho quando rolou pelo chão. Ele abaixou-se para pegá-lo e lançá-lo de volta, mas em vez disso virou-se para Wild Bill e perguntou:

— *Por que* você fez isso? O que você está querendo?

Wild Bill estava observando com atenção. Depois de um instante ele disse:

— Daniel, vamos deixar isso bem claro desde o começo: *Eu sou o professor*. *Eu* preparo as questões; *você* prepara as respostas. Então *você* diz para *mim* por que eu arremessei o meu afinador de cérebro em você.

— Eu não sei — disse Daniel. — Não tenho a menor ideia.

— Muito bem — concordou Wild Bill. — Esta é a resposta certa. Mas, a partir de agora, não há mais respostas certas ou erradas.

— Eu não estou conseguindo acompanhar nada — admitiu Daniel.

— Você não vai provavelmente conseguir durante um ano, então relaxe e faça o que eu disser, assim talvez ambos possamos atravessar isso sem muito estrago.

O ano passou rápido para Daniel, o tempo lubrificado pela rotina. Ele acordava às quatro, fazia sua meditação do amanhecer; juntava-se a Tilly, Owen e Wild Bill na casa principal para tomar o café da manhã às cinco; trabalhava até às quatro da tarde; fazia sua meditação vespertina; jantava às seis; lavava a louça se fosse a sua vez; tinha tempo livre até as 21h45min; quando recebia instrução formal de Wild Bill até as 21h50min e então fazia a sua meditação de sonho e ia para a cama às 22h30min. A diversidade da sua rotina o salvava do tédio.

O trabalho diário podia ser qualquer coisa como marcar o gado ou esfregar o chão da cozinha. Daniel colocava cercas, alimentava os animais e

cortava madeira. Eles plantavam e cortavam o feno e faziam projetos especiais, como construir um defumadouro. Normalmente trabalhava com Owen ou Tilly, já que Wild Bill simplesmente recusava qualquer contato direto com o gado, desprezando-os como "criaturas distorcidas e insultos silenciosos ao espírito selvagem". Tilly e Owen tinham outros argumentos — persuasivos, pensava Daniel —, e o assunto causava alguma tensão. Mas numa noite de inverno alguns bezerros, assustados por um relâmpago, quebraram o curral. Wild Bill selou um cavalo e foi com os outros sob a tempestade para tocar o gado de volta para casa, só trazendo os últimos animais bem depois do café da manhã.

Owen sorria imensamente quando Wild Bill juntou-se a eles, divertindo-se com a visão de Bill trabalhando com o gado, tanto quanto com o retorno dos bezerros.

— Ora, ora — Owen saudou-o —; se saindo bem, hein espertinho?

Wild Bill puxou a rédea bruscamente, vociferando:

— Não estou aprendendo porcaria nenhuma aqui. Posso ser um fanático, mas não sou um purista. Enquanto eu estiver morando aqui, eu lhe darei uma mão quando houver realmente urgência. Não significa que vou fazer parte dessa merda de granja.

As três meditações diárias de Daniel, assim como as outras tarefas da fazenda, tinham entre si apenas uma formalidade estrutural. As instruções de Wild Bill tinham sido breves:

Meditação da manhã é para preencher a sua mente; meditação da tarde é para ver com o que foi preenchida, e a meditação do sonho é para esvaziá-la. Você vai imediatamente perceber que, preenchê-la, vê-la e esvaziá-la são a mesma coisa, mas guarde bem na cabeça que elas não poderiam ser a mesma, a não ser que fossem diferentes. Então não é tanto se concentrar *no* propósito, mas se concentrar *através* dele. Na primeira semana sentaremos juntos e eu vou lhe mostrar as posições, a respiração e tal, mas depois disso você vai fazê-las sozinho dentro da sua cabana. Posso vigiá-lo quando eu quiser. A primeira vez que descobrir que você não está fazendo suas meditações, paro de ser o seu professor. Então se você um dia quiser ir embora e não tiver coragem de me dizer, tudo o que tem a fazer é me deixar pegá-lo de bobeira quando devia estar sentado.

Depois de mostrar a Daniel as posições e a respiração adequadas a cada meditação, ele explicou:

— Agora a coisa mais importante é conseguir sintonizar a sua mente no Centro Morto Superior, enfoque para baixo por profundidade e ponha a agulha bem em cima do zero. Vou mostrar para você como funciona para mim. — Wild Bill foi até o armário, explicando de costas. — Estou indo até o meu departamento de audiovisual. Não se pode ser chamado de professor hoje em dia se não tiver algum audiovisual. — Ele assustou Daniel tirando de dentro do armário um esqueleto humano.

Daniel se retraiu mas não disse nada.

— Muito bem — falou Wild Bill segurando o esqueleto pela espinha dorsal —, antes de qualquer meditação você faz esse pequeno exercício chamado ‘Contagem dos Ossos’. Provavelmente uma das mais antigas práticas físicas no mundo... vem desde o tempo dos xamãs paleolíticos, até onde pude acompanhar. O que você faz é simples: imagina o seu esqueleto e então, começando dos dedos dos pés, conte os seus ossos. E eu não estou falando daquela merda de ‘um, dois’... apenas enxergue claramente cada osso na sua mente e vá em frente. Você vai para a parte de cima do corpo a partir dos dedos dos pés, ambas as pernas de uma vez, chega à pélvis, percorre a coluna, pelo pescoço até o crânio, e depois direto para o centro do seu cérebro.

— O cérebro não é um osso — afirmou Daniel.

— O seu pau também não — explicou Wild Bill.

Se Daniel achava tais explicações desconcertantes, ele ficava ainda mais desnorteado com as sequências diárias de cinco minutos que constituíam seu estudo formal. Wild Bill fazia uma pergunta e Daniel tinha cinco minutos para responder. Wild Bill nunca indicava se uma resposta estava certa, errada, incompleta, inspirada, fraca, provocativa ou imponderada. E as perguntas eram tais que as respostas não podiam ser verificadas.

Onde você colocou seu garfo quando terminou o waffle hoje de manhã?

Aquele pássaro que vimos no pomar — qual era a cor do seu pescoço?

O que Tilly comentou sobre a receita de pão de milho que Owen diz ter aprendido com a avó dele?

Quando o vento mudou sobre Fern Creek nessa tarde, em que direção ele soprou?

Durante a meditação de sonho, supostamente para esvaziar sua mente, Daniel pensava nas perguntas e suas respostas duvidosas. Aos poucos tomou consciência de si dentro do mundo, vendo o que ele via, fazendo o que ele fazia: pondo o escavador de buraco para poste perto da marreta de estaca; as

formas das nuvens; a plumagem negra curvada de uma codorna do vale sobre a cerca; a fase da lua.

Mas não importava o quanto ele se concentrava no momento físico ou enfocava através da meditação, continuava ouvindo a sua mãe gritar “Daniel! Fuja!” E enquanto o seu entorpecimento dava lugar à dor, e a dor à raiva soterrada da depressão, a única pergunta que ele realmente gostaria de responder era o que havia acontecido dentro da passagem.

Ele comentou com Wild Bill:

— Volta falou que investigaria a morte da minha mãe e me diria o que descobriu... ele me deu a sua palavra. E em dez meses só tive notícia dele *uma vez*, para dizer que não havia novidade. Acho que é melhor eu fazer isso por mim mesmo, o que significa que tenho que sair daqui e voltar para Berkeley. Não é nada pessoal. Quero dizer, não é nada entre mim e você; é com Volta.

— Então junte-se a ele — disse Bill, encolhendo os ombros. — Mas eu lhe digo uma coisa: Se Volta deu a sua palavra, posso realmente garantir duas coisas... ele está trabalhando nisso, e vai informá-lo. Volta talvez seja o homem mais honorável que eu jamais encontrei. E, além disso, a AMO tem uma excelente rede de inteligência. Sozinho, você não poderá fazer melhor. E você sabe que se simplesmente sair fora, pode dar merda para Tilly e Owen. Minha sugestão é que converse com Volta. Ligue para ele de manhã. E durma aí se quiser, já que eu acho que acabamos com a aula.

— Deixa que eu fale com Volta primeiro — pediu Daniel. — Eu teria feito isso antes, mas não tenho o número dele.

— Eu tenho uns vinte — afirmou Wild Bill.

Mas Daniel não precisou deles. Volta chegou na manhã seguinte com uma carta de Shamus. Eles foram para a cabana de Daniel.

— Antes de ler essa carta — disse Volta —, deixe-me resumir um pouco o contexto. Shamus está escondido. Quando a bomba explodiu, ela impediu o roubo de plutônio; não houve nenhuma conexão explícita. Mas havia suspeitas.

— Eu sei — interrompeu Daniel. — Eles me perguntaram especificamente sobre ele. Eu não conseguia lembrar.

— São esses malditos computadores. Eles provavelmente puxaram qualquer um que já tivesse tentado e acabaram achando-o fugindo do Quatro Duques com uma mulher e uma criança... até um idiota podia ver a conexão. Temos que recrutar mais gente com conhecimento de informática para

podermos ou eliminar a informação que eles querem recuperar, ou substituí-la com a que gostaríamos que tivessem.

Daniel disse incisivamente:

— Mas *ninguém* sabe onde Shamus está, certo? Nem os tiras, nem você?

— Exatamente — sorriu Volta. — Perdoe-me pela digressão sobre os especialistas que faltam à Aliança. Mas, embora não soubéssemos onde ele estava, fizemos com que soubesse que gostaríamos de conversar com ele sobre outras pessoas envolvidas no serviço do plutônio.

— Como vocês fizeram isso? Como o fizeram saber?

— Nós saímos procurando os outros com tanta vontade que a pressão acabou sendo sentida. E assim, a carta. Ela foi mandada de Topeka, Kansas, se é que isso é verdade.

Daniel leu a carta atentamente.

Volta...

Havia três pessoas envolvidas, além de mim mesmo, Annalee e Daniel (que estava incluído por escolha de Annalee, contra meu conselho). Dessas três, duas não tinham conhecimento sobre a bomba diversiva, nem quem a colocaria. A terceira pessoa, que fabricou a bomba, não sabia para que seria, quando seria usada ou quem a colocaria. Evidentemente, tratou-se de uma bomba defeituosa, embora o fabricante insista que, dada a natureza do dispositivo, uma detonação acidental era praticamente impossível.

Deixe isso. Eu aceito a culpa. Você tem a minha palavra de que eu nunca farei outra tentativa. Deixa comigo.

S.M.

Daniel leu a carta novamente. Parecia a caligrafia de Shamus, mas ele não tinha certeza.

Volta disse:

— Quero a sua permissão para divulgar aquela palavra que a sua mãe gritou para você antes que a bomba explodisse. Talvez possamos arrancar mais alguma coisa de Shamus... precisamos de mais informações sobre os envolvidos.

— Mas claro — concordou Daniel, depois acrescentando com evidente irritação: — Pensei que vocês já tivessem feito isso. Quero dizer, Shamus merece saber. Ele está se sentindo culpado.

— Devia mesmo — afirmou Volta.

— O que você quer dizer? Acha que ele mexeu com a bomba?

— Não. Não tenho evidências de que ele andou mexendo com a bomba; nenhuma mesmo. Eu só quis dizer que ele foi o agente da ocasião. Ele a alistou num empreendimento manifestamente perigoso.

— Ela *quis* ajudá-lo.

— E você?

— Também.

— Por quê?

Daniel fez uma pausa antes de responder.

— É complicado. Eu queria ajudar minha mãe, já que ela estava envolvida. E eu queria ajudar Shamus porque achava que ele me julgava enciumado com o fato de a mamãe gostar dele. Eu não estava. Eu só queria que ela fosse feliz. E ele a fazia feliz, eu acho. E também porque acreditava no que Shamus estava fazendo, e por causa da emoção também, eu acho. Como disse, é complicado.

— É *tudo* complicado, Daniel. É por isso que está levando tempo para ficar resolvido.

— Então, por que você não lhe disse que não tinha sido um acidente?

— Antes de mais nada, porque não sabemos se não foi um acidente. Segundo, porque Shamus pode já está sabendo que não foi um acidente.

— Como?

— Talvez Shamus não pretendesse deixar nenhuma testemunha comprometedora. — Volta curvou sua cabeça levemente. — Você entende que possa haver essa possibilidade?

— Não acredito nisso — disse Daniel, categoricamente.

— Você quer prosseguir com base na crença, Daniel, ou devemos buscar informações mais concretas?

— Só prosseguir já é bom o bastante. Mas você está enganado sobre Shamus... porém acho que isso é algo que você tem que descobrir sozinho.

— É o que tenho a intenção de fazer. Também tinha a intenção de ficar até amanhã e desfrutar da boa companhia aqui da fazenda, mas tem algo urgente acontecendo em Los Angeles e preciso chegar lá esta noite. No entanto, não posso partir sem perguntar como você está se saindo com Wild Bill e sua pedagogia.

— Você tem que perguntar para ele. Não tenho a menor ideia.

Volta sorriu timidamente.

— Bom, lembre-se que, vindo de Wild Bill, um ‘talvez’ é uma ótima avaliação.

Depois que Volta se foi, Wild Bill foi andando até a cabana de Daniel, fingindo surpresa quando viu Daniel sentado na varanda.

— Ainda conosco?

— Ainda aqui — respondeu Daniel, distraidamente.

— O que é que há, agora?

— Não sei. Volta... Eu não acredito muito nele.

— Ele está agindo certo com você, pelo que eu posso ver. Ele é um pouquinho ardiloso, mas isso é porque salta sobre as conclusões. Gosta de ter em mãos o que está acontecendo, a cena toda, antes de começar a mexer nos detalhes.

— É por isso que você o chamou ontem à noite?

— Errado — avaliou Wild Bill sorrindo.

— É só uma coincidência que ele apareça aqui hoje de manhã?

— Nunca lhe ocorreu que a coincidência é o estado natural dos acontecimentos? “Assim na terra como no céu.” A única hora em que me preocupo com as coincidências é quando elas *param* de acontecer. É aí que você fica na reta. Mas por hora, por que não sai de cima dele e vai buscar as armas e duas caixas de número oito? Eu disse a Tilly que íamos dar uma volta pelo riacho para tentar caçar umas codornas para o jantar.

— E para o almoço? Vamos preparar uns sanduíches?

— Provavelmente uma coincidência, mas já fiz isso enquanto você conversava com Volta.

A mesma rotina prosseguiu até abril sem mudanças significativas. Daniel estava inquieto e cada vez mais impaciente com Wild Bill. O clima agradável da primavera não ajudava em nada. Então, na última noite de abril, durante a instrução formal, Wild Bill surpreendeu Daniel com uma pergunta que tinha resposta, se bem que fosse uma resposta que Daniel se mostrasse relutante a dar.

— Sabe aquele esqueleto que mostrei para você do meu departamento audiovisual a fim de ajudá-lo a contar os ossos?

— Sei.

— Como é que você o chama? Quero dizer, o seu nome secreto.

— Bom — protelou Daniel —, é meio ridículo.

— Deixa que eu julgo isso. Sou um especialista.

— Eu o chamo de ‘Pé de Lama’.

Wild Bill riu desamparadamente, retomando seu fôlego só bem depois para dizer com a voz aguda de prazer:

— *Pé de Lama! Pé... de Lama.*

— Estou contente que você me ache tão divertido — acrescentou Daniel.

Caindo sobre os seus joelhos, Wild Bill conseguiu dizer ofegante:

— Eu também.

Daniel se virou e saiu pela porta.

No dia seguinte, Daniel ignorou Wild Bill. Ele fez suas meditações e o seu trabalho, mas com um ar de entediada eficiência e fria indiferença. Naquela noite, Wild Bill o surpreendeu novamente.

— Três homens sagrados estavam viajando juntos. Um era um iogue indiano, outro um daroês sufi e o outro um monge zen. Durante a viagem, eles chegaram a um pequeno rio. Havia uma ponte, mas a tempestade de inverno a tinha levado. “Deixe-me mostrar a vocês dois como atravessar o rio”, disse o iogue... e não é que ele o atravessou andando sobre a superfície da água? “Não, não, não é assim”, disse o daroês. “Eu mostro para vocês, caras.” Ele começa a girar em círculos, cada vez mais rápido até se tornar uma mancha de energia concentrada e, repentinamente... *pou!*... ele salta para a outra margem do rio. O monge zen ficou lá, balançando a cabeça. “Vocês são tolos”, disse ele, “é assim que se atravessa o rio”. E assim, levantou sua vestimenta, e pisando cuidadosamente, ele cruzou o rio com os pés na água.

Daniel esperou.

— Agora, a pergunta da noite é a seguinte: Qual é o sentido da história?

Daniel respondeu sem hesitação:

— O rio.

Wild Bill olhou sobressaltado.

— Talvez — disse ele. Depois, refletiu por um momento e repetiu: — Talvez.

— Segundo Volta, esta é uma ótima avaliação da sua parte — replicou Daniel.

— Ele acha, é? — perguntou Wild Bill, distraidamente. — Sabe, eu deveria repreendê-lo com mais frequência. — Ele riu. — Pé de Lama. É tudo o que eu pude fazer para parar de rir o dia todo.

Daniel sorriu também.

Na manhã seguinte Wild Bill surpreendeu Daniel ainda mais uma vez ao anunciar:

— É a minha vez de ir embora. Na verdade, vou tirar umas férias por uns tempos, o que significa que você está de férias também... livre para fazer o que quiser, desde que cumpra com seus encargos na fazenda.

— Eu devo ter me saído realmente bem, ou terrivelmente mal, ontem à noite — observou Daniel, sentindo-se deslocado pela mudança repentina.

— Não, você apenas está pronto para novos ângulos, e estamos ambos cansados e precisamos relaxar. Como diz no livro, "Procure, de vez em quando, relaxar a sua mente das suas aplicações mais rígidas com alguma recreação conveniente, senão seu espírito pode ficar sobrecarregado e perder a vontade de continuar com o trabalho."

— De que livro vem isso?

— *O ordinal de alquimia.*

De brincadeira, Daniel disse:

— Eu nem sabia que você podia ler.

— Eu costumava, o tempo todo, mas acabei perdendo tanto a vontade que quase acabei comigo mesmo nas "recreações convenientes".

— Você vai ver Volta?

— Espero que não — declarou Wild Bill. Mas provavelmente a Jenny Sue.

Uma hora mais tarde, Wild Bill partiu pela estrada empoeirada, sua mochila batida nas costas, murmurando uma música própria para a ocasião, uma melodia que se sustentava com sincera emoção na falta de escansão:

> *Jenny Sue, oooooh Jenny Sue*
> *Não há nada nesse inteiro, glorioso, doce e maravilhoso mundo*
> *Que essa bonequinha não faça...*

Na ausência de Wild Bill, Daniel, como a maioria dos alunos, relaxou. Ele transformou as meditações da manhã e do sonho em sono, e a meditação vespertina foi convertida em pescaria. No seu tempo livre, preparava isca para as trutas, lia livros de sua promíscua seleção da biblioteca ou jogava cartas com Owen. Maio foi aquecendo até junho, e junho se espreguiçou até julho sem notícias de Wild Bill. Então, no dia 4 de agosto, o que ainda restava dele retornou à fazenda.

Daniel sorriu quando abriu a porta da sua cabana e viu Wild Bill encostado na soleira. Ambos os olhos estavam escuros, a orelha esquerda inchada e o dente da frente lascado, e havia uma clara linha de pontos cirúrgicos sobre o olho esquerdo.

— Caramba — exclamou Daniel —, o que aconteceu?

— Aahh — murmurou Wild Bill —, uns caras me encheram de porrada.

— Por quê?

— Porque era isso o que eu estava tentando fazer com eles.

— E quanto a Jenny Sue, ou seja lá qual for o nome dela... a sua namorada?

— A última vez que eu vi, ela estava ajudando os caras.

— Você quer que eu o leve para um hospital?

Wild Bill tocou com os dedos nos pontos sobre a testa.

— Acabei de sair de um.

— Quer entrar e deitar um pouco? Você parece estar precisando descansar.

— Garoto, se eu descansar mais aí é que eu tô fodido. Prepare tudo que você pode precisar para viver até a próxima primavera. Nós vamos para as montanhas. — Ele colocou a mão desarticulada e cheia de feridas no bolso. — Aqui está uma lista de coisas de que você provavelmente vai precisar. Outra coisa... nós não voltaremos para fazer visitas, portanto, não vai ter notícias de Volta ou outra pessoa qualquer. Você pode ligar para Volta amanhã para ver se tem alguma novidade. É gastar dinheiro à toa, porque teria tido notícias dele se acontecesse alguma coisa. Se não quiser ir, eu irei sem você e consideraremos as aulas terminadas. Se quiser ir, esteja pronto amanhã de manhã.

— E quanto a Owen e Tilly? Eles precisam de uma força por aqui.

— Haverá gente para cuidar disso.

— Por que as montanhas? Nós estamos nos escondendo?

Wild Bill respondeu asperamente:

— Não, estamos levando as coisas a sério.

A sua veemência assustou Daniel. Ele não respondeu.

— Você quer o número de Volta, ou não?

— Não — respondeu Daniel —, tudo bem.

— Comece a se agitar, então. Quero dar o fora dessa porra.

— Não até você me contar o que aconteceu. Qual foi o motivo da briga?

— Segredo nenhum. Eu disse que a garrafa nunca se esvaziava. O barman e seus camaradas disseram que sim.

— Eu acho que ela esvaziou, hein?

— Merda — disse Wild Bill. — O tempo todo.

Tilly os conduziu em direção ao norte na manhã seguinte até o começo da trilha de Huta Point, às margens da região selvagem de Yolla Bolly. Durante o percurso, ela e Wild Bill combinaram um plano de reabastecimento, decidindo-se por intervalos mensais, com comida e equipamentos escondidos dentro de duas malas de metal perto da velha travessia sobre o córrego de Balm of Gilead. Ela o abraçou brevemente se despedindo. Tilly era o último ser humano que Wild Bill e Daniel veriam em seis meses — além deles mesmos, é claro. E eles veriam bastante um ao outro.

Daniel seguiu Wild Bill para cima e para baixo através de vertentes escuras cobertas por velhos pinheiros. Ele se recusou a perguntar aonde estavam indo. Wild Bill não mencionou o destino. Ele permanecia incomumente calado, concentrando seu fôlego na trilha e mantendo uma passada regular.

Naquela noite eles acamparam na confluência central do Eel. Cada um tinha trazido a sua própria barraca. Wild Bill explicou:

— Fui contratado para ensinar a você, não para dormir com você. E depois, sou conhecido por fazer algumas meditações no meio da noite que você roncando me atrapalharia.

Eles acabaram de armar as tendas quando a luz se dissipou. Daniel, esfomeado, estava ansioso para jantar, mas Wild Bill disse-lhe que ainda não tinham feito a meditação do pôr do sol, que estavam agora adicionando às outras três. O objetivo desta era simplesmente sentar e deixar o rio correr. Enquanto ainda estava no mesmo assunto, ele informou a Daniel que as meditações, por antiga tradição, tinham a duração dobrada enquanto estivessem nas montanhas.

— Isso quer dizer seis horas por dia!

— Oito para mim. Normalmente faço meia hora à meia-noite e uma outra às duas. Você provavelmente devia estar fazendo oito horas também, mas eu sou flexível.

— O tempo da aula de pergunta dobra também para dez minutos?

Wild Bill ignorou o sarcasmo.

— Não. Cinco minutos já é trabalho demais.

Daniel tinha tentado não antecipar a pergunta, mas presumira que ela seria perceptiva, não pessoal, e foi pegado ligeiramente desprevenido quando Wild Bill atiçou a fogueira e disse:

— Por que você não perguntou aonde estamos indo?

— Porque não faz diferença — respondeu Daniel.

Wild Bill mexeu com os olhos.

— Ah, conversa fiada. Desde quando isso é o bastante para segurá-lo? Pessoalmente, acho que isso é perversidade adolescente. Desperdiçada nas montanhas. Seja verdadeiro, é só isso de que precisa. E, já que você não perguntou aonde vamos, eu vou dizer.

O destino deles era uma anomalia geomorfológica chamada Bacia de Blacktail. No centro dessa bacia havia um lago de dois mil metros quadrados. Wild Bill dizia nunca ter visto o lago em nenhum mapa, assim credenciando a lenda indígena local de que um xamã Nomlaki tinha colocado um feitiço de invisibilidade sobre o lago, após o seu primeiro encontro com um homem branco. Visto que o lago era alimentado por uma fonte própria — "enchido por dentro", como o Nomlaki o descrevia —, eles o consideravam um lugar de grande força, portanto um lugar a ser protegido. Embora Wild Bill o tivesse descoberto por sua conta 15 anos antes, ele entrava em contato com os anciãos Nomlaki sempre que planejava ir até lá. Eles sempre o deixavam ir. Na visão deles, ele havia enxergado através do feitiço, o que significava que o lugar havia decidido se revelar a ele. Quem eram eles para dar uma permissão que já tinha sido tão nitidamente concedida?

Já que o lago encontrava-se sob o feitiço da invisibilidade e, consequentemente, não existia, ele não poderia ter um nome — um problema referencial que os Nomlaki tinham concisamente resolvido chamando-o de Lago Sem-nome.

Wild Bill tinha em alto conceito a cultura Nomlaki.

— Os Nomlaki eram conhecidos no litoral e até o Klamath pelos seus poderes xamanísticos, pela cura e pela feitiçaria em particular, que são duas das artes mais difíceis. E você tem que gostar de uma cultura na qual a coisa mais preciosa que se pode possuir ou trocar é uma caverna de urso negro, para ser enterrado dentro.

Eles atingiram a borda inferior da bacia de Blacktail no final da tarde seguinte e seguiram para baixo, na direção do que Wild Bill assegurava a Daniel ser o lago, embora esse não fosse visível. Daniel esperava que a bacia

fosse dramaticamente alta, mas na verdade era bastante rasa, com um declive de elevação de menos de 120 metros a partir da borda inferior ao sul até o centro. A bacia era cercada por uma espessa floresta nas vertentes superiores. À medida que eles desciam a montanha pelo caminho, as árvores ficavam mais afastadas e as samambaias e groselheiras rasteiras gradualmente se adelgavam. Apesar da mudança de densidade, a flora parecia disposta de tal modo que, embora se tivesse uma impressão de floresta aberta, não se conseguia ver além de três metros à frente. Daniel quase entrou andando dentro do lago antes de enxergá-lo.

Daniel seguiu Wild Bill ao redor do lago até um prado em forma de terraço. Protegido pelo rebordo íngreme ao norte, agradavelmente voltado para o sol, com uma visão desobstruída do lago, o prado era um local perfeito para se acampar.

Wild Bill se livrou do seu carregamento.

— Caramba! Que alívio sair de baixo desse peso todo.

— Qual é a altura do lago?

— Tão alto quanto você queira chegar.

— Quero dizer a elevação.

— Perto de uns novecentos metros — calculou Wild Bill.

— Nós vamos provavelmente ter alguma neve, certo?

— Só o suficiente para mudar um pouco a paisagem.

Espreguiçando-se, Daniel deu uma olhada em volta.

— Posso ver por que os índios pensam que ele está sob algum feitiço... as árvores são uma tela natural.

— O que você não pode ver — falou Wild Bill para ele — é que o xamã mudou as árvores de lugar.

Num tom de brincadeira que ambos toleravam e que protegia seu brando desrespeito, Daniel disse:

— O que quer que você diga, *fessô*.

— Você está aprendendo. E eu digo, vamos arrumar esse acampamento e depois encarar os outros afazeres.

Quando o acampamento estava todo bem montado, Wild Bill anunciou:

— Tudo bem, estamos em casa. Agora aos afazeres. Só existem dois: pescar o jantar e arrumar lenha. Pode escolher.

— Eu pesco — disse Daniel.

— Essa é a minha escolha também — falou Wild Bill para ele.

— Então me dei mal, né?

— Seguinte... dada minha experiência e tudo mais, sou eu quem *deveria* pescar... sou um pescador incrível... mas nunca diga que o Wild Bill se aproveitou de você usando da sua autoridade natural em qualquer circunstância. Vou lhe dizer uma coisa: vou pescar por uma hora, mais ou menos, e aí você pesca durante uma hora, enquanto eu fico sentado rindo. Aquele que pegar mais peixes será o Pescador Oficial do Acampamento por um mês... o perdedor pode treinar quando a vara de pescar não estiver sendo requisitada pelo campeão para produção de proteína de sobrevivência.

— Está feito — concordou Daniel.

Wild Bill deu uma piscadela.

— É isso que eu digo para aqueles peixes quando eles mordem a isca.

Wild Bill pegou dois.

Daniel não pegou nenhum. Ele não conseguia entender... ele estava pescando da mesma saliência de pedra onde Wild Bill tinha apanhado os seus, dava para ver na superfície o redemoinho de peixes se agitando. Ele estava tão profundamente concentrado que se assustou ao ouvir Wild Bill falar sobre os seus ombros.

— Conte os seus, está na hora.

— Certo — suspirou Daniel —; qual é o segredo?

— Me dá essa vara e eu mostrarei como se faz isso.

Daniel entregou o caniço, relutantemente.

— Agora preste bastante atenção — observou Wild Bill.

Quando Daniel virou-se levemente para observar, Wild Bill pôs a mão no seu peito e o empurrou para dentro do lago. O choque com a água gelada o trouxe de volta ofegante à superfície.

Wild Bill estava apontando para a água.

— Está vendo aquelas pedras ali no raso? Agora, olha aqueles pontinhos pretos. São as casinhas de larvas de mosca-d’água, que é o que os peixes estão comendo hoje.

Com os dentes batendo, Daniel foi andando até a margem. Ele estava furioso, mas tinha que aprender.

— Muito bem, que tipo de isca você estava usando para imitá-las?

— Bom — comentou Wild Bill, colocando um braço em volta dos ombros molhados de Daniel —, peguei o meu canivete e cortei aquela porção de penas do anzol e coloquei algumas daquelas verdadeiras larvas de mosca-d’água. É isso que os peixes estão comendo — não um punhado de penas e metal que brilha e não sei mais o quê.

Daniel tremia.

— Isso é trapaça.

— Você tem que pescar *bem devagar* — explicou Wild Bill. — Assim como deixar que eles subam em espiral lá do fundo. Vou lhe dizer uma coisa, é preciso um bocado de paciência e um ótimo senso de humor para fazer a coisa certa.

O programa era muito parecido com o da fazenda: meditação, tarefa diária, questionário noturno. A única mudança significante foi a adição do que Wild Bill chamava de ensinamentos, que se resumiam em Daniel ficar ouvindo ele contar histórias ao redor da fogueira.

— Meu pai viu algo lá na confluência dos rios, que duvido que um de nós um dia veja. Ele viu dois ursos machos adultos brigando por uma ursa. Isso não é tão raro, é claro, mas o interessante é que um dos ursos era preto e o outro cinzento. Uma boa disputa.

— Quem ganhou?

— Bem, como papai sempre dizia — Wild Bill fez uma pausa para cuspir enfaticamente na fogueira —: "Filho, se você tiver que ser um urso, seja um urso cinzento."

— Que tipo de urso era a fêmea? — perguntou Daniel.

— Sabe de uma coisa, Daniel? Você poderia arrebentar uma bola de aço.

Daniel se irritou.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que não é nada fácil arrebentar uma bola de aço.

Embora o sistema fosse basicamente o mesmo, a qualidade dos dias era diferente. Eles viviam tranquilamente. Junto com a comida que tinham trazido — bastante arroz e feijão — havia peixes, plantas comestíveis, cogumelos da época, pássaros, pequenas caças e, ocasionalmente, um veado que sucumbia ante à .222/.410 que tinham trazido. Para economizar munição, levavam somente uma bala em cada tambor quando iam caçar, uma prática que, Daniel logo descobriu, aumentava enormemente sua precisão. Em média, eles gastavam menos de uma hora por dia cuidando da comida.

Daniel aproveitava o tempo livre para explorar a bacia, sonhar acordado ou trabalhar em vários projetos, a maioria dos quais falhava. Ele tinha dificuldades para acertar a encosta do morro com o arco e as flechas que tinha

feito. O instrumento para atrair patos que ele esculpira a mão os assustava. Suas armadilhas para peixe não pegavam nada.

Wild Bill não ajudava, nem consolava.

— Se você seguir a pista do fracasso pode chegar a uma dessas duas coisas: planejamento ou execução. A mim parece que ambos o pegaram.

No final do mês, eles caminharam de volta até a travessia de Balm of Gilead e pegaram sua provisão mensal dentro das duas malas escondidas. Tilly e Owen sempre deixavam um bilhete com alguma novidade importante. Houve uma mensagem de Volta para dizer que não havia nada a relatar. Eles levaram dez horas para descer com as mochilas vazias, e bem umas 16 para voltar. Duas vezes, durante o inverno, eles tiveram que usar cordas para atravessar o Eel castigado pela chuva. No início, Daniel desprezava as caminhadas durante a noite, porém no inverno ele realmente começou a gostar do extenuante retorno que durava o dia todo até o lago; o absoluto empenho físico parecia purificá-lo de uma rançosa congestão que ele podia sentir, mas não localizar.

Janeiro foi um mês terrível para Daniel. Chovia ou nevava quase todos os dias. Ele ficava dentro da sua barraca tanto quanto podia. Descobriu, como muitos outros o fizeram antes dele, que as montanhas impõem você a você mesmo. Chegou a algumas conclusões de que não gostou. A primeira era que não tinha se recuperado da morte da sua mãe. A dor enraivecida e violenta, uma vez tão palpavelmente presente, havia se dissolvido num obsessivo vazio.

A segunda conclusão desagradável a que tinha chegado Daniel é que não tinha mais sonhado desde a explosão da bomba. Receoso que isso pudesse indicar um dano cerebral, ficou tão atento à sua incapacidade de sonhar que ficava difícil dormir. Ele acordava exausto e horrível, como se fosse um piloto que tivesse passado a noite infrutiferamente procurando pelo oceano um bote salva-vidas ou sinais de naufrágio. Não falou sobre a sua incapacidade de sonhar para Wild Bill. Aquilo queria dizer que algo estava errado, ele não queria voltar para o hospital, e se aquilo significasse outra coisa além de não estar sonhando, ou não conseguir se lembrar dos sonhos, então não tinha importância.

Sua terceira conclusão foi de que, o obsessivo desejo carnal e masturbação quase diária, eram preferíveis do que a contemplação melancólica do seu coração partido e sua incapacidade de sonhar. Ele se lembrava do rosto de Brigitte Bardot cem vezes por dia, cada uma

acompanhada de um puro impulso de libertação genital. Uma primavera prematura derramou combustível sobre o seu fogo. Ele não conseguia meditar por cinco segundos sem que lhe sobreviesse uma imagem de seios, ou bundas rígidas e arredondadas, ou meias de seda que afetavam a sua concentração, como uma pedra lançada sobre uma poça de lama.

Wild Bill percebeu. Numa manhã clara e agradável, em meados de fevereiro, bem no meio da sua meditação, Wild Bill deu um pulo e encarou Daniel, perguntando:

— Mas que porra é essa que está perturbando você?

Daniel sentiu vontade de correr para a sua barraca.

— Eu não sei se eu sei — gaguejou ele —, só que não sonhei mais, desde que fui ferido.

— Porra, se preocupe com os seus sonhos quando estiver dormindo. Se preocupe em ficar molhado quando estiver chovendo. Quando estiver sentado, apenas fique *sentado.* Não se balance. Não se mexa. — Wild Bill ia se sentar novamente quando teve uma ideia melhor. — Na verdade, estou cansado de lutar contra os seus hormônios para conseguir a sua atenção e estou cansado de olhar para você. Vá embora.

— O quê? — perguntou Daniel, sentindo-se aniquilado mas estranhamente aliviado também.

Wild Bill apontou para o norte.

— *Vá*. Aquele velho pinheiro saliente lá... siga reto até o fim a partir dali, em cem metros pela crista você vai achar uma fonte, se descer por debaixo do afloramento da rocha, achará uma caverna. Você pode ficar dentro da caverna ou andando ao redor... não me importo. Mas se você se perder e eu tiver que o encontrar, você vai desejar *continuar* perdido.

— Isso é pessoal, ou é algum tipo de ensinamento?

— Ambos.

— Então o que é que eu tenho que fazer?

— Primeiro — explicou Wild Bill com exagerada paciência —, você vai. Aí você tem sonhos e visões. Se não consegue sonhar, apenas tenha visões. Explore o valor das visões. Examine o seu próprio valor. Tente entender o que tem valor e o que não tem. Daqui a dezessete dias você pode voltar.

— Está bem — concordou Daniel com um toque de petulância —, mas eu levo a metade de tudo. Já que você está ao lado do lago, o mais sensato é que eu leve a arma e você fique com a vara.

— Nada disso — desaprovou Wild Bill com firmeza. — Já passei dos sessenta anos e você está beirando os dezesseis. Leve uma faca e o saco de dormir; eu fico com o resto.

Daniel chiou.

— Esqueça! Isso não é justo.

— Tchau. — Wild Bill agitou os dedos se despedindo.

— Velho fodido — resmungou Daniel.

— Do jeito que os seus hormônios estão transbordando, é bem desse tipo de coisa que tenho medo.

— Deve ser melhor do que tomar uma surra. — Daniel imediatamente lamentou o que tinha dito.

Mas Wild Bill riu e acenou novamente.

— *Adios.*

Daniel rastejou para dentro da sua barraca, enfiou o saco de dormir na bolsa e foi embora sem dizer mais nada.

Ele passou a primeira semana dentro da caverna, comendo no self-service de plantas da primavera. Quando não estava procurando comida, dormindo ou meditando — ele continuava a fazer isso mas meio a contragosto —, Daniel estava absorto com fantasias eróticas de detalhes tão sensuais e infinitas possibilidades que ficava deitado no saco de dormir e se masturbava até sentir cãibra no braço.

Para romper com o cerco do desejo, decidiu andar em direção ao norte até os afluentes de Cottonwood Creek. O tempo estava claro mas frio. Ele comia o que quer que encontrasse, principalmente cebolas silvestres e alguns brotos de alface, acompanhados eventualmente com pernas de rã. A nutrição era o suficiente para que continuasse caminhando, mas não para abastecer sua passada habitual. Ele se cansava facilmente e tinha dificuldades para se concentrar por mais de alguns minutos. Todavia, experimentava uma leveza que não estava confinada à sua cabeça, uma espécie de austeridade metabólica, e com ela veio um profundo senso de objetividade — livre de julgamentos ou de inflamáveis desejos. Ele não teve sonhos nem visões. Depois de oito dias perambulando em círculos, lentamente, alcançou a caverna apenas algumas horas antes da tempestade.

A tempestade evidenciava o último soluço do inverno, mas o inverno custou a morrer naquele ano: relâmpagos ofuscantes, trovões tão ruidosos que levantavam a poeira no chão da caverna; ventos que arrancavam galhos dos pinheiros inquietos, derrubando troncos que se espatifavam quando caíam por

terra; e então a chuva torrencial. Quando estava sentado confortavelmente dentro da caverna, uma boa fogueira e bastante lenha empilhada contra o muro, assistindo o vento sugar a fumaça para fora da boca da caverna como se fosse uma espessa corda trançada, ele decidiu que jejuaria e meditaria durante os três últimos dias. Ele queria sonhos e visões.

Conforme Wild Bill decretaria mais tarde, Daniel teve duas quase visões e uma com certeza, mas Wild Bill era um juiz draconiano.

Uma quase visão começou com a cor rosa. De início, Daniel pensou que fosse algum tipo de introdução para uma fantasia erótica, mas à medida que observava, a cor se contraía lentamente transformando-se num rosa iluminado de terror, como os olhos de um rato de laboratório. Em seguida ele estava dentro do rato, correndo num labirinto, virando à esquerda, à direita, à direita outra vez, correndo até sentir o odor do seu próprio medo flutuando no ar e se deu conta de que já havia tentado aquela passagem antes. Daniel saiu do corpo do rato como uma névoa levantando sobre o campo. Ele podia ver o labirinto abaixo dele, um quadrado perfeito, infinitamente intricado, sem entrada e sem saída. O labirinto explodiu quando ele gritou.

A outra quase visão começou com ele flutuando bem abaixo da superfície do lago Sem-nome. Ele não estava morto, mas mal tinha força para levantar a mão esquerda para fora da água. Ele sabia que ninguém o veria, mas era tudo o que podia fazer. Ele flutuou, reunindo energia e vontade para levantar a mão esquerda novamente. Quando conseguiu, sua mão foi segura por uma outra, poderosa e firme. À medida que ela o levantou da água, ele viu uma mulher que não conhecia, alta, bonita e sorridente, e queria que ela o erguesse até seus braços e o segurasse bem apertado, porém no mesmo movimento que o livrou do lago, ela o lançou para os céus. Ele foi projetado através da galáxia, sua mão ainda esticada, mas não importava — ele cairia para sempre. Ele também podia estar acenando adeus. Quando riu, a chuva açoitada pelo vento estava passando zunindo pela caverna.

A verdadeira visão ocorreu na última noite. A tempestade tinha passado, deixando uma tênue neblina em seu rastro. Sentindo-se fraco e desarticulado, Daniel estava sentado na boca da caverna observando as nuvens de neblina desfiando-se e girando sob o luar quando ouviu claramente a sua mãe chamá-lo ao longe; “*Um-dois e você está livre*”, exatamente como ela havia feito tantas tardes brincando de pique-esconde no Quatro Duques quando ele era criança. “*Um-dois e você está livre*”, disse ela novamente, a sua voz mais longe; e então mais uma vez, quase inaudível. E ela não chamou mais.

Balançando-se para a frente e para trás, os braços em volta de si mesmo, Daniel chorou.

Quando desceu cuidadosamente a colina em direção ao acampamento na manhã seguinte, Daniel sentia-se simultaneamente sereno e áspero.

Wild Bill estava fazendo panquecas quando Daniel chegou.

— Isso está com um cheiro delicioso — comentou Daniel, cumprimentando-o. — Se tiver massa sobrando, sirva mais para mim. Estou jejuando há quase uma semana.

— É? — Wild Bill tentou virar a panqueca sobre a chapa mas teve que parar e desdobrá-la com uma espátula. — Para que você tem jejuado?

— Pelos sonhos e visões, conforme as instruções.

— Não me lembro de nenhuma instrução sobre jejuar. O jejum é traiçoeiro. Pode causar estranhos efeitos.

— Funcionou. Eu tive visões.

— Só um segundo. — Wild Bill fez a panqueca deslizar sobre um prato de estanho e o passou para Daniel. — E então, o que você viu?

— Eu vi... — Daniel começou mas acabou hesitando. — Bom, na verdade, eu não *vi* coisa nenhuma.

Wild Bill grunhiu.

— Bom começo.

Daniel não soube dizer se o grunhido era brincalhão, mordaz, ou ambos. Ele podia sentir o calor das panquecas através do prato de estanho na palma da mão.

— Você quer ouvir, ou não?

Wild Bill olhou para o alto.

— É importante para você?

— Eu *chorei* — disse Daniel, sentindo como se fosse fazê-lo novamente.

Wild Bill disse suavemente:

— Então, será uma honra para mim. — Ele deu uma rápida mexida na massa e derramou-a chiando sobre a chapa.

— Foi alguma coisa que eu *ouvi* — explicou Daniel. — Eu ouvi a minha mãe falando: "*Um-dois e você está livre.*" É assim que se grita no final de um pique-esconde quando se desiste de procurar. É assim que os outros participantes ficam sabendo.

— Já brinquei disso. Quando foi que você a ouviu?

— Ontem à noite.

Wild Bill observou as bolhas espessas estourarem na superfície da panqueca, então enfiou a espátula sob a parte tostada, ergueu-a por um instante e a lançou para o alto. A panqueca virou duas vezes e meia e caiu perfeitamente sobre a chapa. Mas Wild Bill parecia taciturno.

— Porra, Daniel, eu não quero botar areia, não, mas você merece a verdade. Não foi a sua mãe que você ouviu ontem à noite. Fui eu. Cantando.

Daniel parou a panqueca a meio caminho da sua boca.

— Cantando?

— Cantando — confirmou Wild Bill. Ele ergueu a panqueca e deslizou sobre o prato de Daniel. — Coma. Você está delirando de fome.

— Você não estava cantando — afirmou Daniel.

Wild Bill virou-se solenemente e encarou o lago. Ele inclinou a cabeça para trás, expirou vagarosamente, tomou um fôlego longo e profundo, depois outro, e então surpreendeu Daniel. Com uma potência e afinação clara completamente diferente dos seus habituais resmungos e sussurros, Wild Bill harmonizou e confundiu vogais abertas e deslizantes consoantes numa cantiga ondulante que se alternava entre o júbilo e a lástima, o prazer e o lamento. Daniel ouviu com clareza ao final: "*Um desses está livre.*"— Wild Bill repetiu a frase, depois deu voltas sobre ele mesmo, soprando para dentro, bruscamente saltando para uma oitava, e então lentamente a deixando deslizar para dentro da última e persistente nota.

Wild Bill ficou ouvindo o eco da sua voz através da bacia até que ele fosse absorvido dentro do ar. Ele se virou para Daniel.

— Aprendi esse canto com Lao Ling Chi, meu professor quando eu fazia pesquisa com fôlego e respiração.

Daniel comentou:

— Isso foi lindo, foi parecido, mas não foi a sua voz que eu ouvi... era a voz da minha mãe.

— Seja lá o que tenha sido — Wild Bill encolheu os ombros —, você ouviu, então é você que tem que entender. Quanto a mim, vou procurar cogumelos para cozinhar com o coelho essa noite. Se você estiver a fim, tem um monte de pinheiro jovem que eu desbastei que precisa ser aparado e trazido até aqui. Eles estão empilhados ao pé daquela grande borda no lado oeste. Leve a sua machadinha.

— Tudo bem — concordou Daniel, devorando uma panqueca. — Até logo. — Ele se perguntava o que Wild Bill queria fazer com os pinheiros, mas recusou-se a lhe dar satisfação perguntando.

Sacudindo a horrível e desequilibrada cesta que tinha trançado com tiras de junco e capim, Wild Bill seguiu o seu caminho ao redor do lago e depois subiu a rampa ao sul até a borda. Quando caminhava sobre a crista, ele deu uma parada e cantou brevemente: "*Oodell-a-eee-ooooo.*" Sua voz ressoou pela bacia.

— Maluco — murmurou Daniel. Wild Bill... sempre procurando erros e sentindo uma alegria maliciosa ao apontá-los. Que tipo de professor era aquele? Daniel começou a suspeitar que a excentricidade de Wild Bill era apenas uma tela para cobrir sua incompetência, e com malvada satisfação se deu conta do quanto ele tinha se divertido durante os 17 dias que ficara sozinho... sem vigilância, sem implicância, estocadas e pequenas humilhações.

Daniel lavou a louça e depois apanhou sua machadinha dirigindo-se para as margens do lago. As árvores estavam empilhadas numa clareira, cem metros acima das margens. Quando Daniel puxou a primeira para fora da pilha, sentiu um reflexo colorido nos olhos, vermelho e brilhante, primeiro pensou que fosse uma cobra, depois, com um estremecimento de terror, se deu conta de que era um fio.

Uma voz gritou, vinda do céu.

— Daniel! Fuja!

Ele tentou acertar o fio com a machadinha, mas foi um segundo tarde demais. A explosão o sacudiu e ele cambaleou para trás, as mãos cobrindo a cabeça, olhando atônito o estampido da chuva de confetes feitos de folhas que o cercou. Ele olhou para as mãos: não havia sangue. Apanhou a machadinha e a agitou sobre a cabeça. Quando viu um filete de fumaça vindo de uma pequena cratera cinquenta metros morro acima, ele jogou para o lado a machadinha e começou a seguir o fio.

Com o grito perfurante de uma águia-pescadora, Wild Bill caiu sobre ele saltando de um galho de um velho pinheiro e o deixando no chão. Wild Bill pegou a machadinha e a arremessou longe, enquanto Daniel rolava e erguia-se rapidamente. Ele acertou Wild Bill com um cruzado de direita no meio do peito, seguido de um oblíquo de esquerda no rosto. Wild Bill remontou seus ombros pesados e levantou os punhos para cobrir o rosto, os cotovelos contraídos para proteger seu baixo ventre. Daniel acertou-lhe um violento golpe com a direita na boca do estômago. Wild Bill gemeu mas manteve as mãos em guarda.

— *Luta* — berrou Daniel, antes de o atingir novamente com força no estômago. Quando as mãos de Wild Bill caíram por instantes, Daniel continuou com uma esquerda na cabeça. Wild Bill uivou, cambaleando para o lado e logo recuperando o equilíbrio. Ele sacudiu a cabeça para recuperar-se um pouco, piscando sob o escorrimento de sangue que descia do supercílio.

— *Luta*, seu babaca! — gritou novamente Daniel.

— Ela está morta, Daniel. Morta.

Daniel lançou outro soco com a esquerda que acertou em cheio os cotovelos de Wild Bill, um choque de dor subiu pelos braços de Daniel até seus ombros.

— Vamos — gritou Wild Bill, saturado —, acabe com isso.

Daniel lançou um gancho de direita sobre o ouvido, mas Wild Bill se esquivou do golpe. Daniel lançou um com a esquerda mas não havia mais força naquele braço, então mandou um de direita, que Wild Bill bloqueou facilmente com seu ombro. Daniel lançou outro, outro e outro, até não ter mais energia, toda raiva, medo e derrota esvaziando-se nas investidas, e ele caiu nos braços de Wild Bill.

De volta ao acampamento, Wild Bill improvisou uma compressa para o corte sobre os olhos e Daniel pôs a mão inchada de molho em água fria. Eles não se falaram por um bom tempo. Daniel estava exausto, e Wild Bill não tinha nada a dizer. Finalmente, Daniel levantou agitado, movimentando as mãos.

— Quando vamos embora?

— Eu estou indo de manhã — informou Wild Bill. — Você é bem-vindo para vir comigo, mas pode ficar se quiser. Owen vai estar lá quando escurecer, se você quiser uma carona.

— E depois?

— Eu vou para o Arizona colocar um pouco de deserto entre as minhas orelhas. Toda essa exuberância me deixa meio deprimido. Deixa os olhos desleixados.

— E quanto a mim?

— Você continua com o seu treinamento. Você é quem sabe.

— Meu *treinamento*? Não sabia que estava sendo treinado. Para quê?

— Depende do que você aprender.

— Hum-hum, certo. Bom, uma coisa que já aprendi é não esperar uma resposta direta.

— Eu levo o ensino a sério, Daniel. Não vou lhe dizer o que eu não sei.

— Então me diz o que você sabe.

— Existem três espécies diferentes de associação com a AMO. A primeira é de amigos e almas aparentadas. Essa associação é um sistema independente de ajuda mútua e apoio moral. Eles não pagam as obrigações. A segunda espécie é de aliados, membros de fato da AMO que pagam seus cinco por cento anualmente, e que recebem e proporcionam os privilégios da Aliança. E tem também a dos iniciados. São pessoas com dons e conhecimentos particulares que sustentam e expandem as artes e as práticas tradicionais da Aliança.

— É isso que você está tentando não me dizer, que estou sendo treinado como um iniciado?

— Ninguém é treinado como um iniciado. Um iniciado é aquele que dominou uma arte particular, que alcançou um certo discernimento. Mestria não se ensina. Só se pode ensinar certas habilidades de percepção, o que em troca leva ao reconhecimento de possibilidades e oportunidades para desenvolvimento posterior... assim como os perigos aí envolvidos. Depois

desse ponto, você está sozinho. Mas, como notou Sinésio ainda no século IV, “Há sempre uma orientação disponível, se você estiver disponível.”

Daniel pensou a respeito por um instante, flexionando as mãos.

— Você acha que eu tenho potencial para ser um iniciado?

— Eu não dou notas, Daniel, mas sim, com certeza você tem potencial. Quase todo mundo tem. Mas, veja bem, as coisas são assim: o cérebro processa a informação, e a informação pode ser uma viagem sem fim. Com a participação do coração, algumas informações tornam-se conhecimento. O espírito, ou a alma, a transforma em entendimento. Mas aí está o problema com a abstração... ela se extravia com a separação.

— Que tipo de potencial eu tenho? Quero dizer, que rumo eu devo tomar? Não estou te pedindo para tomar decisões por mim, entenda... só que eu dou valor à sua opinião.

— Não sei. Mas tenho um forte *palpite* de que você daria um ladrão danado de bom. Na verdade, é o que a AMO chama de Corvo, que é muito mais do que simples furto. “Agentes de troca e restituição” é como Volta os chama. Os Corvos são os únicos iniciados a quem a AMO permite que matem outros seres humanos, e eles só podem usar a imaginação como arma.

— Você quer dizer, imaginando que eles estejam mortos? Ou atirando neles de dentro de um balão flutuando perto das janelas onde eles estão?

— Eu quero dizer, escrevendo um bilhete para eles dizendo: “Vou matá-lo esta noite.” No dia seguinte, um que diz: “Tive um contratempo. Será esta noite.” E, no outro dia, “Prepare-se”, e continuar assim por duas semanas, e então pegá-lo dormindo à noite e dar um tiro acima da sua cabeça e quando ele acordar gritando, dizer: “Ora, que merda, errei... bom, tentarei de novo amanhã.” E dez dias depois o cara se arrebenta dentro do seu carro esporte contra uma coluna de concreto.

— Meu Deus, mas o que foi que ele fez?

— Daniel — reclamou Wild Bill — o silêncio é de ouro.

— Ainda assim é assassinato, de alguma maneira. Certo?

— Se quiser entrar em minúcias morais, fale com Volta. O uso da violência sempre foi febrilmente debatido na AMO, e durante esse século já existiram mais de cem políticas ‘oficiais’ diferentes... aqui eu estou confiando no aprendizado de Volta. A política atual é o que Volta chama de “condenação compassiva”. Que significa que você não deveria usar violência letal, exceto nas mais extremas circunstâncias... como legítima defesa... mas

as pessoas, por causa do medo, da ignorância e da raiva, cometem erros. E *há* uma maldade no mundo que tem que ser encarada.

— Como está o seu olho? — perguntou Daniel.

Wild Bill deu um risinho e disse:

— Vai ficar curado se você não continuar batendo nele.

— Aquilo que você fez foi arriscado, provocar aquela explosão. Você não podia saber como eu reagiria.

— Não, com certeza não, mas a vida é cheia de riscos. Apesar do estrondo, era uma carga mísera, e ainda, estava a cinquenta metros de nós, enterrada, e eu tinha o interruptor de detonação na minha mão. Claro que eu estava cansado por ter descido até embaixo da colina para subir na árvore, e aí você localizou o pavio.

— Então, enquanto eu estava fora morrendo de fome e tendo visões, você estava me armando uma.

— Nada disso. Para falar a verdade, durante as primeiras duas semanas eu estava na ensolarada Flórida visitando minha irmã, e então despenquei de volta para cá para ficar com você. Levei duas noites para chegar até aqui, por causa da tempestade. Vou lhe contar, a travessia do Eel me deixou exausto... fui me segurando com uma mão depois a outra aquela corda que nós amarramos lá, e a água me deixava na *horizontal.* Acho que os meus pés não tocaram nenhuma vez no fundo. O único jeito de sair daquela encrenca foi dizendo-me que não importava mais toda a conversa fiada de Volta, se eu conseguisse atravessar seria um professor aposentado, e ponto final, só olhar o sol poente do deserto e cantar com os lagartos.

— Tem uma coisa que tenho que lhe perguntar — começou Daniel —, uma coisa que realmente eu preciso saber. Você *estava* cantando ontem à noite?

— Estava. Mas levando em conta a acústica da bacia, duvido que pudesse me escutar. Além disso, você ouviu o que *você* ouviu. Eu estava só tentando ajudar a fazê-lo entender, só isso.

— Por que você não disse isso hoje pela manhã?

— Porque eu queria que você ficasse pensando. Assim, poderia pegá-lo de surpresa.

— Eu tive duas outras visões se você quiser me ouvir.

— Estou sempre interessado em visões. Mas conversaremos durante o almoço, porque não só eu desafiei o rio enfurecido com explosivos na bagagem, como trouxe também quatro espessos filés mignon de Tilly e

Owen, mais alface, brócolis, pão e vinte garrafas de Cabernet. Sem mencionar um presentinho para você que deve esperar até o momento adequado.

Eles se regalaram e conversaram até o fim da tarde. Daniel contou suas visões, ouviu Wild Bill explicar por que não eram realmente visões e depois prestou atenção na história da AMO, na versão de Wild Bill, ele enfatizou, já que certos conhecimentos da AMO só eram transmitidos oralmente, o que convidava à revisão e invenção, assim mantendo os fatos corretos. Wild Bill estava relaxado, direto, muito mais bem articulado do que Daniel jamais vira mas, se tinha sido o vinho, os eventos daquela manhã ou devido ao seu último dia de professor que fazia com que lhe caísse a máscara, Daniel não sabia, nem se interessava particularmente.

À medida que o sol mergulhava na direção da borda da bacia, Bill, um pouco cambaleante, ficou em pé e anunciou:

— Tudo bem, Daniel, o momento adequado chegou. Siga-me.

Eles desceram até a beira do lago e miraram o sol poente. Após um longo silêncio, Wild Bill tirou algo do bolso e virou-se para Daniel.

— Quero te dar um presente. Eu dou um a cada um dos meus alunos... não como um diploma qualquer ou um símbolo de transição, entende, mas para expressar a minha gratidão por tudo o que eles me fizeram aprender para poder ensinar-lhes alguma coisa. — Gentilmente, ele colocou uma tartaruga de ouro maciço trabalhada a mão, do tamanho de uma moeda, na palma da mão de Daniel. Os olhos da tartaruga eram pequenos diamantes brilhantes.

— É lindo — murmurou Daniel, fascinado com o seu peso, seu lustro e os olhos reluzentes.

— A maioria dos meus alunos pensa que a tartaruga é um símbolo de equilíbrio entre a sabedoria da terra e a sabedoria da água, mas os que tenho em mente são alunos lentos.

Daniel fechou a mão sobre a tartaruga e olhou para Wild Bill.

— Sabe o que eu não consigo entender?

— Não — sorriu Wild Bill —, mas tem um bocado de coisa para escolher.

Daniel ignorou a brincadeira.

— Eu não entendo por que você tem tanto medo da sua ternura.

— Esta é uma outra razão para ser uma tartaruga — afirmou Wild Bill. — Por que você acha que elas têm cascos?

Daniel riu. Ele dobrou o seu dedo indicador em volta da tartaruga de ouro, ergueu o seu punho machucado e a atirou o mais longe que pôde na direção do centro do lago.

A tartaruga caiu na água com um silencioso *splash*, as ondulações concêntricas languidamente se espalhando a partir do ponto de impacto.

Aturdido pela atitude de Daniel, Wild Bill observou as ondulações, tentando sentir dentro de si mesmo a calma e inevitável dissipação das marolas. Ele se virou para Daniel então, concordou e disse:

— Bom. *Muito* bom. Na verdade, foi *excelente.*

— Eu tive um professor excelente.

Eles ficaram em pé vendo o sol deslizando por trás da borda da bacia. Por um instante, como se a tartaruga das profundezas estivesse entregando a sua luz ao sol, todo o lago ficou dourado.

Transcrição:
Gravação telefônica entre Volta e Wild Bill Weber

WILD B.: *Lapidem esse aquam fontis vivi.*

VOLTA: É verdade. E como está você, Bill?

WILD B.: Indo para o deserto.

VOLTA: Você tem escolha, Bill. Eu lhe darei um milhão de dólares, ou ficarei pelado e ajoelhado para implorar, se você consentir em ensinar por mais cinco anos.

WILD B.: Eu parei. Tchau.

VOLTA (rindo): Tudo bem, acabaram-se as aulas. Como foi o seu último aluno?

WILD B.: Ele é atento.

VOLTA: Não tenho dúvida. O que você acha dele?

WILD B.: Não tem limite. Ele se desacelera com perguntas, mas algumas delas são as certas. Mais ainda, eu acho que ele é capaz de entender algumas das respostas.

VOLTA: Como ele reagiu à explosão?

WILD B.: Como esperado.

VOLTA: Por falar nisso, fiquei honrado por você ter me consultado. Ou você estava apenas tentando dividir a responsabilidade no caso da coisa dar errado?

WILD B.: Mesmo o audacioso e o brilhante ficam nervosos.

VOLTA: Verdade. Mas, desde que não sejam audaciosos *demais*, eles também tornam-se mais sábios.

WILD B.: Ele soube como deixar as coisas acontecerem, que tinha que ser assim. Ele teve mesmo uma poderosa premonição na noite anterior. Ele ouviu a mãe falando: "*Um-dois e você está livre.*"

VOLTA: Eu disse que ele poderia ser o aluno que você estava procurando.

WILD B.: Você não saberia por acaso quem é o pai dele, não? Daniel disse que nem a mãe sabia, mas já que você sabe de tudo, pensei em perguntar.

VOLTA: Sua gentileza é desperdiçada na minha falha — eu não tenho a menor ideia. A mãe dele, Annalee, acho que eu mencionei, era uma mulher bastante orgulhosa e de uma imensa coragem. Existe evidentemente muito dela em Daniel.

WILD B.: Eu não argumento sobre isso, mas não nos desviemos. Ele é jovem. Os jovens cometem alguns erros terríveis.

VOLTA: É o que se espera deles.

WILD B.: E pode haver um problema. Ele não sonhou mais depois do ferimento, ou pelo menos não lembra dos seus sonhos.

VOLTA: Isso é perigoso.

WILD B.: Assim como o é lembrar-se deles.

VOLTA: Não vamos prosseguir com isso, Bill. Honremos nossa amizade respeitando nossas divergências. Você pode também me dar a honra de dizer qual é realmente o problema, já que não consideraria a falta de sonhos outra coisa senão uma bênção.

WILD B.: Daniel gosta dos extremos. Ele está um pouco deslumbrado demais pelo esquecimento.

VOLTA: A adolescência estimula enganos extasiados.

WILD B.: Deslumbrado *demais.* Mas isso é uma impressão minha, nada mais.

VOLTA: Alguma possibilidade que seus próprios receios e desejos estejam amplificando sua percepção quanto a isso?

WILD B.: Claro.

VOLTA: Não estou desafiando você. Eu tenho a mesma impressão quanto a Daniel. Sabe, Bill, nós pegamos a mesma onda com tanta frequência que se não fosse pela sua cabeça dura e maluca, nós não teríamos nenhuma divergência.

WILD B.: Louve a vida pelas graças da salvação.

VOLTA: Isso é um pouco como louvar o tempo para o dia de amanhã.
WILD B.: Falando de amanhãs, Daniel quer saber o que vem a seguir.
VOLTA: Eu não arriscaria uma consideração sobre isso sem antes consultá-lo. Você esteve com ele dezoito meses.
WILD B.: E nos últimos três, tem cozinhado com o seu próprio molho.
VOLTA: Ah, os hormônios. Acabam mandando o raciocínio ir dar uma volta. Alguma recomendação específica?
WILD B.: Sexo, drogas e rock'n roll. Daniel recebeu uma dose consistente de sais alquímicos; uma infusão do espírito fora da lei pode ser oportuna — embora fosse sábio ter uma influência moderada bem à mão.
VOLTA: A operação Stocker. Mott e tia Charmaine.
WILD B.: No alvo.

Através de mais umas bruxarias legais de Alexander Kreef, Daniel foi liberado da sentença de custódia e, após passar no exame da escola secundária num teste de equivalência, foi autorizado a procurar um emprego remunerado. Alexander Kreef tinha ouvido falar que a Ariba Farm e a Ranch Company estavam recrutando e, por acaso, ele tinha seus cartões no bolso. Daniel foi contratado pelo telefone e instruído para se apresentar no Rocking On Experimental Range Station, uma fazenda de trezentos mil metros quadrados no sul do Oregon. Mott Stocker, o capataz da fazenda, estaria esperando por ele.

Quando se encontraram na cocheira dos cavalos uma semana mais tarde, Daniel ficou contente que Mott estivesse esperando por ele e não tivesse chegado de surpresa. Mott tinha 1,90m e pesava uns 130 quilos, sua imponente presença física era enfatizada pela cicatriz em forma de raio na testa, os cabelos e barba longos, negros e embaraçados, além do que parecia ser o seu traje habitual: um chapéu da selva australiana com uma fileira de dentes de tubarão presos a uma fina corrente de ouro, a enorme camisa de lenhador, manchada de graxa e surrada, amarrada na cintura com o coldre do seu Colt .45 automático e uma faixa bandoleira com munição extra; uma sunga (ele vestia uma calça de lenhador quando ia à cidade); e um par de botas de motociclista. A única coisa frágil em Mott Stocker era o azul pálido dos seus olhos, uma cor que parecia delicada demais para existir, esvaecendo dentro do território luz.

Daniel gostou dos olhos de Mott mas preocupou-se com o resto. Assim que eles montaram nas selas, Daniel se perguntou como a mula de Mott, Pissgums, conseguia sobreviver a seu cavaleiro, sem falar no peso dos volumosos alforjes e dois coldres de espingardas, um carregando uma carabina 12 de cano serrado, o outro uma M-16 usada pelos *marines*.

Daniel, tentando mostrar-se despreocupado, fez sinal em direção ao arsenal e disse:

— Estamos esperando problemas?

Arrastando a voz profunda e pensativamente, Mott disse:

— Melhor ter por perto e *num precisá* do que *precisá* e *num tê.*

— O que tem nos alforjes?

— Granadas, um pequeno morteiro, cartuchos, pentes e outras coisas.

— É, com certeza, você está bem equipado.

— É. Mas o que eu gostaria mesmo é de uma bazuca... uma daquelas da Segunda Guerra. Mas é difícil de aparecer uma.

Vagamente nervoso, Daniel perguntou:

— Para onde estamos indo?

— Vamos atravessar a pradaria de Grouse para encontrar Lucille.

— Quem é ela?

— Dan, eles me disseram que você vinha aqui aprender a usar as cordas. Algumas cordas podem nos amarrar, outras podem nos enforcar. É uma parte importante do negócio nunca fazer mais perguntas do que as respostas de que você precisa.

— Pensei que isso fosse uma fazenda de gado.

— Muuuu — roncou Mott, arrastando a voz.

Eles chegaram à ponte de madeira sobre o Crawdad Creek logo após o nascer do sol. Na metade do caminho, Mott deu um puxão forte para trás nas rédeas da mula urrando “ooopa, Pissgums, sua *fia* da puta!” Daniel também parou seu cavalo. Mott desmontou e apanhou sob os troncos da ponte uma pequena garrafa contendo um líquido claro.

Ele abriu a tampa e ergueu-a para Daniel.

— Café da manhã. — Ele bebeu um terço da garrafa. — *Uaaauuu!* — rugiu, oferecendo a garrafa para Daniel.

Daniel a segurou, seus olhos encheram-se de água só com a exalação.

— O que é isso?

— Calor num mundo frio — arfou Mott —: uísque. Feito em casa.

Daniel deu um gole cuidadoso.

— Uuuhh — disse ele com vigor —, isso queima.

— Não faça cerimônia. Melhor tomar outra lambada... muito chão pela frente.

Daniel deu um gole ainda menor e devolveu a garrafa para Mott, que ofereceu à sua mula. Pissgums cheirou a garrafa, bufou, deu um leve refugo e então lambeu o gargalo. Mott derramou um pouco até que Pissgums sacudiu a cabeça e recuou.

— Caramba, você tá ficando caprichosa — disse Mott para a mula, depois virou-se para explicar. — Ela não gosta se não tiver sido envelhecido pelo menos por um mês.

— *Hii-ii-ioon-ioon* — urrou a mula e desembestou bruscamente pela ponte.

Mott sacou o seu .45 mirando na mula fugitiva.

Daniel berrou:

— Ei! Não atire!

Mott fez fogo, a bala levantou a poeira vinte metros à frente da mula. Pissgums parou e começou a pastar inocentemente.

Mott olhou para Daniel.

— Não se preocupe, Dan. Eu sempre dou um tiro de advertência para ela, antes ficar seriamente zangado.

— Talvez você não devesse lhe dar uísque — alertou Daniel.

— Que nada, o uísque é *bom* para ela. Deixa ela alegre. Mas *nunca* lhe dê nenhuma droga. Ela não se segura. Entra em *terrível* paranoia.

— Não se preocupe — prometeu Daniel.

Meia hora mais tarde eles desmontaram num bosque de carvalhos brancos.

— Intervalo pro café — disse Mott, retirando uma garrafa térmica de aço inoxidável de um dos alforjes.

— Espero que você goste de café forte. — Ele serviu uma substância viscosa e pegajosa com a consistência de asfalto quente dentro de uma das canecas. — Eu misturo em partes iguais o café e o haxixe. O haxixe ajuda a dar espessura.

Hesitantemente, Daniel pegou a caneca fumegante.

— Pensei que as pessoas *fumassem* haxixe.

— Estraga os pulmões — observou Mott, se servindo numa caneca.

— Você toma muitas drogas?

Mott secou a sua caneca limpando o bigode com a manga da camisa.

— Tomo. E você?

— Eu experimentei um pouco em Berkeley.

— O que é que houve? Resolveu largar?

— Não, realmente. As coisas mudaram.

— Tá vendo — disse Mott, calmamente —, é *exatamente* por isso que tomo. As drogas nunca mudam, mas você muda, desse jeito você tem alguma coisa para medir as suas mudanças... como uma pedra dentro do rio lhe dizendo qual é o nível da água.

— Não tenho certeza se eu entendi isso — hesitou Daniel, tomando um gole da mistura esquisita.

Pacientemente, Mott disse:

— Veja dessa maneira, Dan: como você pode saber se está mudando a menos que alguma outra coisa não mude?

— Imagine que tudo esteja mudando junto — argumentou Daniel.

— Então você precisa das drogas para se manter.

— Ou outra coisa — observou Daniel. Ele estava tendo dificuldades para manter a conversa.

— Além disso — disse Mott sorrindo —, eu gosto quando as cores correm todas juntas.

Havia mais três paradas até o almoço: um toco de pinheiro esvaziado com fogo que trazia um reservatório de óxido nitroso que Daniel educadamente provou e Mott quase secou; um ópio escuro enterrado num esconderijo que tinha a consistência de uma bala puxa-puxa — Daniel recusou, Mott mordeu um pedaço do tamanho de uma noz; e, preso numa forquilha de um pequeno bordo, uma latinha à prova d'água cheia de doses de LSD — Daniel experimentou uma, Mott tomou várias.

Eles almoçaram numa cabana da trilha que havia em Palmer Ridge. Os armários estavam apinhados de pequenos potes de chili e a geladeira movida a propano estava cheia de cerveja. Mott despejou o conteúdo de vários potes dentro de uma chaleira de ferro fundido.

— Já que a gente se conheceu hoje — iniciou Mott, acendendo o fogão —, vou preparar para você o meu Almoço Especial para o Viajante da Montanha dos Sete Rumos, de Mott Stocker: uma tigela de pimenta vermelha e seis latinhas de cerveja. Faço todo um caldeirão de chili no final de cada

mês e escondo em qualquer lugar onde eu possa estar trabalhando. Deixa eu lhe dizer uma coisa agora mesmo, Dan, é uma comida danada de gostosa.

A primeira colherada deixou em flamas o céu da boca de Daniel. Ele sugou um pouco de ar para refrescar.

— Picante, hein? — observou Mott, engolindo outra colher cheia.

— Eeee — arfou Daniel.

— Pode crer. O segredo está na pimenta. Planto, eu mesmo, minha provisão... estou aperfeiçoando isso faz uns dez anos, agora. Você notou aquela estufa lá fora, atrás do estábulo? É tudo pimenta. E eu vou lá sempre que posso e xingo elas. Chamo de bunda-mole, cagona, monte de merda inútil. Eu belisco as safadas, mijo nelas, corto um galho aqui e outro ali. Não dou água, ou só o bastante para continuarem vivendo. É isso que faz com que sejam quentes. Mas é o insulto que faz que elas sejam *malvadas.*

Daniel, acabando com sua segunda lata de cerveja, ainda sentia-se incapaz de falar, mas concordou ter entendido.

Mott se serviu de mais chili, o suor derramando na testa.

— Isso é chili com carne de veado. Cadê a carne? Ei, foda-se a carne. E fodam-se todas as receitas consagradas de culinária. Isso aqui é carne de alce, pimenta, água da fonte, um tiquinho de sangue de porco e três colheres de pólvora. Às vezes eu mando para dentro um bocado daqueles cogumelos de psilocibina se tiver algum por perto, embora, pessoalmente, eu ache que eles enfraquecem.

— Assim como o ácido sulfúrico — murmurou Daniel com os seus lábios entorpecidos. Ao mencionar ácido, ele notou que as paredes da cabana pareciam estar derretendo.

— Coma — insistiu Mott. — Lucille deve chegar em uma hora e nós ainda temos chão pela frente.

— Não quero insultar a sua hospitalidade, mas o chili está muito apimentado para mim. Minhas orelhas estão queimando.

— É normal. Uma boa tocada de pimenta da montanha só tira o baixo-astral de você e faz seu pau crescer quase três centímetros. Mas não se preocupe, você vai desenvolver o seu paladar para isso. A única coisa que seria insultante é se você tivesse trazido um sanduíche de queijo e couve-de-bruxelas, ou coisa parecida. Atum. Essas porcarias.

— Eu lavo as tigelas — candidatou-se Daniel.

Mott secou outra latinha de cerveja.

— Vou *apertá* uns dois *baseado* pra gente fumar no caminho.

— O que eu faço com os restos?

— Ponha de volta na chaleira para Pissgums. Ela merece um trato. Não tentou mais me acertar um coice desde a ultima terça-feira.

Daniel olhou fascinado a mula lambendo o chili na gamela, alternando cada porção com um punhado de grama onde estava amarrada. Daniel tentou comer um pouco. Aquilo ajudou.

— Você é realmente muito esperta — disse ele com simpatia, afagando o pescoço da mula.

Pissgums mexeu com a cabeça para o lado e mordeu furiosamente Daniel, bem abaixo das costelas.

O berro de Daniel fez Mott sair correndo da cabana, seu .45 numa mão e uma faca na outra.

— Não! Não! — gritou Daniel, agitando os braços. — Foi só a Pissgums. A filha da puta me mordeu. — Daniel suspendeu a camisa e mostrou a dentada do tamanho de um ovo.

— Você está perturbando, ou quem foi que saiu da linha?

Daniel não tinha certeza se Mott estava falando com ele ou com a mula, mas respondeu assim mesmo.

— Eu não estava fazendo nada. Só dando comida e um afago amigável no pescoço.

— Porra. *Nunca* faça isso. Pissgums *detesta* afeição. — Mott guardou a sua arma e recolocou sua faca na bota.

— Sabe — disse Daniel, esfregando a mordida —, eu passei um tempão nas montanhas. Eu me sinto seguro lá. Quando acordei, hoje de manhã, estava esperando um dia agradável, tocando o gado, e aqui estou eu, seis horas depois, cambaleando cheio de drogas, meus ouvidos ainda zunindo desde o almoço, com uma mula sadomasoquista alcoólica que quase me comeu a caixa torácica, no caminho, para encontrar com uma mulher misteriosa, por ainda mais misteriosas razões que... você estava certo... eu não quero saber quais são, e estou começando a acreditar que as coisas estão fora de controle.

— Elas estão sempre — concordou Mott. — Mas é como o caminho de Rock Island: Você tem que percorrer até achar.

— Ótimo — falou Daniel. — Está ótimo para mim.

— A gente tem que se dar realmente bem, Dan — sorriu Mott com um brilho nos seus olhos de azul pálido. — O tempo todo. — Ele deu um tapinha no nariz de Pissgums e saltou sobre a sela. — Vamos encontrar Lucille.

Daniel e Mott a ouviram chegar. Eles tinham parado ao lado de umas árvores, beirando a crista da montanha, e esperado alguns minutos quando Daniel conseguiu ouvir o som. Espantado, ele olhou para Mott.

— O que é isso?

Mott, retendo nos pulmões a fumaça do baseado que estava fumando, respondeu com a respiração contida.

— Lucille.

— Não — disse Daniel, ouvindo atentamente.... — Não, é um motor... ouviu? — Ele imitou o som: "Chop-chop-chop-chop..." Quando seu cérebro, embebido de droga, finalmente, se deu conta de que o som era familiar, ele exclamou para Mott: — Porra! É um helicóptero!

— Iuuuup — gritou Mott. — É isso o que nós estávamos esperando. — Atrás da densa nuvem de fumaça, a voz de Mott parecia desencarnada.

Daniel sentiu-se aliviado, mas depois se aborreceu.

— Nossa Senhora, você podia ter me dito, não? Eu já tive umas experiências desagradáveis com helicópteros... me deixam apreensivo.

— Como aguarrás num cu cheio de areia, eu diria — explicou Mott.

— E então, por que Lucille está vindo num helicóptero?

— Ela não está. Lucille *é* o helicóptero.

— Tá certo, isso faz tanto sentido quanto o resto. E eu suponho que ela esteja lhe trazendo o seu suprimento diário de drogas.

— Chegou perto, Dan. Mas é a entrega *semanal* de drogas. O nome do piloto é Low-Riding Eddie. Ele é gente muito boa, para um cara da planície, mas não se pode falar mal de Lucille com ele, para não arrumar uma briga de faca.

O helicóptero vociferou por cima das árvores, foi pousando com precisão, circulou sobre si mesmo e então tocou o solo, o gramado escovado pelo movimento das hélices. Era um velho Sikorsky, excedente da guerra da Coreia, mas que tinha sido completamente alterado. O corpo fora cortado e canalizado, todo metal visível havia sido cromado e a fuselagem reluzia com várias camadas granuladas de pintura cor azul da meia-noite. Em dourado, estava escrito na ré *Lucille*. Um enorme par de dados rosas rolando da estrutura da cabine de pilotagem.

— Esse é o Low-Rider — disse Mott, retirando os alforjes. — Deixe esses animais aqui e vamos lhe dar uma mão.

Enquanto eles andavam em direção ao helicóptero, Low-Riding Eddie saltou da cabine com uma mala surrada numa mão e a outra protegendo a

cabeça enquanto corria, arqueado, sob a hélice.

Nas alturas da pradaria montanhosa do Oregon, Daniel testemunhou algo que poucos mortais podem partilhar: um homem seminu das montanhas comprando 15 quilos de haxixe do Afeganistão da mão de um jovem magro e rosto pálido vestido na moda fina da década de 1950: sapatos brancos de dândi, calça preta de algodão segura por um exíguo cinto tão rosa que devia brilhar no escuro e uma camisa de seda escarlate, a parte de trás da gola virada para o alto, na direção das mechas cheias de brilhantina.

Mott e Daniel o encontraram próximo das árvores.

— Gato novo no bando? — perguntou Eddie a Mott, indicando Daniel com um quase imperceptível movimento dos seus olhos castanhos e sombrios.

— Este aqui é Daniel, o Nooky Spaniel, já sofreu mais do que uma privada num banheiro de botequim. Veio para cá aprender uma profissão útil e comer do meu chili para fazer crescer de novo o que ele já gastou da sua pica.

Eddie concordou, olhando Daniel com a vista baixa.

— É um prazer conhecer você — disse Daniel. — E é um verdadeiro deleite contemplar essa linda máquina que você está voando. É uma obra de arte.

— Eu arrebentei umas duas articulações — respondeu Eddie com premeditada indiferença. — Ela consegue dar duas voltas e meia com o ar calmo. É capaz de arrancar a porta de qualquer helicóptero que voar por perto, com certeza.

— Isso deve ser reconfortante — comentou Daniel.

— Puta que o pariu — murmurou Eddie. — Paz de espírito é tão bom quanto uma bundinha.

— Oh, Low-Rider, porra, não me lembra essas coisas — disse Mott. — Eu estou tão a perigo que seria capaz de foder até o raiar do dia.

— Só não vai foder a minha Lucille — recomendou Eddie.

— Nada disso — assegurou-o Mott —; as únicas máquinas de que eu gosto são os revólveres.

— Cara, você tem que dar um tempo nas drogas... seus olhos parecem... como é que você chama mesmo?

— Fogos de artifício? — sugeriu Daniel.

Eddie estalou os dedos.

— Essa é boa. Não dá para ver se eles estão saindo ou entrando nas órbitas.

— Eu sei — suspirou Mott. — Mas, a menos que eu consiga que Daniel aqui dê uma força, vou ficar engasgado com a avaliação dessa mercadoria toda. É uma tremenda responsabilidade, mas eu nasci para ir fundo, se você entende o que quero dizer. Se estiver interessado, por acaso tenho um baseado aqui no meu bolso que vem de uma planta que eu mesmo plantei, qualidade excelente. Mistura de Trinity Trainwreck e Humboldt Polio. Deixa você tão doido que o seu nariz começa a sangrar.

— Muito obrigado, cara, mas eu não posso voar em dois aviões ao mesmo tempo, e não tenho mais tempo para começar com isso. Tem mais uma entrega para fazer em Cave Junction. Vamos aos negócios. Tenho que sair fora rápido.

— Então, o que temos aqui?

Eddie abriu a mala.

— Black 'Ghani, barras marcadas em dourado direto do coração de Hindu Kush. Último grande carregamento antes da chegada dos russos. Dez quilos.

— Em dinheiro, quanto dá? — Mott começou a mexer no bolso da camisa. Daniel ficou tenso lembrando da faca que ele tinha tirado da bota.

— Dezesseis dos grandes.

Daniel relaxou, vendo Mott apanhar uma bolsa grande de pele de alce.

— Dezesseis? — repetiu Mott com um pouco de dúvida. — Isso parece *terrivelmente* barato.

— Não reclame comigo, cara; eu vivo de salário.

Mott tirou um enorme rolo de notas de cem dólares da bolsa e começou a contar.

— Eu poderia comprar por doze o quilo e me entregariam na porta de casa.

— Temos aqui uma boa compra, e você conhece o regulamento: não pode passá-lo por mais de cem quando a Aliança estiver bancando o negócio.

Mott resmungou e continuou contando.

— Por que esse regulamento? — perguntou Daniel a Low-Riding Eddie.

— Esfria a ganância.

Mott acabou de contar o dinheiro e entregou um maço de notas para Eddie.

— Aí tem quatro milhas, para acertar os botões de peiote da semana passada.

Eddie separou uma única nota e enfiou o resto no bolso de trás.

— Está dando para viver?

— Sem problema.

— Como vão os negócios?

— Calmo e tranquilo. Algum barulho lá para os seus lados?

— Nada de muito agitado. — Eddie pegou o seu isqueiro Zippo e o segurou embaixo da nota de cem dólares. — Pronto?

— Sempre — disse Mott. — Acenda o fogo.

Protegendo-a consigo mesmo contra a leve brisa, Eddie acendeu uma ponta da nota.

Daniel, no auge da onda de ácido, estava muito doido para dizer qualquer coisa. Ele olhou fascinado as chamas se espalharem pela nota, deixando um rastro de cinzas. Quando elas atingiram a face oval de Ben Franklin estampada na nota, Mott deu uma risada.

— Tá fodido, querido, gosto de ver o velho Benny Franklin queimando. Odiei esse filho da puta desde o dia que tentaram me convencer que grande pensador e cidadão ele era, quando eu estava na primeira série, antes de manter meu cérebro com as minhas próprias mãos. Aposto um casaco de peles contra um floco de milho que a única vez que Benny Franklin saiu de casa foi quando aquele raio acertou a sua bunda.

Daniel observava extasiado as chamas se aproximarem dos dedos de Eddie. Eddie não soltava. Em vez disso, deixou a nota cair na palma da sua mão esquerda, deu um tapa quase simultaneamente com a mão direita e então jogou as cinzas no chão.

Com os olhos pálidos brilhando, Mott sugeriu entusiasmadamente:

— Vamos queimar outra.

— De jeito algum — murmurou Eddie. — Eles já ficam putos com uma só. Quero saber por que não podemos usar uma de vinte?

Mott se exaltou:

— Não podemos usar uma merda de nota de *vinte* porque o Ben Franklin está na de *cem.* — Ele tomou fôlego. — E você pode ver muito bem como o puritano desmancha-prazeres cagão do Ben Franklin contaminou a mente americana. — Ele afinou a voz com um seco falsete: — Um centavo economizado é um centavo ganho — e então exclamou: — Pois foda-se essa merda. Um centavo consumido é um centavo *divertido.*

— São uns caretas, cara, o que eu posso dizer? — falou Eddie. — Mas Volta é bem tranquilo; ele saca essas coisas. Ele foi o único a votar para que se queimassem mais. Ele disse-me que apareceria qualquer hora e nós poderíamos queimar uma milha da sua renda pessoal.

— Epa, mijo na cabeça deles — falou Mott com repentina resignação. Ele pegou a mala e deu um jeito de enfiar dentro do alforje. — Vamos nessa.

— *Té* mais — acenou Eddie.

Quando eles entraram de volta na floresta, Daniel disse:

— Você não devia verificar a mala e ver se ela contém realmente algum haxixe?

— E Eddie, ele não devia contar o dinheiro?

— Então você está dizendo que confia nele, certo?

— Nós confiamos uns nos outros. É a espinha dorsal do negócio e o coração da Aliança.

— Que onda foi aquela de queimar uma nota?

— Só pelo prazer.

— Eu entendo que você, odiando Benjamin Franklin, possa se divertir, mas e Eddie?

— Eu tenho a impressão de que isso mexe com o Low-Rider. Como algo que foge do habitual. Quero dizer, olha como ele se veste. E cada vez que menciono que estou a perigo, ele fica preocupado com Lucille, pera aí, eu não vou foder com um helicóptero.

— Parecia uma cerimônia de purificação — comentou Daniel.

— Melhor se proteger do que se lamentar — retrucou Mott. Ele parou de andar, murmurando: — Foi Benny Franklin que disse isso?

— Acho que sim — disse Daniel, sério. Ele não sabia, na verdade, mas nunca tinha visto Mott antes amedrontado daquele jeito.

Mott apareceu com uma faca na mão sem que Daniel o tivesse visto se mover. Ele lançou a faca para cima, apanhou-a pelo cabo e a estendeu para Daniel. Quando Daniel a pegou, pérolas de sol estilhaçaram no seu gume.

Mott caiu ajoelhado na frente de Daniel.

— Corta fora a minha língua. — Ele fechou os olhos e esticou a língua para fora. Sua abjeta vulnerabilidade repentinamente assustou Daniel. — Orta essa orra ora! — pediu Mott, esticando ainda mais a língua.

Daniel então se deu conta de que Mott estava tão doido quanto ele. Ele mudou de lógica.

— Você nunca mais vai poder experimentar o seu chili outra vez — avisou ele.

Mott abriu um olho, pensativamente, depois o outro:

— Não ia poder chupar uma boceta também, né? Tipo do bom argumento, hein? — Ele se pôs de pé. — Bem, até panacas como Ben Franklin acertam de vez em quando, eu acho.

Daniel devolveu a faca para Mott.

— Você é um lúcido pensador, Dan. Gosto disso. Vamos ser bons parceiros. Eu mantenho você ligado e você me mantém equilibrado.

Eles chegaram de volta ao estábulo pouco depois de escurecer, tomando um caminho diferente: cocaína, vodca, demerol e, nos últimos quilômetros, algumas cápsulas de Dexamyl.

A vida diária em Rocking On era incrivelmente parecida com a do Quatro Duques e a da fazenda dos Wyatt, exceto que o trabalho envolvia a produção e transferência de drogas. Mott atribuiu a Daniel sete canteiros de maconha para plantar e zelar — cada um com trinta buracos, o que levava um bom dia andando para completar o circuito. Mais tarde, ele só tinha que verificar duas vezes por semana durante o verão para certificar-se de que as calhas do sistema de irrigação não estavam obstruídas e as cercas não tinham se quebrado. Low-Riding Eddie normalmente entregava alguma substância ilegal para ser vendida uma vez por semana, e havia sempre tarefas gerais. Mott trabalhava no mesmo sistema básico de Daniel, assim os dois estavam sempre juntos, exceto para encontrar Lucille. Mott dizia que, trabalhando-se uma semana de sete dias no campo, o uso de droga constituía pesquisa e teste, não recreação. Depois daquela primeira obliterante viagem com Mott, Daniel manteve baixo o seu consumo. Ele recusava com tanta frequência, que Mott finalmente disse para ele:

— Diga-me quando você quiser alguma coisa — e parou de oferecer.

A casa da fazenda e numerosas instalações ocupavam uma planície aluviana de três mil metros quadrados sobre o rio Dooley. Muitas das instalações foram construídas por Mott quando ele estava tomado pela ideia de que a carpintaria americana, em sua forma artística, nunca tinha atravessado um período de surrealismo. Mott tinha decidido, com gargantuesca energia, retificar isso. A ‘cabana’ de Daniel, por exemplo, parecia uma colisão frontal entre uma termas de Maidu e um chalé suíço.

Enquanto a cabana de visitas poderia ter sido o filho bastardo de uma tenda mongol e um motel de Texarkana. As únicas construções que se salvaram da influência do período surrealista de Mott foram a casa original da fazenda, o estábulo e o *bunker* de trinta metros quadrados em concreto com uma única porta, que servia como laboratório de tia Charmaine.

Tia Charmaine era uma mulher moderadamente alta, com pouco mais de quarenta anos, magra e de olhos castanhos. Daniel se divertia só de vê-la se movimentar — cada gesto era econômico e preciso, impregnado de uma elegante certeza. Ela não era tia de Mott, como ele tinha acreditado primeiramente, nem a tia de ninguém que ele soubesse. Ela ficava frequentemente ausente da fazenda, às vezes por semanas seguidas, mas quando estava lá, passava a maior parte do tempo dentro do seu laboratório. Daniel tinha curiosidade de saber o que ela fazia lá, mas tudo o que dizia era que ela era pesquisadora química. Com amabilidade, ela mudou o rumo de algumas perguntas até ele entender que a sua pesquisa não era um tópico de discussão. Ela era gentil, mas distante. Daniel estava fascinado por ela, não porque Mott a tratasse com uma intimidada deferência, na verdade chamando-a de “senhora”.

Quando Daniel lhe perguntou, Mott disse:

— Eu realmente não sei nada sobre ela, e ela está por aqui há três anos. Não tenho a menor ideia do que faz naquele laboratório. Nunca fui convidado para entrar lá e, você deve ter percebido, ela não é dada a muita conversa. Vou lhe falar a verdade, aquela mulher é meio pirada. Dá a impressão de que sabe exatamente o que está acontecendo e bem aquilo que tem que fazer se algo precisar ser feito. Como uma vez, nós estávamos dando uma festa para comemorar a colheita lá em casa e ela apareceu para tomar um copo de vinho por cordialidade, antes de se isolar dentro do laboratório. Quando estava lá, uma mosca enorme caiu dentro de uma jarra de vinho. As pessoas começaram a imaginar que porra elas podiam fazer para tirar a mosca dali quando Charmaine calmamente foi pegar um pauzinho numa gaveta, enfiou na jarra e a mosca, encharcada de vinho, subiu bem em cima do pauzinho, depois ela a levou para fora e a bichinha saiu voando. Aí o pessoal começou a dizer, você sabe: “Uau, essa foi elegante”, e ela, parecendo meio embaraçada, disse: “Nada quer morrer.” E eu fiquei com uma impressão *estranha* de que aquela mosca tinha dito a ela o que fazer. Você é quem sabe, Dan, mas tenho certeza que se sair da linha com ela, ela vai colocar você de volta no seu lugar, e talvez lhe dê uma boa lição, se entende o que digo.

Daniel ainda meditava de manhã e à noite, mas cortou a meditação do sonho, achando que isso poderia ser a causa de sua contínua incapacidade de sonhar. Ele caçava e pescava, às vezes com Mott, mas frequentemente sozinho. Lia onivoramente, acumulando livros da biblioteca na sua viagem mensal à cidade. Algumas noites fumava um baseado com Mott e ouvia o sistema de som arranhado dele, movido por um aparelho de painéis solares capaz de ultrapassar o tamanho médio das telas de drive-in. Daniel aprendeu a cozinhar, por necessidade. Rachava a lenha. Nadava. E quando Mott não estava por perto, entrava sorrateiramente na estufa e sussurrava seu afeto para os chilis.

A descida semanal da Mommy's Commies acrescentava um pouco de orgia à rotina. A Mommy's Commies era uma comunidade de 32 moças e uma velha que viviam na Fazenda Godfrey, cem quilômetros a leste. A velha era uma Feiticeira da Fúria Branca e a mais brilhante mestra dessas artes. Quando as mulheres estavam na fazenda, Mommy, como ela era chamada, esperava que elas prestassem concentrada atenção no que havia à mão. Quando elas estavam fora, eram incentivadas a jogar e, especialmente, explorar — com adequada precaução — suas próprias energias sexuais. Embora não sendo formalmente associada à AMO, Mommy's Commies ajudava a distribuir seus contrabandos havia 15 anos. Mommy sentia um certo perigo e a oportunidade de ser má era essencial para as feiticeiras novatas. E o dinheiro era bom também.

Toda terça-feira à noite, oito mulheres vinham fazer a captação e partiam na manhã seguinte para quatro cidades diferentes. Daniel nunca tinha uma oportunidade. Mott não queria ter uma.

Depois de Mott cumprimentá-las, abraçando todas de uma só vez, bramou palavras carinhosas do tipo "Se Deus não quer que eu coma boceta, por que então ele a fez parecida com um taco?"[6] Eles se reuniram dentro do que Mott chamava de domo do prazer, cuja parte exterior assemelhava-se a um cubo derretido, para breves encontros de negócios e uma longa festa. A parte interior do domo apresentava paredes acolchoadas, um espesso tapete, o sistema de som de rasgar as membranas de Mott, um bar servindo o uísque que ele fazia em casa, absinto e toda a droga que se pode imaginar. Ocasionalmente, os efeitos sinérgicos de múltipla ingestão de drogas causava o que era então conhecido em círculos modernos como uma rebordosa e, entre as jovens feiticeiras, como uma experiência de aprendizado. Mas,

apesar das ocasionais degenerações físicas, o espírito festivo normalmente prevalecia.

Após a troca habitual de droga por dinheiro, a mercadoria era dividida em quatro, e então cada mulher cortava uma pequena porção das suas partes, e quase tudo ia para Mott como uma espécie de tarifa do rei para protegê-las durante a noite. A ideia de festa para Mott consistia em tomar toda droga e bebida alcoólica disponíveis, ouvir um som bem alto, ficar nu, colocar uma ao lado da outra e transar até desmaiar. Nunca acontecia assim, mas à medida que a noite se consumia, Mott normalmente convencia uma ou algumas para irem para a sua casa. Daniel, timidamente, perguntava a uma das remanescentes se ela não gostaria de ir conversar com ele na sua cabana. Depois de uma hora de papo nervoso, ele tentava seduzi-la. Sua elevada taxa de sucesso era mais um tributo à compreensão delas do que ao seu estilo.

As mulheres os chamavam de Poeta Menino e de Urso Cinza. Uma loura trigueira meio apaixonada por Daniel notou a diferença essencial: “Mott gosta de nós igualmente, todas de uma vez, Daniel gosta de nós especificamente, uma a uma.”

Mas, infelizmente, uma só vez, pois depois de um único orgasmo com uma mulher, ele ficava impotente com ela a partir de então. Mesmo tentando arduamente como ele (e elas) faziam, o que era bastante, ele não conseguia se excitar com nenhuma delas na segunda vez. As mulheres ficavam confusas mas compreendiam. Daniel ficava só confuso. No final do verão ele estava deprimido, e durante a colheita, quando todas as Commies vinham ajudar a colher, secar, cortar e ensacar a poderosa *sinsemilla,* e o depósito de secagem ficava tão eroticamente carregado com a fragrância das fêmeas amadurecidas — planta e animal —, Daniel mal conseguia suportar. Embora temesse que Mott reagisse com risadas e repulsa, Daniel pediu a sua ajuda.

Mott ouviu a descrição hesitante de Daniel sobre o problema e simplesmente inclinou a cabeça.

— Achei que você estava parecendo meio enfraquecido, recentemente. Me perguntei o que estava acontecendo.

— Isso é que eu gostaria de saber — observou Daniel, sombriamente.

Mott disse:

— Isso vai precisar de uma boa dose de reflexão, o que significa partir para as reservas especiais.

Eles estavam na sala principal da casa de Mott, no interior em forma de trapézio havia crânios de animais pendurados no teto por delicados fios

prateados. Mott puxou com força um crânio de Marta Zibelina, e Daniel ouviu o som de um trinco abrindo atrás dele. Intrigado, observou quando Mott levantou um painel de dois por quatro na parede, revelando um espaço de estocagem contendo prateleiras de revólveres, munição, granadas e quatro recipientes de vinte litros contendo um líquido esverdeado. Mott apanhou um dos recipientes, mexeu numa caixa até tirar um conta-gotas e pôs tudo sobre a mesa à frente de Daniel.

— O que é isso?

Mott desatarraxou a tampa e inclinou-se para sentir o aroma.

— Alguma coisa especial que eu pedi para a Charmaine preparar quando ela tivesse tempo. Pode chamar de Velha Marta Zibelina.

— É como o seu chili?

— Melhor. — Mott mergulhou o conta-gotas de plástico dentro do recipiente e extraiu um pouco do líquido. — É extrato integral de folha de coca, botões de peiote e cabeças de papoula, depois ela centrifuga tudo, ou coisa parecida, para conseguir a essência, então, disso ela faz uma solução de dez por cento. — Mott inclinou a cabeça para trás, colocou o pequeno bico do conta-gotas dentro de uma narina e inalou de uma vez. — Razoooolllii! — gritou ele, balançando-se levemente. Enxugou as lágrimas e passou o conta-gotas para Daniel. Este, por precaução, encheu só até a metade. O efeito da Velha Marta Zibelina nos seios da face era muito parecido com o do chili no céu da boca.

Sentindo-se fortalecido, Mott dirigiu-se ao problema de Daniel.

— O que você tem — explicou ele — é um caso estranho de Pau Atrofiado. Ninguém sabe ao certo o que causa isso. Alguns médicos acham que é físico, outros que é mental. No seu caso, com alguns estilhaços no cérebro, acho que é essa a razão. Não importa se foi só uma *lasquinha* de metal porque mesmo se você soprar uma partícula de cocô de mosca dentro de uma tigela de gelatina, vai fazer *algum* efeito, certo? E eu estou supondo que você realmente *quer* brincar com essas meninas e não sofre de nenhuma espécie de aversão vaginal.

— Não, tenho certeza que não — comentou Daniel.

— Então a mensagem está indo do seu coração para o seu cérebro, mas não está chegando do cérebro até o seu pau... é aí mesmo que se encontra o problema.

— Chega, mas só *uma vez.*

— O comutador está fraco e uma explosão de desejo logo o desarma.

— Pode ser que sim.

— O que você tem que fazer, Dan, é uma abordagem *científica.* Faça uma porra de um teste. Apanhe três ou quatro Commies, ponha uma venda nos olhos de modo que você não saiba quem é quem, e depois faça com que elas se alternem em cima de você.

Daniel sacudiu pesarosamente a cabeça.

— Eu experimentei duas semanas atrás com Helen, Jade e Annie. Uma vez cada.

— É? Jade é aquela que tem uns peitos capazes de fazer o coração parar?

— Acho que é.

— Talvez você não devesse usar a venda.

— Talvez não.

Mostrando-se sensível ao tom soturno de Daniel, Mott disse com repentina clareza:

— Mas, pera aí, que diabo! Mulheres são criaturas *terrivelmente difíceis* de agradar. Estão sempre querendo que tudo se adapte ao seu humor no momento, querem que você dê atenção a elas e seja gentil e lhes dê cartões de crédito. Uma vez pode ser suficiente. Protegido num disfarce.

— Neste instante sinto como se fosse uma maldição.

— Bom, na falta de *cirurgia cerebral*, você vai ter que viver com isso, e já que seria um completo babaca *maluco* se deixasse alguém cortar o seu cérebro, só resta viver com isso... e pode muito bem começar agora. Então, o que você acha, parceiro, uma cavalgada ao luar até Bleeker Ridge? Não há nada no mundo que Pissgums deteste mais do que uma cavalgada noturna.

— Não, obrigado, Mott, agradeço você ter convidado.

— Pense nisso, Dan. Sentado lá no alto em Bleeker Ridge vendo a neve cair ao luar.

Perplexo, Daniel disse:

— Mas não está nevando.

Aquela informação pareceu assustar Mott, mas ele sorriu.

— Bom, talvez comece.

— Obrigado de qualquer modo, Mott — disse Daniel, levantando-se da mesa —, mas eu acho que vou ficar assistindo lá do rio. Divirtam-se você e Pissgums.

Daniel sentou-se perto do rio, abatido por uma coisa que ele não tinha mencionado, o medo de que o seu estado tornasse o amor impossível. Ele não estava a fim de discutir sobre isso com Mott. Ele era bastante amigo, mas

nunca deixava a amizade cruzar a linha da intimidade. Wild Bill era assim. Tia Charmaine também. Toda aquela gente da AMO com sua resguardada receptividade de amigo. Volta nem era tão amigo.

Ele percebeu uma luz brilhar rio abaixo, então ouviu o distintivo rosnar da caminhonete Chevy de Charmaine reduzir a marcha para atravessar a ponte. Sua mãe sempre dizia que mulheres mais velhas sabiam tudo que era importante. Ele se perguntou se seria capaz de conversar com a sua mãe sobre esse problema; confortava-o sentir que sim. Ele decidiu ir consultar Charmaine. Sendo uma mulher mais velha, ela poderia ter alguma ideia. Sendo química, poderia lhe preparar uma poção. Quando ficou em pé, sentiu um leve efeito nauseante. Levou um momento até que Daniel associasse aquilo à mescalina, e quando se lembrou que Velha Marta Zibelina continha peiote, deu-se conta de que estava viajando.

Charmaine estava na cozinha lendo o jornal e comendo uma torrada. Daniel, auxiliado pela salada coca-mesc-ópio, gostou do jeito que ela segurava a torrada.

— Daniel — disse ela de modo agradável, pousando o jornal — como vai você?

— Eu estou com um problema.

— É? — Não havia nem apreensão, nem lisonja na sua voz, apenas a usual neutralidade franca.

— É um problema sexual. Conversei com Mott, mas eu queria pedir o seu conselho também.

— Você está bem ligado — observou Charmaine, olhando-o intensamente, a torrada ainda suspensa na sua mão.

— Estar ligado e conversar com Mott são a mesma coisa. Ele estava levando Pissgums para cavalgar na neve. — Daniel fez uma pausa, seu trem de raciocínio tinha saído dos trilhos, então acrescentou desajeitadamente: — Mas eu quero conversar com você independente de estar ligado.

Ela fez um gesto com a torrada:

— Sente-se e fale.

Daniel sentou-se à mesa e começou a explicar, distraidamente virando um pote de marmelada entre as mãos. Charmaine estendeu o braço e retirou o pote. Daniel teve um sobressalto, embaraçado. Ela ouvia com uma calma que o perturbava.

Quando ele concluiu, Charmaine falou:

— Então não é um problema de ter um orgasmo por noite, mas o de estar limitado a um orgasmo por parceiro, seja na mesma noite ou no mês seguinte?

— Sim, senhora, é isso mesmo.

— Você consegue se masturbar duas vezes?

Daniel concordou, desorientado. Ele não tinha sequer pensado naquilo.

— Se você consegue fazer amor consigo mesmo duas vezes mas não com uma outra pessoa, eu duvido que o problema seja fisiológico. — Ela ficou em pé, delicadamente limpou das mãos as migalhas da torrada e dirigiu-se para a porta dos fundos.

Daniel a observou sair como se ela estivesse caindo, ou para longe dele, ou na sua direção, ele não sabia dizer.

— Eu gostaria de dormir com você. Acho que com você eu conseguiria fazer duas vezes — deixou ele escapar.

Charmaine parou e deu meia-volta, havia um sinal de calor no seu sorriso.

— Estou absolutamente lisonjeada, Daniel, mas não estou absolutamente interessada. Primeiramente estou no meio de um trabalho que está exigindo muito de mim. E o mais importante, não sou a solução para o seu problema.

— Bom, visto que já banquei o palhaço, não custa nada perguntar algo que eu tenho pensado. Você é tia de quem, afinal de contas?

Charmaine respondeu, tranquilamente:

— De ninguém, na verdade. É o nome que as Mommy’s Commies me deram anos atrás. Não é do conhecimento de todo mundo... e eu confio em você para que continue assim... mas eu sou a filha de Polly McCloud.

— A Mommy das Mommy’s Commies é sua *mãe*?

— É. Embora isso não faça de mim uma tia das garotas, é claro.

— Por que você nunca visita a sua mãe?

— Eu visito.

— Sei — disse Daniel. Ela agia como se ele devesse saber, mas como ele poderia se ninguém jamais tinha contado alguma coisa e todos eram evasivos quando perguntados?

Antes que Daniel pudesse pensar em algo para dizer, Charmaine concluiu:

— Eu tenho trabalho para fazer, e você tem gente te esperando. Boa noite.

Como ele esperasse que Volta estivesse aguardando-o na sua cabana, ficou um tanto confuso ao ver uma mulher atarracada, com cabelos brancos

como a neve, em pé, ao lado da sua porta. Por instantes pensou que poderia ser Polly McCloud, mas então a reconheceu — e ficou tão chocado ao vê-la quanto na primeira vez.

— Ora, porra, é *melhor* você se lembrar de mim — ameaçou ela.

— Dolly Varden.

— Posso mostrar a marca do chumbo na cereja se você não acreditar. E não fique aí parado, venha cá e dê um aperto nessa velha carcaça... eu preciso de todo fervor da juventude que puder conseguir.

Enquanto a abraçava, ele se deu conta de que ela era a primeira pessoa que ele tinha visto desde a morte da sua mãe que a conhecera quando viva.

— Minha mãe morreu, você sabe — contou ele tão calmamente quanto pôde.

— Sim, eu sei. Fiquei triste realmente. É também a razão pela qual eu estou aqui. Estou agindo como mensageira.

— Entre quem e quem?

— A AMO e Shamus Malloy.

Daniel sacudiu a cabeça.

— Eu estou com o raciocínio um pouco lento esta noite. Você vai ter que me explicar isso.

— Volta colocou em circulação que você afirmava que a morte de sua mãe não fora um acidente, que ela havia gritado para que você fugisse antes de a bomba explodir, e que você queria os nomes dos cúmplices de Shamus, já que eles podiam ser os responsáveis. Quando enfim Shamus ficou sabendo, ele chamou Volta e disse que não lhe daria os nomes até que estivesse convencido de que você realmente tinha ouvido a sua mãe gritar para que você corresse. Obviamente, Shamus pensou que fosse um truque de Volta para extrair dele informação privilegiada ou para mantê-lo sentindo-se infeliz. Volta sugeriu um mensageiro. Eles concordaram com o meu nome.

— Você pode dizer a Shamus que é verdade e que nós apreciaríamos saber os nomes dos outros envolvidos — disse Daniel.

— Então você não acha que foi um acidente?

— Pode ter sido. Não sei. Ela gritou e então a bomba explodiu... no mesmo segundo. Eu sinto nas minhas entranhas que alguém a matou.

— Alguma ideia?

— Não. É por isso que eu e Volta queremos os nomes dos outros.

— Direi isso a Shamus pessoalmente.

— Onde está ele?

— Daniel — censurou-o Dolly —, isso é confidencial.

— Bom. E *como* vai ele?

— Em frangalhos... ele amava Annalee.

Tremendo, Daniel disse:

— Eu também a amava. Diga a ele que se nós não o fizemos ainda, nós deveríamos conversar com as outras três pessoas envolvidas, o fabricante da bomba com certeza.

— Shamus pediu-me que o prevenisse de que Volta é um homem muito forte e astuto que não queria que o roubo acontecesse.

— Você acha que Volta tem alguma coisa a ver com isso?

— Pessoalmente? Não. Mas ele é um homem poderoso e perspicaz.

Daniel esfregou seus olhos.

— Dolly, você se incomoda se eu pedir a sua opinião num assunto inteiramente diferente?

— Nossa, eu ficaria honrada.

Dolly ouviu-o explicar o seu problema. Quando terminou, ela disse:

— Então você só consegue fazer amor com a *mesma* mulher uma vez... se entendi direito?

— Você entendeu.

— Bom, então é melhor você fazer bem gostoso.

Dolly partiu no dia seguinte com Charmaine, depois de garantir a Daniel que, se e quando Shamus fornecesse os nomes, Volta entraria em contato com ele.

Mais ou menos ao mesmo tempo, uns 120 quilômetros rio acima, Jade Lavelle e Annie Sawyer esperavam Mommy voltar do seu mergulho matinal no Rouge. Elas a encontraram no caminho. Seus cabelos curtos e prateados ainda estavam molhados por causa do banho. Ela ouviu enquanto as meninas explicavam o problema de Daniel, seus olhos claros e castanhos movendo-se de uma para a outra.

A resposta de Mommy foi rápida e definitiva.

— Não se envolvam com ele. Ele está tomando uma direção diferente.

Annie e Jade ficaram assustadas. Raramente Mommy falava de um modo tão direto e enfático.

Quando elas agradeceram e se viraram para ir embora, Mommy acrescentou, sua voz bem mais suave:

— Eu sei... e como eu sei... elas *são* atraentes.

No mês seguinte, quando a colheita estava seca, cortada e distribuída, Daniel tentou seguir o conselho de Dolly. Mas ele ainda estava limitado, por uma razão qualquer, a um orgasmo com cada mulher. Todas as Commies logo ficaram sabendo dos comentários de Mommy, e aquelas que não tinham ainda dormido com ele se apressaram em fazê-lo. No Dia de Ação de Graças, ele já tinha esgotado sua cota de amantes Commies.

Pescando trutas, Daniel quase escorregou dentro do rio quando Volta apareceu atrás dele e disse:

— Dando sorte?

— Nada — comentou Daniel.

— Bom, agora tem alguma. Nós estamos consideravelmente seguros de que sabemos quem matou sua mãe. O homem que fabricou a bomba, Gideon Nobel.

— Por quê? — foi tudo o que Daniel conseguiu dizer.

— Ele estava apaixonado por ela, tinha estado durante anos.

— Isso não soa correto — observou Daniel. — Por causa de uma coisa, tenho certeza de que ela nunca o mencionou. — Daniel começou a recolher a linha.

— Isso é parte da razão... o sentimento não era mútuo.

Daniel começou a dizer alguma coisa, mas Volta levantou a mão.

— Deixe eu me desculpar pelo drama barato... é um velho hábito dos tempos de espetáculos. Vamos subir até em casa e eu começarei do início. Isso é, se você acabou de pescar.

Eles andaram de volta para a casa da fazenda e se sentaram na sala. Volta começou:

— Dolly entrou em contato com Shamus e lhe deu a garantia de que sua mãe tinha gritado e o avisado logo antes da bomba explodir, e Shamus, depois de refletir por algumas semanas, mandou os nomes das outras pessoas envolvidas. — Ele entregou a Daniel um pedaço de papel. Daniel reconheceu o garrancho de Shamus.

CARL FULLER — Motorista
OLAF EKBLAD — Dentro
GIDEON NOBEL — Bomba

— O que quer dizer *dentro*? — Perguntou Daniel.

— Indo lá dentro com Shamus, para o roubo em si. Tão logo eu recebi os nomes... estava no México... coloquei alguns dos nossos melhores membros atrás deles, e eles acharam muita coisa dentro do pouco tempo que tiveram.

— Carl, o 'Garganta' Fuller, é um velho motorista. Verdadeiro profissional. Nós o achamos em Minneapolis sem qualquer problema. Ele diz que tudo que sabia sobre o golpe era a sua parte... arranjar os carros, preparar as trocas, hora e local para apanhar os outros. Ele não sabia sobre a bomba diversiva, e nunca encontrou ninguém mais que estivesse envolvido, além de Shamus.

— Basicamente, a mesma história para o Olaf Ekblad... absolutamente digno de confiança, calmo, poderia ter escrito os manuais da maioria dos sistemas de alarme. Na verdade, a AMO usou os seus serviços no passado e o consideramos totalmente confiável. Ele sabia que uma ação diversiva tinha sido planejada, porém não o quê, nem quem estava envolvido.

Daniel interrompeu:

— Mas esse Gideon Nobel sabia?

— Escute por um instante. Gideon Nobel conheceu a sua mãe quando ela tinha dezesseis ou dezessete anos... foi em San Francisco, durante uma de suas visitas.

— Eu era muito pequeno nessa época — interrompeu Daniel, desapontado. — Não conseguiria me lembrar.

— Eles se encontraram em North Beach e ele se apaixonou. Por mais de um ano eles foram amantes casuais... ocasionais demais para Gideon. Sua mãe, ao que parece, era algo como uma lenda das ruas naquela época, dando as caras por alguns dias do mês e depois desaparecendo. De qualquer maneira, o caso entre eles ainda é lembrado. Gideon estava evidentemente cativado; sua mãe, menos. Ela saía com outros homens, e houve umas poucas cenas públicas que deixam alguma dúvida quanto ao seu ciúme e raiva.

"Gideon era um escultor altamente considerado então, pelo menos no meio da vanguarda. Seu trabalho mais memorável é uma montagem de vinte e quatro peças formando a imagem central de Mickey Mouse. Na verdade, se chama *A hora de Mickey Mouse na América.* Peças dessa montagem ainda existem.

"Embora possa haver argumentos estéticos quanto ao valor das suas esculturas, não há nenhum quanto ao valor artístico das suas bombas. Artesão experimentado. Inexplicáveis conexões para os explosivos. Os componentes da mais alta qualidade. Excelentes características de segurança. E *nenhum* erro que se tenha ouvido falar. Gideon possuía também uma certa ostentação nas suas demolições, usava sempre um relógio do Mickey... como se fosse sua assinatura, muito embora substituísse o mecanismo do relógio por cronômetros mais sofisticados.

"Isso agora é importante: Gideon, sem conhecimento de Shamus, morava a menos de quatro quarteirões de Shamus em Richmond. É facilmente concebível que ele visse Shamus e a sua mãe juntos, ou mesmo que Shamus tenha lhe falado sobre ela... mesmo que Shamus negue que ninguém além de você e ele soubesse sobre o envolvimento da sua mãe. É possível que Gideon tenha deduzido que a sua mãe colocaria a bomba. Ele sabia que era apenas para efeito diversivo, o que significava que apresentaria muito pouco risco para quem quer que a carregasse, mesmo que isso exigisse uma pessoa totalmente de confiança... enfim, um trabalho perfeito para a amante de Shamus.

"Nesse ponto a coisa fica um pouco mais complicada. Shamus jura que Gideon não sabia que a bomba era para um efeito diversivo a um roubo de plutônio. De qualquer jeito, Gideon conhecia alguma coisa da história de Shamus, e sem dúvida percebia sua obsessão atual por materiais físseis... Gideon tinha bom senso, e obsessões são difíceis de dissimular. Assim, é

provável que ele tenha entendido o que Shamus estava tentando fazer. Há evidência de que Gideon tinha certas reservas sobre a sua associação com o assalto, como ele indiretamente confidenciou com alguns amigos dias antes de planejar a tentativa... mencionando que estaria envolvido em algo de que ele se arrependia, temendo que isso trouxesse alguma vigilância sobre suas atividades. Também, ao que parece, Gideon tinha uma particular antipatia por dispositivos nucleares, considerando-os além da escala de controle inteligente. Não divergente da posição de Shamus, realmente, porém com uma crucial diferença, Gideon acreditava que eles eram venenosos à alma e que não se pode mexer com eles sem ser contaminado, quaisquer que forem seus motivos.

"Assim. Entre a vingança por ciúmes e um medo crescente em relação ao seu provável envolvimento no roubo de materiais nucleares, Gideon decidiu alterar a bomba de algum modo... talvez assim ela detonasse momentos após ser armada, ou talvez através de controle remoto.

Daniel começou a dizer alguma coisa, mas Volta antecipou-se a ele.

— Então como a sua mãe soube que algo estava errado a tempo de gritar para o prevenir? Não tenho certeza, mas talvez tenha sido algo que ela sentiu no momento em que armou a bomba, ou... e eu não deixaria de fora essa possibilidade... ela se lembrou da obsessão de Gideon com a imagem do Mickey Mouse, provavelmente sabia que ele fazia bombas, sabia que um relógio do Mickey Mouse estava sendo usado naquela que ela carregava, e ficou com muitas dúvidas e receios para avisá-lo.

Daniel estava movendo a cabeça.

— Eu sei — disse Volta —, essa ultima é uma hipótese consideravelmente fraca.

— É, é mesmo... porém mais do que isso, foi o modo que ela gritou para eu fugir. Não era do tipo *pode ser* que haja perigo; era imediato, urgente.

Volta suspirou.

— Eu sei. Mas pela sua própria descrição, ela estava extremamente nervosa, o suficiente para que uma vaga conexão possa ter se tornado uma verdade urgente.

— O que Gideon diz sobre toda essa especulação?

— Nada. Nem nunca dirá. Ele morreu num acidente de carro menos de um ano depois... bateu de frente com um motorista bêbado, que está agora cumprindo uma pena de oito anos por assassinato em segundo grau.

Daniel disse:

— Circunstância, hipótese, uma morte conveniente. Tudo parece tão desconexo.

— Não posso discordar. Mas que tal você verificar isso, sozinho? Trabalho investigativo é um excelente treinamento. Além disso, você tem que sair fora dessas montanhas para encarar as luzes brilhantes da cidade grande. Você é quem sabe, é claro.

— Eu gostaria disso — disse Daniel. — Eu quero alguma informação segura.

— Está feito. Vou preparar um abastecimento de dinheiro na cidade para você bancar a sua investigação. Você cuida do resto... moradia, comida, essas coisas. Você vai estar sozinho, mas lhe darei um número para entrar em contato comigo, caso queira. Eu posso ser capaz de coordenar informações e indícios, talvez oferecer algumas instruções... sugestões, realmente.

— Por que não faz isso agora?

Volta sorriu vagamente.

— Porque não tenho certeza sobre esses fatos. As coisas mudaram muito rápido ultimamente.

— Eu percebi — observou Daniel. Ele já ia pedir a opinião de Volta sobre o seu problema sexual quando ouviu Mott brigando com Pissgums lá embaixo no estábulo.

— Eu tenho que partir dentro de uma hora — comentou Volta, pondo-se de pé —, e antes tenho que conversar com Mott e Charmaine.

— Sobre o que você tem que conversar com ela?

Volta arqueou as suas sobrancelhas.

— Negócios. Ela precisa de alguma provisão e um novo equipamento para o seu laboratório.

— O que é que ela faz dentro daquele laboratório, afinal de contas?

— Ela jamais me diz, e eu nunca pergunto.

— Você apenas fornece materiais e equipamentos na boa-fé, certo?

— Exatamente. Da mesma forma que providenciamos o seu treinamento. Por favor, telefone e avise quando chegar na cidade.

Daniel partiu de Rocking On uma semana mais tarde, três potes de chili e cem gramas de uma maconha violenta dentro da bagagem, presentes de viagem de Mott. Charmaine estava fora o mês todo, então ele lhe deixou um bilhete de despedida agradecendo pela ajuda. Ele prometeu a Mott que o avisaria caso cruzasse com algum novo tipo de droga ou se ouvisse falar de uma bazuca de boa safra que estivesse à venda.

Transcrição:
Ligação Telefônica Entre Volta e Daniel

DANIEL: Oi, aqui é o Daniel. Eu passei para conferir o depósito e tem apenas cem dólares.

VOLTA: Não somos uma organização *rica*, Daniel.

DANIEL: Com cem dólares não dá sequer para pagar o *aluguel*. Isso aqui é *San Francisco*.

VOLTA: Eu entendo. É uma situação difícil. Mas, francamente, as finanças não andam bem. Nossa contadora se apaixonou pelo secretário. O limite é de cem dólares para todos os gastos não essenciais.

DANIEL: E investigar a morte da minha mãe é não essencial?

VOLTA: Uma vez que isso já foi feito de certo modo por outros — que receberam *oitocentos* dólares —, fica difícil justificar financeiramente. E outras pessoas além de mim estão envolvidas nessas determinações.

DANIEL: Vou ter que dormir no parque?

VOLTA: Pode trazer bons efeitos.

DANIEL: Entendi — parte do treinamento.

VOLTA: Não especificamente, não. Nós presumimos, é claro, que qualquer um dos nossos estudantes tem capacidade de sobreviver numa sociedade próspera.

DANIEL: Se eu tiver que subornar alguém para obter informações?

VOLTA: Subornar é uma falha na persuasão. E, com certeza, você não está sendo treinado para conseguir informações que podem ser simplesmente compradas.

DANIEL: Tudo bem. Cem por semana é o bastante.

VOLTA: Por *mês.*

DANIEL: Você está brincando. Prefiro devotar a minha atenção investigando a morte da minha mãe do que descobrindo quais são as latas de lixo e em que becos estão as melhores para comer.

VOLTA: Talvez a sua atenção fique mais afiada por causa da necessidade.

DANIEL: Pensei que eu tinha direito a vinte por cento dos lucros da fazenda de plantio?

VOLTA: Você tem. Cem dólares por mês durante catorze meses fazem mil e quatrocentos dólares.

DANIEL: *Mil e quatrocentos!* Devia ser algo em torno de *catorze mil!*

VOLTA: Daniel, você está confundindo *renda bruta* com *lucro.* O bruto é a renda total. Lucro é o bruto menos as despesas operacionais, que incluem tudo, desde pagamento e impostos da terra... ela tem trezentos mil metros quadrados, lembre-se... até o querosene dos lampiões. Inclui também despesas cerimoniais, tipo queimar notas de cem, e salários de instrução. O de Wild Bill, por exemplo. E mais, é claro, os cinco por cento que você deve pagar sendo um membro da AMO. Nós entendemos seu orgulho, mas apanhe isso aí para evitar transações entediantes e confusas como enviá-lo para você e depois receber de volta. A vida fica mais fácil para as nossas contadoras.

DANIEL: Talvez, se elas tivessem mais trabalho, não teriam tempo para se apaixonar pelos seus secretários.

VOLTA: Se, por alguma noção formal, você insistir em receber os cinco por cento que descontamos, mando para você amanhã. Acho que deve dar uns noventa e três dólares.

DANIEL: (depois de uma pausa) Não, fique com eles. Compre um presente de casamento para a contadora e o namorado dela.

VOLTA: Isso é bem cortês. Crédito para Wild Bill. E, Daniel, deixe eu ficar sabendo se você achar algo interessante.

A primeira coisa interessante que Daniel achou foi uma loura fogosa chamada Epiphany Chantrelle. Ele a encontrou na livraria City Lights, no seu segundo dia na cidade. Ela o levou para sua casa numa comunidade na rua Treat, uma construção vitoriana de três andares. O número de residentes em qualquer dia variava entre dois e vinte, dependendo de quem estivesse na cidade, na prisão, recém-liberado, ou viajado para o Nepal, ou retornado ao Chile. Ninguém perguntava muita coisa, e um clima quase consciente de cooperação prevalecia. Havia sempre alguma coisa sendo preparada na cozinha e as louças eram lavadas. Um aviso em letras nítidas em cima da pia dizia: “Somos todos convidados aqui.” Embaixo, alguém tinha acrescentado uma frase característica de Wild Bill: “Uma mão lava a outra.”

Ele dormiu com Epiphany naquela noite, depois de lhe explicar da maneira mais direta possível que provavelmente não poderia fazer sexo com ela novamente. E ele não pôde, embora tivesse tentado várias vezes antes dela partir finalmente para Detroit com um baterista de Rabid Lassie. Ele fez amor — uma vez — com outras seis mulheres, mas quando descobriu que não

conseguia repetir, decidiu tentar o celibato por algum tempo. Talvez o problema se resolvesse sozinho.

A qualquer um que perguntasse, Daniel dizia que tinha estado trabalhando numa fazenda desde os seus 12 anos, tinha economizado algum dinheiro e vindo para San Francisco descobrir como as pessoas conseguiam viver tão próximas umas das outras.

Reunir informações sobre Gideon Nobel revelou-se frustrante e entediante. Ele nunca conseguia encontrar alguém que admitisse saber que Gideon fabricava bombas. Ele deu um jeito de ver o relatório da polícia rodoviária sobre o acidente fatal de Gideon. O Volkswagen de Gideon tinha batido de frente com um Chevy dirigido por um bombeiro encanador bêbado chamado Harlan Maldowny, cuja esposa o havia abandonado um mês antes. Harlan ainda estava em Vacaville cumprindo pena por homicídio de segundo grau. Daniel pensou em visitar Harlan, mas decidiu que aquilo seria provavelmente uma depressiva perda de tempo. Não teria sido claramente uma boa ideia.

Ele verificou a lista de amigos de Gideon de North Beach que Volta tinha lhe dado, ou pelo menos aqueles que ainda permaneciam lá. Eles se lembravam da sua apaixonada atração por Annalee e algumas das cenas que ele fizera quando rejeitado, porém ninguém o considerava o tipo de homem que carregaria um rancor ou uma paixão por muito tempo.

As investigações de Daniel levaram cinco perseverantes meses, dois pares de sapatos e diversas viagens de ônibus. E tudo resultava muito parecido com o que Volta tinha exposto, até que encontrou Charlie Miller.

Ficou sabendo de Charlie Miller através de Quentin Lime, um crítico de arte que se recusava a acreditar na história de Daniel de que ele era um repórter nacional considerando a possibilidade de escrever uma peça sobre Gideon Nobel.

— Antes de mais nada, Gideon Nobel era, se não um rematado charlatão, o pior escultor do lado oeste de Nova York. Depois, você é jovem demais para ser um repórter, mesmo para uma coisa abominável do tipo *Arte Adolescente*.

— Eu pulei alguns anos — explicou Daniel.

— Seja como for. Não importa. Recuso-me a discutir o pretenso trabalho de Gideon.

— Na verdade, eu não estou tão interessado no seu trabalho como estou na sua vida, no seu estilo boêmio... entende, o artigo focaliza diferentes

estilos de vida artísticos.

— Bom, isso não deve ser difícil descobrir: ele sofria de modo bem público e verborrágico. Tenho certeza de que centenas de pessoas, só em North Beach, ainda podem fornecer-lhe os mais sujos detalhes.

— E quanto a sua série de esculturas com o tema de Mickey Mouse?

— Sandices — fungou Quentin Lime —; pura, tola e vulgar sandice.

— Recebeu algumas boas resenhas.

— A maioria das resenhas é escrita por degenerados sobre degenerados. A sensibilidade é coisa rara na cultura americana desses dias.

— Você o conheceu pessoalmente?

— Nunca — disse, gelidamente, Quentin Lime. — Nós frequentávamos círculos sociais diferentes. Gideon se considerava um *beatnik.* Ele e Charlie Miller escreveram uma peça infeliz de autopromoção chamada o *Manifesto dos três M*... essencialmente, o conceito *crucial* de cultura de 'Momento Mickey Mouse', que eles, com insensata criancice e terríveis infelicidades de expressão, anunciaram como um estado beatífico.

— Pensei que o *Manifesto dos três M* tivesse sido publicado anonimamente.

— Garanto a você que as minhas fontes, embora não as possa revelar, são impecáveis.

— Esse Charlie Miller, quem é ele? Nunca ouvi ninguém mencionar seu nome antes.

— Você provavelmente ouviu ele sendo chamado por High Life. Entendeu? Miller High Life, como a cerveja. Esses boêmios são *tão* espirituosos.

— High Life, certo. Ouvi falar dele... mas ele está na Espanha, não está?

— Infelizmente, ele voltou há dois dias, o que significa que em cerca de meia hora estará desabando sobre uma mesa dos fundos do Café Trieste, dando o seu show para uma casa vazia. Ouvi dizer que ele agora anuncia a si mesmo como o 'Último Beatnik'. Esperemos fervorosamente que seja.

— Senta aí, cara — reagiu High Life, antes que Daniel pudesse se apresentar. — Você sabe qual é a *verdadeira* obra de arte? A vida. Não apenas a vida humana, mas *toda a vida.* — Ele inclinou-se confidencialmente para a frente enquanto Daniel sentava-se. — Eu costumava ser pintor. Agora sou a tinta. Você está entendendo?

Daniel disse cuidadosamente:

— Acho que sei o que quer dizer.

— Mas você saca a *tragédia* disso?

— Achei que soava bem.

— Não, cara. E você sabe por quê? Não há tela. Estão todas virando umas porras de robôs lá fora. Chupadores de força. As mulheres estão comprando vibradores elétricos para foder elas mesmas, cara. Aplicações pessoais... um mercado inteiramente novo. Você vê, cara, Marx acertou em cheio no seu tempo, mas espere, quem poderia ter imaginado a *publicidade*? Uma *indústria inteira* dedicada à criação do desejo! Como se nós já não tivéssemos o bastante, certo?

— Realmente, eu não sei — afirmou Daniel. — Eu passei a maior parte da minha vida nas montanhas.

— Então volta, cara. É o que você pode fazer de melhor para a sua sanidade mental.

— Provavelmente eu vou voltar, mas nesse momento estou tentando reunir informações sobre um escultor chamado Gideon Nobel.

High Life olhou evasivamente para algum lugar sobre a cabeça de Daniel.

— Eu não sou um tira — assegurou-lhe Daniel.

— Cara, todo mundo é um tira ou um repórter. Qualquer um que *chame* os tiras é um tira. Qualquer um tentando escrever o seu nome no jogo da fama é um repórter. Entende o que eu estou dizendo? Quero dizer, uma pessoa que chama os tiras é uma pessoa que não tem amigo algum. Eu não preciso tomar essa atitude, saca, porque tenho amigos. Talvez até esse tal de Gideon fosse um amigo. Por que você iria querer saber?

Dada a clara antipatia que High Life sentia pelos repórteres, Daniel tentou um disfarce diferente.

— Eu estou escrevendo um trabalho de graduação sobre a sua vida e sua obra.

High Life curvou a cabeça.

— É mesmo? Onde você está estudando?

— Na Cal.

— Quem é o diretor do departamento de arte lá, atualmente?

— Polansky.

— Você leu o catálogo certo, cara, mas Polansky teve um derrame há três meses. — High Life começou a se levantar da cadeira. — Até mais.

— Na verdade — disse Daniel —, eu quero saber sobre Gideon porque eu acho que ele matou a minha mãe.

High Life voltou a sentar-se.

— Espera aí, isso é *demais.* Qual era o nome dela?

— Annalee Pearse.

High Life lançou um olhar penetrante para Daniel, depois sacudiu a cabeça.

— Vamos chegar até o meu *apê,* cara. Apertar um do bom e ver se nós conseguimos recolocar esse papo nos trilhos.

Charles ‘High Life’ Miller não havia sido misturado adequadamente dentro do caldeirão das raças. Ele tinha os cabelos louros e agitados do capitão Custer e os olhos castanhos escuros do Touro Sentado. Seu apartamento no andar superior ficava na Columbus e era mobiliado com um tapete, três estantes de livros feitas de engradados de laranja, garrafas de vinho enfiada pelos cantos e uma geladeira que funcionava ruidosamente. High Life sentou-se no tapete e apertou um baseado. Depois de o acender, deu umas pequenas puxadas e o passou para Daniel. Quando exalou, ele disse:

— Trouxe essa porra comigo da Espanha. Os bascos plantam isso nas regiões montanhosas. A mais bem guardada em segredo de todo o planeta, essa erva. Vai deixar você alucinado.

Daniel deu algumas puxadas e o passou de volta, imaginando que Mott roncaria de escárnio ao ver o tamanho do baseado. Os do Mott, normalmente apertados em folha de jornal do jeito rastafariano, precisavam das duas mãos só para segurar.

High Life perguntou bruscamente:

— Sua mãe então é Annalee por quem o Gideon passou um mal pedaço no final da década de sessenta?

— É o que parece.

— Como ela morreu?

— Uma bomba explodiu.

High Life moveu a cabeça olhando para o baseado na sua mão.

— Cara, você sabe como é... acidentes acontecem.

— Não dessa vez.

— Eu conheci os dois. Sua mãe devia ter uns dezesseis, dezessete anos. Gatinha estonteante. Misteriosa. Chamava a atenção por alguns dias e... puf...

sumia até uma outra vez. Gideon tinha o quê? Trinta e poucos anos? Muito esperto, definitivamente sabia o valor da coisas boas. Ele foi forte em cima dela. Pensava que ela era uma Deusa da Lua de verdade. Quero dizer, Gideon acreditava realmente que existem deuses e deusas que tomam a forma humana de modo a aumentar seu conhecimento sobre nós. De qualquer maneira, eu estava no bar Vesuvio's naquela noite que Gideon puxou um revólver para o Johnny Gilbert e ameaçou acabar com ele se não parasse de cercar a sua mãe... isso não foi muito sensível da minha parte, foi? Mas foi isso que ele disse para Johnny Gilbert, que era um poeta. Ela se entendia bem com poetas. Mas vou lhe dizer uma coisa, Gideon a amava tanto quanto se pode imaginar. Ele poderia ter matado por ela, mas nunca a mataria.

— Ela estava apaixonada por outra pessoa.

— De que época estamos falando?

— Início de mil novecentos e oitenta.

— Impossível. Eu e Gideon andávamos juntos até o final dos anos setenta. — High Life levantou seu polegar e indicador esfregando um contra o outro para mostrar como eles eram próximos. — Ele tinha superado a relação com a sua mãe nessa época. Era um artista, e os artistas são apaixonados pelas pessoas. Ele só se sentia *feliz* se estivesse obcecado, tomado por alguma gloriosa visão, alguma monstruosa verdade, e quando estava nessa, estava *nessa*, completamente. E quando ele saía, estava terminado. Como na época em que ele conheceu sua mãe, estava obcecado pelo luar. Ele costumava subir para o telhado à noite e tomar *banho de lua.* Escreveu para a NASA ameaçando matar o primeiro panaca de astronauta que ousasse pôr o pé na lua. Ele chamava a sua mãe de Diana... ele acreditava até os ossos, cara, que a sua mãe era uma genuína Deusa da Lua. Ele só falava dela e da lua. Durou uns dois anos. Depois ficou ligado em Marx.

— Karl Marx?

— Não me pergunte como ele pulou de um para outro, mas ele leu tudo de e sobre Marx. Durante uns dois anos. Depois foram as nuvens.

Daniel perguntou:

— E quanto a Mickey Mouse... era outra de suas obsessões? Ele fez uma série de esculturas, não fez?

— Isso mesmo, ele foi fundo no Mickey Mouse. Ele me deu a segunda escultura que fez. Todas elas representam uma hora do dia, saca, a minha era meia-noite. Um pequeno bronze pintado de Mickey Mouse com a cabeça em cima da bunda e orelhas que pareciam dar nova forma aos seus lábios. O

melhor da série, eu achava. Mas tive que vendê-lo numa época em que as coisas ficaram difíceis para mim. Sabe, de algum modo, Mickey foi o seu último lance. Depois disso, ele ficou extremamente interessado em, é... esculturas *sônicas*, se você me entende... ruídos *barulhentos*. Quero dizer, depois de Mickey Mouse, o que resta?

— Quando foi que ele fez essas esculturas de Mickey Mouse?

— Huumm, deixa ver. Deve ter sido por volta de mil novecentos e setenta e seis, setenta e sete, o ano do bicentenário, porque naquele Natal ele deu para todo mundo um relógio de Mickey Mouse sem os ponteiros.

High Life começou um longo discurso contra a idiotice cultural. No final de 1976, eles ainda estavam no Quatro Duques, mas Annalee já não fazia suas viagens mensais para a cidade há muito tempo. Era altamente improvável que ela pudesse ter feito uma conexão entre a bomba e Gideon. Então Daniel surpreendeu a si mesmo ao decidir-se imediatamente não contar para Volta aquela nova informação. Não até que ele a tivesse inteiramente considerado.

Não era agradável pensar novamente naquelas coisas. Ele deitou no tapete no subsolo da casa na rua Treat colhendo evidências, considerando motivos, entretendo o improvável, tentando apreender o óbvio, examinando cada pessoa cuidadosamente. Começando por ele mesmo.

Ele sabia que não tinha traído sua mãe, mas *era* possível que a garota que entrou na casa naquela noite, antes da tentativa de roubo e que tinha tão maravilhosamente chupado o seu pau estivesse com alguém, investigando os documentos falsificados que eles estavam fabricando. Talvez ela tivesse achado alguma coisa dentro da casa, um bilhete, ou algo parecido que sua mãe tivesse deixado. O problema era que ele achava que sua mãe só saberia onde a bomba seria colocada na manhã seguinte.

Ele eliminou Shamus instintivamente. O que tinha descoberto não contradizia sua forte impressão de que Shamus tinha sido o mais prejudicado nisso tudo. A suposição de Volta de que talvez Shamus tivesse trocado a bomba para matar Annalee parecia uma hipótese muito longínqua; Daniel poderia tê-la acolhido se Shamus tivesse ido em frente com o roubo, mas ele não o fez, nem tentou eliminar os outros envolvidos.

Gideon era mais problemático. Uma bomba defeituosa era possível, mas Daniel tinha que duvidar, à luz das informações dadas por High Life, que a

explosão tivesse sido intencional da parte de Gideon. High Life havia afirmado que Gideon nunca falava demais sobre dispositivos nucleares, de um jeito ou de outro, exceto para insistir que eles possuíam um carma tão horrível que era melhor nem mesmo pensar sobre eles. Daniel não tinha certeza do que significava aquilo, uma vez que podia ser entendido como uma rejeição sem muita importância, ou uma aversão tão profunda quanto um tabu.

Provisoriamente, ele eliminou Carl Fuller, o motorista, e Olaf Ekblad, o especialista em alarmes. Shamus tinha dito que, quem quer que estivesse envolvido, trataria somente com ele e saberia apenas a tarefa a ele designada, e evidentemente esse era o caso.

Assim, sobrava a sua mãe. Ela, pensou ele pesarosamente, teria feito qualquer coisa para ficar com Shamus e, tivesse o roubo sucesso ou não, ela perderia. Somente o evitando ela poderia ter ficado com Shamus. E, embora tivesse o seu lado sacrifical, seria insultante pensar que ela teria se matado para salvar o relacionamento. Ela não era louca. E mesmo que tivesse se exposto, não deixaria que ele corresse algum perigo. Mas o que finalmente o convenceu de que não podia ter sido a sua mãe foi a lembrança dela gritando para ele fugir: tinha sido aterrador. O que quer que tivesse acontecido, ela não o esperava.

Daniel, observando a mensagem de Shamus para ter cuidado com Volta, decidiu que Volta deveria ser levado em conta também. Simplesmente havia muitas incógnitas. Primeiro de tudo, Volta devia saber o que estava acontecendo — onde e quando — o que significava que alguém teria que lhe contar. Só Shamus e, por poucas horas, sua mãe e ele sabiam onde a bomba ia ser colocada. É claro, Volta era decididamente contra o roubo do plutônio e, sabendo como Shamus e Annalee se sentiam, um em relação ao outro, podia ter posto gente atrás deles. Porém, é natural que essa gente siga, mas não que antecipe, embora talvez possam ter havido meios de chegar até a bomba *antes* que ela chegasse a Shamus. O outro ponto era: nada daquilo parecia com o estilo de Volta. Mesmo quando falava sobre o clima, Volta sempre parecia dizer um pouquinho menos do que ele realmente sabia.

Após dez horas de raciocínio perseverante sobre todas as possibilidades que ele podia imaginar, Daniel desistiu. Havia incógnitas demais, sequências improváveis demais, e todas as evidências apontavam para o óbvio: uma bomba defeituosa, provavelmente um mal funcionamento do cronômetro.

Transcrição:
Conversa Telefônica Entre Volta e Daniel

DANIEL: Alô, Volta? Aqui é o Daniel.
VOLTA: E como vai você, Daniel?
DANIEL: Duro e não cheguei a nada.
VOLTA: (risinho estúpido) Pelo menos você está fazendo progressos.
DANIEL: Você vai ter que me convencer disso.
VOLTA: Na última vez que conversamos você estava simplesmente duro.
DANIEL: (chateado) É, acho que sim.
VOLTA: Você tem averiguado?
DANIEL: Tenho, mas sem descobertas surpreendentes.
VOLTA: Você está convencido de que Gideon matou a sua mãe?
DANIEL: Não inteiramente.
VOLTA: Eu não estou nem um pouco convencido. Por mais que eu pense nisso, mais me parece improvável que sua mãe tenha feito uma associação entre a bomba e Gideon só alguns momentos antes que ela explodisse. Como eu mencionei antes, me parece muito mais provável que ela tenha ouvido alguma coisa dentro do embrulho — algum som, o cronômetro sendo ativado — que a fez pensar que a bomba explodiria a qualquer momento.
DANIEL: Esta é a conclusão para a qual eu tendo, também.
VOLTA: Você explorou alguma coisa nesse sentido? A possibilidade de uma bomba defeituosa?
DANIEL: Não.
VOLTA: Eu, sim. Conversei com quatro especialistas em demolições e todos disseram que era praticamente impossível que houvesse um tipo de som que a prevenisse, embora isso dependa do tipo de bomba. Um dos especialistas ‘Blooey’ Martien, disse que se a sua mãe era uma alma particularmente receptiva, ela pode ter ‘pressentido’ a morte — ele colocou isso como uma possibilidade, mas observou que isso era altamente duvidoso. De qualquer maneira, quando tentei conseguir o relatório da polícia sobre a bomba, ele havia desaparecido. Sem registro. Sumiu. Então, embora você possa realmente não ter chegado a nada, não está sozinho.
DANIEL: O que você quer dizer com o registro da polícia sumiu?

VOLTA: Não sei se posso ser mais explícito. O relatório da bomba não está nos arquivos. Para cada bomba, existe uma análise laboratorial dos resíduos para determinar a sua composição, o tipo de explosivo, e por aí. Ou o relatório nunca foi preenchido — algo altamente incomum —, ou foi tirado de lá. Ou, mais provavelmente, foi mal preenchido numa troca de papéis burocráticos. Você pode dar uma olhada se quiser. Devo dizer, no entanto, que temos um excelente contato dentro do departamento e ela não conseguiu achar nada. E também, as suas averiguações irão sem dúvida excitar a curiosidade deles quanto a você, assim como a vigilância e talvez a ira.

DANIEL: Como posso saber se não é você que está armando tudo isso?

VOLTA: Você não pode. Mas está livre para verificar a informação. Por sinal, nós vamos aumentar o seu pagamento para cento e vinte dólares por mês para fazer isso. É um acordo meio estranho, pagar a você para verificar a nossa honra, mas a AMO tem tradicionalmente se deliciado com as coisas estranhas.

DANIEL: Acredito na sua palavra. Mas obrigado pelo aumento. Posso bancar meu almoço duas vezes por semana agora.

VOLTA: É mesmo, Daniel? Como a maior parte dos seres humanos, a lamúria não te convém.

DANIEL: (rapidamente, tentando pegar Volta desprotegido) Você sabia que a minha mãe estava se encontrando com Shamus em Berkeley?

VOLTA: Não. Mas certamente desconfiei dessa possibilidade, já que eu tinha pedido à sua mãe para me ligar caso ele aparecesse.

DANIEL: O que o fez pensar que ele apareceria?

VOLTA: Os olhos dele, quando falava de Annalee.

DANIEL: Você estava mantendo Shamus vigiado ou a nós?

VOLTA: (pacientemente mas com certa pressão) Não, Daniel. Você tem que entender que, embora eu não quisesse que Shamus roubasse material nuclear, e teria tentado dissuadi-lo, eu não interviria fisicamente, e muito menos causando a morte da sua mãe. Se você pensa de outra maneira, estamos ambos perdendo tempo e energia.

DANIEL: Desculpa, se eu o ofendi. Eu tenho feito perguntas esses últimos meses e estou com fome de respostas.

VOLTA: Tudo que posso lhe oferecer é a minha palavra de que não sabia nada sobre o roubo do plutônio até o dia em que a sua mãe morreu na explosão.

DANIEL: Uma das razões para eu perguntar isso é que Shamus diz para não confiar em você. Me pergunto se *você* confia nele.

VOLTA: Menos agora do que antes. Ele não está se saindo bem. Anda certamente bebendo muito e tomando drogas — um daqueles analgésicos, Percodan ou Dilaudid.

DANIEL: Isso não é muito o jeito dele. Ele ainda usa aquela luva negra?

VOLTA: Usa. Mas cortou as pontas dos dedos. Tudo isso eu soube por Dolly, por falar nisso.

DANIEL: Deprimente isso sobre Shamus.

VOLTA: A alquimia é repleta de advertências quanto ao tornar-se fascinado com os poderes da decadência. Diz-se, também, tradicionalmente, que um homem queimado pela prata está marcado pela lua.

DANIEL: (bruscamente, mas sem perguntar) Estou cansado de pensar nisso tudo. Não vejo mais aonde chegar com isso. O que vem depois, se é que vem alguma coisa?

VOLTA: Tire três semanas de férias. O homem com quem eu quero pôr você em contato não voltará até o dia vinte e oito. Ligue para mim por volta dessa data e eu o ponho em contato com ele. O nome dele é William Clinton.

DANIEL: O que eu vou estudar?

VOLTA: Concentração.

DANIEL: Pensei que eu tinha estudado isso com Wild Bill.

VOLTA: E é verdade. Tenho certeza de que você foi bem preparado.

William Rebis Clinton era um perito no arrombamento de cofres, a oeste de Rockies. Willie Click, como era conhecido pelos seus colegas, podia perfurar ou explodir qualquer tranca projetada. Entretanto, como ele repetida e veementemente salientava, a mais alta expressão da arte de arrombamento era abrir a combinação simplesmente com o tato, transformando-se na roda de fiar, o volteador e o eixo, desaparecendo através das pontas dos seus dedos em pura sensação. Quando completou quarenta anos, Willie decidiu não usar outra coisa senão suas mãos para abrir um cofre. Nunca mais o fez e estava satisfeito. Perfuratrizes e explosivos faziam o que Willie acreditava que todas as tecnologias faziam: elas matavam os sentidos. Assassinando o tempo e o espaço como pretexto de os economizar, mantinham as pessoas longe do contato quando a melhor condição, de acordo com Willie e com os outros, era

o contato. Em suas mais delirantes contendas, Willie afirmava que a industrialização era um golpe cristão para destruir o reflexo pagão entre a sensação e a emoção.

Willie era um homem baixo mas vigoroso, com olhos castanhos intensos. Seu traço mais notável era a tendência para falar repentinamente em provérbios, citações obscuras, metáforas, observações especulativas e conceitos ambíguos. Quando Daniel chegou ao apartamento de Willie, no Mission District, Willie pegou a mão que lhe ofereceu Daniel e a examinou por alguns minutos antes de pedir que ele sentasse e as abrisse sobre a mesa de trabalho. Curioso, Daniel o atendeu, e então ficou repentinamente ansioso quando Willie sentou-se à sua frente e abriu uma mala contendo cinco agulhas prateadas, agulhas tão esguias que flertavam com a invisibilidade.

— Para que elas servem?

— O obscuro pelo mais obscuro, Daniel, o desconhecido pelo insondável. Para graduar a sensibilidade. Discriminação verbal. Sua consciência neural particular. É indolor. Embora eu acredite que tenha sido Carlyle que observou: “A tragédia da vida não é tanto o que os homens sofrem, mas antes o que eles deixam passar.” — Willie ergueu uma agulha sob a luz. — Agora feche os olhos e me diga quando sentir alguma coisa... a mais leve pressão ou outra sensação.

Daniel fechou os olhos e se concentrou na sua mão virada para cima sobre a mesa. Ele sentiu um formigamento no indicador esquerdo e falou para Willie.

— Sim — murmurou Willie —, continue.

Daniel teve uma sensação de ardência no anular direito. Então o polegar esquerdo começou a coçar, depois o dedo médio esquerdo ardeu levemente. Willie disse:

— Hum, não há soma. A mais B, porém sem o C. Limites obstruídos. Pode abrir os olhos. — Willie estava olhando para ele de modo penetrante. — Insensibilidade tátil virtual. Um casco de tartaruga é mais sensível. Assim seja. Como eles dizem na Iugoslávia: “Diga a verdade e saia correndo.” Receio que tenhamos que começar com os fundamentos absolutos. Você entende que abrir fechaduras é uma arte, e que uma necessidade da arte é intensificar os órgãos que ela emprega?

— Não — disse Daniel hesitantemente, mas não sem um toque de perversidade. — Não tenho certeza de ter entendido isso.

— Mente enlameada, água agitada. Tudo bem. Considere o que Sickert tinha a dizer: “O conjunto da arte é uma longa série de revelação.” E só é revelado para aqueles cujas mentes estão, como chamava Horácio, “vagas”... embora, na verdade, ele estivesse falando de uma mulher com o coração livre. Solte-se de você mesmo, Daniel. Para abrir fechaduras você tem que abrir você mesmo. Desaparecer através das pontas dos dedos.

— Digamos que eu não consiga voltar.

— Uma porta sempre se abre.

Daniel começou a dizer alguma coisa, mas Willie o interrompeu.

— Não. Chega de abstrações para você. Você é do tipo que consegue nadar entre elas, mas devia estar se banhando na água que jorra da pedra. Você poderia, por favor, fechar os olhos e colocar as mãos com as palmas para cima sobre a mesa novamente.

Daniel sentiu imediatamente algo leve e papiráceo colocado sobre cada palma.

Willie comandou:

— Tudo bem, abra os olhos.

Na sua mão direita ele viu uma nota de cem dólares. Na esquerda, um pedaço de papel com uma série de números.

Willie explicou:

— O número de telefone pertence a Oriana Coeur. O dinheiro é para lhe dar.

— Para quê? — quis saber Daniel.

— Por suas profundas dimensões sensuais. Você vai visitá-la todas as quintas-feiras até que tenha desenvolvido a sua tatilidade. Das sete da noite até às três da manhã, nas outras seis noites da semana, você se encontra comigo aqui para estudar. Começaremos com sistemas de alarme. As fechaduras vão ter que esperar o seu trabalho com Oriana. Como o coloca um provérbio estoniano: “Não espere que o mudo cante.”

— O que você quis dizer com as “dimensões sensuais” de Oriana?

— Ah-ha! Está vendo? A atenção começa quando a imaginação é capturada. Oriana é uma mulher da noite que possui uma notável sensibilidade tátil. O preço pela sua companhia é normalmente quinhentos dólares por noite, mas como eu e ela desenvolvemos o exercício juntos, o custo é consideravelmente menor.

— Então, o que ela e eu faremos exatamente?

— Oriana te dará as instruções *exatas*, mas, essencialmente, você vai tocá-la onde ela disser, usando uma variedade de pressões e movimentos. Você praticará até que Oriana esteja satisfeita. Preste atenção, eu disse *ela*, não você. Você não vai tirar a roupa. Seu objetivo não é apenas satisfazê-la, mas literalmente pôr a vida dela nas suas mãos. *Literalmente.* Se o prazer dela for a resposta, sua tarefa, como diria Krause, é "promover o enigma".

Naquela noite, Oriana, com seus cabelos louros avermelhados espalhados sobre o travesseiro, os braços jogados para os lados, deu muito mais instruções explícitas sobre onde e como ela desejava ser tocada — em todo lugar e de todo jeito que ela podia imaginar. No auge do seu prazer, Daniel imaginou que ela o estava tocando e, durante um longo e estonteante instante, ele perdeu toda a distinção entre as suas peles. Em seguida, sentiu suas mãos como globos de luz. Mas quando Oriana, ainda excitada, começou a beijar as pontas dos seus dedos, ele disse que gostaria de esperar.

Oriana deu uma mordida delicada no seu dedo médio.

— Então Willie disse para você não tirar as calças, hein? Ele é tão purista.

Daniel disse:

— Não é só isso. É que eu só consigo ficar com uma mulher uma vez.

— O que você quer dizer com *ficar com*? Que você só consegue gozar uma vez por noite?

— Uma vez, e ponto final.

Oriana ficou interessada.

— Então não levanta mais para ela, nunca mais?

Daniel assentiu.

— Sequer uma pontinha de estremecimento?

— Nada.

— Essas moças entendiam bem do que estavam fazendo?

— Elas eram extremamente desejáveis e incrivelmente pacientes.

— Então o que você acha que está acontecendo?

— Eu não sei. Pode ser por causa de um ferimento, uma lasquinha de prata metálica entrou certa vez no quadrante frontal do meu cérebro.

— Deus do céu! O que aconteceu?

— É complicado, Oriana. Minha mãe morreu no acidente e eu quase.

— Oh, querido — disse Oriana. Ela pegou as mãos de Daniel e as apertou contra o rosto.

Daniel sentiu uma lágrima escorrendo pela palma.

— Não chore — pediu ele. — Por favor.

Oriana arrancou as mãos de Daniel do rosto dela e sentou-se na cama encarando-o.

— Não fode — disse ela com veemência. — Eu choro quando eu estou a fim de chorar.

Daniel se apaixonou. Ele falou para ela:

— Eu quero esperar para fazer sexo com você porque eu prefiro ter um futuro e não um passado.

Em resposta, ela o abraçou com seus braços nus.

— Qualquer hora, toda hora que você quiser.

Toda quinta-feira de noite, Daniel era um brilhante aluno, mas no resto da semana ele ficava lerdo e distraído. Sua imaginação passeando pela exuberância de Oriana e seu corpo surpreendentemente sensível. A mente de Willie era tão interessante quanto o corpo de Oriana, mas não tão provocador.

Contudo, durante os três meses seguintes, Daniel aprendeu a desarmar cinquenta sistemas de alarme diferentes e detectar quase qualquer tipo de fechadura que pudesse ser aberto com uma chave. Quando iniciaram o quarto mês de instrução, Willie lhe apresentou as fechaduras com combinação. Na sessão da primeira semana, Willie o fez sentar-se com os olhos vendados, ouvidos tapados, usando espessas luvas antes de lhe autorizar a tentar um simples cadeado com combinação de US$3,95. Quando Daniel girou o indicador, Willie o ensinou.

— Sinta o *interior* do cadeado através dos dedos, como se fossem pontas de raízes procurando água. Tente sentir o mais leve roçar, a fricção entre as moléculas. Confie nas pontas dos seus dedos. Eles estão mais próximos do que o seu cérebro, muito menos ocupados, e são imensamente menos complicados. Você precisa abrir esse cadeado para ver você mesmo e, como dizia Edgar Davis Dodds: “A liberdade reside em ser igual às suas necessidades.” Mas antes você tem que compreender a diferença entre necessidade e desejo.

Daniel se perguntou se ele simplesmente desejava Oriana ou realmente precisava dela.

— Daniel — advertiu-o Willie —, é um lindo pôr de sol que você está observando ou é Júpiter?

Daniel voltou a se concentrar no cadeado.

Naquela noite, Daniel recebeu algum dever de casa — um cadeado com combinação para bicicleta dos mais baratos. Estava trancado. Quando ele o devolveu aberto na noite seguinte, recebeu dois cadeados para levar para

casa. Willie prometeu que eles começariam a parte de trabalho de campo dos estudos quando conseguisse abrir vinte cadeados em casa de um dia para o outro.

Willie inspecionou os poucos primeiros trabalhos e pôs Daniel à prova desarmando o sistema de alarme e localizando e abrindo o cofre. Logo as responsabilidades de Daniel se expandiram, incluindo a inspeção e o planejamento. Eles faziam um trabalho de campo por semana, frequentes como suas visitas a Oriana. Daniel tinha insistido com Willie que se trabalhasse duas vezes por semana com Oriana seria duplamente útil. Willie disse que tinha certeza que sim, mas que ele não tinha como pagar. Oriana, quando Daniel perguntou se podia vê-la com mais frequência, disse que o centro de prazer no cérebro dela iria fritar e se fechar se o visse mais do que uma vez por semana.

Daniel, com a orientação de Willie, abriu 23 cofres durante o seu aprendizado. Para a total decepção de Daniel, eles nunca roubavam nada. A regra contra o roubo havia sido firmemente estabelecida no seu primeiro trabalho, o cofre de parede de um dentista em Tiburon.

— Ponha isso de volta — censurou Willie.

Daniel pensou que Willie estava brincando e sequer fez uma pausa enquanto enfiava um maço de dinheiro e trinta gramas de cocaína dentro do bolso do seu casaco.

— Daniel — rosnou Willie —, você não me ouviu, ou não me entendeu? *Ponha isso de volta.* Nós estamos *treinando.*

— Fala sério? — protestou Daniel. — Se nos pegarem aqui, é isso que nós vamos falar para a polícia? Tudo bem, sargento, nós estamos apenas treinando.

— Nós não falamos nada para a polícia, nunca. E nós não roubamos, a menos que seja necessário. E prestemos atenção à observação de Salinius de que “os grandes inimigos da honra são a cobiça e a conveniência”.

Daniel recolocou a droga e o dinheiro dentro do cofre.

— Então o que é isso? — zombou ele. — A arte pela arte?

— Você está lisonjeando a si mesmo. Isso é simplesmente um treino. Após muitos desses treinos, isso poderá tornar-se arte.

Daniel disparou:

— Ei! Eu tenho vivido com cem dólares por mês por quase um ano!

— Isso é um bocado — disse Willie. — Além disso, você tem vivido com *quinhentos* por mês. Cem para moradia e subsistência, quatrocentos para

Oriana.

— Entendi — afirmou Daniel, aborrecido. — Eu suponho que isso seja cobrado na minha conta. Cara, vocês são impiedosos.

— Nada disso. Somos apenas divertidamente justos.

— *Divertidamente?* — repetiu Daniel. — Isso é uma ideia distorcida. — Daniel começou a fechar a porta do cofre.

— Não — disse Willie, interrompendo-o. — Espere. Não apenas nós não levamos nada, como também *sempre* deixamos para eles alguma coisa pelo aborrecimento. — Ele passou para Daniel um pequeno cartão caprichosamente impresso. Nele havia uma citação de Rilke:

> *... não há lugar*
> *que não consiga vê-lo.*
> *Você deve mudar de vida*

Sorrindo para si mesmo, Daniel colocou o cartão dentro do saco com cocaína, fechou o cofre e deu uma virada despreocupada no botão.

Para Daniel, o aspecto mais revelador nos arrombamentos de cofres eram as coisas que as pessoas escolhiam para manter em segredo. Dinheiro e drogas eram os itens mais comuns, junto com joias, documentos e revólveres, em seguida, porém depois disso a lista ficava estranha.

Um pote com olhos de vidro
Uma máquina de escrever achatada
Um par de calcinhas pretas amarrado em volta de um par de patins (Oriana tinha uivado quando Daniel contou para ela)
Um feto de bicho preguiça num pote de formol
Um pequeno iôiô em ouro de 24 quilates com um fio de prata delicadamente trançado, que Daniel tinha desejado tanto que ficou com água na boca
Uma velha cafeteira
Um pedaço de giz
Um pedaço de pão francês petrificado
E o favorito de Daniel, um bilhete caprichosamente escrito dentro de um cofre totalmente vazio: — Vá à merda, George. Apanhei tudo e estou a caminho de Paris com o garotão da piscina. — (Esse era o favorito de Oriana também.)

Transcrição (Parcial):
Ligação Telefônica Entre Volta e Willie Clinton

VOLTA: Uma certa biblioteca bem equipada na capital da nação se apoderou de alguns documentos que certamente nos pertencem.

WILLIE: Estou a caminho.

VOLTA: E quanto a Daniel?

WILLIE: Você sabe que eu sempre trabalho só em serviços desse tipo. Para citar um provérbio popular do sul da Califórnia: “Só porque tudo está diferente, isso não significa que alguma coisa tenha mudado.”

VOLTA: Ótimo. Eu só pensei que isso daria um exame final interessante.

WILLIE: Ele não precisa de um exame final. Já é um perito, mas é tudo que será em arrombamentos. Está aprovado, ele tem algum jeito, mas sem entusiasmo. Minha impressão — e eu posso estar errado — é que Daniel não gosta do *interior*, ele gosta do *exterior*. E foi Schiller, eu creio, que disse: “Abençoado aqueles em cujas necessidades encontram sua arte.” Na minha opinião, arrombamento não é a arte de Daniel. E não tem ajudado muito estar com a sua atenção perturbada por uma moça adorável.

VOLTA: Eu nunca fui um inimigo das doces perturbações. Afinal de contas, quem pode saber qual é a lição antes de aprendê-la?

WILLIE: Você é um desavergonhado! Roubou isso de Sófocles!

VOLTA: William, como dizia T.S. Eliot: “Um bom poeta toma emprestado, um grande poeta rouba.”

WILLIE: Eu não tenho tempo para ouvir suas citações desfiguradas o dia todo. Quando é que eu parto?

VOLTA: Em vinte horas. Bruce, lá no Castro, está fazendo os preparativos. E quanto a Daniel? Alguma sugestão?

WILLIE: Dê a ele algum dinheiro e uns dias de folga. Cem por mês é realmente um tanto severo. De outro modo, acho que San Francisco será atingida por um surto de arrombamentos e invasões.

VOLTA: Pois é, como dizem: “Você pode levar um cavalo até a água, mas não pode fazê-lo nadar de costas ou tirar sangue de um nabo.”

Quando Daniel chegou à casa de Willie sexta-feira à noite, encontrou a porta trancada e um bilhete na soleira: “Daniel — Pode entrar.” Com seu cérebro ainda planando por causa da noite passada com Oriana, Daniel levou um momento para entender o bilhete.

Ele forçou a fechadura e entrou.

Havia um cofre sobre a mesa de trabalho, um pequeno Sentry com combinação. Era sopa. Dentro havia uma pilha de cartões com a citação de Rilke, um conjunto de palitos de vanádio feitos à mão e outro bilhete de Willie:

> Lamento não poder me despedir pessoalmente e lhe desejar tudo de bom, mas um negócio urgente usurpou a minha atenção. Por favor, aceite os palitos como um presente de graduação. Foi um privilégio trabalhar com você. Eu poderia continuar, mas, como repreendia Auden: “O sentimentalismo é uma deficiência da emoção.”
>
> Volta pediu para você ligar para ele logo que for possível na estação de Six Rivers.
>
> Que as portas se abram para o que você precisar,
>
> WILLIE

Quando Daniel terminou de ler o bilhete, o seu primeiro pensamento foi *agora eu posso trepar com Oriana.* Porém, a primeira coisa que fez foi ligar para Volta como tinha sido pedido. Volta, que parecia preocupado, disse para Daniel que havia cinco mil dólares esperando por ele no Hibernia Bank e que, em duas semanas, ele deveria encontrar Robert Sloane no quarto 377 do Bathsheba Hotel, em Tucson.

Daniel apanhou o dinheiro de manhã e tomou um táxi de volta para a rua Treat, pedindo ao motorista que o esperasse. Levou apenas alguns minutos para preparar suas coisas. Quando passou pela cozinha indo para fora, parou para contar mil dólares em notas de vinte e as deixou sobre a mesa. Ele disse ao motorista para levá-lo até o Clift Hotel, deu-lhe uma gorjeta de cem dólares, ao porteiro que carregou a mala ele deu vinte, e alugou uma suíte por dez dias, pagando os US$1.500 adiantados. A suíte era elegante e confortável. Ele sentou na escrivaninha de cerejeira e discou o número de Oriana. Uma voz gerada por computador informou-lhe que o número havia sido desligado.

Ele passou os três torturantes dias que se seguiram indagando se Oriana tinha ido com Willie, e por que ela não tinha se despedido. Ele tentou o número várias vezes e a mesma voz hedionda dava a mesma má notícia. Ele se perguntava se talvez os tiras ou um cliente teriam lhe causado problemas. Pensou em perguntar a Volta se ele sabia o que estava acontecendo. Ele pensou em Oriana com o seu corpão, as curvas dos seus flancos, o calor entre as suas coxas. Ele se sentia ferido.

Quando saiu de um sono intermitente no quarto dia, a luz vermelha de mensagem do telefone estava piscando. A telefonista informou-lhe que uma carta havia sido deixada para ele. O próprio recepcionista veio trazê-la.

A carta de Oriana era breve:

Agora, você sempre terá um futuro.

Daniel começou a rir e bem no meio da risada ele se rompeu em lágrimas. Ele só conseguiu parar quando queimou a carta.

Seis dias mais tarde, na noite anterior ao seu voo para Tucson, Daniel limpou dez mil dólares da caixa forte do Marina Safeway e os deixou sobre a mesa da cozinha na casa da rua Treat, antes de voltar para a sua última noite no Clift. Ele acreditava que tinha sido Willie Click, citando Schiller talvez, que observara: “Se a suntuosidade não inspira a generosidade, a suntuosidade é imerecida.”

Bad Bobby Sloane — alto, magro, os cabelos ficando grisalhos nas têmporas, sempre caprichoso e conservadoramente vestido — parecia mais um presidente de uma instituição de poupanças e empréstimos do que um jogador profissional. Se você estivesse perto dele quando ainda tinha seus vinte anos, única vez na sua vida que sucumbira a um arrebatamento de resplandecência, ele poderia ter-lhe passado um dos seus cartões de apresentação — e lá estava, bem abaixo do seu nome gravado:

ROBERT SLOANE
Jogador Profissional — Pôquer e Outros

Eu jogarei
com qualquer um de qualquer lugar
quanto dinheiro ele quiser apostar

qualquer jogo que ele quiser jogar
em qualquer lugar, é só me encarar.

Bad Bobby começou a jogar para valer quando tinha nove anos de idade, logo após a Segunda Guerra. Ele tinha jogado sua primeira partida ao lado de uma fogueira de acampamento de migrantes num campo de pêssegos, na Geórgia. Com as botas novas do seu pai ele comprou um cacife, deram-lhe por elas cinquenta centavos. Seu pai havia morrido uma semana antes, espancado até a morte numa briga de bar. Antes do nascer do sol, ele tinha transformado cinco moedinhas em US$67.

Quase quatro décadas mais tarde, Bad Bobby Sloane era considerado por todos o melhor jogador de cartas de todos os Estados Unidos, especialmente jogando Hold-Em texano, e, desde que Johnny ‘He-Horse’ Coombs tinha se retirado, talvez o melhor em jogo de pôquer de cinco cartas.

As batidas de Daniel na porta do quarto 377 foram respondidas por um funcionário do hotel. Atrás dele, através da fumaça suspensa, Daniel viu um jogo de cartas em andamento. Ele disse ao funcionário do botei que estava procurando o senhor Sloane, e depois de poucos minutos de espera Bad Bobby apareceu no vestíbulo. Ele tinha olhos azuis esmaecidos e mãos largas e ossudas. Estava vestindo um casaco xadrez elegante, calças marrons, uma camisa de um marrom mais claro e gravata preta com um alfinete de ouro moldado com a cara do curinga.

— Legal te conhecer, Daniel — disse Bad Bobby no seu negligente barítono da Geórgia. Ele pegou uma chave de quarto no casaco e lançou-a para Daniel. — Vai lá pro quarto desanuviar um pouco. Eu estarei por lá quando terminar. Qualquer coisa que precisar, chama o serviço de quarto e manda pendurar.

Daniel inclinou a cabeça em direção à porta.

— Vocês estão jogando aí?

— É — suspirou Bobby —, e eu estou empatado e sangrando. É por isso que é provável que leve um tempo.

Bad Bobby não estava lá quando Daniel foi se deitar, mas estava lá de manhã, conversando ao telefone quando Daniel acordou.

— Denver, por *quatro*! O que aconteceu? Os Raiders foram apanhados roubando carros? A linha defensiva abriu a porta para os fregueses? Deus do céu, eu posso ser um cachorro velho mas ainda sei o que é um osso. Merda,

põe vinte milhas nos Raiders. Quais são as barbadas? Bom, então anota aí para mim outros cinco nas zebras.

Daniel ouviu-o desligar e começar a discar novamente.

— Aqui é Robert Sloane do 377. Você podia me mandar alguns ovos Benedict, duas costeletas de porco fritas bem crocantes e um copo de suco de laranja feito na hora? — Ele viu que Daniel estava acordado e disse ao telefone: — Um momento, por favor — e então para Daniel: — Vai tomar café da manhã?

— Seu pedido parece bom para mim.

Bobby dobrou a encomenda e desligou.

— Acabou o jogo de cartas? — disse Daniel.

— Foi dissolvido há meia hora.

— Você ganhou?

— Eu perdi vinte mil.

Desconcertado tanto pela soma quanto pela indiferença de Bobby, Daniel disse:

— Isso é um bocado de dinheiro, vinte mil.

— Não se você o disser rápido — falou Bobby, sorrindo. — Além disso, nunca esqueça, você não joga por *dinheiro*, você joga pelas *fichas*, e as fichas dependem do jeito que você acompanha o curso das coisas. A razão pela qual eles fazem fichas é porque elas *devem* rolar. E falando em rolar, melhor nós juntarmos nossos lances. Estamos partindo logo depois de assistirmos aos Raiders chutarem a bunda do Bronco.

— Para onde estamos indo?

— El Paso. Um promissor pôquer de sete cartas.

— E eu vou jogar?

— Não por hora. Primeiro você tem que aprender as regras e as maneiras, os diferentes jogos e estratégias, princípios básicos e movimentos. E já que vai estar jogando com o meu dinheiro até que seja bom o bastante para ganhar o seu, eu fico no comando. Esse é o acordo sempre que tenho alguém para ensinar. Fico no comando até você me ganhar e me deixar com as mãos para cima num jogo de aposta, e aí está livre para fazer como quiser. Toda vez que me desafiar e perder, vai lhe custar dez milhas pelo meu esforço. O jogo é esse, Daniel, e a escolha é sua. É também a sua primeira lição, uma verdade sólida sobre o jogo de azar: se você não gosta do jogo, não se sente para jogar.

— Digamos que eu não consiga vencê-lo.

— Bom, você provavelmente vai estar tão pobre, frustrado e fodido que eu o soltarei por compaixão, se implorar direitinho. Isso me faz parecer malvado, mas na verdade sou um dos homens mais fáceis do mundo para se lidar, exceto por duas coisas que não posso tolerar... a cobiça e a ostentação. Não cobice quando estiver perdendo, nem ostente quando estiver ganhando.

— Você se incomoda se eu perguntar qual é a sua ligação com a AMO?

— Não... embora não sejam boas maneiras nas cartas pressionar um homem para obter informações sobre a sua vida particular.

— Eu não quis ofendê-lo.

— Não me ofendeu. — Bobby deu uns passos até a televisão e a ligou. — Quando entrei nesses jogos de apostas altas, eu me dava mal ocasionalmente... bem, na maioria das vezes, para dizer a verdade... e Volta se ofereceu para apoiar as minhas partidas. A maior parte dos caras que apoiam naturalmente quer um tasco do bolo, meio a meio sendo a praxe, mas Volta só queria cinco por cento por ano... do *líquido*... e eu fazendo a contabilidade. É difícil conseguir melhor oferta. Além disso, concordei em me ocupar de estudantes de vez em quando se Volta achasse que eles prometiam. Você é apenas o terceiro. Os dois primeiros poderiam ter se dado bem, mas piraram antes de chegar lá.

Daniel começou a perguntar onde era esse ‘lá’, mas Bad Bobby levantou o dedo e apontou na direção do jogo de futebol.

— Nós vamos ter muitos meses para conversar na estrada. Nesse instante temos vinte e cinco milhas dizendo que de jeito nenhum os Broncos podem derrubar os Raiders por mais de quatro pontos e que, juntos, não ultrapassem de quarenta e dois. Vamos tomar o café da manhã e assistir o nosso dinheiro na TV.

Os Raiders ganharam direto com uma luta defensiva e, mais tarde naquele dia, Bad Bobby saiu da cidade como ele normalmente fazia — para a frente de onde ele veio.

El Paso. Houston. Dallas. Nova Orleans. Nashville. Omaha. Cheyenne. Denver. Reno. San Francisco. Sempre os melhores hotéis, os mais finos restaurantes e as partidas mais rápidas da cidade. Daniel assistia e Bad Bobby jogava. Ele adorava o estilo de Bobby, um equilíbrio entre a disciplina e o impulso, imbuído com uma estética que sobressaía elegantemente entre os modos de fazendeiros broncos e mentalidade de ratos do pântano. Ele ouvia

centenas de histórias sobre Bad Bobby contadas por jogadores e espectadores.

A história mais frequente dizia respeito à juventude de Bobby. Ele já estava conseguindo viver bem jogando cartas de uma cidade para a outra quando tinha 16 anos, mas era analfabeto. Então Bobby separou parte dos seus vencimentos e contratou tutores para viajar com ele, pagando-os salários e despesas, em troca lhe ensinando a ler e escrever e, mais tarde, aritmética, geografia e história. Bobby levou nove anos para ler e escrever com nível equivalente à universidade. Ele atraía tutores que gostavam da emoção de uma aposta ocasional, fosse ela no virar de uma carta ou quantos tatus mortos na estrada eles veriam entre Lubbock e Galveston, e desse modo ele pôde completar sua educação universitária a um preço modesto.

Daniel descobriu que o apelido de Bad Bobby foi-lhe dado por Barbwire Bill Eaton quando ele bateu a sua série de ases com uma sequência mínima num jogo de Hold-Em texano, fazendo com que o normalmente inalterável Barbwire batesse com a cabeça na mesa balbuciando:

— Porra, um monte de jogadores ganha de mim, mas você me bate como se fosse o diabo. De tal jeito que, quando eu vejo você passar pela porta, digo a mim mesmo: “Segura a sua calça, Bill, que lá vem o Bandido Bad Bobby.” O nome foi logo encurtado para Bad Bobby.

Quando acabava o jogo e eles estavam de volta à estrada, alternando-se na direção do Cadillac 1949 perfeitamente restaurado de Bad Bobby, conversavam sobre a sua visão do pôquer e o sentido das cartas em geral, explicando regras, peculiaridades, estratégias, como embaralhar e distribuir adequadamente as cartas e os pequenos requintes de etiqueta, como jogar rápido e sucessivamente. Daniel aprendeu, mesmo que só teoricamente, como marcar a sua posição e administrar o dinheiro, quando aumentar a aposta, pedir mesa e sair fora, como conseguir rapidamente entender os pontos fortes e fracos dos outros jogadores, os melhores momentos para blefar, como calcular as apostas imperfeitas, como identificar manifestações, trapaceiros e sinais. Eles revisaram partidas recentes enquanto Bobby explicava por que as havia jogado daquela maneira e o que teria podido fazer em circunstâncias diferentes. Ele construía partidas práticas para Daniel, questionando suas decisões. Para ilustrar as lições, Bobby narrava copiosas histórias e saber acumulados em quarenta anos de mesas e estradas.

— Vou lhe dizer uma coisa, Daniel, não existe *coisa certa*. Porque, bem, eu estava numa partida arriscada num pôquer de cinco cartas, em Waco...

estávamos jogando com o curinga... e eu vi a minha mão com cinco ases ser batida pelo que o outro cara tinha.

— Espera um pouco — interrompeu Daniel. — Nada consegue bater cinco ases. O que o outro cara tinha na mão?

— Uma Smith and Wesson. Calibre trinta e oito, eu acho.

Quando eles circulavam por Las Vegas, dois meses mais tarde, Daniel estava louco para jogar. Ele disse a Bad Bobby que estava pronto.

— Já lhe falei, Daniel, você joga com o seu dinheiro no momento em que achar que está pronto. Você pode jogar com o *meu* dinheiro quando *eu* achar que você está pronto.

Daniel disse, mais desafiando do que questionando:

— Você acha que eu não estou pronto.

— Acho que não. Acho que você seria engolido como um ratinho almiscarado nadando num tanque cheio de jacaré. A verdade é que ainda está cometendo muitos erros nos problemas que tenho dado para você.

Com paixão na voz, Daniel disse:

— É porque estou *cheio* de teoria. Assistindo você jogar, fica bem claro que cada mão é uma situação única, porque você está envolvido com gente, jogadores e indivíduos reais, e um deles está com um jogo quente, e o outro acabou de brigar com a mulher e o outro acabou de beber o seu sexto uísque em duas horas. Eu *jogaria* meu próprio dinheiro, se tivesse sobrado algum, mas sempre posso conseguir o que eu preciso se tiver que...

— Não, não pode — cortou Bobby, friamente. — *Nada* de roubo, nem sequer um cinzeiro... esta é uma lei de ferro para mim. Ofende os deuses do pôquer.

— Eu acho que estou pronto — disse Daniel com firmeza.

Bad Bobby coçou o nariz.

— Tudo bem — comentou ele sem convicção. — Eu garanto com cinco milhas. Mas o negócio é o seguinte, se você perder um centavo desse dinheiro, não joga mais durante um mês e não me amofina com esse papo de que está pronto.

— Combinado — sorriu Daniel.

— Vamos jantar em algum lugar e depois direto para o Antlers no centro da cidade. Eles têm um jogo de pôquer com cinco cartas com limite de cem

dólares que me parece ser da sua velocidade. — Bad Bobby lhe deu um sorriso lacônico. — Um verdadeiro formador de caráter.

Daniel comprou mil dólares e formou alguns caracteres imediatamente, seus três setes esmagados por três valetes — uma partida em cima da outra, uma das batidas mais fortes do jogo. Ele foi buscar mais mil.

Levou uma hora para ele perder esses mil. Numa partida com seis jogadores, Daniel levantou-se, apostou tudo na quarta carta, que tinha lhe dado um segundo par com os seus ases, para ser derrotado na última carta por uma sequência mínima do mesmo naipe e uma sequência.

Atrás dele, Bad Bobby mexeu com ele.

— Agora, Daniel, lembre-se do que o velho Jake Santee costumava dizer: "Até que não dói tanto para enfiá-lo fechado. O que dói é tirá-lo aberto lá de dentro."

Daniel pegou o resto das notas e comprou três mil dólares de fichas pretas. Cinco horas mais tarde, tendo descoberto um parceiro cúmplice chamado Frog Jorgenson e tendo apanhado algumas boas cartas, Daniel tinha US$12 mil à sua frente. Quando o jogador à sua direita estourou, Daniel surpreendeu-se vendo Bad Bobby sentar-se no lugar vazio e pedir vinte mil dólares em fichas.

Daniel jogava cuidadosamente sempre que Bad Bobby estava no jogo. Bobby fazia o seu jogo costumeiro, estável com erráticas erupções, embora ele conduzisse as suas ações apostando sempre o limite, da primeira à última rodada. Uma hora antes do amanhecer, Daniel tinha US$17 mil e Bad Bobby tinha duplicado a sua pilha. Conforme se espalhou que Bobby estava na cidade, jogadores deram um pulo no Antlers para vê-lo jogar. Quando o sol se levantou, havia quatro vezes mais papagaios de pirata do que jogadores.

Bad Bobby esticou-se preguiçosamente enquanto as cartas eram embaralhadas.

— Cavalheiros, eu só vou aguentar poucas horas mais. Alguma objeção em colocar um pouco de sangue e aumentar o limite para mil?

Exceto Daniel, todos concordaram imediatamente.

— Então é mil — anunciou um jogador chamado Mad Moses.

— Espere um minuto — pediu Bad Bobby, suavemente. Virando-se para Daniel ele disse: — O que você acha, Daniel?

— Pô — disse Mad Moses —, ele está ganhando. Se não quiser levantar a aposta ele pode sair fora... tem um bando de macaco velho babando para entrar no jogo.

— Não — observou Bobby, rispidamente —, não é bem assim que funciona. Ele está no jogo há doze horas, e se disser que não, para mim é o bastante.

— Um limite de mil está ótimo para mim — murmurou Daniel. Vinte minutos mais tarde ele queria que Mott Stocker estivesse lá para cortar a sua língua.

Daniel começou com um sete e um oito de copas. Bad Bobby estava bem com um rei de copas aparecendo e quando o homem da vez apostou o mínimo de cem, Bobby aumentou para mil. Daniel e três outros jogadores pediram cartas. Daniel apanhou um oito de copas para fazer um par, Mad Moses apanhou um ás para o seu par, os dois outros não tinham visivelmente melhorado, e Bad Bobby apanhou um dez de copas. Quando chegou a sua vez de apostar, Daniel aumentou para uma milha. Moses e Bobby eram os únicos a pedir. Daniel tinha apanhado um sete de paus para completar o seu jogo, Moses um seis de copas, e Bad Bobby um três de copas, dando-lhe, na melhor das hipóteses, um par de rei ou um jogo com cinco cartas do mesmo naipe. Bad Bobby, em silêncio, surpreendeu Daniel apostando o limite. Daniel acompanhou. Mad Moses, após longa deliberação, saiu. Bad Bobby voltou a aumentar mil dólares. Daniel seguiu novamente. E depois Bad Bobby.

— Eu não vou parar — avisou Daniel, puxando a sua carta e colocando outra milha na mesa. — Você vai ter que me pegar e eu estou gostando disso.

— Bem — disse Bobby —, conta o que você tem aí e nós colocamos tudo de uma vez agora, porque estou pretendendo continuar aumentando em cima de sua aposta. — Quando acabou de contar o que restava dos seus 17 mil, ele os empurrou para o centro da mesa. Bad Bobby igualou a soma. Contando o dinheiro de Mad Moses e as apostas iniciais, havia mais de quarenta mil dólares na mesa. — Agora depende das cartas — avaliou Bobby —; deixa eu dar uma olhada e ver se consigo derrubar os seus dois pares.

O carteador virou um valete de copas para Daniel. Bad Bobby recebeu a rainha de copas. Ele tinha também o ás de copas. Um vigoroso *flush*.

— Pode levar tudo — disse Daniel, tentando controlar o choque da decepção na sua voz. Ele sorriu pesarosamente para Bad Bobby, que estava juntando as fichas. — Você mereceu, Bobby, pegar aquela rainha com tantas copas já fora do jogo, aparecendo o tempo todo... isso que é sorte.

— Não, Daniel. Isso é saber a *hora.*

— Você quer mais fichas, Daniel? — perguntou o funcionário sobre os seus ombros.

Daniel começou a se levantar da cadeira.

— Acho que não.

— Não havendo objeção — comentou Bad Bobby —, você pode jogar mais dez milhas por minha conta.

Não houve objeções.

Bad Bobby saiu fora ao meio-dia, trinta mil dólares ganhos. Quatro horas mais tarde, os olhos ardendo de fumaça e exaustão, Daniel saiu com US$21,5, US$15 mil dos quais devolveu para Bad Bobby, que ainda estava acordado quando ele voltou para o hotel.

— Conseguiu recuperar, hein?

— Eu ganhei seis mil e quinhentos.

— Ótimo, mas não esqueça que você pode perder.

— Eu teria, se você não tivesse bancado aquelas dez milhas extras. Obrigado pela confiança.

— Porra, eu não teria uma opinião muito boa sobre mim mesmo como professor se não achasse que você conseguiria segurar sozinho um joguinho de merda que nem aquele. Além disso, você descobriu o lance do Frog uns dez minutos depois de mim. Você pode estar confiando um pouco demais na vantagem, mas suponho que isso seja minha culpa. Mas lembre-se que, se estiver fazendo uma roleta-russa, tem uma bala no tambor de seis, cerca de dezessete por cento das vezes você vai estar morto. Tecnicamente, sabe, você perdeu aquela nossa outra aposta quando eu o arrebentei, porque se eu não tivesse estendido o crédito, você estaria lavando as janelas com a língua. Agora tem bastante dinheiro seu para fazer como desejar. Se ficar curto, pode jogar com o meu dinheiro quando quiser.

Mas Daniel, com seu lucro de US$6.500, jogou sozinho, e jogou bem. No final do ano ele tinha quase US$220 mil, oitenta mil dólares numa só partida de sete cartas, em Albuquerque, ganhando os quatro noves de Dumpling Smith com uma sequência mínima de ouros. Entre as partidas, quando eles viajavam pelo circuito (que Bad Bobby chamava de amassando a bunda na estrada), Bad Bobby criticou o jogo de Daniel. Afora a falta de acabamento e ocasionais lapsos de julgamento, ele só via uma falha importante. Não era tanto um erro repetido, mais uma disposição geral — Daniel gostava de apostar. Ele se deixava seduzir pela vibração aguda do jogo, pela excitação, anseio e abandono.

Bad Bobby contou para Daniel que um amigo, um famoso corredor de *stock-car*, tinha lhe dito o que ele considerava o maior perigo das corridas:

— “Quando você está pisando fundo, no limite, e a paixão pela velocidade bate em você, tão real e profunda, você não *quer* reduzir. Você sabe que deveria. Mas está trancado dentro de alguma coisa tão impressionante, tio devoradora, que não consegue frear. É sempre igual... quanto mais rápido você vai, menos você se preocupa em ser capaz de parar.” E isso é uma grande merda, Daniel. Não entra nessa.

Mas sustentar aquela fina e alta margem de concentração que as apostas exigiam custava um bocado em si mesmo. Junto com as constantes viagens, havia dias sem dormir, um isolamento quase constante do mundo natural, solos de adrenalina dançando sobre a lâmina. Contra a descontinuidade da vida de jogar, Daniel desenvolveu rotinas portáteis. Ele lia o jornal no café da manhã para se lembrar diariamente que havia um mundo além da mesa de jogo. Tomava um longo banho antes de cada jogo. Usava, intercaladamente, dez camisas brancas idênticas. Esses hábitos lhe davam uma sensação de estabilidade, de uma infraestrutura quotidiana que poderia sobreviver aos ventos do acaso. Ocasionalmente, ele queria uma mulher e, frequentemente, era uma garota de programa de quinhentos dólares. Daniel gostava de garotas de programa. Eram aventureiras, normalmente independentes, quase sempre belas, sentiam orgulho dos seus charmes eróticos e compreensão, e não havia complicações.

Daniel concordava com o que dizia Bad Bobby sobre a vida simples ser essencial se você esperava sustentar a concentração feroz que o jogo de cartas exigia. Bad Bobby praticava a extrema simplicidade. Além do Cadillac 1949 restaurado, suas posses terrenas eram uma navalha do seu pai e um velho Ruger .38 que o ‘Jack-’Em-Up’ Jackson tinha lhe dado para desencorajar trapaceiros e salteadores na estrada. Bad Bobby dormia e tomava banho nos hotéis, comia em restaurantes e comprava roupas novas quando estava cansado das que estava usando. Ele também comprava livros — estava estudando história — mas quando acabava um, ou o passava para Daniel, no caso deste estar interessado, ou o deixava para o próximo ocupante do quarto, aos caprichos do acaso.

Após 15 meses de partidas constantes, Daniel ficou inquieto e deprimido. Eles estavam no meio do caminho no circuito atravessando o norte da Califórnia, e as formas familiares da paisagem o fizeram lembrar do claro equilíbrio da vida na fazenda. O jogo também tinha o seu equilíbrio, mas era

eternamente mutante, erraticamente brilhante. Ele estava cansado de jogar. Tinha aprendido o que podia e ficara estranhamente insatisfeito. Ele disse para Bobby que queria seguir em frente.

Bad Bobby não queria deixar.

— Passei dezoito meses trabalhando com você, e ainda não acabei porque você ainda não está pronto.

— Eu aprecio isso — comentou Daniel. — Aprendi bastante. Mas estou começando a me esgotar.

— Daniel, é exatamente nessa hora que você aprende coisas que, de outra forma, nunca aprenderia. É aquela longa e precisa disciplina que mantém a coisa junta quando ela quer debandar. É nessas horas que você desenvolve algum alicerce para si mesmo, mas tem que ser firme. Você tem que praticar pacientemente o que não gosta, se quiser fazer de si mesmo um jogador completo. Como o melhor ponta de lança que já existiu, mas que fica depois do exercício e trabalha naqueles três metros a mais que estão lhe dando trabalho. É por isso que inventam dívidas, Daniel... para que sejam pagas.

Daniel suspirou.

— Eu agradeço o que está dizendo, mas posso ir embora a qualquer hora. Não me force a fazer isso.

— Na verdade — disse Bad Bobby com um sorriso —, você não pode ir embora a qualquer hora, porque você tem que honrar sua palavra e me ganhar num jogo de apostas para poder se virar sozinho.

— Ótimo — afirmou Daniel, encolhendo os ombros. — Amanhã. Pôquer de cinco cartas.

— Você escolheu o jogo em que é mais forte, mesmo que a sua regulagem esteja mal. Recebi agora mesmo uma chamada do Stan Wurlitzer, lá de Gardena. Parece que Guido Caramba e Rupert *the Limey*[7] estão na cidade, e há um forte sentimento se desenvolvendo de que vai haver um jogo de cem mil dólares congelados se Stan conseguir reuni-los. Tenho que confirmar com ele esta noite.

— Como funciona?

— Todos compram um cacife de cem mil e você joga até que alguém tenha tudo. Perdeu o seu cacife, você está eliminado; não tem um segundo.

— E o jogo?

— Lo-Ball Draw[8], exatamente o que temos jogado essas duas últimas semanas. Pessoalmente, acho que Lo-Ball será mesmo o seu melhor jogo, porque a grande arma nele é acertá-lo de início e manter uma posição de

força. Claro, isso será sem limite e você não quer aumentar muito as apostas para as cartas compradas.

— Você está sugerindo que eu posso jogar uma partida dessas?

— Depende de você. Eu, com certeza, vou, portanto não quero realmente desperdiçar minhas energias dando-lhe uma surra amanhã. Mas aqui está a minha proposta: se você ganhar, está livre para partir. Se não, ainda terá dinheiro o bastante para tentar comigo mais tarde.

— Conhecendo a sua proposta, imagino que os outros jogadores são bons.

— Você entendeu corretamente.

— Então, se eu vencer, não só posso ir, mas também levo oitocentos mil dólares comigo.

— Seria gentil passar dez milhas ou algo parecido para o Stan por segurar as apostas e nos deixar usar as suas instalações... a menos, é claro, que você *não se incomode* em ficar conhecido como um pão-duro sem classe. — Daniel começou a defender a gorjeta... generosa em vários padrões, embora nada comparável com as extravagâncias de Bobby... mas Bobby passou por cima. — Claro, vai ser barra vencer. Você tem que ganhar sete outros jogadores, incluindo Guido, Rupert e eu. Meu conselho é começar cedo e levar uma boia extra.

Daniel conhecia Bad Bobby suficientemente bem para perceber uma proposta.

— O que você está armando agora?

— O mesmo dinheiro como você não chega entre os quatro finalistas. Seus oito contra um meu como você será exatamente o terceiro jogador eliminado. E vinte contra um como você não vai ganhar.

— Você está ferindo a minha confiança.

— Não posso fazer nada. As coisas são como elas são, e eu as chamo como as vejo. E o que eu vejo é que você é um grande jogador, mas não o suficiente ainda.

Eles estavam sentados no quarto de Daniel no Eureka Inn. Daniel apontou para o telefone sobre a mesa.

— Chame esse tal de Stan e reserve dois lugares. E eu ponho uma milha nas duas primeiras apostas, e cinco na de vinte contra um que eu ganho tudo. Assim, você vai ficar sem duzentos mil e mais o troco, e eu estarei por minha conta.

Bad Bobby deu um número para a telefonista. Ele sorriu para Daniel.

— Você vai gostar de Guido. Ele sozinho já é um formador de caráter.

Na manhã seguinte eles partiram para San Francisco. Enquanto Daniel dirigia, Bad Bobby analisava os jogadores e discutia estratégias de Lo-Ball congelado sem limite. Ia ser um jogo completo, oito jogadores. Havia apenas dois com quem Bobby não tinha jogado antes.

— Clay Hormel é um produtor de cinema, muita grana e todo o jeitão de Hollywood. Você já viu o tipo em Vegas... camisa de seda desabotoada até o umbigo, três quilos de corrente de ouro, bronzeado artificial. Ele pode saber como fazer um bom negócio com o cinema, mas como jogador de cartas é uma merda. O seu ego é grande como a sua conta bancária e eu imagino que os dois sairão um pouco desbastados desse jogo.

"Charley Li é um velho chinês, mais de setenta anos agora, eu acho. Conhece Lo-Ball como qualquer um e pode ficar duas vezes mais difícil se pegar umas cartas quentes. Acho que ele é um pouco conservador para esse tipo de partida, um tanto previsível demais. Mas é seguro, e um verdadeiro cavalheiro.

— Tem dois caras que eu não conheço, mas Stan me deu uma ideia da linha de jogo deles. O primeiro chama-se Paul Schubert, conhecido como 'Rainbow'. Suponho que seja algum tipo de hippie, um desses tipos moderninhos com rabo de cavalo e bracelete azul-turquesa. Stan disse que ele tem uns trinta anos de idade e, ou tem uma posição alta em algum comércio de drogas, ou a família tem dinheiro, porque não joga bem o bastante para a grana que possui. É provavelmente um excêntrico no jogo, um bom exemplo do que lhe preveni. Não se pode entrar em aposta alta e pedir mal as cartas. O que significa que é difícil ele blefar.

"O outro cara é Johnny 'The Race' Russo, nunca o encontrei antes, mas já ouvi falar um bocado dele. Um cara da costa leste. Conseguiu juntar seu primeiro cacife vadiando pelos quarteirões do Bronx quando tinha doze anos... a informação é essa, de qualquer maneira. Ele não é muito mais velho do que você... vinte e um, por aí... e, aparentemente, merece a sua reputação de ser um cara durão. Não tem medo de colocar fichas na mesa. Stan diz que ele joga muito parecido comigo, quando eu tinha a sua idade. Isso significa que será muito agressivo em mãos secundárias, vai blefar nos momentos errados e não prestará atenção o bastante à posição.

"Rupert Mildow é um cavalheiro inglês de meia-idade que se veste com um *tweed* e usa bengala. Todos o chamam de 'Limey', o que considera vulgar, e é por isso que todos o chamam assim. Se ele tem uma fraqueza, ela

pode ser o fato de não confiar nos seus instintos, especialmente o de assassino. Mas se você ganhar dele, ganhou de alguém. Ele é bom.

"Guido, porém, é provavelmente o melhor. Ele é mais durão do que um cão de guarda e, como veio de baixo, adora o topo. Ele é meio mexicano, meio italiano. Ataca como se tivesse pedrinhas do tamanho de um rochedo... e ele tem... mas também tem vivacidade e astúcia. Gosta de soltar em cima de você um exagerado sotaque de bandido mexicano para irritar e ressaltar qualquer racismo latente. Gosta de fazer com que você *queira* ganhar dele. Uma incomum habilidade para achar o ponto fraco do adversário e lhe mostrar em troca de algum dinheiro. Provavelmente, o melhor jogador psicológico que já vi. Preste atenção ao seu jogo e não ouça a sua boca.

— E então, como ele joga?

— *Muito* bem.

— Você está me soterrando com prestimosidade.

— Seria loucura dizer mais. Guido joga com os jogadores, a química, o humor, a pressa e o momento, assim como com as suas cartas. Eu já ganhei dele algumas vezes, mas se esse velho Cadillac estivesse cheio do dinheiro que perdi para ele jogando Lo-Ball, os eixos se partiriam com o peso.

— Ele joga outras modalidades também? Quero dizer, você é supostamente o melhor que tem por aí.

— Bom — disse Bad Bobby —, eu consegui uma parte desse dinheiro de volta, tanto que ainda tenho o carro. — Ele deu uma longa buzinada que ecoou num bosque de sequoias pelo qual passavam, e então sorriu alegremente observando a estrada estender-se à sua frente.

Os jogadores encontraram-se sexta-feira à noite no saguão da sala de jogos de Stan Wurlitzer para discutir regras e formatos. Exceto Guido, todos estavam lá pontualmente às nove. Ele chegou vinte minutos mais tarde, acompanhado de um grupo de jovens e adoráveis chicanas, cada uma usando um vestido branco de seda assustadoramente decotado e uma fina gargantilha de opalas e pérolas. As joias eram um complemento adequado para a sua pele, que tinha o brilho de caramelo derretido.

Daniel ficou olhando para elas, depois lembrou que ia jogar contra Guido, não contra elas, e transferiu com dificuldade a sua atenção.

Guido estava cumprimentando os outros jogadores com entusiasmo. Ele era um homem grande, com uma barriga beirando a corpulência. O rosto

largo e moreno, as bochechas caídas. Ele teria parecido francamente corrupto, não fosse pelos seus olhos, com a cor e o mesmo fulgor duro das lavas. Ele estava usando um smoking e uma cartola de seda. Suas abotoaduras eram peças de ouro de vinte dólares. Grandes diamantes cintilavam do seu relógio de pulso e de seus anéis.

Quando Stan Wurlitzer o apresentou a Daniel, Guido franziu as sobrancelhas.

— Senhor Wurlitzer — disse ele brincando —, tem um menininho nessa sala que se perdeu da sua mamãe. Acha ela rapidamente para levar esse garotinho em segurança.

Daniel, presumindo que ele tivesse de alguma maneira ouvido sobre a morte da sua mãe, disse calmamente:

— Vai se foder.

— Tão *atrevido*! — gritou Guido, cambaleando para trás como se tivesse sido empurrado.

— *Por favor*, Guido — disse Rupert secamente —, guarda isso para o jogo.

— Aahh, não posso fazer nada — desculpou-se Guido. — Me sinto tão *maravilhoso* essa noite. Acabei de fazer amor com todas as minhas namoradas e estava tão feliz lá com elas que cheguei atrasado aqui. E você, jovem Daniel, estava só brincando, pois já ouvi em todo lugar que na mesa você é um *hombre*, que, mesmo sendo tão moço, já tem cabelo no cu e um bocado de *cojones*. Mas — a voz estrondosa de Guido transformou-se num triste murmúrio — vou passar por cima de você como a água corre sobre as planícies.

— É por isso que estamos jogando — assentiu Daniel —; para ver se é verdade.

— Stanley — disse Rupert, revirando os olhos —, podemos começar?

As regras foram combinadas: cartas abertas ou viradas a cada vez; quem pedisse mesa poderia participar na segunda rodada, mas não aumentar as apostas; cada um tinha que apostar num 7-6-5-4-3 ou numa mão inferior. O formato sugerido por Stan era igualmente conveniente para todos: rotação na distribuição das cartas, quinhentos dólares no escuro para começar, aumentando à medida que os jogadores estourassem; um intervalo de meia hora a cada três horas e de uma hora a cada seis, com o tempo de jogo limitado a 12 horas por dia. Stan coletou as apostas, cada jogador contando

cem milhas do seu dinheiro ou apresentando, no caso de Rupert, um cheque ao portador.

Guido disse desdenhosamente:

— Eu não sujo as minhas mãos com dinheiro nem desperdiço meu tempo nos bancos. — Ele estalou os dedos: cada uma das suas belas amigas levantou o vestido e retirou um maço de dinheiro da liga. Guido, rangendo os dentes ante a visão daquelas coxas suaves, anunciou: — Eu vou dizer uma coisa para vocês, Guido Caramba não aposta dinheiro que não tenha conhecido o calor da pele de uma mulher. Agora, se nossa reunião terminou, tenho que levar as minhas amigas aqui e voltar para o treino. Eu vejo vocês *mañana*.

— Com certeza — murmurou Daniel.

Os jogadores reuniram-se na sala de jogos de Stan um pouco antes do meio-dia. Eles tiraram cartas para escolher os lugares, colocando-se em volta da mesa na ordem das cartas mais baixas. Daniel pegou um curinga, um bom sinal, pensou ele. Ele não podia ter ficado mais satisfeito com o posicionamento final, mesmo que o tivesse escolhido. À esquerda de Daniel, ocupando as cadeiras em torno de uma mesa de feltro limpo diante de cem mil dólares em fichas pretas e douradas, estavam Charley Li, Rupert, Johnny Russo, Clay Hormel, Paul Schubert, Guido e Bad Bobby — o que significava que Guido e Bad Bobby, os dois mais fortes jogadores, normalmente jogariam antes dele.

Já havia cerca de cem espectadores sentados bem distante da mesa. Clay Hormel, talvez para provocar Guido, tinha chegado com o seu próprio bando de jovens estrelas. As beldades com pele de caramelo de Guido, ainda com seus vestidos de noiva em seda branca, sentaram-se atrás dele. Guido tinha acrescentado uma capa negra sobre o seu smoking.

Daniel sussurrou para Bad Bobby à sua direita:

— Guido parece um Drácula gordo.

Bad. Bobby apenas concordou.

— É, e ele joga como um lobisomem.

Eles pegaram cartas para ver quem as distribuiria, Guido tendo a honra através de um ás de ouros. Cada jogador apostou uma ficha preta de quinhentos dólares, Guido embaralhou e Rainbow Schubert cortou o baralho.

Guido fechou seus olhos e levantou a cabeça em direção aos céus, entoando solenemente:

— Deus, eu peço a Sua misericórdia pela ruína desses panacas — e distribuiu a primeira mão.

Daniel recebeu um 9-8-6-5-3. Quando Bobby passou, Daniel abriu com quatro mil. Charley Li, Rupert e Johnny Russo passaram.

— Com os diabos, eu sempre vou na primeira — disse Clay Hormel, apostando. — Se você não ganhar a primeira, não poderá ganhar todas elas.

— Gosto da sua filosofia, cara — afirmou Schubert, também apostando.

Guido olhava para as suas cartas beligerantemente.

— O que é isso? Um *full house*. Estou jogando o jogo errado. Mas eu aposto de qualquer maneira porque talvez os deuses do pôquer consigam dar um jeito nisso. — Ele colocou uma ficha dourada de quatro mil dólares no centro da mesa. — Tíquetes? — inquiriu suavemente, colocando as cartas com o rosto sobre a mesa.

Daniel bateu rapidamente na mesa, indicando que não queria cartas.

— Nãaoo! — lamentou Guido. — Por favor, reconsidere.

Daniel disse rispidamente:

— Não quero cartas.

Guido encolheu os ombros, com um ar de fatalidade irremediável.

— Você também não quer cartas, senhor Hormel?

— Sim, quero três. — Ele descartou, e Guido lhe deu três cartas.

Rainbow Schubert trocou uma.

Guido abaixou o baralho, pôs uma ficha em cima e olhou para as suas cartas por quase trinta segundos. Finalmente disse:

— Não consigo jogar com essa bagunça. Tenho dois ases, dois dois e esse homenzinho engraçado montado nesse abelhão com o dedo enfiado na bunda. — Ele lançou um sorriso suplicante na direção de Daniel. — Me ajuda a jogar essa mão. — Guido mostrou-lhe dois ases, dois dois e um curinga.

Obviamente, ele teria que conseguir duas cartas para o ás, o dois e o curinga. Daniel sugeriu brandamente:

— Jogue fora seus dois pares e tenta com o curinga.

Guido olhou para Daniel com uma fúria implacável:

— Vou lhe dizer uma coisa agora mesmo, meu jovem. Você pode acabar com o dinheiro do Guido porque Guido, sendo um homem feliz, não liga para dinheiro. Você pode brincar com as mulheres de Guido porque Guido, sendo um homem generoso, não poderia nunca lhe negar o imenso prazer que elas

são. *Mas* — ele esbravejou, isolando dramaticamente a contradição — *não* venha me foder as *ideias*! — Sua voz amenizou-se num refletido murmúrio. — Você não pode foder com as ideias do Guido porque Guido não tem ideias. Ele as devorou trinta anos atrás, morrendo de fome em Tijuana.

— Só estava tentando ajudar — disse Daniel, agindo de modo vagamente ferido por suas intenções terem sido ser mal-entendidas.

— Eu quero duas cartas — decidiu Guido, descartando e se servindo.

Daniel estava ligeiramente preocupado, não com o que saía da sua boca, mas com o que ele tinha na mão. Embora não pedir nenhuma fosse favorito contra duas cartas pedidas, ás-dois-curinga era a melhor pedida de duas cartas no jogo. Daniel apostou mais quatro mil, uma aposta não muito forte, mas melhor do que pedir mesa, já que eles saberiam que ele não tinha um sete ou menor.

Clay Hormel e Rainbow saíram. Guido estava chorando uma das cartas pedidas.

— Ah — disse ele —, um *estranho.* Olhe, eu não minto. — Ele abaixou ás-dois-curinga-quatro, mantendo a última carta fechada.

Seis cartas me ganham, Daniel calculou, *sete não. Merda, quase pelo mesmo dinheiro.* Ele observou os olhos de Guido enquanto puxava a quinta carta. Eles brilharam de excitação.

— Ooouuuéé — gritou Guido, estridentemente —, *alô* pequeno seis! — Ele encarou Daniel. — Eu acho a sua aposta pequena e aumento tudo agora. — Guido empurrou para a frente os noventa e seis mil dólares que lhe restavam.

Daniel olhou para a sua mão novamente. Nada tinha mudado. As vantagens lhe favoreciam levemente, mas era demasiadamente cedo para arriscar tudo o que ele tinha.

— A mesa é sua — disse ele a Guido, abaixando as suas cartas.

Guido estava radiante.

— Não falei bobagem, não. Eu faço a minha mão. — Ele virou a sua última carta, um ás de copas. Tinha feito um par de ases. — Está vendo? Dois ases, três contando com o curinga. — De repente, ele pareceu preocupado. *Três ases?* Não, eu esqueci novamente! — Ele se deu um leve tapa na face. — Guido, seu bobo, acorda! Isso é *Lo-Ball*! Mas — rapidamente ele se perdoou — pegue essas fichas assim mesmo.

Ao lado de Daniel, Bobby perguntou de leve:

— Pelo menos oito ou nove?

— Por aí.

— Você jogou certo. Não há necessidade de arriscar tudo prematuramente com uma tênue margem.

— É por isso que eu saí fora — afirmou Daniel, rápido.

— Não o deixe pegar no seu pé agora — aconselhou Bobby, reunindo as cartas para outra mão.

Clay Hormel foi o primeiro a ficar quebrado, aumentando a aposta de Rupert antes de pedir cartas e, então, quando Rupert não pediu nada, ele quis duas cartas. Quando Rupert pediu para ver, ele havia infantilmente tentado blefar com um par de cinco com os seus últimos vinte mil. Rupert mostrou imediatamente seu 8-4-3-2-1, e Clay, como um carneirinho, juntou-se ao seu rebanho de meninas na periferia.

As horas seguintes custaram a passar. Daniel jogava de um modo conservador, dando máxima atenção à sua posição no jogo. Ele estava com menos de sessenta mil quando percebeu que os mil dólares de pingo estavam começando a roer o seu cacife. Ele começou a pingar dez mil, tentando recuperar a parada. Ao final de cinco horas, tinha quase equilibrado as suas contas, como todos os outros jogadores, exceto Guido e Rupert que tinham, cada um, 175 mil, e Charley Li, com cinquenta mil, seu jogo cuidadoso devorando suas apostas. Charley se deu conta disso tarde demais, tentando pegar rodadas ao léu e foi regularmente ficando quebrado. Daniel levou os últimos oito mil de Charley, fazendo oito contra os nove que Charley não quis acreditar.

Rainbow Schubert ficou duro dez minutos depois. Ele havia aumentado a aposta de Bobby com um 10-9-8-2-1 direto, antes de pedir cartas. Bobby tinha apenas dito mesa, depois bateu na mesa e não quis cartas. Aquilo fez Rainbow sentir-se sob pressão e, depois de brincar com o bracelete turquesa e puxar o rabo de cavalo, finalmente jogou fora o 10-9-8 pedindo três e recebendo um 9-4-3. Quando Bad Bobby, atipicamente, disse que estava bom assim, mostrando fraqueza ao não apostar em cima de um pedido de três cartas, Rainbow apostou os 25 mil que lhe restavam. Bad Bobby mostrou o seu 8-5, disparando a armadilha.

Enquanto a outra mão era distribuída, Bobby disse a Daniel:

— Estou lhe devendo uma milha.

Daniel lançou um olhar curioso.

Bobby explicou:

— Você não foi o terceiro jogador a ser eliminado.

— É verdade — acrescentou Daniel. Ele havia esquecido as apostas paralelas.

A rodada recomeçou bem, com cada um dos cinco jogadores restantes procurando uma brecha. Embora só houvesse algumas boas mesas, as mãos acabavam deixando quase todos iguais. Quando se aproximavam da meia-noite e do fim do primeiro dia, Daniel, Bobby, Guido e Johnny Russo tinham todos cerca de 180 mil, com Rupert reduzido a oitenta milhas.

Um pouco antes da meia-noite, Daniel tomou cinquenta mil de Rupert. Daniel estava dando as cartas. Rupert abriu com dez mil e todos passaram até chegar a vez de Daniel. Ele aumentou para quarenta mil. Rupert completou e pediu uma carta. Daniel não quis nenhuma. Quando Rupert pediu mesa, Daniel apostou mais trinta mil, tudo o que Rupert ainda tinha. Rupert considerou um pouco a situação e então sacudiu a cabeça.

— Pode levar a mesa, senhor — disse ele com a sua usual formalidade seca. — Eu estava esperando um seis-quatro com o curinga, mas algo deu errado. — Ele mostrou o seu jogo... 10-6-4-2-curinga... depois descartou-o sobre a mesa.

Daniel disse:

— Quando você pediu mesa, eu soube que não tinha um sete, ou coisa melhor, e eu tinha todos os oitos. — Ele virou o seu jogo, quatro oitos e um ás.

Rupert concordou taciturnamente:

— Boa mão.

Guido protestou:

— Alguém, por favor, me chama a estação meteorológica e veja se isso é verdade. Não acredito nos meus olhos, mas acho que está nevando.

Na última mão antes da meia-noite, Rupert pulou fora.

Daniel e Bobby jantaram tarde na sala de estar. Bobby analisava os jogos de futebol profissional marcados para o dia seguinte, perguntando displicentemente a Daniel o que ele achava daqueles lançamentos de linha de fundo. Daniel queria conversar sobre o jogo de cartas.

— Esqueça o futebol. Como eu estou indo?

— Quem tem mais fichas na mesa?

— Eu — disse Daniel. — Tenho uns duzentos e cinquenta mil, Guido uns duzentos e quarenta, você uns duzentos e dez e Russo está quase na mesma.

— Bom, quem quer que tenha mais fichas está indo bem.

Daniel ignorou a tirada sarcástica e óbvia de Bobby.

— Acho que eu vou ganhar tudo. Aquela mão com uma neve de oitos me soltou.

— Foi bem jogado — observou Bobby —, mas com certeza teria sido interessante ver o que você faria se Rupert não tivesse pedido carta antes de você, além de se cagar nas calças, eu quero dizer. Mas como já lhe disse umas mil vezes, um jogo bom é aquele que levamos tudo. É assim que se mede as coisas.

Daniel estava pronto para replicar quando Clay Hormel se aproximou da mesa deles.

— Bobby, Daniel... que bom que vocês ainda estejam por aqui. — Ele apertou o ombro de Daniel. — Garoto, que neve maldita você fez cair sobre o velho Limey. Ele *ainda* está falando sozinho. Vou lhe dizer uma coisa, porém... eu, com certeza, teria pegado você.

Praticando seus bons modos sociais, Daniel disse:

— Eu não tentaria fazer o mesmo, você é durão demais.

— Se eu tivesse tirado algumas boas cartas eu ainda estaria jogando.

Bobby concordou:

— É, tem que pegar boas cartas.

Clay disse:

— Como diz o velho ditado: “Quando você está quente, você está quente, quando você não está, você está mais frio do que a puta que o pariu.” E por falar em quente — Clay deu uma piscada —, vocês estão convidados para passar algum tempo em minha casa em Malibu quando o jogo acabar. Um monte de mulheres maravilhosas e outras coisas divertidas. E, quem sabe, até algum carteado.

— Estaremos lá com os sinos tocando — sorriu Bad Bobby.

Daniel disse mais alto do que era necessário:

— Depende de como vou estar me sentindo.

— Não importa como você esteja se sentindo — declarou Clay, batendo nas suas costas —, minhas festas fazem você se sentir melhor. Vejo vocês lá, e boa sorte para os dois.

Quando Clay estava longe para ouvir, Daniel inclinou-se para a frente e disse tão uniformemente que era óbvio o controle que mantinha sobre a sua voz:

— Não me fode as ideias enquanto não estivermos jogando.

— Você não me ganhou ainda — respondeu Bad Bobby, sem se mostrar na defensiva. — Até você conseguir, eu comando. Os jogos em Hollywood do Clay são conhecidos no mundo inteiro pelo número de advogados e produtores com muito dinheiro, egos maiores ainda, e um talentinho desse tamanho para jogar pôquer. E, falando pessoalmente, se eu não ganhar esse jogo aqui, vou precisar bombear algum para minha conta bancária. Então esse é o lance que estou prevendo para nós. E até você me ganhar, você me segue.

— Até ganhar você — apontou Daniel.

— E além disso tudo, Daniel, sou o seu *professor*, tenho o dever de foder as suas ideias.

Guido chegou com força quando o jogo recomeçou na tarde seguinte. Ele tinha trocado o seu smoking por uma camisa de cambraia e jeans, explicando, embora ninguém tivesse perguntado:

— Agora é hora de começar a trabalhar.

Ele trabalhou as fichas de Johnny Russo na quinta rodada, levando a metade delas quando bateu um 8-5 dele com um 9-8. Daniel percebeu que Guido estava quente e ficou longe dele, as apostas de quatro mil lentamente erodindo a sua pilha. Mas ele não podia evitar Guido indefinidamente.

Bad Bobby dava as cartas. Daniel abriu com vinte mil pedindo uma carta para o seu ás-dois-três-quatro. Johnny Russo passou. Guido subiu para cinquenta mil. Bad Bobby passou. Daniel teve um impulso de apostar tudo o que lhe restava, cerca de 150 mil, e assim, ou forçar Guido a cair fora, ou, se ele encarasse, deixar que uma única carta decidisse tudo. Ele resolveu apenas pagar, empurrando duas pilhas de fichas douradas para o centro da mesa. Daniel puxou uma carta. Guido, depois de pensar um pouco, não pediu nada. Daniel notou a hesitação; normalmente Guido reagia de imediato. Ele olhou para a sua nova carta: era um oito, fazendo um 8-4-3-2-1. Mas não sabia o que fazer. Se apostasse muito e Guido aumentasse, haveria muito na mesa para não pagar para ver. Ele decidiu apostar pouco, esperando que Guido pensasse que ele estava tentando provocá-lo a aumentar.

— Eu aposto dez mil — anunciou Daniel.

Guido olhou com curiosidade para ele.

— Você não está apostando muito. Não gosta do que tem na mão?

— Pode aumentar se não for o bastante — disse Daniel.

Guido pensou por um segundo.

— Não, só pago para ver.

— Eu tenho um oito-quatro — revelou Daniel, espalhando as suas cartas abertas sobre a mesa.

Guido mexeu a cabeça pesarosamente, virando o seu jogo, um 7-5-4-3-2.

— Ponha numa sacola e jogue fora na curva.

— Um sete-cinco? — perguntou Daniel, incrédulo. — E você não *aumentou*? Qual é o problema, Guido, você não *gosta* de dinheiro? Ou você achou que eu estava provocando a sua aposta?

— Não, não — negou Guido com veemência. — É que você joga tão mal que eu sinto pena de você. Mas sentir pena não é uma coisa boa para mim e nem para você, assim, em breve, vai ser como Deus e o anão.

— Deus e o anão? — repetiu Daniel, logo entendendo melhor.

Guido deu um tapa na testa, berrando:

— O quê! Não lhe contaram sobre Deus e o anão?

— Não — confessou Daniel —, mas tenho a impressão de que agora vão me contar.

— Sim, estou contente em lhe contar como acontece com Deus e o anão. Esse anão está sentado na cantina com muitas e muitas outras pessoas, quando Deus entra pela porta, olha em volta e diz: "Vou cagar em cima de todo mundo nessa cantina... exceto em você, anãozinho." O anão fica muito feliz e dá um pulo da cadeira e grita: "Puxa, obrigado, misericordioso Deus por me poupar, pois eu já sofri demais sendo um anão." E Deus lhe diz: "Pera aí, eu não poupo ninguém. Vou usar você para me limpar a bunda."

Guido riu selvagemente, enquanto Daniel, sem dizer palavra, jogou as suas cartas sobre a mesa. A risada de Guido o incomodava mais do que a piada. Guido estava doido; ele poderia fazer qualquer coisa. Daniel decidiu jogar com cuidado até recuperar o equilíbrio.

Talvez cuidadosamente demais. Com Bad Bobby dando as cartas novamente, Daniel abriu com dez mil dólares e um 8-7-6-5-3 na mão. Johnny Russo, que tinha caído para uns setenta mil pagou, assim como Guido e Bobby. Quando Daniel não quis cartas, cada um deles pediu uma. Daniel não estava apaixonado pela sua sorte: um mero oito era boa vantagem contra um jogador pedindo uma carta, mas não contra três. Daniel pediu mesa, preparado para pagar qualquer aposta. Johnny Russo colocou todas as suas fichas, quase sessenta mil. Guido xingou o rei que tinha tirado e jogou fora as suas cartas com desgosto. Bad Bobby anunciou:

— Eu aumento — e acrescentou outros sessenta mil.

— Não me sobrou mais nada — observou Johnny, mostrando seu estojo vazio.

Bobby lembrou-lhe:

— Ainda tem outro jogador na rodada.

— Não, não tem — disse Daniel. — Eu teria apostado sessenta mil, mas não cento e vinte mil. — Ele dispensou as suas cartas.

— Você me pegou — comentou Johnny para Bad Bobby. — Eu tinha um par de quatros.

— Eu peguei uma rainha — falou Bad Bobby, abrindo o seu jogo.

— Boa jogada. Não pensei que alguém esperaria por um blefe. — Ele se afastou da mesa e levantou.

— Não se sinta culpado — disse-lhe Daniel. — Eu joguei fora o jogo vencedor. — Ele contou as suas fichas. Havia US$160 mil, Bad Bobby trezentos mil e Guido 340. Ele teria que jogar com cuidado para pegá-los, procurar um jogo limpo e certeiro e apostar em cima.

Reduzido a US$120 mil, depois que Bobby deu-lhe um banho com uma trinca de nove, Daniel preparou seu lance. Ele estava dando as cartas. Guido abriu com modestas dez milhas, Bad Bobby passou, e Daniel, com 9-5, curinga-2-1, subiu para cinquenta mil.

— Bom, anão — sorriu Guido —, vou limpar a minha bunda mais cedo. Por favor ponha todas as suas fichas se quiser jogar. — Ele pagou a aposta de Daniel e colocou mais sessenta mil.

Daniel olhou o seu jogo novamente. Não era provável que ele conseguisse um melhor.

— Eu pago — afirmou ele, colocando as suas fichas restantes na mesa. — Cartas? — perguntou ele a Guido, apanhando o baralho.

— *Cartas?* — repetiu Guido como se nunca tivesse ouvido aquela palavra. — Guido Caramba não põe cento e vinte mil dólares na mesa e depois pede uma carta. Só um louco faria isso. — Ele bateu com violência sobre a mesa. — *Não quero cartas!*

— Merda — resmungou Daniel. Ele tinha esperado que Guido pedisse carta; se o tivesse feito, ele estaria preparado. A grande exibição de Guido quanto a pedir cartas fez com que Daniel pensasse que Guido queria que ele agisse assim, o que significava que ele tinha um simples oito ou sete. Bad Bobby tinha-lhe ensinado que não era uma prática bem fundada interromper uma rodada assim se não se pudesse ganhar mais dinheiro aperfeiçoando-a. E já que ele estava inteiramente no jogo, não havia mais o que ganhar. Porém,

qualquer oito ganharia dele. Era com as tripas que ele tinha que decidir. Ele atirou o nove virado para cima e disse para Guido:

— Eu saio com esse simples nove. — Ele se serviu de uma carta.

Guido fingiu se surpreender.

— Você está *looouuco.* Agora você tem que ganhar duas rodadas. — Ele mostrou seu jogo na mesa: 10-9-8-7-4.

Daniel lentamente virou a carta que tinha comprado. Era um valete de copas.

— Você ganhou — disse ele para Guido —, leve o dinheiro. — Ele se levantou entorpecido da cadeira.

— Você é um bom jogador, anão — observou Guido com um grande sorriso juntando as fichas. — Você vai crescer.

Ainda se sentindo mole, Daniel assistiu a continuação do jogo de um dos assentos da primeira fila reservados para os jogadores eliminados. Uma hora mais tarde, Bad Bobby, que tinha começado a ganhar algumas mãos, tinha se equiparado a Guido, ambos com cerca de quatrocentos mil dólares. Ao seu lado, Johnny Russo disse:

— Parece que vai durar pouco agora.

— Eu estava pensando a mesma coisa — concordou Daniel.

A partida terminou na mão seguinte. Guido abriu com quarenta mil. Bad Bobby, dando as cartas, aumentou para 160 mil.

— Isso é *mucho* dinheiro — murmurou Guido. — Antes de falar, ainda tem uma carta na minha mão que eu preciso ver. — Cerrando os olhos, Guido espiou. — Oh, meu Deus, você não vai acreditar, mas é um curinga. Eu mesmo não consigo acreditar. Eu tenho que aumentar a sua aposta e depois apostar todas as minhas fichas. Vamos fazer isso de uma vez e ir embora para casa.

— Parece uma boa ideia para mim — assentiu Bad Bobby, satisfeito, empurrando o resto das suas fichas. Ele pegou o baralho e perguntou a Guido: — Vai querer algumas cartas, Guido?

— *Claro* que eu quero — afirmou Guido com ressentimento, como se não pudesse nunca pensar em apostar quatrocentos mil dólares sem pedir carta. — Esse nove não presta. — Ele o lançou sobre a mesa. — Me dá *una.*

Bobby deslizou uma carta até ele e apanhou o seu próprio jogo. Já que estavam ambos no jogo e ele era o último a falar, virou para olhar: 9-6-5-3-2.

— Vou pedir com você — disse ele, jogando fora o nove.

Daniel, de repente, se ligou na partida e não pôde acreditar que ambos tinham decidido pedir cartas.

Bobby se serviu de uma carta virada, abaixou o baralho e depois pôs a sua nova carta em cima — ás de copas.

— Eu peguei bem lá no fundo — contou para Guido. — Tenho um seis-cinco.

Guido espalhou todo o seu jogo sobre a mesa.

— Eu também tenho um seis, mas eu gosto muito do meu seis porque é um seis-quatro-três-curinga-ás.

— Pode abaixar então, Guido, você ganhou tudo. Parabéns.

Guido sorriu com benevolência quando a plateia explodiu em aplausos.

— Obrigado, Bad Bobby. Você é um *hombre* de espírito e virtude, e eu admiro muito o seu jogo. Você chegou junto comigo nessa última mão. Pedimos o mesmo, mas eu puxei um pouquinho mais macio. Jogaremos outra vez, amigo.

Foi fácil chegar a Malibu no dia seguinte. Eles voaram no Lear jet de Clay Hormel até o aeroporto, onde uma limusine os aguardava para conduzi-los até Xanadu, a ‘pequena casa de praia’ do produtor, que tinha varanda e cama redonda giratória em cada uma das trinta suítes para convidados, e uma pequena cozinha equipada e abastecida para servir a tripulação de um porta-aviões. Johnny Russo e Rainbow Schubert os acompanharam no voo. Guido tinha pesarosamente desistido, alegando um compromisso já assumido com seu bando de gatinhas para umas férias religiosas, o cumprimento do que parecia ser rolar nu sobre cédulas de alto valor. Daniel, com receio, não tinha se interessado nos lúgubres detalhes.

Percebendo o humor de Daniel no voo, Bad Bobby disse-lhe:

— Só porque eles bateram em você não significa que tenha que ficar na fossa. Ontem é história. O hoje está novinho em folha.

Daniel murmurou:

— Não sei por que eu agi com o nove daquele jeito no jogo com Guido.

Bad Bobby disse suavemente:

— Eu não vou ficar aqui ouvindo a sua choradeira.

Ele mudou de lugar no avião e foi sentar-se ao lado de Johnny Russo.

Chegar até a festa foi fácil. Fugir dela mostrou-se mais difícil. Primeiro, havia a sua ‘recepcionista pessoal’, Linda O’Rahl, que Clay tinha apresentado como “talvez a próxima Meryl Streep”. Linda o levou até o seu quarto e lhe informou que havia um bar completo bem atrás da tela de cinema se a levantasse (ela fez a demonstração), que maconha, cocaína e outros excitantes estavam disponíveis mediante solicitação.

— E, sexualmente, estou a fim de qualquer coisa que você queira — completou ela.

Daniel sentiu um grande e implacável desespero tomando forma no seu cérebro. Foi difícil manter um tom civilizado.

— Obrigado, Linda, mas o que eu estou realmente a fim, no momento, é um bom passeio ao longo da praia, acompanhado só por uma garrafa de uísque. Preciso me isolar, decidir, pensar e esquematizar. Vai brincar com alguém que lhe possa fazer bem. Se Clay falar alguma coisa, diz para ele que eu sou gay.

Linda disse prestimosamente:

— Eu tenho uma amiga. Poderíamos colocar você dentro de um sanduíche vaginal.

— Se eu estivesse com melhor humor, tenho certeza de que seria prazeroso. Agora, o que preciso é de andar, de água e de uísque.

— Você quer água com o seu uísque?

— Não. Eu quis dizer o oceano.

— Parece romântico.

— Mas não é — garantiu ele.

Muito embora Daniel tivesse saído pela sua saída particular e dado a volta por trás, ainda não conseguia escapar. Ele teve que atravessar um pátio ao ar livre abarrotado de gente. Bem abaixo deles, na praia mesmo, estava acontecendo um jogo de voleibol com os participantes nus. Aquilo o paralisou. Sob a intensa luz de fim de outubro, cada corpo despido parecia jovem, bronzeado, perfeito e fadado a perecer.

— Nossa Senhora — gemeu de repente Bad Bobby atrás dele —, voleibol totalmente nu. Parece que a Califórnia fica cada vez mais estranha e fantástica cada vez que passo por aqui.

— Vou dar uma volta. Se não houver problema para você, é claro.

Bad Bobby olhou para longe em direção ao oceano.

— Eu fiz um acordo com o oceano quando eu era um garoto magricela e brincalhão de doze anos... sem pais, sem parentes, em lugar nenhum. Eu fui andando até o golfo porque tinha ouvido falar sobre o oceano, mas nunca o tinha visto; e estava realmente louco para vê-lo. E fiquei lá em pé, parvo diante dele, água até onde as minhas vistas alcançavam, e disse bem rápido: “Oceano, vamos fazer um acordo. Se você não me foder, eu também não fodo você.”

— Parece justo — disse Daniel, dando um passo para ir embora.

— Porra, Daniel! — gritou Bobby, interrompendo-o. — Não importa o baixo astral em que você está, são modos de um pobre mijão ficar segurando uma garrafa de uísque e não oferecer um gole a um homem sedento?

Momentaneamente embaraçado, Daniel lembrou que tinha uma garrafa de Jack Daniel’s na mão.

— Desculpa — murmurou ele, oferecendo a garrafa.

Bad Bobby tirou a tampa e ergueu a garrafa:

— Que se possa consegui-las quando precisamos delas e, às vezes, quando não precisamos. — Ele deu um longo gole.

Daniel assentiu em resposta ao brinde. Ele se deu conta de que estava cansado de olhar para Bad Bobby, cansado da sua voz, sua presença sólida e constante.

Bad Bobby devolveu a garrafa.

— Tem um danado de um carteado ganhando forma lá em cima. Se você precisar de mim, comece procurando por lá. — Ele se virou e foi se afastando.

Daniel se enfurecia à medida que andava pela praia.

— É *sempre* ele que se afasta. *Sempre* fica com a última palavra. *Sempre* tem a faca e o queijo.

Seguindo em direção à praia, ele foi forçado a admitir que Bad Bobby era mais esperto — mais experiente, mais consciente, mais determinado —, e Daniel chegou a compreender que se jogasse cartas cara a cara com ele, Bad Bobby lhe daria uma bela surra. Entender isso não o alegrava muito.

Quando estava longe o bastante da festa, Daniel sentou-se apoiado contra um tronco que as ondas do mar haviam tornado liso e bebeu lenta e regularmente. Ele observava o oceano, cada onda o deprimia mais profundamente. Mesmo o pôr do sol ardente lhe pareceu frio. Ele sentia-se preso numa armadilha dentro de si mesmo, um rato andrajoso dentro do labirinto.

Levantando-se agitadamente e retirando a roupa, o ar noturno refrescou a sua pele. Ele disparou contra a espumosa arrebentação e mergulhou sob uma onda. Quando se sentiu revolvido pela sua força, a depressão desapareceu. Ele saiu nadando até quase a exaustão e depois ficou boiando de costas, olhando as estrelas, entregando-se à sua vasta indiferença. Era exatamente o que lhe estava fazendo falta — estrelas, rochas, água e vento. Por mais de um ano tinha vivido trancado em salas enfumaçadas, suítes perfumadas e carros em movimento; sem raiz, ligado nas partidas, absorvido pelo desvirar das cartas. Muito pequeno, muito estreito. Não era o que queria. Ele queria se expandir, bramir. Ele queria ser uma fornalha de luz.

Toda noite sem nuvem no lago Sem-nome, Wild Bill passava pelo menos meia hora mirando o céu noturno. Quando Daniel lhe perguntou se era algum tipo de meditação que estava fazendo, Wild Bill tinha afirmado que as estrelas eram forjas de alquimistas, e achava que era reconfortante ver tantas almas trabalhando.

Flutuando, Daniel tentou ver as estrelas através dos olhos de Wild Bill, mas não conseguiu. Tentou imaginar que era o primeiro homem primitivo a

olhá-las e contemplá-las. Alterando o rumo dos seus pensamentos, ele se recordou de uma tarde cálida de outono quando Johnny Seven Moons lhe ensinou o jogo de apostas de gravetos dos índios. O jogo era claro e simples. Em que mão se encontrava o graveto. Esquerda ou direita; certo ou errado. Pura intuição, o dom do palpite. Daniel sorriu para o céu estrelado. Ele tinha o seu jogo. Isso eliminava as vantagens principais de Bad Bobby nas cartas, seus anos de experiência. Daniel duvidou que Bad Bobby, apesar da experiência, já tivesse *ouvido* falar no jogo dos gravetos.

Daniel nadou de volta lentamente, deixando-se levar pelas ondas, e sentou sobre o tronco para se secar. Ele sentiu-se renovado, feliz, confiante — uma verdadeira mudança da maré. Dava para ver as luzes da festa lá longe seguindo a praia. Decidiu não voltar. Escavando um buraco contra o tronco e enrolando suas roupas para fazer um travesseiro, ele se enroscou e logo adormeceu.

Pela primeira vez, ele sonhou depois da explosão.

Uma carta foi dada para ele, fechada, sobre o feltro verde da mesa. Ele a virou. Valete de copas, o velhaco, o gancho, o doce filho da mãe em pessoa. Ele focalizou a imagem. Era a cara de Guido. Ele colocou a carta de cabeça para baixo. Agora era o rosto de Bobby. Ele rasgou a carta ao meio.

Uma outra foi imediatamente distribuída, deslizando fechada sobre o feltro. Lentamente, ele a desvirou. O valete de copas. Ele a rasgou ao meio.

Uma outra foi distribuída. Valete de copas. Ele a rasgou em dois pedaços.

E outra, outra e outra, o distribuidor invisível as lançando tão rápido quanto Daniel as rasgava.

A carta seguinte que ele virou estava em branco. Espantado, olhou para a superfície lustrosa e branca. Um pássaro gritou. Ele tocou a carta. Ela se transformou numa janela. Ele se esforçou para ver através dela, mas estava olhando para dentro de um céu vazio.

Tocou no vidro da janela e, quando retirou os dedos, viu uma pedra negra arremessada violentamente na sua direção. Porém, à medida que a observava, arrebatado, viu que não era pedra nenhuma, era um pássaro, um corvo, e ele tinha um pequeno objeto brilhante preso no bico, uma quinquilharia esférica qualquer, uma conta de vidro, mas não, era brilhante demais, clara demais. Um diamante, uma esguia flama espiral queimando no centro, e então o pássaro atingiu a janela e ficou congelado num espelho, e ele ouviu sua mãe berrando: “Fuja, Daniel, fuja”, mas não havia nada que ele pudesse fazer, estava caindo para dentro do espelho. Ele curvou-se todo para se proteger,

então mudou de ideia, se abriu, braços abertos esticados; um instante antes de atingir o espelho, viu que ele estava vazio.

O espelho estilhaçou-se em um milhão de lascas de diamante, e Daniel flutuou sobre as costas na água enluarada, observando a escuridão e as estrelas.

Acordou tarde na manhã seguinte. Exceto por uma sede furiosa, ele sentia-se ótimo. Estava sonhando novamente. Sua sorte havia mudado. Apanhou a garrafa de uísque para comemorar. Embaixo dela, lado a lado na depressão de areia, havia duas pedras, virtualmente idênticas, ambas ovais e alongadas, planas e macias, uma preta, uma branca. Ele as ergueu uma em cada palma e depois as fechou dentro dos punhos. Com os olhos fechados, ficou em pé, o calor das pedras dentro das mãos. Bad Bobby estava em apuros.

Transcrição:
Denis Joyner, AMO rádio móvel

Aguenta aí, querida, vamos chegar lá em cima. É issssso aí, doçura, me abraça com os seus ouvidos e eu a levo até lá. Pode crer, você nem precisou adivinhar, você pegou o DJ Diabo Jubiloso chegando a você quente e firme na ráaa-diii-oou móoo-vell pirata de múltiplas frequências levantando o seu astral — e, oh meu Deus, falando sobre diversidade, você me pega se quiser na KPER, KINK, KUZZ, KLUE e KYJL (a única estação gay de Malibu). E agora que você me pegou, tenta só me soltar.

Pensa nisso enquanto eu dou uma deixa sobre a festa musical desta noite. Fica quieta agora, porque pelas três horas que se seguem, você vai ouvir algo tão antigo, uma riqueza tão mofada que vai se lembrar das sete vidas anteriores pelo menos. Três horas consistentes — pode contar, Jack — de improvisado Transe Vodu ininterrupto que eu gravei ao vivo, com um medo mortal, na minha recente viagem ao Haiti. E enquanto você estiver sacando os filmes nas paredes do seu crânio, o DJ aqui vai se instalar confortavelmente com uma coisinha linda que pintou aqui no meu furgão para discutir sobre o preço do ópio em Xangai. Então eu pego você lá por volta da meia-noite com uma história para dormir do DJ e lições quase filosóficas, ainda um outro fascículo nesta obra metafísica com fins financeiros que ele está começando a suspeitar que é a vida. Então beije a lua

de junho e permaneça ligado. Seja aqui agora ou lá mais tarde. Esse aqui é o DJ tagarelando no seu ouvido. Até lá, por todo o lado e com todo gás.

Depois de tomar uma ducha e trocar de roupa, Daniel encontrou Bad Bobby onde ele disse que estaria, numa mesa de *Hold-Em* na sala de jogos. Bad Bobby tinha torres de fichas bem empilhadas à sua frente, ele estava se dando bem, ou então tinha comprado um bocado. Antes que Daniel pudesse dizer alguma coisa, Bad Bobby pôs-se de pé e disse para a mesa de jogadores:

— Não me deem cartas por algumas rodadas.

E levou Daniel lá fora para o pátio.

— Daniel, nós topamos com o Paraíso do Pôquer. Tem advogados, produtores, diretores, traficantes... e estão todos *carregados* de dinheiro vivo, ansiosos para provar que eles têm *huevos* para apostar sem limite no *Hold-Em.* — Bad Bobby olhou ao redor e inclinou-se mais para perto, abaixando a voz. — E, mais ou menos a metade deles, talvez seja a *terceira* vez que joga isso em toda a vida, e não aprendeu nada nas duas outras vezes. Eles acham que um par de três no bolso é um golpe mortal e que um chutador é uma espécie de jogador húngaro que joga no ataque dos Rams. A única razão para não se entrar nesse jogo é se você absolutamente *odiar* dinheiro. Quanto tem ainda?

— Estou reduzido a mais ou menos vinte milhas.

— Entra então.

— Estou guardando para jogar com você.

Bad Bobby piscou lentamente, talvez o único sinal de agitação que ele jamais revelou.

— Nossa, Daniel, agora não.

Daniel lembrou-lhe, tentando manter qualquer marca de escárnio longe do seu tom de voz:

— Qualquer homem de qualquer lugar, o jogo que quiser jogar, quanto quiser apostar, o local onde quiser encarar, na hora que ele encontrar.

— Você quase acertou — reconheceu Bad Bobby, sua consideração com a fala arrastada ficando mais firme. — Agora você vai encontrar a hora e volta para me dizer quando será, eu verei se estou disponível. Enquanto isso, vou reparar o desgaste que Guido causou na minhas finanças. E já que posso *garantir* totalmente que não estarei disponível até esse jogo acabar, você

pode muito bem se sentar e enriquecer. Se perder as vinte milhas, você ainda tem crédito comigo.

— Me dê cinquenta mil — disse Daniel, meio blefando. Sua linha de crédito sempre parava nos vinte e cinco mil, que Bad Bobby afirmava ser uma salvaguarda no caso de Daniel se afundar tanto a ponto de não poder se recuperar.

Mas, sem dar uma palavra, Bad Bobby apanhou um maço de dinheiro e começou a contar. Quando acabou de contar as notas, balançou a cabeça e passou tudo para Daniel.

— Só quarenta e sete. Estou um pouquinho duro.

— Obrigado — disse Daniel, comovido, vendo Bad Bobby lhe dar até o seu último centavo. — Usarei o meu primeiro, mas se eu perder terei que lhe pedir emprestado para encará-lo, e não gosto da ideia de fazer você apostar contra o seu próprio dinheiro.

Bad Bobby curvou a cabeça.

— Isso não faz um pingo de sentido para mim. Tudo é dinheiro, e quando não é, tudo é ficha. Como eu disse para você, é só o modo de não perder as coisas de vista.

Daniel olhou para ele e disse:

— Como é que você consegue sempre ficar com a última palavra?

— Do mesmo modo que normalmente consigo aumentar a última aposta. Por quê? Você quer dizer alguma coisa?

— Não, na verdade não.

— Tudo bem, então... vamos tosquiar os carneiros.

O Bom Pastor Bobby destruiu as finanças pessoais de um famoso e jovem ator, quase levou uma proeminente firma de advocacia de Hollywood à falência, e custou a Clay Hormel um zero a menos no seu próximo filme de terror juvenil. Sem dúvida, um dos melhores dias de trabalho de Bad Bobby.

Daniel ganhou US$850 ou, de acordo com o exultante Bobby, um pouquinho menos do que a gorjeta que ele tinha dado à sua recepcionista pessoal. Daniel tinha ganhado quase noventa mil. Com um par de dez na mão, na distribuição ele recebeu outro dez e um par de sete. Jogou serenamente, não aumentando até o final, mas quando Bad Bobby voltou a aumentar uma extraordinária aposta de cem mil, Daniel pensou que ele tivesse quatro setes e jogou suas cartas fora. Ele tinha agido certo — Bad Bobby mostrou o seu jogo quando Clay Hormel, com dez-valete pagou o que pensava ser um blefe, perdendo assim 1% do seu lucro em *A pele rasgada do*

adolescente VIII. Quando Bad Bobby viu que Daniel tinha saído fora com uma trinca e um par, ele assentiu respeitosamente.

— Além de ser esperto, foi preciso ter coragem. Quanto mais eu te vejo, Daniel, mais o vejo um jogador.

Daniel disse:

— Espera até nós disputarmos o jogo que eu escolher. Prometo que não serão cartas, porque nisso você é o melhor.

— Estou esperando com ansiedade, Daniel. Estou realmente.

Então, quando o jogo terminou, Daniel estava bem atrás de Bad Bobby no momento em que eles saíram fora. Daniel devolveu as cinquenta milhas que tinha tomado emprestado e disse:

— Está pronto?

Bad Bobby retraiu os ombros.

— Claro. Mas você não vai querer me pegar agora... santo Deus, meu filho, não dá para ver que estou dentro de um aquecedor *supremo*? Deve ter chamas sendo lançadas pela minha bunda, tão quente que estou.

— Todo o aquecedor queima até se extinguir — observou Daniel, repetindo um dos axiomas de Bad Bobby.

— Tudo bem, qual é o jogo?

Daniel pensou rápido.

— Jogo de Pedra Nomlaki.

— Suponho que você tenha escrito o livro com as regras oficiais — disse Bad Bobby, explicitamente dúbio.

— Para falar a verdade, é o jogo de apostas mais antigo em todo o continente norte-americano.

— Pensei que fosse o jogo do Graveto Índio.

— Bom, é — concordou Daniel, arquejante. — Isso está correto também. Está vendo, o jogo da pedra é como o jogo de graveto, só que você usa pedras no lugar de gravetos.

— Faz sentido — observou Bobby.

Daniel prosseguiu:

— Você usa uma pedra branca e uma pedra preta. Você as mistura nas mãos atrás das costas e depois mostra as mãos fechadas para a outra pessoa que escolhe a mão com a pedra preta ou branca.

— Um pouco mais complexo do que o jogo dos gravetos, mas a mesma noção. Eu acho que você escolheu isso porque pensa que vai neutralizar minha longa experiência em jogos de cartas. O que foi esperto da sua parte.

— Ele envolveu fraternalmente com seu braço os ombros de Daniel. — Mas você vai sofrer um bocado, Daniel. Eu dei uma surra *tão grande* no Tony Big Elk que até se aposentou, e ele era tido como o melhor.

Daniel não tinha ouvido aquela história antes, portanto não estava certo de que se tratava de um fato ou de uma intimidação.

— Talvez não devêssemos desperdiçar nosso tempo jogando. Eu lhe dou apenas as dez milhas e deixo você marcar o lance para um outro ano.

— Seria provavelmente mais eficiente — disse Bobby, rindo —, mas não tão divertido. Eu não jogo gravetos há mais ou menos quinze anos e ando assim meio ansioso para jogar. Você quer que seja aqui ou em um dos nossos quartos?

Daniel simulou um ar desalentado.

— *Lá dentro?* Bobby, isso é um jogo de *índio*! Jogaremos aqui *fora*. *Pelados.* Bem na praia. Primeiro de uma série de cem.

Bad Bobby claramente não gostou da ideia. Ele piscou lentamente, retirou o seu braço dos ombros de Daniel e os cruzou sobre o peito.

— Eu suponho que você tenha as pedras.

— No meu bolso.

Bad Bobby olhou para o relógio, depois para a sua recepcionista pessoal que rondava por ali.

— São nove e meia. Encontro com você aqui à meia-noite. Preciso esconder o meu dinheiro, me lavar desse cheiro de fumaça e comer alguma coisa.

— Meia-noite está perfeito — afirmou Daniel. — Era o que eu ia sugerir.

Nus, Daniel e Bad Bobby ficaram frente a frente, próximo à rebentação, a meia-lua crescente derramando fosforescências sobre a areia úmida.

— Está bem — comentou Daniel — vamos conferir a nossa aposta. Se eu ganhar, estou livre para ir embora, fazer o que eu quiser; se perder, eu fico, e isso vai me custar dez milhas, só pelo prazer de tomar uma surra.

— Está combinado assim.

— Tenho uma pequena proposta — anunciou Daniel —, uma aposta paralela.

Bobby disse:

— Não posso saber do que se trata se você não me disser.

— Primeiro, quero que saiba por que estou propondo isso. Sabe, tudo que posso ganhar é deixá-lo e, por falar nisso, você é uma boa companhia, um ótimo professor e o melhor jogador de cartas que jamais vi na minha curta carreira... incluindo Guido. Então quero apostar com você outras dez milhas, paralelamente, direto, sem adicionais. Desse jeito, pelo menos posso ganhar alguma coisa além de deixá-lo, e se eu perder, você pode levar tudo o que me restou.

— Você está querendo se desfazer do que lhe restou, eu pego. — Uma onda estourou a uns cem metros dali. Bobby a contemplou.

— Uma boa coisa que você tenha feito um acordo com o mar — disse Daniel.

— Você vai falar sobre o jogo ou vai jogar?

— Jogar. — Daniel pôs as mãos atrás das costas e começou a trocá-las de mão. — Você é o campeão — falou para Bobby —, então você começa. — Ele continuou movendo as pedras até que nem ele mesmo sabia mais em que mão estava uma ou outra. Seus braços com os punhos fechados se estenderam até Bobby.

Em vez de escolher, Bobby levantou o seu rosto encanecido na direção do céu e começou um cântico alto e rítmico:

— *Hiia-Ia-Iee-Ah-Iah...*

— Ei — disse Daniel com firmeza —, que porra é essa que você está fazendo?

Bobby interrompeu o cântico e olhou para Daniel com total espanto.

— Ué, estou entoando meu cântico do jogo. Esta é a parte mais importante do jogo de gravetos, o seu cântico. Você precisa abrir os seus circuitos e bagunçar com os do outro cara. Está vendo, provavelmente você pensa que não sabe qual a pedra que está em cada mão, mas sabe. — Ele tocou a mão esquerda de Daniel. — Preta.

Daniel abriu a mão. Nela estava a pedra preta.

— Um ponto para o velho — observou Bobby, alegremente recebendo as pedras das mãos de Daniel.

Foi um massacre. Daniel o ganhou de cem a 47, isso depois de estar perdendo de 28 a 12. Quando estavam em oitenta a 44, Bobby resmungou, que era o mais perto que ele chegava da ranzinzice.

— Você está mais quente do que um revólver barato e eu estou mais frio do que cocô de pinguim.

Não foi de muita ajuda para a concentração de Bobby o fato de que — como Daniel tinha previsto — a maré mudasse à meia-noite e cinco, ou que, quando as ondas começaram a alcançar seus tornozelos, Daniel tivesse uma ereção que nem percebeu até que Bobby disse:

— Por que você não tira esse troço da minha frente?

— Cara — observou Daniel —, a natureza realmente deixa a gente excitado. Por que você não tenta fazer um acordo sobre isso também?

Mas o que realmente acelerou a desordem foi a descoberta de Daniel de que se ele esvaziasse a cabeça, concentrando-se no *através* e não no *sobre*, ele conseguia sentir a pedra preta numa das mãos de Bobby. Sempre a preta, embora às vezes ele apontasse para a outra mão e dissesse branca, a fim de que Bobby não suspeitasse que ele tinha de algum modo achado o segredo.

Daniel não entendia como ele podia saber, mas não o surpreendia que soubesse. Wild Bill tinha martelado na sua cabeça que a vida estava cheia de informações críticas que se recusavam a passar através dos circuitos racionais do conhecimento. Ou, como Bad Bobby o colocou mais tarde, à medida que separava cem notas de cem dólares e as entregava a Daniel:

— Uma simples aritmética pode dizer quanto você perdeu, mas somente a sua bunda sabe o quanto dói ser chutado.

Transcrição:
Conversa Telefônica Entre Volta e Bad Bobby

BOBBY: É Robert. Estou ligando para lhe dizer que Daniel está pronto para seguir em frente. Derrubou-me na primeira tentativa numa versão de jogo de gravetos. Uma grande surra.

VOLTA: Isso não demorou muito. Você deve estar ficando velho, perdendo o corte.

BOBBY: Você estava certo — ele é bom. Sabe se segurar e desfechar o melhor golpe. Falta tempero, é claro, e ele tem um fraco por longas apostas e grandes mudanças, mas sempre sob controle, entende o que quero dizer, mesmo que ele não tenha certeza de quem está controlando.

VOLTA: Alguma sugestão para onde ele deve ir a seguir?

BOBBY: Não sei. Não sou muito bom imaginando o que vem a seguir. Já tenho bastante problemas imaginando o que está acontecendo agora. E é duro entender Daniel. Ele tem o jogo nas veias, mas o seu coração não

está na estrada. Ele arde pela vida, não pelo jogo, mas não se pode realmente separar os dois. Uma coisa que não consigo entender é como ele pode ser uma alma tão inquieta e não se afeiçoar às estradas.

VOLTA: Talvez ele não se afeiçoe ao jogo e não o queira admitir para si mesmo.

BOBBY: (após uma pausa) Não sei. Ou ele aprende muito rápido, ou possui o sentido das cartas naturalmente, porque em dezoito meses já estava encarando alguns dos melhores jogadores, e isso começando do nada. Ele não tem que admitir *isso* para si mesmo; é apenas um fato concreto. E, quanto mais dinheiro, melhor ele joga.

VOLTA: Alguma ideia de onde ele coloca seu interesse?

BOBBY: Ele mencionou que o foco era muito estreito no jogo. Disse que queria se expandir. Talvez devesse voltar para as montanhas por algum tempo — ele diz que sente falta delas. Talvez deixá-lo com Slocum Wright por uns dois anos para aprender sobre os barcos.

VOLTA: Não é desafio o bastante.

BOBBY: Bom, então não sei. Por falar nisso, antes que a minha velha cabeça senil esqueça, ele disse para ter certeza de lhe avisar que teve um sonho e quer falar com você sobre isso.

VOLTA: Fale para ele que conversaremos depois, a menos que seja algo urgente com relação à mãe dele.

BOBBY: Claro, mas para onde ele vai? Ele parece realmente ansioso para saber.

VOLTA: Provavelmente porque está pensando em ir embora.

BOBBY: (rindo) E não estamos todos nós?

VOLTA: É bem verdade. Mas, tudo bem, dê a ele as seguintes instruções: ele deve voar para Nova York em duas semanas, a partir de amanhã, no dia vinte e sete. Esperar no bar Silver Wings por um homem chamado Jean Bluer. Se Bluer não estiver lá até seis da tarde, deve tomar um táxi até o Wildwood Hotel e se registrar como David Hull. Se não tiver notícias de Jean Bluer em três dias, ele me telefona para o número em Six Rivers.

BOBBY: Quem é esse Jean Bluer? Parece francês isso.

VOLTA: Uma nova aquisição. Eu acabei de pensar há alguns segundos que talvez seja o indicado para inaugurar uma nova dimensão. No entanto, devo levar alguns dias para encontrá-lo — é por isso que as instruções são convolutas e contingentes.

BOBBY: Você tem alguém na linha para mim?

VOLTA: Não.

BOBBY: Tem um garoto chamado Johnny Russo que parece ser bom. Se importa se eu cuidar dele por alguns meses?

VOLTA: Nem um pouco. Mas estou um tanto surpreso. Pensei que você preferisse viajar sozinho com a sua velha carcaça pela rota do jogo.

BOBBY: Acho que um homem fica solitário demais quando começa a perder o corte. Pô, eu só ganhei meio milhão nesta semana.

VOLTA: Isso não é nada. Ouvi dizer que um cara chamado Guido Caramba ganhou setecentos mil em dois dias.

BOBBY: Até que é bom que eu esteja aqui para você me sacanear, senão teria que sair por aí culpando os inocentes. Sabe, Volta, qualquer hora que você achar que sabe alguma coisa sobre jogo de cartas, tenho certeza de que consegue me encontrar e me mostrar como se faz.

VOLTA: Você sabe que eu não jogo, Robert.

BOBBY: Está certo. E Pancho Villa não sabia esconder cavalos.

Daniel sentou no bar Silver Wings no aeroporto internacional Kennedy e esperou por Jean Bluer. Ele estivera em companhia de Bad Bobby em San Francisco 12 dias antes e pescou nas Sierras até o dia do seu embarque para Nova York. Embarcou em Oakland com tempo apenas para tomar uma chuveirada no vestiário dos empregados e trocar suas roupas infestadas de cheiro de cigarro. E agora, sete horas mais tarde, estava do outro lado do continente, sua mente ainda nas alturas da Sierra, Nova York a seus pés, seu coração deslocado e confuso.

Nas montanhas, ele tinha considerado a possibilidade de abandonar o treinamento. Não achava que aquilo estivesse levando a alguma coisa. Cada professor tinha solicitado total atenção, brutal concentração, mas sem um real sentido, não um que ele almejasse. Foi assim que decidiu, pedindo outro uísque, que o problema era: ele não sabia o que queria. Ele não tinha família, amantes, nem amigos próximos. Suas experiências profissionais, ocupações essencialmente solitárias, eram, na totalidade dos casos, ilegais. Plantar maconha, arrombar cofres e jogar pôquer eram atividades potencialmente lucrativas, embora nada fossem além disso, e ele sentia-se bem com a presença do risco. Os dez dias na Sierra não refrescaram as ideias como tinha esperado. Enquanto esperava por Jean Bluer, resolveu que, caso não gostasse dele, ou se aquilo não passasse do mesmo trabalho sob forma diferente,

pediria a Volta dois anos de férias. Se Volta recusasse ou resistisse, ele abandonaria a AMO. Não. Ele *diria* a Volta que tiraria alguns anos de licença para estudos independentes, sem pedir nada. Ainda o magoava que Volta não tivesse mostrado interesse pelo seu sonho.

Seis horas e Jean Bluer não tinha chegado. Aborrecido, Daniel esvaziou o copo e saiu andando no meio do terminal movimentado enquanto o alto-falante, cheio de fraturas estáticas, anunciava as chegadas e as partidas.

— Eu estou partindo — murmurou Daniel, a menos de uma porta do vento exterior, seguindo as setas rumo ao transporte urbano. Porém, quando chegou do lado de fora, onde anoitecia friamente, não viu nenhum ônibus ou táxi por perto. Um carregador passou apressado com um carrinho de bagagem.

— Táxi — chamou Daniel.

— E eu *pareço* com uma porra de um táxi? — rosnou o carregador sem reduzir a sua marcha.

Daniel, lutando para transpor o abismo entre a solidão nas altas planícies e a transbordante arrogância de Nova York, se deu mal. Uma voz infinitamente mais doce ronronou atrás dele:

— Você está indo para a cidade?

Daniel se virou. Quem falava era uma surpreendente jovem mulher com longos e lustrosos cabelos negros. Poucos centímetros mais baixa do que Daniel, vestindo uma saia da cor de argila e uma blusa de seda vermelha bem larga. As cores caíam bem com a compleição morena e as curvas que complementavam o seu corpo, mais sinuosas do que ósseas.

— Estou procurando um táxi, um ônibus, qualquer coisa — explicou Daniel a ela. O uísque e um ímpeto de sensualidade entorpeciam a sua língua.

— Foi o que eu presumi. Esses carregadores estão ficando cada vez mais grosseiros, essa insolência só se iguala à capacidade que eles têm para a obscenidade.

— Pois é — concordou Daniel. Ele a olhou de mais perto, tentando descobrir sua nacionalidade. Ela usava bastante maquiagem.

— Você não disse se estava se dirigindo para a cidade, mas, se está, é bem vindo para ir comigo.

— Isso é muito gentil da sua parte — comentou Daniel, tentando reunir uma formalidade equivalente à dela. — Eu aceito e agradeço.

— Onde você vai se hospedar?

— No Wildwood.

Seus grandes olhos castanhos pareceram atormentados.

— Existem hotéis melhores em Nova York.

— Eu não saberia lhe dizer — declarou Daniel. — Nunca estive aqui. Vou encontrar com um velho amigo.

— Negócios?

— Indiretamente. Nós jogamos um bocado juntos. — Inspirado, ele acrescentou: — É por isso que vamos nos encontrar no Wildwood... parece que vai ter um jogo promissor lá. O pôquer, sabe, é o meu negócio.

— Um jogador! Fascinante. Tem que me contar mais sobre isso.

Daniel começou a se desculpar quando uma limusine preta freou ao lado deles. Um chofer apareceu rápido abrindo a porta para ela, questionando:

— E como foi a sua viagem, senhorita Haruh?

— Como sempre, trabalho. — Então, apontando para Daniel: — Este cavalheiro vai com a gente até a cidade, Phillips. Por favor, deixe-o no Wildwood Hotel.

— Certamente, senhorita Haruh.

O carro era extremamente bem equipado.

— Você viaja muito bem — disse Daniel quando o carro começou a avançar.

— Quando se viaja tanto quanto eu, o luxo vira uma necessidade.

— Eu compreendo isso, embora no meu negócio o luxo desertado seja mais frequentemente uma necessidade, principalmente se você joga mal. Meu nome, aliás, é Daniel Pearse.

— O meu é Imera Haruh — ela disse, inclinando sutilmente a cabeça.

Havia algo em relação a ela que Daniel repentinamente desconfiou. Seu modo de falar e seus gestos pareciam por demais conscientemente graciosos e formais — como se tivessem sido ensaiados.

— Haruh? — perguntou ele. — É paquistanês?

— Perto; indiano.

— O seu inglês é extraordinário.

Ela sorriu.

— Ainda bem. Eu nasci e fui criada em Madison, Wisconsin. Meus pais eram brâmanes que gostavam tanto de Gandhi quanto os ingleses.

— Então o que leva você a fazer essas viagens onde o luxo é uma necessidade?

— Sou modelo da agência Sebring. Acabei de fazer umas fotos de difusão para a revista *Elle* com Raoul Villela... parece que uma hora atrás eu estava

em Madri... e mês que vem vou ser a capa da *Vogue*. Procure ver. Eu estarei usando maquiagem oriental e chapéu de bambu e pijama de frente-única. É o visual Lembranças do Vietnã, ou algo igualmente deselegante. — Ela pôs a língua para fora com uma cara de desgosto. — Os editores, os anunciantes, mesmo os fotógrafos... nenhum deles tem alma.

Daniel disse:

— Você não é obrigada a fazer isso.

— Senhor Pearse — declarou Imera, mordazmente —, o mundo dá às mulheres muito pouco valor financeiro além da beleza, que depois ele vem e a estraga. Eu pretendo... como é que vocês jogadores o dizem?... *aproveitar a mão* enquanto posso.

Daniel pensou: *isso explica a graça experiente e frágil. Uma modelo, uma brâmane e um toque de justificada amargura feminina.*

— Senhorita Haruh — disse ele, gentilmente —, por favor não interprete mal as minhas intenções, mas após eu resolver alguns negócios com os meus amigos no Wildwood, aceitaria meu convite para jantar? E não apenas para retribuir a generosidade desta carona, mas para prolongar o prazer da sua companhia. — *Essa foi boa*, pensou Daniel, impressionado.

O sorriso de Imera pareceu mais relaxado.

— Desde que não seja num lugar onde eu possa ser facilmente reconhecida pelos bajuladores e traficantes de carne desta cidade.

— Onde você quiser.

Ela curvou a cabeça levemente, um gesto que teria parecido esquivo, não fosse pela força na sua voz:

— E, por favor, senhor Pearse, não *me* interprete mal.

— Não farei isso — garantiu Daniel, pensando: *eu sonhei; talvez agora eu possa fazer amor com a mesma mulher duas vezes.*

Eles comeram num pequeno restaurante grego, tendo dispensado Phillips mais cedo, e então tomaram um táxi até o apartamento dela no Upper East Side. Ele não esperou que ela acendesse as luzes. Tomado por uma repentina vertigem de desejo, pôs os seus braços em volta dela.

— Daniel — advertiu-o ela, soltando-se. — Não faça isso. Receio que ficará decepcionado.

— Mais provavelmente essa seria a *sua* queixa, não a minha.

— Sinceramente, eu duvido — disse ela, acendendo as luzes.

Daniel, cuja atenção tinha estado concentrada nela, ficou surpreso ao ver que o seu apartamento parecia mais um pequeno empório, a maior parte dele

ocupado por mesas de maquiagem e cabides de roupas. Ele olhou para ela, a insinuação da sedução parecia lhe pesar nos pulmões. Mas, antes que ele sequer pudesse imaginar o que ela podia explicar, Imera arrancou sua peruca e a pendurou num cabide próximo. Ela era careca.

E quando ela falou, parecia que a sua voz havia abaixado 39 oitavas.

— Daniel, permita-me que eu me apresente adequadamente. Eu sou Jean Bluer, o Mestre do Disfarce. — Jean Bluer riu bastante da sua pequena brincadeira.

— Eu vou te meter a mão — ameaçou Daniel, retirando o casaco.

— Duvido francamente que isso possa ocorrer, além de ser um mestre de disfarce, sou também mestre de Tao Do Chaung, a quase esquecida arte ninja de luta com os pés, e eu *vou* me defender.

— Acho que você é mestre das piadas de mau gosto e das bobagens — berrou Daniel.

Jean Bluer girou para o lado, chicoteando com o seu pé esquerdo, atingindo a coxa de Daniel com uma força cheia de precisão. Daniel caiu gritando.

Jean Bluer olhou para ele se contorcendo de dor.

— Daniel — disse ele, vagamente decepcionado —, você tem que desenvolver uma maior estima para com o humor essencial da identidade.

Visto que Jean Bluer não era nunca totalmente ele mesmo, toda descrição dele era provisória. Seus olhos eram azuis a maioria das vezes, porém através do uso correto de lentes de contato e a aplicação de umas gotas especiais que ele mesmo preparava, poderiam ter vinte tonalidades diferentes de castanho, marrom e cinza. A cor, o comprimento e o estilo dos seus cabelos resultavam da peruca que escolhia para cada dia, assim como seu nariz e suas orelhas dependiam de mastique e maquiagem para obter uma forma. Ele alterava o seu corpo com cintas, suspensórios, estofamentos, mudanças de postura e todo o empório de indumentárias, muitas das quais ele tinha costurado ou confeccionado sozinho. Quando Smiling Jack chamou a atenção de Volta para Jean Bluer, Jack tinha afirmado que, com o devido tempo de preparação, Jean poderia se passar por *qualquer* adulto de 29 culturas diferentes — e Jack era notoriamente frugal quando se tratava de exagerar as coisas.

Daniel recebia suas lições diárias no empório onde Jean transitava entre suas múltiplas identidades. Ele era um professor apaixonado e exigente. Os estudos começavam às sete da manhã e iam até as nove da noite. Atendendo à insistência de Daniel, instruções de Tao Do Chaung foram também incluídas, começando às cinco da manhã. Depois do ranço enfumaçado da vida de jogador, Daniel se dedicou à execução física dos exercícios daroeses de Tao Do Chaung.

Daniel tinha reverenciado — e mesmo amado — Wild Bill. Mott Stoker, fora admirado pela exuberância dos seus excessos. Ele tinha odiado e adorado o charme glacial e a mente perspicaz de tia Charmaine. Respeitado o talento e o estilo de Bad Bobby, seu olhar arrebatador. Ele estava fascinado por Jean Bluer. O empório, como a psique de Jean, era uma parede de espelhos, enquanto ele, como seu aluno, examinava cada imagem buscando acuidade elementar, professor e aluno eram ambos impelidos a olhar dentro de si mesmos buscando em quem eles poderiam possivelmente se transformar.

Bluer distinguia quatro estágios de disfarce: a fotografia; a dança; o poema; e a pessoa. A fotografia, como indicava o rótulo, concentrava-se na acuidade visual. Sob a severa tutela de Jean, Daniel aprendeu como utilizar fingimentos de pele, barbas de crepom, mastique, esponjas, cílios postiços, lentes de contato, tinta para esmalte de dentes; uma variedade de quistos,

verrugas e sinais de nascença; e moldar máscaras de látex que, usadas durante a noite, colocavam seus traços como desejava.

Inicialmente, eles trabalhavam a partir de um arquivo de fotografias. Quando Daniel acabava a sua maquiagem, Jean Bluer inspecionava o rosto, oferecendo uma enxurrada de críticas e sugestões.

— A vedação entre o mastique do nariz e a linha do lábio está defeituosa, use um pouco mais de cola e misture com um pouco de Max Factor Número Nove também.

"A barba está malfeita, por demais esparsa sob o queixo. O pó sobre os ossos da face está excessivamente escuro, e exagerando as cavidades; à luz do sol você vai parecer um zumbi. E *espalhe* um pouco o brilho dos lábios, está ofuscante. Pequenas quantidades, aplicadas suavemente... esta é a maneira correta de fazer. Pouco e suave. Sugestão, não afirmação. A integração harmoniosa de detalhes.

Depois de um mês trabalhando a partir de fotos, eles passaram a ir para a rua por uma hora todas as manhãs. Jean Bluer escolhia um modelo para Daniel reconstruir quando voltassem ao empório. Jean fazia comentários enquanto Daniel, os olhos atentos ao espelho, reproduzia o rosto com a memória. Como Daniel logo descobriu, cada rosto escolhido por Jean apresentava problemas diferentes.

— *Não!* Nunca! Os olhos estão afastados demais. Você não enganaria nem um cego — advertia Jean Bluer, apanhando o delineador para os olhos. — Assim, está vendo... uma linha mais audaciosa e as sobrancelhas um pouco mais arqueadas. Os cílios, agora, vire-os afastando um do outro. Percebe como amplia a localização dos olhos, assim alargando a testa, harmonizando a ilusão.

Ou então, outro dia:

— Nossa! A cicatriz está horrível. *Atroz.* Parece cicatriz que as crianças pintam na cara brincando de pirata. Totalmente unidimensional. — A unidimensionabilidade era, para Jean Bluer, o único erro imperdoável. — Apaga isso antes que a estupidez dela nos paralise a ambos. Agora, tenta isso: um delineador cinza esbranquiçado, um tênue traço para realçar. E então, aquela garrafinha perto do Max Factor Flexible Collodion que você usou para colar peruca e vedar o mastique... não, ao lado, isso, a garrafinha onde está escrito Non Flexible Collodion. Agora pinte sobre a cicatriz. Está vendo? Amarrota a pele e a puxa para dentro. Veja como a pálpebra inferior do seu olho está *levemente* rebaixada. Isso, isso... excelente. Você trabalhou muito

bem a coloração. Isso *é* uma cicatriz. Basta olhar para ela que se sente a dor da ferida original, a dor da cura.

Quando Daniel ficou competente com as maquiagens, Jean apresentou-lhe aos trajes. Dos chapéus exóticos a calcinhas listradas, Daniel aprendeu sobre materiais, cortes, estofamento e as convenções que os governavam. Vestimentas femininas, particularmente, o confundiam.

— Por Deus — uivou Jean Bluer na sua primeira tentativa —, você seria preso num segundo como um travesti, e qualquer veado que se preze *auxiliaria* a polícia. O náilon está flácido. Se o seu lábio superior ficasse mais fino daria para cortar salame em fatias. A bolsa já estava fora de moda há sete anos e você a está segurando como se fosse um bebê morto. Seus seios subiram até as clavículas porque você não pensou no peso deles, e assim mantém os ombros demasiadamente para trás. Além disso, os seus pés estão muito afastados, seu centro de equilíbrio parece estar na altura dos joelhos, e não nos quadris. Isso é mal, Daniel. Isso me deixa doente.

Após as aulas, Daniel, que morava numa casa de cômodos um quarteirão mais abaixo, estava livre para fazer o que quisesse, desde que observasse as aparências das pessoas, como andavam, conversavam e pensavam. Daniel fazia anotações e, enquanto praticava seus exercícios matinais de Tao Do Chaung, Jean as criticava em voz alta.

— Acenou. Com que mão? Esse casaco estava abotoado, aberto ou parcialmente abotoado. Você anotou aqui uma camisa azul listrada. Que tipo de gola e punhos? "Risada *europeia*?" "Sotaque *sulista*?" Descrições sem sentido. As risadas dos franceses e dos italianos são completamente diferentes. Existem bem mais do que cem sotaques sulistas. Precisão, Daniel. Detalhe. Nuance. Um gesto ou uma inflexão perfeita garantem até um disfarce apressado.

Quando Jean Bluer considerou satisfatórios os progressos de Daniel, ele o introduziu ao segundo estágio, a dança. Ele iniciou Daniel a partir do centro: músculo, osso, revestimento — que estava conectado com o quê, e como ele funcionava. A partir daquele centro, explicou Jean, postura, movimento e gesto expandiam-se naturalmente.

— O físico é o repositório da história de nossos antepassados, e assim componente do caráter. Qualquer movimento voluntário é, naturalmente, um gesto de consciência... certamente o nosso principal interesse... mas sempre preste atenção inicialmente ao conjunto do músculo, osso e pele, pois ele determina a forma verdadeira do movimento.

Daniel aprendeu dez modos básicos de caminhar, cada um enfatizando um diferente centro de gravidade e, consequentemente, um equilíbrio diferente. Ele trabalhava com os pés descalços para sentir a distribuição precisa do peso e da tensão. Eles passavam a hora do almoço na rua, observando o jeito que as pessoas moviam seus corpos, variações infinitas sobre os mesmos poucos temas esqueléticos. Jean dava ênfase às mãos — a posição dos dedos, o ângulo das palmas, a velocidade e a força ao mover-se, relembrando continuamente Daniel a procurar o *padrão* de movimento de cada pessoa, não apenas os movimentos isolados. E ao final de oitenta dias de esforço, Jean, satisfeito com a habilidade de Daniel, anunciou que eles se moveriam para o terceiro estágio do disfarce, o poema.

Daniel começou com exercícios de respiração, primeiro estabelecendo um fôlego ‘regular’ como uma média a partir da qual explorar ritmos diferentes.

— Sotaque, arfagem, inflexão — Jean os desprezou com um aceno —, só podem ser adicionados *depois* que você captar a cadência básica. Escute como as pessoas respiram quando elas falam, e tudo mais se encaixa. — Como sempre, seu conselho era espantosamente útil.

Da cadência do fôlego, Daniel seguiu para o som, o ar vibrante das vogais e consoantes, as mínimas e mais simples fonéticas e o correspondente posicionamento dos dentes e da língua, as sutis variações em arfagem e duração. Daniel praticava a partir de um vasto catálogo de fitas magnéticas de Jean, enquanto este tentava detectar falhas nas imitações de Daniel.

— Não “vocês todos”, é “cêstodo”. Fazendo um bico. Uma longa elisão... Arrasta mais as guturais e as nasais zumbem mais... você está no território do Novo México, camaradinha. Presta atenção na língua! Ao norte, mais para a frente; ao sul, deixa reclinar um pouquinho para trás. E dicção, Daniel, *dicção*! Você deve ser um irlandês carregador de carvão, não um advogado britânico.

Dessas admoestações, a favorita de Daniel era “mais murmurante, por favor, mais murmurante”.

Quando ingressaram no último estágio do disfarce, Jean fez um pequeno discurso sobre o que ele estava perseguindo.

— Até agora, estivemos envolvidos com a duplicação da aparência, do movimento e da fala. A duplicação requer habilidade. Agora nós ingressamos na arte, pois o quarto estágio exige não apenas uma extensão física da identidade, mas a sua apropriação. Imaginação *real* onde você vira o que você criou. E isso precisa ser salientado: essas identidades *já* estão dentro de

você. Pensamos em identidade como sendo singular, única. Mas essa é somente a expressão de uma possibilidade. Pense na identidade como um trançado de muitas identidades através das quais flui a força da vida... como um fio elétrico composto de muitos e menores fios acoplados uns aos outros coberto por uma borracha isolante que os mantém intactos, coerentes. Você tanto é o velho marinheiro quanto o convidado do casamento, a noiva e o noivo, o padre e o pária. Cada pessoa morta, viva ou para nascer está dentro de você. Faça uma sangria naquele empório de egos, cubra o seu próprio corpo de metáforas.

Os exercícios para o quarto estágio do disfarce, a pessoa, eram desafiadores até o ponto de absorção. Todo dia, às sete da manhã, Jean lhe dava um problema para resolver. Daniel tinha até o meio-dia para achar uma solução, que era desempenhada na frente de Jean. Se Jean aprovasse, ele mandava Daniel para as ruas a fim de apresentá-la sob circunstâncias reais. O problema eram as pessoas.

O primeiro foi fácil.

— Daniel, se transforme num eletricista sindicalizado de trinta e sete anos, nascido em Chicago, com esposa e dois filhos. Você caiu de uma espécie de andaime há dois anos e partiu o seu ombro esquerdo e vive com um seguro de acidente desde então. Você estava voltando de uma visita ao médico e parou para beber num bar que não lhe é familiar. Eu farei o papel do atendente do bar.

Os problemas logo foram ficando mais difíceis.

— Você é uma estudante de jornalismo de vinte anos na Universidade de Columbia. Você nasceu em Lubbock, Texas, viveu lá até os catorze anos e depois mudou-se para Newark. Seu pai é um executivo de nível médio na Standard Oil e sua mãe uma alcoólatra secreta. Você tem estado cada vez mais deprimida nos últimos meses e buscou auxílio no centro de consulta da universidade. Eu serei o psicólogo.

“Você é um porto-riquenho de trinta anos de idade, traficante de cocaína. Você só esteve na prisão por três anos por agressão a um guardião da paz. Você tem uma cicatriz na face direita. Eu serei um novo comprador que você suspeita ser um agente da delegacia de narcóticos. Você quer tomar cuidado, mas também precisa de novos clientes.

Embora Jean sempre mandasse Daniel para as ruas com cada solução, levou quase quatro meses antes que o ceticismo afiado e gradual desse lugar a um elogio. No dia em que Daniel passou numa entrevista na previdência

social como sendo uma colombiana imigrante com cinquenta anos, quatro crianças e um inglês bem ruinzinho, Jean disse para ele:

— Como você sabe, é o meu primeiro aluno em comum acordo com Volta e, ou eu sou um professor muito melhor do que jamais imaginei, ou você possui um talento natural. Não tenho achado muitas falhas recentemente, e são falhas que só a experiência, não a instrução, pode corrigir. Você já está suficientemente bom para partir quando quiser. Notificarei Volta.

— Obrigado — agradeceu Daniel o elogio —, mas não partirei enquanto não conseguir enganá-lo como você me enganou no início.

— Ora, Daniel, isso foi muito mais fácil para mim, já que você nunca tinha me visto antes, nem sequer suspeitava que estaria ali disfarçado. Lembre-se que eu posso detectar um disfarce muito rápido, especialmente quando estou procurando um. Suas chances de me enganar são muito poucas.

— Com todo o respeito, acho que posso fazê-lo.

— Muito bem, se você insiste. Ao final do Tao Do Chaung, toda manhã, eu lhe direi onde pretendo almoçar e que caminho tomarei para chegar lá. Use o disfarce da sua escolha e me aborde ao longo do caminho. Se conseguir me enganar por trinta segundos, considere isso como um sucesso.

No primeiro dia, Daniel se disfarçou em lavador de janelas, alugando furgão e equipamento. Quando começou a lavar as janelas do restaurante, Jean apareceu rindo e falou para ele que a maioria dos profissionais usava algum tipo de detergente na água, já que isso parecia deixar os vidros mais limpos.

No segundo dia ele juntou-se a um grupo de mendigos bêbados amontoados no vão de uma entrada. Quando passou por ali, Jean colocou uma moeda na sua mão e sussurrou: “Teria lhe dado uma nota de vinte se você tivesse conseguido me enganar.”

Naquela noite, Daniel teve uma ideia luminosa. Ele se disfarçaria numa pessoa que Jean não podia esperar, e não podia sequer reconhecer: ele se disfarçaria de Jean Bluer.

Daniel saiu cedo para o estúdio na manhã seguinte, ainda excitado com o seu plano. Havia muito poucas pessoas na rua. Um velho preto, tão bêbado que parecia ter entrado em outra dimensão, passou cambaleando por ele com os olhos revirados. Uma robusta ucraniana estava em pé junto à parada do

ônibus. Um sargento do Exército barrigudo e acabado, carregando uma sacola de pano surrado, caminhava furioso, murmurando para si mesmo:

— Essa porra desse toque de alvorada, nem consegui dormir... essa *porra* de Exército de merda! — Daniel apressou-se.

Ele atravessou a cozinha na direção do vestiário, onde normalmente vestia sua roupa de ginástica para praticar Tao Do Chaung. Volta estava em pé ao lado de uma das mesas de maquiagem, examinando displicentemente um gráfico de cores. No momento em que Daniel o viu, ele se deu conta de que tinha passado por Jean Bluer na rua e que, mais provavelmente, nunca o veria novamente. Era uma despedida adequada.

Volta olhou de soslaio.

— Daniel, como vai você?

Daniel disse:

— Era Jean Bluer aquele sargento gordo que eu cruzei na rua?

— Era de fato ele. Os talentos de Jean estão sendo requisitados em outro lugar. Não uma emergência, exatamente, mas um *interesse premente*, você entende. O seu trabalho aqui está terminado.

— Ainda não — disse Daniel, alternando o seu centro de gravidade para uma posição de Tao Do Chaung conhecida como a Garça Ferida, simultaneamente desencadeando um impecável Do Rah Ran, uma possante rasteira que varreu os pés de Volta.

Volta, no entanto, controlou a sua queda contraindo-se ainda no ar e rolando sobre os ombros quando atingiu o chão. Ele se pôs rapidamente de pé adotando a posição Colt .38 Python, o cano apontado para o umbigo de Daniel.

— Não me obrigue a me defender — avisou ele, calmamente. — Não sou páreo para a sua juventude. Eu teria que atirar em você.

Daniel disse com confiança:

— Você não me mataria.

— Eu não disse que o *mataria*, eu disse que *atiraria* em você. Na verdade, visto que o revólver está carregado de chumbo vazio... para caça de animais pequenos, não são balas... duvido que eu *conseguisse* matar você, mas conseguiria perfurar um bom pedaço do intestino delgado, o que o desaceleraria o bastante para que a briga fosse justa.

— Não — disse Daniel no mesmo tom de implacável confiança —, você não faria isso também.

Volta encolheu os ombros.

— Tem razão. — Ele afrouxou o dedo no gatilho e lançou a arma para Daniel.

Espantado, Daniel agarrou-a desajeitadamente.

Enquanto ele ainda estava confuso, Volta começou a falar:

— Por que você está tão furiosamente zangado, afinal? Tenho sido negligente com você? Daniel, não sou o seu pai. Tenho responsabilidades em relação a muitos outros como você. E, além disso, ainda tenho a minha própria vida também. Ou é porque eu não tive nem tempo nem vontade de ouvir o seu sonho? Eu disse para Robert transmitir meus cumprimentos, o que acredito que ele tenha feito. — Daniel começou a dizer algo, mas Volta passou por cima. — Ou aquele chute rancoroso foi consequência da minha decisão arbitrária de dar por terminado o seu trabalho com o Jean e mandar você acompanhar outros assuntos? Daniel, o seu trabalho com Jean, segundo o relato que *ele* fez, acabou há uma semana. Desde então, ainda segundo o seu relato, você tem tentado convencer-se que é capaz de enganá-lo... o que quer dizer, ser um igual a ele. Você não é. Embora, tendo dito assim, me apresse em acrescentar que você tem talento e paixão necessários para, num dia, superá-lo. A oportunidade está aí. E você notou como oportunidades parecem se expandir à medida que se estreitam?

— Claro que sim — afirmou Daniel. — É por isso que eu estou deixando a AMO.

— Você faz como achar melhor — disse Volta, asperamente. — Tchau.

Daniel abriu o tambor do 38 e retirou os projéteis. Eram cartuchos de festim. Ele olhou para Volta.

— Talvez você tivesse atirado em mim. — Ele lançou o revólver para Volta.

Volta o apanhou pela coronha e, praticamente com o mesmo movimento, abriu o tambor produzindo como num passe de mágica um carregador ligeiro na outra mão e deixou a arma pronta para atirar novamente antes que Daniel pudesse piscar duas vezes.

— Eu sou o homem que traça diretrizes, Daniel. Desse modo, sei onde estão os meus limites. Uma dessas diretrizes é uma recusa a ser atacado por ínfimas razões, especialmente petulância juvenil. Se você fosse um mestre zen, eu estaria me curvando diante de você. Mas você não é. Como, sem dúvida, já deve ter percebido.

Daniel respirou fundo e, por um momento, parecia estar se recompondo para dar uma resposta veemente.

— Tudo bem — disse Daniel. — Eu lamento. E peço desculpas.

— Aceito e esquecido — afirmou Volta. O revólver sumiu dentro do seu casaco.

Daniel disse:

— Foi um pouco de cada uma das razões que você mencionou, mas especialmente o trabalho com Jean. Você acha que o meu trabalho aqui terminou, Jean acha que terminou, mas *eu* não. Hoje eu ia tentar algo que podia muito bem ter funcionado... ia me disfarçar de Jean.

Volta sentou-se à mesa de maquiagem, virando a cadeira e a afastando dos espelhos para encarar Daniel.

— Isso deve ser muito difícil, já que Jean Bluer não existe.

— Pensei que tivesse pressentido um.

— Você o fez, possivelmente.

Eles ficaram calados por um instante, e então Daniel disse:

— Preciso de férias, descansar seriamente. Um ano pelo menos; talvez dois.

— Você está nos deixando, lembra-se? Suponho que esteja agindo assim para fazer exatamente o que o agradar. Faça isso.

— Aceito e esquecido? — lembrou Daniel. — Não me surre com a minha desculpa.

— Sua desculpa foi pela rasteira, não pela demissão... para isso não é necessário pedir desculpas. Não poderíamos chamar a AMO de uma aliança voluntária se as pessoas não fossem livres para se retirar.

— Eu quero ficar. Foi uma atitude impensada. Jean se foi, você aqui me dizendo o que fazer... foi muita coisa de uma vez só.

— Fico realmente feliz em ouvir isso, Daniel, porque nesse exato momento nós precisamos da sua ajuda.

— *Minha* ajuda?

— Não entendo por que você parece surpreso — disse Volta com mais frieza do que normalmente fazia. — Não temos providenciado o seu treinamento sem alguma expectativa de retorno. Consideramos você o que chamamos um agente livre. Nós supomos que ouvirá a vários pedidos de assistência, embora evidentemente tenha o direito de recusar, ou sugerir alternativas. Sem mais professores, a menos que deseje preparar estudos suplementares por conta própria. E lembre-se de uma das melhores tiradas de Wild Bill: “Quando o ensino termina, o aprendizado começa.”

— Então para que estou sendo *necessário*? Plantar maconha? Jogar cartas? Arrombar cofres? Disfarçar-me em garçom italiano e descobrir o que o secretário de Estado está discutindo com sua amante enquanto comem um escalope? — O sarcasmo de Daniel não correspondia à sua excitação.

— Nada tão mundano. Tem muito mais a ver com a sua natureza romântica: o roubo de uma joia. Um roubo extraordinariamente difícil, estou avisando, mas trata-se de uma joia extraordinária. Para roubá-la você terá que superar Jean Bluer.

— Você mal acabou de dizer que... — começou Daniel, mas Volta o interrompeu secamente.

— Qual é o disfarce máximo, Daniel?

Daniel refletiu por um momento.

— Invisibilidade, eu acho.

— Exatamente.

— Eu ainda não sou capaz de fazer isso.

— Eu sou — afirmou Volta. — Ou fui, certa vez.

— Realmente tornar-se invisível, certo? Desmaterializar? Puf?

— *Desaparecer* é o termo que eu uso. E não *puf*. É mais como deslizar dentro d'água.

— Você está dizendo-me que podia *desaparecer* dentro do fino ar?

— Ou espesso.

— Sem querer ofender — observou Daniel —, mas eu teria que ver. E então, ainda assim, provavelmente teria que acreditar no que vi.

— Você vai ter que confiar na minha palavra. Parei de praticar há anos. Era muito perigoso para mim. E pode ser ainda mais arriscado para você.

— Por quê?

— Porque acho que você vai gostar.

— Primeiro eu tenho que fazê-lo.

— Deixe-me lhe garantir uma coisa, Daniel, se eu não achasse que você era capaz, não mencionaria nada. Você acha que não estou ciente de que se trata de um pedido estranho, especialmente quando não estou em condição de demonstrá-lo? E eu seria negligente se não mencionasse que nunca encontrei um outro ser humano que tivesse o poder de desaparecer. Já tentei treinar seis pessoas antes de você, sem sucesso.

— Nem mesmo um braço? Um dedo?

Volta o ignorou.

— Eu descobri isso por acaso. Estava quase morto, à deriva no mar. Uma mulher no barco que me resgatou afirmava que a sua mãe, uma xamã jamaicana, tinha desaparecido numa de suas práticas e achou que era um estado de espírito tão perigoso e traiçoeiro que ela nunca mais tentou outra vez. Quando uma mulher experiente nas artes do espírito diz que uma prática é perigosa e traiçoeira, isso deve merecer a sua atenção. Isso é para valer, Daniel, é para sempre. Acabaram-se as aulas.

Daniel ergueu a mão.

— Agora, espere um instante. Pensei que você tivesse dito que ia me ensinar.

— Eu não posso chamar isso de ensinar. Isso seria um insulto para com pessoas como Wild Bill. Tudo o que vou fazer é partilhar minha experiência, o que pode vir a ser inteiramente inaplicável. O máximo que posso fazer é apontar a montanha e esperar que você encontre a trilha.

— Quanto tempo eu levaria para aprender?

Volta sacudiu a cabeça.

— Não tenho ideia. Nenhuma. Os outros a quem tentei ensinar desistiram em uma semana.

— Imagino que seja árduo e requeira muita concentração.

— Naturalmente. Imensa concentração. Foco de precisão; enorme clareza. Vai ser necessário tudo que há em você.

— Essa joia vale isso?

Volta disse:

— Na verdade, isso é você quem decide.

— Você já a viu?

Volta hesitou.

— Bom, eu *sonhei* com ela.

Daniel mexeu a cabeça.

— Estou ficando perdido. Você quer que eu desapareça dentro dos seus sonhos?

— Deus do céu, *não.* — Volta empalideceu. — Isso é exatamente o que eu *não* quero que você faça.

— Então, o que *exatamente* você *quer* que eu faça?

— Roubar o diamante.

— Então, trata-se de um diamante?

— É, embora seja um pouco como dizer que o oceano é água. O diamante é perfeitamente esférico, perfeitamente transparente... embora pareça

brilhar... e tem cerca de dois terços do tamanho de uma bola de boliche. Penso nele como o Diamante D. essencial.

— A quem pertence?

— A ninguém. Os Estados Unidos o têm nesse momento. Nós o queremos. E para ser honesto com você, Daniel, *eu* particularmente o quero, o quero ternamente. Eu quero olhar *para* ele, *dentro* dele, segurá-lo nas minhas mãos. Eu tive uma visão envolvendo um diamante esférico, uma visão que mudou a minha vida, e quero confirmar que foi uma visão de algo *real*, o espírito incorporado, o circuito completo.

Daniel estava sorrindo.

— Você vai adorar o que eu vou lhe contar. Aquele sonho sobre o qual eu queria conversar com você, o primeiro que tive depois da explosão, nele aparecia justamente um corvo com um diamante esférico no bico. Obviamente, não era tão grande quanto uma bola de boliche, e havia uma exígua chama em espiral atravessando o seu centro de uma extremidade à outra, que o fazia parecer mais friamente brilhante do que calidamente brilhante, mas é basicamente o mesmo diamante para mim.

— E o que você acha?

— Acho que é maravilhoso.

Volta deu-lhe um tênue sorriso.

— Se eu fosse mais perverso do que lamentavelmente já sou, eu diria que é o Olho do Observador. Na verdade, não sei o que é.

— Pode ser um sonho — disse Daniel.

— Muito possivelmente — concordou Volta —, mas acho que não. Eu acho... *sinto*, para ser exato... que o Diamante é uma força interior revestida de densidade exterior, a metáfora transfigurada da *prima materia*, a massa primordial, o *Spiritus Mundi*. Estou presumindo que você esteja a par da suposição amplamente sustentada de que o universo inteiro foi criado a partir de uma pequena bola de densa matéria que explodiu, arremessando violentamente pedaços no espaço, expandindo a partir do centro. O diamante esférico é a memória, o eco, o fantasma de um cataclismo generativo; o ponto emblemático da origem. Ou se, como acreditam alguns astrofísicos, o universo vir a alcançar algum ponto de entropia na sua expansão e entrar em colapso retornando para dentro si mesmo, nesse caso o Diamante pode ser um ponto de regresso, o cristal semente, para o qual tudo retornará violentamente a se reagrupar... e talvez através de si mesmo, para dentro de uma dimensão inteiramente diversa. Ou talvez possa ser a Pedra Filosofal literal, da qual

nós, alquimistas, falamos tão apaixonadamente. Ou talvez eu esteja completamente errado. É por isso que preciso vê-la. Se pudesse realmente estar diante da sua presença, estou convencido de que saberia o que é. Eu me aventuraria mesmo a dizer, com o risco de estar cometendo uma rápida projeção, que ele *quer* ser visto e conhecido.

— Mas você nem está certo de que exista — disse Daniel. — Certo? E é duro roubar algo que *não* existe, mesmo sendo invisível. Quanto mais penso nisso, menos sentido eu encontro.

— Então pense nisso: dois dias atrás, mergulhadores da Marinha procurando os destroços do *Moray*... você deve se lembrar, era um submarino nuclear que desapareceu sem deixar vestígio em mil novecentos e setenta e dois... encontraram um objeto misterioso no fundo do mar, exatamente sobre o meridiano de Greenwich. De acordo com as nossas informações, o objeto parece ser um diamante esférico que brilha intensamente... o que quer que isso queira dizer. Ele foi levado para um laboratório do governo para testes e observação. Por enquanto, não estamos certos onde seja; há rumores de que esteja sendo mudado de local. É isso que Jean Bluer foi chamado para desvendar, assim como Smiling Jack e alguns dos nossos melhores membros. Incluindo você, eu espero.

— E você acha de fato que eu possa ser capaz de fazê-lo? Desaparecer realmente?

— Acho que você é o candidato mais provável que já conheci.

— Por que isso?

— Por várias razões, mas essencialmente porque você *quer* desaparecer.

— Eu quero?

— É, acho que sim. Porém o que me preocupa é que não tenho certeza de que você queira voltar.

— Supondo que eu não queira. Ou não possa. O que acontece então comigo?

— Não sei, mas suspeito que você venha a descobrir verdadeiramente o que significa estar perdido. Não confuso, desorientado ou deslocado. Perdido.

— Isso é um desafio?

— Isso me desafia.

— É por isso que você renuncia?

— É, pode-se dizer que sim.

— O que você roubou quando estava invisível?

— Nada. Eu usava a habilidade para desempenhar escapadas nas minhas apresentações mágicas.

— A mim parece mágica, com certeza.

Volta disse enfaticamente:

— *Não* é. Desaparecer é um instrumento, uma técnica, uma outra manipulação da aparência. A mágica é a expropriação do real.

— Bom, então vamos começar. Não posso esperar para ver se consigo desaparecer dentro do inexistente e expropriar magicamente uma realidade que você sonhou.

— Você esqueceu leu sonho. Talvez tenha que enfrentar aquele corvo para conseguir o Diamante.

— Acho que eu vou descobrir isso. Nós vamos começar em breve?

— Amanhã, de manhã cedo. Encontre-se comigo no aeroporto de Oakland à meia-noite, horário do Pacífico. Você pode apanhar as suas passagens e itinerário na loja de penhor Gilded Lily no alto da rua President. Você vai nesta tarde. Tenho alguns negócios, então tomarei o voo mais tarde. Vamos nos encontrar no portão sete e depois tomamos um avião particular para o norte, o rio Eel, e de lá para a minha casa. Nós começaremos depois do café da manhã.

— Não vai dar para dormir bastante — observou Daniel.

— Daniel, só posso lhe dizer o que sei. E uma coisa que sei é que exaustão estimula o desaparecimento.

Daniel e Volta tomaram a conexão direta do aeroporto até os hangares particulares. No caminho, Volta disse para ele:

— Nosso piloto é um jovem chamado Frederic Malatest. Freddie Ruivo, nós o chamamos. Não o provoque com política, ele leva isso muito a sério.

— Freddie Ruivo e Low-Riding Eddie... isso é que é uma esquadrilha.

— *Isso* — suspirou Volta — é toda a nossa força aérea do oeste. Não é de se espantar que tenhamos que usar a imaginação.

Freddie Ruivo tinha seus vinte e poucos anos. Sua estrutura magricela e seus movimentos lacônicos contrastavam com seus olhos castanhos penetrantes e a mensagem brazonada em letras pretas sobre o capacete de motociclista: *Estraçalhe o Estado.* Enquanto Volta acomodava-se com os olhos fechados, Daniel começou a atiçar Freddie Ruivo com política antes mesmo de decolarem.

Sobrevoando Ukiah, Daniel expressou sérias ressalvas quanto à afirmação de Freddie Ruivo de que o maior ato revolucionário disponível para as pessoas de classe média na década de 1980 seria empilhar seus aparelhos de televisão no meio da rua e colocar fogo neles com a ajuda de suas portas de entrada. Eles argumentaram por alguns minutos, até que Freddie Ruivo advertiu-o para reconsiderar a sua posição e colocou o Beechcraft bimotor numa parada de força para mergulho.

Pressionado contra o encosto do assento, Daniel observou as luzes da cidade lá embaixo se aproximarem rapidamente. Ele estava muito espantado para falar, até que Volta, com um traço de reprovação, disse no seu ouvido:

— Eu falei que ele levava política a sério.

Daniel imediatamente inclinou-se para a frente e berrou sobre o capacete de Freddie Ruivo:

— Você tem *razão*! Construir uma fogueira com aquelas portas todas. E, já que você está com a mão na massa, joga lá dentro todos os processadores de texto também!

— Certamente! — urrou Freddie Ruivo, trazendo de volta o nariz do avião para cima e o nivelando antes de iniciar uma série de piruetas, cada uma pontuada por: — É isso! É isso! É isso!

— Outra coisa — gritou Daniel. — Depois das televisões e das máquinas de escrever, toda partícula de papel do país.

— Você sacou tudo, cara! Você acha que é preciso ser escrito algo, importante o bastante para que os outros saibam, bom, pode escrever na porra de um muro. Imagina só, cara: quartos de motéis iam ficar parecidos com revistas de poesia.

Meio adormecido, Volta abriu os olhos e disse:

— Vocês já perceberam que Ukiah é haiku pronunciado ao inverso?

Antes que Daniel pudesse admitir que tinha deixado passar essa, Freddie Ruivo abriu os braços e declamou dramaticamente,

Quando o último capitalista for estrangulado
Com as tripas do último burocrata
Cerejeiras brotarão nas nossas montes.

Daniel disse:

— E enquanto todos os papéis estiverem queimando, as pessoas deviam atirar as suas roupas nas chamas e fazer a dança das cascavéis, como os

índios, pelados pela vizinhança, depois sentar num grande círculo e brindar com marshmallows, beber uísque, fumar maconha e trocar histórias, mentiras e rumores.

Freddie Ruivo concordou imediatamente.

— E na manhã seguinte formar um sindicato de trabalhadores e entrar em greve geral.

Enquanto Daniel e Freddie agitavam-se para todos os lados, Volta repousava no seu assento. Ele admirava a juventude e a ambição, as investidas de possibilidades infinitas e entusiasmo absoluto, mas agora eles começavam a lhe cansar. Ele tentou relaxar e deixar correr, mas não conseguia se desembaraçar da imagem de Daniel olhando para ele pelo espelho. O garoto era brilhante, talvez mesmo esplêndido, porém não era sensato.

Pela milésima vez, Volta se perguntou se teria oferecido a Daniel a chance de desaparecer caso não houvesse diamante a ser roubado. Ele lembrou-se como Madge Hornbrook tinha puxado a manga da sua camisa um pouco antes da cerimônia em que ele a substituiria como membro da Estrela, sussurrando: “Não se esqueça de que as decisões cruciais estão sempre muito próximas da obrigação.” Ele sentia-se motivado pela afirmação de Daniel de que, ele também, tinha sonhado com o Diamante — um bom sinal. Apesar de achar pouco consolo nisso. Ele estava ficando velho, ele percebeu. Velho.

Vinte minutos mais tarde, Freddie Ruivo os depositou numa pista oculta pela neblina, ao lado do rio Eel. Ele manteve o motor funcionando enquanto Daniel e Volta desembarcavam rapidamente. Em minutos, o avião já estava virado preparando-se para decolar.

Quando Freddie Ruivo levantou voo, Daniel apanhou o seu saco de viagem.

— Muito bem, o que fazemos a partir daqui? Andamos?

— É isso — disse Volta, distraído.

— Em que direção e até onde?

Volta o olhou, depois abaixou-se para pegar sua mala.

— Nordeste. Uns mil metros. Até o meu caminhão. — Volta começou a andar, Daniel seguindo ao seu lado.

Daniel falou com leveza:

— Seu *caminhão*? Dada sua posição como membro superior da Estrela, pensei que houvesse uma limusine esperando.

— O caminhão já foi uma grande indulgência.

— Como ele é? Algo parecido com o Kenworth de Smiling Jack?

— Você vai ver — disse Volta.

Para Daniel parecia como qualquer outro furgão batido, embora possuísse todos os pneus novos. Ele disse para Volta:

— Bad Bobby apostaria oito contra cinco que os pneus vão durar mais do que o carro.

Volta apanhou o saco de viagem de Daniel e o lançou na carroceria sobre a sua mala.

— Não, ele não faria isso. Robert tem um olhar perspicaz para as decepções da aparência.

— Bom — assentiu Daniel —, talvez apostasse pau a pau.

— Eu pretendia deixá-lo dirigir, mas visto sua insistência em insultar uma obra de arte, você vai de carona.

Só quando Volta virou a chave do motor e todo o furgão trepidou com uma quase erótica aceleração, ele percebeu a obra de arte sobre o capô.

Volta sorriu, um brilho infantil nos seus olhos.

— A música que você está ouvindo é um Chrysler quatrocentos e vinte e sete. Esse é um autêntico furgão de contrabando... não há muito o que se apreciar, com certeza, mas já que é um bólido na estrada, tudo o que se vê é uma mancha em movimento.

Volta pisou no acelerador.

— Você gosta da força, não? — perguntou Daniel.

— Quando corretamente aplicada. — Volta engrenou uma primeira e arrancou.

Foi bom que Daniel não conseguisse pensar numa réplica, pois ela teria sido ensurdecida pelo urro vibrante do motor.

A estrada estreita logo afastou-se da margem do rio e começou a subir sinuosamente morro acima. Uma hora mais tarde, eles desceram pela estrada e atravessaram a bifurcação norte do Eel, suas águas tremeluzindo à luz das estrelas. Alguns quilômetros adiante, eles entraram numa estrada de terra bloqueada por um vigoroso portão blindado. Volta apertou um botão embaixo do painel e o portão se abriu. Daniel achou que tinham chegado, mas faltavam ainda sete esburacados e tortuosos quilômetros e três portões, antes de a estrada inclinar-se e terminar abruptamente ao lado de uma casa de madeira com um estábulo e dependências dispersas adjacentes. Volta apertou outro botão sob o painel e a casa e o pátio se acenderam.

Daniel arrastou a voz — uma fração lenta demais, Jean Bluer teria observado:

— Dá pra imaginar que uns vinte contrabandistas fizeram os seus eletrônicos.

— Não, foi um gênio em eletromagnética, um anarquista alemão apaixonado pelas ondas.

— Ouvi dizer que Wild Bill já afirmou mais de uma vez que "anarquista alemão" era uma contradição em si. Era o máximo que se poderia esperar para um batista hegeliano.

Volta riu.

— Os preconceitos de Bill são notórios. Mas me deixe dar-lhe boas-vindas ao meu abrigo, que é conhecido no local como o vale do Riacho dos Loureiros. Eu não o proibiria de revelar a sua localização, mas peço, como a todos os visitantes, para manter absoluta discrição.

— Você pode depender disso — assegurou Daniel, imitando vagamente a formalidade de Volta.

— Diga-me — interpelou Volta —, você me acha um tanto pomposo e dramático?

— Um pouquinho — respondeu Daniel.

Volta inclinou-se na sua direção, o olhar tão intenso, que Daniel ficou surpreso quando ele sussurrou, num misto de apologia e exasperação:

— Isso é espetáculo, Daniel. Puro espetáculo. — Antes que Daniel pudesse dizer algo, Volta apontou para fora da janela acrescentando: — E essa é a casa. São quatro e quinze, sugiro que você descarregue as suas bagagens enquanto eu acendo o fogo e preparo um café da manhã para nós. Vai ser a sua última refeição por uns tempos, e eu gostaria que fosse bem preparada.

E foi. Tenras panquecas de trigo com manteiga fresca, concentrado de bordo de Vermont, presunto das montanhas de Blue Ridge, cozido com gelatina de pêssego e cortado em fatias finas. Um prato de frutas com maçãs, uvas e nozes partidas, levemente temperadas com uma coalhada de caril. Para beber: suco de maçã Gravenstein e uma escolha entre um expresso de Viena tostado e uma mistura de chá feita pelo próprio Volta, com umas gotas de limão e mel.

Enquanto cozinhava, Volta contou a Daniel sobre a origem dos ingredientes. O trigo era plantado e moído por uma mulher de Montana chamada Jane Durham. Ela mandava um saco de 25kg por ano, porque Volta

tinha pessoalmente descoberto o túmulo do seu avô — ele tinha sido um organizador da sociedade Wobbly — e comprou um mármore para a sepultura dele. Tick Hathaway defumava o presunto, o último dos vinte que Volta tinha recebido em troca da figurinha de beisebol de Honus Wagner de 1952 que Tick precisava para completar a sua coleção. As maçãs vinham de uma comunidade feminista no litoral da região de Sonoma, transformado em suco por um velho espremedor de frutas. Smiling Jack tinha lhe trazido cinquenta litros de concentrado de bordo da fazenda de Hewlitt Jeffery, perto de Burlington. O mel eram os 5% devidos por outra comunidade, cujos membros rejeitavam o uso do dinheiro — Cartões de Comércio de Presidente Morto, como eles o chamavam.

Embora Daniel sentisse tanto impulso quanto obrigação de saborear cada pedaço, ele não pôde evitar devorar tudo como um lobo. Haviam se passado quase 12 horas desde o jantar da companhia aérea composto de carne assada viscosa de ianque e legumes cozidos. Daniel espiava a última fatia de presunto quando, repentinamente, Volta parou e empurrou delicadamente o prato de presunto na sua direção.

— Lamento — disse Daniel. — Estou com tanta fome que receio não ser realmente capaz de apreciar tudo isso devidamente. Mas agradeço você ter cozinhado para mim, de verdade.

— Tenho certeza de que a comida aprecia a sua fome tanto quanto a minha preparação. A fome, sabe, sempre me fascinou. Já vi pessoas às raias da inanição fazendo fila para jogar comida fora. Isso foi no Tibet, numa pequena aldeia das montanhas. Havia um homem sagrado que vivia numa caverna mais ao alto na montanha. Toda lua cheia, enquanto ela estivesse visível no céu, ele recebia os suplicantes na entrada da sua caverna. Cada suplicante lhe trazia um presente de comida. Em troca, ele respondia a uma pergunta. Quando o homem sagrado tinha comida suficiente para durar um mês, ele começava a dar cada presente para a pessoa seguinte na fila. Era uma subida árdua até a caverna, lembre-se, e a comida era escassa, mas a fila de suplicantes recomeçava a ser formada bem antes do pôr do sol. Havia frequentemente mais de mil pessoas na fila, e todas sabiam que o homem sagrado se retiraria quando a lua se escondesse.

“A primeira vez que o visitei perguntei: ‘O que é a realidade?’ Sem hesitar, ele respondeu: ‘Um punhado de arroz.’ Tipo da resposta padrão de homem sagrado. Na segunda vez, eu perguntei: ‘Qual é o grande obstáculo para alcançar a sabedoria?’ Ele fechou os olhos por um momento e, quando

os reabriu, havia um maravilhoso brilho de prazer. ‘Sabedoria é simples’, disse ele. ‘A cabeça é que é difícil’.

Daniel limpou a boca.

— Eu não sei se a sabedoria é simples, mas que a cabeça é difícil, isso ele acertou.

— É verdade. Mas menciono isso porque estou experimentando um pouco dessa dificuldade. Tenho reservas quanto a sua tentativa de desaparecer. Profundas reservas, nada que eu possa explicar... exceto lhe garantir que elas refletem incertezas relacionadas ao meu parecer, não ao seu.

Daniel, surpreso com o caminho que a conversa tomava, disse:

— Eu *quero* tentar. É *meu* parecer, *minha* escolha. Você está liberado da responsabilidade da decisão.

Volta disse:

— Não aceito responsabilidades que possam ser absolvidas. Claramente, visto que a sua aprovação é necessária à tentativa, e minhas instruções podem ser cruciais para o seu sucesso e segurança, trata-se de uma decisão mútua. Serei responsável pela minha parte; você cuida da sua.

— Isso é tudo que eu estou tentando mostrar... que tenho a intenção de fazê-lo.

Volta inclinou-se para trás em sua cadeira e olhou fixamente para Daniel.

— Tudo bem. Daqui para a frente, Daniel, não fale comigo. Nem sequer fale. Se fizer, ou se violar qualquer instrução subsequente, nosso trabalho estará terminado aí e, junto com ele, minha responsabilidade. Agora, por favor, acabe o seu chá.

Quando terminaram de limpar a louça, Volta apanhou uma lanterna de seis volts na prateleira e disse a Daniel que o seguisse. Ele o levou para fora pela porta dos fundos e, por um atalho, até o estábulo com teto de cedro. As estrelas ainda cintilavam no alto, mas o céu empalidecia ao leste. Volta seguiu a trilha que circundava o estábulo, depois desceu uma rampa regular até uma pequena cabana. Abriu a porta e entrou, iluminando atrás de si para ajudar Daniel. Quando Daniel ficou em pé ao seu lado, Volta vasculhou o quarto com a luz da lanterna. Ao lado da parede mais afastada tinha uma cama estreita. Três espessas mantas estavam dobradas e empilhadas ao pé da cama, um pequeno travesseiro branco em cima. A única outra mobília era uma cadeira de encosto reto.

Volta iluminou a cadeira com a lanterna e falou para Daniel:

— Senta.

Quando Daniel estava sentado, Volta apontou a luz sobre uma porta em frente de onde Daniel estava.

— A porta dá para um pequeno banheiro. Se você se lembrar de aspergir uma latinha de cinza de madeira quando o usar e substituir a cobertura do assento, não deve haver mau cheiro.

A lanterna iluminou atrás da cama.

— Contra a parede, ao pé da cama, tem três garrafões de cinco litros de água da fonte local. Aconselho usá-lo parcimoniosamente.

Volta apagou a lanterna.

— Quero que você feche os olhos, Daniel, e que escute bem, escute como se a sua vida dependesse disso. E faço questão disso.

Volta começou a andar em torno da cadeira onde estava Daniel, ele fechou os olhos e sentou-se mais ereto, concentrando-se. Ele sentiu o cansaço se evaporar à medida que a sua atenção ficava mais afiada. Porém, enquanto Volta continuava a circular silenciosamente, uma imagem de um chacal surgiu na sua mente, depois um abutre. Circulando, esperando pela sua carne. O coração começou a bater tão forte que não conseguia respirar, tão forte que pensou que fosse explodir, e sentiu-se erguido a um outro plano, um plano de poder vítreo, suave, translúcido, sólido. Não era uma experiência mística. Do seu tempo com Mott Stocker, ele reconheceu a impressão como a da primeira investida de excelente anfetamina. Ele sacudiu a cabeça — não para a clarear, mas em branda incredulidade. Volta tinha lhe dado uma dose de excitante! Fazia sentido — Volta o queria exausto mas alerta. Mas Volta poderia ter pedido, ou sugerido.

Daniel estava alcançando um ponto de justificada raiva quando Volta parou na sua frente e disse, com uma ironia que não se perdeu em Daniel:

— Eu sei que você confia em mim, mas posso sentir que não confia profundamente. Isso é bem justo. Você não me conhece bem, e pode pensar que eu retive informações sobre a morte da sua mãe, ou que posso ter feito uma lavagem cerebral em você quando estava em coma, ou que tenha de outro modo controlado seu comportamento e limitado a sua expressão. Você está errado, mas entendo suas precauções. De qualquer maneira, *confie em mim* quanto a isso: o que você está prestes a tentar é extremamente perigoso... ainda mais se tiver sucesso, ao invés de falhar. Livre-se da frivolidade, tédio e autocomiseração. Isso só ajuda a compor o perigo. Os estados mentais em

que você poderá ingressar são quase impossíveis de se imaginar. Fazem as drogas parecerem bobagem.

Volta fez uma pausa, começou a andar ao redor da cadeira novamente, mas desta vez falando enquanto se movia.

— Daniel, quero que você saiba que não estou falando simbolicamente quando afirmo que você pode desmaterializar seu corpo e *literalmente* desaparecer, se mover livremente através de paredes de concreto e portas de aço. Não tenho a menor ideia de como nem por que é possível converter espontaneamente... talvez seja uma inversão... massa em ondas eletromagnéticas, não tanto pulando uma frequência, mas saltando uma dimensão. Eu comparo isso a uma mudança de fase. A mesma configuração essencial numa forma diferente. Do sólido para o líquido para o gasoso; gelo para água para o ar. Talvez a invisibilidade seja um de nossos estados possíveis. Eu realmente não sei. Averiguei todos os efeitos metafísicos e, para mim, isso permanece um fato incompreensível.

"Conforme mencionei antes, desapareci várias vezes no passado, normalmente em conexão com apresentações mágicas. Sou a única pessoa que eu saiba que conseguiu fazer isso, embora tenha ouvido de uma outra... a xamã jamaicana... então, por favor, Daniel, *por favor*, compreenda que tudo que sei está limitado às minhas experiências. Resumindo, o que eu lhe disser pode não ser aplicável às suas circunstâncias. Você deve absolutamente confiar nos seus próprios instintos e intuições à medida que se aproximar do limite. De qualquer maneira, *minha* intuição me diz que a experiência segue um arquétipo, assim eu lhe direi como a senti, esperando que seja parecida.

"Primeiro, entretanto, vejamos algumas regras básicas. Você deve, como observei, permanecer em silêncio. Pode falar com você mesmo... ou gritar, ou cantar... quando estiver só, mas não quando tiver alguém presente. Você deve jejuar... nada além de água. Você não tem permissão para sair deste cômodo. Se o fizer, por qualquer motivo, está terminado. Finalmente, deve seguir as minhas instruções com máxima habilidade, embora, na verdade, isso possa ser uma medida minha. Todo dia colocarei sob a porta um conjunto de instruções.

"Quanto ao meu método pedagógico, Wild Bill afirma que sou um praticante da escola Kamikaze Socrática, com forte influência do Marquês de Sade, mas você sabe como William é furiosamente criterioso. Suponho que o que ele quer dizer é que eu voo no meio da lição e não tenho receios de fazê-lo sofrer. Eu construo a balsa. Você atravessa o rio. Eu desenho o mapa.

Você faz a viagem. Se não confia em mim, obviamente deve dizê-lo agora para não desperdiçar nosso tempo e espírito.

Volta ficou em silêncio, ainda vagarosamente andando ao redor da cadeira de Daniel. Após três circuitos, ele prosseguiu.

— Foi assim que eu experimentei a transformação de massa em energia eletromagnética. Começa com um momento vazio. Vago. Nulo. Para mim foi exatamente como se o tempo tivesse parado. E eu acho que é bem isso que aconteceu, porque você escapa da sua força, não o transcendendo ou o eliminando, mas encontrando um ponto sereno dentro dele, como uma truta encontrando o ponto de equilíbrio hidráulico atrás de uma pedra na correnteza.

"As sensações seguintes vêm rapidamente. Primeiro, há uma brevíssima impressão de umidade, depois uma consciência de luz e calor sobre a sua pele, e então uma repentina e horrível confusão de todas as informações sensoriais... uma desordem sinestética, uma tempestade elétrica no cérebro. É nesse ponto, eu acho, que você realmente começa a desaparecer, ou começa a transição neural. Ela se torna coesa tão repentinamente quanto se inicia, e você lamenta imediatamente, pois percebe que está caindo, e você experimenta... pelo menos assim eu fiz... um terror que é inimaginavelmente intenso. É uma queda paradoxa... você sabe que é sem fim e sabe que não cairá em lugar algum. Tenho certeza de que você está familiarizado com o folclore sobre as quedas dentro dos sonhos, que você sempre acorda antes de cair, porque se você *cair*, você morre. Como de costume, o folclore está correto.

"Para desaparecer, você deve conscientemente resistir ao terror e interromper a queda. Resiste-se ao terror reconhecendo-o sem reação, aceitando-o sem julgamento, tornando-se luz em movimento no espaço. Paradoxalmente outra vez, você purga o terror da queda caindo. Você *interrompe* a queda através da imaginação consciente. O que eu fiz foi produzir uma imagem de mim mesmo caindo, e então me concentrei naquela imagem com cada fagulha de força que consegui reunir, assim profundamente concentrado a imagem se dissolveu.

"Quando a queda para, você fica invisível, e tudo volta ao 'normal', ou pelo menos, a impressão habitual da coerência espaço/tempo e as disposições emocional e perceptiva comuns. Apenas o corpo não é visível. Você pode erguer aquele campo elétrico que chamamos de mão e coçar aquela constelação volteante de energia que chama de cabeça, mas você não é carne

e osso, cinza ou poeira. Você está liberado das sujeições da matéria e, à medida que esse reconhecimento se aprofunda, uma poderosa serenidade brota e cresce através de você e, no âmago dessa serenidade, há uma claridade magnífica... você entende tudo e sabe exatamente o que fazer.

"É aí que fica perigoso. Não porque a claridade é ilusória. Ao contrário, ela não podia ser mais real, mais verdadeira. E a coisa que você vê mais lucidamente é que tudo está necessariamente sujeito ao fluxo, e você está prestes a se submeter a uma arrebatadora reversão. Que a poderosa serenidade que sentiu crescendo através de você era na verdade você crescendo através dela; que a claridade não é sua, mas pertence a um centro que você está atravessando. Não pode retê-la. E porque você tenta mantê-la, tenta se segurar, é pior. É extática, e é tudo que você quer sentir para sempre. Está livre de objetivo, dor, obrigação, consequência; dialético e dinâmico; vida e morte.

"O êxtase é desgastante. Não há nada que você deseje mais do que a aniquilação da última partícula de concentração retendo a consciência coesa. E embora eu não possa saber com certeza, minha mais possante intuição me diz que se você sucumbir ao êxtase e falhar ao recuperar a concentração, seu centro, você desaparecerá para sempre. Assim como o terror é experimentado ao cair, o êxtase é experimentado ao subir, sublime... mas desenfreado, é o mesmo que a queda. Então preste atenção para o momento em que a claridade dá uma guinada em direção ao êxtase. Recomponha-se e retorne tão logo quanto possível. Quero dizer, imediatamente. Quanto mais você se eleva, mais você cai.

Volta parou de falar e continuou andando. Daniel, que tinha estado ligado em cada palavra, abriu os olhos quando Volta passou atrás dele. O cômodo parecia muito mais iluminado. Ele se perguntou se seria uma claraboia. Olhou para cima. Havia uma claraboia, mas não era grande coisa — uma pequena abertura coberta por um plástico enrugado, escurecido pelos detritos das árvores vizinhas. A anfetamina fazia doer as suas mandíbulas e disparar sua mente; ele queria balbuciar centenas de perguntas. Foi preciso esforço para manter-se em silêncio.

Volta parou bem à sua frente, pôs as mãos para trás e continuou.

— É impossível superestimar o poder e a glória daquele salto extático, mas se você se entregar a ele, acredito que será consumido. Eu repito: *retorne imediatamente*.

Volta deu um breve sorriso.

— A razão pela qual estou me repetindo não é apenas para enfatizar a importância disso, mas para antecipar a explicação de como escapar do êxtase e retornar ao estado visível. Eu lhe direi como eu fiz, mas também devo dizer que, enquanto *penetrar* a energia é aproximadamente a mesma coisa para todos, o retorno de cada pessoa é único. Não sei como sinto que é assim que acontece, e confio que não espere que eu ofereça razões para as intuições.

"Agora, antes de contar como retornei, deixe-me relembrar o princípio, que tenho certeza lhe é familiar. O princípio está contido num canto de forja alquímico, ao qual Wild Bill se refere como 'aquele *veio* e sentimentaloide mantra da Babilônia'.

Para ser você mesmo
veja você mesmo.
Para ver a si mesmo
liberte a si mesmo.
Para libertar a si mesmo,
Simplesmente seja você.

Daniel concordava com o tributo estético de Wild Bill. Ele quase mexeu a cabeça consternado.

— Tive receio de que partilhasse da antipatia de William pela sabedoria civilizada, mas com certeza você entende que os clichês duram porque são repetidos, e são repetidos porque provaram ser exatos. Mas não continuarei com isso.

"Ouça o que fiz para escapar do êxtase e retornar. Imaginei um espelho. Retive a imagem do espelho ferozmente na minha mente até poder ver meu rosto dentro dele. E então quebrei o espelho. O retorno foi imediato e arrebatador, e quanto mais longe eu velejava, pior era... quase que em proporção direta.

"Quando você retorna, você se sente distante do seu corpo, débil, sem vontade, desorientado. Passa rapidamente, mas fica excepcionalmente vulnerável a fraco juízo, lapsos físicos e confusões em geral, enquanto ainda está se reintegrando. Tome cuidado.

"Basicamente, portanto, desaparecer envolve primeiramente um sentimento de terror quando você cai, depois uma breve e serena lucidez, que por sua vez abre-se para um êxtase sublime. Todas as três etapas da transformação têm seus perigos, e sua única defesa é conscientização e

concentração. Nada muda realmente, apenas o que tem forma vira amorfo, a carne vira ar. Se você estiver com sede quando está visível, ficará com sede quando desaparecer. Mais uma vez: conscientização e concentração. Você deve trabalhar a partir do seu próprio centro. Use isso para interromper a queda. Mantenha a clareza. Resgate você mesmo do êxtase. Dilua a melancolia que invariavelmente acompanha o retorno.

"O mais longo tempo que consegui manter a invisibilidade foi de dezesseis minutos, e quase não consegui voltar. O êxtase não estimula a concentração. Não tenho a menor ideia se é possível mantê-la por mais tempo, mas não tentaria por mais de dez minutos, se fosse você.

"Eu lhe disse o que pude, mas existem coisas que eu não lhe disse. Algumas não disse porque você tem que descobrir sozinho. Existem coisas que eu não disse cuja omissão possa parecer cruel, à medida que o trabalho for se desdobrando, mas seria sensato reter o julgamento até que você tenha terminado; aparições e desaparições são ilusórias. Existem também coisas que não disse porque ainda não as conheço.

"Isso não é tudo o que eu não lhe disse, mas vou lhe dizer uma coisa, palavra de honra: nada do que lhe será instruído a fazer é perigoso, até o ponto de desaparição. Difícil, severo, talvez doloroso... isso sim. Mas não perigoso. Desaparecer *é* perigoso.

Volta olhou Daniel nos olhos para ter certeza de que aquele ponto tinha ficado claro.

— Comecemos então. Suas instruções hoje são simples, derivadas de um antigo exercício que estou certo de que você está familiarizado. Quero que reconheça, *sem resposta*, cada um dos dados sensoriais, cada pensamento, cada imagem, cada sentimento. Aceite e deixe passar; veja e libere. Não se deixe apanhar; não siga; não se apegue.

"Eu encontrei um mágico chinês em Tânger anos atrás. Seu nome era Fang Chu, e ele era o melhor engolidor de fogo que já vi. Ele afirmava que a meditação 'reconhecer sem resposta' é a única de que você realmente precisa para aprender mágica. Fang Chu tinha um sorriso maravilhoso e um inglês fraco, embora melhor do que o meu chinês. Sempre que nós conversávamos sobre meditação, ele abria um largo sorriso e dizia: 'Oh, sim! É tão fácil!' Então ele aumentava mais um grau no seu sorriso e abria as suas mãos assim: — Volta sorriu e abriu as mãos, e então, imitando a aguda nasalidade de Fang Chu, disse: — 'Nada na mão, como vocês vaqueiro *diz*.'

Volta manteve aquela pose por um instante, ainda sorrindo. Com a sua própria voz disse:

— Então, vaqueiro, nada na mão. Cavalgue direto sem parar. Haverá outras instruções pela manhã. Ah, sim, quase esqueci: Ninguém sabe o que estamos tentando fazer aqui, e acredito que deva continuar assim. Até que eu decida de outra maneira, isso é *unicamente* entre você e eu. Se conseguir desaparecer e quiser ensinar a alguém, precisa obter a minha permissão. Quando eu morrer, o critério de transmissão passa a ser seu. Você tem que me dar a sua palavra de honra quanto a isso, Daniel. Se estiver de acordo, fique em silêncio; se não estiver, diga. Ainda podemos parar... sem culpa, sem pudor.

Volta esperou. Como Daniel tinha permanecido em silêncio por quase um minuto, Volta comprimiu os ombros.

— Eu lhe desejo as três coisas de que você absolutamente vai precisar: força, elegância e sorte. — Ele saiu pela porta, fechando-a suavemente atrás de si.

Daniel ficou em pé. O cômodo estava tão frio que conseguia ver seu hálito vaporizando no ar. Não havia sinal de aquecedor ou fogueira, tampouco conseguiu encontrar uma lâmpada. A espessa claraboia era a única fonte de luz. O seu retângulo claro estava começando a ser projetado contra a parede do lado oeste. A luz era pouca para reduzir a friagem. Daniel andou, batendo com os braços para se aquecer, assim como para desgastar a energia maníaca da anfetamina que atingia a exaustão. Ele tentou não pensar, deixar toda sensação simplesmente passar direto, voando para longe de casa. Tentou imaginar a sua mente como um buraco numa rede, mas milhares de pescadores na velocidade da luz o consertavam antes que ele pudesse perfurá-lo outra vez.

— Aquele filho da puta me *dopou*!

— Era tão bom ouvir a sua própria voz bem alto, mover as mandíbulas emperradas, que ele começou a balbuciar para drenar o assalto adejante, destemperado e sufocante da anfetamina.

— Vou contratar Mott, porra. Mott disse que um cara o dopou uma vez, STP, bombardeio psicodélico sobre o cérebro B-1, vinte e sete horas com as aranhas saindo pelo seu nariz e seu tataravô... encolhido em proporção miniatura, uns vinte centímetros, no máximo... em pé ao lado do pau de Mott, os pés bem apoiados, aumentando a rotação da motosserra. Aí Mott ia cuidar de Volta por ter me dopado, sei que ele faria isso, tenho certeza que sim, Volta, aquele babaca arrogante, merece isso, uma porra de droga, jogar aquela merda dentro do meu chá e depois me dizer para esvaziar minha pobre cabeça de merda, claro, está certo, estou tão ligado que posso sentir meus poros se abrirem e fecharem, certo, pode apostar, faz as coisas ficarem mais divertidas, misturado com um pouco de macumba de espírito e alma de merda para dar mistério e romance às pessoas, depois amarra-se os cérebros deles no trilho.

Daniel ouvia a si mesmo com a mesma intimidade oculta existente entre o padre e o penitente, ambos sentindo a vacuidade mecânica do pecado e o extenuado perdão. Ele escutou, ouviu, deixou passar, um lago vagamente remexido pela brisa, até que de repente ele se contorceu com uma dor tão completa e arrebatadora que, de início, ele não sabia nem de onde vinha. Ela o deixou tremendo e suando frio. Mal tinha começado a se recompor quando

uma bomba explodiu no seu intestino. Ele caiu se torcendo no chão, debatendo-se como um peixe fora d'água.

Quando o GIFLUV X-27 1-20 VDT fez efeito total, uma hora depois, se debater tinha virado um luxo. O vírus de gripe gastrintestinal (GIFLUV), Lote Experimental 27 (X-27), tinha, como explicava a sua bula, uma hora de intervalo entre ingestão e efeito completo, uma duração de vinte horas (1-20), e como resultado geral fazia a vítima vomitar e defecar *terrivelmente* (VDT). O estômago e os intestinos de Daniel esvaziaram várias vezes no banheiro enquanto ele se retorcia desamparadamente. Quando finalmente conseguiu chegar até a cama, ele arriou as calças e empilhou as mantas sobre o seu corpo estremecido. Daniel olhou para cima para a encardida claraboia de plástico e gemeu para os céus.

— Só um monstro doparia duplamente um outro ser humano com comida envenenada e anfetamina. Certificando-se de que você ficaria acordado para sofrer. Só um monstro. Um *demônio* filho da puta.

Algum tempo após o pôr do sol, os acessos selvagens de vômito e diarreia deram lugar a uma dor profunda, regular e óssea, acompanhada por momentos de febre e calafrios. Daniel foi forçado a ingressar num estado de insensibilidade. Ele sentia seu corpo tremer sob as mantas, viu e liberou a imagem dele tremendo num instante e deixou seguir o desfile de sensações. Aí começou a sentir-se mais calmo, quase flutuando. Ele queria desesperadamente dormir, porém a dor e a força decrescente do excitante o impediam.

Daniel tentou visualizar com mais afinco. Ele se viu sentado na cadeira, no centro do abrigo, pescando através de um buraco feito no chio. Não se lembrava de ter visto um rio correndo sob o abrigo, mas podia ouvir o barulho da água e sentir a corrente carregando a linha. A pressão parou e a ponta da vara foi beliscada. Ele deu um puxão no anzol instintivamente e, momentos depois, ergueu um peixe dourado de dentro d'água. Tinha que mostrar a Volta. Segurando o peixe com a mão esquerda, dirigiu-se à porta. Mas quando a abriu, esperando dar um passo para fora, ele se achou dentro de um outro cômodo, uma duplicata daquele do qual tinha acabado de sair. Atravessando o cômodo, ele abriu a porta que dava para um outro cômodo vazio. E mais outro, um cômodo após o outro. Ele segurou o peixe firmemente. Quando abriu a porta seguinte, um homem sem rosto segurando uma pistola automática lhe deu um tiro na cabeça. Muito embora soubesse que não poderia sobreviver ao ferimento, Daniel levou a mão até a testa para

ver o tamanho da ferida. Pedaços do seu crânio caíram sob a mão como placas continentais. Sua língua intumescida pelo choque não conseguia formar palavras. Seus ouvidos rugiam enquanto sua face enchia-se de sangue. Ele apoiou-se sobre os joelhos e, quase no mesmo movimento, caiu para a frente. Ainda segurando o peixe dourado, ele tentou se levantar, mas seu corpo estava pesado demais. A última coisa que sentiu antes de morrer foi o peixe se debatendo na sua mão.

A febre finalmente passou uma hora antes do amanhecer do dia seguinte. Daniel dormiu até o início da tarde. Acordou com uma sede selvagem. Ele se recompôs e abaixou as mantas encharcadas de suor, mas quando sentiu dificuldades para lançar as pernas para o chão, ele se contorceu e alcançou o pé da cama, soltando um pequeno gemido de prazer no instante em que a sua mão agarrou o gargalo de um dos garrafões de água. Teve que usar as duas mãos para levantá-lo. Ele se encostou contra a parede, as pernas abertas para manter o equilíbrio, e bebeu avidamente.

Uma dor de cabeça leve começou a ficar mais forte, e seus olhos pareciam estar pendurados num caule. *Melhor do que ontem mas pior do que uma merda*, pensou. Poucos minutos depois soltou uma gargalhada, cuspindo toda a água que tinha na boca em cima do dardo de luz que vinha da claraboia. As gotas de água ficaram suspensas por um instante, redondas e vazadas no foco da luz, depois desapareceram.

Daniel tentou se imaginar como uma gota de água lançada contra a luz, mas não conseguiu.

Limpando um respingo do seu queixo, ergueu o garrafão para beber mais. Estava tonto, ele notou, era quase uma vertigem — mas não desorientado. Sabia exatamente onde estava, por quê, o que tinha acontecido ontem, quem era o responsável e como poderia se vingar. Refletia se devia dar para Volta a lavagem de chili de Mott antes de escalpelá-lo vivo com uma faca cega, ou aplicar a lavagem como *coup de grace* depois que Volta estivesse esfolado. Tinha acabado de decidir-se pelo último quando se deu conta de que, se Volta tinha colocado duas doses violentas no seu café da manhã, beber aquela água era provavelmente um gesto arriscado. Entretanto, ainda estava com sede. Ele secou o garrafão todo. Quando o colocou no chão, percebeu o envelope sob a porta.

Atravessar o cômodo para apanhá-lo foi o equivalente a uma travessia do Saara. Ele o trouxe de volta à cama antes de abrir. O bilhete estava escrito com uma caligrafia caprichada.

> Espero que esteja se sentindo melhor hoje, Daniel. Também confio que você reconheça a força da necessidade. Empreendimentos extraordinários requerem meios extraordinários. Pode ter certeza de que a água não está contaminada.
>
> Suas instruções hoje são simples. De sete em sete, conte até 63 mil o mais calmamente possível, e então, sem fazer pausa, conte para trás de sete em sete até zero. Quando terminar ou errar o exercício, relaxe ou durma se quiser. Deixe a sua mente planar.

Enquanto imaginava quanto tempo levaria para contar até 63 mil de sete em sete, Daniel abriu o segundo garrafão e bebeu um gole sem temor. Ele o colocou de volta no chão, sentou na cama, fechou os olhos e começou em voz alta: “Sete, catorze, vinte e um...” Ele iniciou ligeiramente para estabelecer um ritmo e, em poucos minutos tinha passado de mil, porém ao acrescentar um mil antes de cada número, logo sua velocidade diminuiu. Sem perder a batida, começou a contar em silêncio. Aquilo fez com que acelerasse levemente, mas ainda estava lento. Em 2.401, parou de dizer os números silenciosamente e tentou visualizá-los na mente, um mostrador digital progredindo suave e rapidamente, com adições de sete. Era como deslizar no gelo enquanto os números passavam voando, e ele quase ultrapassou os 63 mil em pouquíssimo tempo.

Ele parou um momento fazendo um círculo em torno do número, então começou a contar para trás. Mas a mudança para a subtração lhe desviou do trilho. Teve que retardar o ritmo até ficar em câmera lenta antes de pegar velocidade novamente, acelerando a contagem como uma pulsação e então correndo até que virasse uma mancha. Ele sentia-se como se estivesse velejando por um túnel sem paredes. Quando passou de 490, reduziu a velocidade para saborear o retorno e depois comemorou com um grande gole de água.

Daniel estava satisfeito. Até onde aquilo lhe dizia respeito, tinha concluído o exercício eficientemente e quase sem falhar. Ele reconheceu que tinham havido alguns momentos vacilantes no dia anterior quando o tóxico fez efeito — *muito* vacilantes, na verdade — e sua recente tentativa de se

imaginar como água na luz tinha sido um pouco débil. No entanto, reações desse tipo à intoxicação sistêmica eram certamente compreensíveis, e a tentativa que tinha feito para desaparecer como uma gota de água fora ao menos uma atenta captura de uma possibilidade, um erro na direção certa. Alerta e audaciosamente decidido, suficientemente disciplinado para mover-se no latejar do instinto — esse era o espírito que Volta tinha indicado como necessário. Daniel estava quase lá. Muito perto. Ele podia senti-lo.

Ele deitou-se na cama e observou a claraboia escurecer. Quando viu o lampejo sombrio da primeira estrela no céu noturno, cruzou os braços sobre o peito e fechou os olhos.

Olhou para dentro de um laguinho circular. Um peixe dourado nadava no raso, a água tão clara, tão imóvel, que podia ver as escamas do peixe. Daniel afundou o braço dentro do laguinho e agarrou o peixe por trás das guelras. Ele o retirou da água ainda se debatendo e saiu correndo. Queria que Volta o visse antes que ele morresse. Ele escancarou a porta do abrigo esperando encontrar Volta meditando na cadeira de encosto reto. Em vez disso, era a sua mãe que estava deitada na cama, exatamente como ele estava, e ele pressentiu a nudez dela sob a manta igual a sua. Ela ignorou o peixe que estava na sua mão e perguntou a ele, sorrindo:

— Quantos lados tem um círculo? — Era uma adivinhação que ela havia lhe proposto num primeiro de abril no Quatro Duques. Ele sabia a resposta mas disse:

— Me pegou.

— Dois — disse Annalee com brilho nos olhos. — Um lado de *dentro* e um de *fora.*

Daniel lutou contra uma vontade de chorar. Ele disse:

— Essa é uma grande adivinhação vinda de uma grande mãe.

Mas ele não podia esperar pelo seu sorriso. Era preciso levar o peixe até Volta. Ele não tinha que explicar a sua pressa; ela entendia. Acenando, se lançou pela porta e saiu dentro de um cômodo duplicata, só que a sua mãe estava na cama com um homem que ele não reconheceu, se entregando a ele, suas mãos tocando seus próprios seios, as costas arqueadas de prazer. Daniel virou-se e correu para outro cômodo, este vazio, e depois, de cômodo vazio em cômodo vazio até abrir a porta e o homem sem rosto levantar a pistola e atirar na sua cabeça. A última sensação que Daniel teve foi sentir o peixe escapulir da sua mão.

Deitado na cama, ele leu as instruções do dia, as mantas amontoadas sobre o corpo. As instruções eram breves: “Conte seus ossos até eles reluzirem.”

Ele achou que se tratava do mesmo exercício que tinha aprendido com Wild Bill. Mas esse tinha um objetivo diferente: “*até des reluzirem*”. Não tinha a menor ideia do que aquilo significava. Ainda era cedo. Ele poderia dormir antes de pensar nisso.

Quando o retângulo de luz tocou a sua mão esticada, Daniel acordou. Exceto por uma insistente sede e uma fome crescente, ele sentia-se excepcionalmente lúcido. No seu trabalho com Wild Bill, Daniel tinha desenvolvido uma variedade de maneiras para fazer o exercício de contagem dos ossos. Começava com o mais simples movendo para cima a partir dos pés. Ele não contava realmente os ossos — apenas os tocava e prosseguia. Quando terminou no crânio, ele sentiu-se docemente revigorado, mas ainda estava longe de reluzir. Encontrando uma pista no exercício de contagem, ele inverteu a direção, do crânio para os pés, mas o ritmo foi alterado. Ele decidiu que eram os seus braços, tinha que movê-los para baixo e, depois, de volta para cima. Concentrando-se nos seus braços, ele pensou que talvez pudesse embaçar a inabilidade com a velocidade. Ficou melhor, mas precisava de mais força em cima. Tentou dirigir a mente para um único ponto de concentração, uma massa densa, retendo-a até começar a tremer com o esforço, então desencadeou a força acumulada que desceu pelo pescoço, pelos ombros, até cada um dos braços, convertendo-os em energia. E, em vez de dar meia-volta com a ponta dos dedos para seguir braço acima, aconteceu alguma coisa que Daniel não esperava — a energia foi projetada da extremidade dos seus dedos, descreveu um arco no espaço e retornou através das solas dos pés, disparando pelas pernas e pélvis com mais potência ainda do que no início. Temendo que o seu cérebro fosse destruído, ele então reduziu levemente a velocidade, reagrupou a força e relançou-a de volta para o circuito. A cada passagem pelos seus ossos, a potência aumentava. Quando seu crânio não conseguia mais conter a força, ele deixou a investida projetar-se para dentro da cabeça; ela deu a volta e seguiu para os dedos. Ele a dividiu em dois circuitos, depois quatro, cada novo circuito fazia a força ficar mais nítida. Inerte, pôs mais pressão até sentir como se estivesse envolvido por uma luz sedosa. Ele sentiu que seus ossos começavam a reluzir. A luz o espremeu para fora do seu corpo. Ele flutuou acima dele, observando-o com espanto à medida que coalescia num esférico diamante, a luz agora era uma chama espiralada no centro dele. Mas ele coalesceu até desmoronar de volta

dentro de si mesmo, bramindo para dentro da vacuidade. Ele sentiu uma pressão terrível sugando-o por baixo. Então virou-se e saiu correndo. Tinha que prevenir Volta. Mas o que tinha sido luz era agora água negra, um remoinho espiralando-o irresistivelmente para baixo, para o seu centro vazio.

Dentro da sucção escura, um peixe dourado brilhou à sua frente. Ele investiu contra ele. No momento em que sua mão se fechou em volta do peixe, Daniel estava correndo morro acima na direção da casa de Volta. Ele tinha que ver aquilo. Quando Daniel abriu a porta, viu a si mesmo em pé na soleira. Ele não percebeu que estava diante de um espelho até que um homem sem rosto surgisse por trás dele erguendo a pistola e atirando na sua cabeça. Daniel caiu sobre os joelhos. Sentiu o peixe saltar fora da sua mão. Muito embora soubesse que estava morto, ainda conseguia enxergar. A poça de sangue jorrando do seu ferimento espalhava-se quase como um lago à linha d'água. O peixe dourado debatia-se diante dos seus olhos. Quando alcançou a margem do seu sangue, ele endireitou-se e começou a nadar na sua direção. De repente, desapareceu nas profundezas. Daniel continuou observando, esperando que ele voltasse para a superfície. O sangue frio começou a congelar.

Daniel vestiu-se rapidamente no cômodo frio. A água estava acabando. O que ele realmente queria era um pouco de comida. Não tinha comido nada nos últimos quatro dias. Ele imaginava bolos de trigo com xarope de bordo e presunto da Virgínia, e quase desmaiou.

Daniel andou macio pelo cômodo e ajoelhou-se em frente à porta. Um minuto depois, ouviu Volta descendo a trilha, cantarolando alegremente sob a respiração. Ao se aproximar do abrigo, parou de cantarolar. Daniel esperou, imóvel. Quando a extremidade do envelope apareceu sob a porta, Daniel o apanhou rápido. No início, resmungou levemente, deixando aquilo crescer nas entranhas, subir, reter e, repentinamente, expelir um rugido e interrompê-lo imediatamente. Ele escutou. Podia ouvir Volta cantarolando enquanto remontava a trilha. *Bom*, pensou Daniel, *pelo menos ele vai ter algo no que pensar*. E acrescentou em voz alta, com pesar:

— É, por exemplo, no idiota que eu sou.

Sob a cama, aparafusado ao estrado, entre duas folhas de compensado, está um espelho. Pendure-o de modo seguro e se posicione

confortavelmente em frente a ele. Conte seus ossos até eles reluzirem, então descanse por dez minutos, até que você esteja respirando calma e regularmente. Feche os olhos e tente esvaziar a mente. Quando abrir os olhos novamente, olhe para você mesmo no espelho. Olhe profundamente dentro dos seus próprios olhos. Veja você através de você mesmo. O ponto de integração é a superfície do espelho. Quando você se encontrar com você mesmo lá, você desaparecerá.

Essas são suas instruções finais. Tente quantas vezes quiser e pelo tempo que quiser. Continuo acreditando no seu sucesso.

Enquanto Daniel se esgueirava sob a cama, estava apostando vinte contra um como o espelho era redondo. Teria perdido a aposta. Como descobriu ao soltar as porcas e remover as folhas de compensado, o espelho era retangular, aproximadamente 60cm x 1,20m, numa leve armadura de bordo. Ele o pendurou contra a parede do lado oeste e, depois de dobrar uma das mantas no chão, sentou-se a um metro de distância.

Fechando os olhos, ele imaginou o seu esqueleto. Começou a contar seus ossos, apressando o ritmo até o circuito ativar-se e a energia começar a circular através das mãos, pés, rins, coluna e crânio. Seus ossos começaram a reluzir como se a medula estivesse em chamas.

A incandescência dissolveu-se numa vaga tranquilidade. Daniel abriu os olhos e olhou para seus próprios olhos, olhando de volta. Viu o seu esqueleto estirado no fundo do lago, seus ossos tinham o preto lustroso do ébano. Ele queria ficar ali deitado para sempre, mas um rufar ressonante vindo da superfície parecia intimá-lo. Sentiu o seu esqueleto flutuar para cima, mas não chegou à tona. O lago estava congelado; os ossos de Daniel chocavam-se contra o gelo. O rufar estava quase ensurdecedor agora. As pessoas estavam batendo no gelo com pás, na esperança de que a vibração levantasse o seu corpo. Podia ouvi-los chamando um ao outro, mas o gelo abafava suas palavras. Ele tentou chamá-los, dizer a eles que estava tudo bem, ele gostava lá do fundo. Mas o gelo espesso tornava aquilo inútil.

Ele tinha começado a afundar quando Volta, calma e distintamente, disse:

— Vida.

Daniel interrompeu a sua descida e flutuou, reunindo as forças que restavam. Batendo os pés, ele voltou à superfície, sentindo a água gelada atravessando as órbitas dos seus olhos. À medida que se aproximava da superfície congelada, ele fechou sua mão direita como um punho de ossos e

golpeou o gelo, despedaçando-o num gêiser de diamantes. Seus ossos se cobriram de carne quando entraram em contato com o ar. Ele se ergueu para fora do lago através do buraco que tinha aberto. Seriamente desorientado, andou em círculos, procurando o caminho mais curto para chegar até a margem, mas a neblina obscurecia a sua vista. Sua carne parecia úmida, mas não sentia frio. Na verdade, parecia embalsamada. Ele se virou e ficou de frente para o que esperava ser o oeste e começou a andar. Não tinha dado nem três passos quando seus pés o levaram além da borda de um abismo.

Volta tinha acabado de decodificar uma longa mensagem de Jean Bluer quando ouviu Daniel berrar. Ele ficou em pé na varanda dos fundos da casa sob a luz tênue da manhã escutando com toda a atenção. Quando não ouviu mais nenhum som de Daniel, Volta deu uma olhada no relógio. Eram sete e meia. Às sete e cinquenta, um outro berro rasgou o silêncio. Volta virou-se e entrou, deixando o grito angustiado de Daniel ecoando através do Vale do Riacho dos Loureiros.

O terror de Daniel era reflexivo, poderoso e absoluto — "celular", como Volta o tinha chamado. Daniel estava aborrecido consigo mesmo por ficar surpreso. Volta tinha observado que as impressões de umidade e calor eram precursoras da queda.

Na sua segunda tentativa, Daniel não vislumbrou a presença de atrações, nem a impressão de umidade e calor. Ele encontrou consigo mesmo na superfície do espelho e imediatamente caiu. Embora assustado, Daniel conseguiu formar uma imagem de si mesmo caindo. Dava para controlar a queda com a imagem, mas o domínio era trêmulo. O som do vento planando sobre o telhado do abrigo rompeu a sua concentração.

Sua visualização estava lenta demais. Pego em movimento, em vez de antecipá-lo. Precisava saltar para o momento de transformação, reter a queda assim que ela começasse. Mas primeiro precisava descansar. Sentindo-se bem confiante, bebeu o resto da água e então cochilou por uma hora.

A terceira vez foi mágico. No instante em que se fundiu à sua imagem na superfície do espelho, Daniel se imaginou caindo com uma concentração tão poderosa e precisa que o terror, na verdade, sequer apareceu. Ele abriu os olhos.

O espelho estava vazio. Nada havia sobre a almofada feita com a manta. Espantado, Daniel levantou e atravessou o espelho, a parede, o loureiro do lado de fora. Subiu andando pela trilha, enquanto pensava: *como posso andar sem um corpo? Sem pés? Por que simplesmente não afundo dentro da terra ou começo a flutuar?* Ele não estava preocupado com aquelas questões, apenas curioso.

Volta estava sentado na varanda, tentando ler um punhado de cartas que a brisa forte de leste esvoaçava. Ele parecia estar menos interessado nas mensagens do que no abrigo.

Olhe isso, pensou Daniel, apesar de não ter certeza sobre o que iria fazer. Não que isso importasse. Ele sentia-se sereno, poderoso, invencivelmente sábio. Começou então a dissolver-se em puro prazer. Mas entendeu que esse era o perigo sobre o qual Volta o tinha advertido, mas queria sentir aquilo para sempre, queria ficar ali, derramado de prazer. Ele quase flertou demasiadamente. Com imensa concentração, imaginou o espelho, depois a sua imagem no espelho e, quando seus olhos se encontraram, a si mesmo.

O retorno de Daniel foi arrebatador. Quando cambaleou sobre o gramado, bem na frente de Volta, ele sentiu uma dor cruel, imediatamente seguida por uma investida de melancólica exaustão. Confuso, ele olhou para Volta.

Os olhos de Volta brilhavam de prazer.

— Daniel — ele o chamou, levantando-se da cadeira —, você *conseguiu.* Excelente. *Excelente!* Até que enfim, alguém com quem posso comparar as minhas observações. Entre, entre... você deve estar faminto.

ÁGUA

Caos Sensível.

NOVALIS

Em seu irrestringível estado, é da natureza da água buscar uma forma esférica. É por isso que os rios são sinuosos.

SCHWENK

GURRY DEBRITTO começou a trabalhar com a CIA quando ele tinha 12 anos de idade. Seu pai, um coronel do corpo de fuzileiros, serviu como oficial intermediário da CIA. Quando eles precisaram de um garoto para se passar por filho de uma agente, o coronel sugeriu Gurry.

Gurry treinou durante todo o inverno em Norfolk com Claudia Lord, a agente que iria se passar por uma amargurada viúva de guerra e secretária do Departamento de Defesa com uma criança para criar e algumas informações para vender. Eles esperavam pegar um agente russo.

Isso aconteceu num hotel em Baltimore. Claudia se atrapalhou sacando seu revólver. Mal soltou a tranca da arma, o russo atirou nela. Ele avançou rapidamente enquanto ela caía no chão e atirou novamente nela para não ter dúvidas. Então virou-se para Gurry e puxou o gatilho, mas Gurry tinha se atirado sob o corpo de Claudia e a bala passou de raspão na sua cabeça. Gurry apanhou o revólver de Claudia e saiu rolando enquanto três outras balas arrancavam nacos do tapete. Quando o russo se precipitou em direção à porta, Gurry ajoelhou-se, a arma bem segura nas duas mãos. Ele atirou no pescoço do russo. Ouvindo as histórias de guerra do seu pai, ele tinha imaginado como devia ser matar alguém. Agora ele sabia. Era ótimo.

Com a bênção de seu pai, a CIA empregou-o com salário. O seu treinamento foi completo, seus professores os melhores. Aos 16 anos, desempenhou sua primeira ação sozinho, um repórter de Dayton estava a ponto de revelar más notícias sobre movimentos de capital nas ilhas Cayman — embora Gurry não se importasse com as razões. Mas quando estava com vinte anos, ele se perguntou por que estava matando gente para uma estúpida burocracia que começava a desprezar para ganhar a bagatela mensal de US$16.

Gurry declarou-se independente. A agência afavelmente concordou que ele partisse, mandando dois homens para matá-lo. Quando os dois corpos foram achados mumificados com fita vermelha no fundo de um terreno baldio a dois quarteirões da casa do diretor, foi negociado um armistício: Gurry continuaria a desempenhar tarefas especiais por um salário razoável, porém poderia aceitar ou rejeitar as tarefas como desejasse.

O serviço de Gurry Debritto não se limitava a assassinatos — ele fazia também trabalhos de segurança e demolição em geral —, mas assassinato, dizia ele frequentemente, era a sua maior jogada. Seus honorários aumentavam na proporção direta da séria lenda que ele se tornava. O máximo que recebeu foram vinte milhões de dólares para envenenar Jack Ruby. O mínimo foram vinte mil para assassinar Annalee Pearse. Esse último lance ainda o perturbava. Não foi sua culpa se havia saído errado.

— Estamos bêbados no Motel Seis, em Stockton, Califórnia. Você não encontrou a senhorita Arco-íris Raio Lunar Brigitte Bardot V, ou seja qual for a porra do nome dela, mas nós já sabemos o bastante, não sabemos? Outras pessoas na festa disseram que ela reapareceu mais tarde, de madrugada, dizendo — esse era o tipo de coisa que as pessoas se lembravam — "Acabei de dar uma volta na esquina até a Nebulosa de Órion e chupei o pau de um garoto até secar o seu crânio." Esse garoto devia ser Daniel, e sabemos que ele deve ter dito a ela — se vangloriando, provavelmente — sobre Livermore. Ou talvez ela lhe tenha dado alguma droga. Ou encontrado alguma coisa na casa. Ou o convencido de que era errado e ele devia chamar a polícia. Mas talvez ele tenha chamado Volta. Annalee disse que eles tinham lhe dado um número de telefone se acaso nos vissem. Mas não precisamos de todas as peças para resolver o quebra-cabeça. Podemos *sentir* a verdade. Podemos *sentir* o medo e o ódio de Daniel, a frieza de Volta, o toque neutro. Você estava certa ao me aconselhar a fazer essa investigação independente, certa ao perceber a dissimulação deles. Volta é brilhante. Sugerir — depois de adestrar Daniel — que não tinha sido um acidente. A melhor mentira é sempre a verdade. Nós o merecemos.

Shamus Malloy estava conversando com a sua mão terrivelmente queimada. Agora, ele sempre retirava a luva branca quando estavam sozinhos. Ele tinha o polegar enfiado sob o indicador e o dedo médio, fazendo uma abertura como uma boca. Acima dela, na junção do indicador com a mão, respingos dispersos da prata derretida haviam deixado o tecido cicatrizado parecendo dois olhos vazios. Shamus olhou dentro deles.

Você tem que me ajudar. O que devemos fazer, agora? O que devemos fazer quanto a Daniel e Volta?

Sua mão disse:

Destruí-los.

Transcrição:
Denis Joyner, Rádio Móvel AMO

Hora de ir até o fim da linha. Você sintonizou o DJ, a Descarga Já, ligado para disparar alguma seiva no seu ouvido, e se sintonizou o DJ, saiba que você está na porra da ráaa-di-ooou rolante, tão certo como dois e dois são cinco, e onde você está é onde ela está, e quem eu sou é um mistério para mim também.

Vamos dilapidar essa onda até chegar a uma conclusão ilógica. Quero dizer, *que que há gente!* Por que vocês estão me inundando com cartões e cartas perguntando. “E aí, quem é você, o que está acontecendo, e isso é real e, uauu, quem paga pela sua folia e onde posso conseguir algum?” Perguntando, “Qual é o *verdadeiro* significado de DJ?” Perguntando. “O que significa tudo isso?”

Meus assessores de marketing devem estar tomando drogas. Devem pensar que demografia é alguma espécie de auxílio visual. *Quem* sou eu? Ei, *quem* é você? Quem somos nós, já que estamos virando a mesa juntos? Por que é sábio questionar todas as respostas e é estúpido responder todas as questões? Encare isso: Algumas vezes se tem que implorar por uma resposta. Quero dizer, se ajoelhar realmente e implorar até que o coração comece a secar.

Mas, amigos e conterrâneos, da noite extraordinária, vocês não têm que me implorar. Respostas que não conheço são minha especialidade. Então deixem-me pegar suas questões do começo:

Meu verdadeiro nome é Doe John. Nasci de uma prole cigana e o movimento é o meu lar. Eu sou a Voz do Obscuro e o Fôlego da Música. Aguenta aí, querida. Estou com a mão na massa e não demorarei muito.

Tudo está caindo, a menos que esteja subindo ou tenha assinado um contrato de curto prazo com o equilíbrio.

Isso é real e é certo. Uma porra de uma história verdadeira, amigos. Podem apostar com as duas mãos.

Quando vocês perdem a aposta, a AMO manda força na minha direção, me mantendo no ar como uma faixa de utilidade pública alternativa para os terrivelmente entediados e seriamente loucos. Com o decorrer do tempo, eu sairei do seu bolso quando estiver dormindo e contarei todas as boas maneiras de ser mau.

DJ significa *disc jockey*, já que estou rodando como vocês, e imagino que teremos que descobrir por nós mesmos onde isso vai parar. Se parar. Se está mesmo se movendo, para começar. Porque se desejos fossem asas estaríamos todos voando, e se creme fosse manteiga não teríamos que usar a batedeira.

Não significa porra nenhuma.

Revolva isso.

E, da próxima vez, me mandem umas mais difíceis.

Este foi o Doido Juramentado sussurrando doces inutilidades no seu ouvido.

Três dias após a sua primeira desaparição, Daniel entrou para tomar o café da manhã, sentou-se, endireitou os ombros, fechou os olhos e, instantaneamente, desapareceu.

Volta, que estava cortando tomate e ervas para o seu renomado *huevos rancheros*, colocou a faca sobre a tábua de corte e aplaudiu, murmurando:

— Bravo. — Depois voltou à sua tarefa.

Ele estava ciente da presença de Daniel mas tentou ignorá-la totalmente. Ficou feliz por livrar-se dele, mesmo que por poucos instantes. Desde o momento em que reapareceu, tropeçando ao lado da varanda, Daniel tinha enchido Volta com perguntas. A única que ele pôde responder foi a primeira.

— Onde você colocou o tóxico, no bolo de trigo ou no presunto?

— Daniel! Tenho orgulho dos meus bolos de trigo, e nunca insultaria o presunto de Tick Hathaway.

— Onde?

Volta não sabia dizer se Daniel estava inquirindo ou protestando.

— Eu o injetei na maçã, na sua porção de salada de frutas. Estava com espírito cristão.

— *O quê?* Cristão?

— A Árvore da Sabedoria. Fruto proibido. Tentação e Queda, por aí. Alguns gostos são elevados; outros nos deixam doentes.

— O que é doentio — disse Daniel arfando — é dopar alguém. E o que é realmente doentio é misturar isso com excitante.

— Ofereci a desculpa da necessidade. Posso apenas repeti-la. E, por favor, não era *tóxico.* Era um vírus desenvolvido por Charmaine após semanas de intenso trabalho.

— Ela me odeia — disse Daniel.

Volta notou com surpresa seu tom desconsolado.

— Não, ela não o odeia. Ela o recomenda muito, por falar nisso; e como, sem dúvida, você percebeu, ela é extremamente consciente e incrivelmente perspicaz.

Daniel sacudiu obstinadamente a cabeça.

Depois dessa primeira pergunta, Volta não teve mais respostas seguras. Essa insegurança parecia provocar em Daniel uma saraivada de outras perguntas, como se as respostas aguardassem simplesmente a indagação correta.

— Por que as roupas desaparecem com você? E seu conteúdo? Por que elas simplesmente não caem pelo chão?

— Não sei — replicou Volta, pacientemente, uma réplica que ele repetiria com frequência. — Só posso dizer, baseado na minha limitada experiência, que qualquer coisa em íntima conexão com o seu campo de força por mais de trinta ou quarenta horas desaparecerá com você e reaparecerá quando você também o fizer... dependendo da energia do seu próprio campo de força e de sua harmonia com o seu próprio campo.

— O que você quer dizer exatamente com *campo de força*? Seu corpo?

— Daniel, posso apenas especular. Penso nisso como a soma da vitalidade: carne, alma, espírito ou qualquer outra coisa que você considere um constituinte do ser.

— Espere um pouco. Vamos dar exemplos práticos. Digamos que o meu canivete desapareça comigo e eu ande até lá fora, coloque-o sobre uma pedra e então volte para dentro e reapareça, o canivete ainda estará no meu bolso?

— Não. Não na minha experiência. Ele reapareceria sobre a pedra, exatamente onde você o deixou.

— Por quê? Ele não estaria mais dentro do meu campo de força?

— Não sei. Talvez haja algum princípio de exclusividade dimensional ou campal. Ou, como Smiling Jack gosta de dizer: “Não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo se não se está em lugar nenhum.”

— Espere um minuto. Como você pode ver? Você não tem olhos. Como você pode ouvir se os seus ouvidos desapareceram? Isso simplesmente não faz sentido.

— É por isso que é impossível, Daniel. Se o impossível fizesse sentido não seria impossível. Garanto-lhe que fiz longas e sérias investigações... discretamente, é claro... dos físicos até os xamãs. A única conclusão entre aquelas poucas que *acolhiam* essa noção foi que a integridade sensorial não é

limitada à existência somática. Pense nisso dessa maneira: você por pouco tempo se transforma no seu fantasma.

— Não acredito em fantasmas.

— Não diga isso para mim. Diga ao seu fantasma.

— Tudo bem, tudo bem. Então o que você está dizendo é que o eu físico transforma-se em espírito.

— Não sei. O que estou sugerindo, se é que estou sugerindo algo, é que nascemos para nos espantar.

— Mas, eu me pergunto... — e Daniel ricocheteava numa nova série de perguntas.

Para se poupar, Volta acrescentou outras quatro horas de meditação solitária ao programa diário de pós-graduação de Daniel. Não fazia diferença. Ainda havia tantas perguntas quanto antes; Daniel apenas as fazia mais rapidamente.

— Por que você experimentou o êxtase como uma contração, ao passo que eu o senti como expansão?

— Não sei. Talvez estivéssemos experimentando coisas diferentes, ou a mesma coisa de modo diferente.

— E é por isso que eu não atravessei aquela quieta e vazia sensação de suspensão do tempo que você atravessou quando desapareceu?

— Acho que sim.

— Mas algumas das coisas que nós experimentamos eram as mesmas. Por que algumas são comuns, outras não?

— Não sei. Para tornar isso mais interessante?

Mas a reversão interrogativa não funcionou.

Daniel ignorou a pergunta e avançou com as suas próprias até que Volta disse incisivamente:

— Daniel, pergunte a você mesmo. Você sabe tanto quanto eu a respeito disso, e não tenho dúvidas de que você logo vai ultrapassar meus escassos conhecimentos.

Volta limpou a tábua de corte. Daniel havia desaparecido por muito mais tempo que o seu programa estipulava. Volta resistiu ao impulso de verificar no relógio. Daniel estava além dele. Ele deve simplesmente ter imaginado um espelho, dando um salto que Volta nunca tinha considerado. Aquilo não o surpreendia, pois ele percebera desde o início que Daniel queria ultrapassar os limites. Assim Daniel tinha demonstrado disciplina e respeito, porém a sua paixão para entender o que era essencialmente um mistério poderia

facilmente transformar-se em obsessão, e isso preocupava Volta. Enquanto quebrava os ovos, decidiu renunciar à sua posição junto à Estrela. Ele estava exausto de constantes decisões, exausto de perguntas que não podia responder ou que já havia respondido muitas vezes. Se eles roubassem o Diamante, encontraria o que perseguia. Então poderia passar o restante dos seus anos observando o vento soprar, visitando os amigos, cuidando do jardim, saboreando uma xícara de chá à tarde, em pé no centro do Diamante.

Volta deu uma olhada no relógio. A serenidade ia ter que esperar. Daniel tinha desaparecido 15 minutos atrás, claramente ignorando a sugestão de Volta, que limitava a desaparição a menos de dez minutos. Ele tentou pressentir a presença de Daniel dentro do cômodo. Ele sentiu, apenas vagamente, que Daniel ainda estava à mesa. Bem no momento em que Volta estava prestes a abandonar a indiferença e berrar para que ele retornasse, Daniel reapareceu, ainda sentado ao lado da mesa. Não havia nele nenhum sinal de desorientação. Seu sorriso triunfante era quase indecente.

— Perdoe as teatralidades — disse Daniel. — Estive perto de você por muito tempo.

— É verdade — comentou Volta, com a garganta apertada. Podia sentir a ansiedade desmoronar através do alívio e virar raiva. A raiva era inútil.

— Nada mal para um iniciante, você não acha? — Já que Volta não disse nada, Daniel acrescentou: — Está tudo na imaginação, e num milhão de espelhos.

Volta andou na direção de Daniel.

— Não, não está — acrescentou ele com a voz regular. Antes que Daniel pudesse reagir, Volta lhe acertou um tapa no rosto. — Isso é uma dança, e é melhor você tomar cuidado com os seus passos ou cairá através de um daqueles espelhos.

Daniel tocou a face dormente e levantou os olhos na direção dos de Volta.

— Vai se foder — xingou.

Volta lançou outro tapa, mas a sua mão aberta não acertou em nada. Daniel tinha desaparecido.

Imediatamente, mas sem aparente urgência, Volta foi até o centro da cozinha. Arregaçou as mangas da sua camisa de brim desbotada e aguardou, tentando pressentir onde estava Daniel. Antes que conseguisse reunir a sua atenção no ponto necessário, Daniel apareceu atrás dele, fechando suas mãos em torno do pescoço de Volta, forçando a sua cabeça para baixo,

praticamente imobilizando-o. Aplicando apenas um pouco de pressão para enfatizar, Daniel grunhiu:

— Ora, ora... *imagine* só. Quero dizer, quem teria *imaginado* a *possibilidade*, ou sequer *imaginado* que isso chegaria a esse ponto? Você *imagina* que eu aceitarei as suas desculpas?

Volta começou a rir. Daniel aumentou a pressão mas começou a rir também e afrouxou levemente o golpe. Assim que a pressão foi relaxada, Volta lançou seus braços para cima e deu com o corpo um tranco para trás, soltando-se elegantemente e tirando o equilíbrio de Daniel. Antes que Daniel pudesse reagir, Volta fez surgir um baralho e o lançou na cara de Daniel, que instintivamente ergueu seus braços para proteger os olhos.

— Combate darma! — gritou Volta, alegremente. — Verdadeira mágica! — Ele fez cócegas sobre as costelas expostas de Daniel.

Daniel abaixou os cotovelos para reter as mãos de Volta, simultaneamente colocando-se numa posição de pontapé na tíbia de Tao Do Chaung. Volta conseguiu escapar e lançou um pó arenoso e acinzentado no rosto de Daniel que o cegou instantaneamente, deixando a sua fronte em brasa. Limpando o rosto, Daniel cambaleou sem amparo enquanto Volta o seguia de perto, quase berrando:

— Está tudo realmente na imaginação? Vamos, isso é de *verdade*? — Ele marcou o tempo de suas palavras entre os espirros convulsivos de Daniel mas, sentindo pouco prazer com o desconforto de Daniel, pôs a mão no seu ombro e o conduziu até a pia. — Você venceu, Daniel. — Ele empurrou delicadamente a cabeça de Daniel para baixo, de modo que ele pudesse enxaguar os olhos.

Daniel balbuciou:

— Invejoso.

— Errado — replicou Volta com a voz macia, mas com tamanha convicção, que Daniel se calou e entregou-se à água reconfortante. Volta deu-lhe uns tapinhas nas costas. — Não quero que você faça cara feia por causa disso. Cumprimento as suas habilidades, mas não serei insultado ou degradado. Temos trabalho importante para fazermos juntos. Obviamente, mérito seu, você ultrapassou minhas habilidades de desaparição, tendo feito em uma semana o que levei anos para conseguir. Admito que você possa ter dom para isso. De qualquer maneira, sou responsável por partilhar o segredo, e não teria aceito essa responsabilidade se não tivesse achado que você me conferiria alguns direitos sobre esse assunto, algum controle, algum respeito.

Ele parou de bater levemente nas suas costas e inclinou-se para sussurrar no seu ouvido molhado:

— Posso sentir a sua fome, Daniel. Posso sentir o quanto você quer se soltar. Sinto isso também. Expandir-se, contrair-se... não faz nenhuma diferença. Desaparecer não é a saída. Não há *saída,* Daniel, não há escapada surpreendente e final. Essa é a fria e mágica verdade.

Daniel concordou quase imperceptivelmente.

— Ótimo — concluiu Volta. Ele fez uma breve pausa, a mão ainda repousada sobre os ombros de Daniel. — E não me pergunte mais nada hoje. Exerça o seu direito de permanecer calado. Se o roubo não der certo, você pode precisar disso.

Enquanto comia os *huevos rancheros,* Volta fez um resumo para Daniel das transmissões de rádio da noite precedente que diziam respeito ao Diamante.

— As únicas novidades de ontem à noite são que nós podemos esperar verdadeiras novidades para hoje de manhã. Sabemos que o Diamante está no Novo México, provavelmente nos campos de provas de White Sands... ou esse é o meu palpite.

— Sem progresso — traduziu Daniel.

— Se eu estiver lendo corretamente nas entrelinhas, isso significa que alguém está bem perto. Provavelmente, Jean ou Ellison Deeds. Acho que você nunca encontrou Ellison, mas ele é tão completo quanto Jean por seus próprios méritos. A paciência é crucial, Daniel. Você está conosco há tempo suficiente para saber o quanto valorizamos informações de qualidade. Na falta de revólveres em abundância, o serviço secreto é nossa maior arma. E, como tenho certeza que você concorda, quanto mais perto da fonte, mais confiável é a informação. Se não concorda, devia... sua vida pode depender disso.

— Eu não disse que falta de progresso era uma coisa insatisfatória — disse Daniel, um tanto pedante no seu tom de voz, com os cabelos encharcados e os olhos vermelhos, o que lhe dava uma aparência de uma gárgula semiafogada ao final de uma noite de farra e drogas.

Volta concordou, satisfeito que Daniel, mesmo com um pouco de impertinência, parecia disposto a considerar a recente colisão como um modo de esclarecimento.

— Estamos justamente num desses planaltos — observou Volta. — Afinal de contas, nós descobrimos onde ele está, embora não com exatidão... White Sands é uma grande instalação. Mas o local exato e as providências de segurança surgirão provavelmente como uma brecha única, portanto, tudo pode fundir-se muito rapidamente.

— Você disse que White Sands era um campo de teste militar para bombas e outras armas, certo?

— Correto.

— Você acha que eles usam energia nuclear nele?

— Quem sabe? Um governo nacional é um bem ruim, mas esta administração é a maior coleção de salafrários e degenerados na história recente, talvez de todos os tempos. Eu não consigo sequer imaginar o que eles possam vir a fazer. De qualquer modo, não estou convencido de que eles possam destruí-lo, mesmo com dispositivos nucleares.

— Você ainda acha que é o diamante que estava na sua visão?

— Espero que sim — disse Volta, notando que Daniel tinha substituído questões diretas por asserções experimentais.

— Bom, *você* quer ver pelos seus próprios motivos. Poderia parecer que está sendo ganancioso também.

Volta sorriu.

— Claro que estou sendo ganancioso, mas a minha ganância é pura: quero vê-lo, não possuí-lo. Acho que não é uma verdadeira ganância se você acha que ninguém deve possuí-lo, incluindo você mesmo.

— Você devia se candidatar a presidente — sugeriu Daniel.

— Já sou um presidente de algum modo, e servir à Estrela parece ter exaurido minha ambição assim como a minha energia.

— Isso ainda lhe deixa a sua sabedoria e o seu carisma. — Daniel sorriu vagamente, erguendo uma garfada encharcada de molho de *huevos rancheros* em saudação.

— Ainda por cima, sei cozinhar — disse Volta.

E, exatamente naquele momento, um solo de gaita começou a tocar os acordes de abertura de *Amazing Grace.*

Daniel abaixou lentamente o seu garfo até o prato.

— Como você fez isso?

— Não o fiz. A coincidência o fez. É um sinal de que uma transmissão EU, Essencial e Urgente, seguirá dentro de quinze minutos. Por que você não

deixa a louça de lado e vem até o estábulo comigo, você não viu o centro de comunicações ainda, e essa é a informação que estamos esperando.

Enquanto uma voz monótona recitava letras e números em grupos de três — "A-O-sete — Nove-Duplo L — Z-um-quatro" — Volta os anotava. Daniel percebeu que Volta estava gravando a mensagem, ou pelo menos o botão de *gravação* estava apertado no painel do equipamento acoplado ao rádio. "B-oito-N — G-O-nove — I-dois-zero..." O código fascinou Daniel. Parecia um bingo com mescalina.

Quando a voz transformou-se num zumbido, Daniel deu uma olhada em volta do estábulo, cuja metade aproximadamente era um centro de comunicação — fones, rádio CB[9], rádios de ondas curtas, gravadores, dois terminais de computador, uma fila de armários de arquivo trancados e uma longa mesa de trabalho. Uma enorme banca de baterias de níquel-cádmio carregadas de energia solar alinhava-se ao lado da parede mais afastada.

A transmissão foi abruptamente interrompida, e Volta enviou uma resposta breve, também em código. Quando ele desligou o sistema de ondas curtas, o gravador parou.

— Isso deve ser um canal secreto — disse Daniel, evitando uma pergunta direta.

— Não — disse Volta —, nós usamos frequências legais: de vinte e um mil a vinte e seis mil quatrocentos e cinquenta megahertz durante o dia, e de sete mil a sete mil e trezentos à noite. A CIA possui esquadrinhadores computadorizados que monitoram frequências sem autorização. Se ela pegar um sinal ilegal, facilmente poderá triangular o ponto de origem.

— Mas se for numa frequência legal, qualquer um pode escutar.

Volta deu com os ombros.

— Deixa escutarem. Tudo que vão ouvir é o código, e códigos são muito comuns no ar... contrabandistas, criptógrafos amadores, grupos paramilitares. Nós utilizamos o que é conhecido como código de cifras alternadas, o que significa que ele alterna de um conjunto de código para outro... utilizamos nove... em intervalos que também podem ser alterados. É extremamente difícil decifrá-lo através de métodos de frequência recorrente. Utilizamos um conjunto de nove por um ano e, pelo que sabemos, nunca fomos decifrados ou comprometidos. E, além disso, a faixa que usamos tem mais de mil frequências disponíveis. Então, primeiro alguém teria que achá-la, monitorá-la continuamente, e só depois violar o código. E eles podem ainda não entender a mensagem. Olhe aqui, vou mostrar para você.

Daniel observou enquanto Volta transcrevia: OBJEX TRINTA X CHOCOLATE C TRITURAR ZERO BRIL PREXTRA CE AQUORA XTR CBR 1BLT P IR CECIL.

— Não peguei tudo, mas acho que peguei a parte mais importante.

Volta o leu em voz alta, explicando as abreviações:

— O objeto é um diamante de trinta mil quilates, C Triturar é carvão triturado, um zero quer dizer redondo ou, no nosso caso, uma esfera. Essa é uma que brilha. De qualquer modo, PREXTRA é nossa expressão padronizada para 'proteção extraordinária', portanto eu devo ir até lá conferir: "Você aqui agora". XTR é também o padrão usado para maiores informações, normalmente nada mais do que onde se encontrar, disponíveis através da estação CBR, o que pode agradá-lo saber que é *Cidade do Baton Rouge*. E, basicamente, isso é tudo.

— E quanto a "Um BLT para ir Cecil"?

— Essa é a assinatura de Smiling Jack. No caso improvável do código ser violado, uma frase de assinatura torna muito mais difícil para o violador transmitir desinformações para nós. Todo mundo tem uma frase de assinatura; os nomes são nulos, bobos. Então uma transmissão com um nome mas, sem frase de assinatura, indica que o código foi de algum modo comprometido. Ainda assim, seria provavelmente prudente trocá-lo por um novo conjunto para este projeto. Estamos usando esse conjunto há quase onze meses. Eu detestaria ter que fazer modificações numa conjuntura complicada como esta, já que se leva algum tempo para adquirir fluência num conjunto novo.

— Eu não entendo você — disse Daniel. — Você acabou de obter a confirmação de que *é* um diamante esférico que brilha, exatamente como na sua visão. Bem na mosca. Você devia estar satisfeito, ou agradecido, ou pelo menos um pouco feliz.

— Eu estou — disse Volta. — E estou também preocupado.

— Por quê?

— Porque quando as minhas visões não são confirmadas, tenho que tomar decisões, as certas, eu espero. E quando temos que ter esperança, devemos ficar preocupados.

— O que é que você tem que decidir agora mesmo que não pode esperar por alguns minutos de satisfação?

— Se deixo você aqui para praticar sozinho, ou se o levo até o Novo México para a reunião.

— Leve-me. Posso praticar em qualquer lugar.

— Até agora, somente uma outra pessoa sabe que você estará envolvido: Smiling Jack. Se você participar da reunião, seis outras pessoas saberão.

— Mas elas são de confiança, certo?

— Daniel, não se trata do conhecimento disso estar em segurança com eles, mas deles estarem em segurança com o conhecimento disso. — Volta fez uma pausa e então acrescentou mais vigorosamente: — Dá para você *entender* que os federais vão querer recuperá-lo?

— Eu não estou insistindo nisso.

— Você fica — decidiu Volta. — Vou levar o caminhão, portanto você ficará sem carro. A menos, é claro, que consiga imaginar um. Agora, se você me fizer o favor de ir cuidar daquela cozinha, eu vou enviar algumas mensagens sobre o trajeto e preparar as minhas coisas.

Daniel estava enxaguando a pia quando Volta o chamou na sala. Ele estava em pé perto da porta, olhando para si mesmo no espelho com moldura de carvalho sob o relógio de cuco. Um anarquista búlgaro tinha-lhe dado o relógio por tê-lo ajudado durante uma estada ilegal nos Estados Unidos. Era incrivelmente pontual, mas o cuco aparecia aleatoriamente.

Daniel pensou que Volta referia-se ao cuco quando disse:

— Eu devia ter lhe avisado antes sobre isso. — Mas ele pôs o espelho para baixo, bateu levemente na cabeça do prego como se fosse um telégrafo e então o puxou para fora e para cima, levantando um painel envernizado da parede. O painel tinha aproximadamente a metade do tamanho do espelho que o dissimulava. Havia um cofre estreito atrás do painel.

Daniel nunca tinha visto um cofre tão franzino, um metro e meio de largura por trinta centímetros de altura. Tampouco parecia ter uma fechadura.

— Para que serve um cofre sem fechadura?

— A fechadura está no lado de dentro.

— Bem, isso é certamente uma abordagem provocativa à segurança.

Volta abriu a porta do cofre e retirou uma pequena caixa cúbica preta com uma antena curta instalada de um lado.

Volta a ergueu para que Daniel a inspecionasse.

— A fechadura. Uma latinha de gás asfixiante controlado por rádio. Você notou que eu bati levemente no prego. Estava enviando uma sequência de rádio codificada para desativá-la; senão ela dispara automaticamente quando a porta se abre. Gatilho solar. Dispara sob o mais tênue sinal de luz. O gás

não é letal, mas é instantaneamente paralisante e, em comparação, faz o seu último acesso de gripe parecer um cruzeiro pelo mar do Taiti.

— *Outro* preparado da tia Charmaine lá no seu *bunker* de concreto? — disse Daniel com desgosto.

Ah-ah, pensou Volta, *Charmaine realmente fisgou Daniel.* Aquilo não o surpreendeu. Charmaine era capaz de fazer você sentir como se ela o conhecesse melhor do que você mesmo jamais se conheceria, um sentimento que ao mesmo tempo atraía e repelia. Assentindo tanto a si mesmo como à pergunta de Daniel, Volta disse:

— É. Charmaine. Mas espero que você saiba que o gênio de Charmaine para associações sinergéticas vai muito além das simples poções.

— Mas provavelmente inclui também aquele pó que você atirou no meu rosto hoje de manhã.

— Não, os créditos são meus quanto a isso. É a casca mais profunda de uma das espécies de pimenteira peruana que é secada até virar um pergaminho, e depois finamente moída.

— Mas, afinal, de onde vieram isso e as cartas? Eu o vi arregaçar as mangas.

— Não se esqueça, Daniel, eu sou um mágico. Quando um mágico arregaça as suas mangas, isso deveria levantar as suas suspeitas, não adormecê-las.

— Prestarei atenção nisso.

— Faça-o. — Volta retirou três caixas de plástico pretas de uma estante dentro do cofre.

— Você não confia em mim sozinho com as joias da família?

— Na verdade, duas caixas são os cristais da família... os usamos para modificar nossos rádios CB. A outra é uma transmissão gravada para Ellison de um grupo no Canadá.

— Que tipo de transmissão?

— Confidencial.

— Para mim, mas não para Ellison.

— Você não foi incluído na confidência.

— Sei.

Volta fechou a porta do cofre e virou-se para Daniel.

— Eu honro a confidência. Algumas vezes parece ingênuo, dada a informação. Algumas vezes é literalmente uma tortura, não fisicamente, ou pelo menos, não ainda, mas de corpo e alma. Porém não podemos viver sem

os segredos e as certezas que os sustentam. Você me pediu que a sua habilidade para desaparecer fosse mantida em segredo. Assim o será. Nossos amigos canadenses pediram que sua informação fosse mantida confidencial. Assim o será. Como poderia ser possível você pensar que eu guardasse o seu segredo se eu traísse o deles?

— Não esperava isso, realmente. Desde que comecei a desaparecer, parece que eu quero saber tudo o que está acontecendo, e agir contra o que é esperado. De uma maneira estranha, isso me deixou divertidamente impulsivo.

— É o que pensei que podia estar acontecendo — revelou Volta. — Mas você tem sorte. Suas reações... curiosidade, perversidade e palermice... são muito mais suaves que as minhas, que eram acessos de morbidez e dúvidas torturantes.

— Uma outra diferença.

— É. Você é inocente e eu sou experiente.

— Hoje de manhã éramos iguais.

— E assim o somos. E assim são a inocência e a experiência. Como o são espaço e tempo. Porém, por mais que me agradem nossas conversinhas metafísicas, é preciso que eu saia para explorar possibilidades para aplicação prática em circunstâncias fora do nosso controle.

— E eu fico aqui, trabalhando para aprimorar nosso controle e as possibilidades para aplicação imaginativa. Alguma instrução?

— Ande até o rio lá embaixo e volte toda manhã — recomendou.

Daniel esperou por um momento antes de perguntar.

— Isso é tudo?

— Sim. Além disso, proceda como você achar sensato ou como desejar, ou qualquer combinação a partir daí. Você assume a responsabilidade agora. Depende de você conseguir ou falhar. Apenas não confunda suas habilidades com a verdade. Não se preocupe com as transmissões recebidas; elas serão transportadas de volta. Estarei retornando dentro de uma semana. Não se enfureça. Não iluda a si mesmo. Nós precisamos de você.

Volta dirigiu lentamente descendo a montanha. Freddie Ruivo, decolando de Big Sur, não chegaria no campo de pouso antes do anoitecer. Volta tinha saído cedo para se afastar de Daniel, dos rádios e de seu próprio enfado. Seu plano era aguardar à margem do rio, ao lado da pista de aterrissagem. Apenas

se sentar ao sol e vê-lo correr. A convocação no Novo México significava que tudo começaria a se movimentar rapidamente. Não achava que Daniel estivesse pronto e não tinha certeza de que ele tampouco estivesse. Esperava que a caminhada diária de ida e volta a Norte Fork pudesse acalmar Daniel. Ele estava demasiadamente fascinado pelo poder da desaparição. Certamente, parecia ter o dom para isso, embora nem sempre tivesse o entendimento necessário. Era esse o problema com a juventude: poder sem sentido. E Daniel ainda não confiava nele. Volta sorriu ao volante. Daniel confiaria menos ainda se soubesse que a lata de gás asfixiante era na verdade uma das esculturas de polirresina de Mott do seu período Cubismo Verdadeiro, um presente de aniversário de dez anos atrás. Mas esse era o lado bom da juventude: a ingenuidade.

Eram duas horas de íngreme descida até Norte Fork e quatro horas de árdua escalada para voltar. Daniel esperava ver o rio deslizando suavemente e luminoso sobre a planície, em vez disso, cheio com o escoamento do final do inverno, ele vociferava para passar através de uma garganta estreita repleta de rochedos. O rugido da água escura era tão alto que ele não ouviu o urso movendo-se ruidosamente através dos frágeis salgueiros na sua direção. Felizmente, ele o viu. Daniel apanhou um pedaço de madeira que flutuava na beira do rio e jogou nele, desaparecendo no mesmo instante. Movendo-se para trás dos salgueiros, ele reapareceu e ficou observando. O urso estava imóvel, espiando o pedaço de madeira que Daniel tinha atirado contra ele, ocasionalmente retorcendo o nariz para cheirá-lo de uma extremidade à outra. Ele o tocou com a pata. Vendo que aquilo não pulava em cima dele, ele o apanhou com as mandíbulas. Daniel surpreendeu-se quando o urso desceu até a margem do rio e, com gestos quase delicados, soltou-o na correnteza.

Ir até o rio toda manhã era a parte favorita do programa que Daniel tinha planejado para si mesmo. A comida vinha logo em seguida. O ar puro e os exercícios, juntos com a total recuperação da gripe de Charmaine, liberavam uma tremenda fome. Ele tomava um farto café da manhã antes da alvorada e depois seguia para o rio. Quando retornava, ao meio-dia, levava pelo menos duas horas para preparar e devorar o almoço. Das duas às cinco ele lia os livros da pequena mas excelente biblioteca de Volta, seguindo-se três horas de jantar. Isso deixava o período das oito às nove para praticar a desaparição. Ele não tinha certeza se era por perversidade ou respeito, mas seguia o

programa de Volta, desaparecendo uma vez por dia, cada dia adicionando mais um minuto. Fazia-o com uma facilidade que logo tornou-se entediante. Embora Volta não parecesse excessivamente impressionado, Daniel sentia que tinha achado o segredo — imaginando-se invisível, recriando seu estado de espírito, ultrapassando o espelho, a queda, o medo, saltando o muro, em vez de perfurá-lo. Se não tivesse que lutar para atravessá-lo, a energia poupada poderia ser usada para manter a sua permanência na invisibilidade. Daniel estava confiante de que poderia desaparecer facilmente durante uma hora. Os vinte minutos que ele tinha feito para impressionar Volta não tinham sequer lhe esgotado.

Pular fora.

Pular de volta.

Simples.

Retornando da sua sétima caminhada até o rio, imaginando quanto tempo mais Volta ficaria ausente, Daniel avistou um veado enorme pastando numa clareira do outro lado da ravina. Era o maior veado que já vira. Sua intuição lhe dizia que era um cervo, mas ele não via nenhum chifre. Ele movia-se como um cervo. Desapontado, lembrou-se que estava no final de março e, com a mudança de chifres do meio do inverno, eles estariam apenas começando a crescer novamente. Ele decidiu olhar de perto. O espaço entre eles estava coberto de arbustos, mas não eram obstáculos para aqueles que tinham poderes. Daniel desapareceu e, em vez de andar através deles, eles andaram através de Daniel.

O cheiro de Daniel tinha evidentemente desaparecido com ele, pois o veado continuava a pastar, aparentemente distraído, quando ele se aproximou. Daniel percebeu os calombos intumecidos e aveludados onde estavam se formando os novos chifres e cumprimentou a sua intuição. Ele pensou: *se não fosse por outra coisa, essa invisibilidade permite que se chegue perto, deixa que você veja o mundo sem a influência da sua própria presença.* Ainda assim, a proximidade estava de algum modo errada — uma intimidade de voyeur, vazia por não ser recíproca, estéril por carecer de permissão.

Daniel estendeu os braços bem abertos e reapareceu, anunciando alegremente:

— *Bom* dia, criatura amiga!

O veado respondeu dando um salto de seis metros para o alto, executando uma volta de noventa graus em pleno ar. Antes de aterrissar, ele já estava

correndo. Um dos cascos traseiros acertou Daniel no meio da testa, deixando-o ajoelhado. Com as mãos cobrindo o rosto, as pontas dos dedos pressionando a ferida como se para refrear a dor, ele ouviu o veado disparar morro abaixo em direção à mata.

Daniel estava examinando a testa no espelho da sala quando Volta entrou. Daniel deu um pulo tão grande quanto o veado.

— Desculpe-me — disse Volta —, não sabia que você já havia voltado.

— Eu também não sabia — queixou-se Daniel — que você já estava aqui.

Volta aguçou o seu olhar.

— O que aconteceu?

— Machuquei a minha cabeça.

Volta aproximou-se, segurou firmemente a cabeça de Daniel com as mãos e a inclinou em direção à luz.

— Parece que você foi atingido por um casco rachado.

Daniel puxou a cabeça para se soltar e se afastou.

Volta apontou com o braço direito, um dedo oscilando a poucos centímetros da ferida. Ele berrou:

— Você carrega a marca de Satanás! Eu deixo você sozinho por *uma semana* e você é convocado para o clã dos infernos, carne para a sua chama, combustível para seus desejos doentios!

— Tudo bem, porra — disse Daniel bruscamente —, um veado me deu um coice na cabeça. — Ele esperou, aguardando a risada de Volta.

Em vez disso, Volta disse com enfado:

— Bom, você está se sentindo bem?

— Estou, tudo bem — grunhiu Daniel. Ele olhou para Volta com mais atenção. Os seus olhos estavam esfolados e vitrificados de exaustão, seu rosto abatido. — Eu estou ótimo — repetiu Daniel —, mas você não parece tão bem.

— Nem podia, foram sete longos dias de tensão aguardando más notícias. Vou lhe dar os penosos detalhes após o jantar, então consideraremos as abordagens possíveis.

— É realmente tão penoso assim?

— Veja só, Daniel: *você* é a única brecha que nós temos.

Daniel não tinha certeza do que aquilo significava. Ele estava ainda considerando aquelas palavras quando Volta disse:

— Como está o casco do veado?

— Está saltando por aí satisfatoriamente, obrigado.

— Esse veado deve ter ficado verdadeiramente espantado... como se você surgisse, bem à sua frente, vindo de nenhum lugar.

Daniel queria discutir mais sobre aplicações bem-sucedidas da invisibilidade.

— Tive que desaparecer para me salvar de um urso.

— Eu não o estava criticando, Daniel. Estou contente de saber que não foi tudo trabalho sem diversão durante a minha ausência.

— Afora o urso, que foi por necessidade, e o veado, que foi por conveniência e curiosidade, eu cumpri exatamente o seu programa.

— Obrigado. Foi por perversidade ou respeito?

— Não tenho certeza. Provavelmente um pouco de cada.

— Aprecio a sua franqueza. Apreciaria também se preparasse o jantar esta noite e não me incomodasse até que ele ficasse pronto. Eu estou em pé há trinta horas e passei as últimas três no rádio, tomando milhares de pequenas decisões interligadas, algumas das quais podem revelar-se cruciais para o nosso sucesso. Ultimamente tenho sido forçado a perceber que estou ficando velho. Sem queixas, estou pronto para ficar velho, porém não consigo mais ficar dois dias sem dormir. Estou cansado, Daniel, vou para a cama.

— Jantar por volta das seis? — disse Daniel.

Volta assentiu em agradecimento.

— Deus o abençoe.

Enquanto amassava as batatas, Daniel pensava num modo infalível de roubar o Diamante. Ele mal podia esperar para animar Volta. Mas quando declarou durante o jantar que tinha pensado num jeito para roubar o Diamante, Volta disse bruscamente:

— Isso pode esperar. Vamos dedicar essa conversa do jantar a um assunto apropriado à estação, o erótico desfraldar da primavera, vamos conversar sobre boquetes.

Daniel quase deixou cair o garfo.

— O quê?

— Boquetes. Chupada de pau. Felação. Vamos conversar particularmente sobre dois boquetes: o que você recebeu na noite antes da sua mãe morrer e o que fui forçado a testemunhar quando estava na cadeia.

Daniel disse, atordoado:

— Você mandou aquela garota, não foi?

— Daniel, pense. Eu devo carecer, de certo modo, de imaginação e estilo para acumular informações através de duplicidade sexual, embora possa ter

sido gostoso. Estou convencido de que você não contou nada àquela senhorita Bardot que pudesse ter comprometido o roubo do plutônio ou prejudicado a sua mãe, senão você não teria me dito que achava que a morte da sua mãe não tinha sido acidental. Mas isso não significa que a senhorita Bardot não possa ter encontrado alguma coisa... um bilhete, um diário... ou, agindo como uma agente para outros, colocado uma escuta na casa, ou colocado um localizador eletrônico dentro das suas calças arriadas.

Daniel estava sacudindo a cabeça.

— Como você soube que ela esteve lá se não a mandou?

— Eu não sabia, até que você o confirmou. Shamus conversou com um vizinho seu da rua McKinley que tinha organizado a festa de onde sua jovem amiguinha se desgarrou. A mesma jovem que anunciou, após voltar, que tinha acabado de "vir da Nebulosa de Órion onde tinha chupado o pau de um garoto até secar o seu crânio", ou outras palavras com o mesmo efeito.

— Como você descobriu?

— Dolly Varden. Shamus pediu para usá-la como mensageira outra vez.

— Entre quem?

— Não estou certo. Acho que ele só quer que você saiba que ele sabe, para ver como você vai reagir.

— Então ele pensa que eu contei para Brigitte, ou que ela era uma agente. Uma agente para quem?

— Não tenho a menor ideia do que ele está pensando, Daniel. Dolly diz que ele ficou louco, não explicitamente, mas ela possui uma percepção certeira para loucura. Ele anda evidentemente bebendo muito nesses últimos tempos, e o uísque, o pesar e a culpa levaram-no além do limite. Não ficaria surpreso se ele pensasse que *estou* de alguma maneira envolvido, tendo-o trazido para a AMO e o ajudado como estudante, ou por quaisquer outras desmioladas razões.

— Não tenho resposta — disse Daniel —, só posso dizer que não falei nada para ela. Mas conversamos. Ela estava doidona. Realmente doida. E, se ela fosse uma agente, não teria voltado para a festa e anunciado o que tinha acabado de fazer.

— Acho que essa é uma resposta justa e comedida para as circunstâncias. Você pode conversar diretamente com Dolly se quiser, ou posso simplesmente transmitir a sua resposta pelo rádio.

— Vá em frente. Tenho outras coisas para me concentrar.

— É verdade. O outro boquete, por exemplo. — E Volta prosseguiu contando a selvagem humilhação imposta pelo sargento ao rapaz, e como ele tinha se sentido tentado a desaparecer e intervir, e por que não o fizera, e depois viu o Diamante no espelho.

Daniel escutou, enfadado, lentamente percebendo a importância do Diamante para Volta.

— Acho que entendi — disse ele, quando Volta concluiu. — Se o Diamante é como aquele que você viu no espelho, então, de algum modo, isso confirma sua decisão de não desaparecer e tentar parar com aquilo?

— Ou a recompensa. Mas algo assim, pode ser.

— Acho que eu teria tentado parar com aquilo. Não o estou julgando, muito menos julgando a mim mesmo.

— Claro que está. Não que você possa. Eu estava a um ponto com a desaparição... um ponto que você ainda não alcançou, e talvez nunca alcance... em que tinha certeza de que se eu desaparecesse uma vez mais, não retornaria. O que significa que eu teria sido apenas uma testemunha invisível para a degradação daquele rapaz, tão impotente quanto estava, trancado na minha cela. Se e quando você mesmo alcançar esse ponto, veja como me julgará então.

— Não acredito — disse Daniel. — Você me parece na defensiva.

— Talvez você tenha confundido com a minha contrariedade pelos seus julgamentos loquazes.

— Não, eu conheço bem *esse* tom. E, francamente, não estava criticando a sua decisão tanto quanto... — Daniel deixou o pensamento dissipar, tendo se dado conta de que o tom defensivo de Volta não tinha nada a ver com a decisão que tomara dentro da cela.

Volta inclinou a cabeça.

— Sim?

— O sargento. O que aconteceu com ele?

Volta assentiu ligeiramente e deu um sorriso cansado.

— Não sei ao certo se eu deveria elogiar a sua perspicácia ou lamentar a minha transparência.

Daniel esperou pela resposta.

Volta afastou o prato.

— O sargento rastejou para debaixo da cama, colocou o seu revólver de serviço dentro da boca e puxou o gatilho. Isso aconteceu quatro anos mais tarde.

— Por quê?

— Eu despejei terror sobre a sua culpa.

Daniel lembrou-se das menções de Wild Bill sobre os Corvos.

— Como você fez isso?

— Lentamente — disse Volta. — Foram quase cem dias antes dele detonar, cem dias acreditando que o fantasma do rapaz tinha me mandado para a justa revanche, cem dias de puro medo para convencê-lo de que a justiça seria feita.

— Eu não arguiria sobre a justiça — comentou Daniel —, mas isso ainda é assassinato.

— Não contestarei o seu julgamento, exceto para dizer que a AMO tem debatido sobre os belos temas morais da questão durante séculos, sem chegar a nenhuma conclusão.

Daniel estava sacudindo a cabeça.

— Não, não os belos temas, apenas o fato: você o levou a fazer aquilo. Eu entendo isso. Mas para que atormentá-lo? Isso é diferente. Isso é cruel. Por que simplesmente não chegar até lá e lhe dar um tiro? Cem dias... é isso que eu não entendo. Não dá para acreditar que você pôde fazer uma coisa dessa.

— *Você* poderia, Daniel? Imagine que a sua mãe estivesse programada, com fria premeditação, para ser morta no beco. O que *você* faria?

— Tentaria encontrar quem fez aquilo.

— Suponhamos que sim. E quando tivesse certeza de quem o fez?

— Eu não sei — suspirou Daniel. — Realmente, não sei.

— Eu não sabia também — explicou Volta —; até que eu descobri. Deixe-me dizer-lhe o que aprendi. Não me diverti fazendo aquilo. Não sinto orgulho. Não sinto vergonha. Nunca mais fiz isso outra vez. E quero que você saiba que é a única pessoa para quem contei isso. Não foi sancionado pela Aliança; era uma assunto pessoal. Eu, obviamente, confio que você respeite isso como estrita confidência.

Daniel, com uma certa raiva, disse:

— Claro, com certeza eu o farei. Mas *por que* você está me contando tudo isso sobre Shamus, a garota, o pobre rapaz e a morte do sargento? E por que justo *agora*? Quando estou precisando me manter atento ao meu trabalho.

— Porque você é a única outra pessoa que conseguiu desaparecer, e assim pode ser capaz de entender a natureza particular da minha decisão e o estado de espírito em que ela foi tomada. E estou lhe dizendo isso agora porque você

vai ver o Diamante, e talvez seja forçado a tomar alguma decisão impossível, e quero que saiba que não está sozinho. Nossa habilidade para desaparecer não muda nada além da nossa forma. Se por um lado ela nos dá uma rara perspectiva, por outro não oferece isenções. Ela não nos faz sábios, poderosos ou compassíveis. E qualquer entendimento e compaixão que nós ganhamos de nossos esforços torna apenas certas decisões mais dolorosas, embora talvez as soframos com mais satisfação.

— Qual é o sentido, então? Uma mais apurada apreciação do sofrimento inevitável?

— Não. O sentido é a vida. Seus fatos, significados e mistérios.

— Muito bem — falou Daniel, jovialmente —, diga para mim quais são os fatos da vida.

— Posso oferecer uma versão condensada da primeira declaração de princípios na *Placa da Esmeralda* escrita por Hermes Trismegisto, o protoalquimista. “Tanto abaixo, quanto acima. Tanto acima, quanto abaixo. Assim é que se realizam os milagres de uma coisa.”

— “Milagres de uma coisa?” Não devia ser “milagre”?

Volta olhou para Daniel e sacudiu a cabeça.

— Gostaria que aquele veado tivesse dado um coice mais forte em você, queria mesmo. Talvez, vendo o Diamante, isso o ajudará. Talvez devêssemos abandonar nossas indagações metafísicas e nos voltarmos para a tarefa mais mundana de roubá-lo.

Depois que acabou de lavar a louça, Volta abriu um grande mapa sobre a mesa. Ele usou seu lápis como indicador.

— Como sabemos agora, o Diamante está guardado no Campo de Provas de White Sands. Mais exatamente, bem aqui, no vale de Tularosa, aproximadamente entre as montanhas San Andres e Capitan, no velho território dos Apaches Mescaleros. As cidades mais próximas são Tularosa, Mescalero, High Rolls e Bent. No entanto, temos aliados na reserva de Mescalero, então usaremos aquela área como plataforma de ataque, com nosso quartel-general de campo em El Paso. Até aí, não há problema.

Volta substituiu o mapa por uma foto aérea do que parecia ser um vulcão surgindo de uma planície. Daniel interrompeu:

— Poderia nos poupar tempo e explicação se você quisesse ouvir como eu acho que podemos roubar o Diamante, quaisquer que sejam as proteções.

— Acho que seria mais eficiente se eu descrevesse a segurança e você escutasse, julgando os efeitos sobre a sua abordagem. Você vai ter que

conhecê-la de qualquer jeito. Diga-me quando o seu plano ficar comprometido, se ficar. — Ele apontou para o cone vulcânico. — Esta é a montanha Sunrise, um cone de cinza vulcânica como você pode ver, sem dúvida. E embora pareça mais alto, sua elevação é de cento e sessenta e três metros, o que dificilmente seria qualificado como um outeiro por aqui, e depois estamos cercados por planícies de álcali. — O lápis moveu-se para uma mancha escura e retangular na base da montanha. — É aqui que começam as más notícias. A mancha que você está vendo é a entrada para um poço que corre para o centro da montanha. Tem aproximadamente setecentos metros, com uma inclinação de cinco graus da entrada para o centro. No final do poço tem uma grande caixa-forte. O Diamante está lá dentro.

— Que tipo de fechadura?

— Vamos chegar lá. Primeiro vamos até o fundo do poço, que tem quatro postos de controle separados, cada um deles guarnecido por um grupo de fuzileiros com metralhadoras. As armas estão dentro de abrigos de concreto construídos no interior do túnel. A mudança de turno ocorre a cada seis horas, mas a guarnição antiga fica em posição até a nova ocupar seu lugar, portanto, a troca de guarda, um momento tradicionalmente vulnerável em todas as medidas de segurança, está bem coberta.

— Começo a entender o que queriam dizer com ‘proteções extraordinárias’, mas nenhuma delas afeta o meu plano.

— Continue atento. — Volta fez deslizar um diagrama do poço sobre a foto aérea. — Existem quatro sistemas de alarme no túnel, um em cada posto de controle, cada um com circuito independente, todos monitorados pela Base Aérea de Holloman, trinta quilômetros ao sul, onde, no caso de qualquer alarme, um esquadrão de F-quinze e uma companhia inteira de fuzileiros pode ser transportada por helicópteros em quinze minutos... os jatos talvez cheguem antes disso.

— Eu não gosto nada disso, não que isso influa no meu plano — disse Daniel.

— Apenas nos princípios gerais, então?

— Certo. Especialmente o princípio que diz que um engano pode realmente ser punido.

Volta concordou.

— Também, o espaço aéreo sobre o vale de Tularosa está sob rotineira vigilância de radar a partir da base aérea, porém apenas acima de 150 metros, portanto, um pequeno avião ou um helicóptero pode chegar abaixo dessa

altitude, embora, mais uma vez, a margem de erro seja substancialmente reduzida.

— Voltando por um instante ao poço. Ele possui trilhos para carros elétricos transportarem pessoas e suprimentos. Tem havido muita atividade recentemente, técnicos indo e voltando com equipamentos, e estamos cientes de que nossas informações já possam estar desatualizadas. Tenho certeza de que você entende a dificuldade de obter exames minuciosos *precisos*, já que não há postos de observação escondidos nas planícies. Então deixe-me te dizer pela *primeira* vez o que você ouvirá mais cem vezes ainda: Se você encontrar com *qualquer coisa* diferente do previsto, não tente improvisar. Bata em retirada; faça um relato e nós revisaremos o plano.

— Supondo que o meu não funcione. Ainda não ouvi nada que o impedisse.

— Bom, nós ainda não chegamos na parte ruim: o cofre. Ele foi construído para a CIA pela Seabrook Security. É um cubo perfeito, quatro metros de lado, cada parede composta de placa de sessenta centímetros de aço inoxidável.

— Ótimo — disse Daniel —, isso me dará espaço para trabalhar lá dentro.

— Tem mais — advertiu Volta. — Cada parede, exceto a da porta e o chão, está ligada lá fora a uma rede sensora elétrica que pode detectar mudanças de pressão de duzentos e cinquenta quilos por centímetro quadrado e uma mudança de temperatura de trinta graus centígrados. A porta e o chão são sensíveis a mudanças no interior do cofre de *três* quilos de pressão por centímetro quadrado e *dez* graus centígrados. Fica difícil estourar ou perfurar uma passagem para você entrar. As redes estão independentemente ligadas a cada posto de controle, à segurança da base aérea e a uma instalação próxima da CIA, e, claro, trata-se de um sistema duplicado, soando quando for deflagrado assim como quando desativado por outros meios que não sejam uma sequência de código, que é trocada todos os dias. — Volta sorriu para Daniel. — E como fica o seu plano agora?

— Está fodido — disse Daniel com pesar.

— Então só posso deduzir que você estava planejando permanecer dentro do cofre com o Diamante por tempo suficiente para que ele desaparecesse com você.

— Acertou. Imaginei que eu entraria no cofre e ficaria por lá as trinta, quarenta horas que você disse que levavam para capturar o objeto no meu

campo de força, ou seja lá como você chame isso. Acho que você já deve ter considerado essa possibilidade.

— Isso passou pela minha cabeça, é verdade, mas rejeitei a ideia antes mesmo de saber sobre a sensibilidade à pressão do chão.

— Por quê?

— Você se arriscaria demais. Suponha que você esteja dentro do cofre quando eles vierem... como o fazem frequentemente... para levar o Diamante até o laboratório da CIA ali perto?

— Eu desapareceria.

— E por quanto tempo você pode desaparecer?

— Bom, você me viu fazer por vinte minutos e eu acho que poderia fazer mais.

— E o que aconteceria se eles ficassem lá por uma hora? Você seria forçado a reaparecer.

— Mas — retrucou Daniel — não necessariamente dentro do cofre. Eu poderia seguir direto para a montanha, reaparecer, esperar até que eles se fossem, e desaparecer novamente dentro do cofre.

— Você pode ser visto do lado de fora, já que não há, por assim dizer, onde se esconder. Além disso, você teria que romper a congruência de campo com o Diamante, sendo obrigado a começar de novo. Poderia levar meses antes que conseguisse quarenta horas ininterruptas com o Diamante, garanto-lhe que ficaria exausto muito antes. Tudo isso supondo, é claro, que quarenta horas fossem suficientes para enredar o Diamante no seu campo de força. Essa referência de quarenta horas, assim como as minhas noções puramente especulativas de campos de força intrínsecos e seus poderes, são baseadas na minha limitada experiência com objetos comuns. O Diamante, certamente, *não* é um objeto comum. Você pode também ser envolvido pelo *seu* campo... um resplandecente diamante esférico de três quilos provavelmente exerce uma força considerável.

— *Três quilos!*

Volta arqueou as sobrancelhas.

— Bom, você pode verificar os meus cálculos, mas trinta mil quilates com duzentos miligramas por quilate dá aproximadamente três quilos, ou mais ou menos o tamanho de uma bola de boliche.

Daniel disse cuidadosamente:

— Essa resplandecência... você conhece a fonte?

— Nenhum dos nossos o viu, e as informações que conseguiram reunir são extremamente vagas. Tudo que sabemos é que o Diamante emana luz. Muito poucas pessoas o viram realmente até agora, e eu concluo que ainda estão tendo dificuldades em acreditar nele. Até os fantasmas estão assustados. Eles parecem estar divididos em duas facções idênticas. Uma facção pensa que é algum estranho empreendimento de espionagem da KGB. A segunda facção do serviço secreto dos Estados Unidos, se você me desculpa o paradoxo, pensa que o Diamante vem do espaço cósmico, provavelmente colocado aqui como algum dispositivo de monitoração, embora haja suspeita de que seja um artefato de uma civilização antiga, a Atlântida sendo a mais forte candidata. Resumindo, eles sabem de que é feito o Diamante, mas não sabem o que é isso, o que significa, ou como ele pode ser real.

— Tem gente engolindo em seco e alguns sorrisos amarelos na hierarquia do serviço secreto nessas últimas semanas. Ninguém está ansioso para assumir a responsabilidade. Você sabe como as burocracias funcionam... suas preocupações mais importantes são sempre “Quem mais sabe disso” e “Como podemos tirar nosso cu da reta?” O que, neste instante, é uma vantagem para nós, embora devamos agir rápido.

— Quando?

Volta sorriu.

— Eu acho que a Hora do Lobo no dia Primeiro de Abril seria tanto propício quanto apropriado.

— Sem falar que seria excêntrico.

— Apropriada — repetiu Volta com firmeza. — Mas você tem direito a uma opinião, não importa o quão desorientada.

— Tenho que admitir que eu não sei o que é a Hora do Lobo, apesar de soar bem.

— Vem do fim da era paleolítica, a tradição do Grande Espírito. É a hora antes da alvorada, um momento de, particular magia para o caçador, uma intensificação dos poderes físicos. É também o momento em que outras criaturas, seja por estarem adormecidas ou cansadas depois de uma noite se alimentando, estão mais vulneráveis.

— Acho que eu perdi a noção do tempo aqui, mas o dia primeiro de abril não deve estar a mais de uma semana.

— Uma semana a partir de amanhã.

— Mas — disse Daniel inocentemente — nós não temos um plano.

Volta fingiu consternar-se.

— Daniel, é impossível que você acredite que *eu*, o Grande Volta, não tenha um plano. Os planos são as minhas especialidades. Meu prazer. Vou delineá-lo. Escute para ver se há falhas.

"Do ponto de desembarque, ainda não selecionado dentre quatro possibilidades, você caminha entre dez e treze quilômetros, levando todos os equipamentos necessários, pela planície de álcali até a base da montanha Sunrise.

"Você desaparece e entra no poço, seguindo diretamente para o cofre, fazendo o reconhecimento pelo caminho.

"Dentro do cofre, você reaparece. Quando o fizer, você salta e se prende no teto. Lembre-se, todas as redes de alarme de pressão e temperatura estão do *lado de fora* do cofre, à exceção da porta e do chão.

— Eu me lembro disso — interrompeu Daniel —, mas do que não me lembro é como eu me prendo ao teto.

— Uma concha de sucção do tamanho de um prato capaz de segurar quatrocentos e dez quilos.

Daniel franziu o nariz.

— Você quer dizer como um desentupidor de banheiro?

— A mesma forma, porém feito com propósito e materiais superiores. Temos aliados que podem fabricar o incomum a curto prazo. Eu o trouxe comigo, por sinal, assim você terá amplas oportunidades para praticar.

— Ótimo — disse Daniel —, assim eu fico preso ao teto por uma concha de sucção.

— Na verdade, ela é presa a uma armação; você estará dentro da armação.

— Como uma aranha oscilando num fio de seda. Gosto disso. E depois?

— Você *delicadamente* prende uma carga de explosivo plástico na parte *interna* do mecanismo de fechadura... ela tem combinação e tranca dobrada... e ajusta o relógio automático, dependendo da seguinte variável: a posição e a proteção do Diamante. Se não lhe parecer adequadamente protegido... mais tarde lhe darei algumas orientações, mais tarde... você pega outra concha de sucção, esta dupla, moldada dos dois lados, e a prende numa posição predeterminada no teto, onde, baseado nos cálculos de nossos físicos, a explosão terá menos chance de danificá-lo.

"Quando o Diamante estiver seguro, você desaparece novamente, volta para o túnel, do lado de fora do cofre, veste uma máscara e atira duas latas de gás asfixiante túnel acima. Você pode ficar *profundamente* seguro que

Charmaine considera o gás como um dos seus trabalhos mais aprimorados. Uma única exalação paralisa instantaneamente o sistema nervoso voluntário, imobilizando a vítima. Ele não tem cheiro e se dispersa rápido e uniformemente. Além disso, penetra em qualquer máscara de gás. A sua, é claro, está equipada com filtros neutralizadores. Uma coisa que eu admiro na Charmaine é a sua política de nunca liberar uma toxina até que ela tenha desenvolvido um agente neutralizador. Aliás, ela chama esse gás de Medusa Sete.

— Isso é legal — observou Daniel. Seu tom de voz decididamente neutro.

— Levará cerca de trinta segundos para o gás incapacitar todos os guardas. Imediatamente após disparar o gás, você desaparece. A carga deve detonar em quatro minutos, arrebentando a porta. Você entra dentro do cofre, reaparece, agarra o Diamante e sai correndo do poço contornando pelo lado oeste da montanha. Lá, Eddie LaRue apanha você de helicóptero, leva-o até um carro que estará esperando numa estrada vicinal, e você se dirige para El Paso, onde se encontra comigo. Lá, nós dois sozinhos decidiremos o que fazer com o Diamante. Depois de examiná-lo, é claro.

— Eu tenho umas perguntas — falou Daniel.

— Esperava que tivesse.

— Por que não imobilizar os guardas *antes* de eu entrar no túnel? Desse jeito, se eu perder a sucção ou deixar cair o Diamante, ou outra coisa qualquer, e um alarme disparar, os guardas já estarão imobilizados.

— Por algumas razões — explicou Volta. — Primeiro, se você achar algo errado e tiver que abandonar a missão, não queremos que saibam que uma tentativa foi feita. Segundo, por causa da inclinação do túnel e porque o calor sobe, há uma corrente de ar perceptível subindo, o que tornaria mais lento, ou possivelmente evitaria que o gás alcançasse o terceiro e o quarto postos de controle. Desse modo, se você disparar um alarme, pode simplesmente desaparecer e se dirigir pela montanha até o ponto onde será apanhado.

Sentindo-se castigado por não ter percebido aqueles detalhes, Daniel disse com menos agressividade:

— Mas a carga vai disparar o alarme, independente de tudo, certo?

— Não há meios de retirar o Diamante do cofre sem abri-lo, e não há meios de fazer isso sem disparar os alarmes, já que não podemos anular o sistema de alarme, o que é quase impossível. Embora possamos tentar se tudo mais fracassar.

— E quando o alarme soar, haverá caças a jato e uma horda de fuzileiros nas nossas costas em quinze minutos. Você tem que contar com barreiras nas estradas.

— Se a cronometragem funcionar, você tem uma chance excelente de fugir sem ser detectado. Tudo que eles têm é um alarme. Têm que cobrir todas as direções, ao passo que você sabe exatamente aonde está indo. Além disso, o carro terá um esconderijo para o Diamante, e você receberá uma identidade e um álibi. Assim como Eddie no helicóptero, que será incluído numa verdadeira equipe de filmagem, uma unidade secundária filmando pores de sol para o mais recente épico de Axel Koch, *O cordoeiro.*

— Este Eddie LaRue é o Low-Riding Eddie que eu conheci?

— É. Minhas desculpas, pensei que você soubesse.

— Você não tem dúvidas quanto à minha habilidade para lidar com explosivos depois da morte da minha mãe? Talvez eu me desespere, engasgue.

— O modo de conquistar o medo é encarando-o. Obviamente confio na sua coragem, caso contrário, não o teria iniciado na desaparição.

— Mas você considerou isso?

— Naturalmente.

— E quanto ao fato de que eles saberão que o cofre foi explodido por dentro?

Volta sorriu.

— Esta é a minha parte favorita, Daniel. Toda perda deveria ser instrutiva. Neste caso, talvez nós os ajudemos a expandir suas bastante estreitas concepções de realidade.

Transcrição:
Dennis Joyner, Rádio Móvel AMO

Oi, amorzinho. Aposto que você estava justamente girando o seletor, procurando uma solução para essa primavera, em vez de blues barulhento, você pega esse precipitado paradoxo, o próprio DJ, o *veio* Darma Joia e agora você já não sabe dizer se eu sou o Verdadeiro Item Estonteante ou apenas mais um Cowboy Falso Diamante mexendo com as mandíbulas para acalmar os coiotes que o cercam e manter a lua flutuando sobre as águas escuras da alma humana. O dia todo você encarou o estéril deserto, sem provar o gosto da água: fresca-límpida-água. Ressecado. Enrugado até os ossos. Bom, agora você conseguiu chegar à Última Miragem; bem-vindo à fonte. Beba bastante e saia velejando revigorado, verdadeiro como os diamantes no anel de casamento da sua avó, verdadeiro como o inelutável mistério que nos açoita a todos ao redor do círculo, verdadeiro como uma uva amadurecida pelo sol prestes a ser espremida. Ficarei com vocês até a hora de ir embora, pois vocês estão ligados na ráaa-dii-oooouu móvel que balbucia nos seus ouvidos, dando-lhes uma sacudidela para separar o ouro das impurezas, e vocês encontram isso aqui, na KRMA, apenas mais uma estação na encruzilhada.

A mão de Shamus retorcida pela cicatriz estava irritada. O queixo sobre o polegar retraído estava quase deformado ao berrar no seu ouvido:

> — Annalee contou para ele, seu idiota — ele era o seu filho, ela o amava e confiava nele. Ela só não quis admitir naquela noite em Richmond quando mencionou que Daniel estava começando a suspeitar de alguma coisa. Ela já tinha contado para ele. Se você não estivesse tão cego pelo amor, teria entendido naquele instante. Mas você não pode culpá-la. Ela não sabia distinguir o amor da confiança. O problema é Daniel. Daniel e Volta. Pare de procurar essa menina doidona que chupou ele. Ele está provavelmente dizendo a verdade quando fala que não disse nada a ela, porque ele já tinha contado um minuto antes para Volta o que tinha descoberto sobre o que você estava planejando e, Volta, aquele homem invejoso, deu um jeito para as coisas saírem erradas; talvez tenha até mesmo convencido Daniel para ir junto e assim fazer parecer tudo

normal. Mas então, Daniel quase foi morto, assim, Volta, com o seu perverso senso de honradez, ficou com o rapaz sob a sua proteção. Daniel é o Judas, mas Volta é o diabo. Isso não precisa de *provas*. Eu sinto o gosto, sinto o cheiro, posso sentir a perversidade deles ardendo nos meus ossos, posso ouvir a perfídia deles em cada palavra, vejo tudo isso através da minha cicatriz. Se você apanhar Daniel, apanha Volta. Está me ouvindo? Pare de chorar, porra! Está me ouvindo? Apanhe-os logo. Logo.

O DIÁRIO TERAPÊUTICO DE JENNIFER RAINE:
24 de março

Meu nome é Jennifer Raine, Judy Snow, Emily Dickinson, Amelia Empty, Wanda Zero, Clara Belle. Moro no quarto 28 do Hospital Apan, Vale da Lua, Califórnia. Apan é um instituto de saúde mental. Estou aqui sob os cuidados do dr. Putney, que me sugeriu escrever um diário, já que faz bem exprimir os sentimentos. Mas, na verdade, apesar de estar profundamente entediada, sinto-me bem.

O tribunal me condenou porque eu tenho uma filha imaginária chamada Mia. Dr. Putney costuma se referir a ela como minha filha invisível. Claro que ela é invisível: ela é imaginária. Mas o dr. Putney não é muito bom quando se trata do óbvio. Exceto o logicamente óbvio, quer dizer, como eu posso ter 23 anos e ter uma filha de 11, e por que Mia ri e chora mas não fala? Porque, doutor, eu a imaginei da maneira que eu preciso dela. Alguém com quem eu possa conversar sem palavras. Uma aliada. Uma testemunha.

Tento fazer o dr. Putney entender que, já que eu a imaginei, já que sou a sua mãe, tenho responsabilidades para com ela. Então quando o funcionário do Safeway me pegou roubando comida para ela, foi absolutamente justificado que eu tenha destruído três estantes de garrafas e latas que supostamente continham comida. Eu não sou louca, dr. Putney, estou ferida e a razão pela qual estou ferida é exatamente porque não existe comida nas lojas de comida. Muita televisão, pouca visão. Não é loucura saber isso. Não estou louca. Tenho cicatrizes que provam isso. Estou ferida, só isso, e Mia está ajudando a me curar.

O luar cintilava sobre as planícies de álcali quando se aproximava a Hora do Lobo. Daniel verificou o relógio e caminhou com dificuldade na direção da montanha Sunrise. Ele estava ansioso, atordoado, sentia-se grotesco, mas absurdamente sereno, como se essas emoções selvagemente misturadas fossem exatamente o que ele devia estar sentindo enquanto seguia seu caminho para roubar um diamante esférico de três quilos do governo do seu país, equipado com gás paralisante, bomba plástica e uma grande concha de sucção, armado apenas com sua sagacidade e sua habilidade para desaparecer.

O treino tinha sido moleza. Volta instalara uma placa de aço inoxidável a três metros do solo com um colchão para amortecer a queda. Mas ele tinha se protegido com a concha de sucção como programado na sua primeira experiência e não falhou nas cinquenta tentativas subsequentes. Uma corda entre o anel de metal na sua armadura e a concha de sucção o havia impedido de cair no chão. No início ele tinha tido dificuldade "controlando o balanço", como disse Volta, porém praticando um pouco mais, observou Volta, ele pegaria o jeito para aquilo. Daniel descobriu que, imaginando-se uma aranha oscilando na sua própria teia, não se sentia tão estúpido.

Sob as instruções do treinador Volta, ele tinha praticado a desaparição e a reaparição com intervalos de um minuto. "Pense nesses estados como metafísicos rastros dos ventos", tinha sido o conselho de Volta. Elas não afetavam Daniel de modo algum. Ele tinha certeza de que poderia desaparecer em intervalos de 15 segundos se quisesse e, talvez, rápido o bastante para se transformar num estroboscópio entre os dois estados. Ele pretendia explorar essa possibilidade após a tentativa de roubar o Diamante.

Ele tinha também praticado a sua nova identidade, que herdara de Jean Bluer, naquele momento também dirigindo através do Texas como Isaiah Kharome, pregador autônomo e editor de *Tacadas de Deus*, uma revista religiosa. Jean tinha mandado uma série de fotos e uma fita com a voz; a maquiagem apropriada e os documentos estariam esperando na caminhonete a ser usada na fuga, que servia também como o Templo Móvel do Reverendo Kharome. Quando Daniel mencionou que tal aspecto exótico não contribuía muito para o seu sentido de seriedade, Volta disse que não era isso que se pretendia.

Vários objetos haviam tomado diferentes espaços de tempo para mesclarem-se ao campo de força de Daniel e desaparecerem com ele. A concha de sucção desapareceu com ele em menos de 12 horas; a bomba

plástica levara quase quarenta. Volta atribuía as diferenças à congruência de campo, assinalando que o campo de Daniel recebia bem a sucção e resistia — compreensivelmente — aos explosivos. Daniel não estava convencido, mas não conseguia encontrar uma explicação plausível — embora, mais uma vez, ele pretendesse explorar isso depois de roubar o Diamante.

Mas, primeiro, ele tinha que roubá-lo. Ele olhou para a montanha Sunrise avultando-se sob o luar, alternando o peso do seu colete carregado de equipamentos, abaixou a cabeça com uma risadinha que surpreendeu a si mesmo e seguiu em frente.

Volta tinha acabado de se servir de uma modesta dose de conhaque para acompanhar seu café quando chegou uma chamada às duas e meia da manhã. Ele respondeu imediatamente:

— Conserto de Fornos Aliado, serviço noturno.

— O senhor Deeds não foi para Washington. Ele acabou de chegar de um bar em Bent, onde tomou uns quinze drinques com um engenheiro da Sistemas de Segurança Círculo Fechado, uma firma da Pensilvânia fazendo alguns serviços locais de consultoria.

Era Ellison Deeds. Volta suspirou; só podiam ser más notícias.

— Mudanças?

— Acréscimos, evidentemente. Isso foi tudo o que consegui saber. O homem estava bêbado. Ele falou um pouco, em termos gerais, sobre a sua especialidade particular, vigilância com câmeras.

— Entendo — disse Volta, suavemente. Ele fez uma breve pausa para considerações, então acrescentou: — Bom, nosso funcionário noturno está fora de alcance para chamadas agora. Eu o informarei assim que ele voltar.

— Eu estarei em casa — disse Ellison.

Volta desligou o telefone, encostou na sua cadeira giratória, pensou por um instante e inclinou-se para a frente, ligando o rádio. A mensagem foi enviada em código. COISAS CAINDO EM PEDAÇOS. PREPARAR CORRIDA PARA PARTIDA PREMATURA OU BEM TARDE NA PROGRAMAÇÃO. MANDE POSIÇÃO IMEDIATA SOBRE CONCLUSÃO. POSSÍVEIS MUDANÇAS. FIQUE APOSTOS.

Assim que o recebimento da transmissão foi confirmado, Volta tomou um gole de conhaque e observou a xícara fumegante de café. Ele esperava que

Daniel tivesse o bom senso de bater em retirada, no caso de terem instalado câmeras no local.

Daniel desapareceu. Ele aguardou um instante para ouvir o tilintar de algum equipamento que não tivesse ido com ele, então começou a descer o túnel. O posto de controle blindado estava a seis metros da abertura. Ele estava passando por lá quando alguém murmurou:

— Xeque.

Daniel parou. Depois, se dando conta de que aquilo não podia ser endereçado a ele, deu uma olhada para o posto. Um dos guardas estava assistindo televisão. Os outros dois debruçados sobre um tabuleiro. Daniel atravessou o muro para olhar melhor. Dois guardas, um magro e esguio, o outro, atarracado como um tronco de árvore, jogavam xadrez. O atarracado, jogando com as brancas, não tinha a menor chance.

— Puta que o pariu — explodiu o atarracado —, estou todo mole. *Te contá*, aquela maldita pílula que ele nos fazem tomar... toda a minha concentração.

— Eu tomei uma também — disse o esguio. — Não passa de atropina, e se você acha que isso fode toda a sua concentração, imagina se alguém lançar gás aqui embaixo, você vai descobrir bem rápido o que é realmente foder com a concentração.

— Aí, cara, de jeito nenhum um espertinho vai fazer chover gás em cima da gente. Estou nessa porra dessa unidade desde o Vietnã, e tô te falando, esse é um serviço fodido. Nem sabemos que porra é essa que estamos tomando conta. Todo esse tempo, tudo que nós vimos foi uma caixinha passar por aqui uma vez. E aquela porra deve estar vazia.

— Certo — concordou depreciativamente o magrinho —; é por isso que o lugar está apinhado de fantasmas da federal. É por isso que o Keyes, superintendente regional, esteve aqui pessoalmente durante três semanas. Provavelmente é plutônio.

— Que porra de notícia maravilhosa essa — murmurou o atarracado. — Despeje um pouquinho de radiação sobre o Agente Laranja que eu peguei no Vietnã e lance esse gás antiasfixiante-atropo-o-caralho-a-quatro ou seja lá como eles chamem isso e eu perco os meus colhões.

— Não se aporrinhe. Pelo que andei ouvindo, Keyes conhece bem essa merda.

— Keyes é um bundão; um bundão deve entender de merda.

— Ei — disse o guarda vendo televisão aos outros dois —, isso aqui deveria ser uma vigilância silenciosa, lembram?

— Vem dar uma chupada aqui, Orvis — provocou o atarracado, mas ele parou de falar.

Sentiu que estava faltando alguma coisa no silêncio. Levou um momento até perceber que não havia som na televisão, e menos tempo do que isso para notar que se tratava de uma tela de monitoração mostrando uma imagem estática do cofre. Nem as câmeras, nem a atropina eram esperadas. A missão estava cancelada.

Daniel duvidou que a atropina fosse alguma defesa contra a poção Medusa de tia Charmaine, porém, se estivesse errado, estaria morto ou na prisão. E a câmera cortava pelo menos cinco minutos da escapada. Ele se virou e começou a andar em direção à boca do túnel quando repentinamente caiu na gargalhada tão alto que quase perdeu a concentração e escorregou de volta para a visibilidade. Prisão? Como poderiam mantê-lo na prisão? Como poderiam atirar nele se ele estava invisível? Se a coisa desse errado, ele ainda poderia lançar um sinal para Eddie e usar a sua invisibilidade para dar a ele uma grande margem de fuga. Volta estava certo, no entanto — melhor deixar e tentar novamente. Mas ele tinha que dar uma olhada por lá para checar outras surpresas na segurança do local. E ver o Diamante. Ele se virou e seguiu em direção ao fim do túnel.

Ele alcançou o cofre sem incidentes. A câmera foi localizada rapidamente, ele estava tão ansioso para entrar dentro do cofre que quase não viu os sensores fotoelétricos. Isso foi o que presumiu serem eles até examiná-los mais detidamente. Talvez fossem lasers. Não fazia diferença — de qualquer modo, era algum tipo de sistema. Rapidamente, ele localizou as suas posições. Já estava invisível havia 12 minutos. Podia sentir as bordas da sua concentração começarem a se corroer.

Ele examinou com impaciência a porta do cofre e deu um passo, entrando num cômodo inimaginavelmente luminoso. Barras de ouro, ao longo de cada parede, eram banhadas pela luz constante, densa e imaculadamente clara vinda da chama em espiral, esguia como um filamento, ardendo através do centro do Diamante. Daniel sentiu que a sua concentração começava a se dissolver, a sua força sendo submetida pela maior coerência da luz. Ele apanhou a concha de sucção na cintura e, desesperadamente, prendeu-a no alto, ao mesmo tempo que voltava ao seu corpo. A sucção aguentou. Visível,

ele oscilava sobre o Diamante, os braços e as pernas propositadamente estirados para manter o equilíbrio, como um homem prestes a mergulhar num poço petrificado em pleno ar. Aturdido, ele olhou para baixo, bem dentro do centro do Diamante. A chama em espiral havia desaparecido, mas a claridade imóvel da luz permanecia, nem assustadora nem serena, nem átomo nem onda.

Daniel queria segurar o Diamante. Ele estava sobre um pedestal em forma de coluna no centro do cofre, bem fora de alcance. Ele teria que desaparecer novamente e se reposicionar. Não sabia se poderia reunir a concentração indispensável para desaparecer no seu campo de força, ou se poderia, caso conseguisse, sustentar o foco necessário para reaparecer quando pulasse e recolocasse a concha de sucção no teto. Mas isso não importava. Ele tinha que tocá-lo.

Fechou os olhos, mas era inútil. Não conseguia reunir suas energias fora do alcance da luz. Não conseguia separar o seu centro do centro do Diamante. Ele manteve os olhos fechados e tentou imaginar o Diamante nas suas mãos. Podia ver nitidamente o Diamante na sua mente, mas não nas suas mãos, intocável. Abrindo os olhos, ele fixou-os no centro do Diamante, renunciando sua concentração, sua vontade e desejo. Quando ele desapareceu, o Diamante também desapareceu, embora a luz permanecesse constante. Daniel o pegou cuidadosamente, colocou-o dentro de uma bolsa de veludo que trouxera e andou rapidamente através das barras de ouro, através da parede oeste do cofre e através da montanha. Mesmo dentro da bolsa de veludo, que possuía uma fina folha de chumbo dentro do forro, a luz não havia diminuído. Ele a ergueu até a altura do rosto e olhou intensamente dentro da luz. No centro havia a chama espiral novamente, o Diamante no bico do corvo, a janela aberta, o espelho se estilhaçando, Annalee gritando, “Fuja, Daniel!” Em seguida, ele estava cambaleando pela planície enluarada, a bolsa pesando na sua mão, a luz tinha sumido. Ele abriu a bolsa e olhou dentro. O Diamante ainda estava brilhando, mas não conseguia ver a chama espiralada. Ao levantar a mão, ele tocou um rosto, um rosto que não conseguia imaginar como sendo o seu.

Daniel começou a correr em direção à lua poente. Antes de dar três passadas, ele ouviu um ronco sobre a cabeça e o que parecia ser um enorme gafanhoto aterrissando, bloqueando o seu caminho. O primeiro pensamento de Daniel foi desaparecer novamente, mas então percebeu que era Low-Riding Eddie e o gafanhoto era Lucille. Daniel curvou a cabeça para

proteger-se das hélices e disparou na direção do helicóptero, a bolsa agarrada contra o peito.

Low-Riding Eddie atravessou seu corpo na cabine e ajudou a suspendê-lo para bordo, decolou com o helicóptero, puxou o manete um segundo para trás à medida que ele se estabilizava e lançou-se numa volta de 180 graus, mantendo-o em alta velocidade, enquanto eles sobrevoavam as planícies de álcali a 15 metros de altitude.

Já tinham percorrido oito quilômetros quando Eddie deu uma olhada para ele e gritou:

— Ei, tudo bem com você?

— Tudo — respondeu Daniel, debilmente, mas ao perceber que Eddie provavelmente não conseguiria ouvi-lo com o ruído do motor, ele assentiu.

— Porra, quase que eu pouso em cima de você, cara, você apareceu de repente.

Daniel berrou:

— Tem bastante espaço. Não tem problema.

— Conseguiu a mercadoria?

Daniel apontou para a bolsa no seu colo, depois levantou o polegar.

Low-Riding deu o seu sorriso de aprovação, os olhos lampejando como os botões de prata na sua jaqueta de couro.

— Que tipo de perseguição vamos ter aí atrás?

Daniel estava sonhadoramente apreciando a planície correndo lá embaixo. Ele olhou para Eddie e sacudiu a cabeça.

Presumindo que ele não tinha escutado a pergunta, Eddie berrou novamente.

Daniel se inclinou para mais perto dele e gritou:

— Está tudo bem, consegui passar pelos alarmes.

— Porra, é isso aí! — urrou Eddie, dando-lhe uns tapinhas no ombro.

Daniel inclinou-se para trás sorrindo, as mãos sobre a bolsa. Podia sentir o calor do Diamante através do veludo. Ele se lembrou então que não tinha verificado a existência de câmera no interior do cofre. Porém imaginou que teria notado se houvesse alguma, e recordou que a tela de vigilância do posto de controle mostrava apenas o lado de fora do cofre. “Limpeza”, murmurou para si mesmo, e então desviou a sua atenção para as estrelas que esmaeciam no céu. Poucos minutos depois, Low-Riding Eddie o desembarcou ao lado de uma estrada rústica e se foi novamente, pelo que pôde sentir Daniel, antes mesmo que seus pés tivessem tocado no chão.

A caminhonete Chevy equipada com um trailer estava onde deveria estar, as chaves presas por uma fita adesiva sob o painel, uma pequena caixa de ferramentas no banco da frente. A visão daquilo clareou as ideias de Daniel. Havia trabalho a ser feito no mundo lógico. Ao abrir a caixa de ferramentas, encontrou logo em cima, já separados, um roquete de broca, uma extensão e uma tomada de meia polegada.

Os parafusos do diferencial dianteiro estavam soltos. Deitado de lado, ele os desatarraxou e então levantou a tampa. O diferencial vazio havia sido forrado com pele de visom. Daniel olhou para aquilo e começou a rir. Não conseguia parar. Finalmente, engasgando-se, teve que sair de baixo do veículo e levantar-se com a ajuda das mãos e dos joelhos. Levou um minuto para que conseguisse recuperar o fôlego e, quando se esgueirou de volta para debaixo do veículo carregando a bolsa, tentou ignorar o forro de pele de visom e concentrar-se na tarefa que tinha em mãos. Ele tirou o Diamante da bolsa, outra vez admirando a sua luminosidade, percebendo que a chama em espiral não estava visível. Agora ele tinha certeza de que só conseguia ver a chama em espiral quando em seu estado de invisibilidade, e sentiu-se tentado a provar a sua teoria. Em vez disso, colocou delicadamente o Diamante dentro do compartimento do diferencial. Cabia perfeitamente. Ele recolocou a tampa e apertou com firmeza os parafusos. Repôs o roquete dentro da caixa de ferramentas e apanhou a sua armadura que tinha sido deixada sobre o assoalho.

A bandeira branca estava exatamente onde Volta a pusera no diagrama, quarenta metros adiante, dentro de uma vala rasa de escoamento, no lado direito da estrada. O tambor de recolhimento estava enterrado diretamente embaixo dela. Ele abriu a tampa coberta de areia sem dificuldade. O tambor estava pela metade com um líquido claro e inodoro. Ele colocou a armadura no chão, retirou as luvas, jogando cada peça do seu acessório dentro do tonel. Tremendo no ar gelado da madrugada, apanhou a armação, deu um beijo impulsivo na concha de sucção ali acoplada, ergueu-a sobre o ventre escuro do tambor. Estava prestes a deixá-la cair quando se lembrou de que a bomba plástica e o gás asfixiante que não tinham sido usados ainda estavam nos bolsos do colete. Aquele plano de recolhimento havia suposto que ele os teria usado. Ele estava profundamente inseguro sobre como eles reagiriam dentro da química do tambor, outro produto da indústria de tia Charmaine. Ele removeu a bomba plástica e o gás dos bolsos e jogou a armadura dentro da solução. Depois de enterrar o gás e a bomba plástica mais adiante na vala,

atirou suas luvas e a bandeira branca dentro do tambor e então repôs a tampa, encobrindo-a com areia até que estivesse bem escondida. Agachado, a bunda nua apontando para o sol nascente, ele arrastou-se em marcha à ré na direção da estrada, apagando as suas pegadas da melhor maneira possível.

De volta à caminhonete, ele subiu no trailer. A maior parte do trailer estava coberta com caixas de papelão contendo panfletos religiosos da Tacadas de Deus: A mesinha de maquiagem estava bem à esquerda da porta, próxima à cama, o armário suspenso por suportes no teto, a caixa de maquiagem sob o banco. Jean tinha lhe facilitado as coisas; o rosto era essencialmente o mesmo de Daniel, com a adição de cinco anos e uma cicatriz no pescoço. Em dez minutos, Daniel era Isaiah Kharome.

A única coisa de que Daniel não gostava em relação a Isaiah Kharome era o seu senso de estilo formal. Ele concluiu devia ser a ideia de Jean para uma piada de primeiro de abril. A camisa havaiana florida, um emaranhado de escarlate e verde-limão, agredia o xadrez azul e branco das calças de poliéster, e o paletó cor de ameixa silvestre colidia com ambos, embora fosse forçado a admitir uma sutil coordenação entre as meias brancas e as letras brancas em alto-relevo — CLUBE DE ATERRISSAGEM DO PODEROSO ESPÍRITO — gravadas manualmente sobre o cinto, cuja fivela era uma grande estrela. Ele aprovou a carteira de Isaiah entupida de cartões de crédito e notas de vinte dólares estalando de novas. Verificou a pasta de fundo falso entocada dentro do teto falso do trailer. Não havia tempo para contar mas, se não fossem os vinte mil dólares que Volta tinha prometido, faltava pouco.

O sol havia clareado o horizonte quando Daniel alcançou a autoestrada. Ele parou e tentou entender o enxame de sinalizações rodoviárias: Denver, Phoenix, Kansas City, El Paso. Uma reverberação matutina levantava uma massa de poeira à sua direita.

— Do pó para o pó — disse Daniel com a voz de Isaiah —, das cinzas para as cinzas.

Phoenix soava bem. Daniel arrancou devagar e tomou o rumo oeste.

Volta encontrou dificuldade para calcular o número de horas que ficara sem dormir. Quarenta? As últimas 18, aguardando a chamada de Daniel, deveriam contar em dobro, ele decidiu. Ou em triplo. Ele tomou outro gole de café e alcançou o telefone azul.

Smiling Jack respondeu imediatamente.

— Alguma coisa? — perguntou Volta.

— Nada que você já não tenha ouvido quatro vezes.

— Sinais de perseguição?

— Nada. Os guardas foram substituídos às seis horas como em mais um dia normal no escritório. Ou o gás apaga a memória, ou ele não o usou. Nada de alarmes. Nada de nada. Você quer a minha opinião?

— Claro — respondeu Volta.

— Daniel não conseguiu. Ele notou as mudanças e cancelou tudo.

— E ele não se comunicou porque viu as mudanças e pensou que nós podíamos ter armado uma arapuca para ele. É isso?

— Ele *devia* nos conhecer melhor, mas, sim, é isso o que eu acho também.

Volta disse:

— Não me inclua nessa afirmação. Acredito que ele tenha conseguido. Assim ele disse para Eddie, e ele tinha alguma coisa do tamanho e na forma do Diamante dentro da bolsa. Não era o almoço.

— Pode ter sido areia. Eddie disse que ele apenas apontou e esticou o polegar. Eddie estava voando a toda velocidade. Admitiu que apenas deu uma olhadela na bolsa. Quero dizer, talvez Daniel não consiga admitir que falhou, que ele... — Smiling Jack ficou calado. — Aguenta aí, uma chamada na linha vermelha.

Volta esperou, certo do que se tratava.

Smiling Jack retornou.

— Porra, ainda bem que não fizemos uma aposta. Está havendo uma danada de uma comoção em torno do túnel e alguns jatos acabaram de decolar da base aérea.

— Descobriram que ele sumiu — disse Volta.

Depois de um longo intervalo, Smiling Jack perguntou quase com raiva:

— Porra, então como foi que ele fez? Sem o gás, sem o explosivo... quero dizer, onde é que estava, numa travessa de prata na entrada do túnel?

— Impossível dizer — avaliou Volta. — Ele pode ter descoberto uma maneira de passar pelos alarmes. Isso deixa apenas a fechadura e os guardas. Talvez todos eles tenham adormecido, ou estavam no mesmo lugar jogando dados, ou tomando drogas. Daniel é esperto e engenhoso.

— Então estamos de volta à questão, por que não nos chamou?

— O círculo está completo — concordou Volta.

— Escute — disse Jack com veemência —, você é muito mais íntimo dele do que eu. O que você acha? Acha que nos demos mal?

— Eu acho que vou esperar até ele nos chamar.

— Talvez ele não faça isso. Tenho mais alguns maus pressentimentos.

— Vamos ouvir todos eles — disse Volta.

— Eles podem já tê-lo agarrado. Sem fazer barulho, é claro.

— É possível. Mas, ou eles não sabem o que têm nas mãos, ou a confusão repentina em volta do túnel é uma artimanha.

— Ou talvez Shamus o tenha encontrado. Se nossas informações forem corretas, ele o está procurando.

— Eu sei, mas Shamus teria que ser extremamente sortudo, ou algum de nós mais próximos o traiu.

Smiling Jack soltou um suspiro.

— Então, você espera a chamada. E quanto a nós?

— Durmam um pouco. Pela manhã, apanhe Jean em Alamogordo. Chisholm Smith e Davy estarão com ele. Tente descobrir o que aconteceu no cofre e o que a CIA vai fazer em relação a isso. Imagino que o que quer que eles façam, o farão discretamente... sem relatórios detalhados ou varreduras envolvendo leis estaduais e locais. Talvez algumas centenas dos seus próprios agentes, todos ignorando o que eles estão procurando. Pelo menos, descobriremos como eles lidam com problemas desse tipo. Você sabe onde encontrar ajuda, se vier a precisar.

— E você espera que ele entre em contato com você?

— Ele vai me ligar. Talvez não gostemos muito do que ele tem a dizer, mas ele vai me ligar.

O DIÁRIO TERAPÊUTICO DE JENNIFER RAINE

1º de abril

Meu nome é Jennifer Raine, Emily Snow, Wanda Zero, Zephyr Marx, April Fulsome, Annabelle Lee. Eu tenho um quarto sem acolchoamento aqui, com paredes verdes esmaecidas, um rádio e todo o Thorazine que conseguir engolir. Eu não gosto de Thorazine. Faz com que eu me sinta como um pacote de brócolis congelado no supermercado. É por isso que eles me colocaram aqui. Ou talvez devesse dizer que é por isso que eu tirei a minha roupa no Safeway e destruí algumas prateleiras de suposta

comida. Tinha que fazê-lo. Eu poderia ter destruído tudo. É só embalagem, sabe?

Mas isso eu tenho que dizer, este é o melhor hospital em que já estive, especialmente porque é para o meu próprio bem.

Doutor, você tem que aprender a aceitar uma brincadeira. Era uma piada de primeiro de abril quando eu disse, respondendo a sua pergunta, que nada particularmente doloroso aconteceu quando eu tinha 11 anos, exceto talvez o fato de ter sido violentada pelo time de futebol de North Bay High, logo após meu irmão mais velho se enforcar na garagem usando minha calcinha. Eu esperava que você risse quando eu disse caiu em primeiro de abril. Não tinha me dado conta de que você tivesse toda aquela raiva e hostilidade reprimida. Você não acha que eu sei que você não pode me ajudar se eu não ajudar a mim mesma? Por que outra razão eu brincaria com você? Apesar de apreciar os seus esforços, não preciso de ajuda. Preciso de tempo. Tempo e espaço, e algum descanso, doutor, é isso que eu preciso.

Mas agora você conseguiu me fazer sentir culpada. Então vou contar o que aconteceu quando tinha 11 anos, mas tenho que fazer isso rápido, porque só posso contar isso no dia primeiro de abril e já é quase meia-noite agora.

Doze anos e meio atrás, eu e meu pai pegamos um bote de alumínio e fomos remar no lago Pauline. Uma tempestade desabou repentinamente, como acontece em março, e papai estava remando para as margens quando fomos atingidos por um raio. Ele estava remando, remando, remando (não alegremente, não delicadamente) e de repente tudo ficou totalmente branco e minha espinha dorsal estava em chamas. Nenhum barulho sequer. Nenhum trovão, estampido, estrondo ou explosão. Apenas aquele silencioso, sólido e interminável relâmpago de alabastro e, depois, mais nada.

Quando voltei a mim, estava quase escuro. Meu pai estava deitado todo retorcido na proa, mão esquerda flutuando dentro da água. Ele estava morto. Eu tinha visto um filme no colégio sobre saúde e higiene que falava a respeito de ressuscitamento boca a boca e eu tentei, tentei tanto, respirando dentro dele até ficar exausta. Podia sentir o gosto do tabaco e do álcool na sua boca, o cheiro do seu cabelo queimado, podia ver Mia sentada onde eu tinha estado, observando, totalmente emudecida. Observando quando eu desisti e segurei a sua cabeça

esbranquecida pelo choque contra o meu peito enquanto a corrente nos levava através da chuva.

Você entende por que ela é como uma filha para mim agora? Quando lhe dou um beijo de boa-noite, após mais um dia acalentando o vento e pondo ovos vazios, posso sentir as cinzas ms seus lábios. E eu lhe dou um beijo de boa-noite todas as noites. É preciso coragem para fazer isso, doutor, é preciso amor. Eu não estou louca.

Meu nome é Jennifer Raine. Garçonete. Datilógrafa. Pseudopoeta. Balconista. Tenho uma filha imaginária chamada Mia. Quando tínhamos 11 anos de idade, Deus explodiu dentro do meu coração.

Primeiro de abril, doutor, primeiro de abril, porra.

2 de abril (0h4min)

Sem piadas agora. Minha mãe estava lá quando trouxeram o bote com papai, eu e Mia. Durante quase um mês, ela apenas gritou, então a colocaram num quarto acolchoado e, finalmente, ela parou de gritar e começou a implorar. Implorar que lhe trouxessem suas roupas. Finalmente, eles foram sensatos o bastante para trazer-lhe um cesto de roupas limpas. E é isso que mamãe tem feito a cada momento em 12 anos — selecionar roupas limpas. Ela as seleciona por cores e então as recoloca de volta dentro do cesto e recomeça outra vez. De vez em quando, ela para, olha para cima com aquela feliz expectativa e diz: "É você, Philip?" Toda vez que vou visitá-la, é a mesma coisa. Ela sorri para mim bem carinhosamente e diz: "Não, lamento, mas você não pode ser a minha filha porque você não nasceu ainda."

E eu a imploro para me imaginar, por favor, imagine que sou eu. Mas ela não consegue.

Num mercado das pulgas ao lado da estrada, próximo à divisa do Novo México, Daniel distribuiu toda uma caixa de revistas *Tacadas de Deus* e, impulsivamente, comprou uma sacola para bola de boliche verde-escuro, tênis de boliche e uma camisa de boliche. A camisa do mesmo verde da sacola. Nas costas, em letras amarelas, lia-se Thrice Construction. Acima do bolso da frente, estava escrito Herman.

Várias horas mais tarde ele parou para descansar. Estacionou na lateral de uma estrada suja, retirou o Diamante do falso diferencial e o colocou dentro da sacola de boliche. Ele subiu no trailer. Durante quase dez minutos, ficou olhando o centro da joia, concentrando-se, porém não conseguiu ver o fio espiral da chama. Ele desapareceu. O Diamante desapareceu também. A chama espiralada tornou-se imediatamente visível. Ele esvaziou a sua mente e focalizou a chama central do Diamante. Sentiu-se como se enchesse de luz, tornando-se luz, e usou a luz para abastecer a sua concentração. Quando reapareceu, sentiu-se espantosamente revigorado. Só quando guardou o Diamante dentro da sacola de boliche para viajar na frente com ele e deu um passo para fora do trailer que se deu conta de que a lua já havia surgido. Ele tinha desaparecido por pelo menos três horas.

— Não há limites — berrou ele para a lua. — Espere aí, querida, estou indo visitá-la.

Volta flutuava entre o transe e o sono. Ele conseguia sentir Daniel, mas não com força suficiente para localizá-lo. O único jeito de Daniel levar o Diamante seria fazendo-o desaparecer com ele, e teria que fazê-lo rapidamente. Talvez o tivesse imaginado desaparecendo com ele. Talvez o Diamante estivesse receptivo. Ou ávido. Ele não conseguia imaginar Daniel olhando para dentro do Diamante. Não estava certo de que a vaga impressão que ele sentia emanava de Daniel, ou de algum eco fantasmagórico dos seus próprios receios de que Daniel tivesse sido, na melhor das hipóteses, perturbado, ou, na pior, requisitado pelo Diamante. Daniel possuía poderes. Inquestionavelmente possuía poderes. Mas não era tão poderoso quanto o Diamante.

Melvin Keyes, supervisor da CIA para a região Sudoeste, um homem de língua afiada, teria se divertido com a esmagadora sagacidade da descompostura do diretor, não fosse ele o alvo dessa. A ira do diretor finalmente definhou e, agora, em pé dentro do cofre saqueado, restringia-se a repetir a lista de transgressões de Keyes, com mais incredulidade do que raiva.

— E você tinha *todas* as forças de segurança de *toda* agência do serviço secreto deste *país* à sua inepta disposição, com um orçamento *ilimitado*, e eles, ou ele, ou ela, ou *aquilo*... desculpe-me se eu lanço perdigotos ao falar...

entra passeando aqui dentro, rouba o diamante e sai fora andando. Desculpe-me, senhor Keyes, simplesmente eu não consigo acreditar numa porra dessas!

Keyes, desviando o olhar, esperou até ter certeza de que o diretor tinha terminado.

— Senhor, eu partilho da sua aflição, mas considere as evidências: quatro postos de controle, câmeras, sistema de detecção a laser, alarme de pressão de rastreamento de um quilo e meio no solo, fechadura dupla *e* tranca codificada intocadas... simplesmente, não é *humanamente* possível roubar aquele diamante sem ser detectado. Portanto, sinto-me forçado a concluir que estamos lidando com espécies alienígenas, cujas tecnologias estão muito mais avançadas do que as nossas. Considere também que nossos cientistas nunca viram *algo* igual a esse diamante. Geólogos, físicos, todos eles concordam que as probabilidades disso ocorrer naturalmente são incalculavelmente pequenas. Eu acho que aquilo era um dispositivo de captação de informações de algum tipo, e eles simplesmente o recuperaram.

— *Eles?* — o diretor torceu os lábios.

Keyes não sentia nenhuma vontade de repetir o que dissera. Ele olhou para o piso do cofre.

— Eu acho que estamos lidando com seres alienígenas, senhor. Não são humanos.

O diretor retorquiu friamente:

— Eu não acredito em homenzinhos verdes. O presidente também não.

Keyes desistiu.

— Bom, se foi levado por seres humanos — disse ele energicamente —, nós os apanharemos. Temos duzentos agentes agindo nesse exato momento, outros cinquenta estão chegando, um monte de especialistas trabalhando em pesquisas forenses e interrogando os guardas.

— Ótimo — vibrou o diretor, seu sarcasmo era tão pesado, que um Caterpillar D-8 não conseguiria carregar. — Por enquanto, os agentes permanecerão sob o seu questionável comando. Entretanto, depois da minha humilhante conferência com o presidente e o Conselho de Segurança Nacional, hoje de manhã, Dredneau foi chamado para se encarregar das investigações.

Keyes estava incrédulo.

— Paul-Paul Dredneau? Senhor, o Diamante está classificado como Segredo Acesso-Zero Linha-Vermelha! Dredneau é um canadense, ainda

mais um *franco-canadense.* Sem falar que ele é um louco, um maquinador, uma fraude, um notório...

— De acordo com as ordens do *presidente* — interrompeu friamente o diretor —, Dredneau está encarregado das investigações. Se você tivesse feito o *seu* trabalho, o presidente e o Conselho de Segurança Nacional não teriam solicitado os serviços dele.

— Com todo o devido respeito, na minha opinião o cara é um cantor maluco de churrascaria, indigno de confiança e extremamente incompetente.

Foi o próprio Dredneau, em pé à porta do cofre, que murmurou:

— *Sua* opinião, senhor Keyes, já se provou consideravelmente empobrecida.

Dredneau estava vestido à moda dos primeiros modelos Alfred Noyes[10]: uma comprida casaca púrpura, uma imaculada camisa branca com um laço franzido na altura do queixo, calças de pele de corça, longas botas de couro espanhol e luvas de seda — também imaculadamente brancas — que ele encomendava às dúzias de Paris. Pouco mais do que 1,60m e pernas ligeiramente arqueadas, ele parecia mais um jóquei que tinha virado almofadinha do que um salteador do século XIX.

O diretor, momentaneamente confuso, ofereceu a sua mão em cumprimento.

— Dredneau, estava querendo encontrar você há algum tempo.

Dredneau, ignorando a mão estendida do diretor, inclinou a cabeça.

— Paul-Paul Dredneau às suas ordens, senhor. Pelo que entendi — ele olhou claramente para Keyes — a sua segurança falhou, resultando na lamentável perda de uma gema valiosíssima.

— Ela foi roubada em algum momento entre meio-dia do dia trinta e um e uma da manhã do dia dois de abril. Como já deve ter sido informado. Foi aparentemente roubada de um cofre trancado sem disparar ou passar por cinco sistemas de alarme separados e bastante sofisticados.

— Que coisa *desconcertante* — Dredneau deu um risinho afetado. — Felizmente, eu estava em Nova York concluindo um caso desagradável envolvendo um ataque terrorista planejado para o desfile de Páscoa da cidade... agora frustrado, graças a Deus... e fiai capaz de atender com prazer à convocação do seu presidente. Mas antes de usar minhas faculdades para conduzir o caso, permita-me apresentar Roshi Igor, meu assistente, guarda-costas e criado.

Nem o diretor, nem Keyes tinham notado Igor, em pé do lado de fora do cofre, um surpreendente descuido. Ao ouvir seu nome, Igor entrou. Duzentos quilos de densa musculatura, ele tinha pulsos que pareciam mognos quatro por quatro projetando-se para fora das mangas desgastadas do seu casaco e um pescoço igual a um tronco de sequoia. Os olhos de Igor, entretanto, eram mais imponentes do que o seu volume. Próximos um do outro, sob a inclinação neandertalesca da sua testa, eles pareciam o cano duplo serrado de uma carabina 12.

Dredneau disse:

— Igor identifica apenas o seu nome e um pequeno número de comandos, porém é sensível a qualquer sentimento de rejeição, hostilidade e... Não! — vociferou ele, no instante em que o diretor estendia a mão para Igor. — Não permito que ele aperte mãos. Ele não tem ideia da própria força. Já o vi transformar uma bola de beisebol num disco de praia.

Keyes riu nervosamente.

— Você o fabricou sozinho, ou o alugou em Hollywood?

O diretor disse rapidamente:

— Puxa, ele parece ser realmente forte!

Dredneau sorriu.

— Tenho certeza de que o senhor aprecia a relatividade da inteligência — disse, outra vez olhando para Keyes.

— Talvez pudéssemos discutir as enfermidades do seu amigo qualquer hora mais tarde e concentrar a nossa atenção na investigação, que *já* está consistentemente sendo desempenhada — disse Keyes.

Igor começou a dar tapinhas nas próprias nádegas com suas sólidas mãos.

— Não! — ordenou Dredneau.

Igor parou imediatamente.

— Nossa, o que quer dizer tudo isso? — quis saber o diretor.

— Eu ensinei Igor a comunicar os seus sentimentos através de gestos. Ele acha que o senhor Keyes é um cu. — Dredneau sorriu para o diretor. — Eu creio que o senhor partilhava de percepção similar quando nós chegamos.

Keyes deu um passo em direção a Dredneau, e Igor deu um passo em direção a Keyes.

— Parem! — ordenou Dredneau. Eles pararam. — Basta de brincadeiras divertidas, ainda que isso atenue uma situação séria. Ao trabalho, cavalheiros, e meu trabalho é informação e dedução. Primeiro, algumas informações.

Além do seu valor óbvio como uma gema, qual é a importância desse Diamante?

— A verdade é — esclareceu o diretor — que nós não sabemos. Nós o trouxemos aqui para testes. O Diamante é perfeitamente esférico mas, até onde pudemos determinar, não foi cortado ou trabalhado de nenhuma maneira. E nossos cientistas dizem que a probabilidade de ocorrência natural é infinitesimal.

Olhando para cima como se fosse para o espaço, Dredneau disse:

— Vocês já aventaram a possibilidade de ele ter vindo de outra parte do universo?

— Claro — disse Keyes com escárnio. — Só uma inteligência não humana poderia ter ludibriado a segurança.

Dredneau, ainda olhando para cima, disse suavemente:

— Você está errado, é claro, senhor Keyes. — Ele apontou para um círculo pálido marcado no teto do cofre. — Um membro de uma espécie alienígena com avançada tecnologia não teria achado necessário pendurar-se do teto com o que parece ter sido um desentupidor de banheiro comum.

— Asneira — disse Keyes.

Dredneau o ignorou.

— Somente dois elementos deste caso me interessam de fato. O primeiro, obviamente, é a questão prática de como nosso ladrão conseguiu abrir a porta do cofre sem disparar o alarme.

— Estamos esperando — interrompeu Keyes.

Dredneau continuou ignorando-o.

— A segunda questão é filosófica. — Dredneau examinou com as mãos toda a extensão das paredes do cofre repletas de barras de ouro. — Que tipo de homem, ao entrar num cofre cheio de ouro, teria a capacidade de ver algo além disso?

— Pois é, verdade — disse Keyes com zombeteira jovialidade —, esta *com certeza* é uma especulação fascinante, mas nós estamos mais interessados em coisas como *quem* é o ladrão.

Dredneau disse, enfastiado:

— Eu já deduzi *isso.*

— Pelo amor de Deus, homem — implorou o diretor —, diga-nos!

— Ele está brincando conosco, senhor — disse Keyes.

— O nome do ladrão é... — Dredneau fez uma pausa — Isaiah Kharome. Ele estava, e talvez ainda esteja, dirigindo um carro com uma espécie de

trailer, fazendo-se passar por um pregador itinerante e editor de obscuros panfletos religiosos, mas aparentemente afiliado a algum culto mágico antigo.

— Simplesmente o *surrupiou* para fora daqui, hein? — disse Keyes.

— Envie a mensagem — ordenou o diretor a Keyes.

— Senhor — protestou Keyes —, está brincando?

— Agora.

Keyes virou-se para Dredneau.

— Como você consegue olhar para um círculo desbotado neste teto e não apenas detectar que foi feito por um desentupidor de banheiro, mas também *deduzir* a identidade e o disfarce do ladrão?

— Porque eu sou um gênio — falou Dredneau. — E agora, devo revigorar as minhas faculdades. Se vocês o encontrarem, por favor, avisem-me imediatamente no Turquoise Hilton, em Albuquerque, o único lugar decente em muitos quilômetros por aqui. Enquanto isso, por favor, enviem-me um esquema detalhado das medidas de segurança, assim como a planta do cofre. Estarei disponível para outras consultas. Tenham um bom-dia, cavalheiros. — Ele deu meia-volta e dirigiu-se para a porta, fazendo uma pausa para levar Igor.

Keyes disse para o diretor:

— O senhor não quer realmente que eu mande uma mensagem com aquela bobagem de Isaiah Kharome com carro e trailer, quer? Todo mundo procurando um fantasma da vaidade de Dredneau?

O diretor explodiu:

— Pô, *claro*! *Mande-a.* Eu não vou complicar essa merda com o presidente. Se não gostar, senhor Keyes... bem, *você* fodeu tudo, *você* conserta.

Melvin Keyes deu três telefonemas. O primeiro foi para emitir o único comunicado da agência sobre Isaiah Kharome. Depois ligou para o seu assistente para obter verificações de registro integrais sobre Isaiah Kharome e Paul-Paul Dredneau, instruindo-o em seguida para entregar os esquemas dos sistemas de segurança para Dredneau, e para dizer a ele que um representante da Seabrooke estaria chegando dentro de um dia. O terceiro telefonema foi para Gurry Debritto, na Califórnia.

— Sim? — respondeu Debritto.

— Keyes. Você está disponível? É algo só para mim.

— Se for interessante.

— É uma incógnita. Ou alguém sabe mais do que está contando, ou eu estou sendo sacaneado.

— Isso não é interessante.

— Duzentos e cinquenta mil, com possibilidade de mais, digamos dez milhões, se você recuperar um certo objeto associado com a investigação.

— Que tipo de objeto?

— Não posso falar sobre isso até que você concorde.

— Duzentos e cinquenta por um interrogatório? Ele deve ser extremamente relutante, protegido ou perigoso.

— Podemos conversar hoje à noite, às oito, em Albuquerque. No Mama's Café.

— Metade adiantado, como de costume. Na conta de Cayman. Você tem o número.

Keyes deu um risinho.

— Estou sempre contente vendo um homem poupar para a sua aposentadoria.

— Eu não poupo coisa alguma — confessou Debritto antes de desligar.

A cabine de telefone estava congelada sob o sol nascente do deserto. Quando Daniel acabou de discar, sua respiração já tinha embaçado todos os vidros.

Volta respondeu depois de tocar três vezes.

— Conserto de Fornos Aliado.

— Oi — disse Daniel, os dentes quase estalando.

Volta não respondeu.

— Eu consegui — revelou Daniel.

— É, é o que ficamos sabendo — disse Volta suavemente. — Ótimo.

— Houve complicações.

— Você sabia que podia haver complicações. Isso acontece quase sempre.

— Ainda está acontecendo — confirmou Daniel. Sua voz parecia apertada, convulsiva.

— Era o que eu desconfiava — disse Volta. — A existência delas, não suas especificidades. Quais são elas? — Suave. Paciente.

— Como foi que eu consegui? — deixou escapar Daniel. — Você deve saber.

— Com certeza você o imaginou.

— Com certeza? *Toda?* Não, eu não estou tão certo. Isso deveria agradá-lo.

Volta não respondeu.

Daniel disse:

— Eu não sei se o imaginei, ou ele me imaginou.

— Venha me visitar. Talvez eu possa ajudá-lo a entender a distinção.

Daniel sentiu um arrepio.

— Não, você nem sequer está entendendo o que estou dizendo. *Você* não *precisa* vê-lo. Eu preciso. Eu preciso vê-lo. A responsabilidade é minha agora. Já o vi por dentro e preciso ver mais porque ele quer que eu o faça.

— Eu nunca considerei o Diamante como minha responsabilidade — observou Volta. — Eu o considero minha *obrigação.* Nós dois temos direitos neste assunto. Peço somente que você respeite os meus.

— É isso que eu estou tentando fazer, você não entende?

— Não, não entendo — afirmou Volta.

— Você teria que desaparecer junto com ele para vê-lo por dentro, para ver o que você quer ver, até mesmo para saber *se* você quer vê-lo.

— Eu respeito a sua opinião, Daniel, e francamente agradeço a sua preocupação, mas tenho que reservar essa decisão para mim mesmo.

Com a ponta do dedo, Daniel desenhou círculos imperfeitos no vidro embaçado.

— Venha me ver — disse Volta, gentilmente. — Tenha calma. Eles acabaram de descobrir que ele sumiu. Pelo que sabemos, você está limpo. Se for muito complicado, eu posso também ir até você. Só me dizer onde e quando.

Daniel disse rapidamente:

— Eu não estou conseguindo pensar agora. Estou congelando. Telefonarei mais tarde. — Ele desligou.

Volta repôs o fone de volta no gancho. Fechando os olhos, respirou lentamente.

— Você o perdeu — afirmou ele.

O DIÁRIO TERAPÊUTICO DE JENNIFER RAINE

2 de abril (noite)

Meu nome é Jennifer Raine, Malinche Cortez Rainbow, Sandra Dee, Emily X, Desiree Knott. Ainda doida depois de todo esse tempo, hein meninas?

Hoje à tarde, o doutor Putney tentou ser mais agressivo comigo. Não fiquei surpresa. Os homens só reagem de duas maneiras em relação a mim — batem as asas ou batem em mim. Eu estava contando para ele sobre a cicatriz causada pelo relâmpago que eu ganhei quando o meu pai foi morto. Está bem na base da minha espinha dorsal, com o mesmo formato de um raio. Eu estava contando para ele que não morri também porque o raio acertou meu cérebro e correu pela espinha, meu traseiro estava em contato com o bote e reteve fluido suficiente para me salvar. Quero dizer, eu não culpo o raio. Ele só quer chegar ao fundo do lago. Se ele não conseguir se conectar, ele não pode ir para casa.

De qualquer maneira, o doutor Putney me desafiou com a cicatriz, mas ele fez tudo errado. Ele disse: "Você não tem uma cicatriz, Jennifer."

Então fiquei em pé e tirei meu penhoar por cima da cabeça. Eu não estava usando nada além daquilo. Gosto do meu corpo íntimo. A nudez é um dos meus maiores poderes. Não estou falando do truque matreiro da mulherzinha se virando lentamente, braços cruzados, levantando sinuosamente e deixando um vestido cair no chão. Não sou muito boa tentando ser sexy. Mas eu sei como ficar nua, tão nua que nem dá par a ver o meu corpo.

O doutor Putney deve ter quase engolido o lápis que ele está sempre mordendo porque ele pareceu soltar um grasno: "Jennifer, ponha a sua roupa."

Eu disse a ele: "Olha a minha cicatriz." Eu a toquei com a minha mão direita para ele saber onde é que tinha que olhar.

O doutor ficou agitado. "Não tem cicatriz", disse ele, pronunciando cada palavra como se falasse com uma criança. Nem com a Mia eu falo daquele jeito.

Eu fiquei lá em pé, tão nua que podia sentir a cicatriz começando a brilhar. Finalmente, ele deu a volta na mesa, pegou o meu penhoar e me entregou. Ele me olhou nos olhos — com mais coragem do que pensei que tivesse — e disse com verdadeira amabilidade: "Não tem cicatriz. Agora vista-se. Por favor."

O “por favor” insinuou o que uma olhada abaixo da sua cintura confirmou — ele estava como uma séria ereção.

“Eu mostrei a minha cicatriz” disse a ele. “Deixa eu ver o seu pau. Vamos brincar, doutor.”

Eu não pude resistir. Meti medo nele — lembrando-lhe que ele era um médico. Situação Comprometedora com uma Paciente.

“Não”, ele disse. “Esta consulta está terminada.” E saiu fora. Era mais um salto controlado. À porta, ele virou e disse: “Você deveria escrever sobre seus sentimentos em relação aos homens.”

Depende do homem, doutor. E de mim.

Mesmo antes de abrir os olhos, Volta pôde dizer pela campainha que a ligação vinha da linha interna. Provavelmente Smiling Jack ou Ellison. Ele apanhou o fone sem entusiasmo.

— Conserto de Fornos Aliado.

— Feliz por você ter desistido e dormido um pouco. — Era Jack.

— Eu não desisti. Ele telefonou.

Smiling Jack aguardou.

— E?

— Eu não sei. Mais exatamente, ele não sabe. Acho que o Diamante o dominou. Ele disse que ligaria outra vez.

— Onde ele está?

— Não me disse. Parecia estar numa cabine de telefone, então suponho que esteja em movimento na estrada.

Smiling Jack não falou nada por alguns instantes.

— Já que você não telefonou, imagino que estamos jogando como se ele estivesse solto. Ou deixando ele solto.

— Eu acho que é melhor, por hora — disse Volta. — Não que tenhamos muita escolha.

Jack deu um suspiro. Ele detestava dar más notícias.

— Nós temos escolha agora. Eles descobriram o disfarce, tudo, menos a marca e a placa da caminhonete.

Volta sentou-se na cadeira.

— Como?

— Você não vai acreditar.

— Eu acredito em tudo que acontece.

— O próprio presidente... embora os rumores digam que foi pressão da sua esposa, através do seu astrólogo... insistiu que eles chamassem aquele excêntrico do Dredneau. Segundo fonte de confiança, ele *deduziu* tudo por causa da porra da marca do desentupidor no teto.

— Essa é uma extraordinária dedução.

— Pois é — concordou Jack. — Eu também achei. Claro, não conheço bem esse tal de Dredneau, exceto que se veste como no século XIX, tem um jeitão dramático e, evidentemente, conhece bem o seu negócio. É o tipo de cara de que você aprecia.

Volta estava pensando: essa é uma dedução impossível. Mude os códigos agora mesmo. Porra — eu devia ter feito isso há um mês. Mas mantenha a rotação de frequência.

— Se eles estiverem nos escutando, podemos também cagar nos seus ouvidos, hein?

— E eu acho que devíamos ter um mensageiro pronto para nos comunicarmos com Daniel. Ele não o disse diretamente, mas não confia em mim.

— Wild Bill.

— Ele seria a minha escolha, também, se tivéssemos tido notícias dele nos últimos cinco meses.

— Eu farei isso — afirmou Jack. — Ou Dolly.

— Obrigado, Jack, mas precisamos de você para Dredneau, e Dolly para Shamus, embora ele pareça ter rompido o contato. Vamos apostar. Que tal Charmaine? Ela já o fisgou de alguma maneira.

— Pensei que você tinha dito um mensageiro, não um persuasor.

— Um mensageiro pode assumir vários papéis. Sem saber qual se revelará mais apropriado, por que não prevenir-se para possibilidades diversas?

— Ei — disse Jack, percebendo a irritabilidade de Volta. — Estou convencido.

— Acho que estou velho demais para isso, Jack. E acho que estou feliz.

— Eu apoio essas emoções. Leve-me com você.

— Claro, se sobrar alguma coisa de nós quando este caso estiver terminado. Até lá, esperarei por outro telefonema, você e quem mais precisar podem cercar nosso criptógrafo canadense, mantenha Jean preparado para agir e deixe Ellison cuidar do resto. Acho que o código foi furado, mas pode

ter sido uma falha no disfarce. Para ter certeza, verifique tudo no sentido inverso. Ponha Ashley Bennington nisso. E Lyle também.

— Mais alguma coisa?

— Não que eu consiga pensar agora. E você?

— Nada que se possa *fazer* — observou Jack —, mas estou curioso sobre algo.

Volta sabia o que era.

— Jack, você não precisa se melindrar.

— Por acaso Daniel mencionou como ele conseguiu?

— Eu o indaguei. Ele disse, e eu o cito textualmente, "Eu usei a minha imaginação."

— Estou realmente desejando me aposentar com você. Ficar apenas flutuando dentro de um bote num lago cheio de trutas, enquanto ouço você me falar sobre magias e os segredos da arte.

— Falarei sobre tudo que eu puder.

— Hum-hum — murmurou Jack. — E depois disso, terei que usar a minha imaginação?

— Perguntarei a Daniel quando ele telefonar — disse Volta.

Roshi Igor, cujo verdadeiro nome era Roger Kingman, estava comendo pizza — uma Jumbo Navajo, a especialidade do hotel: salame, pimenta, anchovas e salsichas, retocada com finos pedaços de alho sob 250 gramas de queijo tipo gorgonzola. Roshi Igor a estava apreciando imensamente. Dredneau, do outro lado da mesa, não gostou. Ele desviou o olhar dos diagramas de segurança.

— Sinceramente, Roger; está começando a sair lágrimas dos meus olhos.

— Desculpa, chefe — grunhiu Igor, indo sentar-se no sofá.

Dredneau tomou um pouco do seu vinho clarete. Ele tinha imaginado como Isaiah Kharome passara pelos guardas. O gás asfixiante tinha causado total amnésia, assim como paralisia. Ele não sabia como tinham sido resolvidos os alarmes, porém os especialistas em eletrônica de Dredneau garantiram-no de que nenhum alarme podia ser ultrapassado. Assim sendo, sobrava o cofre, e para isso ele precisava de mais informações. Keyes tinha dito que o projetista da Seabrooke chegaria por volta da meia-noite. Já passava de meia-noite e nove. E seus monitores de rádio não tinham chamado, o que significava que não havia novidade. Se o código ou as frequências tinham sido alterados ele precisaria de uma explicação convincente para sua repentina perda de poderes dedutivos. As perspectivas não lhe agradavam. Irritadamente, abriu sua caixinha de rapé em ouro e marfim e inalou uma pequena pitada. O telefone tocou no momento em que ele espirrava no lenço de seda. Ele o deixou tocar novamente antes de responder:

— Paul-Paul Dredneau.

Era o funcionário da recepção. O homem da Seabrooke está aguardando lá em baixo.

— Sim — ordenou Dredneau. — Ele pode subir.

— O cara do cofre? — perguntou Igor, lambendo o finalzinho do molho nos seus dedos.

— Ele logo estará aqui. E, Roger, tome cuidado para não exagerar no seu papel.

— É chato bancar o idiota.

— Tenho certeza que sim. Mas tente perseverar.

Igor torceu a cabeça ao ouvir baterem à porta.

— Você quer que eu o pegue?

— Não. A intimidação não faz sentido aqui. Sente-se e escute.

— Paul-Paul Dredneau? — Gurry Debritto sorriu ambiguamente, piscando por detrás de seus óculos com armação de chifre.

— Sou eu — disse Dredneau, curvando-se. — E você deve ser o muito esperado senhor Sahlin.

— Sim, senhor. Da Seabrooke. — Ele ergueu um pouco a sua pasta preta com a mão, como se apresentando as provas.

Dredneau apresentou Igor, ofereceu bebida e sugeriu que fossem trabalhar sobre a mesa. Quando se sentaram, Dredneau disse:

— Suponho que você tenha examinado o cofre.

— Sim, senhor. Algumas horas atrás. — Debritto, ainda em pé, colocou a pasta sobre a mesa e abriu a combinação.

— Algumas conclusões preliminares?

— Eu tenho minhas notas e algumas fotos, mas pode ser útil verificá-las em relação aos esquemas que o senhor solicitou.

— É claro. Desculpe a minha impaciência, mas o presidente manifestou certa urgência.

Debritto abriu a tampa da pasta, retirou um fino caderno e o entregou a Dredneau, explicando:

— Esses são simples esquemas estruturais e esses — ele enfiou a mão dentro da pasta — incluem os alarmes.

Dredneau abriu o caderno. Antes que pudesse reagir ante a página em branco, Debritto deixou-o inconsciente com um golpe certeiro no pescoço.

Igor estava ainda tentando sair do sofá quando a bala do .357 com silenciador estilhaçou o seu crânio. Ele cambaleou desequilibrado por um momento, como se estivesse tentando decidir-se a sentar novamente, e então caiu para trás sobre o sofá quando uma outra bala perfurou o seu peito. Ele ainda estava tentando se levantar, mas Debritto atravessou rapidamente o quarto e acabou com ele.

Dez minutos mais tarde, quando Dredneau abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi a pasta virada para o seu rosto. Cuidadosamente preso à tampa da pasta aberta havia um cintilante conjunto de instrumentos — bisturi, alicates, tesouras e longas agulhas inoxidáveis de acupuntura. No fundo da pasta, ao lado de um sortimento de frascos e seringas, havia um medidor pequeno e compacto com um fio saindo dele. Ainda tonto, ele seguiu o fio até um eletrodo colado à parte interior das suas coxas. Estava nu, ele percebeu, as mãos amarradas atrás da cadeira, os pés postos para trás e atados aos pés da cadeira. Ele murmurou:

— Roger...

— Roger está indisposto — sussurrou Debritto no seu ouvido. — Se fizer outro ruído, você vai sofrer. Nós somos profissionais, Dredneau, você e eu. Eu respeito bastante a sua inteligência para concluir que você sabe que perdeu. Como está vendo, você está ligado a um polígrafo. Você responderá minhas perguntas com a verdade. Se recusar, ou mentir, eu retiro uma parte do seu corpo... uma rótula, digamos, ou um olho, um testículo, um dedo. Acredite quando eu digo que sei o que estou fazendo. Já mantive homens vivos por até trinta horas, e eu os desbastei até só ficar a cabeça e o tronco. Se ainda assim você recusar, não fará diferença, pois nesse caso usarei pentotal, vulgarmente conhecido como o soro da verdade. Eu preferiria não utilizar uma injeção; embora a informação venha rápido, às vezes ela sai truncada. Se você me forçar a usar o pentotal, quando eu tiver a informação que estou querendo, é assim que você vai ficar. Além disso, se levantar a voz *uma vez* acima do tom civilizado de conversação... o que seria inútil, tendo em vista o planejamento acústico do Hilton... cortarei a sua língua e prosseguiremos usando o sistema primitivo de movimentos com a cabeça. *Por favor*, utilize a sua lendária inteligência. Você entende que está diante não somente de uma escolha entre verdade e falsidade, mas também vida e morte.

Dredneau assentiu.

— Então, a primeira pergunta: Quem roubou o Diamante?

Tremendo, Dredneau mordeu os lábios.

Debritto refletiu: ele não deve ter me ouvido. É melhor eu checar os seus tímpanos. Ele alcançou a pasta e retirou um comprido alfinete de prata.

Dredneau deu uma tremida.

— Você vai me matar de qualquer maneira.

— O senhor não escutou bem? *Profissional.* Um profissional nunca mata, a menos que seja absolutamente necessário. No seu caso, não é necessário. Tudo o que eu quero são informações relativas ao Diamante que fui contratado para encontrar.

Dredneau sacudiu a cabeça.

— É claro — sussurrou Debritto. — Dada a sua situação, por que acreditaria na minha palavra? Por favor, olhe para o polígrafo. — Debritto inclinou a pasta para que Dredneau pudesse ver melhor. — Equipamento de última geração. Observe a agulha, a área vermelha indica uma mentira. O seu nome é Paul-Paul Dredneau?

Dredneau lambeu os lábios.

— Sim.

A agulha não se moveu.

— Você já matou um homem?

— Sim.

A agulha saltou para a área vermelha.

Debritto soltou um leve risinho.

— Eu acho que não. Pergunta seguinte: Você é homossexual?

— Não.

A agulha oscilou perto da área vermelha.

— Olha só, isso é interessante. Você parece possuir alguma profunda ambiguidade sexual. — Ele apontou com o alfinete a virilha de Dredneau como se para indicar o local da confusão. — Deixe-me reformular a pergunta: você já fez sexo com outro homem?

— Não.

A agulha lançou-se dentro do vermelho.

Debritto deu uma risadinha.

— Opa! Quantos?

— Dois. Quando eu era jovem.

O equipamento confirmou a informação.

— Eu poderia perguntar sobre as mulheres mas, francamente, não estou interessado em humilhar você, e tenho certeza de que entende agora a capacidade discriminatória do equipamento. Agora, vamos ao ponto. — Debritto colocou o alfinete sobre a mesa e habilmente arrancou o eletrodo da coxa de Dredneau e segurou-o junto ao seu próprio pulso. — O interior do pulso, na verdade, é mais sensível do que a coxa, mas já que suas mãos devem ficar atadas, eu não tive escolha. Agora, observe a agulha enquanto eu faço minhas afirmações. — Ele fez uma pausa e então, com calma formalidade, disse: — Se você me disser a verdade, não o matarei, nem o machucarei de modo algum. Caso contrário, você vai sofrer até morrer.

A agulha não se moveu.

— Está vendo? A verdade. — Ele recolocou o eletrodo preso à coxa de Dredneau e pegou o alfinete de aço inoxidável em cima da mesa, distraidamente testando a sua ponta contra o seu próprio dedo indicador. — Eu repito: Você sabe quem roubou o Diamante?

— Sei.

— Muito bom. A verdade é sempre boa, não é? Agora, quem o roubou?

— Seu nome é Isaiah Kharome.

A agulha oscilou até a margem da área vermelha.

— Isso parece ser uma verdade parcial. Eu pedi a verdade completa.

Dredneau engrossou a voz e disse:

— O nome é uma alcunha, eu acho, uma identidade fabricada.

— Continue.

— Isso é um palpite.

— Certo.

— O nome verdadeiro do homem é Daniel Pearse.

— O equipamento concorda com você, ou pelo menos trata-se de um palpite confiante. Com base em que você tem esse palpite? — disse Debritto.

O suor corria pelo pescoço de Dredneau.

— Eu desvendei um código, um código extremamente difícil. De uma transmissão de rádio. Levou quase oito meses. A criptografia é um talento útil para um detetive. Eu pago ouvintes no mundo todo para monitorar transmissões de rádio codificadas. A maioria dos códigos é banal, decifrável num piscar de olho. Este era provocador... é chamado de cifra-alterada. Eu tive que coletar um grande número de amostras antes de poder estabelecer qualquer tipo de contagem de frequência, muito menos para discernir os princípios operacionais; de posse disso, os conjuntos de códigos se seguiram.

— Você está indo bem. Meus cumprimentos pelo seu trabalho, de um profissional para o outro. Então, quais são os conjuntos de códigos?

— Panagramas parciais... um conjunto completo está dentro da minha valise no quarto.

— *Excelente*. Para quem esse Isaiah Kharome-Daniel Pearse trabalha?

— Eu não sei. É apenas um palpite. Baseado no estilo e em referências textuais incomuns. É um grupo de alquimistas ou mágicos, eu acho.

— Uma sociedade secreta?

— Talvez.

— Alguma filiação nacional, racial ou política?

— Talvez anarquistas.

— Sempre houve rumores sobre um grupo assim.

— Se a dificuldade do código for alguma indicação, eles são muito cuidadosos.

— Nós veremos. Agora, Daniel Pearse... por que o nome é um palpite?

— Porque, nas primeiras transmissões, referiam-se a ele como ‘Danny Boy’ e depois mudaram para Kharome. Uma noite, me distraindo, eu reverti Kharome... ainda usando os conjuntos de códigos... e descobri DPearse.

Logicamente, pela referência inicial Danny Boy, era provável que o D fosse de Daniel. Eu examinei Daniel Pearse e Isaiah Kharome através da minha rede de informações, que vai da Interpol até a delegacia de polícia local... e *voilà!* Um Daniel Pearse, mas nenhum Isaiah Kharome. Nenhum senhor Kharome. Aos poucos, ele começou a aparecer nas listagens do Departamento de Trânsito e nas telas de cartões de crédito. Obviamente, alguém estava fabricando uma identidade.

— Fale-me sobre esse Daniel Pearse.

— Seu dossiê está dentro da minha valise com os conjuntos de códigos e as tabelas de frequência. O pouco que tem é bastante estimulante. Quando ele tinha quatorze anos, sua mãe, Annalee Pearse, foi morta e Daniel seriamente ferido ao colocarem uma bomba. Repentinamente, ele foi representado por advogados caros e colocado sob custódia de parentes questionáveis. A partir de então...

— Pare! — exclamou Debritto. — Espero que você esteja certo sobre isso. Tenho que desfazer essa confusão. Eu matei a mãe dele.

Dredneau disse, nervosamente:

— Meus relatórios falam de uma bomba defeituosa. Por favor, pode verificá-los.

Debritto o ignorou.

— Foi um trabalho apressado. Eu não devia matá-la; apenas pará-la. Frustrar o plano. Aqueles malucos não querem punir. Quero dizer, eles nem queriam que a polícia soubesse. Eles não disseram *porquê*, é claro. Mas uma bomba num beco sem saída, em Livermore? Ela devia ter efeito diversivo para um ataque ao laboratório. Tornando-se público atingiria os interesses nucleares. Eles sequer confiavam nos seus próprios agentes de campo para cuidar daquilo. Quando eu fui solicitado, ficava apertado para chegar lá a tempo, ainda mais para preparar alguma coisa. Eu simplesmente o fiz. Eu tinha acabado de subir no telhado do armazém ali quando ela apareceu, a bomba nas mãos. Ela percebeu o movimento quando puxei minha arma. Ela se virou para correr, gritando para alguém. Eu mirei nas pernas dela mas, quando apertei o gatilho, ela escorregou no chão molhado e a bala acertou a bomba. Eu perdi sete por cento da minha audição no ouvido direito.

— Está certo — concordou Dredneau, desanimado. — CIA. Foi Keyes que me armou essa, ou vem de mais alto?

— Por favor, senhor Dredneau. Eu não recebo ordens de *ninguém.* — Dredneau assentiu com a cabeça. — Gosto disso — continuou Debritto. —

Você está entendendo, eles me disseram que o garoto estava em coma e, provavelmente, não sobreviveria. Vou te contar, isso é interessante. Agora tenho chance de terminar o trabalho. E então: onde está o nosso Daniel Pearse, vulgo Kharome?

— Eu não sei.

— Alguma ideia de aonde ele está indo, alguma impressão de um plano?

— Não.

— Você sabe onde está o Diamante?

— Não.

— Suas verdades estão me enchendo o saco. Com certeza, se você teve acesso ao código quando eles estavam preparando o roubo, você deve, pelo menos, ter alguma ideia de como ele o realizou.

— Alguma. Posteriormente, eles disfarçaram o código com a sua própria linguagem, mas, pelo que consegui entender, ele deveria usar um novo gás asfixiante nos guardas, explodir o cofre e ser apanhado por um helicóptero voando sob o alcance do radar. São esses os únicos elementos do plano... afora as datas e os nomes... dos quais tenho certeza.

— Mas ele não usou o gás nem explosivos, certo? Então, como foi que ele fez?

— Eu não sei.

— Mas você sabia que isso ia acontecer. Ora, ora, senhor Dredneau, você poderia nos ter avisado. Mas é muito mais divertido entrar na dança e arrebatar alguma glória com deduções estonteantes e, certamente, arrebatar um dinheirinho, também, já que você está nessa.

Dredneau não disse nada.

Debritto sorriu.

— Isso o faz sentir desconfortável, saber o quanto somos parecidos. Tanto quanto eu, você quer os dez milhões. Caso contrário, você teria dado à CIA o nome verdadeiro dele, em vez de Kharome, o que ele provavelmente já mudou umas dez vezes agora. Enquanto isso, você espera outra transmissão para decodificar, aí talvez você e seu amigo grandão recuperem o Diamante sozinhos. Pelo menos você conseguiu fazer outra brilhante dedução. E, se eles oferecem dez, nós profissionais sabemos que eles pagarão vinte. Não era assim que você estava pensando?

— Sim. Era assim.

— Alguém mais tem essa informação?

— Não.

— Você está retendo alguma coisa essencial ou pertinente?

— Não — gemeu Dredneau. — Por favor, tudo isso é exato.

— Meus cumprimentos. Você é um homem sábio. Nem uma única mentira. Livrou-se de alguns sofrimentos desnecessários. É só eu juntar meu equipamento, pegar a sua valise e vou embora.

— Sim — disse Dredneau com solicitude —, está tudo lá.

— Terei que amordaçá-lo... tenho certeza de que você entende a sabedoria de uma saída silenciosa.

Debritto colocou uma bola de borracha dentro da sua boca e a prendeu com fita adesiva. Dredneau começou a respirar rapidamente através do nariz. Debritto soltou delicadamente o eletrodo e o guardou dentro da sua pasta. No quarto, vasculhou cuidadosamente o conteúdo da valise.

Satisfeito, ele retornou à sala de estar, parando atrás de Dredneau.

— Minha nossa — disse ele —, eu posso até ouvir o seu coração batendo. Fique calmo. — Ele pousou levemente a mão esquerda sobre a cabeça de Dredneau, curvando-se para lhe sussurrar: — Quero que saiba como foi que eu fiz. Lembra, um pouco antes de colocar o eletrodo no meu pulso, como eu pus o alfinete sobre a mesa? Você notou que ele estava encostando no sensor? O alfinete é altamente magnetizado. Ele rompeu a passagem do impulso elétrico para o medidor, e assim minha mentira não foi detectada. E você se diz um detetive.

Dredneau sacudiu furiosamente a cabeça. Debritto meteu os dedos polegar e mínimo no pescoço de Dredneau, que exalou bruscamente, tenso. Com um movimento ligeiro do seu braço livre, Debritto retirou uma agulha comprida com uma ponta de madeira da sua manga. Ele forçou a cabeça de Dredneau para a frente e enfiou a agulha para cima, dentro da base do crânio de Dredneau. Ele enrijeceu-se como se tivesse sido atingido por um aguilhão de gado, investiu mais uma vez contra as suas amarras e desmaiou.

Debritto deu uns tapinhas tranquilizadores na sua cabeça.

— Vai levar pouco tempo. Quanto mais lento for o cérebro, mais lenta é a hemorragia.

Ele apanhou sua pasta e a valise de Dredneau e se dirigiu até a porta, fazendo uma pausa ao abri-la e, olhando para o interior, disse:

— Boa noite. Espero ter sido útil.

Debritto virou-se para a direita e tomou a direção das escadas. Um velho estava passando um pequeno limpador de tapete pelo degrau mais alto, um

transistor enfiado no ouvido. Ele deu um pulo para trás segurando-se no corrimão quando viu Debritto esperando para poder passar, dizendo confuso:

— Desculpe-me, senhor. Não o tinha visto.

Debritto sorriu e fez um sinal em direção ao rádio.

— Quem está ganhando o jogo?

O velho parecia desconcertado.

— Ninguém. — Ele retirou o transistor do ouvido. — Não tem jogo a essa hora da noite. Estava só ouvindo um pouco de música para abrandar o trabalho. Meu trabalho todo é esse, as escadas. Varrê-las de cima para baixo, e então polir o corrimão de baixo para cima. Por falar nisso, tem um elevador ali, sabe? — Ele apontou.

Debritto sorriu.

— Eu preciso de exercícios. Mantém o coração limpo. — Ele apontou para o velho. — Ópera — disse ele. — Aposto que você está ouvindo ópera. Eu tenho uma percepção excepcional sobre a música que as pessoas ouvem. Diga-me: eu acertei, não foi?

O velho virou o fone na direção de Debritto.

— Não, senhor, nada de ópera para mim. Só gosto de dois tipos de música: caipira e do velho oeste.

Debritto percebeu os versos de Waylon e Willie: “Mama, não deixe suas crianças crescerem para virar caubói...” Ele lançou um sorriso para o velho:

— Você é um homem de sorte. — Então sacudiu a cabeça e desceu as escadas.

Smiling Jack recolocou o fone nos ouvidos e retornou à sua limpeza. Aguardou três minutos e dirigiu-se rapidamente para a porta do quarto de Dredneau. Quando ouviu o som nasal e ofegante vindo lá de dentro, pegou a sua chave mestra.

Debritto ligou para Keyes de uma cabine telefônica do outro lado da cidade.

Keyes respondeu ao primeiro sinal.

— Você ainda não tinha percebido? — perguntou Debritto.

— O quê?

— Ele estava trapaceando. Ele *deduziu* esse personagem Kharome de uma médium cheia de merda na cabeça chamada Madame Woo. De acordo com o meu equipamento, ele possuía uma séria deficiência mental. Eu corrigi a deficiência. Primeiro, aumentei o QI do amigo dele para zero.

— Nada?

— Apanhei um monte de papel. Se encontrar algo promissor, eu ligo para você.

— *Você* vai ligar? Acho que eu paguei por eles.

— Ótimo. Não me importo. Só achei que, como eu conduzi a entrevista, seria mais capaz de os avaliar. Eu os deixarei aí, como foi combinado.

— Hoje à noite. Ele pode ter sido um maluco, mas estava conseguindo alguns resultados.

— Ele usava informantes, igual a todo mundo.

— Ele percebeu que eu o tinha mandado lá?

— Claro. Mas eu acabaria com ele de qualquer maneira. Aquele veado safado.

— Tudo na tranquilidade? Alguma testemunha?

— Um velho bundão varrendo as escadas. Tinha um fone de rádio nos ouvidos. Conversamos um pouquinho. Nunca saberá que a música poupou a sua vida.

— Pensei que você nunca poupasse coisa alguma.

— Eu me diverti com Dredneau. Estava de bom humor.

Volta tinha pedido a Smiling Jack que viesse até El Paso para um relatório e uma consulta pessoal, ele tinha providenciado um transporte para trazê-lo. Isso não era muito o estilo de Volta, duplicar esforços. Jack não poderia falar-lhe mais pessoalmente do que já tinha feito pelo telefone. Smiling Jack pensou que talvez Volta estivesse duvidando do seu próprio discernimento. Para Jack, que tinha trabalhado com ele durante vinte anos, isso apenas confirmava o discernimento de Volta, pois era preciso sabedoria para compreender que as complicações do coração podem afetar as decisões. E coragem para admitir isso.

Tomando um conhaque, Smiling Jack contou novamente o que tinha escutado através da porta de Dredneau durante a tortura do detetive e seu encontro com o assassino nas escadas. Volta escutou atentamente até que Jack concluiu com a informação de que Dredneau ainda estava vivo, quando o puseram dentro da ambulância.

— Ele morreu a caminho do hospital — disse Volta.

Jack inclinou a cabeça.

— É — disse ele, friamente —, não me surpreende.

Volta serviu mais uma dose para cada um. Ele ergueu o copo.

— Nós trabalhamos juntos o que parece ter sido a vida toda, Jack, e você ainda me espanta com a sua sensatez e claro discernimento.

— Merda — disse Jack —, vindo de você, isso é mais elogioso do que eu mereço. — Ele ergueu o copo. — Mas eu brindo à sensatez, onde quer que ela surja.

— Como eu lhe disse, embora você possa ter interpretado mal a minha seriedade, pretendo me aposentar quando esse roubo do Diamante estiver resolvido. — Volta deu um sorriso dissimular. — Supondo-se que possa ser resolvido.

— Você costumava saborear as complicações. Era você que afirmava que as achava inspiradoras.

— Isso quando eu era jovem e insensato.

— Isso foi há três anos, em Montreal.

— Quando eu ainda era jovem e insensato. — Jack tentou dizer algo, mas Volta levantou a mão. — Deixe-me terminar, antes que me afaste ainda mais do meu ponto. Com a sua permissão, vou recomendá-lo para me substituir na Estrela.

— Nada disso. Aceito a honra mas recuso a nomeação.

Volta suspirou.

— Daniel não me trará o Diamante, Charmaine se recusa a agir como mensageira, você não aceita o que merece... não é de surpreender que eu esteja duvidando do meu discernimento.

— Charmaine não quer fazê-lo?

— Ela recusou imediatamente. Disse que não fazia sentido. Falou exatamente assim: “Volta, não é nada entre você e Daniel, mas entre Daniel e ele mesmo.” E ela está certa.

— Agora, tenho a minha candidata para substituí-lo na Estrela, quando você se aposentar.

— Não há dúvidas sobre a sua lucidez, mas ela precisa refinar a sua compaixão.

— Você está apenas ofendido porque ela lhe disse o que você já sabia.

— Exatamente. Como eu disse, ela carece de compaixão.

Smiling Jack sacudiu a cabeça e sorriu.

— Falando nisso — continuou Volta —, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. Você se sentiu tentado a matar aquele agente da CIA quando o encontrou na escada?

— Não, mas se ele tivesse decidido olhar o rádio, eu poderia ter tentado. Estou velho e ele era obviamente perigoso. Se ele me mata, nós perderíamos a informação que eu tinha me arriscado para conseguir... como a confirmação de que o código foi violado, de que eles sabem a verdadeira identidade de Daniel, de que aquele cara matou Annalee. Outra coisa, também. Esse assassino disse a Dredneau que ele, na verdade a CIA, tinha sido informada sobre Annalee e a bomba, e eu acho que é através dele que podemos conseguir descobrir quem fez isso. Eu gostava muito daquela garota. Eu a trouxe para a Aliança. Sei que aquela tentativa não tinha nada a ver conosco, que não era uma de nossas ações e era contra a nossa política, mas ela foi traída, e eu gostaria de saber quem a delatou.

— Duvido que ele saiba — disse Volta. — Ele não passa de um assassino mercenário e, a julgar pelo que você me disse, sequer perguntaria as razões. Acho que podemos supor que se trata do elusivo Debritto do qual ouvimos rumores. O estilo é esse mesmo e ele deve trabalhar fora da Bay Area. Você notou que ele disse que suas instruções eram simplesmente anular a bomba que estava sendo colocada? E, ainda assim, quando Annalee o viu no alto do telhado e começou a correr, o que indubitavelmente anularia a bomba diversiva e, consequentemente o assalto ao plutônio, ele tentou atirar nela, tentou atirar nela *sabendo* que seu filho estava no carro. Ele será punido.

— Ah — concordou Jack —, *agora* eu entendo por que você queria me ver. Você tem um problema pessoal.

— Eu gostaria de achar que é porque eu aprecio o seu conselho. O meu apreço pela sua companhia fica mais afiado ao me dar conta de que você chegou bem perto de ser morto essa noite porque sinto que eu tenho o privilégio de ver esse Diamante, embora não haja nenhuma outra razão, afora a minha satisfação pessoal. Quando o Conselho da Estrela descobriu sobre o Diamante, fui eu quem argumentou que deveríamos empenhar todos os nossos esforços para arrancá-lo do controle do governo e devolvê-lo aos elementos. Argumentei que a sua posse, especialmente por parte do governo, poderia ser um desastre espiritual. E esse pode muito bem ser o caso. De qualquer modo, Daniel deu um jeito de roubá-lo, assim, na verdade, a missão foi cumprida. Eu nunca mencionei para a Estrela que eu queria vê-lo pessoalmente. Mas contei para Daniel, que soube e entendeu que, em troca da minha ajuda no seu treinamento e o auxílio da Aliança com recursos e planejamento, ele e eu devolveríamos o Diamante juntos. Está vendo...

Smiling Jack levantou as mãos.

— Pare. Eu entendo. Você quer saber se é honrado negociar o assassino da mãe dele pelo Diamante.

— Exatamente — suspirou Volta. — Só que eu não teria dito *honrado*... teria usado *justo*. É *justo*?

— É — disse Smiling Jack, sem hesitação. — Mais do que isso, se esse Diamante o enfeitiçou de alguma maneira, isso colocará seus pés novamente no chão.

Volta disse, desgostoso e com pesar no tom de voz:

— Existem razões melhores do que a vingança.

Jack encolheu os ombros.

— Eu teria usado a palavra *justiça*.

— *Touché*.

— Talvez apenas sendo forçado a tomar a decisão que o trará de volta.

— Espero — concordou Volta.

— Esperemos juntos. Mas deveríamos também pensar no que faremos se ele escolher ficar fugindo com o Diamante.

— O que podemos fazer, além de deixá-lo ir embora?

— Estou falando sobre o assassino de Annalee, esse Debritto.

— Nós mandaremos um Corvo fazer uma visita. Sua palavra foi justiça, então você pode cuidar disso.

— Ei, seja justo — disse Jack. — *Você* disse *punido*.

— É exatamente isso.

Jack distraiu-se com uma outra ideia.

— Volta, eu entendi. Se Daniel não quiser vingar a morte da mãe, podemos oferecer a Shamus. Ele está enlouquecido de sofrimento, pensa que você e Daniel de algum modo conspiraram para matá-la. Quem sabe? Talvez a justiça fosse catártica.

— Não. Shamus não é capaz de ter o discernimento necessário, seja ele moral ou estratégico. Além do mais, Shamus quer na verdade o traidor, aquele que delatou o roubo para a CIA.

— E você não acha que esse tal de Debritto sabe?

— Posso apostar. De qualquer jeito, talvez o senhor Keyes possa descobrir para nós.

— Você quer que eu ligue para ele e peça, ou você prefere fazê-lo?

— Faça-o você. Ligações públicas apenas, conversas curtas, e você sempre liga para ele.

Smiling Jack franziu a sobrancelha.

— Bom, tudo bem, entendo a segurança básica, eu não deveria simplesmente pedir-lhe o favor de me dizer, ou deveria tentar com mais jeitinho e um pouco de mostarda por cima?

— Eu sequer diria por favor até ter exaurido a sua força.

— É isso que eu não estou entendendo... força. Se contar para ele que eu estava ouvindo ao lado da porta, eles perceberão que nós sabemos que o código estava comprometido, e assim não podemos enganá-los com uma transmissão simulada. Do jeito que estou vendo as coisas, nosso trunfo mais forte é eles ignorarem que nós ouvimos o que estava acontecendo dentro daquele quarto.

— Verdade? — disse Volta. — Mas pode dizer que trabalhou como consultor para Dredneau, que ele tinha convocado você ao hotel para instruções e você simplesmente viu um homem saindo com a valise de Dredneau. Você correu até o quarto e encontrou Dredneau morrendo. Seu último gesto foi apontar para a chave do quarto que tinha caído do seu casaco e levantar dois dedos. A partir disso, você deduziu Keyes. Resíduos de fita adesiva na coxa de Dredneau levaram a acreditar que ele tinha sido interrogado por um polígrafo. Você examinou o perfil da ação no seu computador e está bastante convencido de que o assassino era Gurry Debritto. Explique que você detestava Dredneau porque você e suas feitiçarias de informática faziam todo o trabalho intelectual, enquanto Dredneau arrebatava toda a glória. Então negocie o seu silêncio pelo nome do informante do assalto ao plutônio em Livermore. Keyes vai querer saber por quê. Diga-lhe que você precisa da informação para coletar uma boa soma em outro lugar. Esse é o teste da sua boa-fé em estabelecer o que pode vir a ser uma relação de trabalho mutuamente útil. Se ele recusar, insinue que o senhor Debritto pode vir a ser um parceiro mais compreensivo. Garanto-lhe que ele não quer que Debritto sequer suspeite que havia uma ligação entre eles, porque a única proteção de Debritto seria remover Keyes da corrente de conexões. Sobre o informante, queremos algo concreto, verificável: uma chamada gravada, uma carta ou pelo menos o nome da pessoa que recebeu a informação sobre Livermore. Eles podem muito bem não saber quem era o informante, mas pelo menos nós descobriremos isso.

— Eles podem simplesmente dizer que não sabem — disse Jack —, que era uma ligação anônima igualzinha à minha.

— Talvez. Mas muitas vezes é surpreendente como a pressão pode extrair a franqueza. E, mesmo se fosse um anônimo, talvez possamos descobrir se

era uma voz masculina ou feminina, um adulto ou uma criança.

— Certo. Estou meio lento hoje de manhã. Você receia que tenha sido Daniel. Porque quando você contar que descobrimos o assassino da sua mãe, ele pode imaginar que sabemos isso, quem é o delator: ele. E, aí sim, vai realmente fugir. E você sairia atrás dele mesmo que para isso levasse o resto da sua vida.

Volta olhou para Jack fixamente.

— Não, não faria isso. Um ano atrás talvez. Agora não. E eu não acredito que ele tenha traído a própria mãe, ou só inadvertidamente se o fez. Daniel está correndo perigo. Eu pretendo ajudá-lo com todas as minhas forças.

— E o Diamante? Você não se importa se não vê-lo?

— Jack — disse Volta apaixonadamente —, não posso nem lhe dizer o quanto eu quero me colocar sob a sua luz. Mas faz parte da natureza de coisas como essa deixar que elas partam. Eu ainda não deixei, mas estou tentando.

Transcrição:
Denis Joyner, Rádio Móvel AMO

Uau, acabei de chegar de Sierras esta noite e atravessei pelo adorável vale Apan. Não sei o que é isso sobre o litoral da Califórnia — talvez aquele oceano literalmente pacífico lá fora impondo seus comprimentos de onda sobre os meus —, mas toda vez que passo por lá no meu circuito em espiral, tenho essa aterradora impressão de doçura cósmica. Maravilhado, no lugar do meu habitual emputecido. Fico quase tentado a negociar esse traste de caminhonete e comprar uma Mercedes; talvez instalar uma banheira térmica na adega de vinhos. *Viva est magnum*, mamãe, especialmente se você estiver segurando a garrafa, mas imagino que, se você estiver falando sério sobre botar os outros para correr, você vai querer um passeio confortável.

Você sabe com quem eu estou falando, se não estou falando comigo mesmo nesta doce noite de abril. É, verdadeiramente, você *sabe* com quem eu estou falando, meu amor, vibrando através do silêncio até o pavilhão dos seus ouvidos, mas você *não* sabe por quê. Deixa eu lhe contar: Uma mente perfeita não é nem de perto tão bom quanto duas mentes imperfeitas.

Faça isso girar em volta do seu crânio, enquanto eu chego com alguma identidade, apesar de não ter a menor ideia de quem seja, senhorita Coruja, quem-quem sou eu. Mas o que eu posso dizer é que essa é a Rádio Móvel

AMO, algum lugar entre olho de cobra e vagão de trem com seus dados rolando, e eu estou rolando direto com tudo isso, voando para você alto e vivo, feito e revirado. Sim! Esse é o temível DJ, e esta noite ele está duplicado: Delírio Jocoso e Diarreia Jugular, também. Então, se você não sabe no que acreditar, ei, fica comigo. E se você não gosta do que está ouvindo, chame o xerife. Chame a porra toda do pelotão, não me importo. Avisa a FCC[11] já que você está nessa. Telefone para a Guarda Nacional também, e a Força Aérea, e quem mais você achar que pode salvar a sua pobre bunda condenada. Mas, seja lá o que você fizer, *não* toque no dial, porque acabei de ajustar a hora e o Mickey está com ambos os braços para cima, rendendo-se para a lua, o que significa que está na hora de aninhar vocês com uma história para dormir. Se aconchegue enquanto eu acendo um cachimbo venenoso para limpar a minha garganta de ouro.

Ahhhhhhh. Agora está melhor. Todos estão instalados? Ok. A história é "A Cobra". E antes de começarmos, deixa eu esclarecer que a cobra nesta história não é simbólica. Não é um falo. Não é a Serpente da Tentação, o Dragão Sem Asas do Impronunciável Mal, o Laço do Demônio, ou uma metáfora emblemática de qualquer forma, mas a sua própria. A cobra nesta história é uma cobra *garter*[12], listrada e brilhante, um membro vivíparo pequeno e inofensivo do gênero *Thamnophis.* Uma criatura da espécie réptil. Uma discreta expressão do ser. Uma vida.

A COBRA

Eu estava visitando umas amigas no litoral norte da Califórnia, duas mulheres que eu conhecia desde o tempo de colégio, Nell e Ivy. Era mais ou menos nessa época do ano.

Já que eu não consigo suportar ficar cultivando coisa alguma, exceto maus hábitos, fui designado para descascar batatas enquanto Nell e Ivy trabalhavam no jardim. Eu estava lavando os tubérculos na pia da cozinha quando Nell e Ivy entraram batendo com força a porta, claramente transtornadas, cada uma segurando a metade de uma cobra contorcendo-se na mão. Uma delas finita acidentalmente cortado a cobra com a enxada.

Elas puseram sobre a mesa as partes da cobra ainda se debatendo. Ivy olhou para Nell.

— O que você acha? — Sua voz tinha a mesma tensão que se ouve na iminência de um terrível desastre de carro.

— Acho que não podemos costurar as partes de dentro — disse Nell.

Silenciosamente aborrecidas, elas assistiam aos pedaços se torcendo sobre a mesa, sequer me olhando quando me aproximei para dar uma olhada. A coisa não parecia muito boa.

— Que tal uma fita adesiva? — sugeriu Ivy.

— Claro — disse Nell —, nós podemos tentar. Talvez venha a regenerar.

Eu falei para elas:

— Cobras não se regeneram. — Eu sou realista. Normalmente, Nell e Ivy também são realistas.

— Talvez esta consiga — observou Nell, a um só tempo zangada, desafiadora, esperançosa e triste.

Elas usaram fita isolante preta de eletricidade. Eu ajudei segurando a metade superior imóvel, enquanto Ivy cuidadosamente a emendava.

Nós esticamos a cobra numa jardineira à sombra de uma sequoia para se recuperar. Prometi dar ocasionalmente uma olhada, assim elas não teriam que sair lá do jardim.

Quando fui lá fora, meia hora mais tarde, a cobra estava morta.

História real, gente. Eu a dedico a todos vocês realistas como um lembrete de que alguns gestos transcendem o fracasso. Eu enterrei a cobra dentro da jardineira, alimento para as flores. Porque se você respirar profundamente, dançar com seu fantasma no desfiladeiro enluarado da montanha, lançar o seu coração na forja e a sua alma no rio, pode sentir que a pedra é uma fonte viva que se dissolve e coagula, se racha e se junta; e então pode imaginar aquela cobra deslizando através da grama alta da primavera como um lampejo espectral da chama, e você pode segui-la se for bastante corajoso, bastante louco, insensato, desesperado, ousado, faminto, bobo. Entre nas sua feridas. Cure. Escape.

E quando você se perder, junte-se a mim. Encontro com você na sepultura de Jim Bridger assim que você conseguir chegar lá. Faremos música que poderemos ouvir sozinhos, celebraremos a beleza ainda por nascer, pegaremos a porra do Demônio pelos chifres e o derrubaremos no chão. Dispararemos para as estrelas, querida. Nós valsaremos pelo cemitério

enluarado, como deuses decaídos, seremos revelados, nus como o ar e beijaremos nossas cicatrizes.

Até lá, meu amigo invisível, este é o Delírio Jocoso, desejando o seu mais suave boa-noite. Continue sonhando.

DIÁRIO TERAPÊUTICO DE JENNIFER RAINE
3 de abril

Queeeeeeemmmmmm soooooooomos! *E quem, meu Deus, é ele? Estou apaixonada! Não posso fazer nada, nem quero. O DJ deu um jeito de me pegar.*

Eu não conseguia dormir e estava, apenas deitada ali, escutando a Mia respirar, sentindo nossa respiração presa neste quarto, como se nós estivéssemos apenas respirando nós mesmas, ficando tão deprimida que tive que levantar. Então liguei o rádio e girei o dial, procurando música ou só outra voz para tirar a minha própria da cabeça — e lá estava ele, alto e claro. O garoto sabe conversar, e era como se ele estivesse dizendo aquilo para mim. Gestos magnificentes, a chama da pele da cobra queimando em pétalas, o rio de pedra que se racha e se junta... foi amor no primeiro voo.

Voo curto, porém — cinco minutos depois ele tinha ido embora. Escutei o chiado cuspido da estática na estação vazia por mais uma hora, antes de desistir. Eu não consigo me decidir se devia acompanhar ou esperar. Ele é um menino mau, o que eu gosto, e sabe conversar. Mas, às vezes, a selvageria é apenas o medo de ser agarrado, e saber como conversar não é o mesmo que saber por onde andar. Eu sinto que ele não sabe como um raio pode queimar. Não tenho certeza se ele sabe alguma merda sobre nascimento, beleza, nudez ou luar. Mas eu o amo, de qualquer maneira. Quero sonhar um rosto verdadeiro para ele. Eu quero senti-lo tocando a minha cicatriz.

DIÁRIO TERAPÊUTICO DE JENNIFER RAINE
Bem tarde na mesma noite

Eu nunca tive uma chance para sonhar. Acordei quando Clyde estava atravessando o quarto, antes que pudesse me mover, ele já estava na

cama, me apertando, tentando me beijar, ele só queria me beijar, mas eu não sabia, como poderia — estupro, assassinato — como eu poderia saber? Nossa, ainda estou tremendo.

Clyde Hibbard, o homem retardado que eu conheci no meu segundo dia aqui. Eles tinham me dopado com Thorazine quando fui admitida e Mia tinha sumido. Estava procurando ela no saguão. Clyde era a única pessoa que estava lá, sentado num sofá bege de vinil, desfiando o apoio de braço enquanto fixava os olhos no relógio IBM na parede. Ele parecia assustado quando me viu; descoberto. Eu me desculpei dizendo que não tinha tido a intenção de perturbar.

— Não-não, não-não — ele gaguejou — você não está me perturbando.

Eu sorri para deixá-lo à vontade porque detesto ver as pessoas se retraindo daquele jeito. Tentei um pouco de humor:

— Imagino que eu não deveria ter dito perturbar, hein? Tem que ser já perturbado para estar aqui, certo?

Aquilo o confundiu. Ele ficou tenso, como se estivesse prestes a dar um bote, seu queixo buscando tração para dizer alguma coisa.

Eu saí falando.

— Estou procurando a minha filha, Mia. Ela tem 11 anos. Loura, olhos azuis, usando jeans, tênis, suéter da marinha com capuz. Ela é imaginária, minha filha... não tem como perdê-la, mas eles me entupiram tanto com aquela porra de Thorazine que eu a perdi de vista.

Clyde se envelopou com os próprios braços e sacudiu veementemente a cabeça.

— Não-não, nunca, eu não, não-não, eu não estava aqui.

A linguagem entrecortada e derrapante, o exagero infantil dos gestos, aquela opacidade nos seus olhos — estava na cara que era retardado. E, visto como ele tinha entrado em colapso quando Mia foi mencionada, eu imaginei que ele estava aqui em vez de estar num lar porque tinha havido problemas com ele por mexer com garotinhas. Se eu não estivesse tão nas nuvens, teria visto imediatamente. Mas não vi, e me senti mal. Eu disse para ele que estava certa de que ele não tinha tocado na Mia, que não se preocupasse com isso.

Eu comecei a me afastar mas ele pareceu soltar-se de si mesmo e agarrou a minha mão com as suas — sem força, sem ardil — e disse:

— Eu sou Clyde. Meu nome é Clyde Hibbard. Oi, oi, como vai você? — Ele sorria desajeitadamente.

Deixei ele segurar a minha mão por um instante e, depois, delicadamente a soltei. Eu não sabia ao certo o que fazer, e então disse:

— Meu nome é Jennifer Raine, Goldie Hart, Serena del Rio, Belle Tinker, Annie Oakley, Lola Montez. Mia e eu somos novas aqui. Acabamos de chegar. Prazer em conhecê-lo, Clyde.

Ele assentia, excitadamente.

— Vo-vo-você é linda. É sim. Bem como os outros caras disseram. Linda.

Tentei falar para ele o mais claramente possível:

— Eu não sou o que qualquer um diz, Clyde. Nem você. Já é bastante complicado sermos quem somos.

Aquilo só o desnorteou. Ele fixou seu olhar de volta para o relógio.

— Foi legal conversar com você, Clyde — disse eu. — Tenho que encontrar a minha filha agora.

Ele virou seus olhos para os meus, afirmando algo que eu não entendia.

— Eu tenho trinta e três, trinta e três, trinta e três anos.

— Não olhe para o relógio, Clyde — disse eu. — Os relógios mentem. Observe o sol e a lua. — Dei um breve aperto nos seus ombros e o deixei lá.

E não o vi novamente até que ele estivesse em cima de mim hoje à noite como um amante de pesadelo enchendo o meu rosto de beijos babados. Acho que era realmente tudo o que ele queria fazer, me beijar, porque ele estava vestido e não estava me sufocando nem nada, mas só o seu peso me prendia, meus braços sob as cobertas. Porém eu não sabia o que ele queria, e estava aterrorizada, então gritei para Mia se arrastar para de baixo da cama, assim ela não teria que assistir àquilo, e eu tentei lutar para sair debaixo de Clyde, contorcendo o rosto para escapar da sua boca, finalmente, consegui soltar um braço e quando me virei para me liberar, meu cotovelo acertou no seu nariz. A dor pareceu surpreendê-lo, depois assustá-lo. Ele agarrou os meus ombros nus com força, sacudindo a sua cabeça e olhando-me no rosto.

— Por favor, por favor, por favor — soluçou ele, a cada respiração aspergindo sangue do seu nariz no meu rosto, ombros, seios. Ele fechou

os olhos e abaixou a cabeça murmurando: — Por favor, por favor, eu te amo, por favor.

Quando começou a choramingar e soltou meus ombros, eu lhe dei o tapa mais forte que podia. Ele se retraiu e se curvou, enquanto eu lhe mandava outro, e eu sei que se tivesse um revólver não me importaria nem um pouco, nada mesmo, em estourar aquela porra de cérebro estúpido.

— Amo você — gemeu ele, os olhos fechados, ainda mexendo com a cabeça.

— Não. Você tem que pedir, Clyde. É preciso permissão. Isso é estupro, Clyde; você está me assustando, me machucando.

Ele abriu os olhos, fixou-os nos meus, e seus olhos foram ficando cada vez maiores, como se ele estivesse tentando abri-los o suficiente para reter o que estava vendo no meu rosto. Ele mexeu com a boca, um pegajoso fio de saliva no canto, um lamento sufocado e úmido subindo pela garganta.

Eu me dei conta de que ele estava olhando para o sangue no meu rosto.

— Você me machucou, Clyde — sussurrei eu. — Me machucou.

Ele ergueu as mãos desamparadamente, suplicando, a boca tremendo para falar o que julgava impossível de acreditar.

Eu o ajudei a acreditar.

— Isso machuca, seu porra. Clyde, seu filho da puta, isso machuca!

— Não — implorou ele. — Amo você. Amo. Amo.

Era muita dor, desespero e medo. Comecei a chorar.

— Eu machuquei você — disse Clyde, surpreso, destruído, perdido. Ele se arrastou para o chão e se enroscou como uma bola, soluçando. Eu saltei nua da cama procurando algo para acertar ele, ou berrar por socorro, ou fugir, mas, em vez disso, ajoelhei ao seu lado, dei um tapinha no seu ombro e sussurrei que estava tudo bem, já tinha passado.

Prometi a ele que não contaria para ninguém.

Ele prometeu que me ajudaria a escapar.

Daniel reapareceu com o Diamante. Ele estava sentado com as pernas cruzadas, o Diamante à sua frente, no extremo deserto, em algum lugar do Arizona, numa noite escura e sem vento. A lua aproximava-se do horizonte.

Ele chorava, mas não conseguia se lembrar por quê. Não era porque não conseguia enxergar a chama central no interior do Diamante. Por fim, ele conseguiria. O Diamante precisava ser visto tanto quanto ele precisava vê-lo. Podia sentir ali a permissão, mas não o caminho. Simplesmente, tinha que continuar sentado ao lado do portão, continuar mapeando os eixos de luz até que eles iluminassem o caminho. Ele sorriu, lembrando-se de Wild Bill tentando convencê-lo de que o mapa não era a viagem.

— Muito bem, Wild Bill — disse ele em voz alta —, até que ele ilumine o território.

Ele olhou o Diamante à sua frente e disse para Volta:

— Não é uma metáfora. Não é a semente do próximo universo. Não é um farol. Acho que o Diamante é uma entrada, uma porta, um portal... para o quê, eu não sei, mais vou descobrir. Quando o fizer, se eu conseguir, eu o levarei até você.

Depois do telefonema, quase um dia antes, Daniel conversava em voz alta com Volta para descobrir e ensaiar o que ele queria dizer, na próxima vez que lhe telefonasse. Ele tinha estado muito agitado desde o assalto, menos seguro de si. Uma parte da recente certeza de Daniel era a compreensão de que o Diamante não permitiria uma passagem total até que ele honrasse seu acordo com Volta, ou pudesse explicar, para sua satisfação assim como para a de Volta, por que ele não podia levar o Diamante até ele. A falha de Daniel para cumprir com a sua parte do acordo perturbava-o profundamente. Ele se perguntou se era por isso que estava chorando quando reapareceu, ou se era porque teve que retornar. Ele verificou o relógio: tinham-se passado cinco horas.

Descobriu que quando o Diamante desaparecia com ele durante o dia, não conseguia ver a chama lá dentro. Ou a chama dissolvia-se à luz do sol, ou fundia-se a ela. A chama espiral no centro só era visível quando ele desaparecia à noite, e Daniel estava convencido de que ela era o limiar que precisava atravessar para entrar na esfera.

Ele enxugou as lágrimas. Quando ficou em pé, foi surpreendido por uma visão de duas luas no horizonte, uma se pondo, a outra subindo para encontrá-la no reflexo do espelho. Por um breve instante, pensou que a lua estava se pondo sobre o oceano ou um lago, mas a menos que o deserto tivesse se liquidificado, aquilo era fisicamente impossível. Mas então, supostamente, estava desaparecendo. Ele pensou que suas lágrimas estivessem refratando a luz e enxugou os olhos novamente, desta feita com a

manga da camisa. Quando olhou para cima, as duas luas estavam quase se tocando, como se uma gêmea fantástica estivesse levantando para unir-se à lua verdadeira. Ele as observou se fundirem em uma só. A lua parecia avivar-se à medida que se punha.

Daniel sacudiu a cabeça.

— O que você acha, Volta? Isso foi uma visão, uma ilusão de ótica, uma alucinação ou uma ocorrência noturna que eu nunca tinha percebido antes? — Ele não esperou por uma resposta. Colocando o Diamante dentro da sacola de boliche, ele dirigiu-se para a caminhonete. Quando tomou a autoestrada cinco minutos mais tarde, estava rindo.

Quando Smiling Jack ligou para Volta na manhã seguinte, ele tinha algo mais além do seu bom humor essencial para animá-lo.

— Nós deixamos Melvin Keyes terrivelmente embaraçado. Essa é a descrição de como ele se sentiu por fornecer a identidade do delator de Livermore, mas eu acho que o seu embaraço vinha da ideia de que nós estávamos prestes a sair por aí com a sua cabeça nas nossas mãos. Eu tinha apostado que o cara era aquele merda do Debritto, e era. Quase pude sentir o telefone tremendo na mão do pobre Keyes. Eu disse que voltaria a falar com ele em breve e, embora soubesse que ele podia fabricar qualquer nome que lhe agradasse, descarregar em qualquer um, eu sabia que era uma dentre três pessoas, tão certo quanto sabia que Debritto tinha acabado com Dredneau... também mencionei a vasta documentação clareando minha disposição e excitando minha gratidão.

— Excelente — disse Volta.

Jack deu um grande sorriso.

— Vamos fazer uma troca, você me dá alguma boa notícia agora.

— Ele não telefonou — contou Volta. — Contudo, o sol nasceu hoje de manhã.

— Agora você conseguiu, Volta, ver o lado luminoso dos fatos.

Daniel tinha dirigido por uma hora em direção ao oeste, observando as montanhas ganharem forma sob a luz do dia, quando percebeu algumas palavras na lateral da estrada, foi só um relance, subliminar, porém suficiente para estilhaçar seu devaneio. Ele pisou no freio e parou dando um cavalo de pau, então deu marcha à ré e recuou pela autoestrada.

O sinal tinha sido escrito com uma tinta vermelha que o sol desbotara sobre um compensado coberto de cal e amarrado num cacto:

POUSADA DUAS LUAS
1,5 km à direita na estrada de terra
Cabanas Refeição Piscina TV

Daniel achou que as duas luas que tinha visto mais cedo eram uma visão do Diamante instruindo-o para descansar. A última vez que tinha dormido fora antes do roubo. A última vez que tinha comido, também. Ele tinha gastado energia desaparecendo com o Diamante, e agora talvez precisasse recuperá-la. Ele seguiu dirigindo lentamente, virando à direita numa estrada de terra esburacada sinalizada com uma flecha arpoando dois círculos.

Um quilômetro e meio de poeira mais adiante havia uma construção maltratada pelo clima onde estava escrito ESCRITÓRIO — VAGAS com uma pintura já descascando. Atrás do escritório, dispostas num círculo desengonçado, havia 12 cabanas, nenhuma das quais tinha visto um pincel de tinta na última década. Daniel desceu do carro obstinado e olhou ao redor. Se não fosse por algumas marcas de pneus próximas ao escritório, poderia se pensar que a Pousada Duas Luas tinha sido abandonada. Ele bateu à porta do escritório.

Um homem baixo de ombros fortes, usando chinelos de algodão preto com sola de plástico, calças jeans e uma camisa xadrez de manga curta vermelha e amarela a abriu imediatamente. Daniel pensou que ele podia ser tanto um índio americano quanto um mongol: de todos os rostos que Daniel tinha estudado com Jean Bluer, este teria sido o mais difícil de duplicar. Ele julgou que o homem teria seus cinquenta e poucos anos, mas reconheceu que podia haver uma margem de erro tanto para mais quanto para menos.

O homem olhou atrás de Daniel.

— Bela caminhonete — disse ele.

— Aquele três-cinquenta é um bom motor. — Ele voltou a sua atenção para Daniel. — Você precisa de uma cabana?

Daniel, prestes a resvalar sua voz para a de Isaiah Kharome, olhou dentro dos argutos olhos negros do homem e decidiu jogar corretamente.

— Sim, preciso. Eu sei que é um pouco cedo para chegar... queria alcançar Phoenix, mas estou muito cansado para dirigir. É mais seguro dar uma parada.

O homem concordou.

— Imaginei que você fosse um hóspede. O coletor de impostos nunca vem com uma caminhonete-trailer. Eles gostam daquelas máquinas compactas estrangeiras. Vou pegar a chave. — Ele virou-se para dentro do escritório, dizendo sobre os ombros: — Você é bem-vindo se quiser entrar.

— Obrigado, mas estou precisando de um pouco de ar. — Daniel deu outra olhada ao redor enquanto aguardava. As cabanas não pareciam grandes coisas, mas desde que tivessem banho quente e uma cama, ele não se importava. Ele não viu a piscina nem o refeitório.

Movendo-se silenciosamente nos seus chinelos, o homem voltou segurando uma grande concha de couro e uma pena.

Daniel apontou para a pena.

— Isso é de uma coruja?

— O Grande Mocho-Orelhudo americano. Eu achei no degrau da porta um dia depois de comprar o lugar.

O homem agachou-se na varanda e varreu lentamente o assoalho desbotado pelo sol com a pena de coruja, sacudindo a concha e entoando um canto para si mesmo. Repentinamente, ele derramou o conteúdo da concha sobre o chão: 12 pequenas chaves de bronze, vários ossinhos e presas, um disco liso de prata, uma pequena pepita de ouro, fragmentos obsidianos de diversas formas e transparências, um colmilho de porco e quatro sementes secas, todas diferentes, nenhuma que Daniel reconhecesse.

O homem examinou por um instante a disposição do conjunto, então, de um gesto decidido, apanhou uma chave e a deu a Daniel.

— Número cinco. — Ele apontou para a cabana. — Aquela ali. Estacionamento nos fundos.

Daniel pegou a chave da palma da sua mão. Com hesitação, ele falou:

— Eu não vi o refeitório.

O homem olhou evasivamente para o alto.

— Refeitório?

— Quero dizer, eu só pensei que... a placa na estrada dizia refeição.

O homem inclinou a cabeça.

— Tá com fome?

— Um pouco.

— Tenho um pouco de carne-seca e metade de um pão de centeio integral em casa. Vou apanhar, é só eu guardar as chaves.

— Não, não se incomode... eu tenho alguma coisa no carro.

— Não incomoda, não. Vou trazer um pouco. Você vai na frente e começa a descansar.

— Obrigado — disse Daniel. Ele sentiu que devia ir andando, mas ficou lá observando o homem guardar os diversos itens dentro do copo. — Costumam dizer que a minha curiosidade, frequentemente, descamba para a grosseria, mas não posso deixar de lhe perguntar como é que você sabe que chave selecionar.

O homem jogou a última semente dentro do copo e se pôs de pé, encarando Daniel.

— Eu não sei como é que eu faço. Fiquei tentando e, depois de algum tempo peguei o espírito da coisa, eu acho.

— Sei — disse Daniel —, estou vendo. Então é intuitivo, certo? Quero dizer, não tem método.

— Não, nenhum método especial. Mas existem tradições.

Daniel foi direto ao ponto:

— Bom, o que você *sente* exatamente?

O homem curvou a cabeça para baixo, a luz do sol iluminando seus proeminentes e vigorosos ossos faciais.

— O que eu sinto? Eu sinto qual é chave que serve para o hóspede.

— Ah, sei — observou Daniel, percebendo que nenhum segredo escaparia à tautologia do óbvio —, claro, isso faz sentido. Obrigado por ter saciado a minha curiosidade.

O homem encolheu os ombros.

— Não é nada.

Daniel estacionou atrás da cabana. Quando deu a volta até a frente — parecia não haver porta nos fundos — ele viu a piscina no meio das cabanas circundantes. Parecia ter dois metros de largura, e descia dramaticamente de um metro de profundidade até chegar a três metros. Não havia água na piscina. A grama crescia nas longas rachaduras onde o cimento tinha se deformado e partido.

A cabana não estava trancada. O interior, apesar de modestamente mobiliado, parecia ainda menor do que sugeria a vista do lado de fora. Mas tinha quatro grandes janelas e estava limpo. Um aquecedor a lenha dominava o centro do quarto. As linhas atarracadas da estrutura de ferro da cama eram abrandadas pelo brilho da sua cobertura em poliéster. Uma quantidade razoável de lenha estava empilhada ao lado da parede e, no lado oposto, havia uma mesa de fórmica com duas cadeiras. A televisão, uma enorme Philco de

17 polegadas de meados da década de 1970, ocupava quase todo o tampo da mesa, suas antenas no formato de orelhas de coelho davam a ela um estranho ar de prontidão. Daniel achou que por detrás da única porta ali existente havia um banheiro, mas encontrou apenas uma pia e uma privada. Ele mijou, depois lavou as mãos e jogou um pouco de água fria no rosto. Logo descobriu que não havia toalha.

Levemente irritado, Daniel — a água ainda escorrendo do rosto — estava em pé diante da televisão esperando a imagem aparecer, quando o gerente disse pela porta aberta da frente:

— Não está ligada na tomada.

— Oh — exclamou Daniel.

O homem colocou a carne-seca embrulhada num plástico e fatias de pão de centeio integral em cima da televisão.

— Na verdade — disse ele olhando para a tela —, pouco importa que não esteja ligada na tomada, porque não temos eletricidade. E se tivéssemos, eles provavelmente a cortariam depois de alguns meses e enviariam algum homem honrado e estúpido dar uma volta por aqui para recolher dinheiro. Não gosto de fazer negócios com pessoas desse tipo. Têm o coração menor do que um cocô de rato.

— Por falar em práticas administrativas, parece que a sua placa lá na autoestrada é um tanto enganosa.

— Talvez. Nós temos cabanas, refeição, piscina e televisão, mas às vezes não tudo de uma só vez. Além disso, eu lhe cobrei algum dinheiro?

— Não, não cobrou — reconheceu Daniel, surpreso.

— Não cobramos. É vergonhoso aceitar dinheiro dos hóspedes.

Daniel não sabia o que fazer com aquela informação, então disse:

— Por que não escreve na placa?

— Porque ninguém se surpreenderia quando chegasse aqui.

Daniel olhou bem para ele, depois sacudiu a cabeça.

— Lamento... parece que estou tendo algumas dificuldades de compreensão. Qual é o seu nome? Se eu sou o seu hóspede, tenho que saber a quem agradecer pela hospitalidade.

— Wally Lua.

— O meu é Daniel Pearse — disse Daniel a ele, ignorando o seu disfarce. — Se não for nada muito pessoal, Wally, posso perguntar qual é a sua nacionalidade?

— Minha mãe, Lao-Shi, era chinesa; meu pai era um apache puro-sangue chamado Lua Ardente.

— E posso perguntar por que esse lugar se chama Duas Luas? Você teve uma visão?

— Não, eu me juntei com uma mulher. Ela é meio apache e meio semínole[13], e um pouco *cajun.* Ela não é minha parente, mas seu nome também é Lua. É um nome comum.

— Então: Duas Luas.

— Minha esposa gosta. O seu nome é Annie. Ela só não está aqui agora porque está menstruando. Ela vai para a montanha quando está assim. Não gosta de ficar perto de mim quando está menstruada. Diz que eu estrago a recepção. As mulheres são todas um pouco estranhas, mas Annie é especial. Eu a amo.

Daniel sentiu o seu rosto se distorcer enquanto ele lutava contra as lágrimas. Quando tentou falar, a sua voz falhou tanto que não fazia sentido tentar esconder. Ele parou de resistir.

Ele sentiu a mão de Wally Lua delicadamente no seu ombro.

— Você só precisa de descanso, Daniel. Tem uma sauna do lado de fora e uma ducha de água fria. Os lampiões e o querosene estão na prateleira do armário. Venha me ver se precisar de alguma coisa. Você é bem-vindo para ficar quanto tempo precisar.

Daniel se recompôs e agradeceu:

— Obrigado. — Ele tentou sorrir. — O que é isso, algum tipo de casa no meio do caminho para loucos?

— Não. Simplesmente um lugar para descansar.

Depois que Wally saiu, Daniel trouxe para dentro a sacola de boliche com o Diamante fechado no interior e a colocou ao lado da cama. Ele tentou pensar no que estava fazendo, no que poderia fazer, ou deveria, mas tudo sumia como água num escoadouro e, em instantes, ele estava dormindo.

DIÁRIO TERAPÊUTICO DE JENNIFER RAINE

5 de abril

Eu fiquei taciturna e entorpecida o dia todo, comi um pouco meus cereais, concordei o tempo todo durante a minha meia hora com o doutor. Ele disse que eu parecia pensativa e retraída. Eu disse para ele que Mia estava doente. Foi quando ele decidiu fazer seu comentário estonteante, tão ardiloso e dramático que dava para perceber que tinha guardado aquilo para o momento em que eu estivesse enfraquecida:

— Jenny, você sabe que em italiano 'mia' significa 'minha'?

Eu meti meus caninos na vaidade do doutor Putney e deixei sangrar:

— Doutor, por acaso já passou pela sua débil cabeça que Mia é o acrônimo para 'Missing in Action'[14]*? Eu dei esse nome a ela por causa do seu pai. Foi um grande casamento, doutor. Ambos éramos Soldados da Fortuna, a única equipe de homem e esposa no mundo, mas o seu paraquedas não abriu num salto sobre Borneu. Não houve sequer necessidade de procurar o seu corpo na selva mas, já que não há um corpo, ele é oficialmente MIA. Entendeu, ou precisa de umas fotos? Que tal algumas fotos da minha vagina? Alguns disparos de extensão mental? Porque esta donzela aflita declara que não sabe o que mais amedronta você, se é a mente dela ou a sua boceta.*

Isso eu posso falar pelo doutor, ele teve classe ao dizer:

— Eu também não sei.

Isso não é a verdade. Ele sugeriu que tirássemos uma semana de folga para pensar se fazia sentido continuar tentando trabalhar juntos. Ele achava que eu poderia ter mais sorte com uma médica junguiana.

Pessoalmente, acho que estou me curando, e estou conseguindo isso contra uma maré de azar. Como é que diz sempre aquele jogador maluco de Oakland? — Sua sorte vai mudar se suas fichas resistirem até o fim. — E eu posso estar cavando o último punhado, mas ainda estou cavando. Ou, como meu novo namorado, o Darma Jocoso, diz no seu programa de rádio: "Cave tudo, e quando tudo tiver sido cavado, queridinha, mostre pra gente." Na verdade, ele não disse isso ainda, mas pode dizê-lo da próxima vez.

Não contei ao doutor sobre Clyde. Prometi a Clyde que não faria, e aprendi o quanto me deixa mais forte honrar minhas promessas. Eu não acho que Clyde vá incomodar outra mulher, mas pode ser, e o sofrimento dela ficará marcado na minha alma. Porém não me sinto culpada pelo meu silêncio. Tenho aprendido sobre a culpa. É uma verdade obcecada, apodrecendo com a rejeição. E eu preciso de toda a verdade que conseguir, se quiser ficar realmente boa. Eu preciso da responsabilidade pelo meu silêncio e pelo que eu digo. Eu quero as consequências da minha decisão.

Talvez eu não devesse ter escondido Mia. Não sei. Ela podia sentir o meu medo debaixo da cama e, já que ela tem uma imaginação tão poderosa, aquilo podia ter sido pior. Ela chorou a maior parte do dia, mas agora está dormindo. Conversarei com ela sobre isso de manhã.

Conforme tínhamos combinado, encontrei com Clyde após a terapia, sob o grande carvalho no gramado lateral. Foi difícil fazer com que ele me contasse como entrou na ala das mulheres. Ele tremia o tempo todo, murmurando, sem olhar para mim. Eu olhava para ele com revulsão, dor, pena, amor e desamparo, até que esses sentimentos giraram e se confundiram e eu tive que me paralisar para me concentrar em fazê-lo contar como tinha entrado. Ele me deu dez dólares, duas notas de cinco amarrotadas e pegajosas — disse que era tudo o que tinha mas podia tentar roubar mais dos outros homens quando eles estivessem dormindo. Sensibilizada, ao ponto de quase chorar novamente, eu disse para ele que dez eram o bastante, e o bastante era um bocado.

Então Clyde começou a fungar, esticando os braços angustiado como se eu pudesse retê-lo. Quando dei um passo para trás, ele caiu de joelhos como um peregrino subjugado, um pretendente condenado pela minha violentada afeição. Eu agradeci pela sua ajuda, repeti a minha promessa de não contar nada, virei e saí andando, odiando-o por tomar aquilo que só pode ser dado, abominando sua ganância presunçosa e estragada e o amando porque a sua vergonha era maior do que o meu perdão.

No momento em que me virei e comecei a andar, a cicatriz do raio nas minhas costas começou a queimar feito gelo seco. Escrevendo isso, eu ainda posso senti-la, mas agora é mais como uma morna dormência. Sinto um desejo intenso de me abrir, ser conhecida — suponho que seja algum tipo de reação de equilíbrio em relação a Clyde. Não há dúvidas, estou bloqueada.

Mas eu e Mia não ficaremos trancadas por muito tempo. Eu contei para ela o que tínhamos a fazer antes de cantar para ela adormecer, e prometi acordá-la quando chegasse a hora. Promessas para cumprir e quilômetros a seguir antes de adormecer, quilômetros antes de irmos embora. Tudo está guardado nessa trouxa apertada, exceto esse diário e o rádio. Vou trocar o diário por um caderno. Precisaremos do rádio para captar a transmissão do DJ. Estou girando o dial de uma extremidade à outra, mas, ou o DJ não está transmitindo, ou eu não estou recebendo. Preciso de orientações para chegar ao túmulo.

Estou deixando um bilhete para o doutor sobre o meu travesseiro: "Fui dançar com o DJ. Não fique acordado me esperando."

Daniel se esforçou para abrir os olhos, mas estava sendo depositado dentro de um túmulo recentemente caiado, seu corpo nu brilhando sob a luz alcalina da lua. Em pé, formando um círculo ao redor da cova, 12 mulheres velhas estavam entoando um encantamento sem palavras, feito de prantos e gemidos ressequidos, seus rostos voltados para o alto brilhando como couro untado, seus corpos oscilando com os pandeiros emplumados que estavam tocando. Mas a música que Daniel ouvia não era a batida e o tilintar de pandeiros, mas o som de vidro se estilhaçando.

Quando suas costas tocaram o chão, a música parou. Acima dele, enquadrada pelo túmulo, a lua lentamente girou em espiral para dentro de si mesma até desaparecer, as estrelas seguindo-a como flocos de espuma. Pessoas cujos rostos ele não conseguia ver começaram a passar, cada uma jogando silenciosamente uma rosa dentro do túmulo, flores para amortecer a queda da terra que o cobriria, flores para abrandar o seu declínio. As mãos de Daniel estavam cruzadas sobre seu peito nu. Ele pressionou a mão direita contra a caixa torácica, tentando sentir a batida do coração. Apertou mais forte quando não sentiu nada. Mais forte ainda, começando a entrar em pânico, quando uma voz gritou:

— Ei, Daniel! — e ele pulou da cama, o coração disparado, sob a investida de adrenalina, enquanto seus sentidos clareavam.

Um outro berro:

— Ei, você está vivo aí dentro?

Parecia a voz de Wally Lua. Daniel tentou falar com a voz adormecida.

— Tô, ei, quem é?

— Wally.

— Sim, só um minuto. — Ele pegou a sacola de boliche e a colocou embaixo da cama. Atravessando o quarto, abotoou a camisa e a enfiou dentro da calça antes de abrir a porta.

Ele não precisava ter sido tão formal. Wally Lua estava em pé na varanda, nu, a água ainda pingando pelo corpo.

— As pedras na sauna ainda estão quentes se quiser se lavar. Desculpe se eu o acordei, mas não gosto de desperdiçar o calor. Além disso, é a última chance que você tem para tomar um banho até a próxima vez.

— Obrigado — disse Daniel —, isso foi previdente. Um banho de sauna seria perfeito. E não tem problema ter me acordado, que bom que o fez. Tenho um trabalho para fazer esta noite, de qualquer jeito, e...

Wally com seu estrabismo o interrompeu:

— Você trabalha à noite?

— Eu sou um escritor — comentou Daniel, rapidamente. — Lances religiosos.

— Ah, um poeta.

— Não exatamente, não, mais como um acadêmico, do tipo antropólogo religioso, eu acho... ensaios teológicos, trabalhos de pesquisa, esse tipo de atividade.

— Então você vai ficar aqui e trabalhar esta noite?

— Se isso não for exagerar da sua hospitalidade.

— Não, fui sincero quando disse que você podia ficar o tempo que quisesse. Mas eu só queria saber com certeza que você estava planejando trabalhar, porque preciso que me empreste a sua caminhonete até amanhã.

— Pô, é que... — falou Daniel — bem que eu gostaria...

Wally, mais como se emendasse do que interrompesse, disse:

— Eu disse que a minha esposa estava lá nas montanhas menstruando? Bom, ela levou a nossa caminhonete e ela enguiçou... ela me chamou pelo rádio um pouco antes de eu ir para a sauna.

— O diferencial dianteiro está quebrado. Não use tração nas quatro rodas — orientou Daniel.

Wally enxugou umas gotas de água na bochecha.

— Não precisa de tração nas quatro. Ela enguiçou lá na autoestrada, uns quarenta e cinco quilômetros daqui, não lá nos morros. Só preciso rebocá-la, se não conseguir consertar, mas Annie disse que o barulho parecia como se o motor estivesse engolindo metal, então pode não ser simples de consertar. —

Wally sacudiu a cabeça. — Mulheres menstruadas não deviam ficar perto das máquinas. Elas confundem as máquinas. Mas não se preocupe com a sua caminhonete, pois Annie disse que a menstruação já acabou. Annie sempre volta muito lasciva, quando vem das montanhas. — Wally sorriu, olhando diretamente para Daniel.

Era um apelo universal: empreste o carro para eu dar uma trepada. O apelo pedia uma generosidade além da simples conveniência. Daniel, sentindo-se vagamente trapaceado, procurou as chaves no bolso.

Daniel estava dentro da sauna quando ouviu o ronco da sua caminhonete passando e sumindo na direção da autoestrada, a música vindo do rádio foi o último som a se dissolver. Tonto com o calor e com fome, curvou-se para a frente na posição agachada em que estava, abaixando a cabeça até os joelhos. Aspirando com força, expandindo seus pulmões, porém a tentativa de manter a exalação lenta sucumbiu num suspiro. Ele tentou imaginar o rosto de Volta. O rosto apareceu vacilante mas voltou a sumir.

Assim mesmo, Daniel murmurou:

— Eu sei que foi estupidez deixar Wally levar a caminhonete. Ele e a sua mulher podem ser presos, podem me entregar, ou levar o carro e o dinheiro. Centenas de possibilidades de merda. Mas, mesmo sendo estúpido, era a coisa certa a fazer, ou pelo menos foi assim que me senti. Estou trabalhando só com os nervos agora, fora dos limites, buscando o centro, não uma esfera que recompense uma abordagem racional. O pensamento não é suficientemente rápido. Não me faça duvidar de mim mesmo, Volta, não me faça hesitar. A hesitação pode ser fatal. Deixe que eu faço sozinho. Não se ponha entre mim e o Diamante. Este aqui não é seu. Ele possui uma chama espiral no centro, como aquele que eu vi. Ele quer que eu o veja por dentro, quer que eu o conheça. Deixe-me ir. — Ele se deu conta de que não estava mais se dirigindo a Volta, mas ao Diamante.

Daniel começou a rir e logo sentiu-se tonto novamente. Afundando as mãos dentro de um balde de água fria que estava ao seu lado, fez uma concha com as mãos e jogou um punhado sobre as pedras quentes. A água chiou e virou vapor, que se enroscou pelos raios esguios do luar que vinham da pequena janela embaçada atrás dele, enovelou-se, trançou-se, rodopiou e, por fim, se dispersou. Daniel tentou achar alguma forma, um ritmo. Ele lançou outro punhado de água nas pedras. A cauda de um dragão açoitou lentamente a claridade. As linhas persistentes de um porco. Uma grande garça azul levantou-se pesadamente do seu poleiro de pescaria e voou rio abaixo. Uma

pata de leão. O salto e o mergulho de uma baleia. Um sinal de interrogação retorcido. Uma rosa crescendo e florescendo. Mil possibilidades, mas nenhuma combinava.

Vinte minutos mais tarde, Daniel saiu meio cambaleante da sauna e dirigiu-se para a ducha. Quando a água fria o atingiu, sacudindo-o de volta ao seu corpo, ele viu um esguio fio de chama brilhar atrás dos olhos.

Com o corpo desprendendo vapor no ar frio da noite, ele caminhou nu de volta à sua cabana, retirou o Diamante de dentro da sacola de boliche e desapareceu.

Calmo, firme, o foco fixo, Daniel fitou o Diamante a noite toda, esperando ele se abrir. Ele reapareceu com o Diamante uma hora antes de amanhecer, tão exausto que não lembrou de escondê-lo. Ele se enroscou em volta da sua luz e imediatamente adormeceu.

Smiling Jack Ebbetts esmurrou o botão play e disse para Volta, que servia para ambos uma dose de conhaque:

— Eu não sei se é alguma coisa, nada, ou um monte de bosta. Você me diz. — Ele sentou-se em frente de Volta na mesa, no porão do prédio do Consertos de Fornos Aliado, agitou o conhaque dentro do copo e o virou de uma vez.

A fita começava com um telefone tocando. Smiling Jack disse rapidamente para Volta:

— Ele me deu a sua linha direta, de modo a não ter que passar pela secretária.

O telefone parou de tocar.

— Keyes.

— Alô, Melvin — a voz de Smiling Jack ressoou num cordial e arrastado sotaque do Texas —, aqui é Jacques-Jacques Lafayette, o bom amigo de Dredneau e seu cérebro de confiança. Você conseguiu a sua metade no nosso trato?

— Sim. Ou o melhor que eu pude. Embora este *trato* realmente não me agrade. Eu...

— Bom, mande bala, Mel, é bastante simples: você fala e eu me calo; você se cala e eu falo.

— Mas suponhamos que eu fale e você também fale, assim mesmo? Ou vai querer que eu continue falando para ficar calado? Vamos conversar sobre

isso.

— Mel, você está falando como um pobre babaca. Nunca ouviu falar em *honra*? *Confiança* humana? Interesse mútuo?

— Já. Ouvi falar em chantagem e coerção também.

— Bom, então vai se foder, meu filho. É melhor eu conversar com esse cara Debritto. Além da informação, talvez eu consiga um pouco daqueles duzentos e cinquenta paus que o meu velho e bom computador me diz que foram transferidos da sua própria Companhia de Distribuição Milho Total para uma conta pessoal em Cayman. Minha nossa, o *Washington Post* se divertiria com isso na sua primeira página!

— Eu gostaria de *alguma* garantia — disse Keyes, lamuriante. — Você pode entender isso?

— Você tem uma garantia, cara! Você tem a minha palavra. Agora pare de me encher o saco enquanto tenta achar uma pista da minha ligação, porque a chamada está sendo desviada através de um apartamento vazio em San Angelo. Ou você caga ou sai do vaso, Mel. Você não está lidando com crianças.

— Tudo bem, vou colocar você em contato com Shelby Bennett no nosso escritório em Denver. A informação chegou diretamente até ele cerca de quatro horas antes da bomba ser colocada. O seu informante chama-se Alex Three. Ele ligou antes para Shelby. Não há gravação, e Shelby procurou Alex Three e Al X Three e, como ele esperava, obteve uma tela vazia. É um nome de código. Shelby diz...

— Dá um tempo, parceiro, por que você não deixa o próprio Shelby me contar?

— Claro, estou colocando ele na linha. Vou ficar na escuta.

— Você *realmente* não tem nada por dentro, tem, Melvin? Nenhuma confiança. Aposto que isso deve provocar muita desordem na sua fé.

Quando o telefone de Shelby Bennett tocou na gravação, Volta disse para Jack:

— Você é incorrigível.

Jack sorriu, então ele e Volta escutaram quando Shelby Bennett confirmou as informações que Keyes já tinha fornecido. Na fita, Jacques-Jacques do Texas disse:

— Shelby, eu agradeceria se você me respondesse umas perguntas.

— Posso tentar, senhor Lafayette — replicou Shelby.

— Quantas vezes esse *hombre* Alex Three ligou para você?

— Nove, começando em setenta e cinco e terminando alguns anos depois com a dica sobre o plutônio.

— Por que você acha que essa foi a sua última ligação?

— Porque as suas condições não foram atendidas.

— Sobre que tipo de *condições* nós estamos falando?

— Apenas uma, na verdade. Que ninguém saísse ferido.

— Quem fodeu tudo?

Bennett calou-se por um instante.

— Na verdade, ninguém. Eu não pude cuidar disso pessoalmente porque estava aqui em Denver. Ele disse que entendia isso e que estava confiando em mim para colocar o assunto em mãos adequadas, mas que seria minha a responsabilidade de fazer com que as suas condições fossem satisfeitas. Falei para ele que qualquer coisa envolvendo roubo de materiais nucleares ia direto para o diretor; eu não tinha escolha, a menos que quisesse mudar de profissão. Ele me disse para fazer o possível de forma a manter o controle. Mas, quando liguei para o diretor, ele tirou o caso das minhas mãos.

— E por que esse bom camarada Alex Three escolheu você para essas amigáveis ligações?

— Quando eu mesmo lhe perguntei isso, ele respondeu. “Ouvi dizer que você é honesto e de confiança.” Essa é a única razão que ele me deu.

— Alguma vez ele deixou escapar como estava conseguindo as informações, ou por que ele as estava passando adiante?

— Perguntei quais eram as suas fontes na primeira vez que telefonou, e ele disse: “eu”. Nunca mais lhe perguntei outra vez.

— Alguma vez pediu algo em troca?

— Não, mas disse que poderia vir a fazê-lo. Falei para ele que não podia prometer nada, mas que faria qualquer coisa honrada ao meu alcance.

— É, você ouviu isso, Mel? — berrou Jacques-Jacques do outro lado da linha. — Esse camarada sabe como estabelecer uma atmosfera profissional de trabalho. Agora, escute com atenção e veja se aprende alguma coisa, ouviu? — Como Keyes não respondeu, ele perguntou a Bennett: — Agora, Shelby, espero que você seja capaz de me dizer que outros tipos de dicas esse tal de Alex Three passou adiante.

— Preferiria não fazê-lo... e, de qualquer jeito, duvido que elas fossem pertinentes. Nada no nível do roubo do plutônio. Eu *posso* lhe dizer que a maior parte envolvia pequenos assuntos sul-americanos e corrupção interna no governo. Vou lhe dar um exemplo: Tínhamos um dos nossos próprios

agentes secundários roubando carregamentos de provisões médicas de emergência após um grande terremoto lá no sul. Esse tipo de coisa.

— As informações dele são sempre precisas, não?

— Totalmente.

— Você nunca o encontrou, certo?

— Sempre pelo telefone.

— Alguma vez tentou rastrear a chamada, descobrir de onde ele estava ligando?

— Ele disse que eu não me incomodasse. Eu não me incomodei.

— Muito bem, agora, tudo o que você ouviu foi a voz dele. Pode-se dizer bastante de um homem simplesmente ouvindo a sua voz. O que você ouviu?

— Homem, seus trinta anos, ou um pouco mais, leve sotaque alemão... suíço talvez... bom vocabulário, muito preciso. Mas, você entende, nossas conversas não eram longas.

— Nenhuma gravação, né?

— Não. Ele pediu que eu não fizesse. Foi um pedido, não uma condição.

— Você acha que reconheceria a sua voz se a ouvisse novamente?

— Não sei. Ele não ligou mais depois de Livermore.

— Bem, obrigado pela ajuda, Shelby. Agradeço. Mel, também, tenho certeza.

Keyes disse:

— É, valeu, Shel; estou lhe devendo uma. — Ele esperou Bennett sair da linha e disse para Jacques-Jacques: — Isso é tudo, caubói; satisfeito com a minha parte?

— Sabe, meu velho pai, abençoada seja a sua alma de lince, sempre me dizia que se um homem está realmente ansioso por vender, pense bem friamente nisso antes de comprar. Tenho que respeitar o conselho do papai. Eu voltarei a falar com você assim que tiver refletido bastante sobre isso. Mantenha o seu laço esticado, Mel.

Keyes enfureceu-se:

— Aguenta aí, seu... — mas a gravação terminou.

Smiling Jack apertou o stop e depois o rewind. Ele deu uma olhada para Volta, que fitava o seu intocado copo de conhaque.

— Você quer ouvir novamente, Volta?

— Mais tarde, talvez.

— O que você acha, flores ou fertilizante?

— Flores. Acho que você conseguiu tudo o que havia, toda a verdade e nada mais, e se divertiu fazendo isso. Por favor, reconsidere e me dê a honra de nomeá-lo para me substituir na Estrela. A Aliança perdeu esse senso de humor; você poderia reanimá-la.

— Pô, Volta, acho que você está ficando piegas com a idade, ou então, sentar aqui e esperar um telefonema de Daniel é mais difícil do que você pensava. Talvez você devesse pegar um pouco de luz natural e ar fresco. Faça um monte de flexões. Dá um pulo até o McDonald's e volta para o mundo.

Volta apenas sorriu.

— Você está certo, essa espera tem sido mais dura do que eu pensava. O pior é que tive quatro dias consecutivos com tempo para refletir, e o que vi de mim mesmo não me agrada. Estou perdendo a minha eficácia e não estou me divertindo. Estou cansado de decisões excruciantes, atitudes equilibradas e julgamentos que devem considerar o bem-estar da Aliança antes do bem para o meu coração, embora realmente eles não sejam divergentes com frequência.

— Nossa — disse Jack —, você está voltando ao normal.

— É, estou começando a acalentar esse raro estado de espírito.

— Bom, antes que a sua eficácia se esgote de uma vez, qual vai ser o próximo passo quanto a essa informação sobre Alex Three?

— Eu acho que devemos seguir o conselho do seu querido e velho pai e pensar nisso *bem* direitinho.

Jack pareceu cético.

— Do jeito que você estava falando agora, não parecia que ia ser preciso pensar por muito mais tempo.

— Muita coisa junta — garantiu-lhe Volta. — Atire isso lá dentro junto com o resto e sente-se de novo esperando que haja alguma conexão. Estou supondo, naturalmente, que esse Alex Three esteja sendo investigado através de todas as suas fontes.

— Está, coloquei todos imediatamente atrás disso, mas não deu em nada ainda.

— Alex Three — refletiu Volta. — Tente com Alexandra, também... e Xan. Tente talvez com Al Ex-Three, ou quem sabe X como vezes, um multiplicador, ou como adição. Al Triple? All três vezes? A.L.? American League? Três vezes campeão na Liga Americana?

— Eu disse para Jimmy e J.J. investigarem todas as combinações que puderem imaginar. E aqueles meninos são os peritos no computador.

Volta ergueu a mão.

— Eu estava apenas balbuciando em voz alta, não contestando suas habilidades. Na verdade, estava só evitando pensar numa decisão ainda mais difícil.

— Como, por exemplo, se deveria contar para Daniel, certo?

— Não. Ele será informado quando nós recebermos o Diamante. A decisão difícil é se devo contar a Shamus.

— Não há muito o que decidir, hein? Ele pirou, antes de mais nada, e, além disso, está fora de contato.

— Recentemente, sim, mas pode voltar a estabelecer algum. E Alex Three deve ter conseguido essa informação de uma fonte próxima, então Shamus é a pessoa certa a quem perguntar. Talvez até saiba quem é Alex Three. Vamos jogar da seguinte maneira: ligue para Dolly e diga-lhe que, se Shamus entrar em contato, ela pode contar *apenas* que nós descobrimos o traidor e o que aconteceu na passagem com o agente do gatilho fácil. Mas não diga nem mesmo a *Dolly* que nós sabemos quem foi o agente, muito menos o seu nome. Somente nós dois conhecemos este nome por enquanto, e é o bastante.

— Esperemos que Daniel venha a ser o terceiro quando ele ligar e decidir trocar o Diamante pelo nome do assassino da sua mãe e uma indicação sobre o traidor.

Volta disse, sem convicção:

— Possivelmente. — Ele sorriu dissimulado para Jack e levantou o copo de conhaque: — À esperança. — Fez uma pausa ao levar o copo até os lábios e acrescentou: — E à fé.

Quando Volta repousou o copo vazio, Jack disse:

— Ora, não se preocupe. As coisas estão pegando fogo neste instante. Logo, algumas peças começarão a se encaixar, e você saberá o que fazer porque você... mais do que qualquer outra pessoa que conheci... *sabe* o que fazer. Quero dizer, não pense que pode me lisonjear desavergonhadamente com seu papo furado de Estrela e escapar ileso.

— Ileso, eu? — perguntou Volta. — Eu preciso disso. — Mas não sorriu.

— Você não acha que ele vai negociar o Diamante, acha? Realmente você não acha.

— Jack, estou sentado aqui há quatro dias *sentindo* aquele Diamante levá-lo. Era imponderável saber como ele reagiria ao Diamante. Talvez eu simplesmente não tenha refletido com suficiente profundidade.

— Volta, quer parar de se torturar? Quero dizer, como você poderia ter levado isso em consideração?

— Eu podia ter usado um pouco a imaginação — disse Volta.

Num formoso barítono e péssimo sotaque irlandês, alguém estava cantando: “Dannnny Boy, Dannnny Boy, as flautas estão chamando...”

Daniel acordou assustado. Ele olhou impetuosamente ao seu redor: nu, luz do dia, o Diamante ao seu lado sobre a cama. Ele pegou a sacola de boliche e enfiou o Diamante, gritando para o cantor:

— O quê? Espere um minuto, porra! — Ele jogou a sacola debaixo da cama e vestiu a calça. Só após o primeiro passo em direção à porta que uma dor aguda o fez perceber que tinha puxado metade dos pelos pubianos com o zíper. — Arrrrhhh! — berrou ele, procurando o fecho do zíper na calça. Quando ele berrou, a cantoria parou.

— Daniel? — chamou Wally Lua da varanda. — Ei! Está tudo bem com você aí?

Daniel escancarou a porta, seu rosto vermelho.

— Está, Wally, estou ótimo. Apenas fui arrancado do sono profundo por uma serenata apache-mongol e, na pressa de me vestir, prendi meus pentelhos no zíper, por isso gritei e acabei excitando a sua preocupação. Mas, afora isso, bom dia para você.

Wally estremeceu.

— Ooohhh, já me aconteceu isso. Não só dói como a porra, mas também assusta. Melhor do que prender uma dobra da pele do pau, de qualquer maneira, já lhe aconteceu isso, fechar o zíper em cima do pau?

— Não, ainda não, Wally. — A raiva de Daniel estava se dissipando rapidamente, a confusão na sua cabeça também. Ele se lembrou que Wally rinha tomado a sua caminhonete emprestada. Ele não viu nenhum sinal das chaves nas mãos de Wally.

Como se para confirmar a ausência das chaves, Wally abriu os braços, as palmas das mãos para cima num conciliatório apelo à indulgência.

— Eu *tive* que acordar você para dar a notícia.

— Que notícia?

— Boa notícia — disse Wally, alegremente.

— Você está com a minha caminhonete?

— Não — Wally sorriu. — Essa é a boa notícia.

— Boa para quem?

— Para você. Entende, nós rebocamos nossa caminhonete até o nascer do sol... uma vela queimada, e, após o café da manhã, Annie foi até Tucson buscar as peças. Nós não temos muito dinheiro, mas temos muitos parentes, e o cunhado do primo de Annie tem um ferro-velho em Tucson. Enfim, cerca de uma hora atrás, dois caras num Chevy cinza sedã, modelo do ano passado, apareceram na estrada. Eram dois homens fortes com os sapatos brilhando. Disseram que eram agentes do Tesouro dos Estados Unidos procurando por um homem chamado Isaiah Kharome para lhe fazer uma boa devolução de impostos que ele nunca tinha ido buscar. Mas para dizer a verdade, eles não pareciam homens que estavam felizes em devolver dinheiro. Pareciam homens que tiveram uma infância horrível.

— Entendo — acrescentou Daniel. — O que você disse para eles?

— Eu disse para eles que nós não tínhamos hóspedes há mais de um mês e que eu não me lembrava de ter visto um Chevy setenta e dois com tração nas quatro rodas, placa LXA zero zero nove do Novo México. Eu não teria dito isso com tanta convicção se a sua caminhonete estivesse estacionada ao lado.

— Obrigado — disse Daniel. — Mas eles não eram funcionários do Tesouro, isso eu posso lhe dizer. O serviço de Imposto de Renda está me caçando porque eu alego que meu texto é religioso e, portanto, isento de impostos, mas eles não concordam. Eles estão me perseguindo há meses... Isaiah Kharome é o meu pseudônimo literário.

— Ah — exclamou Wally, como se ele tivesse finalmente entendido. — Não achei que eles tivessem dinheiro para você. Só problemas. Mas, está vendo como a generosidade favorece uma boa sintonia? Você me emprestou gentilmente a sua caminhonete, e ela não estava lá quando eles chegaram. Eu sempre achei que quando as pessoas estão caçando alguém, o melhor lugar para se estar é atrás deles.

— Então eles seguiram em frente, suponho. Em direção a Tucson.

— É isso que mostram as marcas dos pneus do carro deles. Eu sempre dou uma corrida matinal, então fui até a autoestrada para verificar.

— Estou um pouco preocupado com a sua esposa. Eles podem tê-la visto voltando de Tucson.

— Antes da minha corrida, chamei meu tio pelo rádio, em Dos Cabezas, ele tem um telefone e ligou para o ferro-velho do cunhado do primo de Annie para deixar uma mensagem de que ela não devia dirigir pela interestadual

hoje. Ela vai entender. Annie é uma mulher estranha, mas possui uma grande inteligência. Ela também gosta de dirigir rápido, então acho que deve chegar no início da tarde com a sua caminhonete, e também com algum alimento. Faremos um banquete para celebrar a boa sorte hoje à noite, se você quiser se juntar a nós.

Daniel franziu as sobrancelhas e disse com pesar:

— Não, puxa vida, não posso. Tenho que estar em Phoenix hoje à noite.

Com uma sutil ironia, Wally disse:

— Eu tinha um professor, um apache sagrado chamado Duas Cobras, que me ensinou que o melhor lugar para se esconder era onde eles já haviam olhado.

— Parece ter sido um homem sábio — disse Daniel —, mas tenho obrigações além do meu controle e eu devo honrá-las.

Wally assentiu.

— Obrigações religiosas e obrigações familiares são muito importantes para manter as coisas no bom caminho. Mas você devia tomar a estrada menos movimentada até Phoenix... a Seis-Sessenta e Seis, até a Setenta, depois a Sessenta e então a Oitenta. Mas é claro que os cobradores de impostos estão por todo canto nesses dias.

— Não se preocupe — garantiu-lhe Daniel. — Eu sou difícil de pegar e mais ainda de segurar.

Quando Daniel ouviu a sua caminhonete chegar, duas horas mais tarde, ele ainda estava sentado à beira da cama, a camisa nas mãos. Estava pensando no que fazer em seguida, tendo em vista as notícias de perseguição. Sentia-se cansado, calmo e estranhamento contente, como se alguma coisa estivesse inevitavelmente chegando a uma conclusão, sua trajetória fechando-se. Ele admitiu para si mesmo que queria uma conclusão, e queria uma logo. Não se sentia capaz de poder se segurar por muito tempo ainda. Resolveu que ligaria para Volta na primeira oportunidade. Seu disfarce tinha evidentemente sido descoberto e ele queria saber por quê. Esse era um assunto prático. Mas também devia a Volta uma explicação, ou tanto quanto ele conseguisse explicar. E talvez Volta pudesse lhe dar algum conselho sobre como proceder com o Diamante, como enxergar no seu interior. Daniel não queria devolvê-lo antes de ter visto o que o Diamante queria que ele visse. Talvez Volta pudesse lhe oferecer uma perspectiva. Ele se sentia como se estivesse perto demais para ver com clareza, ainda assim não conseguia recuar.

Daniel saiu da Pousada Duas Luas uma hora antes de escurecer. Ele deixou cinco mil dólares em cima da televisão, mais como um dote à noção de repouso do que uma gratificação pelos serviços. Wally Lua estava com a cabeça sob a carroceria de uma caminhonete amassada quando Daniel arrancou. Daniel buzinou duas vezes. Sem olhar para cima, Wally ergueu a mão com uma chave de boca fazendo um gesto que era a um só tempo, avante e adeus.

OS CADERNOS DE JENNIFER RAINE
abril

Meu nome é Jennifer Raine Escapofugiu; também conhecida como pode ir me dizendo adeus. Eu e Mia saímos facilmente por onde Clyde entrou. Rápido e nas pontas dos pés até o saguão, depois até a extremidade da ala entrando na sala destrancada do zelador, então deslizando pela rampa da lavanderia para dentro do porão, brincando num escorrega, aterrissando sobre uma pilha de lençóis rançosos e suados que Clyde tinha amontoado ali para nós. As paredes do porão eram cheias de portas redondas de enormes máquinas de lavar e secadoras, e bem acima delas havia uma série de janelas estreitas no nível da rua. A quinta janela na parede do lado leste estava com a tranca quebrada. Eu me esgueirei através dela até o frio gramado e ajudei Mia. Senti nossas mãos se tocando na escuridão, a dor e a confiança entre nós duas me dando força e puxei-a através da janela. Nós nos precipitamos correndo através do terreno sombreado pela lua até o muro de tijolos, no máximo dois metros de altura, mais uma tela do que uma barreira, e de lá, como o meu querido DJ diz, foi simplesmente uma questão depor cima e para fora, fora, fora, fora e livre, bom Deus, por fim!

O primeiro lugar em que paramos foi uma típica lanchonete aberta 24 horas na periferia da cidade — copos de plástico esfolados, bancos com os foros rasgados ao lado de um balcão de fórmica, a garçonete num vestido azul pálido surrado, as alças do sutiã e a calcinha aparecendo através da roupa, música caipira e velho oeste vindo da cozinha, o ruído contínuo da gordura ardendo e a estática do rádio eram indistinguíveis e quatro homens grisalhos e opacos assentindo com a

cabeça no mesmo ritmo lento em que afundavam suas roscas dentro do café frio.

Eu pedi um milkshake de chocolate para dividir com a Mia. Dois jovens exibicionistas se aproximaram, uns garotos desleixados, do tipo que vive do que consegue arrumar com os viciados. Não gostei da maneira como eles me olharam. Eu queria tanto sair fora que deixei os cinco dólares inteirinhos para a garçonete e me dirigi para a porta.

O mais asqueroso esperou que eu passasse e falou:

— Ei, mama, aonde você está indo? A festa está quase começando.

— Lamento, eu tenho um encontro com o DJ para dançar sobre a sepultura de John Bridger. — E fui embora.

De madrugada peguei carona com um velho fazendeiro numa pick-up batida que disse que só podia me levar até um pedaço do caminho; falei para ele que já era o bastante. Eu respondi mentindo a todas as suas perguntas e não disse nada quando ele me repreendeu por eu estar pegando carona sozinha.

— Tem muito safado na rua. E bêbados também.

Ele me levou quase até Fairfield. Fui até a loja do Exército de Salvação e comprei uma calça Levis desbotada e uma camisa de flanela para homem com meus últimos cinco dólares.

Depois então peguei uma carona — outro fazendeiro — até aqui, algum lugar no vale central. Estou escrevendo isso sob o luar disperso que atravessa as rachaduras de um estábulo abandonado. Ele está em ruínas e tem um fedor de urina velha, mas é suficiente como abrigo nesta quente noite da primavera.

Desde que chegamos aqui (Mia já está dormindo — ela teve um dia difícil) estou tentando lembrar o odor fermentado do pão assando no forno da minha avó quando eu tinha quarto ou cinco anos, e acabei de sentir o cheiro agora, agudo e almiscarado, e me lembro do meu pijama azul e o brilho do luar e a colcha com penas de ganso tão suave quanto um beijo de boa-noite. E se eu ficar bem parada e esquecer de mim mesma, sinto a bruma do sêmen do meu pai dentro da palpitação da minha mãe, posso sentir a mim mesma passando sem corpo entre eles, meu rosto emergindo do nada, minha boquinha já ávida por uma voz, e posso ver o meu primeiro sonho fazendo tremer as veias através das minhas pálpebras quase transparentes, mas não consigo lembrar o que estava sonhando. O primeiro sonho — isso é o que eu quero saber. Quero

me lembrar do primeiro sonho que tive. E então, usarei esse conhecimento para resgatar meu fantasma do relâmpago.

Daniel não ligou para Volta na primeira oportunidade, nem na centésima. Ele não conseguia entender se o fato de repensar sua decisão representava dúvidas prudentes, ou simplesmente permitia-lhe protelar o assunto. Seu disfarce havia sido claramente descoberto, e tinha que considerar a possibilidade de Volta pensar que o Diamante ficaria mais seguro com o governo do que com ele, e entregá-lo para a CIA, passando por cima dele "dispensando o flagrante", como dizia Mott.

Ele tinha que reconsiderar isso, mas não acreditava que fosse possível. Mais provavelmente, tinha havido uma escuta, ou talvez um agente infiltrado na Aliança. Uma escuta tornava arriscado até mesmo ligar para Volta, já que eles provavelmente armariam tudo para localizar a chamada imediatamente. Isso lhes daria uma ideia básica de onde ele estava, pelo menos. Ele não estava preocupado em ser capturado — podia desaparecer com o Diamante e atravessar andando um muro blindado — mas não queria complicações. Tampouco queria deixá-los com a caminhonete repleta de impressões digitais de Wally e Annie e rastros que os permitissem seguir a pista até as pessoas da AMO que a tinham preparado. Mas quando toda a lógica conveniente se esgotou, Daniel, com a mais impetuosa franqueza que conseguiu reunir, soube que o motivo da sua relutância era uma intuição decididamente irracional de que ele ficaria mais triste se telefonasse. A tristeza o enfraqueceria na sua tentativa de ver o que o Diamante tinha a oferecer.

Ele estava pensando em decidir sorteando *sim* ou *não* de um chapéu quando lhe ocorreu que nunca tinha tentado olhar dentro do Diamante com os olhos fechados. Ele estacionou na primeira oportunidade e desapareceu com o Diamante. Primeiro, olhando fixamente o seu centro, depois fechando os olhos. Viu uma imagem consecutiva da chama espiral que desvaneceu rapidamente. Ele conseguia imaginar o Diamante, ver claramente a chama no centro, mas não conseguia ver dentro dela. Depois de uma hora, esforçou-se para reaparecer com o Diamante e retomou a estrada.

Dois sinais chegaram imediatamente até ele. O primeiro foi premonitório: um sinal de quilometragem onde estava escrito GLOBE 37. O segundo sinal foi tão direto que parou no momento que o viu. A placa estava na parede de um posto de gasolina cujo interior havia sido devorado pelo fogo, com letras

bem grandes na parte de fora do concreto; a tinta empolada pelo calor tinha descascado e caído e, do que havia sido uma vez a lista de serviços e peças, só restava agora:

AKES
ARK PLUG
VOLTA REGULAT

A cabine de telefone na parte mais distante do terreno estava ilesa, exceto por um remanescente odor de fumaça e umidade.

Volta respondeu no primeiro toque:

— Conserto de Fornos Aliado, Plantão Noturno.

Daniel disse:

— No lugar de onde estou ligando está anunciado ‘alces, ark plugs, volta regulats’. Não tive outra escolha.

— Bom — respondeu Volta, suavemente. — Fico feliz em ver que você está começando a desenvolver um senso de humor. Vai precisar disso. Antes de tudo...

— Duvido que haja privacidade nesta linha — interrompeu Daniel, acrescentando, para explicar a sua aparente rudeza — antes de começarmos.

— Não, a linha é segura. Mas suponho pela sua dúvida que você já saiba que a sua identidade de viagem está comprometida.

— Foi o que descobri.

— Escute enquanto explico o que aconteceu. Escute cuidadosamente. É uma explicação reveladora.

Daniel escutou conforme fora instruído. Quando Volta descreveu a tortura de Dredneau, Daniel fechou os olhos e encostou na parede da cabine de telefone. Ele podia sentir o que viria através da voz de Volta pelo leve tremor ao final de cada declaração, sentiu isso na própria exatidão, e quando Volta revelou que o homem que tinha torturado Dredneau tinha também atirado na sua mãe sem razão, Daniel chorou ternamente:

— Ahh, não. Não.

Volta fez uma breve pausa e depois prosseguiu:

— Depois disso, através de um inspirado trabalho de Smiling Jack, descobrimos o nome em código da pessoa que delatou o roubo de Livermore para a CIA. — Volta se calou e esperou.

Daniel, abalado demais para pensar, respirou profundamente.

— O assassino e o delator... você não mencionou o nome deles.

— Daniel — disse Volta tranquilamente —, eu lhe darei os nomes quando você me trouxer o Diamante. Eu prometi a você no hospital, quando nos encontramos pela primeira vez, que faria tudo que pudesse para ajudá-lo a achar o assassino da sua mãe, e agora sabemos quem é. Eu cumpri com a minha promessa. Daniel, você prometeu que, em troca da minha ajuda, dividiria comigo o privilégio de contemplar o Diamante e a responsabilidade de escondê-lo, a salvo de todos nós. Você não cumpriu com a sua promessa, e ainda permitiu circunstâncias extraordinárias, que demonstram total falta de respeito por mim, e por você mesmo. Se quiser vingar a sua mãe, deve cumprir com a sua promessa com o Diamante. Isso é justo.

Daniel berrou:

— E que porra é essa que eu vou ter que fazer? Aterrorizar o cara até que ele mate a si mesmo? — Daniel arremessou o fone contra o vidro mas o fio era muito curto e voltou acertando o seu pulso. Ele o agarrou e bateu contra o gancho.

Ele voltou tempestivamente para a caminhonete, deu partida, depois desligou e encostou-se no assento.

— É justo, é justo, porra, é *justo.* Mas eu *não* queria saber, não preciso de decisões. — Ele voltou resolutamente para a cabine de telefone e discou outra vez o número de Volta.

Novamente, Volta atendeu no primeiro toque. Ele não pareceu surpreso ao ouvir Daniel dizer:

— Você tem razão, isso *é* justo. Mas vou ficar com o Diamante até ver por dentro, ou através, ou seja lá o que ele me permita ver. Quero ver o interior deste Diamante mil vezes mais do que vingar a morte da minha mãe... e muito embora Wild Bill tenha desvendado a maior parte daquele arrebatamento, ainda a vingaria. Você entende o que estou dizendo? Que por mais que eu queira justiça para a minha mãe, isso não é nada comparado ao meu desejo de abrir o Diamante. Você precisa me deixar ir em frente. E eu preciso da sua bênção.

— Eu já deixei o Diamante ir em frente, Daniel, e acho que o único modo dele um dia vir a abrir-se para você é deixá-lo ir. Você está livre para fazer o que puder, livre para ir em frente, livre para retornar. Não tenho nenhum poder sobre a sua alma. Desejo sorte e sucesso. Mas *não* darei a minha bênção porque acho que o Diamante vai destruí-lo. Ele pode destruí-lo

lindamente, magnificamente, mas o destruirá, Daniel, e eu não abençoarei um desperdício sem sentido.

— Ele *quer* que eu o veja. Posso *sentir* isso.

— É um espelho, Daniel. Apenas um outro espelho.

— Eu acho que é uma janela. Uma porta.

— Conheça a si mesmo — disse Volta —, e para isso seja você mesmo verdadeiramente. Tenho muita admiração por você para negar o seu direito de explorar como quiser. Mas não seria verdadeiro comigo mesmo... ou com você... se não dissesse que acho que você será destruído, e se o for, Daniel, isso me fará sofrer.

— Mas você não entende...

— Talvez não — interrompeu Volta. — Eu admito essa possibilidade. Mas, quem sabe, *você* não entenda. Talvez você esteja obcecado, impotente contra o Diamante, ou seja simplesmente jovem demais para entender melhor.

— É possível — assentiu Daniel. — Mas isso é o que estou me empenhando para descobrir.

— Que você possa encontrar o que está buscando.

Daniel sorriu no escuro da cabine telefônica.

— Isso soa como uma bênção para mim.

— Então, que você possa encontrar o que merece.

— Tomo isso como uma bênção, também. Eu *ganhei* esse direito, Volta, e embora você tenha realmente me ajudado a ganhá-lo... pelo que a minha gratidão é eterna... ele é meu. E é isso que sinto no meu âmago: ele é meu não porque eu o ganhei, ou o possua fisicamente; o Diamante é meu por obra do destino.

Volta disse:

— Seja abençoado em triplo então. Acrescentarei uma velha bênção estoniana: “Que a sua jornada tenha um fim.” O Diamante agora é responsabilidade sua.

Daniel disse rapidamente:

— Eu não o teria se não fosse assim. Mas, como parte do meu senso de responsabilidade, prometo levar o Diamante para você assim que meu trabalho estiver terminado, ou se, por alguma razão não conseguir e for forçado a devolvê-lo a um esconderijo, gostaria de devolvê-lo para onde quer que você tenha planejado.

— Não, Daniel. Eu o deixo ir. Não posso lhe dizer o quanto me sinto leve ao deixá-lo finalmente solto do meu domínio. E por *esta* lição, *eu* agradeço a *você.* Vou arquivar essa operação agora e ir para casa no vale do Riacho dos Loureiros. Você tem os números de acesso; a linha direta é sete multiplicado pelo dia do mês. Ligue se precisar, ou venha fazer uma visita. Eu garantirei sua boa-vinda, mas não a minha assistência; isso dependerá da sabedoria do que você precisa e minha capacidade e inclinação para fornecê-la. Vamos nos despedir como amigos.

— Isso é tudo o que eu quero — comentou Daniel, seus olhos ardendo com as lágrimas. — Obrigado.

— Até logo, Daniel — despediu-se Volta.

— Obrigado — repetiu Daniel. — Sim, boa noite. Ficarei em contato.

Eles desligaram simultaneamente.

Volta passou o resto da noite no telefone e no rádio desmantelando a operação e redesignando pessoas e recursos para outros projetos. Ellison Deeds, Jean Bluer e Smiling Jack estavam todos ocupados em algum lugar, então ele deixou uma mensagem para que ligassem quando voltassem. Ele empacotou o equipamento até bem depois de o sol aparecer e então dormiu intermitentemente por algumas horas. Deitado na cama, tentava imaginar o que Daniel tinha visto quando olhou dentro do Diamante. Daniel tinha dito que ele só conseguia ver dentro do Diamante quando desaparecia com ele. Volta ficava desconfiado só em imaginar ele próprio desaparecendo. Lembrou-se da tentação de atravessar o limite e seguir em frente, consumido em algum inimaginável remoinho de felicidade, um suicídio extático. Em vez disso, tentou uma técnica que tinha aprendido com Ravana Dremier, condensando a si mesmo lentamente numa essência e então separando-a do seu físico, erguendo-se para fora de si mesmo como uma testemunha objetiva, embora retendo a sua vontade de conhecer.

Ele ainda não conseguia imaginar Daniel desaparecido olhando dentro do Diamante mas, paradoxalmente — tendo abandonado a racionalidade pela divertida imaginação —, repentinamente compreendeu o que poderia ter deduzido através de laborioso raciocínio. Daniel viu uma chama espiral dentro do Diamante, assim como a tinha visto na visão que relatara a Volta. Isso explicava por que ele o tinha chamado de “meu”, e por que pensava que ele se destinava unicamente a si mesmo. Sua visão, é claro, o tinha

predisposto no sentido de vê-lo. Volta era a única outra pessoa no mundo capaz de confirmar se a chama espiral era realmente visível para quem desaparecesse. E ambos sabiam que Volta não desapareceria novamente. Daniel talvez tivesse escolhido poupar a ambos o sofrimento da recusa — se era por amabilidade ou pena, Volta não tinha certeza.

E ele não estava certo de que Daniel pudesse sobreviver àquela situação na qual se encontrava tão terrivelmente só. Não havia nada que Volta pudesse fazer a respeito disso e permanecer sincero com ele mesmo, e nada que pudesse fazer mesmo se traísse a si mesmo. Volta não tinha deixado o Diamante partir tão alegremente, ou tão facilmente quanto tentava fazer parecer a Daniel — mas não conseguia soltar Daniel do seu coração. Volta entendeu que ele, não menos do que Daniel, tinha confundido o ideal e o real, mas entendia isso de um modo que Daniel não conseguia entender, que de uma confusão dessa raramente se escapa impunemente. Porque Volta não tinha filho, Daniel, órfão do fogo, era o filho ideal. E agora isso ia doer.

Volta fechou os olhos e tentou novamente imaginar Daniel desaparecendo com o Diamante, tentou ver a chama espiral através da mente de Daniel. Ele estava falhando de tal modo que se sentiu aliviado por ouvir a chave na fechadura e a voz de Smiling Jack retumbando escada abaixo:

— Sonhadores, acordem!

Volta lançou os pés para o chão, murmurando:

— Um sonhador não tem mais certeza se ele sabe a diferença.

Quando ele deu um passo saindo de trás da divisória, Smiling Jack avançou, agitando uma garrafa de dois litros de Ten High.

— O que você acha, Volta? Vamos ficar bem fodidos mesmo e cheios de desespero sentimental e depois, finalmente, resolver que a vida, apesar de todo sofrimento e lágrima angustiada, vale cada pulsação, cada respiração.

Volta tentou sorrir.

— Eu bebo a isso, mas você tem trabalho a fazer e eu não vou beber e ficar estúpido sem você.

— Que trabalho? A mensagem que recebi diz que nós estávamos encerrando com este.

— Estamos, mas eu estou encarregando você com as pontas soltas. Você sabe dar uns nós tão fortes.

— O que é isso? Uma aliança de marginais e ocultistas, ou a porra da marinha?

— Muda a cada respiração — explicou Volta.

— Talvez sim — suspirou Jack —, mas eu não vou tentar mudar o seu humor. Seja sorridente, sombrio ou sereno.

— Jack, embora eu não possa admirar suas habilidades aliterativas, agradeço pela sua atenção.

Smiling Jack sentou no sofá bege já gasto.

— Como está Daniel? O que ele tinha a dizer?

— Ele está emocionalmente em farrapos e espiritualmente perdido, em perigo, portanto. Ele está tentando ver alguma coisa dentro do Diamante que pensa que só ele pode contemplar. Acredita que o Diamante quer que ele o veja por dentro. Pretende ficar com o Diamante até que ele se abra e ele entenda. Disse que era mil vezes mais importante para ele perseguir o Diamante do que vingar a morte da mãe. Afora isso, nossa conversa foi destinada a nos liberar a ambos pelas nossas estúpidas decisões.

— O que você acha? — perguntou Jack.

— Estou tentando não achar. É por isso que eu quero que você assuma a responsabilidade pelo que se segue. Duas coisas: continue atrás da identidade de Alex Three e faça justiça com Debritto. Arme uma para ele com o código, conforme já discutimos. Quando, onde e com qual Corvo, é você quem decide. Eu não quero saber até que esteja terminado.

— Tudo bem — disse Jack, solenemente —, mas talvez haja outra ponta solta. Shamus ligou para Dolly hoje de manhã, afirmando que tem algumas informações cruciais que só pode partilhar com você e Daniel, portanto, quer marcar um encontro. Ele disse nunca ter ouvido falar de Alex Three.

— O que Dolly acha disso?

— Que ele está doido.

— Nada de encontro nesse momento. Faça com que Dolly transmita que estamos ambos indisponíveis.

— Onde você vai ficar?

— Em casa — respondeu Volta.

Daniel acordou no banco da frente com o sol já alto o bastante para arder através do para-brisa. Ele tinha programado isso quando estacionou a caminhonete de frente para o leste, bem escondida atrás do posto de gasolina incendiado.

Depois de conversar com Volta, tinha desaparecido com o Diamante. Ele tentou se concentrar na torção da chama ao centro do Diamante, focalizando numa intensidade de um ponto minúsculo e, repentinamente, deixando-o ir, esperando que a força da resistência do Diamante desmoronasse para fora, como alguém retendo uma porta de fechamento automático que se precipitaria na outra direção ao se remover abruptamente à contraforça. Não funcionou.

Ele tentou fixando o olhar dentro da exígua linha da chama espiralada e rezando com todo o seu coração para que o Diamante se abrisse para ele, o deixasse ver o que precisava, deixá-lo dar um passo perfeito através do limiar. Não funcionou.

Uma hora antes do amanhecer, ele apanhou seu canivete e deu um talho no polegar esquerdo. Segurando o dedo acima do Diamante, deixou o sangue derramar sobre a esfera radiante antes de tentar ver o seu interior. Não funcionou.

Abatido e exausto, caiu num sono sem sonho quando o sol raiou, e não se mexeu até sentir a luz do sol no seu rosto. Ele sentou-se piscando, deu uma olhada no Diamante dentro da sacola de boliche no chão e se colocou atrás do volante.

Daniel foi direto para Phoenix. Parou num posto Shell para comprar um mapa da cidade, depois checou nas Páginas Amarelas dentro de uma cabine de telefone. Achou o que estava procurando exatamente na primeira listagem da seção Desmonte de Veículos — *Demolidores Aura... passa que a gente amassa.* — Quando olhou, seu marcador de combustível mostrava menos do que um quarto do tanque; sem pensar, ele estacionou ao lado da bomba. Quando o frentista lhe perguntou se era para “encher o tanque”, Daniel começou a rir tanto que mal conseguiu mexer com a cabeça e balbuciar:

— Não, é para esvaziar.

— O que foi que o senhor disse?

— Nada — falou Daniel, conseguindo controlar-se melhor. — Pensei que precisava de gasolina, mas não preciso.

— Posso ajudar em outra coisa? — perguntou o frentista. Ele encarou Daniel com cauteloso respeito.

— Não, acho que não — disse-lhe Daniel. — Eu já não sei mais se quero para dentro ou para fora, ou se existe alguma diferença.

— Parece que o senhor já está na estrada há um bom tempo. Cansado. Ela o pegou.

Daniel disse seriamente:

— Espero que sim.

O frentista assentiu vagamente e disse:

— Bom, vá devagar. Numa boa.

Daniel lhe agradeceu e tomou o rumo de Phoenix.

Ele parou na rua antes da Demolidores Aura. Dentro do trailer, vestiu a camisa, jeans e tênis de boliche, embrulhou uma muda de roupas e acessórios de toalete num saco e enfiou um maço de mil dólares no bolso da frente. Levando o saco de roupa e a sua pasta de volta para a caminhonete, colocou tudo no assoalho, ao lado do Diamante que estava dentro da sacola de boliche. Amarfanhando o registro falsificado do veículo, cortou-o em pedaços e queimou-o no cinzeiro, os olhos turvaram-se com as lágrimas provocadas pela fumaça antes que pudesse abaixar o vidro.

Daniel entrou no terreno cheio de poças de óleo da Demolidores Aura e estacionou próximo a um guindaste com um possante ímã na ponta do cabo. O guindaste estava suspendendo volumes de uma pilha de carros demolidos e os jogando dentro de uma trituradora hidráulica de quarenta toneladas que os transformava em pequenos cubos de metal. Um homem grande com um barrigão de cerveja que operava a trituradora gritou para Daniel:

— Ei, não pode estacionar aqui! O escritório é ali atrás. — Ele apontou em direção a uma casa.

Daniel apanhou a sacola de boliche, a pasta e o saco de roupas e dirigiu-se até o homem, que parecia atormentado quando ele se aproximou. Antes que Daniel estivesse no meio do caminho, o homem falou:

— Vamos lá, cara, afaste a sua máquina e fique dentro dela, não temos seguro que cubra idiotice. Esta é uma área de mecânica pesada, e eu sou o capataz aqui.

Daniel parou na frente dele e o olhou dentro dos olhos.

— Minha caminhonete precisa ser destruída.

O capataz olhou para a caminhonete e depois para Daniel.

— Para quê? — indagou ele, desconfiado. — Ela estava andando bem quando você chegou.

Daniel vociferou:

— Ela está *possuída* pelos *demônios*! Eu *sei* disso porque sou um homem de Deus e um jogador de boliche profissional. Como um ministro da fé da Igreja da Descoberta do Evangelho da Glória Imortal, estou sob votos de parcimônia, e portanto viajo de jogo em jogo do circuito da Associação de Boliche Profissional, divulgando alguns textos do Grande Senhor no meu trajeto. E, enquanto percorro esses estados de incrédulos, vou dando carona para todo mundo na estrada, algumas são moças admiráveis, muitas não têm sequer 17 anos, vadiando perdidas pelo mundo, despojadas de amor e conforto. Eu juro em nome dos céus que minhas intenções são nobres quando as apanho... partilhar a sabedoria e a consolação das Escrituras... mas existem *demônios* dentro da caminhonete, bruxas de vinil, diabos cromados e eles arrancam meu coração do Rio da Luz e o lançam dentro do Esgoto de Desejo Cru. Eu *sei* que é a caminhonete, porque desejos indecentes e carnais tomam conta daquelas moças atraentes, também, e logo os demônios nos arrastam arfando dentro do trailer, onde nós nos entregamos por horas, como javalis enlouquecidos pela luxúria, e eu *sinto* os seus corpos quentes, tesos e nus a se mover sob mim como uma ondulação de rolimãs e meu coração não quer nada mais do que a reprodução infinita do nosso momento comum de liberação para todo o sempre!

O capataz deu uma olhada para a caminhonete com uma avaliação mais pensativa.

— Não parece muito com um carro de sacanagem para mim. — Ele sacudiu a cabeça. — Mas com os infernos, se você tiver os papéis e a matrícula em ordem, lhe darei uns duzentos dólares por ela. Talvez dê até uma volta. Porra, nunca se sabe, de repente alguma gatinha pula no meu colo.

Daniel trovejou:

— Eu a quero *destruída*! Ela está possuída pelas Criaturas Obscenas, *deve* ser *triturada*!

O capataz deu um passo para trás e cruzou os braços sobre o seu ventre protuberante. Inclinando a cabeça, ele inquiriu com um travo de escárnio.

— Você é o que, uma espécie de maluco? Não pode ser real, claro, o real pode ficar esquisito, mas não *tão* esquisito assim, né? E então? Você é real?

Com o dedo indicador esticado, Daniel começou a dar umas pancadinhas no meio da testa. Sorrindo para o capataz, disse:

— É o que parece.

O capataz refletiu um instante.

— Tem os papéis todos?

— Os demônios os cobriram com um lodo verde e chuparam toda a tinta. Deixou-os brancos como a neve.

— Saia daqui — murmurou o capataz, apontando com um movimento do queixo. — Nós não tocamos em porra nenhuma que não tenha documento correto, especialmente vindo de um pancada que parece ter estourado suas transmissões cerebrais mas continua caindo morro abaixo. Sem documentos, não tem negócio.

Daniel meteu a mão no bolso da frente e retirou um rolo de notas.

— Será que mil dólares fariam você mudar de ideia?

— Completamente — afirmou o capataz, contando as cédulas rapidamente antes de enfiá-las no bolso da calça. — Tire lá de dentro o que quiser e traga-a aqui. Vou dizer lá a Jake, operando o guindaste, que você é o próximo. E, reverendo? Se houver mais algum demônio assombrando os seus carros, traga aqui e nós lhe daremos um Amasso Monstruoso que vai fazer saltar seu coraçãozinho preto como uma cereja podre. Mesmo trato, mesmo preço.

— Deus o abençoe, meu filho — declarou Daniel, fervorosamente, abrindo os braços. — Que você flutue no Rio da Luz.

Daniel assistiu sorrindo quando o ímã abaixado pelo cabo aderiu sobre a sua caminhonete com um sólido estrépito, sacudindo-a sobre seus molejos. O movimento do cabo foi revertido e o veículo foi arrancado do chão, raios de sol explodindo no seu cromo que girava à medida que o guindaste movia-o em direção à trituradora, como um peixe sendo içado da água para a mão. O ímã foi solto, e a caminhonete despencou dentro da prensa, os vidros se espatifando com o impacto. Então, com um ofegante silvo hidráulico e a seca estridência de metal sendo retorcido, a prensa reduziu a caminhonete e seus conteúdos a um brilhante cubo de um metro.

Daniel ficou impressionado com esse modo de concentração e lutou contra um alegre impulso de tentar o triturador no seu cérebro. Ele levantou os braços para o céu e gritou de contentamento:

— Livre, livre, ó Santíssima Luz; *enfim* livre!

Daniel lançou o saco sobre um ombro e abaixou-se para apanhar a pasta e a sacola de boliche, imaginado o Diamante ardendo no seu interior.

— Que tal, hein? — murmurou ele para o Diamante. — Enfim não soa bem? Eu e você juntos, baby, ambos, nada além da densa e vibrante luz de Diamante, sólida como a pedra e solta como a chama. Case comigo. — Ele começou a rir ao pensar em dar ao Diamante um anel de Diamante. Seria como dar a Vênus um cu de rato como presente de casamento.

Ainda rindo, ele atravessou o portão, virou para oeste e esticou o polegar. Partindo de diversas conexões, se deu conta de que não dormia com uma mulher desde que tinha estado na estrada com Bad Bobby. Mais de um ano. Com Jean Bluer ele esteve absorvido por outras identidades e, depois disso, toda a sua energia tinha sido aplicada em desaparecer, consumida para não ser coisa nenhuma. Ele se lembrou de ter pensado, após a sua primeira desaparição, que poderia conseguir fazer amor com a mesma mulher duas vezes, mas não tinha pensado em tentar. Seu corpo, no entanto, não esqueceu. Uma corrente pesada atravessou-o num remoinho. Caindo em lágrimas quando Wally mencionou amar a sua esposa. Excedendo as exigências de caracterização eficaz com sua descrição de todas aquelas núbeis e angelicais adolescentes acometidas de lascívia. Casamento. Conjunção. Ele estava sexualmente excitado, tão excitado que podia sentir o calor do Diamante contra a sua coxa, ou tão eroticamente estimulado que imaginava que podia. Ele deixou o braço cair para o lado. Endireitou os ombros, respirou lenta e profundamente; fechou os olhos. Tentou imaginar a espiral como uma mulher, ver seu rosto, deduzir o seu corpo das curvas ardentes da espiral, senti-la abrindo-se para ele, sentir seu verdadeiro coração batendo contra a palma da sua mão, os dois banhados de luz.

Uma voz grave de homem falou:

— Tá sonhando aí, garoto, ou tá a fim de uma carona de verdade?

Um velho Ford com a carroceria aberta, empoeirado e amassado, sacudia em ponto morto próximo a ele. Não o tinha sequer reparado. O homem baixo com o rosto surrado ao volante levantou um chapéu de vaqueiro mais velho do que a caminhonete e disse:

— Você está correndo ou se escondendo, filho? Só vou até as montanhas Juniper, mas você é bem-vindo se for nessa direção que flutuam os seus galhos.

— O que significa isso? — perguntou Daniel.

— Dialeto de velho montanhês, vem de armadilha de castor. Significa aonde você vai, a que se sente inclinado, o que almeja.

Por um instante, Daniel pensou em acenar para ele e esperar que uma mulher parasse. Ele queria estar com uma mulher. Mas o velho vaqueiro dentro da caminhonete parecia saber alguma coisa. Daniel apanhou a pasta e disse:

— Vou com você.

O PRIMEIRO CADERNO DE JENNIFER RAINE

Alguma coisa de abril (dia 7? 9?)

Muito chão desde ontem à noite. Acabei de chegar a Reno e as coisas estão boas e más e, provavelmente, isso é normal se você for sã e madura, mas talvez porque eu não seja nada disso, sinto-me bem melancólica. Não deprimida, doutor — melancólica. Um toque de melancolia pós-parto, a adrenalina causada pela nossa entrega, do confinamento para a liberdade, do ato arrebatador para um novo conjunto de fatos hostis. É duro viver escondida ou fugindo.

Tenho a melancolia materna também operando em mim. Mia acordou gritando ontem a noite no estábulo. Ela teve um sonho horrível com serpentes de fogo caindo sobre ela no escuro, seus venenos sibilantes transformando-a em pedra. Não consegui consolá-la. Passei horas acalentando-a, entoando canções de ninar, mas ela simplesmente continuava choramingando até que meu desamparo me venceu e eu quis asfixiá-la para silenciar o seu choro. Em vez disso, deixei-a chorando na esteira de palha e fui até lá fora olhar para a lua e as estrelas até me sentir pequena o bastante para retornar e acalentá-la nos meus braços novamente e deixá-la choramingar. Eu não consigo mais saber onde ela sente dor, como conseguia antes; suas dores tornaram-se muito complexas. Posso apenas amá-la e esperar que fique curada. As mulheres sofrem e se curam diferentemente.

Eu não sei quanto aos homens. Eles parecem confundir permissão e saque. Na minha cosmologia, o sol criou a si mesmo e impôs uma única norma de existência: tudo que fosse criado deveria criar algo em troca. O sol, para o demonstrar, criou a terra. A terra criou um poderoso rio alimentado por uma fonte sem fim. O rio fluente atingiu uma imensa pedra dourada e bifurcou-se em água fresca e água salgada, em rios e

oceanos. No ponto exato em que a água encontrou a pedra, homem e mulher foram criados. O homem criou o relógio. A mulher criou a lua.

Está vendo, doutor. Não estou louca. Apenas sei o que está acontecendo.

Eu tenho que admitir que algumas das minhas melancolias são do tipo rejeitadas. A única boa notícia hoje foi uma carona do estábulo até Reno, cortesia de um pescador do Alasca chamado Billy Krough. Eu quase que me apaixonei pelo caminho. Billy, ai de mim, era alto e forte e, embora não fosse realmente bonito, seu rosto, especialmente seus olhos profundos e azuis como o céu, tinham caráter. Ele era esperto também. Eu exijo que os homens sejam inteligentes. O brilhante Billy sabia onde ficava o túmulo de Jim Bridger — a leste de Wyoming. Eu tinha instintivamente corrido na direção certa. O cérebro não é o único órgão que pensa.

Billy estava se dirigindo para Las Vegas onde ia jogar pôquer, sua última farra antes de retornar a Petersburg para as temporadas de salmão e linguado. Ele ganha dinheiro suficiente em quatro árduos meses de pescaria e decola e viaja os outros oito. Seus dois amores de longa data haviam acabado durante a impaciente época fora de temporada e os meses passados no mar. Ele parecia, no entanto, entender seus pontos de vista e ficaram bons amigos. E lá estávamos nós no banco da frente, Mia dormindo profundamente no de trás, e eu queria que alguém me abraçasse, eu deslizei para perto dele, me aconcheguei e disse:

— Me abrace.

Ele o fez, e foi suave, realmente delicado e suave, porém longe daquele limite carnal que se tem que cruzar se você quiser ficar tão juntinho que não dá para distinguir um do outro.

Eu forcei. Disse:

— Quero ficar mais próxima. Quero que você ame quem eu sou. — O amor nunca ajuda muito os poderes da explicação, mas já que o Amor mesmo nunca pediu nenhuma, isso parece bastante justo.

Billy era gentil. Ele me apertou um pouquinho mais e explicou que tinha prometido a uma certa mulher que não faria nada de errado longe dela, uma promessa que pretendia cumprir apesar do que ele, de maneira bastante atenciosa, chamava de uma "deliciosa tentação como você". Eu! Mas não tão deliciosa assim que ele não pudesse recusar.

Merda. Por que aqueles que são bons demais para serem reais estão sempre sendo reais para outra pessoa?

Billy nos deixou no centro de Reno. Nem parou para jogar cartas, já que a partida que queria estava em Vegas. Ele me deu uma nota de cinquenta dólares, dizendo que queria me oferecer um bom banho e uma noite segura de repouso, embora eu estivesse absolutamente livre para desperdiçá-los jogando. Um verdadeiro cavalheiro.

Ainda não decidi o que fazer com os cinquenta. Estou escrevendo isso de uma lanchonete Winchell enquanto penso no assunto. Mia ainda está dormindo. Pobre menininha, ela não deveria ter que passar por tudo isso. Ela está exausta. Eu a deixarei dormir até que acabe de sonhar e acorde sozinha. Não é um problema carregar uma filha imaginária por aí. Elas são leves.

É o que nós, Marias Malucas, com suas filhas imaginárias, chamamos de "piadas interiores". Hi-hi.

Vou rir até me livrar da melancolia.

Eli Boyd, um ajudante de fazenda semiaposentado, trabalhava nos seus próprios dois mil metros quadrados de terra próximo de Hope Mountain, quando não estava trabalhando no campo de outra pessoa — o que acontecia com demasiada frequência —, dirigia seu velho Ford regularmente a setenta quilômetros por hora e, com a mesma regularidade, contava piadas, casos, lorotas e histórias nada reais sobre o velho oeste, no tempo em que um homem podia cavalgar durante dois dias e não cruzar com outra pegada humana pelo caminho. Daniel escutou, desde a Demolidores Aura na Cidade do Sol até a junção da I-40. Uma história em particular apoderou-se da sua imaginação.

Eli começou:

— Os vaqueiros são conhecidos como loucos que bebem todo o salário, e eu estava fazendo a minha parte quando algo aconteceu e me deixou gelado. Não é uma bela história mas, por Deus, não somente economizou o meu dinheiro em álcool, mas também em todas as caras maluquices que isso traz: dançar com as meninas, consertar os bares, fianças, custas judiciais e aquelas terríveis contas de hospital.

"Aconteceu no alto Colorado, perto de Durango, deve ter sido por volta de cinquenta e cinco, cinquenta e seis, por aí. Eu estava trabalhando para os

Randall na época, e eu e um dos primos dos caras estávamos levando alguns cavalos para o pasto deverão. Nós chegamos ao barraco que tinha na trilha quando a noite caiu e colocamos os cavalos naquele pequeno e velho estábulo que o tataravô dos Randall tinha construído. Então, eu e Jamie, este era o nome do primo, apenas um garoto, dezenove ou vinte anos, fomos para o barraco, comemos a boia e jogamos conversa fora por um tempo antes de esticar os ossos, bem fatigados por estarmos em cima da sela desde o amanhecer.

"Jamie era um garoto estranho, um tanto sobressaltado e nada surpreendente no que diz respeito à esperteza. O fato triste nisso era que Jamie podia ter sido filho congênito da linhagem dos Randall. O povo de Durango costumava afirmar que as únicas virgens da família eram aquelas que conseguiam correr mais do que os seus irmãos.

"Apesar de toda a patetice, Jamie levava jeito com os cavalos. Era como se ele tivesse juntado toda a pouca inteligência que tinha e a colocado com toda a força em uma coisa só, e essa coisa eram os cavalos. O garoto adorava cavalos. E ele era *bom* com eles.

"Então estávamos apagados e roncando profundamente quando aqueles relinchos altos e agudos no estábulo nos acordaram. Nós imediatamente pulamos juntos dentro das botas e agarramos nossas armas.

"Lobo? — sussurrei para ele enquanto nos dirigíamos para a porta.

"Eu não sei — disse Jamie, sua voz realmente fina e tensa.

"Nós estávamos chegando ao estábulo quando duas éguas dispararam pelo curral, e logo pude ver no luar que as suas pernas estavam terrivelmente mordidas. Então eu soube o que tinha acontecido; um camarada com quem eu costumava explorar as trilhas agrestes tinha visto pessoalmente quando ele era um jovem peão. Os ratos do estábulo tinham entrado lá, furiosos e loucos, e devoraram as pernas dos cavalos da ferradura até o joelho... deixando tão liso, fibroso e com aquela cor branca anilada que se vê quando escalpelamos um veado. Os cavalos pareciam estar todos usando meias brancas, via-se pouco sangue. Puta que o pariu, era fantasmagórico!

"Mas o que realmente me congelou o sangue foram aqueles guinchos dos ratos, tão agudos que podiam despedaçar o seu crânio como se fosse um vidro ordinário, ou pelo menos o deixarem surdo por causa de todas as perfurações nos tímpanos. Os guinchos daquele tropel de ratos soavam diferentes do ruído que fazem os ratos que querem apenas comer alguma carne quente.

“Quero dizer, fiquei de queixo caído porque, mesmo que já tivesse *ouvido* aquilo, *ver* aquilo é algo bem diferente. Na verdade, ficar parado como um idiota é a melhor coisa a se fazer nessas situações, a menos que você se disponha a descarregar a sua arma contra uma horda de ratos enlouquecidos dentro de um estábulo escuro cheio de cavalos insanos. Não é para mim, obrigado. Deixa a natureza seguir seu curso desvirtuado. Eu queria ter certeza de que Jamie seria sensato para deixar as coisas acontecerem. Não gostei nada do que vi. Os olhos de Jamie pareciam revirados totalmente dentro das órbitas, com o mesmo branco doentio daquelas pernas dos cavalos, e inteiramente vazios, que nem aqueles... como se chama... zumbis cubanos. *Débil*, sabe o que quero dizer?

“E, de repente, Jamie grita: ‘Os cavalinhos! Os cavalinhos!’ Como um garotinho, e saí correndo para o estábulo.

“Não, Jamie! — berrei. Não atire, eles vão ficar mais assustados. E não é que ele jogou fora a sua arma? Mas, antes de entrar lá, apanhou um furador de gelo enferrujado que algum caçador tinha deixado enfiado num poste do estábulo.

“Agora, você percebe que eu não vou correr para segurar ele, nem ajudar. Está bem ali no artigo vinte e dois do *Código do Oeste*: Se algum filho congênito entrar correndo dentro de uma zorra de ratos no estábulo num acesso de embriaguez, isso é problema *dele.*

“Fiquei em pé ali, dentro das minhas botas e ceroulas, esperando os cavalos saírem para o curral onde eles tinham espaço para se movimentar. O barulho se acalmou o bastante para eu poder ouvir Jamie ofegando dentro do estábulo: ‘Seus merdas’, seus merdas, e o bater do furador sobre as pranchas do chão. Eu acendi um lampião e entrei.

“Jamie estava de quatro. A parte posterior da sua mão direita, a que não estava com o furador, estava devorada quase até os ossos. Uma coisa horrível de se ver, mas não tanto comparada com o que Jamie estava fazendo. Ele tinha encurralado um rato no canto da cocheira e estava estocando ele, cinquenta, sessenta vezes, sob a luz do lampião, o furador parecia uma mancha disforme.

“Jamie!” — berrei, e ele se virou para me olhar, os músculos da face se retorcendo, uma baba branca escorrendo da sua boca, seus olhos revirados para a posição normal, mas olhando para muito além dali. E rugiu como uma porra de um leão da montanha: ‘Nãão! Nããoo!’, e saiu perseguindo outros

ratos que se retorciam em pequenos e estridentes grupos, comendo seus mortos.

"Ele apanha outro com a primeira estocada e continua furando-o até que outro salta à sua frente e ele se vira e o caça até o muro onde dava para ouvi-lo choramingando e as pancadas do furador de gelo como alguém batendo numa porta pesada. De repente, então, ele solta um berro tão possante que tudo mais se congela num silêncio, todo o estábulo absolutamente quieto. E aí ele bradou.

"Peguei, Eli! Eu finalmente peguei.

E começa a rir.

"Eu entro com o lampião e lá está Jamie, sorrindo, os olhos fixos em alguma coisa muito distante. Ele está estatelado contra a cocheira e a mão direita está apunhalada contra o muro. E diz:

"Olhe, Eli, eu finalmente peguei.

Eli deixou Daniel pensando naquilo no entroncamento da noventa e três com a I-quarenta. A lanterna traseira erraticamente piscando, à medida que ele se afastava em direção ao leste para sua casa lá no alto.

Esticando novamente o polegar para conseguir outra carona, Daniel decidiu que se tratava de um conto admonitório, sabiamente levado até o coração. Talvez Volta tivesse razão. Talvez devesse simplesmente deixá-lo partir. Os velhos pareciam pensar assim, de qualquer maneira, e ele seria louco se não considerasse o conselho deles quando estava perdido quanto ao que tentar em seguida. Talvez se ele o deixasse partir fisicamente, conseguiria abri-lo através da memória e da imaginação. Ele olhou para o seu polegar levantado e então abriu a mão como se estivesse libertando um pássaro invisível. Imaginou como se sentiria dando estocadas com um furador de gelo na paina da mão, imaginou com tanta nitidez que quase deu um berro de dor.

Shamus estava sentado ao lado de uma mesinha de um motel barato de Sacramento. Sua mão cicatrizada com a prata perto do ouvido, ditando possibilidades que a mão livre anotava numa folha de bloco amarela.

— A.T. Al vezes três. Três Al's? Tente isso. Alalal. Allah? Sotaque suíço. Homem, trinta e poucos anos. Três *alces*, talvez? Isso mexe com alguma coisa solta dentro desses intestinos compactos que você chama de cérebro? Pense, seu cabeça de bosta! Ajude-me. Três alces. Alvos? Almas?

Três almas? Não, não, direção errada. Al triplo X? Al para o terceiro poder... o que é isso, Al Nove? Terceiro poder. Triplo Al. Triplo Al! *É isso!* Descobriu, seu sacana?

— Não — disse Shamus, lerdamente. Ele estava bem bêbado.

— *Al* de Alquimia. Três vezes máximo. Trismegisto. "Por esta razão eu sou chamado Hermes Trismegisto, pois possuo as três partes da sabedoria de todo o mundo." Vamos, Shamus... você diz para mim.

— Volta. Aquele delator filho da puta — xingou Shamus, a raiva sacudindo-o do estupor. — E é bem típico daquele filho da mãe arrogante usar Hermes Trismegisto e alquimia, tudo misturado num engenhoso código. É esse o seu estilo, ele é tão confiante que nos deu de bandeja. E nós sabíamos disso o tempo todo. — Shamus escreveu o nome de Volta com tanta violência que a ponta do lápis se partiu quando fez o traço do t. — Volta o Todo Sábio. Perfeito sentido. O sotaque suíço seria fácil para Volta. E depois ele esfrega isso na nossa cara. Acho que ele esqueceu que estudamos com Jacob Hind. E nós estamos bem perto de sermos o douto alquímico que ele foi. Como ele pôde pensar que conseguiria nos enganar com isso?

A mão cicatrizada de Shamus lhe disse no ouvido:

— Talvez ele *soubesse* que não conseguiria, seu idiota; já pensou nisso?

Shamus estava perplexo.

— O que você está dizendo?

— Ele *quer* que você pense que foi ele, para desviá-lo de Daniel. Pense nisso, bundão, alguém teve que dizer a Volta o que estava acontecendo.

— Foram os dois juntos, exatamente como tínhamos pensado. Mas onde eles estão?

A mão cicatrizada moveu-se do ouvido para encará-lo.

— Escute: um levará você ao outro. Ache um, você acha os dois.

A carona seguinte de Daniel levou uma hora para chegar. Quando ele viu a caminhonete Chevy com um trailer, seu primeiro impulso foi sair correndo. Era a sua caminhonete que de algum modo tinha renascido de um cubo de metal. Com um sopro de alívio, notou a placa de Michigan e as letras reflexivas decalcadas em forma de arco sobre a porta do trailer:

ERNIE & IRMA
Ciganos de Geritol

Irma moveu-se para o lado para dar lugar a ele dentro da cabine. Ela era uma mulher esguia e delicada nos seus sessenta anos, calças marrons, uma blusa amarela clara e um casaco de tricô marrom. Um pequeno poodle descansava no seu colo. O cão olhava para Daniel tremulamente. O bicho parecia-lhe de algum modo incompleto, mas ele não sabia ao certo por quê.

Ernie esticou o braço por cima do poodle para lhe apertar a mão. Daniel nunca teria conseguido se disfarçar em Irma, mas Ernie teria sido fácil. Como Daniel, ele tinha 1,80m e olhos azuis, porém com quarenta anos e vinte quilos a mais. Daniel teria tido que buscar em centenas de armários para encontrar uma camisa de poliéster como a de Ernie, que tinha uma fila de vagões de Conestoga correndo através do seu braço direito, um caminho de gado na esquerda e um pôr de sol flamejante em tom pastel nas costas. Daniel achou a camisa tão absurda que piscou os olhos para ter certeza de que não era uma alucinação.

Depois que Ernie se apresentou e retomou a estrada, Irma afagou o arfante cachorrinho e disse:

— Este é Chester.

Daniel sorriu para o cachorro.

— Como vai, Chester?

Chester tremeu e mexeu com o lombo.

Daniel percebeu que Chester tinha perdido o rabo, ou o tinham decepado bem rente.

Irma explicou:

— Um enorme dobermann arrancou o rabo de Chester. — Ela se curvou e disse suavemente: — Nós não gostamos de cachorro grande, não é, Chester? — Chester enterrou a cabeça entre os seus joelhos. Irma olhou orgulhosamente para Daniel. — Chester entende tudo o que eu digo.

— Para onde você está indo, Herman? — disse Ernie, um tanto rápido demais, como se estivesse embaraçado.

Daniel, esquecendo por um instante que tinha se apresentado usando o nome na camisa de boliche, não tinha certeza se Ernie estava se dirigindo a ele. Ele comentou impulsivamente:

— Oh, você sabe, apenas percorrendo a estrada por enquanto. Depois para Frisco, mas ainda falta muito para começar o circuito profissional, daí que estou fazendo hora com uma partida ou outra que encontro. Ouvi dizer que eles apostam em qualquer coisa em Nevada.

— É por isso que a chamam de Salários Perdidos[15] — sorriu Ernie.

— Foi o que ouvi dizer — disse Daniel, educadamente, saturado de ouvir isso no circuito de pôquer. Ele tinha resolvido evitar Las Vegas. Pessoas demais o conheciam e não estava a fim de criar um disfarce mais elaborado.

— Então você está solto — disse Ernie.

— É, basicamente. E não estou certo se não tenho um lugar para ir ou se tenho muitos.

Atenciosamente, Ernie falou:

— Entendo o que quer dizer. Eu era assim quando era mais jovem e sem destino, bem antes da Segunda Guerra começar. Era como se eu nem conseguisse sequer *imaginar* a minha vida, entende o que eu digo?

Com um leve sorriso, Daniel observou:

— Comigo, é mais o caso de não conseguir parar de imaginá-la.

— Quase a mesma coisa, né? — perguntou Ernie. — Apenas um outro modo de olhar para ela.

Irma disse para si mesma:

— Oh, não foi tão mal assim. — Ela virou-se para Daniel com um sorriso distraído. — Você gosta do seu trabalho?

— Eu não sei — avaliou Daniel. Quando eles o olharam, confusos, Daniel sorriu e explicou o melhor que pôde. — Imagino que possa parecer estranho não saber se gosto do meu trabalho, mas estou sendo honestamente ambíguo. Eu não penso no boliche em termos de diversão. Fico muito ocupado me concentrando em fazer a coisa certa, fazer direito... fazer *completamente*, já que é para fazer.

Irma deu um sorriso inexpressivo, distraidamente acariciando o dorso magro de Chester.

Ernie tomou a frente.

— Eu trabalhei na GM, trinta e cinco anos na fábrica do Chevy em Detroit, que nós chamamos de ‘Motown’. Irma e eu estamos casados há trinta e quatro anos. Me aposentei três anos atrás, as crianças se foram, a casa tá paga, então eu e a Irma viajamos sempre que dá vontade. Sair e ver as coisas mantém a gente jovem. No último outono fomos visitar New England. Muito bonita no outono, todas aquelas folhas douradas e vermelhas. Agora, essa terra aqui me parece um pouco deprimente, mas a luz é bonita, o sol se pondo e tudo mais.

Irma, com o mesmo sorriso distraído, disse para si mesma:

— É sempre assim.

— O que você fazia na GM, Ernie? — indagou Daniel.

— Eu trabalhava na linha de montagem. Fixava as peças acessórias, colocava o macaco e a chave de roda e fechava a mala.

— Você gostava? — perguntou Daniel.

Ernie encolheu seus ombros fortes.

— Como você diz, é um trabalho.

Irma disse para o poodle:

— Ele gostava, não gostava, Chester?

Chester deu um latido agudo.

Irma assentiu com satisfação.

— Sabe — Ernie se dirigiu a Daniel —, eu não me importava com a rotina. Dá forma à vida. E mesmo que você esteja fazendo a mesma coisa o tempo todo, nunca é realmente a mesma coisa. Como fechar aquelas malas de carro... cada uma tem um som diferente. São milhões, e *cada uma* é diferente. Entende o que quero dizer?

— Acho que sim — falou Daniel.

Irma perguntou a Chester:

— Será que papai sabe o que ele quer dizer? — Chester latiu duas vezes. — Duas vezes quer dizer ‘não’ — traduziu Irma, um brilho presunçoso nos olhos.

Ernie resmungou:

— O diabo do cachorro me odeia. Fui eu quem achou que ele precisava de um pouco de exercício. Deixei-o solto da coleira para ficar farejando pelo parque e o dobermann arrancou o seu rabo e metade da sua bunda numa dentada antes que eu conseguisse acertar o bicho com uma pedra para ele fugir. Tentei falar para o Chester que ele estava encarando um regulamento da vida: cachorros grandes mordem. Se estivesse na coleira não teria feito diferença.

Daniel se curvou e falou para o cão palpitante:

— Nós não gostamos de cachorros grandes, gostamos, Chester?

Chester escondeu o focinho.

— Ele é tão surpreendente — gorjeou Irma —; ele entende tudo o que ouve.

Ernie, Irma e Chester despediram-se no lado oeste de Las Vegas, o sol se pondo com um crescendo flamejante de ouro e carmesim, as cores tão puras e nítidas que tornavam o poente ofuscante da camisa de Ernie pálido e quase esvanecido, tão chocante, que Ernie desligou o carro e eles ficaram sentados, observando em silêncio, Chester apoiando-se com as patas no painel para

obter uma vista melhor. Daniel ficou arrebatado com a facilidade com que o ar deixava as cores partirem, com a inexorabilidade da terra girando sobre o eixo de luz e trevas. Ele sentiu de repente uma angústia para sair da cabine da caminhonete e desaparecer, desaparecer ou então começar a chorar. Mas não podia fazer isso com eles ali. Ele disse, lutando contra o nó na garganta:

— Bem, nesse momento adorável e flamejante, eu me despeço. Obrigado pela carona e pela esplêndida companhia.

Daniel se afastou para deixar a caminhonete sair, mas ela não se moveu. Abafado dentro da cabine, Chester latiu freneticamente. Irma abaixou o vidro e exclamou, excitada:

— Você esqueceu sua bola de boliche! Chester reparou! Entende tudo, bem como eu lhe falei.

Daniel levantou a sacola de boliche através da janela aberta.

— Eu queria ter a cabeça do Chester — disse ele. — Foi uma estupidez esquecer o meu instrumento de subsistência. Mais uma vez, obrigado. Cuidem-se.

Ele viu as luzes traseiras desaparecerem na direção de Las Vegas. Abaixando-se para abrir a sacola de boliche, ele protegeu a luz do Diamante do tráfego, embora a estrada estivesse vazia. Ele olhou para dentro do Diamante.

— Você não quer que eu o deixe ir embora, quer? Eu sou o escolhido, não sou? Se for assim, me ajude. Me ajude. Por favor, por favor, me ajude. — Ele desapareceu com o Diamante.

Por volta da meia-noite, sem prevenir, a concentração de Daniel vergou-se e veio abaixo. Ele tentou reforçar o seu foco, mas a energia estava esgotada. Desarmado, levou um horrível momento até se recompor e se imaginar retornando com o Diamante. O retorno foi árduo. Daniel não tinha a menor ideia de onde estava no mundo. Ajoelhado, ele fitou o Diamante, perguntando-se para onde tinha ido a chama espiral. Ouviu um vago ronco à sua direita. Virando-se, foi ofuscado por um facho de luz movendo-se rapidamente na sua direção. Ele mergulhou para o lado, envolvendo protetoramente a sacola de boliche com o seu corpo, no momento exato em que o motorista de um Trans-Am preto pisou nos freios e derrapou, indo parar 150 metros mais à frente na estrada. Quando o veículo deu marcha à ré, Daniel fechou o zíper da sacola de boliche. O motorista manobrou no

acostamento oposto, atravessou a pista e estacionou ao seu lado. Por alguns instantes, os longos cabelos louros fizeram Daniel pensar que era uma mulher. Ele ficou bruscamente desapontado quando um homem atarracado de seus trinta anos usando botas de vaqueiro, calça Levis e um casaco cansado de guerra deu a volta no veículo e disse:

— Que porra de merda foi *aquilo*?

— O quê? — perguntou Daniel, com confusa inocência, pondo-se de pé.

— Você não viu aquilo, cara? Houve um enorme clarão de luz e *bum!* lá estava você, aquele brilho fantástico em sua volta. Porra, não tinha jeito de você *não* ver.

Daniel revelou:

— Eu estava agachado quando ouvi você vindo e fiquei em pé realmente rápido... pode ter sido um reflexo dos faróis nesse caso, um bocado de metal brilhante, podem ter atingido a iluminação máxima.

Mexendo lentamente a cabeça, o homem louro olhou para Daniel e seus pertences. Ele encolheu os ombros.

— Talvez tenha sido uma recaída de napalm. Mas parecia uma coisa real para mim. Foda-se, não tem importância, né? Por que se cagar com tão pouco se a morte conhece o seu endereço? Esse é o meu lema.

— É um dos bons — disse Daniel.

— Mas aí, você está pegando carona aqui, ou o quê? Eu estou indo para o oeste até amanhecer, depois dou meia-volta e retorno.

— Obrigado — agradeceu Daniel. Ele apanhou a pasta e a sacola de boliche.

O homem louro disse:

— O que você é, afinal de contas, um jogador de boliche andarilho, ou o quê?

— Sou um jogador de boliche profissional e um praticante religioso — explicou Daniel.

— É, qualquer coisa para não ter que trabalhar. — Ele abriu a porta para Daniel.

— E quanto a você? — perguntou Daniel ao entrar no veículo. — Está aqui a essa hora num plantão das nove às cinco, cara?

— Conserto máquinas caça-níqueis em Shamrock. Segundo turno, das duas às dez. Sobra a parte difícil da meia-noite e a parte da manhã para fazer minha patrulha.

— E o que você está patrulhando? Ou *atrás* de quem, se for o caso?

— Meu antigo patrão — revelou o homem. — A morte. Eu era Chofer da Morte.

— Verdade? — surpreendeu-se Daniel. Não lhe parecia estar ouvindo bobagens.

— Pura verdade, irmão; pode crer. Vamos sair fora e eu lhe conto como é. — Ele bateu a porta.

— Ótimo. — Daniel disse isso à meia-voz, mas não soube dizer se estava sendo irônico. — Por que se cagar por tão pouco? — lembrou a si mesmo. — Vai fundo.

O nome do homem louro era Kenny Copper. Pouco tempo depois do seu décimo oitavo aniversário, um juiz tinha lhe oferecido a escolha entre dois anos de trabalho na fazenda do condado por perturbar a ordem, resistir à prisão, atacar um policial — o que a corte via como um feixe de crimes, não uma progressão lógica de legítima defesa —, ou alistamento imediato no corpo de fuzileiros navais. Ele aterrissou em Saigon oito meses mais tarde, um carabineiro numa Instalação de Controle da Companhia Baker. Em uma semana, eles foram enviados a Khe Sanh.

Ele contou como foram levados para o nordeste, na altura do paralelo 95º:

— Eu enfiei a cabeça na bunda do Dragão, cara, e vi o Mundo de Merda. Os conguês estavam nos fodendo com suas balas. Enviamos duas patrulhas de reconhecimento só para exercício; nunca mais vimos aquelas figuras outra vez. Tudo que tocava a pista de pouso acabava voando pelos ares. Nenhum carregamento médico. Nenhum reforço. Eles nos jogavam rações e munições do ar, mas tudo que caía fora do nosso perímetro... o que era mais ou menos a metade da merda que nos lançavam... era festa de Natal para eles. Para nós o Inferno; para eles tudo o que restava. Mas aí é que está o lance, Herm, estávamos basicamente fodidos a sangue frio... nós éramos apenas *iscas* para a armadilha, carne morta e fedorenta, porque eles *queriam* que os conguês se juntassem para um cerco, fazer com que todos se amontoassem em cima da gente para então dar uma porrada com o martelo. Raciocínio realmente limpo, né? Realmente ligeiro. Quero dizer, os conguês não foram idiotas de nos arrasar, não é preciso ter um doutorado em química para deduzir isso, certo? Eles ficavam só fazendo pressão suficiente para nos sufocar, mas não se comprometiam excessivamente. Então fomos afundando, sem precisar de nenhum martelo.

“No início, não era tão ruim. Eu tinha levado meio quilo de erva de Buda dentro do helicóptero... cinquenta dólares ianques em qualquer esquina de

Saigon... e aquilo nos distraía entre a porra da chuva e os tiroteios. Todo mundo na base sabia que o nosso abrigo era a Boogie City. O camarada preto com quem eu andava, de nome Donnell Foxworth, nós chamávamos ele de Piromaníaco, porque dizia que era especialista em torrar boceta, tinha duas caixas de munição cheias de som da melhor qualidade. Motown, Hendrix, os Doors, Dylan, Stones, tudo que você pensar. Entre a erva de Buda e a música, os soldados ficavam à vontade.

"E, cara, a gente precisava de um apoio moral *seriamente*, porque os chinas tinham a parte alta do relevo, seus morteiros e artilharia leve nos cobriam direitinho, como se fôssemos sapos dentro de um vidro. Sempre que dava vontade, de dia ou de noite, por dois minutos ou vinte horas, eles despejavam uma tempestade de fogo. Você nunca esteve lá, cara, simplesmente não pode saber o que é ouvir o fogo inimigo sem parar até que aquele lamento estridente de morte faça o seu sangue uivar como um cão baleado na barriga; a porra toda do corpo descascando até chegar aos nervos; o cu se fecha tão apertado que, quando você relaxa, você caga nas calças; Dylan berrando a todo volume nos seus ouvidos: '*Well HOW does it FEEL! to be on your OWN!*'[16], vou lhe falar a verdade, se uma bala não acabar com você, o resto acaba. Foda-se se a gente tinha toda aquela maconha no Vietnã, e um equipamento de som capaz de afundar o crânio, toda aquela heroína, todas as bocetas do mundo. Simplesmente *nada* conseguia afastar você do real. O incessante e doentio medo.

"Lá pela terceira semana, eles começaram realmente a bater, o perímetro virou uma Terra de Sabotadores. Tente dormir quando aqueles morteiros estão soltando os bichos em cima de você, quando você sabe que tem alguém lá fora que adoraria cortar o seu pescoço. Eu estava me segurando dentro de uma trincheira cheia de lama, meus braços literalmente me envelopando, enroscado contra a vala suja, abatido com uma disenteria assassina, e nauseado com o cheiro do meu próprio medo, merda nas calças, pólvora, fumaça, terras e corpos explodidos, quando caiu uma em cima de nós, parecia a metade de uma bola de futebol americano, onde eu estava agachado. A porra do choque quase me arrebentou os miolos. Eu me forcei a ficar ajoelhado e olhei para a chuva e a noite lá em cima, tão desorientado que fiquei, imaginando se dava para ver *lá no alto* o ponto real de onde a chuva começava a cair. Estava olhando intensa mente quando um negócio quadrado e branco passou voando ao meu lado. No momento que toquei naquilo, eu soube o que era. Embora tivesse dado qualquer coisa para não olhar, aquilo

era algo que eu tinha que ver. Um cara do nosso grupo, Billy Hines, um jovem do Missouri, realmente calmo, tipo acanhado, que era casado com uma gatinha de dezessete anos chamada Ginnilee, cuja primeira carta para ele no front contava que estava grávida desde a sua última licença. Ela tinha mandado um retrato que a sua mãe tirou, ela em pé na varanda da frente, a casinha no fundo, desfocada. Escreveu atrás: 'Esposa com criança. Nunca esqueça que eu te amo. Ginnilee.' E o seu rosto... oh cara, tão jovem, cheio de esperança, tão corajoso, a mais linda menina com os cabelos louro-avermelhados cheia de sardas, cara, que *sardas,* bastava olhar a luz em torno do seu rosto para saber que ela estava grávida. O cara carregava aquilo dentro do capacete. Certa vez lhe perguntei por que ele não colocava num lugar onde uma linda garota como aquela não ficasse tão desconfortável e molhada pela chuva, e ele disse — a voz de Kenny começou a tremer —, ele disse: 'Ela é o meu talismã da sorte. Ela vai me fazer atravessar com brilho toda essa merda, e voltar para casa com ela e o bebê.' E, cara, quando eu peguei o retrato dela na lama e a *vi,* cara, eu *enxerguei* ela todinha na minha alma, eu desapareci dentro de mim mesmo. Você me entende, cara? *Saí* do local, saltei *fora.*

Na luz do farol de um veículo vindo na direção oposta, Daniel percebeu o brilho úmido das lágrimas na face de Kenny. Ele enxugou as suas próprias. Nada do que dissesse seria adequado.

Kenny olhou para ele e depois de volta para a estrada.

— Os médicos me disseram que eu apaguei por umas três semanas, sem contar a que eles levaram para vir me apanhar num helicóptero que foi louco o bastante para chegar até Khe Sanh. "Choque de granada", diziam uns médicos, ou "choque catatônico". Não me incomodei em contar para eles que eu estava bem até ver o rosto da menina. Quero que se foda o nome que os médicos dão a isso, e *sei* o que era. Era um transe de cativeiro. Até que o meu espírito conseguisse se recompor novamente, se curar, o restante de mim não era real, e o meu cu estava na reta.

"E foi aí que a Morte me pegou para ser o seu chofer particular, vestiu-me com um terno de cetim branco e me colocou atrás do volante da sua limusine Cadillac setenta superequipada. — Kenny fez uma pausa e deu uma olhada para Daniel outra vez. — Você está acompanhando?

— Até agora, sim — respondeu Daniel.

— Eu não *vejo* a Morte, certo? Ela sempre viaja no banco traseiro, atrás do vidro fumê, só com uma pequena abertura bem acima do meu ombro direito. Ela entra, eu dou partida na limusine, ela enfia um cartão branco

sólido através da abertura, com um nome escrito... sem endereço, só o nome... e eu vou achar a pessoa. Não me pergunte *como* porque eu não faço a menor ideia. Apenas *sei*. Eu acho a pessoa, estaciono, a Morte salta e sai por um instante, então, quando volta, senta-se e enfia outro cartão pela abertura. Sem comida, água, sem dormir, mijar ou cagar... um nome após o outro.

"No início, eu conhecia alguns dos nomes, caras do meu destacamento. E havia alguns nomes vietnamitas também. Depois de um tempo, não conhecia mais nenhum dos nomes. Mas, porra, eu sempre soube onde encontrá-los.

"Então, certa noite, enquanto dirigia, houve um enorme brilho de luz atrás de nós. Como um depósito de munições indo pelos ares, e quando olhei para trás, a luz estava de um jeito que consegui ver através da divisória, no banco traseiro, ver a Morte. Ela é um esqueleto mesmo, cara, com aquele sorriso louco, ávido, solitário, mas esqueça essa história de Ceifa Implacável, porque ela estava usando um terno de homem de negócios, um daqueles elegantes em tecido fino, e os ossos dos dedos, todos eles, incrustados de anéis de diamante.

"O cartão seguinte aparece na abertura, eu nem preciso olhar para saber que o meu nome está ali. Quando você olha para a Morte, a Morte olha de volta, e existem milhões de pessoas fodidas para conduzi-la por aí.

"Não pensei duas vezes... se eu ia cair, queria levar aquela filha da puta comigo. Continuei acelerando até que estivéssemos atravessando a escuridão e, então, virei bruscamente o volante para a direita e abri a porta.

"Mas não a peguei. Ela tem uma espécie de controle duplo lá no banco traseiro, e ouvi os freios se trancarem antes de saltar do carro. Aí, imagina só, cara: eu não caí na estrada, no mato, nada... eu apenas caí pelo espaço. Tudo em que eu conseguia me concentrar era o rosto de Ginnilee. Olho para ela, dentro dos seus olhos, seu sorriso, seus sonhos e a vida dentro dela, e não sei se estou imaginando, lembrando ou realmente a vendo, porque quando parei de cair e abri os olhos, eu estava olhando para uma enfermeira velha e feia que resmungava: 'Tá na hora, soldado. Tem uma guerra acontecendo.' Mas eles me mandaram para casa, para o Pavilhão de Veteranos.

"Não tem muita gente que sabe com o que a Morte se parece, que tipo de aspecto ela tem. Aqueles que sabem, têm a responsabilidade de patrulhar e destruir a filha da puta quando a vir. Sem perguntas. Sem respostas. Eu tenho minha arma do Vietnã debaixo do banco. Quando eu avir, vou mandar pelos ares aqueles diamantes nos seus dedos, vou transformá-la em pó.

— Você acha que pode matar a Morte? — quis saber Daniel.

— Eu não sei. Mas com certeza posso tentar.

— Eu quase que tive que fazê-lo — disse Daniel, suavemente. Ele encostou no banco e fechou os olhos. Tentou imaginar o rosto de Ginnilee, mas estava muito exausto. Ele abriu os olhos e eles foram ofuscados pelos faróis altos de um carro vindo na outra direção. Quando passou, Daniel, lutando para recuperar o foco da visão, pensou ter visto nmn reflexo uma limusine preta. Ele virou-se para olhar pelo vidro traseiro, falando para Kenny: — Estou com os olhos cheios de luz do farol, mas acho que ela acabou de passar, a limusine preta.

— Porra, cara, você tomou alguma droga? Aquilo era uma Toyota vermelha setenta e sete.

Daniel observou as luzes traseiras se aproximarem uma da outra à medida que se distanciavam. Pelo que ele tinha visto, o carro era comprido, suspensão baixa, preto.

— Tem certeza?

— Fica frio, cara — acalmou-o Kenny. — É uma história maluca para se acompanhar, eu sei. Livre-se dessa assombração, mais nada. Lembre-se, eu *dirigi* a porra da limusine; eu a reconheceria mesmo cego. *Aquilo* era uma Toyota vermelha setenta e sete, pode apostar.

Daniel virou e se sentou direito.

— Tudo bem — disse ele. — A obrigação é sua, sua patrulha, estava apenas tentando ajudar.

— Eu saquei isso, irmão, e agradeço muito. Porra, cara, você estava chorando comigo quando contei as histórias de guerra... pensa que eu não sei que você estava na mesma frequência? E dou carona para todo mundo quando estou patrulhando, e conto para todos sobre o rosto de Ginnilee e aquele mês que passei conduzindo a Morte por aí. Alguns não dizem nada, outros dizem que eu sou cheio de merda, alguns riem como se eu fosse um degenerado psicopata de guerra, e quase a maioria deles decide que prefere ficar na autoestrada deserta do que viajar mais um quilômetro comigo. Talvez um em cada cem tenha uma porra de uma pequena lágrima a derramar, tenha *coração* para chorar, porque isso dói. E você é um deles, cara. Você já viu a Morte?

A pergunta, repentina e ardilosa, desequilibrou Daniel.

— O que faz você me perguntar isso?

Kenny encolheu os ombros.

— Um palpite. Uma impressão. Não tive a intenção de me meter nos seus assuntos. Você não precisa me contar, espertinho.

— Eu quase morri uma vez — contou Daniel. — Na explosão de uma bomba. Meu coração parou quando estavam me colocando dentro da ambulância; tiveram que lhe dar um choque para ele voltar a bater. Pelo menos foi isso que o médico me disse... eu não me lembro. Eu estava caindo, e essa é a última coisa de que me lembro, caindo até parecer que eu cairia para sempre, então, bem na minha frente, vindo de lugar nenhum, apareceu um espelho, e eu me lembro de ter levantado as mãos para proteger o rosto, mas não sei se passei por dentro, se ele estilhaçou, ou o quê. Acho que o mais próximo que eu vi a Morte foi naquele espelho, mas não lembro o que vi, se é que eu vi mesmo alguma coisa.

— Isso é a Morte com certeza, ela adora ficar de sacanagem com espelhos, espelhos e janelas são seus brinquedos favoritos.

— Se você não se incomodar com uma pergunta pessoal, algo que você disse me deixou curioso.

Kenny olhou para ele.

— Vai, cara, chuta.

— Eu não estou bem certo de como colocá-la — replicou Daniel. — Você disse que quando olhou para o retrato de Ginnilee você desapareceu dentro de você mesmo. Você quer dizer que o seu corpo realmente desapareceu, transformou-se em ar?

— Negativo. Exatamente o contrário. Meu corpo ficou e a minha mente desapareceu. Você achou o trilho certo mas pegou o trem errado.

Daniel pensou sobre aquilo. Parecia realmente fazer mais sentido do que o modo que ele tinha abordado. Tentou imaginar a sua mente desaparecendo, sorrindo, quando se deu conta de que ele tinha dado um passo além de si mesmo, que, primeiro, ele teria que imaginar a sua mente. A ideia causou-lhe um choque.

Kenny o espiou nervosamente.

— O que te deixou assim, cara?

— Estava tentando imaginar a minha mente.

— É, eu sei, é esquisito, né? Como uma televisão assistindo a si mesma, ou uma máquina caça-níqueis jogando em si mesma, esse tipo de coisa.

— Esse tipo de coisa — repetiu Daniel, ainda sorrindo.

Kenny, com os olhos outra vez na estrada, parecia quase solene. Ele assentiu com a cabeça uma vez, como se confirmasse uma decisão, e virou-se

para Daniel.

— Tenho um negócio a te propor, Herman, completamente garantido. Por que não me acompanha por algum tempo, faz algumas patrulhas. Posso te conseguir um trabalho decente no cassino se você quiser algum dinheiro, ou se preferir de outra forma, tenho um leito extra e um bocado de ração. Não sou nenhuma Julie Child[17], mas sei cozinhar bem e não uso nada de enlatados.

De repente, sóbrio com a oferta, Daniel observou:

— Estou honrado, mas tenho a minha própria missão. Talvez, quando ela tiver terminado, eu me junte a você.

— Qual é a sua missão, cara? Algo a ver com esse lance de ardor religioso?

— Algo assim, eu acho. Sabe, eu encontrei o Graal...

— Fez o quê? — Kenny empertigou as orelhas. — O Graal?

— Como o Santo Graal — falou Daniel.

— Você quer dizer nos Cavaleiros da porra da Távola Redonda? Alguma espécie de troféu de Deus, ou coisa parecida? Eu sempre saco aqueles cavaleiros trovejando para atirar uma lança em algum dragão insolente. Foxworth costumava rir de mim por causa disso. Dizia: "Foda-se o cavaleiro e a távola redonda. Já tem que cavalgar um bocado pra arrumar uma boceta." Eu dizia para ele que a boceta não era o ponto. O ponto era a busca, lutar para fazer o seu caminho. Ele dizia: "Pra mim assim tá bom, você busca e eu como." O Foxworth era assim, cara, boceta e música. Aquela porra do Foxworth. Morreu em Song Be. Ouvi isso de um cara no Pavilhão de Veteranos, vizinho de cama — Kenny parou, levantando a mão do volante num gesto desamparado. — Desculpe, cara — disse ele. — Atravessei o seu acorde. Fico no espaço à noite. Diarreia maxilar.

— Eu entendo — comentou Daniel. — Não tem problema.

— Bom, de qualquer maneira, antes de eu mudar de assunto, você estava dizendo que estava atrás desse Graal, certo?

— Não exatamente. Eu encontrei o Graal, não o Santo Graal, mas um igual a ele. Minha missão é descobrir o que fazer com ele.

— Pô, cara! *Agarre-se* a ele.

— Foi o que eu pensei primeiro, também — disse Daniel —, mas agora estou convencido de que me agarrar a ele é uma coisa que eu *não posso* fazer.

— Conheço algumas pessoas em Vegas que poderiam passá-lo por trinta por cento, se o que você está falando é *quente demais* para se agarrar.

Apresentação gratuita, só para limpar a barra para um irmão.

— Não é necessário. Não pode ser vendido ou comprado, roubado ou guardado. Mas talvez possa ser aberto.

— Tem um maçarico lá na oficina — ofereceu Kenny.

— Não, não adiantaria, mas obrigado por ter pensado. Eu vou dar um jeito, tenho certeza.

— Tá certo, irmão. De um jeito ou de outro, chuta o pau da barraca. A alma pertence a Jesus Cristo, mas a sua bunda pertence ao Regimento. Qualquer coisa que eu possa fazer, ligue para Shamrock e deixa eu ficar sabendo. E chegarei correndo como a cavalaria, meu ferro sacudindo com rock'n roll. Eu e Foxworth, cara, nós tínhamos um exército secreto, todos os viciados em drogas e loucos lamurientos, lunáticos e solitários, os desesperadamente fodidos, um exército secreto nosso chamado A Irmandade da Hedionda Verdade. Foxworth era o comandante supremo e eu o seu general de campo, General Caos ele me chamava. Só existia regulamento para reuniões. Elas não podiam começar até que todos estivessem doidos demais para se levantar e saudar a bandeira. Esse Foxworth, cara...

Daniel escutou até o ponto de quase poder imaginar Foxworth sentado entre eles, bebendo Bacardi entre goles de cerveja, sorrindo do seu conhecimento seguro de que dos cinco bilhões de humanos adultos no planeta, mais da metade tinha boceta — e, mesmo se aquilo não fosse o ponto mais importante, certamente já oferecia alguma razão para viver.

Diante da insistência de Daniel, Kenny o deixou antes do amanhecer no meio de lugar nenhum, só estrada e artemísias até onde os olhos podiam ver.

— Procure-me a qualquer hora, cara. Eu estarei lá — lembrou-lhe Kenny quando estava saltando.

— Atire direito — recomendou Daniel.

Kenny ergueu um punho fechado.

— Agora você pegou o espírito da coisa. Semper fi[18], irmão. — Daniel sorriu e começou a fechar a porta. — Uau, *mofo*! Esqueceu a sua bola de boliche. Ponha essa merda toda em ordem, filho. Há uma guerra acontecendo. — Ele estendeu a sacola para Daniel com uma piscada de olho. — Como é que você pode derrubar todos sem usar a bola? É como se aventurar sem uma lança.

— É verdade — disse Daniel, pegando de volta o Diamante. — Mais uma vez, obrigado.

Kenny atravessou o divisor de pistas com o Trans-Am e tomou o rumo de volta para Las Vegas. A perda da companhia de Daniel o deixou deprimido. Aquele mês que passara como Chofer da Morte finita desenvolvido em Kenny uma aguda sensibilidade para o tênue odor almiscarado no hálito daqueles que morreriam em breve. Kenny sacudiu a cabeça pesarosamente.

— Seu estúpido queixo duro cheio de bosta na cabeça, ele era a melhor isca que achou em quinze anos e você fodeu tudo, do mesmo jeito que tem fodido todas as coisas. Ponha essa merda em ordem, menino; tem uma guerra sendo perdida. — Ele lembrou ter dito a mesma coisa para Daniel. Quando pensou sobre isso, se deu conta de que essas tinham sido as últimas palavras que Foxworth tinha lhe dito. A porra do Foxworth. Ele começou a chorar novamente.

Gurry Debritto sorriu quando terminou de decodificar a transmissão. Ele pôs a mensagem junto com as outras que seus ouvintes da Costa Oeste tinham interceptado. Se os locais fossem precisos — seus subcontratados eram os melhores do mundo —, o Diamante tinha sido levado para Seattle, conduzido de furgão para Coos Bay, no Oregon, e estava agora num barco sem nome, a exatamente cem quilômetros oeste da foz do rio Smith, descendo a costa. Ele releu a última transmissão.

> ZARPOU. PROBLEMA. PRIMEIRO NINHO OBSTRUÍDO. APOIO ESTREMECIDO. MESMA BAÍA MESMO DIA MAS TROCOU ARMAZENAMENTO OKIE RELVA 107772400. BRILHA NA LUA[19] BLT T VAI.

Gurry Debritto assentiu com a cabeça. Eles eram bons, esses caras, mas os probleminhas e as mudanças de sempre exigiam certos ajustes. Evidentemente, o destino original havia sido de algum modo obstruído e não podia se confiar no apoio, então estavam trocando para outro lugar. Ele tinha um palpite sobre isso. O barco estava se dirigindo para o sul, ao longo da costa em direção à mesma baía conforme planejado, e a baía de San Francisco parecia um ponto lógico para começar, particularmente à luz de OKIE RELVA — Oakland, se seu palpite estivesse certo. Virando-se para o teclado, ele digitou o índice Oakland e depois o catálogo de endereços. Imaginava que a hora e o lugar estivessem contidos nos números 107772400. Ele os estudou por instantes, decidindo-se a começar com os óbvios 2400 como sendo a hora. Ele introduziu 107 77 Rua no computador e lá estava: CARDINAL LIGHTIMPORTS, depósito de sete mil metros quadrados, propriedade de Tao-Hihe Produtos Químicos, arrendado à Cardinal Light Imports em janeiro. Ele digitou o código de acesso para Registros Centrais Langley, e depois a sequência de gabarito de segurança que era um dos pontos principais no qual insistia como condição para prestar seus serviços.

Pouca coisa sobre Harvey Moon, mas o suficiente. Presidente da Cardinal Light Imports, membro da diretoria da Tao-Hihe Produtos Químicos e dignitário do Templo Breaking Wave, uma igreja taoísta que extraía suas inspirações religiosas do Lao-Tzu e suas análises sociais de Karl Marx. Suspeito de contrabando de armas para Mao (não confirmado) e de drogas para os agitadores políticos dinamarqueses (não confirmado; talvez uma

desinformação). Vive a bordo do iate [*Suzy-Q.* Registrado em Cayman com o número LV967769]. Casado sete vezes, 31 filhos...

Debritto continuou lendo. *Trinta e uma* crianças, pô. Será que essas pessoas não entendiam que tinham que parar de se reproduzir como cachorros?

Ele chamou novamente o catálogo de endereços e anotou o número do arquivo do mapa para a rua 77. Se eles estivessem trazendo o Diamante no iate de 'Lua', seria fácil pegá-lo diretamente do barco. Mas o iate seria arriscado, difícil fazê-lo com segurança. Teria que contratar ajuda, e ele sempre trabalhava sozinho, rigorosamente.

Quando puxou do estojo o mapa aéreo da rua 77 e localizou o depósito Cardinal Light, todas as considerações de atacar o iate foram abandonadas. O depósito era perfeito. Um andar, campo aberto ao redor, uma enorme claraboia no telhado. Ele sempre apreciou as claraboias. Gostava de olhar para baixo através delas. Talvez o senhor 'Lua' aparecesse em pessoa. Por enquanto, estavam sendo mais do que obsequiosos. Eles estavam trazendo-o direto para ele. Ele estava em Berkeley, bem ao lado. Poderia pegar a avenida Nimitz e chegar lá em vinte minutos.

Ele desceu até o porão e abriu o armário de armas. Teria pelo menos um dia para planejar o depósito. Era um pouco mais de meia-noite, o momento perfeito para dar uma olhada. Resolveu que poderia se permitir o peso e volume extras de quatro granadas, meio incômodo de transportar, mas bom de se ter por perto se pelo menos a metade dos filhos de Lua aparecesse. De certo modo, ele desejava que eles o fizessem.

— Trinta e um filhos — murmurou, enfiando o trinta e oito no coldre da cintura. — Isso é um crime contra a humanidade. Isso tem que acabar. Se os idiotas continuarem a se reproduzir e os sensatamente inteligentes não, os humanos irão involuir até os animais. Feras. Bando de babacas. Vamos fazer neném. Se as porras das mulheres não fossem tão fracas, teríamos ainda uma chance.

Tão logo ele tivesse o Diamante sob controle, tiraria a poeira das suas técnicas de demolição submarina e colocaria uma mina sob o domo flutuante do prazer do senhor Moon.

Debritto rolou sobre a calha do telhado e subiu agachado. O depósito era exatamente como na foto; telhado plano, claraboia, três pequenos tubos de

ventilação. Ele se segurou imóvel por um minuto, os olhos examinando o telhado, escutando. Mantendo-se abaixado, moveu-se até a borda da claraboia. Ele se deitou e escutou. Dava para ouvir uma música abafada no interior, provavelmente um rádio. Ele tirou o seu .357 com silencioso do coldre sob o braço e avançou um pouco para a frente.

O que ele viu o deixou confuso. O rosto de um homem olhou para ele. No instante em que se deu conta de que o chão do depósito estava coberto de espelhos, o dardo atingiu-o um centímetro abaixo do seu ouvido esquerdo. Ele tentou girar e disparar um tiro mas, em vez disso, deixou-se cair pesadamente sobre as costas. Seu corpo ficou rígido, o revólver balançando em sua mão à medida que os dedos endureciam e se esticavam até quase se curvarem para trás. Seus pulmões foram ficando gelados. Pouco antes de perder a consciência, ele viu uma figura alta com capa preta de enfermeiro surgindo de trás do tubo de ventilação mais próximo erguendo a zarabatana até os lábios. A mão direita de Debritto foi atingida.

Ele ouviu passos, um farfalhar de tecido, uma sensação de ardência envolvia os seus braços. Os olhos estavam abertos, mas ele não conseguia enxergar. O corpo tinha se tornado um vidro congelado. Ele era uma mosca dentro da resina, paralisada, insensível. Mas podia ouvir, ele percebeu, tinha ouvido passos e o farfalhar de tecido.

Uma voz de mulher sussurrou no seu ouvido:

— Cloreto dimetiltubocaína, um agente paralisante neuromuscular. Para desacelerá-lo o bastante para escutar. Sugiro que ouça como se você dependesse disso. O segundo dardo era uma mistura de *curare* e *datura.* Agora há pouco eu lhe dei duas injeções, ambas contendo combinações sinergéticas. Beladona. Tetraclorotano. Iodato de metil. Sulfato de ácido de sódio. E mais algumas que eu perdi o rótulo. Alt, e um pouco de alucinógeno pelas cores. Não vou chateá-lo com os efeitos específicos de cada um. Descobrirá logo logo. E não posso lhe falar sobre efeitos cumulativos porque nunca usei esta combinação antes. Você será o primeiro a saber. Talvez o único que venha a conhecer. E você merece saber, não merece, senhor Debritto? Acho que sim. A informação é a raiz da compreensão, e a compaixão é sua flor. Sou uma mulher compreensiva e compassiva, senhor Debritto. Sou também um Corvo, filha do mercúrio, testemunha da lua, uma mensageira entre o vivo e o morto e uma habitante dos dois reinos. Sei que duvida da minha compaixão deitado aí tão pateticamente preso dentro da sua carne insensível. A dúvida é um tributo à inteligência, tenho certeza de que

concordaria se pudesse. Então deixe-me provar a minha compaixão, senhor Debritto, prová-la com uma promessa e um presente. Prometo que chamarei uma ambulância dentro de vinte minutos. E o presente é uma informação difícil que pode significar a diferença entre vida e morte. Eu *não estou* certa se lhe dei ou não uma dose letal. Muito sortudo, você. Mais uma aventura na autodescoberta. Coitadinho do bebê, coitadinho. — Ela fez uma pausa e, embora ele não pudesse sentir, delicadamente acariciou o seu rosto. Quando falou novamente, sua voz parecia mais áspera e mais intensa: — Ele foi capaz de roubar o Diamante porque ele acreditava no Diamante. Agora vamos descobrir em que você acredita.

Debritto ouviu o farfalhar da saia quando ela se afastou. Ele tentou mover a mão direita para apanhar o revólver mas foi impossível, sua mente estava capturada dentro de um bloco de gelo. Ele lançou o ódio que sentia dela contra o terror da sua própria impotência. Não seria batido por uma mulher, por uma vagabunda fraca e desmiolada. Ela provavelmente não tinha lhe dado uma dose fatal. Demasiadamente delicada para tomar decisões irrevogáveis, demasiadamente sentimental para exercer força total. Ele tentou se concentrar lembrando-se dos venenos que ela dissera ter utilizado. Que estupidez tê-los mencionado. Se a paralisia abrandasse, ele poderia dizer aos médicos, que saberiam que antídotos usar. Mas a concentração era difícil deitado ali em cima do telhado. Ele tentou concentrar-se novamente nos venenos que ela citou. Ouviu uma voz de mulher sussurrando no seu ouvido, mas era outra mulher falando. A voz da sua mãe lhe dizia:

— Você é mau. Corrompido pela maldade. Atacado pelo mal. Enlouquecido pelo mal. Mau, mau, mau.

O corpo enrijecido de Debritto apenas se contraiu quando ele tentou gritar. Não podia ser a sua mãe. Não se lembrava dela. Ela morrera quando ele tinha cinco meses. Era o que o seu pai tinha lhe contado. Por que duvidaria do seu pai? Ele sempre lhe contava a dura verdade. Não, aquilo devia ser o veneno — algum tipo de alucinógeno auditivo.

— Você *nasceu* mau. Cheio de doenças e podre. Vergonha da minha carne. Vergonha do meu coração. Você conhece a minha voz do útero. Sonhou dos meus sonhos. Eu lhe dei a vida e você a maculou. Agora eu venho retirá-la.

Transcrição de Fita (parcial):

Interrogatório de Elwood e Emmett Tindell, irmãos (Acesso de identidade LCR 86755)
Arquivo: OPERAÇÃO OVO NO NINHO
Escritório de Campo de Emergência de Tonopah, Nevada
10 de abril de 1987
Presentes: Sup. Reg. Keyes; agentes Stanley, Dickerson, Peebe

PEEBE: Muito bem, camaradas, quero que contem tudo ao supervisor Keyes. Ele voou até aqui após um dia difícil, portanto, sejam breves e objetivos.

ELWOOD: Ainda está valendo o nosso trato? Nenhuma acusação contra nós — nada; metade de quaisquer recompensa ou acordos; vocês levam meu irmão Emmett para o hospital e dão um jeito na cabeça dele; ganhamos um Camaro novo e dois mil dólares cada? Foi isso que conversamos?

EMMETT: El, você não tem jeito. Não diga mais nenhuma merda.

ELWOOD: Não reclame, Em; o seu irmão mais velho sabe o que está fazendo. Nós estamos metidos em coisas importantes aqui. Isto é a CIA não são seus xerifes e patrulheiros rodoviários. Isso é lei *nacional.* Eles podem negociar. Então, senhor Peebe, senhor Keyes, que tal?

KEYES: Parece razoável para mim. Contudo, já que estamos sobrecarregados com a burocracia, vocês aceitariam vinte mil em espécie para cobrir despesas médicas e o carro por conta própria? Ainda ganham a metade de qualquer recompensa em dinheiro e podem sair daqui limpos.

ELWOOD: O dinheiro está aí com você? Não me incomodo em dar uma olhada.

KEYES: Dickerson? Mostre a ele. Você pode contar mais tarde. Mas não sai daqui até passar pelo polígrafo.

ELWOOD: O quê?

KEYES: Detector de mentiras. Nós pagamos pela verdade e punimos as bobagens.

ELWOOD: Para mim não tem problema quanto a isso. E quanto a você, irmão Em?

EMMETT: Senhores, ele tem usado drogas, coisas violentas, desde que era um bebê. Tem muitas coisas que ele pensa que é verdade mas que estão longe de ser.

ELWOOD: Por que você está agindo assim, Em? Temos invasores do espaço sideral correndo em volta e você não quer tirar proveito. A cabeça ainda está latejando e doendo, é isso? Espancamento na cabeça sempre o deixou

estranho. Lembra-se quando tínhamos sete anos e aquela menina ruiva dos Simmons gostava de chutar a sua cabeça por ter respingado xixi nela? Você ficou realmente reclamão e rabugento, e...

KEYES: Tenho certeza de que ambos tiveram infâncias adoráveis, mas estou muito mais interessado em saber o que aconteceu hoje de manhã na autoestrada noventa e cinco.

ELWOOD: Ora, é claro. Certo. Eu e Emmett estávamos passando de carro por lá, na direção de Reno, para ver se conseguíamos trabalho e...

PEEBE: [Para Keyes] O carro foi roubado em Phoenix ontem. Acabamos de colocar a placa e a marca na nossa linha pessoal, Phoenix oeste, mas já estava no registro geral de controle.

ELWOOD: É difícil procurar trabalho sem carro.

KEYES: Esqueça o carro. Nunca aconteceu. Prossiga.

ELWOOD: Então lá estávamos cerca de uma hora após o sol nascer e vimos aquele cara sentado à beira da estrada. Parecia ter a cabeça abaixada contra o peito e as mãos no rosto. Ele parecia estar se sentindo fraco. Então eu e Em estacionamos para ver se ele estava bem. Mas o cara — ele disse que seu nome era Herman — não estava nada bem. Percebemos imediatamente. Uma coisa, ele estava usando aqueles tênis de boliche quero dizer, lá no meio do deserto e tudo. Camisa de boliche também. O nome de alguma companhia de construção nas costas — Construções Rice, Price, alguma coisa assim. Levava consigo sua bola de boliche, e tinha também um saco no ombro e uma pasta de papéis bem bacana, também. Esquisito. Como se não soubesse se era um jogador de boliche, um guarda florestal ou um banqueiro. O que era mais esquisito é que estava *chorando.* Não — uen-uen —, sabe, mas seus olhos tão vermelhos quanto um pimentão e a face toda molhada e enrugada. Mas o que...

KEYES: Como era esse cara? Idade? Tamanho? Cor dos olhos?

PEEBE: Já temos isso em detalhe, surgiu com a descrição do carro na nossa linha. Posso mostrar rapidamente.

KEYES: Rapidamente.

ELWOOD: Espere aí, pô! Agora que eu estou chegando na parte *realmente estranha*...

PEEBE: [Para Keyes] Vinte e poucos anos, um metro e oitenta, uns oitenta quilos, olhos azuis, cabelos castanhos, cicatriz no lado direito da face, vestido como foi descrito.

KEYES: Um homem branco?

PEEBE: Sim, senhor. Desculpe.

EMMETT: Ele está só curtindo com a sua cara. Não têm muitos crioulos e chicanos de olhos azuis andando por aí.

ELWOOD: Vocês vão querer ouvir a parte estranha da história, ou não?

KEYES: Sim, vamos ouvir. O cara estava chorando...

ELWOOD: Então, naturalmente, lhe perguntei o que estava errado. E ele disse: “Eu acho que estava me lembrando de um sonho que a minha mãe teve quando eu estava no seu útero.” Pegou essa? A porra do cara acha está se lembrando de sonhos de quando estava dentro da mãe. Eu e Emmett não gostávamos muito da escola, mas não é preciso nenhum diploma de graduação pra ver que o cara está completamente pirado, talvez foragido de um hospital de loucos, ou coisa parecida. Seus olhos pareciam doidos, também, como se fossem de vidro, lá longe, e ele parecia bem abalado, no geral, tão fraquinho, que eu e o Em tivemos que ajudá-lo a sentar-se no banco de trás.

KEYES: Como vocês tiveram que ajudar? Quero dizer, ele entrou voluntariamente dentro do carro?

ELWOOD: Com certeza, sim. Dissemos que o levaríamos para Reno, e nem o faríamos pagar pela gasolina. Eu e Em estávamos sendo legais.

PEEBE: Nos poupe. Sem conversa fiada, certo? Só o que aconteceu.

ELWOOD: Então nós estávamos no carro conversando com o cara — meu irmão Em no volante, eu limpando minha arma, o esquisito do Herman no assento traseiro — só se conhecendo, sabe, e eu perguntei a ele o que tinha dentro dos sacos e da pasta, só por curiosidade. E ele disse casualmente, bem tranquilo, que eram roupas extras e camisas no saco pequeno, uma grelha dentro do saco de boliche e dentro da pasta cerca de vinte mil dólares, em espécie. Aí...

EMMETT: El, seu burro, ele disse graal. *Graal*, não grelha.

ELWOOD: Eu e o Em estivemos discutindo isso a tarde toda mas, *grelha*, daquelas que cozinham a carne — foi isso que eu ouvi. Me bateu meio estranho, também, que ele estivesse carregando uma pequena grelha dentro de uma sacola de boliche, especialmente porque parecia que já tinha uma bola de boliche lá dentro. Então eu perguntei a ele se nós podíamos ver a grelha. Ele disse que ver a grelha era uma coisa que você tinha que merecer. Então eu disse, e que tal ver o dinheiro e, porra, não é que ele disse: — Claro — e abriu a pasta imediatamente? Dei uma *boa* olhada — nunca vi tanto dinheiro na minha vida — e então olhei para o

Em e ele estava olhando para mim. Eu e o Em sempre fomos pobres desde quando ficamos órfãos, ainda bem pequenos. Nós...

PEEBE: Vá ao ponto, Elwood, economize sua baboseira. Sua cueca é maior do que a sua pica.

ELWOOD: Sim. Certo. Aí nós pegamos um atalho bacaninha ao lado da estrada — para um daqueles monumentos históricos — e o Em levou esse cara para fora do carro, dar uma olhada em volta, uma mijada. O cara levou a porra da sacola de boliche com ele. Agora, nós acertamos, o irmão Em é o apanhador e eu o batedor. Eu usei um cabo de machado serrado, mais ou menos desse tamanho, a parte de cima afinada numa espessura de meio centímetro e incrustada de chumbo. Aí eu cheguei por trás dele facilmente enquanto ele estava lá ao lado do Em. O Em fez sinal de que estava pronto, então eu me equilibrei bem e, quando o Em agarrou seus ombros, eu arriei o bastão, arriei com força. E, a pura verdade — pode ligar em mim o melhor detector de mentira que vocês tiverem aí — bem no meio da pancada, a porra do cara *desapareceu.* E o Em lá em pé, abraçando nada mais do que o ar, e o bastão lhe acertou bem na cuca. Desculpe, Em. Pô, o que que eu posso dizer?

EMMETT: *Nada*, seu monte de merda.

ELWOOD: É um *alienígena*, Em. As pessoas estão *ligadas* em alienígenas. Vamos fazer uma *pá* de dinheiro só prevenindo as pessoas contra eles. Podemos aparecer na televisão.

KEYES: Ei, vocês dois, vamos voltar para os trilhos. Emmett, você viu esse cara desaparecer como o seu irmão afirma ter visto?

EMMETT: Foi isso o que os meus olhos viram. O resto de mim não está acreditando naquilo.

KEYES: Certo, então. Ele desapareceu. O que aconteceu depois?

ELWOOD: Aí, o Em gritou e caiu no chão. Eu estava tentando entender o que estava acontecendo — olhando ao redor, como que procurando ver por onde o cara tinha sumido, mas ele não estava em lugar algum. Emmett estava balbuciando aos meus pés, então abaixei para ver se podia ajudar, e o carro arrancou. O cara tinha voltado para dentro do carro e estava nos *roubando.* Saiu dirigindo em direção a Reno, dando duas longas buzinadas. Levou uma hora até que vocês pintassem por lá.

KEYES: Quero que vocês dois pensem bem. Vocês disseram que o cara saiu do carro com a sacola de boliche, certo? Então, quando ele desapareceu, o que aconteceu com ela?

EMMETT: Não tenho ideia.

ELWOOD: Nem eu. Não me lembro de ter visto nada no chão perto do Em. Não vi ele voltar para apanhar. Imagino que deve ter sumido com ele.

PEEBE: Demos uma busca na área. *Nada.*

ELWOOD: Estamos lidando com algum alienígena do espaço sideral, certo? Algum tipo de criatura das estrelas que pode tomar a nossa forma e voltar a ficar invisível quando quiser?

KEYES: Isso é o que parece. Mas seja lá o que ele for, nós o acharemos.

EMMETT: Ei, senhor — não está escutando? O cara pode *desaparecer.* Apanhá-lo? Ora! Se ele pode desaparecer, talvez possa fazer outras coisas. Vou te contar, teria que ser superestúpido para se meter com ele. Superestúpido.

Daniel estava irrequieto atrás do volante do Cutlass turquesa e rosa dos irmãos Tindell. Seu pretenso Cutlass, enfim, já que ele tinha sensatamente verificado os documentos e descoberto que estava em nome de Heidi Cohen. De algum modo, Daniel duvidava que ela conhecesse Emmett e Elwood pessoalmente. Ele lembrou-se de Mott dizendo-lhe que se você tivesse que guiar o que ele chamava de carros — emprestados às cegas — veículos que os proprietários não sabiam que tinham sido emprestados — você deveria tomar um outro emprestado a cada duas horas.

Quando descobriu a irregularidade nos documentos, pouco depois de deixar os irmãos na poeira, Daniel decidiu se livrar do carro. Ele parou o carro numa estrada transversal, juntou as suas coisas e saiu andando. Nesse momento lhe veio a ideia de tentar desaparecer com o Diamante à luz do dia novamente.

Ele desapareceu por três horas inúteis. Ainda não conseguia ver a chama espiral do Diamante à luz do dia e, sem o seu eixo para demarcar o centro, não podia concentrar-se no foco. Ele tinha tentado imaginar a chama espiral, mas aquilo dividia a sua atenção. Acabou desistindo num clima de frustração. Ele precisava voltar. Estava agindo como se houvesse prazos. Ele podia ficar o resto da vida trabalhando com o Diamante.

A pressão de tempo que sentia era na verdade o fantasma da perseguição, a impressão de que tinha que entrar no Diamante antes de ser apanhado. Mas, objetivamente, eles não podiam apanhá-lo ou apoderar-se do Diamante enquanto pudesse desaparecer e levá-lo consigo. De um modo indireto, sua

urgência vinha da falha para ser verdadeiro consigo mesmo, uma falha para confiar nos seus poderes.

— Eu não confio em mim. *Mim não confia em eu.* Será isso uma defasagem neural para se ajustar às mudanças, ou temos aqui uma séria incompatibilidade? E se for uma incompatibilidade, como ela pode ser harmoniosamente resolvida?

Daniel tentou pensar no assunto, mais por dever do que por paixão. Certa noite no lago Sem-nome, Wild Bill tinha dito que o problema com a autoanálise era a ânsia embutida no ser humano para aceitar todos os tipos de despropósitos e suposições absurdas, de modo algum a possibilidade e o desejo de conhecer-se a si mesmo. Bill tinha comparado isso a usar um saca-rolha para extrair a sua imagem do espelho. Daniel sorriu. Com escarnecido rigor, ele disse a si mesmo: "*Você* tem um problema com a própria imagem. Admita-o — eu o admito." Ele veio em sua própria defesa. "Porém, se você consegue desaparecer, você *deve* ter problemas com a própria imagem. Seria insano se não tivesse."

Daniel começou a rir. Conhecer a si mesmo não era mais improvável do que um sapo lhe trazendo uma braçada de rosas, ou as pétalas caindo se transformando em sapos.

A risada o relaxou, reduziu a pressão maníaca de resolver aquilo naquele *exato momento.* Ele era uma mariposa se lançando contra o sol. Volta estava errado. O Diamante não o destruiria; o Diamante era simplesmente um meio possível para ele se destruir.

Ele resolveu que a sua melhor estratégia seria desistir por algum tempo. Tinha se oferecido ao Diamante e, até agora, fora recusado. Ótimo. Nada de desaparecer com o Diamante, a não ser para se defender. Se fosse paciente, talvez o Diamante viesse até ele.

Resolveu também ficar com o Cutlass duas vezes surrupiado. Se ele não podia ser capturado, nada poderia comprometer a sua segurança — ou nada exceto perder o poder para desaparecer. Conservar a sua energia para emergências era uma razão a mais para parar de desaparecer com o Diamante.

Sua nova abordagem, pensou, era aventurosa, ainda que eminentemente sensata. Entretanto, ele estava irrequieto atrás do volante porque continuava imaginando a si mesmo olhando para o interior do Diamante, derramando-se dentro da fornalha da chama espiralada no seu centro, e ele não podia mais se permitir isso. Ligou o rádio para se distrair.

Meia hora mais tarde, com as primeiras estrelas lampejando no céu e as luzes de Reno como uma cavidade pálida no horizonte, uma rajada de estática fritou a estação local e Denis Joyner apoderou-se da frequência.

Transcrição:
Denis Joyner, Rádio Móvel AMO

Boa noite, senhoras e senhores, aqui é David Janus, seu anfitrião para esse programa ao pôr do sol de investigação ontológica, ‘Momento da Verdade’, levado até vocês pelo estúdio móvel do Sistema de Bazófia Pública, na frequência a qual vocês estão evidentemente sintonizados.

Tenho certeza de que vocês acharão o programa desta noite tão forçado quanto eu, embora o seu formato seja ligeiramente diferente de nossas habituais transmissões. Está certo, Santa Virgínia não existe. E embora me entristeça desenganar vocês quanto a essa tão doce crença, posso apenas fazer eco ao impetuoso repúdio do meu velho amigo Ludwig Wittgenstein de que “o mundo é a questão”. Ai de mim, queridos ouvintes, só podemos beber isso através do copo.

O que me leva às origens criativas da apresentação desta noite. Esta tarde, enquanto eu buquinava na minha biblioteca, saboreando um recente porém ambicioso *petit* xarope, me dei conta de que o meu esclarecimento, embora total, tornou-se ligeiramente rançoso ultimamente. Eu resolvi então que daqui pra frente buscaria explorar as complexidades dignas das minhas pretensões. Assim decidido, fortaleci a mim mesmo com trinta gramas de caviar sérvio acompanhado de um litro de Thunderbird gelado (*sic itur ad astra!*), e comecei a procurar volumes negligenciados nos quais eu pudesse vislumbrar informações sobre tópicos que têm tradicionalmente desnorteado cérebros menos formidáveis do que o meu.

Rápido então — *tempus fugit*, como dizia o velho Thoth — nesta noite investigaremos o mais intratável mistério da existência, o *sine qua non* da própria consciência, o irreduzível elemento do ser, a gelatina cinzenta que besunta cada fenda do pensamento, a carne e as batatas do conhecimento, o próprio fogo de forja. Refiro-me, é claro, à mente humana.

A mente é um chão de vidro.
A mente é a lágrima do espírito.
A mente é nosso prévio e subsequente fantasma.

A mente é o Expresso Precioso e o sangue sobre os trilhos.
A mente é uma porta de pedra.
A prata no verso dos espelhos.
A onda que define o litoral.
É aquilo que os ébrios ladrões de túmulos não podem colocar dentro dos sacos.
A mente é a soma do tudo e do mais.
O espasmo entre um e zero no Calendário dos Anos do Buraco Negro.
O acordo entre o chicote e o pelourinho.
Uma colcha de sonhos alinhavada com fatos.
Um argumento inexpressivo entre as prostitutas.
Chuva que continua caindo quando o céu clareia.
Uma festa de fantasia, convidado e anfitrião.
Paisagem à luz de vela de cera turva.
A mente é para o que o pensamento existe.
O estacionamento no Centro Comercial dos Medos.
O fogareiro para o assado de leitão.
O que a alma renuncia e não aceita de volta.
A mente não é nem, nem ou.
O verdadeiro centro de uma esfera vazia.

Este foi o seu homem da hora em ‘Momento da Verdade’. Espero que a sua atenção tenha-se mostrado digna da minha inteligência, e que enquanto me escutavam gritavam aquela máxima saudação do Desestruturalismo: “É um grande jogo na mão, camaradinha!” E assim, até a próxima vez, não esqueça que *todo* momento é um momento de verdade. Mas por ora: *Ciao,* meu bem e *Adieu.*

Daniel desligou o rádio e deitou o olhar na estrada. Lembrou-se de que Volta tinha falado a respeito de uma estação móvel de rádio pirata financiada pela AMO e se perguntou se era ela que tinha escutado. Parecia. Ele teria que mencionar isso para o Volta na próxima vez que conversassem, dizer-lhe que ela o tinha fortalecido enquanto estava fugindo com o Diamante. A lembrança de que ele fazia parte de uma antiga aliança de marginais e ocultistas o animou. Mas também, e talvez fosse o mais importante, David Janus era a evidência concreta de que ele, Daniel, estava relativamente são.

Estava impressionado que o DJ pudesse ainda amar. Isso deu esperança a Daniel. Ele precisava de esperança. Esperança, descanso e paciência. E comida. Precisava comer. Ele precisava de tantas coisas.

Agradecido, Volta observou o avião de Freddie Ruivo decolar da pista de pouso de Eel River e inclinar-se na direção da lua encolhida pela névoa. Volta não tinha apreciado o voo. Desde o momento que saíram de El Paso, Freddie Ruivo tentou influenciá-lo com insistência. Freddie Ruivo queria que a AMO "desfechasse mais ataques contra o império, ataques *reais*, em vez daquela política adocicada de gentil subversão". Freddie Ruivo queria explodir represas e incendiar os bancos, agarrar e amordaçar o presidente da Maxxam no alto de uma velha sequoia que a empresa tinha marcado para ceifar. Ações *diretas*, era isso que Freddie Ruivo queria.

Volta queria ser indulgente com a penetrante melancolia que lhe impregnou no instante em que entendeu que o Diamante destruiria Daniel. Estava cansado de controlar. Porém, Freddie Ruivo era tanto um membro da Aliança quanto um amigo. Suas sugestões políticas mereciam uma resposta ponderada. Assim, Volta tinha escutado e respondido com diplomacia e paciência.

Volta estava tão contente por se encontrar sozinho que chegou a dirigir quase cinco quilômetros antes de se lembrar que precisava de mantimentos. Ele fez um inventário mental da despensa do Riacho do Loureiro enquanto dirigia. Havia provavelmente o suficiente para sustentá-lo por uma semana, mas ele queria ficar em casa pelo menos um mês. Resolveu dar a volta e ir se abastecer na cidade, assim não teria que interromper o seu retiro mais tarde.

Volta julgou a sua decisão sensata e eficiente. Nenhuma surpresa quanto a isso. Ele não se surpreendia havia anos. Seguro, sensato e honorável Volta. Sentiu-se preso à armadilha da sua integridade. Uma integridade que lentamente havia se tornado árida. Ele tinha aceito as responsabilidades da Estrela e as honrou. Eram responsabilidades tão sérias que, ao aceitá-las, toda insensatez ficava proibida. Sem arrependimentos. Mas agora ele precisava regar o seu jardim. Precisava ser insensato.

Como se fosse para testar a sua decisão, uma oportunidade de ouro para a insensatez se apresentou na periferia da cidade. Aquele era o menor parque de diversão que vira em todas as suas peregrinações — quatro barracas de jogos, um minitriciclo Ferris, uma Casa-Trailer dos Horrores e uma

barraquinha pequena vendendo algodão-doce, refrigerante e maçãs do amor. Modesto, é verdade, mas *era* um parque de diversão.

Primeiramente, Volta foi arrebatado pela força de concentração dela, e não pelos seus longos, bonitos e avermelhados cabelos louros. Ela estava com dez ou 11 anos, aquela idade estranhamente mercurial de pré-pubescência feminina que na verdade varia dos três aos 35. Ela estava se aplicando profundamente em arremessar bolinhas de pingue-pongue dentro de um conjunto de pequenos aquários de peixes ornamentais dispostos sobre uma mesa de compensado. Volta andou tranquilamente e se colocou atrás dela. Ela arremessou e errou, sacudindo aborrecida sua cabeça, os cabelos na altura da cintura cintilando sob a luz irregular.

Ela enfiou a mão no bolso e apanhou um quarto de dólar.

— Última chance — disse ela para o homem atrás da prancha.

Ele lhe entregou três bolas de pingue-pongue que estavam no seu avental, olhando-a de relance através da fumaça do seu Marlboro.

— Sua última chance, né? Bem, boa sorte.

Volta observou-a se concentrando. Ela era uma gracinha, com sardas e tudo. Volta, insensatamente, se permitiu lamentar um pouco não ter seus próprios filhos.

Quando seu último arremesso bateu inutilmente sobre a borda de um aquário e caiu na poeira, a menina bateu com o pé, disse "Merda" rapidamente, como se a rapidez tornasse aquilo mais aceitável. Deixando cair os ombros, ela virou-se para ir embora. Volta estava pronto.

— Mocinha — disse ele, ao mesmo tempo abaixando-se para pegar algo no chão —, acho que você estava com os pés sobre isso. — Ele ergueu a nota de um dólar que tinha na mão.

Aquilo pareceu confundi-la.

— Eu acho que não. Já gastei os dois que tinha.

Volta admirou a sua honestidade, mas pôde saborear o repentino lampejo de esperança nos olhos dela.

— Menina, você estava *em pé* em cima dela. Deve ser sua. E, se não for, é sua conforme os direitos da boa sorte.

Ela apanhou a nota com um sorriso que deixou Volta feliz de um jeito insensatamente descomplicado.

— Obrigada — agradeceu ela.

— Eu poderia lhe oferecer alguns conselhos técnicos quanto a arremesso de bola de pingue-pongue dentro de aquários de peixinhos dourados?

— O quê? — O seu tom de voz estava empatado entre a ânsia e a cautela.

— A trajetória do seu arremesso está plana demais. Apesar dos aquários parecerem estar bem perto um do outro, na verdade estão afastados o bastante para que a bola raramente caia dentro de um deles. E também, as bolas não são muito menores do que a abertura do gargalo dos aquários. A borda curvada para fora faz com que a abertura pareça mais larga do que ela é. As aparências são os maiores enganos. *Queremos* acreditar nos nossos próprios olhos. Mas tenho certeza de que você descobriu o segredo agora: eleve a bola em vez de arremessá-la por baixo, desse modo você consegue uma queda direta sobre a abertura, o círculo inteiro para acertar.

A sua sétima bola caiu tão perfeitamente dentro do aquário que quase quicou de volta para fora.

O cara pálido atrás da prancha levantou sua voz com alguns discordantes decibéis:

— Ooooooolhaaa só, minha gente. Outro vencedor.

Ela deu outro sorriso para Volta. O franzir do seu nariz era suficiente para alimentar sua melancolia por vários dias.

— Meu nome é Gena Leland. E o seu?

— O Grande Volta — disse ele, fazendo uma reverência. Havia vinte anos que não usava o seu nome artístico.

— Verdade? Você trabalha nesse parque?

— Não. Eu sou um mágico aposentado.

Ela estava a ponto de dizer mais alguma coisa quando um menino de cabelos claros, provavelmente um irmão, chegou e a agarrou pelo braço.

— Vamos, Gena. Mamãe está ficando *braba.*

O homem atrás da prancha interceptou o seu outro braço.

— Aqui, garota; você ganhou isso. — Ele lhe deu um aquário de peixinho dourado, mas esse tinha água e um peixinho dentro.

Gena sibilou:

— Tá bom, só um instante, Tommy. — Ela aceitou o peixe e o entregou a Volta.

Surpreso, ele o segurou, mas imediatamente tentou devolvê-lo.

— Não, você o ganhou, é o seu prêmio.

Ela colocou as mãos atrás das costas.

— Mas você me ensinou. Além disso, eu não quero. Eu não estava fazendo para ganhar um peixe. Era só por *fazer*, lançar uma bola lá dentro.

— Ah — disse Volta —, pensei que você queria o peixinho dourado.

— Não. A minha mãe diz que é uma grande responsabilidade tomar conta de outra coisa viva. Tenho que ir.

E ela e o irmão se foram sobre seus tênis ligeiros.

O aquário na concha de suas mãos, Volta olhou para o peixinho dourado. Com uma claridade repentina e assustadora, Volta sentiu Daniel abrir uma porta. “Merda”, disse Volta. E então, com uma liberdade mais condizente com a sua idade, ele acrescentou um longo e angustiado Pooooorrrraa!

Daniel parou na Pizzaria Coelhão, numa pequena área comercial na periferia de Reno. O carro não podia ser trancado, então levou o Diamante, o dinheiro e o saco de roupa junto com ele. Quando abriu a porta da pizzaria, se surpreendeu ao ver um enorme coelho atrás do balcão. Conforme seus olhos se ajustavam à luz, o coelho transformou-se lentamente num adolescente alto e desajeitado, com um pequeno rosto contraído e um fino bigode. O garoto estava usando um par de orelhas de coelho rígidas e esguias e um guarda-pó cinza-claro feito do mesmo tecido de algodão aveludado, um material mais próximo de um tapete do que de um pano. Os funcionários da cozinha também usavam orelhas de coelho e guarda-pó felpudo. Obviamente um uniforme, decidiu Daniel, a menos que todos os três partilhassem a mesma excentricidade para se vestir.

A pizzaria tinha duas longas filas de mesas e bancos ao longo das paredes acolchoadas, uma minigaleria de jogos eletrônicos, fliperamas e um pônei mecânico perto da parede dos fundos. Era barulhenta e aquecida, um odor aromático de fermento, alho, tomate e pimentão frito exalava da cozinha. Daniel andou até o balcão.

— Boa noite. — O menino-coelho mais alto apanhou o bloco. — Pode pedir.

Daniel decidiu que se podia dizer qualquer coisa que se quisesse para alguém usando orelhas de coelho, então disse:

— A mente é uma pizza com temperos.

A ponta do nariz do garoto torceu exatamente como a de um coelho pressentindo o perigo no ar.

— Desculpe-me, senhor — disse o garoto —, não entendi essa. — Ele olhou timidamente para Daniel e imediatamente voltou-se para o seu bloco de pedidos.

— Desculpe-me — interrompeu Daniel —, eu falo sozinho quando estou na estrada. Eu disse que “tinha em mente uma pizza com temperos”.

— Pequena? Média?

— Média.

— Algo para beber?

Daniel olhou para o cardápio na parede.

— Uma cerveja.

O garoto com orelhas de coelho disse:

— Dá nove e noventa e cinco.

Daniel pôs a sacola de boliche no chão e enfiou a mão no bolso. Entregando uma nota de cem para o garoto, ele disse:

— Fique com o troco.

O garoto olhou para a nota e depois para Daniel.

— Isso é uma nota de cem dólares, senhor. São só nove e noventa e cinco.

— Está certo — disse Daniel. — Assim, se a minha aritmética não falha, isso dá uma gorjeta de noventa dólares e cinco centavos. Correto?

O garoto sacudiu a cabeça, suas orelhas de coelho mexeram-se levemente.

— Nossa, isso é mais do que eu ganho por *semana.*

— Por favor — observou Daniel com um movimento demissório das mãos. — Eu posso. E, além disso, admiro a sua coragem.

— Minha coragem?

— De se vestir com esse uniforme exótico de coelho.

O garoto se encolheu.

— Não me lembre. Eu esqueço até que alguém venha me lembrar. O dono nos faz usar isso. Se ele pega a gente sem as orelhas, despede na hora.

Daniel não respondeu. Ele estava olhando para as orelhas.

O garoto continuou, nervosamente:

— Às vezes é uma experiência bem ridícula. As meninas da escola aparecem de vez em quando, sabe o que eu quero dizer. É bem difícil parecer tranquilo quando você está parecendo ridículo. Tem uma menina, Cindy, que me achou tão idiota que ainda morre de rir quando me vê nos corredores.

— Case com essa mulher — sugeriu Daniel —, ela vai mantê-lo um cara honesto.

— *Tá certo* — disse o garoto com queixoso sarcasmo —, ela vai mesmo casar com o senhor Orelha de Coelho. Para começar, não sou nenhum Paul

Newman.

Daniel lhe deu um conselho:

— Diga a ela que você é o mestre dos Nove Círculos Tântricos das Permissões Íntimas.

O garoto baixou os olhos.

— Eu nem sequer sei o que quer dizer tântrico. Mesmo que ela estivesse interessada em saber, e eu duvido. *Isso* a deixaria impressionada, né? "O que são os nove círculos tântricos, Carl?" "Eee, bom, Cindy, ora, sabe." Tenho que dizer alguma coisa, certo?

— Com certeza — concordou Daniel.

— Então, você tem alguma sugestão? Você conhece esses círculos tântricos?

Daniel piscou os olhos:

— O conhecimento é a fonte da minha riqueza. Infelizmente, não estou disposto a revelá-los, embora na verdade sejam segredos abertos. Porém, posso lhe indicar o bom caminho. Use a sua imaginação. Foi o que eu fiz. E, se Cindy usar a sua imaginação, talvez vocês entrem no primeiro círculo juntos.

Carl olhou para Daniel, nitidamente confuso. Daniel ficou vagamente desapontado quando ele disse:

— Bom, obrigado pelas dicas, senhor. Deixe eu pegar a sua cerveja e chamarei quando a pizza estiver pronta. Seu número é o noventa e três.

A decepção de Daniel virou uma raiva, produzida mais pela indolência do garoto do que pela implícita desfeita.

— O que eu não consigo decidir — confessou Daniel — é se você deveria ajoelhar-se e agradecer ao seu patrão por coagi-lo a essa tolice, ou se você deveria torcer essas duas orelhas de coelho e falar para ele enfiar tudo na bunda. Se quer ser tolo, pelo menos tente se divertir com isso. Se acha que isso é degradante, sai fora. Os patrões do mundo não podem fazer nada com você que você não consiga interromper. Todos nós nos merecemos.

Carl estava enchendo a caneca de cerveja de uma torneira.

— Você parece um professor — disse ele, sem entusiasmo.

Daniel considerou aquilo por um instante.

— Não tenho certeza que eu saiba o bastante para ser um professor, ou que possa ensinar o que sei. Sou mais um idiota religioso e romântico tentando me orientar pela luz diamantina da existência.

— Ah, é? — comentou o garoto, deslizando a caneca de cerveja sobre a superfície do balcão. — Você faz parte de uma igreja, alguma religião oriental?

Daniel pressentiu a ânsia do garoto para se livrar dele, mas, certamente, o menino-coelho não tinha aprendido que investigações religiosas animam a conversa. Daniel decidiu poupá-lo.

— Não, nada de lengalenga mística oriental para cima de mim. Sou um judeu-cristão. Fiquei entusiasmado. — Ele lançou para o garoto o sorriso mais selvagem que conseguiu.

Deve ter funcionado. Carl engoliu em seco e virou-se para a cozinha, murmurando sobre o ombro:

— Melhor eu pegar o seu pedido em... uns dez ou quinze minutos.

Daniel sentou-se à mesa de frente para a minigaleria. As máquinas brilhavam convidativamente, mas ninguém queria jogar. Nem o garoto com orelhas de coelho no balcão, nem um único freguês. Daniel sentiu-se cair numa depressão e lutou para restabelecer seu equilíbrio. Movendo o pé esquerdo para a frente, suavemente pressionou-o contra a sacola de boliche. O contato da curva contra o seu pé lhe deu um impulso imediato de pular sobre a mesa, gritar para chamar a atenção e desaparecer. Aquilo despertaria todo mundo. Em vez disso, concentrou-se na cerveja, sentindo o vidro gelado nos lábios, saboreando cada gota.

Daniel já estava na metade da pizza quando um menininho passou por ele, indo direto para o pônei, um baio dourado de fibra de vidro a todo galope, as orelhas caídas para trás. O menino ainda tinha uma bochecha de bebê e lhe faltavam dois dentes na frente. Ele tinha olhos castanhos escuros tão lustrosos quanto chocolate derretido. Daniel pressentiu uma certa delicadeza em relação ao menino, embora não houvesse nada de delicado na maneira como montou sobre a sela, torceu as rédeas de plástico em torno dos pulsos e colocou uma moeda de 25 centavos; nada de delicado mesmo no modo que ele esporava o pônei a toda velocidade e sacou o seu fidedigno revólver — o indicador apontado, o resto dos dedos fechados — e começou a se inflamar: *Pooouu! Pooouu*! — O estrondo alto e sonoro atravessou o ruído que vinha dos outros fregueses.

— Papai! — berrou o menino. — Olha! Eu estou matando os bandidos!

O pai do menino estava conversando, à voz baixa e tensa, com uma mulher que Daniel supôs ser a mãe do menino. Eles continuaram discutindo sem olhar para cima.

— *Ei!* — gritou Daniel para eles. Assim como a maioria dos outros fregueses, eles olharam espantados.

Daniel não se importou. Ele estava sendo ele mesmo. Apontando para o filho deles sobre o pônei, disse:

— Seu filho está matando os bandidos.

A mãe se virou sem realmente olhar e disse de lado:

— Que bom para você, Billy. — O pai, um cara atarracado com o cabelo cortado à escovinha não muito mais velho do que Daniel, virou e lhe lançou um olhar desafiador.

Daniel quase disse: *A atenção é a chave do cofre, papai*, mas achou melhor não fazê-lo. Ele não sabia nada sobre ser pai. Dirigiu o seu olhar de volta para o caubói fulminando de cima do seu veloz corcel, derrubando um bandido imundo após o outro, até o tempo se esgotar e o pônei parar. O garoto desmontou cheio de pompa. O pai estava dizendo, sua voz tensa e maldosa:

— É o que estou lhe dizendo, Mary: nós não temos a porra do dinheiro para comprar uma secadora nova.

Quando o menininho passou, Daniel disse:

— Parece que você conseguiu livrar o mundo de alguns caras detestáveis.

— É — disse o menino lentamente mas sem parar. — Aquele Cobra é com certeza um bom cavalo.

— É, mas você soube manejá-lo muito bem.

O menino lhe deu um sorriso de lado ao passar, um sorriso de profunda e secreta satisfação.

— Obrigado, parceiro.

— Ei, você, companheiro — chamou o pai do menino —, tem algum *problema* aí com o meu filho?

— Problema nenhum — sorriu Daniel. — Eu estava simplesmente cumprimentando-o pela sua imaginação. Você tem um filho muito esperto. — Daniel não estava fingindo um sorriso, estava imaginando como aquele babaca ficaria com o seu fígado pulverizado por um golpe de calcanhar reverso desfechado de uma posição de garça adormecida.

O pai calou-se, deslizando sobre o banco para o menino sentar.

Na hora que Daniel terminou outra fatia, o baio dourado já tinha outro cavaleiro. Não era um gatilho fácil como o primeiro, mas abateu os seus bandidos.

E depois, toda uma festa de aniversário de criança, acompanhada por quatro mães atormentadas, atravessou a porta em profusão. Carl, o Coelho Balconista, já tinha pronta uma fatia de pizza com uma vela de aniversário para cada um deles, e uma das mães ofereceu um monte de moedas para usarem com o pônei.

Os meninos, para um homem, cavalgavam rápido e firme com alguns truques fantasiosos, como se pendurando de um lado e atirando por cima da sela. Os meninos eram cheios de bravatas e decisões. Daniel gostou deles. Mas gostou ainda mais das menininhas. Elas cavalgavam com um desembaraço tranquilo e imponente, olhos fechados, o vento agitando seus cabelos para trás, empregando a força do baio dourado mas não a confundindo com as suas. Ele se perguntou o que as meninas imaginavam enquanto cavalgavam, para onde estavam indo, a que distância. Ele queria juntar todos eles, meninos e meninas, agarrar todos com seus braços e carregá-los para algum lugar a salvo da carnificina do tempo e da transformação.

Quando a festa de aniversário acabou, Daniel sentiu a depressão retomar seu curso. Ele queria desaparecer dentro da mente das crianças, dentro de alguns momentos que mal conseguia lembrar, antes de ter consciência das linhas que traçou, ou antes de ser capturado pelas dos outros. Sentado com as mãos cruzadas sobre a mesa, ele observava os flocos de espuma estourarem e secarem dentro da caneca vazia. A pizza, e a cerveja, sua primeira refeição depois de Duas Luas, tinham-no deixado inchado e bêbado. Os últimos fiapos de energia fugiram para o estômago a fim de ajudar a digestão. Energia para produzir energia e, a cada transformação um tanto perdido para a entropia. Esgotando até chegar ao nada. Aquelas crianças, tão inocentes. Não se pode realmente apreciar a inocência até que ela esteja perdida, e já não se possa mais recuperá-la. Esgotar até o nada. A mente é um baio dourado. Esperem um pouco, crianças; é a cavalgada de suas vidas. Não tenham medo. Vocês estão seguras comigo mas eu não estou comigo mesmo, é esse o nosso problema. Há tempo, tempo, tempo. Todo o tempo do mundo. Comam quando tiverem fome. Durmam quando se cansarem.

A voz de Carl, o Coelho-Balconista, ressoou no alto-falante: “Senhoras e senhores, são dez horas, hora de fechamento da Pizzaria Coelhão.” Daniel, que não percebera que tinha cochilado, deu um pulo e ficou em pé, girando para verificar a sala. Carl estava sendo delicado. Daniel era o último freguês.

Deixando o Diamante e o dinheiro sob a mesa, ele andou até o balcão levando a caneca com ele. Carl estava na cozinha limpando uma mesa. Ele veio imediatamente para fora, parecia nervoso.

— Lamento apressar o senhor, mas o patrão estará aqui em cinco minutos e ele fica *realmente* zangado se o lugar não estiver vazio, o senhor sabe, por causa dos ladrões e tudo mais.

— Carl, você deveria explorar a sua vida espiritual — sugeriu Daniel. — Você deve conseguir ler pensamentos, porque eu ia *justamente* perguntar se o patrão vinha aqui hoje à noite. Quando ele chegar pode avisá-lo que eu gostaria de vê-lo por um instante na minha mesa. Meu nome é Nova Rajneesh. Tenho uma proposta de negócios para ele.

Carl recuou se afastando.

— Oh, não, e agora, vamos lá, senhor, por favor. Eu não devia ter dito nada.

— Eu não sou um ladrão — garantiu-lhe Daniel. — Quero fazer negócio.

— Minha nossa, você não acha que poderia ligar para ele de manhã?

— Infelizmente, sou obrigado a sair da cidade esta noite. E deixe-me garantir-lhe que ele achará minha proposta de negócio tão apreciável que provavelmente lhe dará uma gratificação que fará a minha gorjeta de agora há pouco parecer insuficiente. Agora, se você for bem gentil e me emprestar uma caneta e uma daquelas caixas de pizza, eu deixarei você voltar ao trabalho.

Relutantemente, Carl soltou a caneta do seu guarda-pó aveludado e a entregou junto com uma caixa de pizza sobre o balcão.

— Tem certeza de que isso não vai me trazer problemas?

— Você está protegido — afirmou Daniel. — Eu prometo.

Daniel começou a escrever rapidamente na caixa de pizza. Quando terminou, ele abriu a pasta e contou o dinheiro: US$19 mil. Ele separou quatro milhas e as colocou dentro do saco de roupa. Quando olhou para cima, um homem de rosto avermelhado, vinte quilos além do seu peso normal e careca o encarava. Daniel levantou para cumprimentá-lo.

Antes que pudesse fazê-lo, o homem bramiu:

— Meu nome é Max Robbins, *dono* deste lugar, e gostaria de saber que porra que você está fazendo aqui depois do fechamento? Carl, um dos meus funcionários cretinos aqui, disse que você quer falar de negócios. Eu não quero falar de negócios. Eu quero você fora daqui.

Daniel ergueu a tampa da pasta e virou-a de modo que o senhor Robbins recebesse o efeito total dos feixes de notas caprichosamente alinhados. Daniel ofereceu a sua mão.

— Senhor Robbins, meu nome é Nova Rajneesh. Eu sou o que a mídia simpaticamente se refere como "excêntrico milionário". Na verdade, sou um impulsivo *multimilionário*, para que tergiversar? — Eles apertaram as mãos e então Daniel prosseguiu: — Não tenho muito tempo, então desculpe-me saltar diretamente sobre o que interessa. Sou o supremo presidente do Fundo Filantrópico Nova Rajneesh, um subterfúgio tributário perfeitamente legal, cujos complexos detalhes interessam apenas aos meus advogados. A substância da minha proposta está contida neste contrato apressadamente preparado.

Daniel apanhou a caixa de pizza.

— Você notará, Max, existem na verdade dois contratos, porém são idênticos. Um deles será a minha cópia. Se você me permitir vou ler:

> Pelo presente, o proprietário da Pizzaria Coelhão concorda em aceitar a soma de US$15 mil para oferecer cavalgadas gratuitas no pônei mecânico a todas as crianças mediante solicitação até que a quantia acima (a 25 centavos por cavalgada) se esgote. Taxas bancárias e administrativas deverão ser deduzidas da soma original, mas em nenhum caso o total das taxas deverá exceder três mil dólares.
>
> Em considerações posteriores a essa legação, nenhum funcionário da Pizzaria Coelhão será forçado a usar qualquer tipo de uniforme ou fantasia como uma condição para o emprego, entrando em efeito quando da assinatura deste acordo.
>
> Uma conta separada deverá ser aberta para a presente legação, com a verificação de auditores podendo ocorrer a qualquer momento.
>
> Datado e assinado etc.

— Não vejo muita vantagem nisso para mim — observou Robbins.

— Então ou você é estúpido ou é ganancioso. Não apenas você consegue atrair a clientela, o que indubitavelmente refletirá nos seus rendimentos, mas também adquire uma imerecida reputação de homem generoso... e, é claro, a maior parte dos três mil dólares pelas taxas administrativas.

— Tudo bem, mané, está feito.

Daniel chamou Carl para testemunhar o trato. Daniel rasgou ao meio a tampa da caixa, entregando-a junto com a pasta de dinheiro. Robbins sentou-se para contar enquanto Carl e Daniel observavam. Finalmente, Robbins sorriu.

— Está tudo aí — disse ele, começando a fechar a pasta.

Daniel limpou a garganta.

— Eu acredito, senhor Robbins, que o honorário da testemunha é uma despesa certamente administrativa. Duzentos dólares é o padrão.

Robbins arregalou os olhos.

— Honorário de testemunha? Que merda é essa? Você acha que pode simplesmente passar por cima de mim e me foder?

— É bastante justo — observou Daniel —, nós rachamos isso. — Ele deu a Carl duas notas de cinquenta que estavam no saco.

Enquanto Robbins, relutantemente, entregava a Carl os cem que faltavam, Daniel disse:

— Embora esse contrato numa caixa de pizza possa chocá-lo por ser incomum e apesar de meus modos não serem ortodoxos, eu não fiquei rico por acaso. Sou um excelente homem de negócios. Meu departamento de contrato e litígio está acostumado a ver contratos escritos em guardanapos de coquetel, cortina de Rolls Royce, assento de bicicleta, batom no espelho, sacos de papel; e em cada caso judicial que nos envolvemos — e tem havido muitos — esses contratos foram legalmente aceitos. Meu departamento de contratos também dirige nossa equipe de investigadores, cujas visitas aleatórias vão garantir que as provisões do contrato estão sendo seguidas à risca. E ao centavo. — Daniel guardou a sua cópia dentro do saco de roupa.

Robbins estava relendo a sua cópia do contrato, os lábios movendo-se ligeiramente.

— Não estou vendo nada sobre investigadores aqui. Onde é que fala de investigadores?

— Auditores... a mesma coisa. — Daniel enfiou um braço sob a alça do saco e o jogou sobre o ombro. Carl estava cuidadosamente guardando os duzentos dólares dentro da carteira.

— Então tudo bem — disse Robbins —, esses *investo-auditores* chegam, talvez alguém tenha derramado café sobre o livro de contabilidade, ou os números não batem exatamente, coisas assim. O que acontece?

— Os investigadores, ou auditores, conforme seja o caso, relatam ao departamento de contrato. Do contrato para o litígio, o pessoal do litígio

reúne uma bateria de advogados. Nós movemos uma ação. E tomamos posse de uma pequena pizzaria em Reno, o negócio todo provavelmente valendo menos do que um décimo de nossas despesas legais. Está vendo, senhor Robbins, comigo é uma questão de princípio, não de dinheiro. De quantos milhões mais eu preciso?

— Eu não ouvi nada sobre essa merda de ações legais quando estávamos assinando o contrato. Esqueça. Eu volto atrás. Isso está me cheirando a problemas.

— Tarde demais — falou Daniel, apanhando sua sacola de boliche.

Robbins começou a se levantar, resmungando:

— Não, espere um pouco seu...

— Ele está certo — interrompeu Carl. — Eu vi o senhor assinar. O senhor quis.

— Ei, Carl — disse Robbins, virando na sua direção —, quem lhe perguntou alguma coisa? Vá fazer o trabalho pelo qual eu te pago. *Trabalho!* Lembra? E tire essa porra de fantasia ridícula... parece uma espécie de Pernalonga homossexual ou coisa parecida.

— Senhor Robbins — interrompeu Carl com a voz trêmula —, eu *sou* homossexual. É por isso que, quando eu tirar meu uniforme de Pernalonga, vou enrolar direitinho e enfiar no seu cu.

A cabeça de Robbins virou para cima como se ele tivesse sido chutado no queixo. Ele encarou Carl. A intensidade do seu olhar combinava com o suor escorrendo da sua cachola púrpura-avermelhada em direção às bochechas tremidas. Daniel estava pronto para intervir, mas Robbins, talvez pressentindo as intenções de Daniel, sorriu em vez de entrar em erupção. Ele ergueu a mão direita na altura da orelha e sacudiu o dedo rechonchudo enquanto dizia ternamente:

— Tchau-tchau, Carl. Você está despedido.

— Ei — disse Daniel —, você *não* pode despedir o Carl. Ele é nossa *testemunha.*

— Ótimo — assentiu Robbins rapidamente. — Ele testemunhou. Ele assinou. Agora, ou essa bichona sai em dois minutos, ou eu chamo a polícia.

Daniel disse:

— O que está havendo com você, Robbins? Nunca abriu um livro sobre as leis na sua vida? Há três tipos de testemunhas de contrato: testemunha *signatária,* é o que você pensou que Carl era, eu acho; depois tem testemunha *material,* elas documentam a *transferência de material* contratado, não a

assinatura do contrato; e a terceira, a categoria que inclui Carl, chamada *Eu-testemunho*... com *E* maiúsculo... porque é designada por uma das partes contratantes, eu, como representante *lock sito*... é o termo em latim para ‘constantemente no local’... para ficar de olho na obediência contratual da outra parte. Se você despedir *minha testemunha*, pode se preparar para passar os próximos dez anos da sua vida, gastando toda a grana que tem no tribunal.

— Ora, vamos! O que você está me contando? Não posso despedir o boiola? Nunca? Isso é bobagem. Digamos que ele comece a mostrar o pau sobre o balcão? Venha trabalhar de sutiã e calcinha e fique saracoteando por aqui, hein? Não fode. Pode me levar para o tribunal.

Daniel sacudiu a cabeça.

— Você não tem jeito. Claro que ele pode ser despedido... *se* ele for culpado por um grave delito. Mas, visto que o dinheiro terá acabado antes mesmo que seja julgado, a questão é discutível. Sua única outra opção é um RTC.

— E eu tenho lá que saber que merda é essa?

— Na verdade, *deveria*. É Rompimento de Testemunha Contestada. Se você não se der bem com um Eu-testemunho, pode lhe pagar dois mil dólares pelo rompimento e substituí-lo por outro através de acordo mútuo.

Robbins estava incrédulo.

— Você quer dizer que eu tenho que dar duas milhas para esse veado para me livrar dele?

— Exatamente. Por sinal, deduzido das despesas administrativas, conforme a lei, segundo nossos auditores.

— Não fode — disse Robbins —, eu estou achando que isso tudo é uma armação, mas o dinheiro é seu. Tudo bem.

Robbins contou dois mil dólares e entregou a Carl.

— Tchau, seu panaca.

Carl sorriu para Daniel.

— Uau, agora posso comprar um vestido novo. Mas você, Max, eu sempre vou te amar. — Ele tentou colocar algum calor na voz. — Desde que nos conhecemos, sei onde é que você gosta de tomar. Você é uma dessas pobres almas que nunca conseguem admitir. — Ele deu meia-volta e dirigiu-se à saída de funcionários, rindo loucamente, enquanto jogava fora suas orelhas de coelho.

Já que Robbins estava olhando para Carl se afastando, Daniel, para se divertir, desapareceu, saindo pela parede.

Quatro carros tinham cercado o seu Cutlass, dois com lanternas nos capôs ligadas, transmitindo um reflexo de estroboscópio aos movimentos dos homens apinhados sobre o Cutlass. Invisível, Daniel passou por um outro carro. Uma descrição da sua camisa de boliche estava sendo transmitida pelo rádio. Aquilo não era uma boa notícia, mas não era tampouco um grande problema.

Dois policiais passaram através dele dirigindo-se à pizzaria. Aquilo era um grande problema. Eles apreenderiam o dinheiro e verificariam as impressões digitais na pasta. Ele pensou no assunto. Nada de cavalgada para as crianças. Não tinha a menor ideia de que impressões estariam sobre a pasta, além das suas. Ele voltou através do muro no momento em que os policiais batiam na porta.

Quando Daniel entrou, quase perdeu a concentração com um acesso de riso. Max Robbins estava louco, procurando a pasta — Daniel tinha esquecido que desapareceria junto com ele. A pasta estava bem em cima da mesa onde Robbins a tinha deixado, mas ele não podia vê-la. Ele estava ajoelhado procurando sob as mesas. Seu rosto rosado ficou branco como uma vela quando ouviu as batidas na porta e a palavra “Polícia”.

Daniel fechou a pasta, apanhou o contrato sobre a mesa e saiu através da parede dos fundos. Invisível, ele caminhou vinte quarteirões em direção à cidade e depois virou à direita na estrada Industrial. Andou para o norte por um momento, em seguida virou para o leste num beco escuro e sossegado. No final havia um depósito com paredes de madeira que era perfeito demais para ser possível — *T.H. Hothman Provisões Teatrais.* Daniel andou até a parede mais próxima para verificar. Oitenta por cento do espaço interior era uma área única de armazenamento, corredores e corredores de fantasias e acessórios. Havia um escritório modesto atrás de uma divisória, com um banheiro adjacente. Embora o quarto mal tivesse o tamanho de dois armários decentes, havia uma cama dura e uma penteadeira estreita com uma televisão portátil de 13 polegadas. Daniel a ligou para ver se estava no noticiário.

Quase. Os corpos de Elwood e Emmett Tindell, reputados traficantes de drogas internacionais, foram achados por um fazendeiro pela manhã. Tinham sido profissionalmente executados à queima-roupa. Fontes não reveladas especulavam que o cartel de cocaína de Piscato, na Colômbia, tinha ordenado a execução devido a contas não pagas.

O PRIMEIRO CADERNO DE JENNIFER RAINE

Abril? (perdi a pista)

Eu descobri a verdade, e ela é simples: a vida é surpreendente. Eu e Mia saímos da lanchonete à meia-noite, sete horas atrás, e agora estou rica, ligadona e acabei de dar uma trepada. Coisas melhores poderiam acontecer para uma menina mais legal, mas está bom assim.

Devo tudo isso ao DJ (não, troca isso por olhos de cobra e Vagões de Trem. Troque por Lady Luck e drogas maravilhosas e um gigante jogador fora da lei caipira do oeste conhecido como Longshot, que está agora dormindo pacificamente no outro quarto após ter tido, como ele disse num suspiro "seu cérebro chupado e remexido". Troque isso por cabriolado. Troque isso por fulminado. Oh, essas espantosas mudanças.) Continue rolando, rio! Role os dados.

Eu saí da lanchonete perto da meia-noite e caminhei para o centro da cidade. Tinha decidido comprar uma passagem de ônibus para o túmulo de Jim Bridger no leste de Wyoming com o dinheiro que Billy me deu. Se cinquenta dólares não fossem suficientes, eu iria até o mais perto que conseguisse.

Olhei no catálogo da lanchonete o endereço da Greyhound, mas quando cheguei lá, não era. Tinha sido derrubado para dar lugar a um novo cassino. Engraçado, não consigo lembrar o nome do cassino, mas lembro que o néon do lado de fora parecia pulsar, pulsar como um coração acelerado. Hipnotizada pelo ritmo, deslumbrada pelas cores, tentei entender o que aquilo significava. Era um sinal dizendo que eu devia apostar o dinheiro em vez de usá-lo com segurança, ou era uma tentação que comprovaria a dor da leviandade a qual eu deveria sucumbir?

Eu ainda estava pensando — ei, é uma escolha difícil — quando um cara vestindo um incrível sobretudo vinho com acabamento dourado e enormes dragonas agarrou meu braço, firme, e sussurrou no meu ouvido:

— Vá rodar a sua bolsinha em outro lugar, doçura. Não tem ninguém trabalhando por conta própria na área, e eu não a conheço. Você quer arrumar algum com a sua bocetinha, o problema é seu. Mas, não por aqui, vá para o outro lado, porque se você não fizer isso, não vai gostar

do jeito que o seu rosto vai ficar, porque eu posso simplesmente prometer que, se ficar aqui, alguém vai deixá-la de um jeito que ninguém mais vai gostar.

Ele pensou que estava me fazendo um favor, explicando como eram as coisas. Quando viu que eu estava escutando, soltou o meu braço.

Quando terminou, foi a minha vez:

— Escuta, seu panaca presunçoso, eu estou procurando, não piranhando. Estou tentando decidir se aposto os meus cinquenta dólares ou sigo em frente. Você não saberia a diferença entre uma prostituta e um manual de horticultura. (Menina, você arrasou!)

— O que você está dizendo? — rosnou ele. — Eu sou um burro?

Eu percebi que ele não era um cafetão cuidando do seu pedaço, mas um porteiro de cassino. Eu disse:

— Burro não, está apenas enganado. Todos nós nos enganamos.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas olhou por cima do meu ombro e calou a boca. Quando me virei vi por que: havia um homem de um metro e noventa e bem uns cento e vinte quilos que parecia exatamente com Jesus, se Jesus fosse um vaqueiro que tivesse se vestido para visitar a cidade grande. Estava usando botas de pele de cobra que provavelmente desalojaram algumas espécies da lista raras *para a lista* em extinção*, um casaco esporte com corte ocidental com pala de pele de castor, um chapéu branco de caubói com uma tira de guisos de cascavel presas por um cordão de ouro e uma grossa fivela de cinto prateada na forma de um lagarto venenoso do deserto. Aquilo me derrubou.*

Impressionou o porteiro também, ou pelo menos drenou a grosseria do seu tom de voz.

— Boa noite, Longshot. Ainda catando vencedores?

— O bastante para manter o equilíbrio — disse Longshot com sua voz de carvalho polido. Ele olhou para mim... só por um segundo, mas ele olhou de verdade... e então virou-se para o porteiro novamente. — A noite está devagar, Lyle? — perguntou ele, parecendo completamente confuso por Lyle não ter nada mais a fazer senão incomodar uma dona absolutamente provocante, mesmo que ela estivesse um tanto amarrotada e encardida por causa da estrada.

— Estava só explicando à irmãzinha aí como são as coisas — comentou Lyle, encolhendo os ombros. — Evitar aborrecimento.

A expressão de Longshot dizia: "Entendi, muito bem, vejo você depois." Virando-se para mim ele disse:

— Senhora, não pude evitar de ouvir a decisão que a está afligindo, se deve usá-lo para ficar na linha, ou para ir até o fim da linha. Essa é sempre uma escolha difícil; sei disso porque tenho quarenta e três anos de idade e tive que escolher um monte de vezes. Meu nome, por sinal, desculpe meus modos rudes, é Longshot.

— Eu sou Jennifer Raine — disse (me senti segura com ele).

Ele fez um gesto com o chapéu para me cumprimentar!

Então levantei as pontas do meu vestido imaginário fazendo reverência.

Quando ele sorriu, uma luz brilhou nos seus olhos desolados e azuis da cor do céu.

— Jenny Raine — repetiu ele, suavemente, como ele deveria ser pronunciado. — Jenny Raine soa como uma chuva delicada, mas aposto que você sabe ficar tempestuosa também.

Eu lhe lancei um sorriso direto.

— Um vendaval — preveni, mas com o que eu esperava ser um sorriso convidativo.

— Já tomou uma decisão, ou você ainda está meditando?

— Meditando — afirmei, tentando fazer aquilo soar como se meditação fosse alguma coisa que eu fizesse com os meus quadris. — Você disse que era um homem experiente. Tem algum conselho para a jovem aqui?

— Na verdade, tenho sim: aposte.

— Para sempre?

— Não. Mas qualquer um nesta cidade pode lhe dizer que o que eu tenho de melhor é a minha habilidade para saber quando alguém está prestes a abraçar uma sorte selvagem. Jenny, você está tão madura para uma aposta certeira que eu posso bancar dez milhas para você agora mesmo, em troca da metade do que você arrumar.

— Não — disse eu, imitando a sua inflexão regular. — Mas se você igualar os meus cinquenta, tudo que um ou outro ganhar nós rachamos ao meio.

Eu não entendo nada de jogo, então deixei Longshot escolher. Ele me levou diretamente para o andar de cima onde rolava um jogo de dados com cacife único de dez mil dólares, juntou o nosso dinheiro e comprou

uma ficha preta. O cara que a vendeu para ele pareceu espantado. Ele disse para Longshot:

— Deve ter sido um pesadelo que o deixou mal-humorado.

Longshot fez sorrir os seus olhos celestes e desolados.

— Nada de sonho ruim, Ed; é mais como uma boa visão.

Ele me perguntou no que queria apostar — Sai ou Não Sai, números de dois a doze, de Olhos de Cobra[20] *até os Vagões*[21] *— eu interrompi ele ali mesmo. "Vagões", eu disse. Podia ouvir o ronco e o bramir do trem descendo a montanha, podia ver os vagabundos cobertos de jornais observando as estrelas passarem pelo céu.*

Longshot disse:

— Duplo seis paga trinta por um, mas tem trinta e seis por um de chance de acertar. Longa margem.

Ele estava explicando o que eu tinha feito, não desafiando a minha escolha. Eu pisquei meus olhos azuis e disse:

— Eu gosto de atirar longe[22]*, Longshot. (Jenny, você é cruel.)*

Um cara magrinho usando óculos sem aros lançou os dados. Vagões. Três mil dólares.

Longshot sorriu para mim e disse:

— Quanto e no quê? — Nossa, o cara tem estilo.

Ainda podia ouvir o trem gemendo solitário pela noite.

— Tudo de uma vez — eu disse. — Vagões novamente.

O cara que controlava o jogo levantou uma sobrancelha para Longshot. Longshot lhe disse:

— A moça disse para deixar correr assim.

Quando eu ouvi — deixa correr —, tive certeza de que estávamos ricos. E nós estávamos. Vagões. Noventa e três mil dólares.

Longshot me deu o seu mais doce sorriso.

— É uma mesa com limite de apostas de dez mil dólares. — Eu adorei aquilo.... nem sequer perguntando se eu queria parar, certo, mas lamentando que não pudéssemos apostar mais. Aquilo me encheu de confiança.

Foi bom assim, porque eu já não estava mais ouvindo o trem. O trem tinha ido embora. E no seu lugar, como se o apito esvanescente atravessasse a sua respiração, Mia soltou uma suave lamúria em meio ao seu sono. Por um instante eu irrompi seus sonhos, e ela estava sonhando

novamente com cobras caindo sobre ela na escuridão, seus olhos como pequeninas contas de luar.

— Olhos de Cobra — falei para Longshot. — Última rodada. — E então, porque eu queria que ele me conhecesse, disse: — Tenho uma filha imaginária e tenho que cuidar dela.

Aquele homem esplêndido olhou-me bem nos olhos e disse:

— Qualquer coisa que você disser, seja você quem for.

Como nós, meninas, dizemos, eu estava molhadinha.

Olha o ás! Olhos de Cobra! Isso. Trezentos mil dólares. Trezentos e noventa e três mil dólares no total. Cento e noventa e seis mil e quinhentos dólares cada um. Menos gorjeta. Eu dei quinhentos dólares para Lyle quando fui embora.

Eu e Longshot (Mia, depois daquele único choro, tinha adormecido profundamente) comemoramos a nossa boa sorte atacando a sua provisão de drogas — cocaína, erva assassina e peiote (minha primeira vez com todos eles, exceto maconha, e isso não era nada parecido com essas paradas mais duras), e em seguida incorporando essas doces e pequenas obliterações que nos mantêm vivos.

A vida é ótima.

Nina Pleshette, uma enfermeira no Hospital Oakland's Kaiser, discou o número que tinham lhe dado usando uma cabine de telefone em frente ao prédio. Uma secretária eletrônica atendeu a sua chamada no terceiro toque. A mensagem dizia: "Obrigada por ligar para a TNT. Após o sinal sonoro, por favor, forneça o seu código, seguido do código que você procura."

O sinal sonoro era uma buzina entoando um sinal de ataque, imediatamente seguida pelo grito de Freddie Ruivo: "Destrua o Estado!"

Nina compôs RN43, fez uma pausa, e então compôs R77. Ouviram-se dois estalos e depois o som de um indicador automático.

O telefone tocou duas vezes dentro de um abrigo de concreto a quinhentos quilômetros ao nordeste, antes que Charmaine pusesse sobre a mesa o trabalho de pesquisa que estava lendo e respondesse com um suave "Alô".

— Aqui é RN quarenta e três. O paciente morreu às onze e quarenta e cinco da noite sem ter recuperado a consciência.

— Isso é muito mau — disse Charmaine. — Ele recebeu alguma visita?

— Não.

— Já foi determinada a causa da morte?

— Não. Nenhum diagnóstico oficial, tampouco. Os médicos estavam começando a crer que foi uma reação alérgica a algum agente indeterminado. O seu sistema imunológico simplesmente entrou em colapso.

— Obrigada por ter ligado — agradeceu Charmaine, repondo o fone no gancho.

Ela retornou ao seu trabalho sobre ricina, um veneno para o qual estava buscando um antídoto há quase duas semanas. Ela se concentrou sobre o diagrama molecular, tentando imaginar como ele interagia com várias coenzimas, porém, depois de alguns minutos, colocou os papéis de lado e pensou em Gurry Debritto. Ela estava surpresa que ele tivesse sucumbido tão rapidamente. Uma força terrível deve ter sido liberada dentro dele, alguma imagem refletida do seu próprio poder assassino. Tinha certeza de que não foram as drogas. Os dois dardos continham doses não letais de neurobloqueadores. As duas aplicações que tinha feito nele eram inofensivas. Na verdade, como ambas possuíam uma combinação equilibrada de vitaminas e minerais, elas deviam ter lhe dado força para enfrentar a si mesmo.

Daniel estava exausto e enjoado com as notícias televisadas. Se Elwood e Emmett eram traficantes internacionais, ele era o fantasma de Elvis Presley. O assassinato deles tinha sido coisa de profissional, assim como as especulações oficiais. Mas não fazia sentido que a CIA tivesse revelado a sua descrição num boletim integral. Volta tinha previsto com certeza — e Daniel tinha achado lógico o seu raciocínio — que a CIA recearia expor a sua incompetência e seus segredos mais do que a perda do Diamante.

Ele tentou se recordar da cena em torno do Cutlass. Quatro carros. Dois da polícia municipal com lanternas, um do xerife e mais um — um Ford cinza sem placa, um pouco mais afastado, cujo rádio descrevia a sua camisa de boliche. Dois caras lá dentro, calças, casacos. Os fantasmas. Ele fez uma suposição que lhe agradou. Os canas só tinham o Cutlass na mira por causa do roubo original dos irmãos Tindell, mas a CIA, tendo de algum modo prendido os dois, soube que o carro havia sido roubado novamente, e por quem. Assim ficou sabendo que ele tinha chorado pelo sonho da sua mãe, que o Diamante estava provavelmente dentro da sacola de boliche e que podia

desaparecer — se eles acreditassem nos irmãos Tindell, o que deve ter sido difícil.

Daniel estava desgostoso com ele mesmo. Ele tinha dado uma de esperto e desaparecido, quando poderia com a mesma facilidade ter cuidado deles com o Tao Do Chaung. Mas teve que lhes mostrar o que é na verdade o *real* poder. Se ele apenas os tivesse deixado sem sentidos, provavelmente ainda estariam vivos. As 'fontes não reveladas' queriam continuar assim, e eles provavelmente não tolerariam gente do tipo de Elwood e Emmett jurando para cima e para baixo na mídia nacional que tinham visto um jogador de boliche que desaparecia e afirmava possuir o Graal, e que até mesmo a CIA os interrogou. Porém, quem teria acreditado naquele improvável relato sobre um jogador de boliche pegando carona na estrada que conseguia desaparecer? A morte deles tinha sido desnecessária.

Ele estava tão cansado que quase não percebeu a mensagem: *Nós sabemos quem você é e não estamos perdendo tempo.* Por isso é que os corpos foram desovados num lugar em que seriam imediatamente descobertos. Pressão. *Cada vez que você aparecer, alguém sofrerá as consequências.*

Não podia mais se permitir nenhuma loucura. Chega de distração. A frivolidade seria fatal. Ele sentiu um estremecimento recordando a sua honestidade com Volta: *O Diamante agora é responsabilidade minha.* Burro. A única coisa da qual ele podia honestamente reivindicar a responsabilidade era a indulgência perigosa de descuidadas extravagâncias. Ele vinha agindo como se tudo aquilo fosse de faz de conta no planeta Meta. Aquilo era o mundo real, mesmo que ele não tivesse dentro dele. O verdadeiro terror, os irmãos Tindell sentiram. Ele se perguntou se eles tinham pedido ajuda um ao outro quando se ajoelharam à beira da estrada. Começou a chorar. Ele apertou os olhos para reter as lágrimas, mas suas mãos repentinamente pareceram úmidas de sangue e teve que reabrir os olhos para verificar. Suas mãos estavam secas. Ele as pressionou com força contra o rosto, afundando-o no travesseiro.

— Está certo — disse em voz alta —, se você não consegue satisfazer as suas pequenas e ridículas extravagâncias, satisfaça a culpa.

E quanto ao Menino Coelho Carl e Max Robbins? Daniel tentou se concentrar. Ele supôs que Carl tivesse lavado a caneca e o prato, mas resolveu checar. Carl tinha saído antes que ele desaparecesse com o dinheiro e o contrato — ótimo, nenhuma impressão neles —, mas Carl seria

provavelmente interrogado. Mas não tanto quanto Max, especialmente se ele começasse a balbuciar sobre uma pasta cheia de dinheiro e um cara que parecia simplesmente desaparecer. Daniel se deu conta de que tinha sido estúpido não ficar por lá invisível e escutar a conversa de Max com os policiais. Ainda assim, o pior que Max podia contar para eles era a louca verdade, e Max não lhe pareceu um tipo que se passa por otário. Qualquer que fosse a história de Max, aquilo estava fora do controle de Daniel.

Restavam as impressões no carro. E talvez a caneca e o prato na pizzaria. Daniel hesitou, mas tinha que fazê-lo. Ele trocou a camisa de boliche pela primeira que lhe serviu de um dos corredores com trajes pendurados. Era branca com franzido opaco na frente, uma camisa de jogador de cartas em barcos fluviais. Um fraque preto a acompanhava. Sem chapéu. Muito bem. Ele fez um gesto para pegar o Diamante, mas decidiu que um jogador de carta em barcos fluviais indo jogar boliche às duas horas da manhã ficava extravagante demais. Ele a escondeu dentro de uma caixa de roupa com o rótulo CRIADA SUÍÇA TAMANHO 12.

Andando de volta para a pizzaria, ele permaneceu visível até chegar ao estacionamento. Atravessou a parede da Pizzaria Coelhão. A caneca e o prato ou tinham sido lavados, ou levados pelos policiais. Ele ligou pedindo um táxi que o apanhasse na esquina. Disse para o motorista que a sua namorada fora interceptada dirigindo embriagada e o seu carro tinha sido apreendido. O motorista sabia onde eles deveriam ir.

Daniel andou vagarosamente na frente do depósito de Carros Roubados até que o táxi estivesse fora de vista, então desapareceu. Ele entrou no carro, se agachou, e reapareceu, limpando-o rapidamente. Ele tinha acabado de desaparecer quando a equipe de impressões digitais chegou para começar os exames.

Daniel reapareceu dentro de uma cabine de telefone no final do quarteirão. De lá chamou um táxi para levá-lo até um quilômetro antes das Provisões Teatrais Hothman, onde desapareceu e depois caminhou o resto do trajeto. Ele reapareceu diante da caixa contendo o Diamante, levou-o até o pequeno quarto de dormir, deitou-se e pensou: *responsabilidade é um trabalho sério e árduo,* e adormeceu sem sequer pensar em desaparecer.

Acordou com a tarde já avançada. Depois de verificar o depósito para ter certeza de que não tinha ninguém trabalhando nos fins de semana, ele tomou uma ducha no banheirinho. Revigorado, voltou para o quarto, deixou cair a toalha e se estendeu nu sobre a cama para pensar no que faria a seguir. As

possibilidades o soterravam. Quando respirou fundo, viu a vaga imagem de uma menina loura lhe oferecendo uma esfera com o centro dourado, dizendo alguma coisa. Não estava certo se se tratava de uma lembrança ou uma desesperada invenção alucinatória, mas o rosto dela emergiu da amorfia como uma fotografia surgindo de uma bandeja numa câmara escura. Ele concentrou-se para ouvir o que dizia, mas ela estava muito distante, as palavras não chegavam até ele. Ele fixou os seus lábios quando ela começou a esvanecer, tentou ouvir a forma dos seus sons enquanto ela se dissolvia. Ele pensou ter ouvido: "É uma conta."

A mente é a sombra da luz que ela procura.

A mente é uma desordem.

Daniel sentiu que tinha compreendido. Uma conta. Sim, claro. O Diamante era uma conta no Colar Solar, presa pela espiral dourada da chama no seu centro. A noção de Colar de Luz, um círculo de diamantes esféricos, cada um refletindo todos, contendo todos, esvaziando toda a luz dourada de volta para o Infinito Deslumbramento, excitava a imaginação de Daniel. Ele abaixou-se e afagou a sacola de boliche.

— Agora estamos chegando a algum lugar.

Onde exatamente, não tinha certeza, mas ele pretendia fazer da jornada um passo cuidadoso de cada vez. Primeiro, precisava entender se o Diamante era uma peça fora do seu próprio sistema, se precisava ser restituída ao seu lugar.

Daniel decidiu dirigir-se para as montanhas Rochosas. Ele se equiparia para longos trajetos e marcharia pelos altiplanos do interior examinando o Diamante até que estivesse certo sobre o próximo passo a dar.

Ocorreu-lhe repentinamente uma brilhante ideia, como se em recompensa à sua sabedoria: ele se dirigira para o oeste porque esse era o caminho para o lago Sem-nome. Daniel encolheu-se. Wild Bill, ele tinha certeza, sabia disso e estaria esperando lá, talvez com Volta. Ele sentiu uma profunda admiração pela força e claridade que Volta tinha trazido à responsabilidade, e uma nova avaliação sobre o custo daquele compromisso. Decidiu que se o seu período nas montanhas se revelasse infrutífero, ele levaria o Diamante para Volta, uniria suas forças com as dele e com quem mais eles concordassem que deveria juntar-se a eles. Imaginou que, a essa altura, teria humildade suficiente para abençoar qualquer ajuda que pudesse conseguir.

Ele precisava de uma nova identidade para a viagem.

Ele precisava se dirigir para leste. Não esperariam que ele invertesse as direções.

Ele precisava resolver como viajaria. Desta vez não comprometeria a segurança de ninguém deixando-se ver ao desaparecer, ou revelando qualquer coisa sobre o Diamante. Decidiu continuar pegando carona. As caronas lhe forneciam companhias instrutivas. Ele se sentia solitário dirigindo o Cutlass, fechado dentro de si mesmo.

Estava impressionado pela simplicidade do seu plano, e agradecido por isso. Ele pulou fora da cama e andou compassadamente e nu por entre as altas prateleiras de trajes do depósito, carregadas de identidades encaixotadas e cabides de personalidades penduradas.

A sua nova identidade deveria oferecer conforto, calor e um modo natural de carregar o Diamante. Um duque italiano com uma sacola de boliche? Era demais. Ele precisava de algo que tivesse uma congruência simbólica com a sua viagem. Agradou-lhe a ideia de Explorador Espanhol — *Cabeza de Vaca* nas alturas das montanhas Rochosas — mas teria que cortar fora a maldita gola. O Jogador de Barco Fluvial, que ele já tinha quase completado era uma escolha tão boa quanto qualquer outra, se ele conseguisse achar a cartola de pele de castor para finalizar e um jeito de embalar o Diamante. Gastou vinte minutos revirando as caixas de chapéu mas não achou nada que servisse.

A mente é a soma das identidades que ela assume.

Frustrado, Daniel pensou em apanhar algo aleatoriamente nas prateleiras e nas caixas. Ele seguiu até a parte do corredor marcada Miscelânea. Cambaleando sob o peso do amontoado de trajes que tinha coletado, ele o colocou rio chão para ver o que tinha conseguido e como as peças se ajustariam umas às outras.

Havia algumas possibilidades interessantes: uma túnica cóptica de linho resistente incrustada de medalhões de lã matizada; um capacete egeu com presas de javali pendendo em cada lado (seria um atrevimento junto com o traje de Jogador de Barco Fluvial); duas capas enfeitadas, uma de púrpura brilhante, a outra azul ultramar; uma outra túnica, esta de pele, com borda polida nas mangas; um *kaunake* da Babilônia; um turbante branco.

Daniel estava lá agachado, imaginando se poderia esconder o Diamante dentro do turbante quando viu no lado oposto do corredor, na altura dos olhos, exatamente o que estava procurando. Alista de conteúdo indicava um traje completo:

HOMEM DA MONTANHA / CAÇADOR DE PELES
AMÉRICA APROXIMADAMENTE 1840-60
TAMANHO 46 (APROX.)
CAMISA/CALÇA DE COURO DE GAMO
MOCASSINS E PERNEIRAS DE PELE DE ALCE
CHAPÉU DE CABEÇA DE RAPOSA (7 1/4 — 1/2)
CINTO DE PENA TINGIDA CHAIENE C/ CARTUCHEIRA DE PELE DE ANTÍLOPE
SACO DE CONTEÚDOS POSSÍVEIS: COURO DE BÚFALO, CHIFRE PARA PÓLVORA COM ALÇA TRANÇADA DE PELE DE LONTRA, CORREIA DE COURO DE GAMO

As duas primeiras palavras — HOMEM DA MONTANHA — o convenceram; o conteúdo encantadoramente o confirmava. Perfeito. Especialmente o saco de conteúdos possíveis que, se bem lembrava das suas leituras de infância, era uma enorme bolsa para guardar uma variedade de artefatos para um caçador de peles, assim como para tesouros pessoais, amuletos e medicamentos. Johnny Seven Moons tinha lhe contado que os homens da montanha eram os homens brancos que mais se aproximaram de serem índios.

Por um bom tempo, Daniel lembrou de estar andando sob a chuva da primavera entre Seven Moons e a sua mãe, cada um segurando uma de suas mãos, de como tinha se sentido em segurança, tão completo, enquanto a chuva morna lhe escorria pelo corpo. Seven Moons e sua mãe estavam ambos mortos agora, mas ele sabia que a lembrança permaneceria quando não houvesse mais ninguém a se lembrar, projetando-se no espaço como a luz de uma estrela extinta, reprojetando-se para a sua origem no Infinito Deslumbramento.

Daniel vestiu-se lentamente, saboreando a adoção de uma outra personalidade. Quando se cobriu com a roupa de couro, ele imaginou os odores de seiva de pinheiro, da fumaça e da gordura escorrendo dos bifes de búfalo. Os mocassins e o chapéu de cabeça de raposa pareciam ter sido feitos para ele por um alfaiate e a algibeira era uma obra de arte. No entanto, o saco de conteúdos possíveis rusticamente curtido parecia assustadoramente pequeno.

Ele apanhou o chifre para pólvora e retornou ao quarto. Retirou o Diamante da sacola de boliche. Para sua grande satisfação, o Diamante entrou

certinho dentro do saco. Ele apertou a correia em torno da armadilha de pele de alce, dando um nó seguro. Colocou seus poucos artigos de toalete nos bolsos do cinto e depois encheu cuidadosamente o chifre para pólvora com algum dinheiro que estava na pasta — cerca de oito mil dólares.

Escondeu suas roupas velhas dentro de diversas caixas de vestimentas e entocou o saco de roupas e quatro mil dólares dentro da caixa CRIADA SUÍÇA. Enfiou a pasta — com uns cinco mil dólares lá dentro — dentro de uma prateleira com outras malas e valises pequenas. Depois recolocou todos os trajes que tinha desarrumado dentro de suas caixas adequadas.

Depois de arrumar a cama, ele pendurou a toalha úmida atrás do armário, após ter apagado com ela as impressões digitais.

Ficou imóvel por alguns minutos, ponderando sobre o que poderia ter esquecido. Com toda certeza, as vestimentas de homem das montanhas chamariam a atenção, mas, como Jean Bluer o tinha ensinado, o improvável exotismo é frequentemente o melhor disfarce. Além disso, a seriedade não precisava necessariamente comprometer o estilo.

Daniel adorou o caimento das calças de couro de gamo, a maneira com que os mocassins o colocavam em contato com o chão, o peso do Diamante sob o seu braço esquerdo, a impressão de levar uma raposa aninhada no alto do crânio. Sem a pasta e a sacola de boliche, ele sentiu-se mais leve. Mais despreocupado também, mas não leviano.

Ele desapareceu e saiu através do muro em direção ao norte. Um quilômetro mais tarde, reapareceu, virando para oeste, rumo à cidade. Ignorando os olhares curiosos, acenando quando alguém passava e gritava algo de dentro de um carro. Ele tentou recordar o que tinha lido sobre homens da montanha, suas histórias, seus nomes. Queria um nome que se adequasse a sua viagem. Ele escolheu Hugh Glass. Lembrava-se da história de Hugh Glass, que tinha rastejado quatrocentos quilômetros até o forte mais próximo depois de ter sido ferido por um urso cinzento. Força. Determinação. Tenacidade. Ele seria Hugh Glass.

Uma velha caminhonete empoeirada estava parada ao lado da bomba num posto Shell da esquina, enquanto um homem grisalho e arqueado a observava abastecer. Num impulso, Daniel perguntou se por acaso ele estava indo para o leste. Estava. Mas sua esposa e sua neta estavam com ele, se refrescando um pouco no banheiro, e eles iam tomar a autoestrada 50, que ele chamava de “a mais solitária estrada no mundo”, e só iriam até cinquenta quilômetros mais adiante, o que deixaria Daniel bem no meio de nenhum lugar e no

escuro. Mas, com os infernos, se ele não se incomodasse, era só pular na carroceria.

Daniel sentia-se cada vez mais leve.

O PRIMEIRO CADERNO DE JENNIFER RAINE
abril/saindo de Reno

A vida ainda é ótima.

Meu nome é Susanna Rapp. Conforme consta aqui na minha carteira de motorista, certidão de nascimento e passaporte. Rapp é uma antiga palavra alemã que significa 'jovem corvo' ou 'brilhante conselheiro ', dependendo do radical. Eu gosto mesmo de falar e Rapp soa forte. Susanna porque sempre gostei daquela música: "Oh Susanna, não chore por mim..." Ei, amorzinho, se eu estiver afim, eu choro. Muito embora não seja do tipo de mulher para o qual os homens façam serenata.

Quando Longshot levantou-se hoje de manhã, eu tive que lhe dizer que por mais que o amasse — o que é um bocado — eu tinha que seguir em frente. Contei sobre o encontro com o DJ no túmulo de Jim Badger. Longshot entendeu. E por ele ter entendido, por ele honestamente se importar, contei-lhe a versão curta da minha vida.

Quando eu acabei, ele disse:

— Eu não acho que você seja louca. Você é do tipo intensa, ardilosa, cheia de imaginação. Também já me aconteceu isso, para falar a verdade, mais de uma vez, e eu sempre consigo voltar.

— Como? — Imagine a minha impaciência.

— Bem, eu tenho uma espécie de método incomum. Funciona bem comigo, mas é do tipo combater o jogo com o fogo. Arranjo trinta gramas de branco, um carro veloz e vou dirigindo até Kansas City, então dou meia-volta sem parar e retorno. Espreme para fora as impurezas.

Vou te contar, o cara tem charme. E, como eu esperava que ele me pedisse para ficar, de preferência para sempre, fiquei um pouco deprimida. Mas, deixe-me dizer uma coisa, uma pequena depressão não é problema para uma mulher com quase duzentos mil dólares dentro da bolsa.

Primeiro, com a ajuda de Longshot (ele parece conhecer todo mundo), gastei cinco milhas numa nova identidade. Bateram minha foto,

tiraram as impressões do polegar e, uma hora mais tarde, eu era Susanna Rapp.

Comprei um Porsche púrpura novinho em folha. Setenta mil. Eu estava animada.

Eu me sentia muito bem comigo mesma para comprar roupas. Dez mil dólares — mas isso incluindo malas e sapatos.

Comprei para Longshot uma grande fivela de prata para o seu cinto com duas brilhantes córneas de plástico coladas. Gravado em volta das extremidades está escrito: "Os olhos do Texas estão sobre você."

Longshot disse:

— A melhor coisa em se estar louco é que se pode fazer coisas loucas.

De Longshot eu comprei trinta gramas de cocaína, trinta gramas de maconha e vinte Quaaludes[23] *— tudo por uma milha. Ele afirmou que, já que as drogas eram para fins terapêuticos, não recreativos, sentia-se honrado em vendê-las pelo preço de custo. Quando perguntei à queima-roupa se ele era um traficante de drogas, ele respondeu com aquele seu sorriso fácil:*

— Na verdade, não, apenas faço um estoque para os tempos difíceis, quando a qualidade se apresenta. Tiros ao longe não seriam tiros ao longe se eles sempre caíssem por perto.

No seu beijo de adeus havia verdadeira afeição. Disse que os seus braços estariam sempre abertos. Como dizíamos no colégio: "Isso é legal, ou não é?" Ele estava usando a sua fivela "Os olhos do Texas" quando acenou se despedindo.

Eu decidi que não podia gastar mil dólares em drogas sem gastar, pelo menos a mesma coisa, com Mia. Ela estava dormindo desde o seu pesadelo no estábulo. Tentei acordá-la para uma farrinha consumista de mãe e filha. Como não fui capaz de acordá-la, quase entrei em pânico. Mas pude ouvir as batidas do seu coração, lentas porém fortes.

Tentei imaginar o que ela estava sonhando, o que ela estava fazendo, mas não consegui entrar dentro dela. Acho que ela está em êxtase, talvez tentando ela mesma imaginar alguma coisa. Temos que imaginar uma à outra para nos alcançarmos, então talvez seja por isso que eu esteja bloqueada. Está tudo bem. Tenho que confiar nela para saber o que é melhor para ela.

Mas, naquele momento, pensei que ela estava morta, fiquei tão apavorada que o meu primeiro instinto foi levá-la para o hospital. É

quanto a isso que eu tenho que tomar cuidado — agir como se ela fosse real. É nessas horas que me meto em confusão. O terror me faz esquecer. A dor me faz esquecer.

Comprei para Mia uma manta de seda azul-claro incrivelmente macia e espessa, grande o bastante para uma cama de casal. Eu a cobri com ela no banco de trás, afofei os dois travesseiros de pelúcia iguais para acolchoar a sua cabeça.

Estou sentada dentro do meu Porsche no drive-in do Bugle Burger do Tio Bill, onde acabei de comer a metade de um Bugle Burger e bebi uma Pepsi grande e uma média. Como Longshot avisou, cocaína desencoraja a gula para qualquer coisa, exceto cocaína. Mas com certeza dá sede. Melhor comprar um engradado de água mineral antes de cair na estrada.

O meu novo traje oriental, uma blusa com zíper atrás e uma saia semiaberta, é feito de pura seda cor de creme, o corte solto e maleável. Meu chapéu de palha oriental tem abas largas, é arejado e leve com um arco-íris de fios de seda trançados em volta, as extremidades desfiadas pendem sobre meus ombros como uma cascata de cores. Estou calçando um desses malucos sapatos plataforma com um trevo de quatro folhas exposto em cada um dos saltos de plástico brilhante de sete centímetros. Mantém a sorte andando. Eu comprei também um conjunto preto e macio com um chapéu preto e véu para o encontro com o DJ no túmulo de Jim Bridger.

Agora, algumas buzinadas e a longa autoestrada para o Wyoming. Vai sobrar um bocado de drogas para o DJ. Já estou um pouco cansada delas. É assim que eu sempre fui — eu as adoro por algum tempo, mas depois fico cansada com o mesmo ponto de vista continuamente.

No meu mapa rodoviário, a I-80 parece a linha mais reta para o leste de Wyoming. Mas estou intrigada com a autoestrada 50, ela parece tão estéril no mapa que tem bastante espaço para se escrever: "Autoestrada 50, a Mais Solitária do Mundo." Aquilo soava como atração turística para exploradores do espírito, que é também uma rodovia solitária. A partir da 50, eu posso atravessar para o norte de Wyoming. Uma diferença de algumas horas. Se o DJ for sério, ele vai esperar. Se ele não estiver lá, ficarei tão inconsolavelmente louca que vou dar uma chance à cura de Longshot e combater o fogo com o fogo, voando até Kansas City e zunindo de volta. Eu voltarei. Mas agora preciso ir.

FOGO

Caverna tenebrosa. Ao centro uma caldeira que ferve em profusão.

SHAKESPEARE, *Macbeth*, IV. i

A MENTE é uma lua cheia elevando-se sob a chuva cálida da primavera.

Daniel sentia-se cada vez mais e mais leve, apesar de a chuva estar encharcando seu couro de gamo, apesar do Diamante no seu saco que parecia ficar trinta gramas mais pesado a cada 15 minutos, mais e mais leve até o ponto de pensar que podia, na verdade, estar se elevando com a lua. Ele estava em pé onde a sua carona desde o posto Shell em Reno o tinha deixado. O velho se desculpou por não poder convidá-lo para passar a noite, mas o espaço era pouco com a neta e tudo mais, e a patroa não gostava muito de forasteiros.

Daniel tinha lamentado também. A neta não era nenhuma criancinha, mas uma ruiva escaldante de 19 anos capaz de deixar qualquer um de joelhos. Daniel tinha compreendido pela breve conversa, enquanto esperavam as mulheres voltarem do lavatório, que ela fora mandada para a fazenda desolada do avô porque tinha ficado doida por um menino em Santa Rosa. Duas vezes durante o percurso, ele tinha apertado a mão contra o vidro traseiro da cabine molhado pela chuva, numa inconsciente tentativa de tocar nos seus cabelos. Sentiu-se extremamente tentado a desaparecer, sentar sobre o painel e apenas ficar olhando para ela. Ele resistiu, amaldiçoando a sua força.

Agora, enquanto olhava a lua se elevando, tentou imaginar o que ela estava sentindo a quilômetros dali e teve uma sensação de estranho prazer, a fricção entre as suas coxas apertadas à medida que o banco da velha caminhonete vibrava descendo pela estrada de terra. Aquela sensação o fez sentir ainda mais leve.

Piscando contra a chuva, ele observou a lua enodoada subir como uma majestosa inevitabilidade tão erótica que quis desaparecer. Sentiu uma receptividade poderosa e mútua abrindo-se lentamente na chuva enluarada e morna, uma chuva tão cálida para Nevada no mês de abril, tinha dito o velho, que ele mal podia acreditar. Ele acreditava. Daniel acreditava que, se desaparecesse, poderia subir com a lua, sair flutuando através do topo do seu crânio e se juntar à constância da lua, sua firmeza, sua luz. Ele estava se

preparando para desaparecer quando um ruído baixo e sensual interrompeu a sua concentração.

O Porsche púrpura passou num piscar de olhos, mas um piscar de olhos era suficiente para vislumbrar a mulher surpreendente que estava ao volante. *Pare*, pensou, enquanto o brilho das lanternas traseiras esvaneciam sob a chuva.

Quando o carro estava quase fora de vista, ele percebeu o brilho repentino das lanternas de freio. Daniel correu em direção ao carro, esperando que o que ele tinha visto dela num relance não fosse uma miragem distorcida pela chuva sob o luar.

A mente é uma miragem com água de verdade.

Quando alcançou a porta do carro e curvou-se para olhar lá dentro, sua beleza lhe tirou o fôlego. A porta estava trancada.

Ela inclinou-se sobre o banco — para destrancá-la, ele esperava —, mas apenas baixou um pouquinho o vidro.

Ela o examinou por um instante e então disse:

— Você é Jim Bridger?

Poderia também ter dito: *Agora você está apaixonado por mim.*

— Não, dona, não sou — disse Daniel com a fala arrastada de um caçador de castor —, mas eu conheci o menino Bridger mais novo nos descampados da montanha. A verdade é que ele e aquele inútil do John Fitzpatrick me deixaram na montanha para morrer. Eu seria devorado sem piedade por uma ursa cinzenta. O Código da Montanha diz, para ficar onde está seguro, mas o menino Bridger e o idiota do Fitzpatrick estavam agitados por causa de uns índios saqueadores ali por perto, então me deixaram para que morresse. Isso não era tão mau, mas eles levaram meu rifle e minhas coisas com eles. Tive que sobreviver com o que os lobos deixavam sobre as carcaças de búfalos, e tinha que brigar com os abutres por isso. Estava com uma perna quebrada e uma ferida exposta nas costas, então eu tinha que me mover com as mãos e os joelhos. Fazia curativos usando o couro ressecado dos búfalos. Quatrocentos quilômetros até o forte Kiowa, e a única coisa que me fazia prosseguir era a vingança. Você devia ter visto a cara daquele menino Bridger quando me viu rastejando através do portão, como se eu fosse um pesadelo virando realidade, vindo para cobrar.

A mulher inclinou-se mais junto à brecha da janela.

— Você o matou?

Daniel, curvando-se para perto para ouvir a pergunta, sentiu a fragrância de canela no seu hálito.

— Não, dona, não o matei. A vingança é uma poderosa fascinação até chegar a hora de puxar o gatilho. Então é justiça superficial, medíocre assassinato. Agora, não me entenda mal. Eu não os matei, mas também não os perdoei. Bem, para falar a verdade, eu perdoei o menino Bridger um pouco. Ele era inexperiente, não tinha ainda apreendido os pontos importantes do Código. Ele acabou virando um autêntico homem da montanha. Velho Gabe, foi assim que ele ficou sendo chamado. Fitzpatrick, no entanto, esse continuou inútil e sem perdão.

A mulher perguntou:

— Quando foi isso?

Daniel olhou para a lua de soslaio.

— Deve ter sido em mil oitocentos e quarenta e cinco, quarenta e seis, por aí.

— Isso foi há cento e quarenta anos.

Daniel sorriu para eia.

— Só se você fizer muita questão de precisão.

— Mas você não podia estar vivo nessa época.

Daniel agachou-se de modo que ficassem cara a cara. Ele disse, com descuidada convicção:

— Dona, eu posso estar onde eu quiser, basta eu saber quem sou.

— Entre — convidou Jenny destrancando a porta.

Daniel agradeceu.

Jenny o observou enquanto ele entrava e se instalava, depois perguntou:

— Você conhece o DJ, o cara do rádio?

— Não ligo muito para essas coisas modernas, mas eu ouvi um cara de nome David Janus num programa chamado *Momento da Verdade*, tudo sobre a mente, e esse David Janus parecia ter perdido os remos em alguma corredeira, se você entende minha divagação.

— O que ele disse sobre a mente?

Daniel, surpreso, foi lento na sua resposta.

— Tantas coisas. Mas acho que o principal foi que a mente é tudo que você pode pensar sobre ela.

Jenny concordou.

— O DJ, quando você o ouviu?

— Deixe-me ver. Duas noites atrás, indo para Reno.

— Eu sabia que ele estava por perto — sorriu Jenny. — Eu devo encontrá-lo no túmulo de Jim Bridger, a leste de Wyoming.

— Você poderá encontrar um *forte Bridger* lá, próximo do rio Green, mas eles não enterraram o velho Gabe no lugar ao qual ele pertencia. Embarcaram o seu corpo de volta para Saint Louis. Eu não sei, mas acho que deve ser duro ficar em paz sob o solo da cidade. Todo aquele alvoroço, trânsito e trepidação. — Essa informação sobre as suas leituras juvenis tinha mexido particularmente com ele.

Jenny avaliou-o com o olhar.

— Quem é você? — perguntou ela.

— O meu nome é Hugh Glass, dona.

— Não, não é — disse Jenny. — Tire esse chapéu de raposa.

Daniel o retirou, virando-se na sua direção.

Eles se olharam, ambos temendo que começassem a tremer.

Jenny disse:

— Você é um jovem como eu, uns vinte anos apenas.

— Meu nome é Daniel Pearse. — Ele se sentiu um pouco tonto falando o seu próprio nome.

— Eu sou Jennifer Raine — apresentou-se Jenny. — Susanna Rapp se alguém perguntar.

— Eu devo entender que nós compartilhamos o status de fora da lei na cultura?

Jenny aprumou a cabeça, sorrindo, a fita de arco-íris no seu chapéu resvalando sobre o seu ombro esquerdo.

— E eu devo entender essa mudança radical na dicção e na voz como uma indicação de franqueza?

— Por favor, sim — pediu Daniel.

— Eu não tenho certeza do *que* eu sou — desabafou Jenny. — Escapei de um hospital para doentes mentais na Califórnia, ganhei duzentos mil dólares ontem à noite em três lances de dados e aqui estou, sem saber ao certo para onde estou indo. Mas é estranho... um pouco antes de eu ver você olhando para a lua, eu estava pensando no que eu sou. Não *quem*... eu vou cuidar *disso* daqui a pouco... mas o quê. O que eu *sou.* Por ora, sou uma poeta aprendiz e uma Amante da Fortuna. Não um *Soldado* da Fortuna. Uma amante. E suponho que isso faça de mim uma fora da lei fronteiriça.

— Você se esqueceu de outra coisa que você é — observou Daniel.

Cautelosamente, Jenny perguntou:

— O quê?

— Uma mãe. A menos que você tenha sequestrado aquela menina embrulhada ali atrás.

Jenny o encarou, aterrorizada e aliviada.

Temendo tê-la ofendido, Daniel disse rapidamente:

— Se você esta me oferecendo uma carona... e eu a *aceito*... vamos concordar em respeitar os segredos necessários.

Jenny alcançou a sua mão esquerda e a ergueu, apertando-a suavemente com a dela.

— Ela é a minha filha — disse com a voz rouca —, mas, Daniel, ela é imaginária. Ela é a minha filha *imaginária*. Como você pode vê-la?

— Eu não sei — respondeu Daniel. Ele achou que ia desmaiar. Ela apertou com mais força a sua mão. — Eu a vi envolvida por aquela linda manta quando entrei no carro e ainda a vejo agora. Com certeza, tenho muita imaginação, mas nunca experimentei nada como isso antes. — Então ele se lembrou de que podia ver a chama espiral dentro do Diamante quando estava invisível, e acrescentou: — Bem, existe algo parecido.

— Você consegue imaginar a minha filha imaginária? É isso que você está dizendo?

— É. Mas provavelmente só porque você concordou.

Jenny largou a mão dele e alcançou a maçaneta do seu lado. Quando abriu a porta, ela olhou de volta para Daniel e disse:

— Chega mais, marujo.

Ele a seguiu por cerca de vinte metros do carro até a vegetação discreta do deserto. Ela lhe disse para parar. Ele parou. Ela andou mais uns dez metros e então virou-se e o encarou. Ela chutou seus sapatos com trevos de quatro folhas. Tirou o chapéu e sacudiu seus cabelos de um louro escuro, a cor do açúcar um pouco antes de queimar. Ela disse:

— Diga-me o que está vendo — e deu meia-volta, habilmente abrindo o zíper da saia às suas costas, graciosamente deixando-a cair com um meneio dos quadris. Sobre os ombros, Jenny disse sem demora: — Daniel, o que você *vê*?

— Eu vejo — começou Daniel, a voz tremendo — uma cicatriz na base da coluna, no formato de um relâmpago, e vejo uma linda mulher, os ombros molhados pela chuva, que eu quero tanto abraçar que não consigo impedir a minha voz de tremer.

Jenny virou-se.

Se não fosse pelo peso do Diamante, que agora parecia estar ganhando trinta gramas a cada cinco minutos, Daniel teria levitado. Ele a observou delicadamente tocando em si mesma, a testemunha enluarada das suas coxas expostas, a chuva escorrendo pelos bicos tensos dos seios. Ele viu a nudez além da carne. Seus olhos prometiam o que juntos eles já sabiam: destemida ânsia, destemida confiança. Ele queria se entregar à oferta com todo o seu ser, os corações batendo um junto ao outro, respirando-se um ao outro. Embora sentisse seu consentimento com serena nitidez, luz sem sombra, ele estava emudecido.

Mas Jenny não. Ela fez um gesto em direção ao Porsche e disse para ele:

— Traga a manta da Mia para cá.

Quando Volta chegou em casa, esvaziou toda a sala de estar, exceto a mesa com tampo de bordo e uma almofada para sentar enquanto estivesse trabalhando. Ele colocou o aquário na sua direção, no lado oposto da mesa. Terminou de ouvir várias mensagens — nada de urgente — e desligou o gravador. Apanhou uma caneta e um bloco de papel e começou a compor a sua carta de demissão da Estrela. O peixinho dourado estava nadando selvagemente em volta do aquário.

Num impulso, Volta deu um pulo e correu até o quarto. Quando retornou, alguns minutos depois, vestia apenas a sua capa de mágico, de seda azul aleatoriamente decorada com pequenas estrelas douradas, as fases da lua adornadas nas costas e em cada manga. Sentando-se com as pernas cruzadas sobre a almofada, ele segurou o aquário na concha das mãos. O peixe dourado dava volta pelas margens de vidro do aquário, não menos freneticamente. O peixe reduzia gradualmente a velocidade enquanto Volta o observava. Com um ligeiro movimento de cauda, ele nadou até o centro do aquário e parou, suspenso, as nadadeiras agitando-se imperceptivelmente. Volta podia sentir o Diamante condensar-se na mente de Daniel.

A mente é a luz da sombra que ela busca.

Quando acabaram de fazer amor, Daniel e Jenny rolaram sobre as costas na manta de seda azul e deixaram a chuva leve e tépida cair sobre seus corpos. Daniel nunca se sentira tão limpo.

Meia hora mais tarde, sem uma palavra, eles começaram a juntar suas roupas ensopadas. Jenny sacudiu a água da chuva de seu chapéu de palha. A

cascata desfiada de linhas coloridas havia se transformado num cordão sombrio. Ela pegou a seda com o polegar e o indicador e separou o úmido do encharcado com um sorriso que seduziu Daniel no seu doce contentamento.

Mas Daniel não sorriu quando apanhou o seu saco. Alguma coisa não estava certa. O Diamante tinha duplicado o seu peso — se não fosse isso, a bolsa de couro de búfalo tinha se embebido de cinco litros de água. Ele queria tirar o Diamante para fora e examiná-lo, mas não podia se arriscar comprometendo-a. Tinha decidido pedir a ela para esperá-lo no carro enquanto ele resolvia alguns negócios necessariamente particulares, quando a luz desapareceu e a chuva parou.

Jenny tinha jogado a manta úmida sobre os ombros de ambos. Ela pôs a mão sobre o peito, bem acima do coração, a ponta de um dedo quase tocando o seu mamilo, e sussurrou:

— Vamos fingir que somos um fantasma duplo, dois espíritos que se transformaram um no outro... não em *um* só, entende, mas dois que criaram um ponto de união através do qual suas forças se juntam.

Daniel colocou o braço em volta da sua cintura e apertou-a contra si. Ele perguntou suavemente:

— Você quer brincar de mentirinha ou para valer?

Jenny murmurou:

— Você não sabe como me faz feliz ouvir você dizendo isso. Mas, Daniel, olhe para nós: amantes nus sussurrando coisinhas meigas sob uma manta de seda encharcada na vegetação agreste, tendo se conhecido uma hora atrás com falsas identidades e verdadeiros corações. Nós somos loucos, Daniel, loucos tentando aperfeiçoar suas loucuras. Seríamos infiéis a nós mesmos se não imaginássemos algo para o nosso duplo fantasma fazer.

— Eu adoro a sua maneira de falar. — Daniel aninhou-se nos seus cabelos molhados.

— Então, o que deveríamos fingir?

— O que quer que o seu coração desejar — sussurrou Daniel.

— *Não* — disse ela, tão rispidamente, que Daniel se afastou. — Temos que imaginar isso juntos. É essa a diversão, a importância disso.

Daniel entendeu exatamente o que ela queria dizer, entendeu como a imaginação solitária não conseguia imaginar a si mesma. Talvez fosse isso que Volta estivesse tentando lhe dizer.

— Vamos fingir — propôs Daniel — que o nosso fantasma duplo foi temporariamente ofuscado pelo prazer. Sem olhar, ele tem que encontrar um

Porsche vermelho com a filha imaginária de Jenny e Daniel adormecida no banco de trás. Eles podem confiar unicamente nos seus outros quatro sentidos, seus instintos e sua imaginação conjunta.

Jenny disse:

— E se eles acharem o carro e a filha, seus fantasmas unidos se separarão em seus assentos, mas permanecerão nus, seguindo pela estrada solitária como Amantes da Fortuna fora da lei até a lua se pôr. Eles só conversarão um com o outro se isso for necessário para manter a junção aberta. Senão, eles ficarão em silêncio, tentando apenas imaginar um ao outro e o que a manhã poderá trazer.

— Livres para imaginar qualquer coisa — acrescentou Daniel.

— Sim — disse Jenny. — Qualquer coisa.

— Você *é* a Fortuna — falou Daniel para ela.

— Meu nome é Jennifer Raine, Susanna Rapp, Goldie Hart, Emily Dickinson, Malinche, Cabeza de Vaca, Cinderela, Lao-Tzu, Mia, Longshot, Daniel Pearse.

O riso de Daniel foi abafado pela manta dobrada.

— Vocês aí já juntaram todas as suas roupas de modo que este fantasma possa iniciar a sua busca?

— Eu tenho meu chapéu e meus sapatos. Vou deixar a roupa onde ela caiu.

Seus mútuos fantasmas planaram silenciosamente de volta para a autoestrada. Sem falar, Jenny dobrou a manta enquanto Daniel torcia as suas calças de pele de gamo e as enfiava debaixo do banco da frente do Porsche junto com o chifre de pólvora. Manteve o saco com o Diamante ao lado dos seus pés. Jenny sentou-se ao volante e deu a partida no carro. Ambos estavam nus, brilhando com a água da chuva. Daniel deu uma olhada em Mia no banco traseiro. Os olhos dela estavam abertos, porém fixos em algum ponto distante dentro dela mesma.

— Jenny — disse Daniel —, Mia está em transe.

Com seus olhos na estrada, Jenny assentiu.

— Eu sei, acho que ela está procurando alguma coisa, alguma coisa que eu não entendo. Mesmo as filhas imaginárias têm vidas próprias.

Daniel não disse nada.

Jenny virou-se para ele:

— Você sabe o que Mia está fazendo, o que está procurando?

— Não. Não tenho a menor ideia. Mas posso tentar alcançá-la se você quiser.

Jenny pensou por um instante:

— Tudo bem, se você quiser.

Daniel tentou se imaginar entrando na mente de Mia. Instantaneamente, uma impressão de perigo apoderou-se dele. O perigo não possuía forma, embora conseguisse discernir suas linhas, uma vaga configuração de um rosto. Daniel concentrou-se nas feições esboçadas a partir da vaga sugestão. Volta. Daniel ficou desnorteado.

— Diga-me — pediu Jenny. — Eu quero saber.

— Eu vi o rosto de um homem chamado Volta. Você o conhece? — disse Daniel.

— Não.

— Eu sim, intimamente. Ele me livrou de um estado de coma certa vez, entrou no meu espírito. Talvez esteja tentando novamente, e está se ampliando através de Mia, porque nós unimos nossa imaginação. Ou pode ter sido mera projeção da minha parte, um reflexo da parede de espelhos protegendo o transe de Mia. Mas a minha impressão da imagem de Volta foi de perigo, verdadeiro perigo. Você vê ou sente algo parecido?

— Não — respondeu Jenny —, mas sinto isso em você.

— Provavelmente com razão — concordou Daniel.

Jenny disse tranquilamente:

— Tenho a impressão de que possa ser um segredo, mas eu gostaria de saber o que tem no seu saco.

— Não posso contar. Se o fizesse poderia colocá-la em perigo sem razão.

— Aprecio a sua consideração — observou Jenny —, mas estamos sempre correndo riscos fatais. A vida não seria magnífica sem isso.

Com toda a franqueza que conseguiu reunir, Daniel disse:

— Jenny, eu te amo.

— Ohhh. — Havia um misto de riso e lamento na sua voz. — Menino de fala macia. Mas ame a *nós*, também, Daniel, o que nós somos juntos.

Eles ficaram em silêncio durante cem quilômetros, até que Jenny, já freando, sorriu e arqueou as sobrancelhas.

— Outra vez?

Daniel suspirou.

— Jenny, tenho que lhe dizer que no meu passado... que não é muito extenso... nunca fui capaz de ter um orgasmo com a mesma mulher por duas

vezes.

Jenny, encostando o carro na lateral da estrada, disse:

— Não se pode atravessar o mesmo rio duas vezes.

— Não tenho certeza se eu entendi — falou Daniel.

— Eu mudo. Você muda. A mudança muda. Por que recear que as coisas mudem? Não é para ser assim. Mesmo que se tenha que ser louco para apreciar o quanto isso é magnífico.

— Uma mulher chamada Charmaine dizia que eu me amava mais do que essas mulheres.

Jenny abriu a porta e saiu nua do carro. A chuva tépida tinha se transformado numa enevoada garoa. Ela apanhou a manta dobrada no banco de trás.

— Vamos, marujo — disse ela para Daniel com um ardor brincalhão na voz. — Vamos atravessar o rio. Aposto o seu amor contra cinquenta mil dólares como nós conseguimos atravessar novamente a majestosa corrente, eu e você, juntos.

O amor ganhou fácil. Muito fácil.

Tão fácil, que Daniel se deu conta de que estava em perigo. Quando eles planaram de volta para o Porsche, Daniel levantou o saco. O Diamante tinha quase quadruplicado o seu peso sem mudar de tamanho.

Os sessenta quilômetros seguintes eles viajaram em silêncio. Daniel inclinado para trás, tentando imaginar o que tinha acontecido com o Diamante. Estava com medo de olhar, com medo de pedir a Jenny para estacionar a fim de que pudesse afastar-se com ele e dar uma olhada particular. Ele pressentia o que iria ver: o Diamante se preparando para abrir. Rapidamente, com uma certeza esfarrapadamente alegre, a escolha de Daniel tornava-se uma decisão entre Jenny e o Diamante.

A mente, lembrou-se Daniel, não é nem, nem ou.

A mente é um íngreme desfiladeiro.

Daniel apertou o ombro nu de Jenny. Ela virou ao ser tocada, sorrindo interrogativamente. Daniel apontou para o acostamento da estrada.

— *Outra vez?* — disse ela, o prazer superando a sua tentativa de incrédulo desdém.

— Quero casar com você — afirmou Daniel. — Aqui e agora.

Jenny já estava encostando o carro.

Quando iam parando, Daniel disse:

— Você apanha o vestido de noiva, eu conseguirei o anel.

Eles andaram nus pelo deserto, a manta dobrada sob o braço de Jenny, o saco balançando sob o ombro de Daniel, os braços livres envolvendo as cinturas, até acharem uma clareira na vegetação agreste. A neblina que se enovelava sob o luar estava mais clara agora que as nuvens de chuva haviam se dissolvido. Jenny estendeu a manta de seda ainda úmida na clareira, alisando-a com as mãos. A cicatriz em forma de relâmpago na base da sua coluna cintilava ao luar. Daniel ajoelhou-se atrás dela e beijou a cicatriz assustado e excitado pelo seu calor nos seus lábios.

Jenny virou-se para ele, os olhos ardendo sob as lágrimas:

— *Eu não me importo* — disse ela apaixonadamente. — *Eu não me importo* se você não for real.

— Você se importa se for tão perigoso que pode matar nós dois?

— A vida é ótima.

— Então, querida amada — entoou Daniel, removendo o Diamante do saco —, com esse anel eu te tomo por esposa. Posso beijar a noiva agora?

Jenny, os olhos fixos no Diamante, murmurou:

— Num instante.

Ambos olharam fixamente para o Diamante. Daniel viu imediatamente que o fulgor estava mais brilhante — não mais cintilante, na verdade, porém mais agressivo. Ele precisava desaparecer para ver por dentro.

Jenny pôs a mão sobre a sua perna.

— Fale — disse ela.

Daniel olhou para ela e disse da maneira mais clara e direta que podia:

— Eu te amo.

Jenny jogou para trás os seus cabelos e riu olhando para a lua.

Perplexo, Daniel disse:

— Não é isso que você queria saber?

Jenny parou de rir, mas não conseguiu reter o sorriso enquanto agitava a cabeça. Ela retirou o Diamante das suas mãos e o colocou na extremidade da manta, a luz do Diamante e a luz da lua tremulando sobre a pálida seda azul como se ela fosse um lago num alto prado da montanha.

Jenny virou-se para Daniel, que estava ajoelhado na sua direção. Ela o envolveu com seus braços e o puxou mais para perto, sussurrando:

— Eu aceito. Eu aceito, na enfermidade e na saúde. Na vida e na morte. Loucura e folia. Até partirmos e após partirmos e aqui mesmo e agora mesmo. Eu aceito.

— Tenho que lhe dizer algumas coisas.

— Não, não tem — garantiu Jenny.

— Eu posso desaparecer — disse Daniel para ela, esperando que ela entendesse que ele tinha que lhe contar, que devia isso a ela.

— Não desapareça — murmurou ela junto ao seu ombro, a língua passeando pela sua clavícula. — Se você desaparecer, não serei capaz de senti-lo dentro de mim, não poderei sentir aquelas coisas que nós só podemos sentir juntos.

— Lá tem algo que eu preciso conhecer, algo que tenho a intenção de entender — disse Daniel.

Jenny desfez o seu abraço e, no mesmo movimento, acomodou-se sobre a manta. Seus olhos sustentavam o lampejo de um alegre desafio.

— Daniel, eu quero que você busque o que você pensa que precisa encontrar, veja o que tem a intenção de contemplar. Um casamento é isso. Mas primeiro, Daniel, antes que você parta com seu lindo cavalo branco, dragões a serem mortos, donzelas a serem salvas, graals em abundância, quero ter certeza que você entendeu o básico.

Ela virou para o lado e esticou a manta. Quando Daniel deitou ao seu lado, ela tocou na sua face. Com a voz grossa, Jenny disse:

— Você entende isso?

— Entendo — gemeu Daniel, fechando os olhos.

— Olhe para mim, Daniel — disse Jenny com vigor. — Olhe dentro dos meus olhos. Você está me vendo?

— Eu não sei — respondeu Daniel. — Eu não sei mais quem eu estou vendo.

— Se você não pode me ver, Daniel, nunca verá você mesmo. — Ela o enlaçou com o braço. — Venha, vamos procurar um ao outro.

Daniel a segurou firmemente. Ele sorriu para ela e, repentinamente, enfim, relaxou.

— Senhora Pearse, será a alegria da minha vida consumar nosso casamento, mas tenho que te pedir primeiro uma outra promessa: se alguma coisa vier a me acontecer, se eu desaparecer e não conseguir voltar imediatamente. Eu quero que você leve o Diamante... seu anel de noivado... e jogue-o dentro de qualquer grande volume de água que escolher. Ou em qualquer lugar improvável de vir a ser achado. É roubado. Eles matarão você para recuperá-lo. Não o mostre a ninguém.

Jenny suspirou furiosamente:

— *Feito.* Agora vamos imaginar alguma coisa real... um ao outro.

Lentamente, no início, banhados pela luz do Diamante e da lua, enevoados pelos fios soltos da neblina remexida pelos seus gritos, eles imaginaram um ao outro, os afluentes de um rio unidos para mergulhar no mar.

Quando pararam de rir, tremer, gritar e se beijar, Jenny disse:

— Vou descansar o meu corpo. — Ela se aninhou junto a ele, a cabeça sobre o seu peito.

Daniel a trouxe para mais perto, mas ele não estava ali. Mesmo com os olhos fechados, podia pressentir a luz do Diamante se intensificando. Tinha que confiar na sua compreensão, confiar em si mesmo. Ele olhou acima do ombro para o Diamante, concentrou-se no seu centro e desapareceu.

O Diamante não.

Mas, por um instante, Daniel pensou que ele tinha desaparecido com ele. Podia ver a chama no interior, mas não era a flama espiral que sempre via antes. Como se comprimida pela crescente densidade do Diamante, a chama condensou-se em direção ao seu centro, retesou-se até virar um ponto volteante, a crista visível de um vórtice solar, um calor tão intenso que vaporizava os ossos. Mas Daniel não tinha corpo para queimar.

Ele se lançou na direção do centro rotativo. E, quando foi varrido por cima do limite, chupado através do vórtice e para dentro da fornalha solar, jogado dentro da Forja do Diamante, Daniel aprendeu o que queria saber.

Ele era um deus. Ele era Hermes, Thoth, Mercúrio; o profeta Hermes Trismegisto. Ele tinha aceito o nascimento para revigorar a sua compaixão pela alma humana.

Sentia-se alegremente liberado. Tinha conseguido voltar! O Diamante era a sua porta de saída, o amor, a chave que abria a tranca. Acima como embaixo. A junção da pedra. Ele abençoou a sua mãe por lhe permitir seu útero e por deixá-lo procriar a si mesmo. Ele ouviu o grito dela no seu interior. "*Fuja, Daniel!*" mas não havia mais lugar para ir, não havia fuga possível. Ele abençoou seus mestres, seus amigos, suas amantes — Jenny especialmente, Jenny sua esposa. Ele ouviu Volta entoando um cântico profundo dentro dele: "*Vida, vida, vida, vida.*" Abençoou Volta pela sua sábia ajuda, embora soubesse que ele não entenderia. Bramindo para cima no vórtice solar, Daniel riu. Tudo era vida. Sem níveis ou dimensões. Nem mesmo os deuses podiam escapar. Ele cruzou os braços sobre o peito, fechou os olhos e se deixou levar, desaparecendo dentro da Luz do Diamante para sempre.

Volta sentou no chão com as pernas cruzadas, o aquário dentro das mãos, sua imaginação fixa em Daniel. Ele sentiu Daniel entrar no Diamante, a alegria da sua entrega. Volta girou com suavidade:

— Não, Daniel. Oh, não, pobre Daniel. Mais um espírito lindo e enganado, consumido por poderes confundidos com os seus próprios.

— Delicadamente, Volta colocou o aquário sobre a mesa. O peixe dourado começou languidamente a bater as nadadeiras circulando dentro do aquário. — Ahhhhh — lastimou Volta —, vai. — Daniel tinha feito a sua escolha, se podia se chamar de escolha, como uma gota de chuva escolhe onde cair, e o rio correr. Conceda a Daniel sua escolha e chore a sua perda. Viva a vida e se recorde do morto. Volta ficou em pé e andou rapidamente até a porta. Ele precisava do ar límpido da noite, da lua e das estrelas reais.

Quando Volta abriu a porta, Shamus apontava uma pistola diretamente no meio dos olhos dele. Ambos ficaram paralisados. Shamus segurava a pistola com a sua mão boa. Uma arma pequena automática. Engatilhada. A mão deformada pela cicatriz estava erguida na altura do ouvido, seu polegar dobrado formando uma boca tosca.

Com uma voz calma e regular, Shamus disse:

— Ande devagar para trás e entre em casa, mantendo seus braços estendidos no nível dos ombros. Dedos esticados e a palma na minha direção.

Volta recuou cuidadosamente até o centro da sala. Shamus o seguiu, mantendo a mesma distância, a pistola firme na testa de Volta. Com um chute, ele fechou a porta atrás de si.

Volta ficou bambo quando a mão cicatrizada disse com um som estridente no ouvido de Shamus, uma voz totalmente diferente da voz de Shamus.

— Faça-o ficar nu. *Nu.*

— Tire a sua capa — ordenou Shamus.

— Não — disse Volta.

— Mate-o — urgiu a mão. — Agora. Sem mais nenhuma palavra.

— Faça isso — concordou Volta. — Assim você nunca saberá quem o traiu. Eu esperava, visto o seu trabalho com Jacob Hind, que você decifrasse Alex Three. Você foi mais rápido do que eu previa.

— *Vigie ele!* — alertou a mão de Shamus.

— Você admite que passou a informação para a CIA? — disse Shamus friamente.

— Sim. Relutantemente, fui solicitado.

Shamus esbravejou:

— A porra do Daniel.

— Dei a minha palavra de honra que não revelaria a fonte.

— Você deu, é? — escarneceu Shamus. — Que honra poderia ter você, nos delatando para a CIA?

— Fui forçado a agir num prazo extremamente curto. A CIA era a melhor escolha.

— Quem lhe contou? — A pistola tremeu na mão de Shamus. — Você me conta senão eu arranco à bala pedacinhos de você até que o faça. Tudo o que quero de você, Volta, é o que eu mereço... a verdade.

Volta olhou dentro dos olhos de Shamus por cima do cano da pistola.

— Annalee o traiu.

Shamus ficou pálido. Sua mão destroçada berrou nos seus ouvidos:

— Mate-o, mate-o, *mate-o*... ele está fodendo com as suas ideias!

Volta falou diretamente para Shamus, que o estava encarando, chocado.

— Lamento, Shamus. Acredito que todos merecem a verdade, mas prometi a Annalee que nunca contaria a ninguém, *nunca*, a menos que a minha vida dependesse disso. Eu disse a ela que não morreria para proteger sua traição.

Shamus encarava Volta, ignorando a mão cicatrizada murmurando no seu ouvido. Volta calmamente fixou o olhar de Shamus, que piscou ligeiramente, seus lábios se retraindo num sorriso doentio. Um músculo contraiu-se bruscamente na sua face, e outra vez; e então, como se o espasmo tivesse acionado seu sistema nervoso, seu corpo inteiro começou a tremer. Volta pressentiu que Shamus sabia que aquilo era a verdade. Apesar de achar que Shamus merecia a verdade, ele também compreendia que essa era uma verdade à qual Shamus não poderia sobreviver. Como Volta entendeu perfeitamente, aquilo significava que ele também não sobreviveria, a menos que conseguisse chocá-lo até o ponto de paralisar os seus sentidos. Mas, claramente, havia dois Shamus, a mão que segurava a pistola e a outra mão, abominavelmente desfigurada pela prata fundida.

O rosto de Shamus se contorceu.

— *Nunca!* — gritou ele. — *Não!*

Volta disse suavemente:

— A verdade.

— É um truque, um truque, um truque — a mão uivou no ouvido de Shamus.

— Eu *sei que é*, pô — Shamus gritou para a sua mão. Ele começou a andar de trás para a frente, mantendo a arma dirigida para Volta. Shamus e a sua mão estavam sussurrando, mas tão baixo e truncado que Volta não conseguia distinguir sequer uma palavra. Ele procurava um lapso na percepção de Shamus, um ponto de fuga, um movimento a se fazer. Falhando nisso, ele poderia tentar acertar um golpe certeiro e despedaçante no espírito de Shamus que o faria aceitar a verdade. Quanto mais Shamus andava, ficando mais descuidado com a arma, mais Volta apreciava as suas chances.

Ele as apreciou muito menos quando Shamus parou de andar e ergueu lentamente a arma até que o cano encostou pesadamente na testa de Volta. Esbravejando, Shamus disse:

— Seu filho da mãe *insensível.* Seu monte de merda *covarde.* Você pensa que sou estúpido? Eu *sei* que Daniel foi o traidor. Ele passou a informação para você, você a passou para os federais... fica quietinho aí... e agora, com o seu lendário espírito de honra, você está protegendo Daniel. É uma excelente manobra, realmente. Você admite que nos delatou para a CIA, mas alega que foi por solicitação de uma corajosa e admirável mulher que está... felizmente para você, dolorosamente para mim... morta. Morta pela traição do seu próprio filho e pela devassa cumplicidade do seu futuro mentor que anteviu grandes possibilidades para uma alma tão envenenada. Se estou interpretando corretamente as poucas confidências que ouvi, seu prêmio de graduação nas artes negras agora traíram você. Eu sempre senti isso em Daniel... uma impressão de que ele só encontraria perdão no esquecimento.

— E assim foi — disse Volta. — Mas ele não estava buscando perdão. Estava buscando além do pecado e do perdão, e não conseguiu voltar.

— Ora, ora — comentou Shamus zombeteiramente —, que conveniência. Agora, as únicas pessoas que poderiam ter lhe contado estão...

Volta o interrompeu bruscamente:

— Shamus, pense com clareza. Daniel está morto. Por que eu não lhe diria o que você precisa acreditar, que foi Daniel quem o traiu? Por quê?

A mão de Shamus balbuciava nervosamente no seu ouvido:

— Não caia nessa, ele está fodendo com as suas ideias, ele tem gestos, modos e ardis, não o ouça, não o deixe...

Shamus, o olhar confuso fixo no rosto de Volta, disse:

— Por quê?

Volta respondeu:

— Porque a única maneira de você se curar é através da verdade. E porque eu respeito você, e porque agora estou livre para poder ajudar. Annalee o traiu. Essa é a verdade.

Shamus manteve o cano contra a testa de Volta.

— Seu filho da puta cruel. Você sabe que vai morrer e, muito embora não faça mais diferença, não deixará o que me restou dela imaculado.

— Eu tenho a prova — disse Volta.

— *Estoura os miolos desse safado!* — protestou a mão cicatrizada. — *Faça-o agora! Não o escute. Não.*

Volta prosseguiu, voz calma e precisa:

— Annalee ligou para mim uma hora depois de deixar o seu apartamento no dia planejado para a tentativa. A sua ligação entrou num número de acesso dourado, e toda ligação de acesso dourado é automaticamente gravada. A fita está nesta sala, dentro de um pequeno cofre atrás do espelho à sua direita. Tem um gravador na mesa atrás de mim. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Se você quer a verdade. Se você tiver força para suportá-la, como eu tenho tido por todos esses anos.

— Certo — disse Shamus com confiança. — Vou pagar para ver o seu blefe. — Ele parecia alheio à lengalenga enfurecida da sua mão no seu ouvido: "*Façaagorafaçaagorafaçaagorafaçaagorafaçaagora...*"

— Meus cumprimentos — disse Volta — pela escolha inteligente. A sua única esperança, Shamus, é aceitar a verdade.

— Ei — vociferou Shamus —, estou pagando para ver, lembra-se? E se eu te pegar, você perde. Um pedaço do corpo de cada vez, ou cinco pentes de bala... o que vier primeiro. Então, onde está a fita?

— No cofre atrás do espelho. Levante o espelho e aperte o prego no qual ele está pendurado... três toques longos e quatro curtos. A porta do cofre se abrirá. A fita tem o código ÁGAPE. Eu mesmo apanho se você preferir.

— Bem devagar — murmurou Shamus, indicando o espelho com um breve movimento do cano da pistola.

Respirando profundamente, Volta abriu o cofre enquanto Shamus o vigiava a três metros de distância, sua mão desfigurada ainda pairando na altura do ouvido, mas silenciosa agora, como se ela também o estivesse observando. Tão logo a porta do cofre foi aberta, Shamus ordenou:

— Agora afaste-se do cofre, mova-se três metros para a sua direita ao longo da parede, e quero que você se ponha contra a parede. Você morre se virar.

Volta calmamente abriu as pernas e esticou as mãos sobre a cabeça, apoiando o peso do seu corpo arqueado.

Ele ouviu Shamus correr com o cano da arma sobre as fitas empilhadas, examinando os códigos. Houve um repentino silêncio quando ele a encontrou.

— Eu posso colocar no gravador se quiser — ofereceu Volta. Ele sentia-se impotente de cara para a parede.

— Não se mexa — advertiu Shamus. — Nenhum movimento sequer.

Volta escutou Shamus atravessar a sala e inserir a fita no gravador.

— *Não faça isso, seu babaca estúpido e sentimental. Seu covarde, fracassado, garoto idiota, sangue de barata, bode expiatório dos sonhos heroicos e elevados. Me dê essa arma. Você toma a decisão; eu a executo.*

Shamus passou a arma para a sua mão arruinada e apertou o botão play do gravador. Ele se colocou a três metros de Volta, suas costas alguns centímetros do cofre aberto.

Na fita, um telefone tocou sete vezes antes que Volta respondesse: "Sim?"

ANNALEE: Uma mulher vai colocar uma bomba numa passagem entre os depósitos de Livermore, na avenida Las Postas hoje à noite. Ela deve ser interceptada. Ela estará com uma criança. A criança não deve ser ferida. Se a mulher for presa, a criança deve ser tomada sob cuidados. Nenhum...

VOLTA: [interrompendo] Annalee, não posso fingir que esta é uma chamada anônima.

ANNALEE: Então quero que você prometa de todo o seu coração que nunca contará a ninguém quem fez isso. Mesmo que tenha que morrer.

VOLTA: Annalee, eu posso admirar o que você está tentando fazer; mesmo que seja tarde demais para cuidar da segurança; eu admiro o seu amor por ele, que você se arrisque para preservar a possibilidade desse amor; mas é de qualquer maneira uma traição à sua confiança, uma necessidade que podia ter sido evitada se tivesse telefonado antes, quando ele apareceu por aí. Eu honrarei o seu segredo tanto quanto for possível, mas não morrerei por ele.

ANNALEE: Ótimo assim, tanto quanto puder. Mas me impeça de colocar a bomba.

VOLTA: Presumo que seja um aparato diversivo. Livermore? Plutônio?

ANNALEE: Simplesmente me impeça. E, se alguma coisa acontecer, cuide de Daniel.
VOLTA: Eu tentarei, Annalee. É tudo o que eu posso fazer.
ANNALEE: Faça isso.

A fita terminou.

Volta, de cara para a parede, não podia ver a reação de Shamus, então disse o que sentia:

— Lamento que você tivesse que ouvir isso, Shamus. Sei que é doloroso.

— *Doloroso?* — Shamus começou a rir furiosamente. — Essa *tapeação*? Quem foi? Um dos lendários imitadores da AMO? Talvez mesmo esse tal de Jean Bluer que ouvi falar. Pô, dá para *ouvir* os remendos! Nem chega *perto* da voz dela. Eu me lembro da sua risada e da sua pele. Prova? *Bobagem!* Verdade? Aqui, Volta, vire-se para cá e eu lhe mostrarei a *verdade.*

Volta se virou para encarar Shamus. Quando ele viu a pistola na mão cicatrizada de Shamus, soube que estava prestes a morrer.

Shamus gemia:

— Você quer a verdade, hein, *toda a verdade* e *nada mais,* nada dessas suas mentirosas *bobagens*? — Ele apanhou o espelho apoiado contra a parede e virou-o na direção de Volta, segurando-o para que ele visse o seu rosto. — Aqui! Aqui está a *sua* verdade. Olhe para ela! Olhe! Olhe para você mesmo! *Olhe para o que você é!*

Volta viu a si mesmo na superfície do espelho. Ele olhou dentro dos próprios olhos. Sem escapatória. Ele levantou a cabeça e fixou o olhar de Shamus.

— Eu sei quem sou — disse Volta.

A bala atingiu Volta acima do olho esquerdo, o impacto arremessando para trás a sua cabeça e saindo pela parte de trás do crânio. Ele cambaleou por um instante, deu um passo vacilante para a frente, balançando ao dar seu último suspiro, e depois, no momento em que Shamus levantou o espelho para se proteger, Volta lançou seu punho através dele, espatifando o espelho. Um caco estilhaçado deu um talho na artéria carótida, cerca de um centímetro abaixo do ouvido esquerdo de Shamus, e um outro quase decepou a mão cicatrizada na altura do pulso.

Volta queria ficar em pé, andar até lá fora, observar a lua e as estrelas enquanto morria, mas Shamus — uivando —, ofuscado pelas lascas de vidro

— empurrou-o para trás. Volta desabou sobre a mesa, derrubando o aquário com o peixe dourado que se despedaçou no chão.

Shamus, seu pulso aberto apertado contra a camisa, a outra mão contra o seu pescoço, cambaleou ao longo da parede até encontrar a porta, abriu como pôde a maçaneta com sua mão untada de sangue e saiu tropeçando para o lado de fora.

Volta morreu deitado, o rosto virado para o chão, ao lado da mesa, os braços estendidos acima da cabeça, a poça de sangue se espalhando, já tocando a ponta dos dedos.

Livre do seu aquário despedaçado, o peixinho dourado pulava sobre o chão de carvalho, tentando saltar novamente para dentro do lago, do rio. Um último e desesperado pulo levou-o até a margem da poça de sangue. O peixinho se agitou e então, seu dorso brilhando sobre a poça rasa, meio contorcendo-se, meio que nadando no sangue de Volta, saltou como um salmão dourado tentando subir o rio para a área de desova, seus movimentos refletidos nas ondas sinuosas da sua esteira, lutou através da superfície para cair finalmente sobre a manga salpicada de estrelas e enfeitada de lua da capa de mágico de Volta.

Ainda nua, a manta de seda aconchegantemente colocada sobre ela, Jenny observava o Diamante. Ela não o tinha visto realmente entrar nele — na verdade, ela estava cochilando quando se deu conta que ele tinha partido —, mas sabia que era para ali que ele tinha ido. Ela não estava triste por tê-lo ajudado no seu caminho. Não havia diferença entre amantes de sonho e amantes reais como Longshot ou o amor deturpado de Clyde. Amor era o que você fazia, depois o que você podia fazer sobre isso. Abandonada na sua noite de núpcias. Enviuvada na consumação. Ela olhou para a luz desprovida de centro e de fonte do Diamante e decidiu que esperaria por Daniel até o raiar do dia. Se ele preferisse desaparecer a ter que se instalar com uma mulher louca e uma filha imaginária — ótimo e adeus. O amor que eles fizeram era real, mesmo que ele não o fosse. Qualquer homem que beijasse a sua cicatriz estaria sempre livre para partir. Assim como ela.

Quando o primeiro raio de sol tocou no Diamante, Jenny o enfiou cuidadosamente dentro do saco, apanhou a manta e andou em direção ao Porsche. Ela decidiu acreditar na informação de Daniel: o túmulo de Jim Bridger era em Saint Louis. Perfeito.

Ela podia experimentar o método de cura de Longshot para queimar os excessos, continuar até Saint Louis, se apaixonar pelo fiel e fascinante DJ, que ela esperava que fosse real e depois, se Daniel não aparecesse, livrar-se do Diamante. Após ter olhado para ele a maior parte da noite, Jenny decidiu que não gostava do Diamante. Perfeito demais. Inanimado. Abrindo a porta do carro, Jenny teve uma forte suspeita de que o Diamante não era real, uma outra ilusão, um espelho atrás do qual se esconder.

Quando abriu a porta do Porsche, imediatamente pressentiu o que os seus olhos confirmaram: Mia tinha ido embora.

— Aquele podre filho da puta! — disse Jenny. — Você vai se foder e assar sozinho na Grande Solidão. — Daniel tinha levado Mia com ele, para onde quer que ele tivesse ido.

Desafogada a raiva, Jenny considerou duas outras possibilidades: talvez Mia o tivesse seguido por sua livre vontade; ou talvez Mia lhe tivesse servido de guia. Mia poderia tê-lo imaginado em seu transe. Feito com que ele trouxesse o Diamante. Deixado a sua mãe perdida em êxtase e deslizado a mente para uma vida diferente. *Sua própria filha imaginária fugindo com o seu amante do sonho!*

Ela riu. Desejou-lhes felicidades e boa sorte.

Quando a terceira chamada de acesso direto que Smiling Jack fez para Volta permaneceu sem resposta, ele tomou um avião para a costa. Poderia ter pedido a vários membros da Aliança que estavam mais perto do Riacho do Loureiro para ver como estava Volta, mas sentiu que deveria fazer isso ele mesmo. Volta nunca tinha deixado de retornar uma chamada de acesso direto. Se Volta estivesse morto, Jack saberia quais os segredos que precisaria proteger.

Quando Smiling Jack saltou da sua Ford alugada no vale do Riacho do Loureiro, ele sentiu em meio à leve fragrância de maçã e ameixa em floração na horta o fedor de carne podre que saía pela porta aberta da casa. Jack tentou equilibrar-se, clareando suas ideias de modo a poder discernir o que havia acontecido e o que precisava ser feito.

Apesar dos respingos de sangue na varanda, ele checou primeiro a casa. Tinha tentado se deixar preparado mas mesmo assim ficou chocado ao ver o corpo de Volta com o rosto virado mergulhado numa gelatinosa poça de

sangue, um lamuriante enxame de moscas reunidas sobre a cavidade esfarrapada que a bala tinha deixado na parte de trás do crânio. Ele queria arrastar Volta para fora do lodaçal coagulado de sangue para poupar a sua dignidade se o vissem assim. Mas Smiling Jack deixou-o deitado e começou a examinar a sala metodicamente. O cofre da parede aberto. A caixa da fita ao lado do gravador. A grossa trilha de sangue levando até a porta.

Jack queria ouvir a fita mas, em vez disso, seguiu a trilha de sangue até a varanda, através do jardim, depois morro abaixo em direção ao riacho. Smiling Jack teria apostado o seu Kenworth personalizado contra um pedaço de uma camada de papel higiênico que ia encontrar Shamus Malloy morto em menos de trinta metros. Ele teria ganhado tranquilo. O corpo de Shamus, o pulso cortado da mão deformada sobre o talho no pescoço como se o sangue pudesse circular entre as feridas, estava enroscado no pé de um majestoso pinheiro. Jack carregou o corpo de Shamus morro acima, deixando-o à margem das árvores.

Jack ouviu a fita três vezes antes de apagá-la, depois olhou para o corpo de Volta. Na cabeça de Jack, uma vez que Volta tinha concordado em ajudá-la a interromper o roubo, ele tinha fixado seus limites exatamente no lugar certo: ele honraria seu segredo, mas não morreria para proteger uma traição, não importando o quão elevadas fossem as causas. Volta tinha fixado seus limites precisamente, honrado a sua promessa até o ponto de se expor, e então honrado a si próprio sob a ameaça da morte oferecendo a verdade a Shamus. E morreu por isso. Não há limites que se possa fixar contra uma verdade insuportável.

Smiling Jack carregou o corpo de Volta para a cozinha e lá o cobriu. Depois desceu até o estábulo para fazer algumas ligações.

Primeiro ligou para Dolly Varden. Ele queria que ela chegasse lá o mais rápido possível para ajudá-lo com os restos de Volta. Depois de fazer outras ligações, apanhou uma pá na estante de ferramentas e começou a cavar uma sepultura para Shamus.

Dolly, exausta com a viagem que levara toda uma noite desde Portland, chegou com o amanhecer. Eles cortaram a capa de mágico de Volta que estava enrijecida pelo sangue e, silenciosamente, começaram a lavá-lo quando Dolly disse:

— Merda! Isso é real?

Jack não tinha visto.

— O quê?

— Isso. — Ela ergueu levemente o braço de Volta, apontando para o seu pulso. — A menos que a velhice esteja devorando o meu cérebro, isso me parece um filhote de peixinho dourado colado ao seu pulso.

Jack deu a volta para ver mais de perto.

— É, um filhote de peixe dourado. Mas não sei por que está colado aí. Sua própria viscosidade ou talvez um pouco de sangue... isso poderia lhe deixar grudado aí.

Dolly olhou para Jack.

— Então, o que você acha? Arranco fora ou deixa aí?

— Melhor deixar, eu acho. Volta sempre dizia: “Confie no que já está no lugar.”

— Eu concordo com isso — comentou Dolly.

Quando acabaram de lavar o cadáver de Volta, Smiling Jack carregou-o desajeitadamente sobre o ombro. Com Dolly seguindo na frente, ele o transportou até um prado de amieiro ao lado do Riacho do Loureiro, logo acima de onde começava uma escarpada descida até o rio. Eles o deixaram com o rosto para cima numa clareira, os braços cruzados sobre o peito, conforme Volta tinha solicitado anos antes.

Smiling Jack e Dolly seguiram até o riacho, parando ao lado de uma calma e profunda piscina natural. Eles arrancaram as roupas e, gritando a pleno pulmão, mergulharam na água gelada.

O SEGUNDO CADERNO DE JENNIFER RAINE

1º de maio

Meu nome é Jennifer Raine.

Eu cheguei a um fim que reconheço, mas ainda não comecei a entender. Saí de St. Louis esta noite sem destino. Durante as últimas duas semanas eu esperei fielmente no túmulo de Jim Bridger, me distraindo com esperanças, sonhos, desejos, fantasias, anseios e o resto das drogas que comprei em Reno. Estou contente que tenham acabado.

O DJ nunca veio. Daniel nunca voltou. Não consigo mais imaginar Mia.

Penso que Daniel pode ter sido o DJ. Sei que de beijou a minha cicatriz. Sei que o que se passou entre nós fomos nós, uma valsa lunar sob chuva tépida, todas as coisas se uniram e foram atiradas às estrelas.

Sei que eu imaginava Mia, mas Daniel era real, real o bastante para me imaginar.

Eu guardei o Diamante até hoje. Estava convencida de que Daniel era e é real, e que o Diamante não era. Não olhei para ele sequer uma vez. Mas o retirei do saco e o acariciei, porque tudo em volta convidava ao carinho. Todo dia o Diamante parecia perder peso, ficar mais leve, porém do mesmo tamanho, e então fiquei com medo de que, se o guardasse, ele gradualmente iria se exaurir, se aniquilar dentro da vacuidade, e Daniel nunca conseguiria achar o seu caminho de volta.

O Diamante, de um modo estranho, era tudo que me havia restado de nós, ainda que eu não acreditasse que ele fosse real. Então, essa tardinha, ao pôr do sol, eu carreguei o Diamante até a parte central de uma ponte sobre o rio Mississippi. Eu casei com Daniel. Tenho que honrar minhas promessas e manter a minha palavra.

Retirei o Diamante de dentro do saco e o olhei com toda a intensidade de que fui capaz. Eu queria um sinal, uma visão na bola de cristal, algo que pudesse guardar. Não vi nada, não senti nada.

Abri a minha mão e o deixei ir embora. Observei-o caindo, totalmente certa de que ele atingiria o rio e afundaria sem agitar a superfície da água, como um sopro entrando na atmosfera.

O Diamante atingiu o rio como um cometa, a metade do Mississippi entrando em erupção como um gêiser, uma fonte magnífica dourada pelo sol poente.

Eu não sei de porra nenhuma. Isso deve significar que estou finalmente sã. E este é um lugar excelente para começar a enlouquecer novamente.

[1] Industrial Workers of the World. (N. do T.)

[2] Gramáticas inglesa e portuguesa divergem quanto à origem latina do termo. (N. do T.)

[3] Sopa típica mexicana feita de chili, tomate, cebola e outros ingredientes. (N. do T.)

[4] Nome dado aos descendentes de colonizadores franceses na Louisiana. (N. do T.)

[5] Os nomes das pessoas que compõem a firma sugerem um jogo de palavras que em português significa Saques, Pilhagem e Queima. (N. do T.)

[6] O taco é uma espécie de sanduíche mexicano enrolado ou dobrado sobre o recheio. (N. do T.)

[7] Maneira pejorativa pela qual os ingleses são tratados pelos norte-americanos. (N. do T.)

[8] Lo-Ball é mais uma modalidade de jogo de cartas, nos Estados Unidos, com contagem de pontos diferentes do pôquer, mas o mesmo sistema de apostas. (N. do T.)

[9] CB, *Citizen Band,* faixa do cidadão. (N. do T.)

[10] Poeta inglês (1880-1985). (N. do T.)

[11] FCC, Federal Communication Commission, equivalente a uma secretaria nacional de comunicações. (N. do T.)

[12] Nome de várias cobras norte-americanas não venenosas. (N. do T.)

[13] Membro de um dos diversos agrupamentos indígenas norte-americanos. (N. do T.)

[14] 'Missing in Action', desaparecido em combate. (N. do T.)

[15] No original *Last Wages,* que com o sotaque de algumas partes dos Estados Unidos pode induzir a um jogo de palavras com Las Vegas. (N. do T.)

[16] "E aí, como é que você se sente estando sozinho!" (N. do T.)

[17] Apresentadora de programa de culinária na TV. (N. do T.)

[18] Semper fi, de *Sepre fidelis,* lema dos fuzileiros navais nos Estados Unidos. (N. do T.)

[19] No original em inglês a expressão *harvest moon,* cuja tradução literal corresponde à lua cheia mais próxima ao equinócio de outono. (N. do T.)

[20] 'Olhos de Cobra' equivale a um par de ases nos jogos de dados. (N. do T.)

[21] Chamam 'Vagões' quando se consegue um par de seis ao lançar os dados. (N. do T.)

[22] No original, "I like long shots, Longshot", obtém-se um jogo de palavras. (N. do T.)

[23] Substância sedativa e hipnótica usada ilegalmente como droga. (N. do T.)